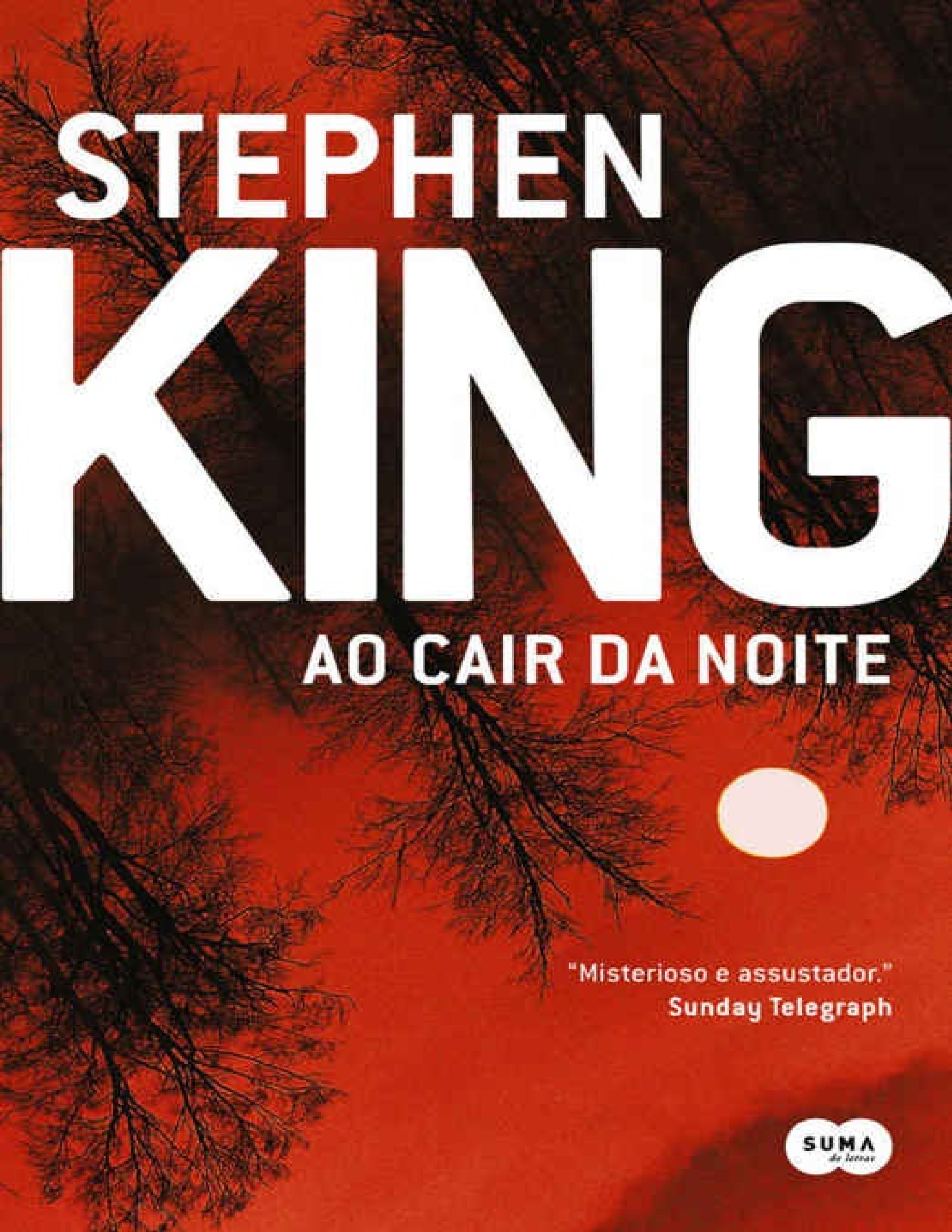

STEPHEN
KING
AO CAIR DA NOITE
"Misterioso e assustador."
Sunday Telegraph
SUMA
de letras

STEPHEN

KING

AO CAIR DA NOITE

Tradução
Fabiano Morais

SUMA
de letras

Copyright © 2008 by Stephen King
Publicado mediante acordo com autor através de Ralph M. Vicinanza, Ltd.

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Objetiva Ltda. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
Just After Sunset

Capa
Crama Design Estratégico

Direção de design
Ricardo Leite

Design
Bruno Siqueira

Revisão
Leonardo Alves
Fatima Fadel
Juliana Santana

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu’s System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64a
King, Stephen
Ao cair da noite [recurso eletrônico] / Stephen King ; tradução Fabiano Morais. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2015.
recurso digital

Tradução de: *Just after sunset*
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
355p. ISBN 978-85-8105-292-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

15-21539. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Para Heidi Pitlor

Sumário

Introdução
Willa
A corredora
O sonho de Harvey
Posto de parada
A bicicleta ergométrica
As coisas que eles deixaram para trás
Tarde de formatura
N.
O gato dos infernos
The New York Times a preços promocionais imperdíveis
Mudo
Ayana
No maior aperto
Notas do Cair da Noite

“Posso imaginar o que você viu. Sim, é de fato horroroso; mas, no fim das contas, não passa de uma velha história, de um velho mistério se repetindo... Tais forças não podem ser nomeadas, verbalizadas ou imaginadas senão de forma velada, como símbolo; símbolo este que, para a maioria de nós, parece uma fantasia estranha e poética e, para outros, uma tolice. Mas, em todo caso, eu e você conhecemos algo do terror que pode residir naquele lugar vital secreto, e que se manifesta debaixo da pele dos homens; um terror que, embora amorfo, assume então forma. Oh, Austin, como isso é possível? Como a própria luz do sol não enegrece perante tal coisa, ou a terra dura não derrete e ferve sob o peso de tamanho fardo?”

Arthur Machen

The Great God Pan

Introdução

Um belo dia, em 1972, cheguei do trabalho e encontrei minha mulher sentada à mesa da cozinha diante de um par de tesouras de jardineiro. Ela estava sorrindo, o que sugeria que eu não estava *tão* encrencado assim; por outro lado, pediu que eu lhe desse minha carteira. Já isso não me soou nada bem.

Mesmo assim, entreguei-a. Ela remexeu a carteira até encontrar meu cartão de crédito do posto Texaco — o tipo de coisa que geralmente era enviada para jovens recém-casados naquela época — e então se pôs a cortá-lo em três pedaços grandes. Quando protestei que aquele cartão vinha sendo muito útil e que nós sempre conseguíamos pagar pelo menos o mínimo da fatura no fim do mês (às vezes até mais), ela se limitou a balançar a cabeça e me dizer que as taxas de juros eram maiores do que nossa frágil economia doméstica poderia suportar.

— É melhor nós livrarmos da tentação — disse ela. — Eu já cortei o meu.

E o assunto estava encerrado. Pelos dois anos seguintes, nenhum de nós dois teve cartões de crédito.

Ela fora sensata ao fazer aquilo, e *esperta* também, pois estávamos com vinte e poucos anos e tínhamos duas crianças para cuidar; financeiramente, mal conseguíamos nos manter à tona. Eu dava aulas de inglês para o ensino médio e trabalhava numa lavanderia industrial durante o verão, lavando lençóis de hotéis e, vez por outra, dirigindo o caminhão da empresa para entregá-los de volta. Tabby passava o dia cuidando das crianças, escrevendo poemas enquanto elas tiravam seus cochilos e trabalhando em expediente integral no Dunkin’ Donuts depois que eu voltava da escola. Nossa renda conjunta era suficiente para pagar o aluguel, fazer compras e garantir as fraldas do nosso caçula, mas não para termos um telefone; nesse caso, adotamos o mesmo princípio do cartão da Texaco. Era tentador demais fazer uma ligação de longa distância. Sobrava o bastante para comprar livros de vez em quando — nós dois não conseguíamos viver sem eles — e custear meus maus hábitos (cerveja e cigarros), porém não muito mais que isso. Certamente não tínhamos dinheiro para pagar taxas de serviço pelo privilégio de carregar um conveniente, mas no final das contas perigoso, retângulo de plástico.

Qualquer dinheiro que sobrasse de fato geralmente ia para coisas como consertos de carro, despesas com médico, ou o que Tabby e eu chamávamos de "porcarias para as crianças": brinquedos, um cercadinho de segunda mão, alguns daqueles livros infantis muito loucos do Richard Scarry. E essa graninha extra muitas vezes vinha dos contos que eu conseguia vender para revistas masculinas como *Cavalier*, *Dude* e *Adam*. Naquela época, a questão nunca era escrever literatura — e qualquer discussão sobre a "longevidade" da minha ficção seria um luxo tão grande quanto aquele cartão da Texaco. Os contos, quando eu conseguia vendê-los (o que nem sempre era o caso), eram apenas um bem-vindo dinheiro a mais. Eu os considerava uma série de *piñatas* nas quais eu batia não com um pedaço de pau, mas com a minha imaginação. Às vezes elas quebravam e cento e tantas pratas caíam lá de dentro. Outras, não.

Para minha sorte — e acredite em mim quando eu digo que tive uma vida extremamente sortuda, e em outros aspectos além deste —, meu trabalho também era minha alegria. Eu me divertia à beça escrevendo a maior parte desses contos, achava aquilo o maior barato. Eles vinham um atrás do outro, como os *hits* da estação AM de rock que estava sempre tocando na mistura de escritório e área de serviço em que eu trabalhava.

Eu os escrevia depressa e sem descanso, raramente relendo-os depois da segunda versão, e nunca me passava pela cabeça saber de onde eles vinham, como a estrutura de um bom conto difere daquela de um romance, ou como lidar com questões como desenvolvimento de personagens, pano de fundo e tempo narrativo. Eu estava voando sem copiloto e contava apenas com minha intuição e autoconfiança. A única coisa que me interessava é que eles estavam vindo. Eu não precisava me importar com mais nada. Sem dúvida nunca me ocorreu que escrever contos é uma arte delicada, que pode ser esquecida se não for praticada de forma quase constante. Mas os contos não me pareciam nada delicados naquela época. No geral, eles mais pareciam um trator.

Muitos romancistas americanos best-sellers não escrevem contos. Duvido que seja uma questão de grana; financeiramente, escritores de sucesso não têm muito com que se preocupar. Talvez seja porque quando o mundo de um romancista em tempo integral encolhe para menos de, digamos, 70 mil palavras, uma espécie de claustrofobia criativa se instala. Ou então porque, com o tempo, você simplesmente perde a capacidade de condensação. Muitas coisas na vida são como andar de bicicleta, mas escrever contos não é uma delas. *Dá* pra esquecer como se faz.

Durante o final dos anos 1980 e ao longo dos anos 1990, eu escrevi cada vez menos contos, e os que de fato escrevi foram ficando cada vez maiores (sendo que dois dos mais longos estão neste livro). Isso não me incomodava. Mas também havia contos que eu não estava escrevendo porque tinha um ou outro romance para terminar, e isso me incomodava um pouco — conseguia sentir as ideias no fundo da minha cabeça, gritando para serem escritas. Com o tempo, algumas foram; outras, eu sinto dizer, morreram e acabaram sopradas para longe como poeira.

O pior de tudo era que alguns contos eu não sabia mais como escrever, e isso era desolador. Sabia que poderia tê-los escrito na área de serviço, na pequena Olivetti portátil de Tabby, porém, como um homem muito mais velho, mesmo com meu talento mais afiado e minhas ferramentas — como o Macintosh em que estou escrevendo hoje à noite, por exemplo — muito mais caras, esses contos continuavam a me passar a perna. Lembro-me de ter estragado um deles e pensado em um ferreiro envelhecido, olhando desamparado para uma bela espada de Toledo e refletindo: *Eu costumava saber fazer esse tipo de coisa*.

Então um dia, três ou quatro anos atrás, recebi uma carta de Katrina Kenison, editora da série *Best American Short Stories*, que reúne anualmente os melhores contos publicados nos Estados Unidos (desde então ela foi sucedida por Heidi Pitlor, a quem este livro em suas mãos é dedicado). A srta. Kenison me perguntou se eu estaria interessado em editar o volume de 2006. Nem precisei de uma noite de reflexão, ou sequer de pensar no assunto durante uma caminhada à tarde. Respondi imediatamente que sim. E por todos os motivos possíveis, alguns até altruístas, mas eu seria um baita de um mentiroso se não admitisse haver algum interesse próprio envolvido. Não porque eu precisasse daqueles cheques — pequenos, mas muito bem-vindos quando você está só começando — para comprar um amortecedor novo para um carro usado, ou um presente de aniversário para minha mulher, mas porque trocar a capacidade de escrever contos por uma carteira cheia de cartões de crédito não me parecia justo.

Eu li centenas de contos durante meu ano como editor convidado, mas não vou entrar nesse assunto aqui; se estiver interessado, compre o livro e leia a introdução (você também estará se dando de presente vinte ótimas histórias, o que não machuca ninguém). O importante no que diz respeito aos contos que você lerá mais adiante é que eu recuperei todo o meu entusiasmo e comecei a escrevê-los como antigamente. Tinha esperanças disso, mas não ousava acreditar que fosse acontecer. O primeiro desses contos “novos” foi “Willa”, que também é o primeiro conto deste livro.

Esses contos são bons? Espero que sim. Eles o ajudarão a suportar uma viagem chata de avião (se você estiver lendo) ou uma longa viagem de carro (se estiver escutando o *audiolivro*)? Espero *muito* que sim, porque, quando isso acontece, é como uma espécie de feitiço.

Mas se tem uma coisa que eu sei é que adorei escrevê-los. E sei de outra coisa também: espero que você goste de lê-los. Espero que eles o levem para bem longe. E, enquanto eu souber como fazer isso, vou continuar fazendo.

Ah, e tem mais uma coisa. Sei que alguns leitores gostam de saber um pouco sobre como certas histórias vieram a ser escritas. Se você é um deles, minhas "notas explicativas" estão nas últimas páginas. No entanto, se você pretende consultá-las antes de ler os contos propriamente ditos, deveria se envergonhar.

E agora, deixe-me sair do caminho. Porém, antes de eu ir embora, gostaria de agradecer sua presença. Eu continuaria fazendo o que faço se você não estivesse aí? Sim, continuaria. Porque fico feliz quando as palavras se juntam, o quadro se forma e as pessoas imaginárias fazem coisas que me encantam. Mas é melhor com você, Fiel Leitor.

É sempre melhor com você.

Sarasota, Flórida
25 de fevereiro de 2008

Willa

Você é incapaz de ver o que está bem na frente do seu nariz, dissera ela, porém às vezes ele via. Imaginava que não fosse totalmente desmerecedor do sarcasmo dela, mas também não era totalmente cego. E, à medida que os resquícios do pôr do sol esmaeciam até um laranja-escuro sobre a cadeia montanhosa do Wind River, David correu os olhos pela estação e viu que Willa não estava lá. Ele disse a si mesmo que não podia ter certeza, mas isso era apenas sua cabeça falando — já sua barriga, pelo frio que sentia nela, estava bastante convencida.

Ele foi procurar Lander, que gostava um pouco de Willa. Que a chamou de durona quando ela disse que era muita empáfia da Amtrak deixá-los largados ali daquele jeito. A maioria, no entanto, não demonstrou a menor simpatia por Willa, quer estivessem largados ali pela Amtrak ou não.

— Tá com cheiro de bolacha molhada aqui! — gritou Helen Palmer para David quando ele passou. Ela havia andado até o banco no canto da estação, como sempre acabava fazendo. A sra. Rhinehart estava cuidando temporariamente dela, para dar uma folga ao seu marido, e abriu um sorriso para David.

— A senhora viu Willa? — perguntou David.

A sra. Rhinehart balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Temos peixe para a janta! — exclamou furiosamente a sra. Palmer. Um soco-inglês de veias azuis pulsava na cavidade da sua têmpora. Algumas pessoas olharam em volta. — Primeiro uma coisa e depois outra!

— Quieta, Helen — disse a sra. Rhinehart. Talvez seu primeiro nome fosse Sally, mas David achava que teria se lembrado de um nome desses; existem tão poucas Sallys hoje em dia. Atualmente, o mundo era das Ambers, Ashleys e Tiffanys. Willa era outra espécie em extinção, e, só de pensar nisso, ele sentiu outro frio na barriga.

— De bolacha! — disparou Helen. — Daquelas bolachas velhas e nojentas da colônia de férias!

Henry Lander estava sentado em um banco debaixo do relógio. Enlaçava a esposa com o braço. Ergueu os olhos e balançou a cabeça antes que David pudesse perguntar.

— Ela não está aqui. Sinto muito. Foi até a cidade, se você estiver com sorte. Ou então deu no pé de vez. — E, com isso, ele fez um gesto de pedir carona.

David não acreditava que sua noiva fosse viajar de carona para o oeste sozinha, era uma ideia maluca, mas acreditava que ela não estava ali. Na verdade, já sabia disso antes mesmo de contar as cabeças, e um trecho de algum velho livro ou poema sobre o inverno lhe veio à mente: um grito de ausência, ausência no coração.

A estação era uma garganta estreita de madeira. Ao longo dela, as pessoas ou andavam sem destino, ou simplesmente ficavam sentadas nos bancos sob as luzes fluorescentes. Os ombros dos que estavam sentados tinham aquele aspecto encurvado peculiar que você só via em lugares assim, onde se fica esperando a solução para o que quer que tenha dado errado, de modo que a viagem interrompida possa ser retomada. Quase ninguém vinha a lugares como Crowheart Springs, Wyoming, por vontade própria.

— Não me vá sair correndo atrás dela, David — falou Ruth Lander. — Está escurecendo e tem um monte de criaturas lá fora. E não só coiotes. Aquele livreiro manco disse ter visto dois lobos do outro lado dos trilhos, lá onde fica o depósito de cargas.

— Biggers — disse Henry. — O nome dele é Biggers.

— Por mim o nome dele poderia ser Jack, o Estripador — disse Ruth. — A questão é que você não está mais no Kansas, David.

— Mas se ela foi...

— Ela foi embora enquanto ainda era dia — falou Henry Lander, como se a luz do dia pudesse impedir uma mulher sozinha de ser atacada por um lobo (ou um urso). Até onde David sabia, era bem possível. Ele era um banqueiro de investimentos, não um especialista em vida selvagem. E um banqueiro de investimentos jovem, ainda por cima.

— Ela vai perder o trem que está vindo buscar a gente se não estiver aqui quando ele chegar. — David não parecia conseguir enfiar esse simples fato na cabeça deles. A coisa não estava engrenando, para usar o jargão do seu escritório lá em Chicago.

Henry ergueu as sobrancelhas.

— Está me dizendo que vocês dois o perderem vai resolver alguma coisa?

Se os dois o perdessem, eles pegariam um ônibus ou esperariam o próximo tem juntos. Henry e Ruth com certeza conseguiam enxergar isso. Ou talvez não. O que David mais via quando olhava para eles — o que saltava à sua vista — era aquele cansaço exclusivo de quem está temporariamente preso nos confins do

Oeste. E quem mais se importava com Willa? Se ela desaparecesse nas Altas Planícies, que outra pessoa além de David Sanderson daria a mínima? Havia até uma clara antipatia no ar por ela. Aquela vaca da Ursula Davis chegou até a lhe falar que se a mãe de Willa tivesse deixado o *a* de fora do nome dela, “teria sido perfeito”.

— Vou até a cidade procurar por ela — disse ele.

Henry deu um suspiro.

— Filho, isso é uma baita idiotice.

— Não podemos nos casar em São Francisco se ela ficar para trás em Crowheart Springs — falou ele, tentando fazer uma piada.

Dudley estava passando por ali. David não sabia se Dudley era o nome ou o sobrenome do homem, só que ele era um executivo que usava materiais de escritório da Staples e estava indo para Missoula para alguma espécie de encontro regional. Ele era geralmente bem calado, então, ouvi-lo rir como um burro zurrando pelas sombras cada vez maiores foi mais do que surpreendente; foi chocante.

— Se o trem chegar e você perder — disse ele —, pode arranjar um juiz de paz e casar aqui mesmo. Quando voltar para o leste, conte para todos os seus amigos que você teve um genuíno casamento de bangue-bangue. Irrá, caubói.

— Não faça isso — falou Henry. — Nós não vamos nos demorar aqui.

— Então eu devo deixá-la para trás? Isso é loucura.

Ele saiu andando antes que Lander ou sua mulher pudessem responder. Georgia Andreeson estava sentada em um banco perto dali, observando sua filha saltitar para cima e para baixo pelo piso de azulejos sujo em seu vestido de viagem vermelho. Pammy Andreeson parecia não se cansar nunca. David tentou recordar se tinha visto a menina dormir desde que o trem descarrilou no entroncamento de Wind River e eles pararam ali como uma encomenda esquecida em um departamento de cartas não entregues. Uma vez, quem sabe, com a cabeça no colo da mãe. Mas talvez fosse uma falsa memória, fruto da sua crença de que crianças de 5 anos costumavam dormir o tempo todo.

Pammy saltava de azulejo em azulejo, a travessura em pessoa, parecendo usar os quadrados como um riscado de amarelinha gigante. O vestido vermelho esvoaçava ao redor dos seus joelhos gorduchos.

— Eu conheço um homem, ele se chama Daniel — cantava ela aos gritos, em um tom monocórdio. Aquilo fazia as obturações de David doerem. — Ele tropeçou e caiu, de bunda pro céu. Eu conheço um homem, ele se chama David.

Ele tropeçou e caiu, de bunda pr’ali. — Ela deu uma risadinha e apontou para David.

— Pammy, pare com isso — disse Georgia Andreeson. Ela sorriu para David e afastou o cabelo do lado do rosto. Aquele gesto lhe pareceu incrivelmente cansado, e ele pensou que ela ainda tinha uma longa estrada pela frente com a agitada Pammy, especialmente sem nenhum sr. Andreeson por perto.

— A senhora viu Willa? — perguntou ele.

— Ela saiu por ali — disse ela, apontando para a porta encimada por uma placa que dizia INTEGRAÇÃO, TÁXIS, LIGUE COM ANTECEDÊNCIA DOS TELEFONES GRATUITOS PARA RESERVAS DE HOTEL.

E lá estava Biggers, mancando na direção dele.

— Eu evitaria os grandes descampados, a não ser que estivesse armado com um fuzil de alto calibre. Existem lobos na região. Eu vi.

— Eu conheci uma garota, ela se chamava Willa — cantou Pammy. — Ela teve dor de cabeça e tomou uma pílla. — Então ela se jogou no chão, rindo aos berros.

Biggers, o vendedor, não esperou por uma resposta. Já estava mancando de volta ao longo da estação. Sua sombra ficou longa, encurtou sob o brilho das lâmpadas fluorescentes que pendiam do teto, e depois se alongou novamente.

Phil Palmer estava recostado no batente debaixo da placa da integração e dos táxis. Ele era um corretor de seguros aposentado. Estava a caminho de Portland com a mulher. O plano era passar um tempo com o filho mais velho e sua esposa, mas Palmer havia confidenciado a David e Willa que Helen provavelmente jamais voltaria para o leste. Além de estar com câncer, ela sofria de Alzheimer. Willa chamou isso de dois pelo preço de um. Quando David lhe disse que aquilo era um pouco cruel, Willa o encarou, começou a dizer algo e então se resignou a balançar a cabeça.

Então Palmer perguntou, pela enésima vez:

— Ei, bacana, tem uma bagana?

Ao que David respondeu, pela enésima vez:

— Eu não fumo, sr. Palmer.

E Palmer arrematou:

— Só testando você, filho.

Quando David saiu em direção à plataforma onde os passageiros desembarcados esperavam pela integração para Crowheart Springs, Palmer franziu as sobrancelhas.

— Não é uma boa ideia, meu jovem amigo.

Algo — poderia ter sido um cachorro grande, mas provavelmente não era — uivou para o céu do outro lado da estação, onde o matagal crescia quase até os trilhos. Uma segunda voz fez coro, criando harmonia. Juntas, elas foram desaparecendo aos poucos.

— Entendeu agora a parada, meu camarada? — Palmer então sorriu, como se tivesse invocado aqueles uivos só para provar que tinha razão.

David se virou, o paletó leve ondulando ao redor de seu corpo na brisa penetrante, e começou a descer os degraus. Ele seguiu rápido, antes que mudasse de ideia, e somente o primeiro degrau foi difícil de verdade. Depois disso, só pensou em Willa.

— David — falou Palmer, dispensando o tom de brincadeira. — Não faça isso.

— Por que não? Ela fez. E, além do mais, os lobos estão lá do outro lado. — Ele jogou um polegar por cima do ombro. — Se é que é isso que são mesmo.

— É claro que é isso que eles são. E não, eles provavelmente não se aproximarão de você; duvido que estejam especialmente famintos esta época do ano. Mas não há necessidade de vocês dois passarem só Deus sabe mais quanto tempo no meio do nada só porque ela sentiu falta das luzes da cidade.

— O senhor não está entendendo, ela é minha garota.

— Vou lhe contar uma verdade dura, meu amigo: se ela se considerasse mesmo sua garota, não teria feito o que fez. Você não acha?

A princípio David ficou calado, pois não tinha certeza do que achava. Possivelmente porque muitas vezes não era capaz de ver o que estava bem na frente do seu nariz. Willa tinha dito isso. Por fim, se virou para encarar Phil Palmer, recostado contra o batente mais acima.

— Acho que não se deve abandonar sua noiva no meio do nada. É isso que eu acho.

Palmer suspirou.

— Estou quase torcendo para que um daqueles lobos decida dar uma mordida nesse seu rabo da cidade grande. Quem sabe você não fica mais esperto? A pequena Willa Stuart não se importa com ninguém além de si mesma, e todos conseguem ver isso, menos você.

— Se eu passar por algum lugar aberto ou por uma loja de conveniência, quer que eu compre um maço de cigarros para o senhor?

— Já que é assim, por que não? — disse Palmer. Então, logo que David começou a atravessar o PROIBIDO ESTACIONAR PONTO DE TÁXI pintado no chão da rua vazia e sem meio-fio: — David!

David se virou para trás.

— O trem só volta amanhã, e são uns 5 quilômetros até a cidade. É o que está escrito bem na parede de trás da cabine de informações. São quase 10 quilômetros, ida e volta. A pé. Vai levar duas horas, isso sem contar o tempo que você pode levar para encontrá-la.

David ergueu a mão para indicar que tinha ouvido, mas continuou andando. O vento vinha das montanhas e estava frio, mas David gostava da maneira como ele ondulava suas roupas e penteava seus cabelos para trás. No começo, ficou atento aos lobos, correndo os olhos primeiro por um lado da estrada e depois pelo outro, porém, quando não viu nenhum, seus pensamentos retornaram para Willa. E, para ser franco, sua mente não se fixara muito em outra coisa desde a segunda ou terceira vez que ele estivera com ela.

Willa tinha sentido falta das luzes da cidade; era quase certo que Palmer tivesse razão quanto a isso, mas David não acreditava que ela não se importasse com ninguém além de si mesma. A verdade é que ela simplesmente se cansara de ficar esperando com um bando de velhos deprimentes reclamando que se atrasariam para isso, aquilo e aquilo outro. A cidade ao longe provavelmente não era lá grande coisa, mas, em sua cabeça, deve ter trazido alguma possibilidade de diversão, e isso pesara mais do que a possibilidade de a Amtrak enviar um trem especial para apanhá-los enquanto ela estivesse fora.

E onde, exatamente, ela teria ido procurar por diversão?

Ele tinha certeza de que não havia o que se pudesse chamar de boates em Crowheart Springs, onde a estação de trem era apenas um longo barraco verde com WYOMING e "O ESTADO DA IGUALDADE" pintado na lateral em vermelho, branco e azul. Nada de boates ou discotecas, mas sem dúvida havia bares, e David achava que ela se daria por satisfeita com um desses. Se não pudesse cair na pista, cairia na birita.

A noite chegou e as estrelas se desenrolaram pelo céu de leste a oeste como um tapete decorado com lantejoulas. Uma meia-lua se ergueu entre dois picos e ficou parada ali, jogando uma luz de enfermaria sobre aquele trecho da estrada e sobre o descampado que se estendia dos dois lados dela. O vento assobiava por entre as calhas da estação, mas ali fora ele produzia um zumbido estranho e vago que não era exatamente uma vibração. Aquilo o fez pensar na canção de amarelinha de Pammy Andreeson.

Enquanto andava, ele estava atento, esperando ouvir o som de um trem chegando às suas costas. Mas não escutou isso. O que ouviu quando o vento parou foi um clique-clique-clique discreto, mas perfeitamente audível. Quando

se virou, viu um lobo parado cerca de vinte passos atrás dele na faixa seccionada da Rota 26. Era quase do tamanho de um bezerro, seu pelo tão desgrenhado quanto um chapéu russo. Sob a luz das estrelas, ele parecia preto, seus olhos de um amarelo-escuro como urina. Ele notou que David o encarava e parou. Sua boca se escancarou em um sorriso e ele começou a ofegar, o som como o de um pequeno motor.

Não havia tempo para sentir medo. David deu um passo em sua direção, bateu palmas e gritou:

— Cai fora daqui! Sai, agora!

O lobo deu meia-volta e fugiu, deixando uma pilha de cocô fumegante na Rota 26. David sorriu, mas conseguiu conter uma gargalhada; achou que isso já seria abusar da paciência dos deuses. Sentia-se ao mesmo tempo assustado e total e absurdamente fodão. Pensou em mudar o nome de David Sanderson para Terror dos Lobos. Esse sim seria um nome e tanto para um banqueiro de investimentos.

Então ele soltou uma pequena gargalhada — não pôde evitar — e se virou em direção a Crowheart Springs novamente. Desta vez, andou olhando por cima do ombro, e não para os lados, mas o lobo não reapareceu. O que apareceu foi a certeza de que ouviria o barulho do trem especial vindo apanhar os outros passageiros; a parte do trem deles que ainda estava nos trilhos seria retirada do cruzamento e logo as pessoas à espera na estação iriam retomar viagem — os Palmer, os Lander, o manco Biggers, a dançante Pammy e todos os demais.

Sim, mas e daí? A Amtrak seguraria a bagagem deles em São Francisco; sem dúvida poderiam contar que eles fariam pelo menos isso direito. Ele e Willa poderiam procurar a rodoviária da região. A Greyhound já deve ter descoberto o Wyoming.

Ele topou com uma latinha de Budweiser e se pôs a chutá-la por um tempo. Então deu um chute torto, fazendo-a parar no meio dos arbustos; enquanto se perguntava se deveria ou não apanhá-la de volta, ouviu música ao longe: uma linha de baixo e o som de uma guitarra havaiana, que sempre lhe soava como lágrimas de cromo. Até mesmo nas músicas alegres.

Ela estava lá, escutando aquela música. Não porque era o lugar mais perto com alguém tocando, mas porque era o lugar certo. Ele sabia. Então, abandonou a latinha de cerveja e seguiu em direção à guitarra havaiana, seus tênis levantando a poeira que o vento soprava para longe. O som de uma bateria veio em seguida, depois uma seta em neon vermelho abaixo de um letreiro que dizia

apenas 26. Ora, e por que não? Afinal de contas, aquela não era a Rota 26? Era um nome que fazia todo o sentido para uma espelunca daquelas.

O lugar tinha dois estacionamentos, o da frente asfaltado e cheio de picapes e carros, a maior parte sendo de fabricantes americanos e com pelo menos cinco anos de idade. O da esquerda era de brita. Neste, fileiras de caminhões de carga de longa distância jaziam sob o brilho azul-esbranquiçado de lâmpadas de sódio. Àquela altura, David também conseguia ouvir as guitarras base e solo e ler o letreiro na porta: SOMENTE ESTA NOITE THE DERAILERS COUVERT $5 SENTIMOS MUITO.

The Derailers, pensou ele, "Os Descarrilados". Bem, ele certamente tinha encontrado o grupo certo.

David tinha uma nota de cinco pratas na carteira, mas o foyer do 26 estava vazio. Para além dele, uma pista de dança de madeira de lei estava abarrotada de casais dançando lentamente, a maioria usando jeans e botas de caubói e com as mãos na bunda de seus respectivos parceiros, enquanto o grupo ia cada vez mais fundo na canção "Wasted Days and Wasted Nights". Eles a estavam tocando alto, em um ritmo meloso, e — até onde o ouvido de David Sanderson conseguia alcançar — nota a nota. Os cheiros de cerveja, suor, champanhe vagabundo e perfume do Wal-Mart o atingiram como um soco no nariz. As risadas e conversas — e até um "irrá" despreocupado vindo do outro lado da pista de dança — eram como os sons daquele tipo de sonho que você tem várias vezes em certos momentos de transição críticos da vida: como o de não estar preparado para uma prova importante, de estar nu em público, de estar caindo, ou aquele em que você corre em direção a uma esquina numa cidade desconhecida, certo de que seu destino o espera do outro lado.

David cogitou guardar sua nota de cinco de volta na carteira, então inclinou o corpo para dentro da bilheteria e a largou na mesa que havia ali, vazia exceto por um maço de Lucky Strike em cima de um livro de Danielle Steel. Então, adentrou o salão principal cheio de gente.

Os Derailers partiram para algo mais animado, e os jovens dançarinos começaram a pular como garotos em um show de punk. À esquerda de David, uns vinte casais mais velhos fizeram duas fileiras para uma dança coreografada. Ele olhou uma segunda vez e notou que havia apenas uma fileira de dançarinos, no fim das contas. A parede oposta era um espelho, o que tornava a pista de dança duas vezes maior do que era de verdade.

Um copo se quebrou. "Vai ter que pagar, parceiro!", gritou o vocalista enquanto os Derailers passavam para o intervalo instrumental e os dançarinos

aplaudiam sua espirituosidade, que devia parecer bastante fascinante, pensou David, se você já estivesse cheio de tequila nas ideias.

O bar era em formato de ferradura com uma réplica em neon da cadeia montanhosa do Wind River pairando sobre ele. Era vermelho, branco e azul; parecia que em Wyoming eles adoravam essa coisa de vermelho, branco e azul. Um letreiro de neon nas mesmas cores proclamava: VOCÊ ESTÁ NO PAÍS DE DEUS, PARCEIRO. Ele era ladeado por dois logotipos de marcas de cerveja: o da Budweiser à esquerda e o da Coors à direita. Havia quatro camadas de clientes esperando para serem servidos. Um trio de garçons de camisas brancas e coletes vermelhos sacava coqueteleiras como se fossem revólveres.

O lugar era grande feito um celeiro — devia ter pelo menos quinhentas pessoas caindo na gandaia —, mas David não tinha dúvidas de que iria encontrar Willa. Hoje ninguém me segura, pensou ele enquanto atravessava um trecho da pista de dança, quase dançando também ao evitar os vários caubóis e *cowgirls* rodopiantes.

Para além do bar e da pista, havia um pequeno *lounge* escuro com reservados de espaldar alto. Quartetos se espremiam na maioria deles, geralmente com um ou dois jarros de cerveja para manterem o pique, seus reflexos na parede espelhada transformando cada grupo de quatro em grupos de oito. Apenas um dos reservados não estava cheio. Willa estava sentada sozinha, seu vestido florido de gola alta contrastando com as calças Levi's, saias jeans e blusas com botões de pérola. Ela tampouco havia comprado uma bebida ou algo para comer — a mesa estava vazia.

A princípio, ela não o notou. Estava observando os dançarinos. Seu rosto estava corado e covinhas se acentuavam nos cantos da sua boca. Ela parecia estar totalmente deslocada, mas David jamais a amara tanto quanto naquele momento. Aquela era Willa prestes a dar um sorriso.

— Oi, David — disse Willa quando ele se sentou ao seu lado. — Estava torcendo para você vir. Achei que viria. A banda é demais, não é? Eles tocam tão alto! — Teve quase que gritar para ser ouvida, mas David notou que ela gostava disso também. E, depois daquele primeiro olhar em sua direção, ela voltou a observar os dançarinos.

— É, eles são bons — falou ele. E eram mesmo. David se viu entrando na conversa, apesar da ansiedade, que havia voltado. Agora que a havia encontrado, estava preocupado de novo em perder aquela porcaria de trem. — O vocalista canta parecido com o Buck Owens.

— Ah é? — Ela o encarou com um sorriso. — Quem é Buck Owens?

— Não tem importância. Temos que voltar para a estação. Isto é, a não ser que você queira ficar mais um dia presa aqui.

— Talvez isso nem fosse tão ruim. Meio que gostei deste lu... nossa, olha só!

Um copo descreveu um arco pelo ar, atravessando a pista de dança, reluzindo brevemente em tons de verde e dourado sob as luzes do palco e se estilhaçando em algum lugar fora de vista. A plateia vibrou e alguns até aplaudiram — Willa, inclusive —, mas David viu dois brutamontes com as palavras SEGURANÇA e SERENIDADE escritas em suas camisas se encaminharem para o local aproximado do lançamento do míssil.

— Este é o tipo de lugar em que você pode contar com quatro brigas no estacionamento antes das 11 — falou David —, e geralmente uma aqui dentro para quem quiser participar antes da saideira.

Ela riu, apontando os indicadores para ele como se fossem armas.

— Legal! Quero ver!

— E eu quero que a gente volte — disse ele. — Se quiser ir pra balada numa espelunca em São Francisco, eu levo você. Prometo.

Ela projetou o lábio inferior para frente e jogou para trás seu cabelo cor de areia.

— Não vai ser a mesma coisa. E você sabe disso. Em São Francisco eles devem beber... sei lá... cerveja macrobiótica.

Ele não pôde deixar de rir. Assim como a ideia de um banqueiro de investimentos chamado Terror dos Lobos, a ideia de cerveja macrobiótica era impagável. Porém, a ansiedade estava lá, por detrás do riso; na verdade, não estaria ela alimentando as risadas?

— A gente vai dar uma paradinha e daqui a pouco está de volta — disse o vocalista, limpando o suor da testa. — Todos vocês continuem enchendo a cara, e lembrem-se: eu sou Tony Villanueva, e nós somos os Derailers.

— Essa é a nossa deixa para colocarmos nossos sapatinhos de cristal e darmos o fora daqui — falou David, apanhando-a pela mão. Ele saiu do reservado, mas ela não quis vir. Porém, também não soltou a mão dele, que se sentou de volta sentindo um tantinho de pânico. Ele pensou que agora sabia como um peixe se sentia ao perceber que não conseguiria se livrar do anzol: aquele velho anzol estava firme e forte, e o sr. Truta, fadado às margens do rio, onde se debateria pela última vez. Ela o encarava com aqueles mesmos olhos azuis irresistíveis e covinhas acentuadas; Willa prestes a dar um sorriso, sua futura esposa, que lia romances pela manhã e poesia à noite e achava os noticiários de tevê... como ela os chamava mesmo? Efêmeros.

— Olhe para nós — disse ela, virando a cabeça para o outro lado.

Ele olhou para a parede espelhada à esquerda. Ali, viu um belo e jovem casal da Costa Leste preso em Wyoming. Em seu vestido florido, ela estava mais bonita do que ele, mas David achava que sempre seria assim. Com as sobrancelhas erguidas, ele olhou da Willa no espelho para a Willa real.

— Não, olhe de novo — falou ela. As covinhas ainda estavam ali, mas ela assumira uma expressão séria; ou melhor, o mais séria possível naquele clima de festa. — E pense no que eu disse.

Estava na ponta da língua dele dizer: você me disse muitas coisas, e eu penso nelas todas, porém, essa era a resposta de um amante, bonita e basicamente vazia. E, por saber do que ela estava falando, David olhou novamente sem dizer nada. Dessa vez, olhou de verdade, e não havia ninguém no espelho. Ele estava olhando para o único reservado vazio no 26. Então, se voltou para Willa, perplexo... mas, ao mesmo tempo, nada surpreso.

— Você nem mesmo se perguntou como uma moça atraente como eu poderia estar sentada sozinha aqui com este lugar pegando fogo? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça. Não tinha se perguntado aquilo. Havia um número considerável de coisas sobre as quais não tinha se perguntado, pelo menos até o momento. Quando foi a última vez que comeu ou bebeu alguma coisa, por exemplo. Nem sabia o que exatamente havia acontecido com eles. Só que o Northern Flyer tinha saído dos trilhos e eles estavam ali, por alguma coincidência escutando um grupo de música *country* chamado...

— Eu chutei uma lata — falou ele. — No caminho para cá, eu chutei uma lata.

— Sim — disse ela —, e nos viu no espelho na primeira vez em que olhou, não foi? A percepção não é tudo, mas percepção e expectativa juntas? — Willa deu uma piscadela, então se inclinou para perto dele. O seio dela fez pressão contra o seu antebraço enquanto ela o beijava na bochecha, e a sensação foi deliciosa; sem dúvida a sensação de carne viva. — Pobre David. Sinto muito. Mas você foi corajoso em vir. Para ser sincera, não achei que viesse.

— Precisamos voltar e contar aos outros.

Ela apertou os lábios.

— Por quê?

— Porque...

Dois homens com chapéus de caubói conduziram duas mulheres de calça jeans, blusas de botão e rabos de cavalo em direção ao reservado deles. Ao se aproximarem, uma expressão idêntica de perplexidade — não exatamente medo

— atravessou seus rostos, e eles decidiram seguir de volta para o bar. Eles conseguem nos sentir, pensou David. Como uma lufada de ar frio os afugentando — é isso que nós somos agora.

— Porque é a coisa certa a fazer.

Willa riu, soando cansada.

— Você me faz lembrar aquele velho que costumava fazer propaganda de farinha de aveia na tevê.[1]

— Querida, eles acham que um trem está vindo buscá-los!

— Bem, talvez esteja mesmo! — Ele quase se assustou com sua ferocidade repentina. — Talvez aquele trem sobre o qual eles ficam cantando o tempo todo na igreja lá deles, o trem divino, o trem para a glória, que não transporta jogadores nem malfeitores...

— Não acho que a Amtrak tenha uma linha para o céu — falou David. Pretendia fazê-la rir com aquilo, mas, quando Willa baixou os olhos para as mãos quase emburrada, ele teve uma súbita intuição. — Você sabe de mais alguma coisa? Algo que devemos contar para eles? Sabe, não é?

— Não sei por que deveríamos nos importar se podemos simplesmente ficar aqui — disse ela, e seria aquilo petulância em sua voz? Ele achava que sim. Estava diante de uma Willa que jamais havia sequer suspeitado existir. — Você pode não enxergar muito bem as coisas, David, mas pelo menos veio. E eu te amo por isso. — Então, ela o beijou novamente.

— Teve um lobo, também — disse ele. — Eu bati palma e o afugentei. Acho que vou mudar meu nome para Terror dos Lobos.

Ela o encarou boquiaberta por um instante, e David teve tempo para pensar: tive que esperar até estarmos mortos para surpreender a mulher que eu amo. Então Willa se deixou cair contra o espaldar acolchoado do reservado, rindo aos berros. Uma garçonete que estava passando por ali derrubou uma bandeja cheia de cervejas e xingou desbragadamente.

— Terror dos Lobos! — exclamou Willa. — Quero chamar você disso na cama! “Oh, Terror dos Lobos, você é tão grande! Tão peludo!”

A garçonete estava com os olhos baixados para o caos espumante, ainda xingando como um marinheiro em noite de folga. Sempre mantendo distância daquele reservado vazio.

David falou:

— Você acha que ainda podemos? Fazer amor, quero dizer.

Willa secou as lágrimas que escorriam dos seus olhos e falou:

— Percepção e expectativa, lembra? Juntas, elas podem mover montanhas. — Ela apanhou sua mão novamente. — Eu ainda te amo e você ainda me ama. Não ama?

— Ora, meu nome não é Terror dos Lobos? — perguntou David. Ele conseguia fazer piada, porque seus nervos não acreditavam que estava morto. David olhou para além dela, em direção ao espelho, e viu os dois lá. Então, somente a si mesmo, sua mão segurando o ar. Em seguida, também desapareceu. E ainda assim... estava respirando, sentindo o cheiro de uísque e perfume.

Um ajudante de garçom tinha vindo de algum lugar e estava auxiliando a garçonete a limpar a bagunça com um esfregão.

— Foi como se eu tivesse pisado num buraco — David escutou a garçonete falar. Então era esse tipo de coisa que você ouvia no além?

— Acho que vou voltar com você — disse Willa —, mas não vou ficar naquela estação chata cheia de gente chata tendo este lugar por aqui.

— Está certo — falou ele.

— Quem é Buck Owens?

— Já conto sobre ele para você — disse David. — E sobre Roy Clark, também. Mas, antes, me fale o que mais você sabe.

— Estou pouco me lixando para a maioria deles — disse ela —, mas Henry Lander é gente boa. E a mulher dele também.

— Phil Palmer também não é ruim.

Ela enrugou o nariz.

— Esse Phil é um mala.

— O que você sabe, Willa?

— Você mesmo veria, se prestasse atenção.

— Não seria bem mais simples se você apenas...

Pelo jeito, não. Ela ergueu o corpo até apertar as coxas contra a beirada da mesa e apontou:

— Olha! A banda está voltando!

A lua estava alta no céu quando ele e Willa voltaram para a estrada, de mãos dadas. David não conseguia entender como — eles tinham ficado ali apenas durante as primeiras duas músicas do bloco seguinte —, mas lá estava ela, flutuando bem alto na escuridão estrelada. Aquilo era perturbador, mas outra coisa o perturbava mais ainda.

— Willa — falou ele —, em que ano estamos?

Ela pensou naquilo. O vento ondulou seu vestido como o faria com o de qualquer mulher viva.

— Não lembro direito — disse ela por fim. — Não é estranho?

— Nem tanto, se você pensar que eu não lembro quando fiz minha última refeição ou bebi um copo d'água. Se tivesse que adivinhar, o que diria? Rápido, sem pensar.

— Mil novecentos e... oitenta e oito?

Ele assentiu. Teria dito 1987.

— Tinha uma garota lá dentro usando uma blusa que dizia ESCOLA SECUNDÁRIA DE CROWHEART SPRINGS, TURMA DE 2003. E se ela era velha o bastante para estar em um bar de beira de estrada...

— Então 2003 deve ter sido pelo menos uns três anos atrás.

— Era nisso que eu estava pensando. — Ele se deteve. — Será possível que é 2006, Willa? Tipo, estamos no século XXI?

Antes que ela pudesse responder, eles ouviram o clique-clique-clique de garras no asfalto. Dessa vez, não eram apenas quatro patas; dessa vez, havia quatro lobos atrás deles na estrada. O maior, que estava parado na frente dos outros, era o que tinha aparecido atrás de David no caminho para Crowheart Springs. Ele teria reconhecido aquele pelo preto desgrenhado em qualquer lugar. Seus olhos estavam mais brilhantes agora. Uma meia-lua pairava em cada um deles como uma lâmpada submersa.

— Eles estão nos vendo! — exclamou Willa numa espécie de euforia. — David, eles estão nos vendo! — Ela se apoiou em um joelho sobre um dos traços brancos da faixa seccionada da estrada e estendeu a mão direita. Estalou a língua e disse: — Aqui, rapaz. Vem cá.

— Willa, não sei se isso é uma boa ideia.

Ela não lhe deu ouvidos, o que era uma coisa bem Willa de se fazer. Willa tinha a cabeça feita em relação às coisas. Foi ela quem quis ir de Chicago para São Francisco de trem — porque, em suas palavras, queria saber como é transar dentro de um. Especialmente se o trem em questão estivesse indo rápido e chacoalhando um pouco.

— Vem, garotão, vem pra mamãe!

O lobo grande veio, seguido por sua parceira e por seus... tem algum nome específico para filhotes de lobo? Quando ele esticou o focinho (e todos aqueles dentes brilhantes) em direção à mão magra estendida, a lua encheu totalmente seus olhos por um instante, deixando-os prateados. Então, antes que seu nariz longo pudesse tocar a pele dela, o lobo soltou uma série de ganidos agudos e se

atirou para trás de forma tão brusca que, por um instante, ficou de pé sobre as patas de trás, as da frente socando o ar e a penugem branca da sua barriga exposta. O lobo grande girou o corpo no meio do ar e entrou correndo nos arbustos que ladeavam a estrada à direita, ainda ganindo, com o rabo entre as pernas. Os demais o seguiram.

Willa se levantou e olhou para David com uma expressão de tristeza ferrenha, insuportável de se ver. Ele baixou os olhos para os próprios pés imediatamente.

— Foi para isso que você me trouxe para esta escuridão quando eu estava ouvindo música? — perguntou ela. — Para me mostrar o que eu sou agora? Como se eu não soubesse!

— Willa, eu sinto muito.

— Não, não sente ainda, mas vai sentir. — Ela apanhou sua mão de volta. — Vamos, David.

Então, ele arriscou um olhar.

— Você não está brava comigo?

— Ah, um pouco, mas você é tudo que eu tenho agora, e não vou deixá-lo ir embora.

Pouco depois de terem visto os lobos, David avistou uma latinha de Budweiser jogada no acostamento. Tinha quase certeza de que era a mesma que havia chutado pela estrada até dar um chute torto e atirá-la no mato. E lá estava ela novamente, em sua posição original... porque, obviamente, ele nunca a havia chutado de verdade. A percepção não é tudo, dissera Willa, mas percepção e expectativa juntos? Taí duas coisas que combinam feito chocolate com pasta de amendoim.

David chutou a lata para o meio dos arbustos e, alguns passos mais adiante, olhou para trás e lá estava ela, no mesmíssimo lugar em que estivera desde que algum caubói — provavelmente a caminho do 26 — a havia atirado da janela da sua picape. Ele se lembrou de que no *Hee Haw* — aquele velho programa de tevê que estrelava Buck Owens e Roy Clark — eles costumavam chamar as picapes de Cadillacs de caipira.

— Por que você está sorrindo? — perguntou Willa.

— Depois eu digo. Parece que vamos ter bastante tempo daqui pra frente.

Eles pararam diante da estação ferroviária de Crowheart Springs, de mãos dadas sob o luar como João e Maria diante da casa de doces. Para David, a tinta verde da construção longa parecia acinzentada sob a luz da lua e, embora soubesse que

WYOMING e "O ESTADO DA IGUALDADE" estavam pintados em vermelho, branco e azul, era como se as letras pudessem ser de quaisquer outras cores. Ele notou uma folha de papel, protegida das intempéries por um plástico, grampeada em um dos postes ao lado dos degraus laterais que davam nas portas duplas. Phil Palmer ainda estava recostado ali.

— Ei, bacana! — gritou Palmer lá de cima. — Tem uma bagana?

— Sinto muito, sr. Palmer — falou David.

— Achei que você ia trazer um maço para mim.

— Acabei não passando por loja nenhuma — respondeu David.

— Eles não vendiam cigarros onde você estava, benzinho? — perguntou Palmer. Ele era o tipo de homem que chamava de benzinho qualquer mulher um pouco mais velha; dava para saber só de olhar para ele, assim como dava para saber que, se você passasse um dia em sua companhia numa tarde quente de agosto, ele jogaria o chapéu para trás na cabeça para secar a testa e lhe diria que o problema não era o calor, era a umidade.

— Sem dúvida — disse Willa —, mas não teria sido nada fácil para mim comprá-los.

— E por que seria tão difícil assim, meu querubim?

— Por que você acha?

Palmer, no entanto, cruzou os braços sobre o peito estreito e não disse nada. De algum lugar lá dentro, sua mulher gritou:

— Temos peixe para a janta! Primeiro uma coisa e depois outra! Odeio o cheiro deste lugar! Bolacha!

— Nós estamos mortos, Phil — falou David. — É por isso. Fantasmas não podem comprar cigarros.

Palmer o encarou por vários segundos e, antes de ele rir, David viu que o homem mais que acreditava nas suas palavras: ele já sabia daquilo desde o início.

— Já ouvi muitas desculpas para não se trazer o que a outra pessoa pediu — falou ele —, mas acho que essa é a melhor de todas.

— Phil...

Lá de dentro:

— Peixe para a janta! Ah, cacete!

— Com licença, crianças — disse Palmer. — O dever me chama. — E então ele foi embora. David se virou para Willa, pensando que ela lhe perguntaria o que ele tinha esperado, mas Willa estava olhando para o aviso pregado ao lado dos degraus.

— Olhe para isto aqui — disse ela. — Me diga o que vê.

A princípio, ele não viu nada, pois o luar estava refletindo no plástico protetor. Então deu um passo mais para perto, depois outro para a esquerda, empurrando Willa para o lado.

— Em cima diz AMBULANTES PROIBIDOS POR ORDEM DO XERIFE DO CONDADO DE SUBLETTE, depois uma letrinha pequena, blá-blá-blá, e no fundo...

Willa lhe deu uma cotovelada. E não foi de leve.

— Pare de gracinha e olhe para o papel, David. Não quero ficar aqui a noite inteira.

Você é incapaz de ver o que está bem na frente do seu nariz.

Ele deu as costas para a estação e olhou para os trilhos brilhando sob o luar. Para além deles, havia uma formação rochosa grossa e branca, com a superfície plana — aquela elevação ali a gente chama de "mesa", parceiro, que nem naqueles filmes antigos do John Ford.

David voltou a olhar para o aviso afixado e se perguntou como ele, Terror dos Lobos Sanderson, um banqueiro de investimentos feroz, pode ter confundido ENTRADA com AMBULANTES.

— Aqui diz ENTRADA PROIBIDA POR ORDEM DO XERIFE DO CONDADO DE SUBLETTE — falou ele.

— Muito bem. E debaixo do blá-blá-blá, o que diz ali?

A princípio, ele não conseguia ler de jeito nenhum as duas linhas no fundo do papel; a princípio, elas pareciam apenas símbolos incompreensíveis. O mais provável é que a culpa fosse da sua mente, que não queria acreditar em nada daquilo e não conseguia encontrar uma tradução inofensiva. Então ele desviou o olhar para os trilhos novamente e não ficou surpreso ao ver que eles já não reluziam sob o luar; desta vez, o aço estava enferrujado e a vegetação crescia entre os dormentes. Quando olhou de volta, a estação ferroviária estava abandonada e caindo aos pedaços, com tábuas pregadas sobre as janelas e quase sem telhas. O PROIBIDO ESTACIONAR PONTO DE TÁXI tinha sumido do asfalto, que estava se despedaçando e todo esburacado. Ele ainda conseguia ler WYOMING e "O ESTADO DA IGUALDADE" na lateral, mas as palavras já não passavam de fantasmas. Como nós, pensou ele.

— Continue — disse Willa. Willa, que tinha a cabeça feita em relação às coisas; Willa, que via o que estava na frente do seu nariz e queria que você visse também, mesmo quando isso era cruel. — É a sua prova final. Leia essas duas linhas no fundo do papel pra gente sair logo daqui.

Ele suspirou.

— Aqui diz ESTA PROPRIEDADE ESTÁ CONDENADA. E, depois, DEMOLIÇÃO MARCADA PARA JUNHO DE 2007.

— Muito bem, tirou 10. Agora vamos ver se mais alguém quer ir para a cidade ouvir os Derailers tocarem. Vou falar para Palmer ver o lado bom da coisa: a gente não pode comprar cigarros, mas também nunca precisa pagar couvert.

Só que ninguém queria ir para a cidade.

— O que ela quer dizer com isso de estarmos mortos? Por que ela iria querer falar uma coisa horrível dessas? — perguntou Ruth Lander para David, e o que o matou (por assim dizer) não foi a reprovação em sua voz, mas sim a expressão em seus olhos antes de ela apertar o rosto contra o ombro do paletó de veludo *côtelé* de Henry. Pois ela também sabia.

— Ruth — disse ele. — Não estou dizendo isso para perturbar você...

— Então pare! — gritou ela, sua voz abafada.

David viu que todos, exceto Helen Palmer, estavam olhando para ele com raiva e hostilidade. Helen assentia com a cabeça e murmurava entre seu marido e a sra. Rhinehart, cujo primeiro nome era provavelmente Sally. Eles estavam parados sob as luzes fluorescentes em pequenos grupos... porém, quando ele piscou, as luzes fluorescentes sumiram. Então os passageiros abandonados passaram a ser apenas vultos opacos sob o luar fragmentado que conseguia atravessar as janelas cobertas de tábuas. Os Lander não estavam sentados em um banco, mas sim em um pedaço empoeirado de chão próximo de uma pequena pilha de frascos de crack — sim, parecia que até ali, na terra de John Ford, o crack tinha chegado —, e havia um círculo apagado em uma das paredes, não muito longe de onde Helen Palmer estava agachada e murmurando. David então piscou outra vez, e as luzes fluorescentes voltaram. Assim como o relógio grande, escondendo o círculo apagado.

Henry Lander disse:

— Acho melhor você ir andando agora, David.

— Ouça um minuto, Henry — falou Willa.

Henry lançou o olhar para ela, e David não teve dificuldade em perceber a repulsa que havia ali. Qualquer simpatia que Henry poderia ter nutrido por Willa Stuart tinha desaparecido àquela altura.

— Não quero ouvir nada — disse Henry. — Você está deixando minha esposa nervosa.

— É isso aí — falou um gordo com um boné dos Seattle Mariners. David achava que seu nome era O'Casey. Algo irlandês com um apóstrofo no meio, de qualquer forma. — Bico calado, princesinha.

Willa inclinou o corpo na direção de Henry, que recuou um pouco, como se ela tivesse mau hálito.

— Eu só deixei David me arrastar de volta para cá porque eles vão demolir este lugar! Você sabe o que é uma bola de demolição, Henry? Estou certa de que é esperto o bastante para entender o conceito.

— Faça essa mulher calar a boca! — exclamou Ruth, sua voz abafada.

Willa se aproximou mais ainda, seus olhos brilhando no rosto fino e bonito.

— E quando a bola de demolição for embora e os caminhões de lixo levarem os entulhos do que antes era esta estação, esta velha estação ferroviária, onde você vai estar?

— Por favor, nos deixe em paz — falou Henry.

— Henry... como disse o fiscal de renda para o arcebispo, só negação não leva ninguém a lugar nenhum.

Ursula Davis, que antipatizara com Willa desde o início, deu um passo à frente, com o queixo em riste.

— Cai fora daqui, sua piranha encrenqueira.

Willa girou o corpo.

— Nenhum de vocês entendeu ainda? Vocês estão mortos, estamos todos mortos, e quanto mais vocês ficarem em um lugar só, mais difícil vai ser ir para qualquer outro.

— Ela tem razão — falou David.

— Sei, e se ela dissesse que a lua é de queijo, você diria provolone — disse Ursula. Ela era uma mulher alta, de uns 40 anos e dona de uma beleza ameaçadora. — Perdoe o meu francês, mas ela te deu uma chave de boceta tão forte que chega a ser trágico.

Dudley soltou aquele zurro perturbador de novo, e a sra. Rhinehart começou a fungar.

— Vocês dois estão deixando os passageiros nervosos. — A voz era de Rattner, o pequeno condutor com cara de coitado. Ele quase nunca falava. David piscou, a estação ficou escura e foi iluminada pelo luar novamente por outro instante, e ele viu que metade da cabeça de Rattner tinha sumido. O que sobrava do seu rosto tinha sido carbonizado.

— Eles vão demolir isto aqui e vocês não terão lugar nenhum para ir! — exclamou Willa. — Porra... de lugar... nenhum. — Ela raspou lágrimas de raiva

das bochechas com os dois punhos cerrados. — Por que vocês não vêm para a cidade com a gente? Posso mostrar o caminho. Pelo menos tem gente lá... e luz... e música.

— Mamãe, eu quero ouvir música — disse Pammy Andreeson.

— Quieta — falou sua mãe.

— Se estivéssemos mortos, iríamos saber — disse Biggers.

— Agora ele pegou você, filho — falou Dudley, dando uma piscadela para David. — O que aconteceu com a gente? Como a gente morreu?

— Eu... não sei — respondeu David. Ele olhou para Willa. Willa encolheu os ombros e balançou a cabeça.

— Está vendo? — disse Rattner. — O trem descarrilou. Acontece... bem, eu ia dizer o tempo todo, mas também não é verdade, nem mesmo aqui onde o sistema ferroviário ainda precisa melhorar muito, mas de vez em quando, nos entroncamentos...

— A gente foi caindo — falou Pammy Andreeson. David olhou para ela, com bastante atenção, e por um instante viu um cadáver, seus cabelos consumidos pelo fogo, com um farrapo podre no lugar do vestido. — Caindo, caindo e caindo. Aí... — Ela fez um som gutural e chacoalhante com a garganta, juntando as mãozinhas pequenas e sujas, e então as atirou cada uma para um lado: uma explosão na linguagem de sinais de qualquer criança.

Pammy parecia prestes a dizer algo mais, porém, antes que pudesse fazê-lo, sua mãe lhe deu um tapa na cara com força o bastante para expor seus dentes em um sorriso de desdém momentâneo e arrancar cuspe do canto da sua boca. Pammy ergueu os olhos por um instante com uma expressão chocada de incredulidade, então desatou num choro estridente e monocórdio, ainda mais aflitivo do que a canção da amarelinha.

— O que já conversamos sobre mentiras, Pamela? — berrou Georgia Andreeson, agarrando a criança pelo antebraço. Seus dedos se afundaram ali até quase sumirem.

— Ela não está mentindo! — falou Willa. — Nós descarrilamos e caímos no desfiladeiro! Agora eu me lembro, e você também! Não é? Não é? Está na sua cara! Porra, está na sua cara!

Sem olhar na direção dela, Georgia Andreeson ergueu o dedo médio para Willa. Sua outra mão balançava Pammy para frente e para trás. David viu uma criança ser jogada em uma direção, um cadáver carbonizado na outra. O que tinha pegado fogo? Agora ele se lembrava da queda, mas o que tinha pegado fogo? Não conseguia se lembrar, talvez porque não quisesse.

— O que já conversamos sobre mentiras? — gritou Georgia Andreeson.

— Que é errado, mamãe! — disse a criança entre lágrimas.

A mulher a arrastou rumo à escuridão, a menina ainda berrando naquele tom monocórdio.

Enquanto as duas se afastavam, fez-se um momento de silêncio — todos escutando Pammy sendo arrastada para o exílio —, e então Willa se virou para David.

— Já chega ou quer mais?

— Já chega — falou ele. — Vamos embora.

— Não vá deixar a maçaneta acertar sua tarraqueta! — aconselhou Biggers, escandalosamente, ao que Dudley riu como se cantasse o tirolês.

David deixou Willa conduzi-lo em direção às portas duplas, onde Phil estava recostado logo antes da saída, seus braços ainda cruzados sobre o peito. Então, David soltou a mão de Willa e andou até o canto onde Helen Palmer estava sentada, balançando o corpo para frente e para trás. Ela ergueu a cabeça para ele com seus olhos escuros e desnorteados.

— Temos peixe para a janta — disse, numa voz pouco mais alta que um sussurro.

— Já não tenho tanta certeza — falou ele —, mas a senhora tem razão quanto ao cheiro deste lugar. Ele cheira a bolacha velha. — David se virou e viu os outros olhando para ele e Willa sob a penumbra iluminada pelo luar, que poderia ser de luzes fluorescentes se você quisesse muito que fosse. — Acho que qualquer lugar fica com esse cheiro depois de trancado por muito tempo.

— Melhor ir andando, malandro — disse Phil Palmer. — Ninguém quer comprar o que você está vendendo.

— Não me diga — falou David, seguindo Willa pela escuridão enluarada. Às suas costas, como uma brisa tristonha, ele escutou Helen Palmer dizer:

— Primeiro uma coisa e depois outra.

Somando os quilômetros de volta até o 26, eles já haviam andado uns 15 somente naquela noite, porém David não estava nem um pouco cansado. Imaginou que isso não acontecesse com fantasmas, da mesma forma que eles não sentiam fome ou sede. Além do mais, a noite era outra. A lua estava cheia àquela altura, brilhando como uma moeda de prata bem no alto do céu, e o estacionamento da frente do 26 estava vazio. No estacionamento de brita na lateral do bar, alguns caminhões de carga estavam parados em silêncio, enquanto

um deles vibrava sonolento, com os faróis acesos. O letreiro agora dizia: NESTE FIM DE SEMANA THE NIGHTHAWKS CONVIDE SEU CHUCHU E GASTE SEU TUTU.

— Que fofo — disse Willa. — Você me convida, Terror dos Lobos? Eu não sou seu chuchu?

— Você é e eu vou convidar — falou David. — A questão é: o que vamos fazer agora? Porque o bar está fechado.

— A gente entra assim mesmo, é óbvio — disse ela.

— A porta deve estar trancada.

— Não se a gente não quiser que esteja. Percepção, lembra? Percepção e expectativa.

Ele se lembrava, e, quando girou a maçaneta, a porta se abriu. Os cheiros de salão de baile continuavam ali, agora misturados com o aroma agradável de algum desinfetante de pinho. O palco estava vazio, e os bancos, em cima do bar com as pernas para cima; no entanto, a réplica em neon da cadeia montanhosa do Wind River ainda estava ligada, ou porque a gerência deixou daquele jeito depois de fechar, ou porque ele e Willa queriam que fosse assim, o que era mais provável. A pista de dança parecia muito grande, vazia daquele jeito, especialmente com a parede espelhada para duplicá-la. As montanhas de neon cintilavam de cabeça para baixo nas profundezas lustrosas do vidro.

Willa respirou fundo.

— Estou sentindo cheiro de cerveja e perfume — disse ela. — Um cheiro de carro envenenado. É delicioso.

— Você que é deliciosa — falou ele.

Willa se virou para ele.

— Então me beije, caubói.

Ele a beijou ali, na beira da pista de dança, e, a julgar pelo que estava sentindo, fazer amor não estava fora de questão. Nem um pouco.

Ela beijou os dois cantos da sua boca, então deu um passo para trás.

— Por que você não coloca uma moeda no *som*? Estou a fim de dançar.

David andou até o *aparelho* no final do bar, colocou uma moeda e selecionou a canção D19 — “Wasted Days and Wasted Nights”, na versão de Freddy Fender. Lá fora, no estacionamento, Chester Dawson, que havia decidido dar uma deitada ali por algumas horas antes de retomar sua viagem para Seattle com um carregamento de eletrônicos, ergueu a cabeça, achando ter ouvido música, então decidiu que era apenas parte de um sonho que estava tendo e voltou a dormir.

David e Willa se moviam lentamente pela pista vazia, às vezes refletidos na parede espelhada, outras não.

— Willa...

— Fique quietinho, David. Sua namorada quer dançar.

David ficou quieto. Ele colou o rosto aos seus cabelos e deixou a música conduzi-lo. Pensou que eles ficariam naquele lugar dali em diante, e que de vez em quando as pessoas os veriam. O 26 talvez até ganhasse a reputação de ser mal-assombrado, mas provavelmente não; as pessoas não pensam muito em fantasmas quando estão bebendo, a não ser que estejam bebendo sozinhas. Às vezes, quando estiverem fechando, o barman e a última garçonete (a funcionária mais antiga, responsável pelo rateio das gorjetas) talvez fiquem com a sensação aflitiva de estarem sendo observados. Às vezes, talvez ouçam música mesmo depois de ela ter parado, ou vejam um movimento no espelho ao lado da pista de dança, ou no do *lounge*. Geralmente só com o rabo do olho. David achava que eles poderiam ter parado em lugares melhores, mas, no geral, o 26 não era ruim. Até o horário de fechamento, tinha gente ali. E sempre haveria música.

David se perguntou o que seria dos outros quando a bola de demolição estraçalhasse a ilusão deles — como sem dúvida o faria. Pensou em Phil Palmer tentando proteger sua mulher aterrorizada, aos berros, dos destroços que não poderão machucá-la porque ela não estará ali, pelo menos não exatamente. Pensou em Pammy Andreeson se encolhendo de medo nos braços de sua mãe igualmente aos gritos. Em Rattner, o condutor de fala mansa, dizendo: “Gente, vamos manter a calma”, em uma voz que não seria ouvida debaixo do rugido das grandes máquinas amarelas. Ele pensou no livreiro chamado Biggers, tentando correr dali com sua perna bichada, cambaleando e finalmente caindo enquanto a bola de demolição balançava, os tratores rosnavam e mordiam e o mundo vinha abaixo.

Ele gostava de pensar que o trem viria buscá-los antes disso — que a expectativa combinada deles o faria vir —, mas não acreditava de verdade que fosse acontecer. Chegou até a cogitar a ideia de que o impacto talvez os aniquilasse, simplesmente apagando-os como fachos de velas num vendaval, mas tampouco acreditava nisso. Ele conseguia vê-los com muita clareza depois de os tratores, caminhões de entulho e retroescavadeiras irem embora, parados diante dos trilhos abandonados e enferrujados sob o luar, enquanto o vento soprava pelos contrafortes abaixo, uivando ao redor da grande elevação rochosa e açoitando o matagal. Conseguia vê-los juntinhos sob o céu de um bilhão de estrelas das Montanhas Rochosas, ainda esperando pelo trem deles.

— Está com frio? — perguntou-lhe Willa.

— Não... por quê?

— Você tremeu.

— Talvez um ganso tenha passado por cima da minha cova — disse ele. Então fechou os olhos e eles dançaram juntos na pista vazia. Às vezes apareciam no espelho e, quando sumiam de vista, restava apenas uma música *country* tocando em um salão deserto, iluminado por uma cordilheira de neon.

[1] O ator Wilford Brimley, garoto-propaganda da marca de farinha de aveia Quaker na década de 1980, cujo slogan à época era "*It's the right thing to do*" (É a coisa certa a fazer). (N. do T.)

A corredora

— 1 —

Só correr rápido adiantaria alguma coisa.

Depois que o bebê morreu, Emily começou a correr. No começo, era apenas até o final da entrada para carros, onde ela ficava encurvada com as mãos agarrando as pernas logo acima dos joelhos; depois até o fim do quarteirão; e depois até o Kozy's Qwik-Pik, o mercado ao pé da colina. Lá, ela comprava pão ou manteiga, talvez um doce qualquer se não conseguisse pensar em mais nada, um Ho Ho ou um Ring Ding. A princípio, ela voltava andando, mas então passou a correr no caminho de volta também. Com o tempo, parou de comer porcarias. O que foi surpreendentemente difícil. Não tinha percebido que o açúcar aliviava a dor. Ou talvez os doces tivessem se tornado uma espécie de fetiche. De qualquer forma, no fim das contas os Ho Hos tinham que ficar para trás. E ficaram. Correr era o suficiente. Henry chamava a *corrida* de fetiche, e ela imaginava que talvez tivesse razão.

— O que a dra. Steiner tem a dizer sobre isso? — perguntou ele.

— A dra. Steiner me disse corra até dizer chega, coloque essas endorfinas para funcionar. — Ela não havia falado sobre as corridas com Susan Steiner, nem a havia visto desde o enterro de Amy. — Disse que pode receitá-lo por escrito, também, se você quiser.

Emily sempre conseguira enganar Henry. Mesmo depois da morte de Amy. *Podemos ter outro*, dissera ela, sentada ao seu lado na cama, enquanto ele ficava deitado ali com os tornozelos cruzados e lágrimas escorrendo pelos lados do rosto.

Aquilo o acalmou, o que foi bom, mas jamais haveria outro bebê, não diante do risco de encontrar o dito cujo cinza e inerte no berço. Já bastava de ressuscitações cardiopulmonares inúteis, ou ligações para a emergência com o atendente dizendo *Fale mais baixo, senhora, não estou entendendo*. Mas Henry não precisava saber disso, e ela estava disposta a consolá-lo; pelo menos no começo. Ela acreditava que o consolo, e não o pão, era o nosso alimento mais básico. Talvez, com o tempo, conseguisse encontrar algum para si mesma. Por

ora, no entanto, tinha produzido um bebê defeituoso. A questão era essa. Não se arriscaria a produzir outro.

Foi então que começou a ter dores de cabeça. De rachar. Portanto, ela *foi* ao médico, porém se consultou com o dr. Mendez, o clínico deles, não com Susan Steiner. Mendez lhe passou uma receita de algo chamado Zomig. Ela pegou um ônibus até a clínica em que Mendez trabalhava, então correu até a farmácia para aviar a receita. Depois disso, correu devagar para casa — pouco mais de 3 quilômetros — e, ao chegar, sentia como se tivesse um garfo de aço enfiado bem alto na lateral do corpo, entre o topo das costelas e a axila. Não deixou que aquilo a preocupasse. Era uma dor que iria passar. Além do mais, estava exausta e com vontade de dormir um pouco.

E foi o que fez — a tarde inteira. Na mesma cama em que Amy tinha sido preparada e Henry tinha chorado. Quando acordou, viu círculos fantasmagóricos flutuando no ar, um sinal garantido de que estava prestes a ter uma das Famosas Dores de Cabeça de Em, como gostava de chamá-las. Ela tomou um de seus novos comprimidos e, para sua surpresa — quase um choque —, a dor de cabeça botou o rabo entre as pernas e fugiu. Primeiro para sua nuca e depois sumiu. Ela pensou que deveria ter um remédio como esse para a morte de uma criança.

Ela achava que precisava explorar os limites da sua resistência e suspeitava que essa fosse ser uma exploração bem longa. Tinha uma faculdade com pista de corrida não muito longe da sua casa. Ela passou a ir de carro até lá de manhãzinha, logo depois que Henry saía para trabalhar. Henry não entendia as corridas. Fazer *jogging*, tudo bem — um monte de mulheres fazia *jogging*. Manter aqueles dois quilinhos a mais longe do velho bumbum, aqueles 5 centímetros a mais longe da velha cinturinha. Mas Em não tinha dois quilinhos a mais no traseiro e, além do mais, fazer *jogging* já não estava bastando. Ela precisava correr, e rápido. Só correr rápido adiantaria alguma coisa.

Ela estacionava na pista e corria até não poder mais, até sua blusa sem mangas da FSU, a Universidade Estadual da Flórida, estar preta de suor na frente e nas costas e até cambalear e às vezes vomitar de cansaço.

Henry descobriu. Alguém a viu ali, correndo sozinha às oito da manhã, e lhe contou. Eles discutiram. A discussão virou uma briga de acabar casamento.

— É um hobby — falou ela.

— Jodi Anderson disse que você correu até cair. Ela ficou com medo de você ter um enfarto. Não é um hobby, Em. Não é nem um fetiche. É uma obsessão.

Ele a olhou com reprovação. Ainda demoraria um pouco para apanhar um livro e tacar nele, mas essa foi a gota d’água. Aquele olhar de reprovação. Ela

não aguentava mais aquilo. Com o rosto longo que ele tinha, era como ter uma ovelha em casa. *Eu me casei com um carneirinho,* pensou ela, *e agora tenho que aturar esse béé-béé-béé no meu ouvido o dia inteiro*.

Porém, ela tentou outra vez ser racional a respeito de uma coisa que no fundo sabia não ter raízes racionais. Havia pensamentos que eram mágicos; havia também atos que eram mágicos. Correr, por exemplo.

— Maratonistas correm até cair — disse ela.

— Você está pensando em correr uma maratona?

— Talvez. — Mas ela afastou o olhar. Em direção à janela, à entrada para carros. A entrada para carros a chamava. Ela levava à calçada, e a calçada levava ao mundo.

— Não — disse ele. — Você não vai correr uma maratona. Você nem está pensando em correr uma maratona.

Então lhe ocorreu — com aquela sensação de epifania que o óbvio pode trazer — que aquela era a essência de Henry, a porra da *apoteose* de Henry. Durante os seis anos de casamento, ele sempre tivera a mais perfeita consciência do que ela pensava, sentia e planejava.

Eu consolei você, pensou ela — não furiosa ainda, mas começando a ficar. *Você ficou deitado ali na cama,* se desmanchando, *e eu consolei você*.

— Essa coisa de correr é uma reação psicológica clássica à dor que você está sentindo — falava ele naquele mesmo tom determinado de sempre. — Isso se chama fuga. Mas, querida, se você não sentir sua dor, nunca vai ser capaz de...

Foi então que ela apanhou o objeto mais próximo, que calhou de ser um exemplar de capa mole de *O Guardião de Memórias*. Aquele era um livro que ela havia começado a ler e largado, mas Henry o pegara e, a julgar pelo marcador, já havia lido mais da metade. *Até o gosto dele para livros é o de um carneirinho,* pensou ela, atirando-o em sua direção. O livro bateu no ombro dele. Henry a encarou com os olhos arregalados, chocado, então estendeu a mão para agarrá-la. Talvez só para lhe dar um abraço, mas como ter certeza? Como ter certeza de qualquer coisa?

Se ele tivesse tentado pegar Emily um segundo antes, poderia ter conseguido agarrá-la pelo braço, pelo punho, ou talvez pela parte de trás da blusa. Mas aquele momento de choque foi sua ruína. Ele errou e ela começou a correr, desacelerando apenas para apanhar sua pochete em cima da mesa ao lado da porta da frente. E dali para a entrada para carros e para a calçada. Depois colina abaixo, onde ela havia empurrado por pouco tempo um carrinho de bebê com mães que agora a evitavam. Desta vez, ela não tinha intenção de parar ou mesmo

de diminuir o ritmo. Vestindo apenas short, tênis e uma blusa que dizia SALVE A CHEERLEADER, Emily correu em direção ao mundo. Ela colocou a pochete em volta da cintura e prendeu o fecho enquanto disparava colina abaixo. E a sensação?

Êxtase. Potência bruta.

Ela correu até o centro (uns 3 quilômetros, 22 minutos), sem parar nem mesmo quando o sinal de trânsito estava aberto; quando isso acontecia, ela ficava trotando no mesmo lugar. Dois garotos em um Mustang conversível — o clima bom para capota baixada estava começando a chegar — passaram por ela na esquina da Main com a Eastern. Um deles assobiou. Em lhe mostrou o dedo do meio. Ele riu e aplaudiu enquanto o Mustang acelerava pela Main afora.

Ela não tinha muito dinheiro, mas estava com dois cartões de crédito. O American Express era a pedida, porque com ele poderia conseguir cheques de viagem.

Ela percebeu que não voltaria para casa, não por um bom tempo. E, quando isso lhe causou uma sensação de alívio — talvez até uma empolgação de fugitivo —, em vez de tristeza, ela suspeitou que aquilo não fosse ser algo temporário.

Ela foi até o Hotel Morris para usar o telefone, então decidiu, no calor do momento, alugar um quarto. Será que eles teriam alguma vaga para uma noite só? Tinham. Ela entregou ao atendente o cartão AmEx.

— Não me parece que a senhora vá precisar de carregador — falou o atendente, vendo que ela estava de short e blusa.

— Saí às pressas.

— Entendo. — Falou em um tom de voz de quem não entendia nem um pouco. Ela apanhou a chave que o atendente fez deslizar pelo balcão e atravessou a passos rápidos o saguão amplo até os elevadores, resistindo à vontade de correr.

— 2 —

Parece que você está chorando.

Ela queria comprar algumas roupas — umas duas saias, duas blusas, um jeans, um short —, mas, antes de fazer compras, tinha telefonemas para dar: um para

Henry e outro para o seu pai. Seu pai estava em Tallahassee. Ela decidiu que seria melhor ligar para ele antes. Ela não conseguia se lembrar do número do seu trabalho na garagem da universidade, mas tinha decorado o seu celular. Ele atendeu no primeiro toque. Ela conseguia ouvir motores roncando ao fundo.

— Em! Tudo bem?

Aquela deveria ser uma pergunta complexa, mas não foi.

— Tudo, pai. Mas estou no Hotel Morris. Acho que larguei Henry.

— Pra valer ou no esquema balão de ensaio? — Ele não parecia surpreso (seu pai tirava as coisas de letra; ela adorava isso nele), mas o som de motores roncando primeiro diminuiu, depois desapareceu. Ela o imaginou entrando no seu escritório, fechando a porta, talvez apanhando a fotografia dela que ficava em sua mesa bagunçada.

— Ainda não sei dizer. No momento, a perspectiva não é nada boa.

— Qual foi o motivo?

— Minhas corridas.

— Suas *corridas?*

Ela suspirou.

— Não é bem isso. Sabe quando às vezes uma coisa é sobre outra? Ou sobre um montão de outras?

— O bebê. — Seu pai não a chamava de Amy desde que ela havia morrido no berço. Agora, era sempre apenas *o bebê*.

— E a maneira como eu estou lidando com isso. Que não é a maneira como Henry quer que eu lide. Cheguei à conclusão de que eu gostaria de lidar com as coisas do meu próprio jeito.

— Henry é um bom homem — disse seu pai —, mas é um pouco cabeça-dura. Isso é fato.

Ela esperou.

— O que posso fazer por você?

Ela lhe disse. Ele concordou. Ela sabia que concordaria, mas não antes de ouvi-la até o final. Ouvir era a parte mais importante, e Rusty Jackson era bom nisso. Ele não havia passado de um dos três mecânicos da garagem da universidade para talvez uma das quatro pessoas mais importantes do campus de Tallahassee (e ela não tinha ouvido isso dele; ele jamais diria uma coisa dessas para ela ou para ninguém) por não saber ouvir.

— Vou mandar Mariette dar uma limpeza na casa — falou ele.

— Pai, não precisa. Eu mesma posso limpar.

— Faço questão — disse ele. — Já está mais que na hora de uma faxina completa. O raio do lugar ficou fechado por mais de um ano. Não vou muito a Vermillion desde que a sua mãe morreu. Parece que sempre consigo arranjar mais o que fazer por aqui.

A mãe de Em também já não era mais Debra para ele. Desde o enterro (câncer de ovário), ela passara a ser apenas *a sua mãe*.

Em quase falou: *Tem certeza de que não tem problema?*, mas esse era o tipo de coisa que você dizia quando um estranho se prontificava a lhe fazer um favor. Ou outro tipo de pai.

— Você pretende correr lá? — perguntou ele. Ela conseguia ouvir um sorriso em sua voz. — Tem bastante praia para isso, e um belo pedaço de estrada também. Como você está careca de saber. E não vai ter que dar cotovelada em ninguém para passar. Entre esta época e outubro, mais tranquilo que Vermillion, impossível.

— Vou para lá pra pensar. E, imagino eu, terminar o meu luto.

— Então está bem — disse ele. — Quer que eu compre sua passagem de avião?

— Eu posso fazer isso.

— Sim, é claro que pode. Emmy, você está bem?

— Estou — respondeu ela.

— Parece que você está chorando.

— Um pouquinho — disse ela, limpando o rosto. — Tudo aconteceu rápido demais. — *Como a morte de Amy*, poderia ter acrescentado. Ela havia partido como uma pequena dama; nem um pio da babá eletrônica. *Saia discretamente, não bata a porta*, a própria mãe de Em costumava dizer quando ela era adolescente.

— Henry não vai aparecer aí no hotel para incomodar você, vai?

Ela ouviu uma leve e delicada hesitação antes de ele escolher a palavra *incomodar*, e sorriu apesar das lágrimas, que de qualquer forma já haviam praticamente parado de correr.

— Se o senhor está perguntando se ele vai vir me bater... não é o estilo dele.

— Às vezes um homem descobre um estilo diferente quando sua mulher o abandona... simplesmente sai correndo.

— Não Henry — falou ela. — Ele não é homem de causar problema.

— Tem certeza de que não quer vir para Tallahassee antes?

Ela hesitou. Parte dela queria, mas...

— Preciso ficar um tempo sozinha. Antes de qualquer coisa. — E então repetiu: — Tudo aconteceu rápido demais. — Embora suspeitasse que aquilo fosse um processo de longa data. Talvez já estivesse no próprio DNA do casamento.

— Está certo. Eu te amo, Emmy.

— Também te amo, pai. Obrigada. — Ela engoliu em seco. — Muito obrigada.

Henry não causou problema. Henry nem mesmo perguntou de onde ela estava ligando. Henry disse:

— Talvez você não seja a única que precisa dar um tempo. Talvez seja melhor assim.

Ela resistiu ao impulso — que lhe pareceu ao mesmo tempo normal e absurdo — de agradecer a ele. O silêncio pareceu ser a melhor opção. O que ele disse em seguida a deixou feliz por tê-lo escolhido.

— Para quem você ligou para pedir ajuda? Para o Rei dos Transportes?

Desta vez, o impulso ao qual ela resistiu foi o de perguntar se ele já havia ligado para a mãe. Olho por olho, no entanto, nunca resolveu nada.

Ela disse, com o que esperava ser um tom de voz calmo:

— Estou indo para Vermillion Key. Para a casa que o meu pai tem lá.

— O casebre de praia. — Ela quase conseguiu ouvi-lo torcer o nariz. Juntamente com os Ho Hos e os Twinkies, casas com apenas três cômodos e sem garagem não faziam parte do sistema de crenças de Henry.

Em falou:

— Eu ligo quando chegar lá.

Um longo silêncio. Ela o imaginou na cozinha, a cabeça recostada contra a parede, a mão agarrando o fone com força o bastante para deixar os nós dos dedos brancos, lutando para rejeitar a raiva. Por conta dos seis anos, em sua maioria bons, que eles haviam passado juntos. Ela esperava que ele fosse aguentar. Se é que era isso mesmo que estava acontecendo.

Quando ele voltou a falar, parecia calmo, porém esgotado.

— Está com os seus cartões de crédito?

— Estou. E não vou abusar deles. Mas quero a minha metade do... — Ela se deteve, mordendo o lábio. Por pouco não chamara sua filha morta de *o bebê*, e isso não era certo. Talvez fosse para o seu pai, mas não para ela. Então,

recomeçou: — Minha metade do dinheiro para a faculdade de Amy — disse ela. — Não imagino que seja muito, mas...

— É mais do que você pensa — falou ele. Ele estava começando a soar irritado novamente. Eles haviam começado a poupança não quando Amy nasceu, ou nem mesmo quando Em ficou grávida, mas quando começaram a tentar. Esse tinha sido um processo de quatro anos, e, quando Emily finalmente engravidou, eles já estavam falando em tratamentos de fertilidade. Ou adoção. — Aqueles investimentos não deram apenas certo, eles foram abençoados pelos céus; especialmente as ações que investimos em software. Mort nos colocou na jogada na hora certa e nos tirou no momento absolutamente perfeito. Emmy, você não vai querer tirar os ovos daquele cesto.

E lá estava ele, dizendo-lhe mais uma vez o que ela queria.

— Eu vou lhe passar meu endereço assim que tiver um — falou ela. — Faça o que quiser com a sua metade, mas quero a minha em um cheque bancário.

— Ainda correndo — disse ele, e, embora aquele tom professoral e presunçoso a fizesse desejar que Henry estivesse ali para ela poder tacar outro livro nele, desta vez de capa dura, Emily manteve silêncio.

Por fim, ele suspirou.

— Ouça, Em, eu vou sair de casa por algumas horas. Venha para cá e apanhe suas roupas e qualquer outra coisa que quiser. E eu vou deixar um dinheiro para você na penteadeira.

Por um instante, ela ficou tentada; então lhe ocorreu que deixar dinheiro na penteadeira era o que os homens faziam para pagar putas.

— Não — falou ela. — Quero recomeçar do zero.

— Em. — Fez-se uma longa pausa. Ela imaginou que ele estivesse lutando contra suas emoções, e pensar nisso fez seus próprios olhos embaçarem novamente. — É o fim para nós?

— Não sei — disse ela, se esforçando para manter a voz firme. — É cedo demais para saber.

— Se eu tivesse que adivinhar — falou ele —, diria que sim. O dia de hoje prova duas coisas. Uma é que uma mulher saudável pode correr para bem longe.

— Eu ligo para você.

— A outra é que bebês vivos são como cola para um casamento. Já os mortos são como ácido.

Aquilo a magoou mais do que qualquer outra coisa que ele pudesse ter dito, pois reduzia Amy a uma metáfora de mau gosto. Em não conseguia fazer isso. Imaginava que jamais seria capaz de fazer isso.

— Eu ligo para você — falou ela, desligando em seguida.

— 3 —

Vermillion Key jazia entorpecida, porém não exatamente deserta.

Então Emily Owensby correu até o final da entrada para carros, depois colina abaixo até o Kozy's Qwik-Pik e depois até a pista de corrida do Cleveland South Junior College. Ela correu até o Hotel Morris. Correu de seu casamento do mesmo jeito que uma mulher pode deixar para trás um par de sandálias quando decide largar mão de tudo e dar no pé de verdade. Então ela correu (com a ajuda da companhia aérea Southwest Airlines) para Fort Myers, na Flórida, onde alugou um carro e seguiu rumo ao sul, para Naples. Vermillion Key jazia entorpecida, porém não exatamente deserta, sob o sol escaldante de junho. Pouco mais de 3 quilômetros de estrada ao longo da praia de Vermillion separavam a ponte levadiça do pequeno trecho da entrada para carros do seu pai. Ao final dela, via-se o casebre de praia sem pintura; um lugar de aparência abandonada, com seu telhado e persianas azuis descascando do lado de fora, mas com ar-condicionado e aconchegante do lado de dentro.

Quando desligou o motor do seu Nissan alugado, os únicos sons que restaram foram o das ondas quebrando na praia vazia e, em algum lugar perto dali, o de um pássaro alarmado gritando *Uh-oh! Uh-oh!* sem parar.

Em baixou a cabeça, apoiando-a contra o volante, e chorou por cinco minutos, colocando para fora toda a tensão e horror dos seis meses anteriores. Tentando, pelo menos. Não havia ninguém para ouvi-la além do pássaro uh-oh. Quando finalmente terminou, ela tirou a blusa e limpou tudo: o ranho, o suor, as lágrimas. Foi se limpando até o topo do seu sutiã esportivo cinza. Então andou até a casa, seu tênis esmagando conchas e pedacinhos de coral. Quando se agachou para apanhar a chave na caixinha de pastilhas para garganta escondida debaixo do anão de jardim, involuntariamente simpático com seu gorro vermelho desbotado, lhe ocorreu que não tinha uma de suas dores de cabeça há mais de uma semana. O que era uma boa coisa, pois seu Zomig estava a mais de 1.500 quilômetros de distância.

Quinze minutos depois, vestindo um short e uma das blusas velhas de seu pai, ela estava correndo na praia.

Durante as três semanas seguintes, sua vida passou a ser de uma simplicidade absoluta. Ela tomava café preto e um suco de laranja de manhã, almoçava saladas verdes imensas e devorava comida semipronta no jantar, geralmente macarrão com queijo ou tirinhas de carne pré-cozida com torradas — o que seu pai chamava de gororoba de caserna. Os carboidratos vinham a calhar. Pela manhã, quando estava fresco, ela corria descalça na praia, bem perto da água, onde a areia era firme e molhada e quase sem conchas. À tarde, quando o tempo estava quente (e geralmente chuvoso), corria na estrada, que ficava quase inteira na sombra. Às vezes, se molhava no caminho. Quando isso acontecia, ela continuava correndo na chuva, muitas vezes sorrindo — outras até gargalhando —, e, quando voltava, se despia no hall de entrada e enfiava as roupas na máquina de lavar, que ficava convenientemente a três passos do chuveiro.

No começo, ela corria 3 quilômetros na praia e 1,5 na estrada. Depois de três semanas, estava correndo 5 quilômetros na praia e 3 na estrada. Rusty Jackson gostava de chamar seu refúgio de Little Grass Shack, por conta de alguma música antiga qualquer. A casa ficava no extremo norte da ilha, e não havia nada parecido com ela em Vermillion; todo o resto já havia sido tomado pelos ricos, pelos super-ricos e, na extremidade sul, onde havia três McMansões, pelos ridiculamente ricos. Caminhões com material de jardinagem às vezes passavam por Em durante suas corridas na estrada, mas ela raramente via um carro. As casas pelas quais passava estavam todas fechadas, as entradas para carros interditadas por correntes, e assim ficariam até pelo menos outubro, quando os donos começariam a voltar aos poucos. Ela passou a inventar nomes para elas em sua cabeça: a que tinha colunas se chamava Tara; a que tinha uma cerca de barras de metal se chamava Presídio de Luxo; a grandona que se escondia atrás de um muro feio de concreto se chamava Bunker. A única pequena, quase toda tapada por palmeiras-anãs e palmeiras-dos-viajantes, se chamava Casa dos Trolls — onde ela imaginava que os veranistas se alimentassem somente de Troll House Cookies.[2]

Na praia, ela às vezes via voluntários do Turtle Watch, que protege os ninhos de ovos das tartarugas-marinhas no litoral da Flórida, e logo começou a cumprimentá-los pelo nome. Eles respondiam com um “E aí, Em!” quando ela passava correndo. Era muito raro encontrar alguma outra pessoa, embora uma

vez um helicóptero tenha passado zunindo por ela. O passageiro — um rapaz — inclinou o corpo para fora e acenou. Em acenou de volta, seu rosto mascarado pela sombra do seu boné do grêmio esportivo da FSU.

Ela fazia compras no supermercado que ficava a 8 quilômetros de distância na rodovia U.S. 41. No caminho de volta, geralmente passava no Bobby Trickett's Used Books, um sebo que era bem maior do que o pequeno refúgio do seu pai, mas que ainda não passava de uma casinha de praia básica. Lá, ela comprou livros de mistério antigos de Raymond Chandler e Ed McBain, suas páginas marrom-escuras nas pontas e amarelas dentro, seu cheiro doce e tão nostálgico quanto o velho Ford com carroceria de madeira que um dia ela viu descendo a 41, com duas cadeiras de jardim amarradas no teto e uma prancha de surfe caindo aos pedaços saltando para fora da traseira. Não havia necessidade de comprar nenhum John D. MacDonald; seu pai tinha a coleção inteira em suas estantes feitas de caixas de laranja.

No final de julho, ela já estava correndo mais de 9 quilômetros, às vezes até 11, por dia. Seus seios não passavam de pequenas saliências, sua bunda quase não existia e ela havia enchido duas das prateleiras vazias de seu pai de livros com títulos como *Dead City* e *Six Bad Things*. A tevê nunca era ligada à noite, nem mesmo para saber a previsão do tempo. O velho computador do seu pai estava sempre apagado. Ela jamais comprava um jornal que fosse.

Seu pai ligava de dois em dois dias, mas parou de perguntar se ela queria que ele "desse um jeito" de ir até lá quando Em lhe disse que, quando estivesse pronta para vê-lo, avisaria. Enquanto isso, disse, ela não estava se sentindo suicida (verdade), ou mesmo deprimida (mentira), e estava comendo. Para Rusty, estava de bom tamanho. Eles sempre tinham sido francos um com o outro. Ela também sabia que o verão era uma época corrida para ele — tudo que não podia ser feito com a molecada zanzando por todo o campus (que ele chamava de *a planta*) tinha que ser resolvido entre 15 de junho e 15 de setembro, quando não havia nada nem ninguém por lá, exceto pelos alunos dos cursos de verão e pelos congressos acadêmicos que a administração podia inventar.

Além disso, ele tinha uma namorada. Melody era o nome dela. Em não gostava de entrar no assunto — sentia-se desconfortável com aquilo —, mas sabia que Melody fazia seu pai feliz, então sempre perguntava como ela estava. *Bem*, era a resposta invariável de Rusty. *Mel está como pediu a Deus*.

Ela ligou para Henry uma vez, e Henry ligou para ela uma vez. Na noite em que ele ligou, Em tinha quase certeza de que estava bêbado. Ele lhe perguntou

novamente se eles haviam acabado, e ela lhe disse novamente que não sabia, mas era mentira. *Provavelmente* mentira.

À noite, ela dormia como uma mulher em coma. No começo, teve pesadelos — neles, revivia sem parar a manhã em que eles encontraram Amy morta. Em alguns, seu bebê ficava tão preto quanto um morango apodrecido. Noutros — e esses eram os piores —, ela encontrava Amy lutando para respirar e a salvava fazendo respiração boca a boca. Eles eram piores porque, ao acordar, ela se deparava com a consciência de que Amy na verdade continuava morta como sempre. Ela despertou de um desses últimos durante uma tempestade e deslizou nua da cama para o chão, chorando com os cotovelos apoiados nos joelhos e as palmas das mãos empurrando-lhe as bochechas para cima em um sorriso, enquanto relâmpagos lampejavam por sobre o golfo, traçando desenhos azuis momentâneos na parede.

À medida que ela continuava ali — explorando os supostos limites da sua resistência —, os sonhos ou cessaram, ou passaram a se desenrolar longe dos olhos da sua memória. Ela começou a acordar não exatamente revigorada, mas sentindo um relaxamento profundo, que parecia ir até o seu âmago. E, embora todos os dias fossem essencialmente iguais ao anterior, cada um deles parecia algo novo — algo independente —, em vez de uma extensão do que tinha acontecido antes. Um dia, ela acordou e percebeu que a morte de Amy havia começado a ser uma coisa que *aconteceu*, e não uma coisa que estava *acontecendo*.

Ela decidiu que chamaria seu pai para visitá-la — e trazer Melody se quisesse. Prepararia um belo jantar para eles. Eles poderiam ficar para dormir (ora bolas, a casa era *dele*). E então ela começaria a pensar no que gostaria de fazer com sua vida real, a que ela retomaria em breve do outro lado da ponte levadiça: o que gostaria de manter, e o que gostaria de jogar fora.

Daria esse telefonema em breve, pensou ela. Dali a uma semana. Duas, no máximo. Ainda não era a hora, mas ela estava quase chegando. Quase.

— 4 —

Ele não é flor que se cheire.

Uma tarde, pouco depois de julho se tornar agosto, Deke Hollis lhe disse que ela tinha companhia na ilha. Ele a chamava de *a ilha*, nunca de Vermillion Key.

Deke era um cinquentão acabado, ou talvez um setentão. Ele era alto e magro e usava um chapéu de palha surrado que parecia uma tigela de sopa invertida. Das sete da manhã às sete da noite, operava a ponte levadiça entre Vermillion e o continente. Isso de segunda à sexta. Nos fins de semana, "o garoto" assumia (sendo que o garoto tinha uns 30 anos). Às vezes, quando Em corria até a ponte levadiça e se deparava com o garoto, e não com Deke, sentado na velha cadeira de vime em frente à guarita, lendo revistas como *Maxim* ou *Popular Mechanics* em vez do jornal *The New York Times*, ela se espantava ao ver que já era sábado novamente.

Naquele tarde, contudo, era Deke quem estava lá. O canal entre Vermillion e o continente — que Deke chamava de *a graganta* (garganta, imaginava ela) — estava deserto e escuro sob o céu nublado. Havia uma garça em pé no parapeito do lado do golfo da ponte levadiça, meditando ou procurando peixes.

— Companhia? — disse Em. — Não tenho companhia nenhuma.

— Não estou falando desse tipo de companhia. Pickering está de volta. Da 366? Trouxe uma de suas "sobrinhas". — Deke enfatizou a palavra *sobrinhas* com um girar de olhos, que eram de um azul tão apagado que pareciam incolores.

— Não vi ninguém — falou Em.

— É — concordou ele. — Eles atravessaram naquele M'cedes grande e vermelho dele uma hora atrás, quando você provavelmente ainda estava amarrando os tênis. — Ele se inclinou para a frente sobre o jornal, que estalou contra sua barriga flácida. Ela notou que as palavras cruzadas estavam feitas pela metade. — Uma sobrinha diferente por verão. Sempre jovens. — Ele fez uma pausa. — Às vezes, *duas* sobrinhas, uma em agosto e outra em setembro.

— Não o conheço — disse Em. — E não vi nenhum Mercedes vermelho.

Ela tampouco sabia qual casa era a de número 366. Notava as casas propriamente ditas, mas não costumava prestar atenção nas caixas de correio. Com exceção, é claro, da 219, cuja caixa tinha uma pequena fileira de passarinhos entalhados em cima. (A casa atrás dela se chamava, obviamente, Avelândia.)

— Melhor assim — falou Deke. Dessa vez, em vez de girar os olhos, ele entortou os cantos da boca, como se estivesse sentindo um gosto ruim. — Ele as traz para cá no M'cedes, depois as leva de volta para St. Petersburg no barco dele. Um iate branco dos grandes. O *Playpen*. Atravessou o canal hoje de

manhã. — Os cantos da sua boca deram aquela entortada para baixo de novo. Ao longe, um trovão ribombou. — Então as sobrinhas fazem um tour pela casa, depois dão um passeiozinho agradável de barco pelo litoral, e nós só voltamos a ver Pickering em janeiro, quando fica frio lá pras bandas de Chicago.

Em achava ter visto um barco de passeio branco atracado durante sua corrida matinal na praia, mas não tinha certeza.

— Daqui a um ou dois dias, talvez uma semana, ele vai mandar uns dois sujeitos para cá, e um deles vai levar o M'cedes de volta para onde quer que ele o deixe guardado. Perto do aeroporto particular em Naples, imagino.

— Ele deve ser bem rico — disse Em. Aquela era a conversa mais longa que já havia tido com Deke, e estava interessante, porém mesmo assim ela começou a trotar sem sair do lugar. Em parte porque não queria esfriar os músculos, mas principalmente porque seu corpo estava chamando-a para correr.

— Rico feito o Tio Patinhas, mas algo me diz que Pickering *gasta* o dinheiro dele. Provavelmente de maneiras que o Tio Patinhas nunca sonhou. Ganhou essa grana toda com algum treco de computador, pelo que me falaram. — Outro girar de olhos. — Não é sempre assim com esses caras?

— Acho que sim — falou ela, ainda trotando no mesmo lugar. O trovão pigarreou com um pouco mais de autoridade dessa vez.

— Sei que você está querendo ir embora, mas estou puxando conversa por um motivo — falou Deke. Ele dobrou o jornal, largando-o ao lado da velha cadeira de vime e botando sua xícara de café em cima como peso de papel. — Eu não costumo fazer fofoca sobre o pessoal da ilha, afinal, a maioria é rica e eu não duraria muito se fizesse isso, mas gosto de você, Emmy. Você cuida da própria vida e não é nem um pouco esnobe. Além disso, gosto do seu pai. A gente já tomou umas cervejas, uma vez ou outra.

— Obrigada — disse ela, comovida. E, quando um pensamento lhe veio à cabeça, ela sorriu. — Meu pai pediu para o senhor tomar conta de mim?

Deke balançou a cabeça.

— Nunca. E jamais faria isso. Não é o estilo de R. J. Mas seu pai lhe diria o mesmo que eu: ele não é flor que se cheire, esse tal de Jim Pickering. Se eu fosse você, ficaria longe dele. Se ele convidar você para um drinque, ou mesmo para um cafezinho junto com a sua "sobrinha", eu recusaria. E, se vier chamá-la para um passeio de barco com ele, eu *certamente* recusaria.

— Não estou interessada em passear de barco para nenhum lugar — disse ela. Estava interessada era em terminar o que veio fazer em Vermillion Key. E tinha a

impressão de que estava quase no fim. — E é melhor eu voltar antes que comece a chover.

— Não acho que ela vá cair antes das cinco, no mínimo — falou Deke. — Mas, se eu estiver enganado, acho que você vai ficar bem mesmo assim.

Ela sorriu novamente.

— Eu também. Ao contrário do que as pessoas pensam, mulheres não derretem na chuva. Vou falar para o meu pai que o senhor mandou um abraço.

— Faça isso. — Ele se agachou para apanhar o jornal, então se deteve, olhando para ela por baixo daquele chapéu ridículo. — Aliás, como você está?

— Melhor — disse ela. — Melhor a cada dia. — Ela se virou e começou a correr de volta para o Little Grass Shack pela estrada. Ergueu a mão no caminho e, quando fez isso, a garça que estava empoleirada no parapeito da ponte levadiça passou voando por ela com um peixe em seu bico comprido.

Calhou de a 366 ser o Bunker, e, pela primeira vez desde que ela chegara a Vermillion, o portão estava entreaberto. Ou será que já estava quando ela passou correndo por ele em direção à ponte? Não conseguia se lembrar — mas, é claro, ela havia criado o hábito de usar um relógio, um trambolho com um visor digital enorme, para poder cronometrar seus tempos. Provavelmente estava olhando para ele quando passou por ali.

Ela quase passou sem desacelerar — as trovoadas já estavam mais próximas —, porém, não estava exatamente usando uma saia de camurça de mil dólares da Jill Anderson, apenas um conjunto básico da loja de artigos esportivos Athletic Attic: um short e uma blusa com o logo da Nike. Além do mais, não tinha dito para Deke que *mulheres não derretem na chuva*? Então, diminuiu o ritmo e deu uma olhada para dentro. Só por curiosidade.

Ela achou que o Mercedes estacionado no pátio era um 450 SL, pois seu pai tinha um parecido, embora já estivesse bem velho e aquele parecesse novinho. Era de um vermelho maçã do amor, sua lataria reluzente mesmo sob o céu crepuscular. O porta-malas estava aberto. Uma longa madeixa loira pendia de dentro dele. Havia sangue no cabelo.

Deke tinha dito que a garota que estava com Pickering era loira? Essa foi sua primeira pergunta, e ela estava tão chocada, tão *estupefata*, que não havia surpresa alguma nela. Parecia-lhe uma pergunta perfeitamente razoável, e a resposta era não, Deke não tinha dito isso. Dissera apenas que ela era jovem. E uma sobrinha. Com um girar de olhos.

Um trovão ribombou. Quase acima da sua cabeça desta vez. Não havia nada no pátio além do carro (e da loira no porta-malas, ela estava lá). A casa também parecia deserta: toda trancada e parecendo mais do que nunca um bunker. Nem mesmo as palmeiras que balançavam ao seu redor conseguiam lhe dar uma aparência mais leve. Ela era grande demais, pesadona demais, cinza demais. Era uma casa feia.

Em teve a impressão de escutar um gemido. Ela passou correndo pelo portão e atravessou o pátio sem nem ao menos pensar no que estava fazendo. Olhou para dentro do porta-malas. A garota não tinha gemido. Seus olhos estavam abertos, mas ela havia sido esfaqueada no que pareciam ser dezenas de lugares diferentes, e sua garganta fora cortada de orelha a orelha.

Em ficou parada olhando, chocada demais para se mover, chocada demais até para respirar. Então lhe ocorreu que aquela era uma garota morta *de mentira*, daquelas que se usam nos filmes. Muito embora sua mente racional lhe dissesse que aquilo era conversa fiada, a parte dela especializada em inventar desculpas assentia freneticamente. Chegou até a bolar uma história para sustentar a ideia. Então Deke não gostava de Pickering e do seu gosto para companhia do sexo feminino? Adivinhem só, Pickering também não gostava de Deke! Aquilo não passava de uma pegadinha muito bem-feita. Pickering passaria pela ponte na volta com o porta-malas entreaberto de propósito, aquele cabelo loiro falso ao vento, e...

Porém, cheiros começaram a subir do porta-malas. Eram os cheiros de merda e sangue. Em estendeu o braço para frente e tocou a bochecha debaixo de um daqueles olhos abertos. Estava fria, mas era pele. Oh, meu Deus, era pele humana.

Ouviu-se um som atrás dela. Um passo. Ela começou a se virar e algo desceu sobre a sua cabeça. Não houve dor, mas uma brancura luminosa pareceu saltar diante do mundo. E então o mundo mergulhou na escuridão.

— 5 —

Ele parecia estar querendo brincar de fazer cócegas nela.

Quando ela acordou, estava presa com fita adesiva a uma cadeira numa cozinha

grande repleta de terríveis objetos de aço: pia, geladeira, lava-louças, um fogão que parecia combinar mais com a cozinha de um restaurante. Sua nuca enviava ondas longas e lentas de dor em direção à frente da cabeça, cada qual parecendo dizer *Dê um jeito nisso! Dê um jeito nisso!*

Parado diante da pia havia um homem alto e esguio com uma bermuda cáqui e uma camisa polo velha. As lâmpadas fluorescentes da cozinha emitiam uma luz implacável, e Em conseguia ver os pés de galinha que se aprofundavam nos cantos dos olhos dele, os punhados de cabelo grisalho nas laterais do seu cabelo cortado curtinho. Ela lhe daria uns 50. Ele estava lavando o braço na pia. Parecia haver uma ferida no seu braço, um buraco logo abaixo do cotovelo.

Ele girou bruscamente a cabeça para trás. Havia uma rapidez animal naquele homem que fez um nó se apertar no estômago dela. Seus olhos eram de um azul muito mais vívido do que os de Deke Hollis. Ela não viu nada neles que pudesse reconhecer como sanidade — e o aperto que sentiu no coração foi mais forte ainda. No chão — de um cinza tão feio quanto o do exterior da casa, mas de azulejo em vez de cimento — havia um rastro escuro e opaco com cerca de 20 centímetros de largura. Em achou que provavelmente era sangue. Era bem fácil imaginar o cabelo da garota loira deixando-o para trás à medida que Pickering a arrastava pelos pés rumo a um destino desconhecido.

— Você está acordada — falou ele. — Ótimo. *Maravilha*. Está achando que eu queria matá-la? Eu não queria. Ela estava com uma faca escondida na porra da *meia*! Eu belisquei o braço dela, foi só isso. — Ele pareceu refletir um pouco sobre o que disse e, enquanto o fazia, estancou o talho sangrento debaixo do cotovelo com um maço de toalhas de papel. — Quer dizer, e o peitinho também. Mas qualquer garota espera uma coisa dessas. Ou deveria. O nome disso é *preliminar*. Ou, neste caso, *putaria*.

Ele frisou as duas palavras fazendo aspas no ar com o indicador e o dedo médio de cada mão. Para Em, ele parecia estar querendo brincar de fazer cócegas nela. Também parecia louco. Na verdade, não havia dúvida quanto ao seu estado mental. Uma trovoada ribombou acima deles, tão alta quanto um móvel desabando no chão. Em deu um salto — da melhor maneira que pôde, amarrada como estava numa cadeira de cozinha —, mas o som não fez o homem diante da pia dupla de aço inox sequer erguer os olhos. Era como se nem tivesse escutado. Seu lábio inferior estava projetado para frente.

— Então eu a arranquei dela. E daí perdi a cabeça. Admito. As pessoas acham que sou o cara mais tranquilo do mundo, e tento fazer jus a isso. Tento mesmo.

Eu tento fazer jus a isso. Mas qualquer um pode perder a cabeça. É isso que elas não entendem. Qualquer um. Dependendo da situação.

A chuva caiu como se Deus tivesse dado descarga em Seu banheiro particular lá nas alturas.

— Quem poderia ter motivos para acreditar que você está aqui? — perguntou ele.

— Muita gente. — Foi a resposta que ela deu, sem hesitação.

Ele atravessou a cozinha como um raio. *Raio* era a palavra certa. Num instante ele estava próximo à pia, no outro estava na frente dela, dando-lhe um golpe tão forte na cara que fez pontinhos brancos explodirem diante dos seus olhos. Eles dispararam pela cozinha, desenhando caudas de cometa reluzentes atrás de si. A cabeça dela foi atirada para o lado. Sentiu o cabelo açoitar seu rosto e o sangue começar a encher-lhe a boca quando seu lábio inferior se rasgou. Os dentes haviam cortado a pele do lado de dentro, e fundo. Quase até o fim, ao que parecia. Lá fora, a chuva jorrava. *Vou morrer aqui no meio dessa chuva*, pensou Em. Porém, não acreditava nisso. Talvez ninguém acredite quando a hora chega de fato.

— *Quem sabe?* — Ele estava inclinado, berrando na sua cara.

— *Muita* gente — reiterou ela, mas as palavras saíram *muita zente*, pois seu lábio inferior estava inchando. E ela sentia um pequeno filete de sangue escorrer pelo seu queixo. Ainda assim, sua *mente* não estava inchando, apesar da dor e do medo. Ela sabia que sua única chance de sobrevivência era fazer aquele homem pensar que seria pego caso a matasse. É claro que ele também seria pego se a deixasse escapar, mas ela lidaria com isso depois. Um pesadelo de cada vez.

— Muita *zente*! — repetiu ela, desafiadora.

Ele voltou como um raio para a pia e, quando retornou, estava com uma faca na mão. Uma faca pequena. Muito provavelmente a que a garota morta havia tirado de dentro da meia. Colocou a ponta dentro da pálpebra inferior de Em e a empurrou para baixo. Foi então que a bexiga dela se esvaziou, de uma vez só, em um jorro.

Uma expressão um tanto afetada de nojo retesou por um instante o rosto de Pickering; contudo, ele também parecia estar sentindo prazer. Alguma parte da mente de Em se perguntou como uma pessoa poderia sustentar duas emoções tão conflitantes em sua mente ao mesmo tempo. Ele deu meio passo para trás, mas a ponta da faca não se mexeu. Ela ainda se afundava em sua pele, simultaneamente empurrando sua pálpebra para baixo e erguendo de leve o globo ocular na órbita.

— Que beleza — disse ele. — Outra cagada pra limpar. Mas não chega a ser surpresa. Não, senhor. E, como dizem por aí, é melhor botar pra fora do que morrer engasgado. Não é assim que se diz? — E, por incrível que pareça, ele riu, uma risadinha breve. Então se inclinou para frente, os olhos azuis vívidos dele fitando suas pupilas cor de avelã. — Diga-me o nome de uma pessoa que sabe que você está aqui. E sem hesitar. *Sem* hesitar. Se você hesitar, vou saber que está inventando e vou arrancar seu olho da órbita e jogá-lo dentro da pia. Tenho peito pra isso. Então me diga. *Agora*.

— Deke Hollis — disse ela. Aquilo era caguetagem, e das *brabas*, mas por outro lado não passava de um reflexo. Ela não queria perder o olho.

— Quem mais?

Nenhum nome lhe veio à cabeça — sua mente era um branco total —, e ela acreditou quando ele disse que hesitar lhe custaria o olho esquerdo.

— *Mais ninguém, tá bom?* — gritou ela. E com certeza Deke bastaria. Com certeza qualquer pessoa bastaria, a não ser que ele fosse tão louco a ponto de...

Ele afastou a faca e, embora sua visão periférica não conseguisse exatamente enxergá-la, ela sentiu uma minúscula pérola de sangue brotar no canto da sua vista. Não se importou com aquilo. Estava apenas feliz por ainda *ter* visão periférica.

— Ok — falou Pickering. — Ok, ok, está bem, ok. — Ele andou de volta até a pia e atirou a faquinha lá dentro. Ela começou a ficar aliviada. Então, ele abriu uma das gavetas ao lado da pia e retirou outra: uma faca de açougueiro longa e pontiaguda.

— Ok. — Ele voltou para perto dela. Em não conseguia ver nenhum sangue nele, nem uma manchinha. Como aquilo era possível? Quanto tempo ela havia ficado desmaiada?

— Ok. Ok. — Ele passou a mão que não estava segurando a faca pelo seu corte de cabelo curto e ridiculamente caro. O cabelo saltou imediatamente para o mesmo lugar. — Quem é Deke Hollis?

— O vigia da ponte — disse ela. Sua voz saiu hesitante, trêmula. — Nós *conversamos* sobre você. É por isso que parei para olhar pelo portão — disse ela em um arroubo de inspiração. — Ele viu a garota! Sua sobrinha, segundo ele.

— Sei, sei, as garotas sempre voltam de barco, isso é tudo que ele sabe. Tudo que ele sabe na vida. Como as pessoas são enxeridas! Onde está o seu carro? Responda *agora* ou vai receber a nova especialidade da casa, uma amputação mamária. Rápida, mas *não* indolor.

— No Grass Shack! — Foi tudo o que ela conseguiu pensar para dizer.

— O que é isso?

— A casinha de praia no final da ilha. É do meu pai. — Ela teve outro arroubo de inspiração. — *Ele* sabe que eu estou aqui!

— Sei, sei. — Pickering não pareceu interessado naquilo. — Tá, ok. Certo, grande coisa. Você está dizendo que *mora* aqui?

— Sim...

Ele baixou os olhos para o short dela, que então estava com um tom mais escuro de azul.

— Você corre, não é? — Ela não respondeu, mas Pickering não pareceu se importar. — É, corre sim, sem dúvida. Olhe só essas pernas. — Por incrível que pareça, ele se inclinou para frente numa mesura, como se estivesse diante da realeza, e tascou um beijo ruidoso na coxa esquerda, logo embaixo da bainha do short. Quando endireitou o corpo, ela viu com um aperto no coração que a parte da frente das calças dele estava protuberante. Nada bom.

— Você corre pra lá, corre pra cá. — Ele descreveu um arco com a lâmina da faca de açougueiro, como um maestro com uma batuta. Era hipnótico. Lá fora, a chuva continuava a cair. Continuaria assim por quarenta minutos, talvez uma hora, e então o sol sairia de volta. Em se perguntou se estaria viva para vê-lo. Achava que não. Mas ainda era difícil crer nisso. Impossível, na verdade.

— Você corre pra lá, corre pra cá. Pra lá e pra cá. Às vezes passa um tempo com aquele velho de chapéu de palha, mas não faz isso com mais ninguém. — Em estava assustada, mas não o suficiente para deixar de ver que ele não estava falando com ela. — Isso aí. Com mais ninguém. Porque não tem mais ninguém aqui. Se um daqueles chicanos plantadores de árvores e cortadores de grama que trabalham na região viram você durante sua corrida da tarde, será que eles vão se lembrar? Será mesmo?

A lâmina balançou de um lado para o outro. Ele fitou a ponta, como se dependesse dela para ter a resposta.

— Não — falou ele. — Não, e vou lhe dizer por quê. Porque você é só mais uma gringa endinheirada correndo até a bunda ficar seca. Elas estão por toda parte. Eu as vejo todos os dias. Obcecadas por saúde. A gente tem que abrir caminho por elas aos chutes. Quando não estão correndo, estão de bicicleta. Usando aqueles capacetes de ciclista ridículos. Ok? Ok. Comece a rezar, Lady Jane, mas seja rápida. Estou com pressa. Com muita, muita pressa.

Ele ergueu a faca até o ombro. Ela viu seus lábios se retesarem na expectativa do golpe fatal. Para Em, o mundo inteiro ficou claro de repente; tudo se revelou

com uma limpidez gritante. Ela pensou: *Estou chegando, Amy*. E então, de forma absurda, algo que talvez tivesse ouvido na ESPN: *Esteja lá, baby*.

Mas então ele se deteve, olhando em volta exatamente como se alguém tivesse falado algo.

— É — falou ele. E depois: — É? — E depois: — É.

Havia uma ilha com tampo de fórmica no meio da cozinha para se preparar comida. Ele largou a faca nela ruidosamente em vez de enfiá-la em Emily.

Então disse:

— Fique sentada aí. Não vou matar você. Mudei de ideia. Um homem pode mudar de ideia. Nicole não me rendeu nada além de um buraco no braço.

Havia um rolo quase vazio de fita adesiva na ilha. Ele o apanhou. No instante seguinte, estava ajoelhado na frente dela, a parte de trás da sua cabeça e sua nuca expostas e vulneráveis. Em um mundo melhor — em um mundo mais justo — ela teria entrelaçado os dedos das mãos e golpeado aquela nuca exposta; porém, elas estavam atadas pelos punhos aos braços pesados, de bordo, da cadeira. Seu tórax estava amarrado ao espaldar por mais fita adesiva, formando um espartilho grosso no quadril e logo abaixo dos seios. Suas pernas estavam presas às da cadeira pelos joelhos, pela parte de cima das panturrilhas e pelos tornozelos. Ele tinha sido bastante meticuloso.

As pernas da cadeira estavam coladas com fita ao chão, e agora ele colocava mais tiras ali, primeiro na frente dela, depois atrás. Quando terminou, a fita tinha acabado. Ele se levantou e devolveu o miolo de papelão vazio à ilha de fórmica.

— Pronto — falou. — Nada mal. Ok. Tudo certo. Espere aqui. — Ele deve ter achado alguma graça nisso, pois jogou a cabeça para cima e soltou outra daquelas risadas curtas, que mais pareciam um latido. — Não vá se chatear e sair correndo, hein? Preciso dar um jeito naquele velho enxerido amigo seu, e quero fazer isso enquanto ainda está chovendo.

Desta vez, ele foi como um raio até uma porta, que se revelou um closet. Tirou lá de dentro uma capa de chuva amarela.

— Sabia que isso estava aqui em algum lugar. Todo mundo confia num cara de capa de chuva. Não sei por quê. É só mais um desses fatos misteriosos. Ok, garota, fique sentadinha aí. — Ele soltou mais uma daquelas risadas parecidas com o latido de um poodle irritado e então foi embora.

— 6 —

Ainda 9h15.

Quando Em ouviu a porta da frente bater e soube que ele tinha ido mesmo embora, aquela clareza anormal que iluminava o mundo começou a ficar cinza e ela percebeu que estava prestes a desmaiar. Não podia se dar a esse luxo. Se houvesse vida após a morte e ela acabasse encontrando seu pai lá, como explicaria a Rusty Jackson que desperdiçara seus últimos minutos na Terra inconsciente? Ele ficaria desapontado. Mesmo que se encontrassem no céu, com os pés afundados até os tornozelos nas nuvens enquanto a toda volta anjos tocassem a música das esferas (arranjada para harpas), ele ficaria desapontado por ela ter desperdiçado sua única chance com um desfalecimento vitoriano.

Em arrastou deliberadamente a pele lacerada de dentro do seu lábio inferior contra os dentes... então mordeu, vertendo sangue fresco. O mundo voltou a se iluminar no mesmo instante. O som do vento e da chuva que jorrava do céu se avolumou como uma música estranha.

Quanto tempo tinha? A ponte levadiça ficava a pouco menos de meio quilômetro do Bunker. A capa de chuva e o fato de ela não ter ouvido o motor do Mercedes obrigavam-na a pensar que ele tinha ido correndo. Ela sabia que poderia não ter escutado o motor por conta da chuva e das trovoadas, porém simplesmente não acreditava que ele fosse pegar o carro. Deke Hollis conhecia o Mercedes vermelho e não gostava do homem que o dirigia. O Mercedes vermelho talvez deixasse Deke ressabiado. Emily acreditava que Pickering sabia disso. Pickering era louco — ele havia passado parte do tempo falando consigo mesmo, mas também passara ao menos algum tempo falando com outra pessoa que conseguia ver e ela não, um comparsa invisível —, mas não era burro. Deke também não, é claro, mas estaria sozinho em sua pequena guarita. Nenhum carro passando e nenhum barco esperando para passar, tampouco. Não com aquele temporal.

Além disso, ele era velho.

— Eu talvez tenha 15 minutos — disse ela para o cômodo vazio. Ou talvez estivesse falando para a mancha de sangue no chão. Ele pelo menos não a havia amordaçado; afinal, para que se dar ao trabalho? Não haveria ninguém para ouvir seus gritos, não naquela fortaleza de concreto feia, quadradona. Ela pensou que poderia estar no meio da estrada, gritando a plenos pulmões, e *mesmo assim* ninguém a ouviria. Àquela hora, até mesmo os caseiros mexicanos estariam

abrigados, sentados nas boleias de seus caminhões, bebendo café e fumando cigarros.

— Quinze minutos no máximo.

Sim. Provavelmente. Então Pickering voltaria para estuprá-la, como planejara estuprar Nicole. Depois disso, ele a mataria, como já havia matado Nicole. Ela e quantas outras "sobrinhas"? Em não sabia, mas tinha certeza de que aquele não era — conforme teria dito Rusty Jackson — seu primeiro rodeio.

Quinze minutos. Talvez apenas dez.

Ela baixou os olhos para os pés. Não estavam colados com fita ao chão, mas os pés da cadeira sim. Porém...

Você corre. É, corre sim, sem dúvida. Olhe só essas pernas.

Eram boas pernas, sim senhor, e ela não precisava que ninguém as beijasse para saber disso. Especialmente não um lunático como Pickering. Não sabia se eram boas no sentido de bonitas, ou sedutoras, porém, em termos práticos, eram muito boas. Haviam servido para levá-la bem longe desde a manhã em que ela e Henry encontraram Amy morta em seu berço. Estava claro que Pickering tinha grande fé nos poderes da fita adesiva, provavelmente a havia visto sendo empregada por dezenas de psicopatas em dezenas de filmes, e nenhuma de suas "sobrinhas" lhe dera motivo algum para duvidar da sua eficácia. Talvez porque ele não lhes deu a chance, talvez por estarem assustadas demais. Mas talvez... especialmente em um dia chuvoso, numa casa sem ventilação e tão úmida que dava para sentir o cheiro de mofo...

Em se inclinou para a frente o máximo que os espartilhos que atavam seu corpo permitiam e começou aos poucos a flexionar os músculos das coxas e das panturrilhas: aqueles novos músculos de corredora dos quais o lunático tinha gostado tanto. Primeiro, flexionou-os de leve, depois, até a metade. Estava prestes a flexioná-los por completo, e começando a perder as esperanças, quando ouviu um barulho de sucção. Foi baixinho a princípio, pouco mais do que um suspiro, mas logo ficou mais alto. A fita havia sido passada e repassada no chão em camadas entrecruzadas e era forte como o diabo, porém estava se soltando assim mesmo. Só que devagar. Bom Deus, tão devagar.

Ela relaxou e respirou com força, o suor começando a brotar de sua testa, debaixo de seus braços, entre os seios. Ela queria repetir aquilo imediatamente, mas sua experiência ao correr na pista da Cleveland South lhe dizia que precisava esperar e deixar seu coração, que batia acelerado, escoar o ácido lático dos músculos. Sua próxima tentativa geraria menos força e seria menos bem-sucedida se não fizesse isso. Mas era difícil. Esperar era difícil. Ela não fazia

ideia de quanto tempo havia se passado. Tinha um relógio na parede — daqueles cuja armação imita raios de sol, feito de aço inox (como aparentemente tudo o mais naquela cozinha horrível e impessoal, exceto pela cadeira de bordo vermelho na qual ela estava sentada) —, mas ele havia parado às 9h15. Provavelmente era à bateria e ela acabara.

Ela tentou continuar parada contando até trinta (acrescentando um *adorável Maisie*[3] depois de cada número), mas só conseguiu aguentar até o 17. Então flexionou novamente os músculos, fazendo pressão para baixo com toda sua força. Desta vez, o barulho de sucção foi imediato e mais alto. Ela sentiu a cadeira começar a se *erguer*. Só um pouquinho, mas estava definitivamente subindo.

Uma dor quente e repentina brotou na sua panturrilha direita, enrijecendo-a. Por um instante, Em quase continuou fazendo força — o que estava em jogo não era pouca coisa, afinal, o que estava em jogo era sua *vida* —, mas então relaxou sob as amarras novamente, ofegante. E contando.

— *Um*, adorável Maisie. *Dois*, adorável Maisie. *Três*...

Pois ela provavelmente conseguiria arrancar a cadeira do chão apesar daquele enrijecimento de alerta. Tinha quase certeza de que sim. No entanto, se fizesse isso à custa de uma câimbra na panturrilha direita (já as tivera naquele lugar antes; algumas vezes, elas tinham vindo com tanta força que o músculo ficou parecendo de pedra em vez de carne), ela perderia mais tempo do que ganharia. E continuaria presa àquela porra de cadeira. *Colada* àquela porra de cadeira.

Ela sabia que o relógio na parede estava parado, mas olhou para ele assim mesmo. Ainda 9h15. Será que ele já havia chegado à ponte levadiça? Ela teve um súbito arroubo de esperança: Deke tocaria a buzina de alarme e isso o assustaria. Uma coisa dessas poderia acontecer? Ela achava que sim. Achava que Pickering era como uma hiena, perigoso apenas quando sabia que estava em vantagem. E, provavelmente, como uma hiena, era incapaz de se imaginar em outra situação.

Ela parou para ouvir. Escutou trovoadas, o barulho constante da chuva, mas não o som da buzina pneumática montada em cima da guarita da ponte levadiça.

Tentou arrancar a cadeira do chão novamente e por pouco não foi catapultada para cima do fogão quando se libertou quase no mesmo instante. Ela perdeu o equilíbrio, cambaleou e quase caiu para trás, recostando-se contra a ilha com tampo de fórmica para se apoiar. Seu coração batia tão rápido que ela não conseguia detectar as batidas individuais; parecia haver apenas um zumbido grave e constante no seu peito e no alto de seu pescoço, logo abaixo da

mandíbula. Se tivesse caído para trás, ela teria ficado como uma tartaruga deitada de costas. Não haveria a menor chance de conseguir se levantar outra vez.

Eu estou bem, pensou ela. *Isso não aconteceu*.

Não. Mas conseguia se ver caída ali do mesmo jeito, e com uma clareza infernal. Caída ali com apenas o rastro de sangue feito pelos cabelos de Nicole como companhia. Caída ali e esperando que Pickering voltasse para se divertir com ela antes de dar cabo da sua vida. E quando ele estaria de volta mesmo? Dali a sete minutos? Cinco? Três apenas?

Ela olhou para o relógio. Eram 9h15.

Encurvou-se do lado do balcão, ofegante, uma mulher em cujas costas havia crescido uma cadeira. A faca de açougueiro estava em cima do balcão, mas ela não conseguia alcançá-la com as mãos atadas aos braços da cadeira. Mesmo que pudesse apanhá-la, o que poderia fazer em seguida? Apenas ficar ali, encurvada, com a faca na mão. Não podia alcançar nada com ela, nada que pudesse cortar.

Ela olhou para o fogão e se perguntou se conseguiria acender uma das bocas. Se conseguisse fazer isso, então talvez...

Outra visão infernal lhe veio à mente: ela tentando queimar a fita e, em vez disso, o círculo de chamas ateando fogo em suas roupas. Não podia se arriscar. Se alguém lhe oferecesse comprimidos (ou até uma bala na cabeça) para escapar da possibilidade de estupro, tortura e morte — provavelmente lenta, precedida por mutilações indizíveis —, ela talvez acabasse superando a voz desaprovadora do pai (*Nunca desista, Emmy, sempre há coisas boas nos esperando depois de uma esquina ou outra*) e aceitando a oferta. Mas se arriscar a ter queimaduras de terceiro grau por toda a parte de cima do corpo? A ficar caída no chão, cozida e esperando Pickering voltar, *rezando* para ele voltar e acabar com a sua agonia?

Não. Ela não faria aquilo. Mas que opções lhe restavam? Conseguia sentir o tempo se esvaindo, se esvaindo. O relógio na parede ainda marcava 9h15, mas lhe parecia que a pancada de chuva tinha diminuído um pouco. A ideia a encheu de horror. Ela o afastou para longe. Entrar em pânico era morte certa.

Pegar a faca não dava e usar o fogão ela não podia. Que opções lhe restavam?

A resposta era óbvia. Restava a cadeira. Não havia nenhuma outra na cozinha, apenas três bancos altos como banquetas de bar. Imaginava que ele houvesse trazido aquela de uma sala de jantar que ela esperava jamais ver. Teria ele amarrado outras mulheres — outras “sobrinhas” — a cadeiras de bordo vermelho pesadas, cujo lugar certo era em volta de uma mesa de jantar? Talvez naquela mesma? Em seu coração, ela não tinha dúvidas de que sim. Ele confiara

nela mesmo sendo de madeira, em vez de metal. Se funcionou uma vez, iria funcionar de novo; tinha certeza de que ele pensava como uma hiena nesse sentido, também.

Ela teria que demolir a prisão que a encarcerava. Era a única saída, e havia apenas alguns minutos para isso.

— 7 —

Isso provavelmente vai doer.

Ela estava perto da ilha central, mas o balcão se projetava um pouco para frente, criando uma espécie de borda, e não lhe inspirava confiança. Ela não queria se mexer — não queria se arriscar a cair para trás e virar uma tartaruga —, mas queria se chocar contra uma superfície mais ampla do que aquela borda saliente. E então começou a andar em direção à geladeira, que também era de aço inox... e grande. Contra que outra superfície uma garota poderia querer se chocar?

Ela arrastou os pés pelo caminho com a cadeira amarrada às costas, bunda e pernas. Seu progresso era de uma lentidão torturante. Era como tentar andar com um caixão esquisito e justo ao corpo, colado atrás de si. E aquele *seria* o seu caixão, se ela caísse para trás. Ou se ela ainda estivesse batendo a cadeira em vão contra a porta da geladeira quando o homem da casa voltasse.

Em um momento, ela cambaleou e quase caiu — de cara —, e conseguiu manter o equilíbrio com o que pareceu pura força de vontade. A dor em sua panturrilha retornou, novamente ameaçando se tornar uma câimbra e deixar sua perna direita inútil. Ela recorreu à força de vontade para afastar aquilo também, fechando os olhos para tanto. Suor escorria do seu rosto, enxaguando lágrimas secas que ela não se lembrava de ter chorado.

Quanto tempo estava passando? Quanto? A chuva havia diminuído mais ainda. Logo, ela começaria a escutá-la gotejar em vez de cair. Talvez Deke estivesse oferecendo resistência. Talvez até guardasse uma arma na gaveta da sua mesa bagunçada e tivesse atirado em Pickering do jeito que você atira em um cão raivoso. Será que ela conseguiria escutar um tiro dali? Achava que não; o vento ainda estava soprando bem forte. Era mais provável que Pickering — vinte anos mais jovem que Deke e obviamente em boa forma — acabasse

arrancando das mãos de Deke qualquer arma que ele sacasse para usá-la contra o velho.

Ela tentou varrer todos esses pensamentos para longe, mas era difícil. Era difícil mesmo sabendo que eles eram inúteis. Ela arrastou os pés para frente com os olhos ainda fechados e o rosto pálido — inchado na boca — repuxado para baixo por conta do esforço. Um passinho de bebê, dois passinhos de bebê. *Posso dar outros seis passinhos de bebê?* Sim, pode. Porém, no quarto, seu joelho — dobrado quase como se estivesse agachada — bateu contra a porta da geladeira.

Em abriu os olhos, incapaz de crer que tinha feito mesmo aquele árduo safári em segurança — uma distância que uma pessoa desamarrada teria coberto em três passos normais, mas um safári para ela. Uma porra de uma *trilha*.

Não havia tempo a perder se parabenizando, e não só porque poderia ouvir a porta da frente do Bunker abrir a qualquer momento. Tinha outros problemas. Seus músculos estavam cansados e tremendo por tentarem andar numa posição quase sentada; ela se sentia como um amador fora de forma tentando alguma extravagante posição de ioga tântrico. Se não fizesse aquilo logo, não conseguiria fazer nunca. E se a cadeira fosse tão forte quanto parecia...

Mas ela afastou esse pensamento para longe.

— Isso provavelmente vai doer — falou ela, sem fôlego. — Você sabe disso, não sabe? — Ela sabia, mas achava que Pickering talvez tivesse coisas piores ainda em mente para ela.

— Por favor — disse, virando de lado para a geladeira, mostrando-lhe seu perfil. Se aquilo era rezar, ela imaginava que era para sua filha morta que estava rezando. — *Por favor* — repetiu ela, jogando o quadril para o lado, golpeando o parasita que trazia no corpo contra a porta da geladeira.

Ela ficou bastante surpresa quando a cadeira se libertou do chão imediatamente, quase a fazendo cair de cara no fogão, mas quase. Ouviu-se um estalo alto vindo da parte de trás, e o assento se inclinou para o lado debaixo dela. Somente as pernas continuavam firmes.

— Está *podre*! — exclamou ela para a cozinha vazia. — Esta porcaria está *podre*! — Talvez não exatamente, mas, Deus abençoe o clima da Flórida, sem dúvida não estava tão sólida quanto parecia. Até que enfim um pequeno golpe de sorte... e, se Pickering chegasse naquele instante, logo quando ela havia conseguido, Emily achou que seria capaz de enlouquecer.

Quanto tempo fazia agora? Há quanto tempo ele havia saído? Ela não tinha ideia. Sempre tivera um relógio bastante preciso na cabeça, mas àquela altura ele era tão inútil quanto o da parede. Era excepcionalmente terrível ter perdido de

forma tão completa a noção do tempo. Então ela se lembrou do seu relógio de pulso enorme e olhou para baixo, mas ele não estava lá. Havia apenas uma marca esbranquiçada em seu lugar. Ele deve tê-lo pegado.

Em quase se jogou de lado contra a geladeira outra vez, mas então teve uma ideia melhor. Seu traseiro já estava parcialmente livre do assento da cadeira, o que lhe dava mais margem de manobra. Ela tensionou as costas da mesma maneira que havia tensionado as coxas e as panturrilhas quando fez força para libertar a cadeira do chão e, dessa vez, quando sentiu uma dor de advertência lá embaixo, pouco acima da base da coluna, não relaxou nem esperou para recomeçar. Não achava que podia se dar ao luxo de esperar mais. Conseguia vê-lo retornando, correndo bem pelo meio da estrada deserta, seus pés produzindo borrifos d'água, a capa de chuva amarela esvoaçando. E, em uma das mãos, algum tipo de ferramenta. Uma chave de roda, talvez, que ele havia apanhado no porta-malas manchado de sangue do Mercedes.

Em espichou o corpo. A dor na base da coluna aumentou, assumindo uma intensidade cristalina. No entanto, ela conseguia ouvir o som da fita se desprendendo — não da cadeira, mas de sua própria superfície. Das várias camadas dela que se sobrepunham. Afrouxando. Afrouxar não era tão bom quanto soltar, mas ainda assim era bom. Dava-lhe mais margem de manobra ainda.

Ela jogou o quadril contra a geladeira novamente, soltando um gritinho de esforço. O impacto repercutiu pelo seu corpo. Dessa vez, a cadeira não cedeu. Estava presa às suas costas como uma concha. Ela jogou o quadril novamente, com mais força, gritando mais alto: uma mistura de ioga tântrico e dança sadomasô. Ouviu-se outro *craque* e, dessa vez, a cadeira se inclinou para a direita nas suas costas e quadril.

Ela se jogou para o lado de novo... e de novo... e de novo, girando sobre os quadris cada vez mais cansados e *descendo a pancada*. Ela perdeu a conta. Estava chorando novamente. A parte de trás de seu short se havia rasgado no meio. Ele deslizou para baixo, pendendo torto sobre um quadril, que por sua vez sangrava. Ela achava que uma farpa tinha entrado ali.

Então respirou fundo, tentando acalmar seu coração em disparada (pouca chance de sucesso) e atirou o próprio corpo e sua prisão de madeira contra a geladeira novamente, o mais forte que conseguiu. Dessa vez, ela finalmente acertou a alavanca do dispenser de gelo embutido, soltando cubos de gelo no chão ladrilhado como moedas de um caça-níquel. Mais uma vez a cadeira estalou, cedeu e, de repente, seu braço esquerdo estava livre. Em baixou os olhos

para ele, com uma expressão idiota de admiração no rosto. O braço da cadeira ainda estava preso ao seu antebraço, mas agora o corpo dela pendia torto daquele lado, atado ao de Em por tiras longas e cinza de fita adesiva. Era como estar presa numa teia de aranha. E é claro que ela estava: a aranha era aquele maluco desgraçado de bermuda cáqui e camisa de golfe. Ainda não estava livre, mas agora poderia usar a faca. Tudo o que precisava era arrastar os pés de volta até a ilha central e apanhá-la.

— Não pise nos cubos — ela se aconselhou com uma voz embargada. Soava, aos seus próprios ouvidos pelo menos, como uma universitária que tivesse estudado a ponto de um colapso nervoso. — Esta seria uma péssima hora para sair patinando.

Ela evitou o gelo, porém, quando se inclinou para pegar a faca, suas costas tensionadas demais soltaram um rangido de advertência. A cadeira, muito mais solta àquela altura, mas ainda presa ao meio do seu corpo por aqueles espartilhos de fita adesiva (e às suas pernas, também), se chocou contra a lateral da ilha. Ela não deu atenção. Conseguiu apanhar a faca com a mão esquerda recém-libertada e a usou para serrar a fita que prendia seu braço direito, respirando aos soluços e disparando olhadelas para a porta de vaivém entre a cozinha e o que quer que houvesse além dela — a sala de jantar ou o hall de entrada, imaginava; era por ali que ele tinha saído, e era por ali que provavelmente voltaria. Quando conseguiu libertar a mão direita, arrancou o pedaço quebrado da cadeira ainda preso ao braço esquerdo e o jogou no meio da ilha.

— Pare de olhar para ver se ele chega — disse ela a si mesma na cozinha cinza e penumbrosa. — Só faça o que tem que fazer. — Era um bom conselho, porém difícil de seguir quando você sabia que sua morte poderia entrar por aquela porta, e em breve.

Ela serrou a faixa de fita adesiva logo abaixo dos seios. Isso deveria ter sido feito sem pressa, com cuidado, mas ela não podia se dar ao luxo de ir devagar e se cortou várias vezes com a ponta da faca. Conseguia sentir o sangue se espalhando pela pele.

A faca era afiada. A má notícia nisso era aquele monte de pequenos cortes debaixo do seu esterno. A boa era que a fita adesiva se partiu sem muita resistência, camada após camada. Por fim, conseguiu cortá-la de cima a baixo e a cadeira se afastou um pouco mais das suas costas. Ela se pôs a trabalhar na faixa larga de fita ao redor da cintura. Agora podia se inclinar mais, e aquela parte foi mais rápido, causando menos dano ao seu corpo. Então, finalmente, cortou tudo e a cadeira caiu para trás. As pernas, no entanto, ainda estavam presas às suas, e

os pés de madeira se inclinaram de repente, enfiando-se na base das suas panturrilhas, onde os tendões de aquiles ficaram salientes como cabos logo abaixo da pele. A dor foi excruciante, e ela gemeu de agonia.

Em estendeu o braço para trás e usou a mão esquerda para puxar a cadeira de volta até as costas, aliviando aquela pressão terrível e penetrante. Era um ângulo ruim, totalmente errado para o braço, mas ela continuou a apertar a cadeira contra o corpo, arrastando os pés para dar meia-volta e ficar de frente para o fogão outra vez. Então se recostou, usando a ilha central para aliviar a pressão. Ofegante, chorando novamente (embora não notasse as lágrimas), ela se inclinou para frente e começou a serrar a fita que prendia seus tornozelos. Seus esforços tinham afrouxado aquelas faixas e as outras que prendiam a parte de baixo do seu corpo àquela porra de cadeira; consequentemente, o trabalho foi mais rápido e ela se cortou com menos frequência, embora tenha conseguido se infligir um talho considerável na panturrilha direita — como se alguma parte louca sua estivesse tentando puni-la por travar enquanto ela tentava arrancar a cadeira do chão.

Estava trabalhando nas fitas que prendiam seus joelhos — as últimas que restavam — quando ouviu a porta da frente abrir e fechar.

— Querida, cheguei! — gritou Pickering alegremente. — Sentiu minha falta?

Em congelou, curvada com o cabelo caído sobre o rosto, e precisou reunir cada migalha de sua força de vontade para voltar a se mexer. Já não havia tempo para *delicadeza*; ela enfiou a lâmina da faca de açougueiro debaixo da faixa de fita cinza que atava seu joelho direito, evitando por milagre enterrar a ponta na própria patela, e a puxou para cima com toda a força.

Vindo do hall, ouviu-se um *cluck* pesado, e ela soube que Pickering tinha acabado de girar uma chave numa fechadura — e das grandes, pelo barulho. Ele não queria ser interrompido, provavelmente achava que já tinha sofrido interrupções demais por um dia. Ele começou a descer o corredor. Devia estar usando tênis (ela não havia notado antes), pois dava para ouvi-los fazer “nhec-nhec” no chão.

Ele estava assobiando “Oh Susanna”.

A fita que prendia seu joelho direito se partiu, de cima a baixo, e a cadeira caiu para trás contra o balcão com estardalhaço, agora presa a ela somente pelo joelho esquerdo. Por um instante, os passos além da porta de vaivém — muito próximos àquela altura — pararam, e então dispararam numa corrida. Depois disso, tudo aconteceu muito, muito rápido.

Ele golpeou com as duas mãos a porta, que se escancarou com um baque alto; suas mãos ainda estavam estendidas para frente quando ele entrou correndo na cozinha. Estavam vazias — nenhum sinal da chave de roda que ela havia imaginado. As mangas da capa de chuva estavam arregaçadas até a metade dos seus braços e Em teve tempo de pensar: *Essa capa é pequena demais para você, seu babaca — qualquer esposa lhe diria isso, mas você não tem uma esposa, não é mesmo?*

O capuz da capa de chuva estava jogado para trás. Seu cabelo curto estava finalmente desgrenhado — *ligeiramente* desgrenhado; era curto demais para qualquer outra coisa —, e água de chuva escorria pelos lados de seu rosto e para dentro de seus olhos. Bastou um olhar para que ele assimilasse a situação e, aparentemente, entendesse tudo.

— *Sua puta insuportável!* — berrou ele, dando a volta correndo no balcão para agarrá-la.

Ela atacou com a faca de açougueiro. A lâmina foi parar entre o primeiro e o segundo dedo da mão direita espalmada, fazendo um talho profundo na parte de baixo do V. Sangue escorreu aos borbotões. Pickering gritou de dor e surpresa — em grande parte de surpresa, pensou ela. Hienas não esperam que suas vítimas se voltem cont...

Ele estendeu a mão esquerda e agarrou o punho dela, torcendo-o. Algo rangeu. Ou talvez estalou. De qualquer forma, a dor disparou pelo braço de Em, tão reluzente quanto um facho de luz. Ela tentou segurar a faca, mas não havia a menor chance. Ela saiu voando até o outro lado da cozinha e, quando ele soltou o pulso de Em, a mão direita dela caiu, os dedos abertos.

Ele veio para cima dela e Em o empurrou para trás, usando as duas mãos e ignorando o novo grito de dor do pulso deslocado. Foi apenas instinto. Sua mente racional lhe teria dito que empurrar não deteria aquele sujeito, mas sua mente racional estava encolhida de medo em um canto da sua cabeça, incapaz de fazer outra coisa senão torcer pelo melhor.

Ele era mais pesado, mas o traseiro dela estava pressionado contra a borda lascada da ilha central. Isso o fez sair cambaleando para trás com uma cara de espanto que teria sido cômica em outra situação e ir parar em cima de um cubo de gelo ou de um monte deles. Por um instante, pareceu um personagem de desenho animado — o Papa-Léguas, talvez — correndo no mesmo lugar para tentar se manter em pé. Então pisou em mais cubos de gelo (ela os viu girando e cintilando pelo chão), caiu pesadamente e bateu com a parte de trás da cabeça na geladeira recém-amassada.

Ele olhou para a própria mão ensanguentada. Então encarou Em.

— Você me *cortou* — disse ele. — Sua piranha, sua piranha idiota, olhe para isso, você me *cortou*. Por que fez isso?

Ele tentou se levantar, porém mais cubos de gelo saíram deslizando debaixo dele, fazendo-o cair de novo. Em seguida, girou sobre um dos joelhos, pretendendo se levantar naquela direção, e por um instante ficou virado de costas para ela. Em apanhou o braço esquerdo quebrado da cadeira de cima da ilha central. Tiras esfarrapadas de fita adesiva ainda pendiam dele. Pickering se levantou, virando-se na direção dela. Emily estava esperando. Ela golpeou a testa dele com o braço da cadeira usando as duas mãos — a direita não queria fechar, mas ela conseguiu. Algum tipo de atávico instinto de sobrevivência que havia nela se lembrou até de segurar o pedaço de bordo vermelho mais em cima, pois sabia que isso maximizaria a força, e força máxima seria bom. Era um braço de cadeira, afinal, não um taco de beisebol.

Ouviu-se um baque. Não tão alto quanto o da pancada que ele deu na porta de vaivém ao chegar, mas ainda assim alto o bastante, talvez porque a chuva tinha diminuído mais ainda. Por um instante, nada mais aconteceu. Então o sangue começou a escorrer do cabelo curto e por sobre a testa dele. Ela o fitou, dentro de seus olhos. Ele a fitou de volta com uma incompreensão estupefata no olhar.

— Não — falou ele debilmente, estendendo uma das mãos para tomar o braço da cadeira dela.

— Sim — disse ela. Então desferiu outro golpe, dessa vez de lado: uma tacada com as duas mãos, a direita desistindo e soltando o braço da cadeira no último instante, enquanto a esquerda o segurava firme. A ponta do braço, irregular onde havia se quebrado, com farpas saltando para fora, acertou com violência a têmpora direita de Pickering. Dessa vez, o sangue jorrou imediatamente à medida que sua cabeça era jogada para o lado, até o ombro esquerdo. Gotas brilhantes correram-lhe pela face e respingaram no azulejo cinza.

— Pare — disse ele com a voz arrastada, arranhando o ar com uma das mãos. Ele parecia um homem pedindo socorro enquanto se afoga.

— Não — disse ela, fazendo o braço descer sobre a cabeça dele mais uma vez.

Pickering gritou e cambaleou para longe dela, encurvado e com a cabeça encolhida, tentando colocar a ilha central entre os dois. Ele pisou em mais cubos de gelo e escorregou, mas dessa vez conseguiu se manter em pé. Por pura sorte, ela teve que acreditar, pois era para ele estar de qualquer jeito, menos de pé.

Por um instante, ela quase o deixou fugir, achando que ele sairia correndo pela porta de vaivém. Era o que ela teria feito, inclusive. Mas então seu pai falou, com muita calma, dentro da sua cabeça: "*Ele está indo pegar a faca, querida.*"

— *Não* — disse ela, dessa vez com um rosnado. — Mas não vai *mesmo*.

Ela tentou dar a volta correndo até o outro lado da ilha e chegar antes dele, mas não podia correr, não enquanto estivesse arrastando os restos despedaçados da cadeira às suas costas como uma bola na porra de uma corrente — ela ainda estava presa ao seu joelho esquerdo. A cadeira bateu na ilha, deu-lhe uma pancada na bunda e tentou se enfiar entre as suas pernas e derrubá-la. Parecia estar do lado *dele*, e ela ficou feliz por tê-la quebrado.

Pickering alcançou a faca — estava caída contra a parte de baixo da porta de vaivém — e se jogou em cima dela como um jogador de futebol americano sobre uma bola. Ele soltava chiados guturais do fundo da garganta. Em o alcançou no instante em que ele começou a se virar. Ela o golpeou com o braço da cadeira sem parar, aos gritos, sabendo em alguma parte da mente que ele não era pesado o suficiente e que ela não estava gerando nem de longe a quantidade de força que *queria* gerar. Conseguia ver o punho direito, já começando a inchar, tentando enfrentar o abuso a que havia sido submetido como se quisesse simplesmente sobreviver àquele dia.

Pickering caiu sobre a faca e ficou parado. Ela se afastou um pouco, sem fôlego, aqueles pequenos cometas brancos voando novamente pelo seu campo de visão.

Homens falavam em sua mente. Isso não era incomum no caso dela, e nem sempre era desagradável. Às vezes, mas nem sempre.

Henry: *Pegue aquela maldita faca e enfie bem no meio das escápulas dele.*

Rusty: *Não, querida. Não chegue perto dele. É isso que ele está esperando. Está se fingindo de morto.*

Henry: *Ou na nuca dele. É um bom lugar, também. No pescoço fedorento dele.*

Rusty: *Colocar a mão embaixo dele seria o mesmo que enfiá-la em uma enfardadeira de feno, Emmy. Você tem duas escolhas. Matá-lo de pancada...*

Henry, soando relutante, porém convencido: "*... ou correr.*"

Bem, talvez. E talvez não.

Havia uma gaveta daquele lado da ilha. Ela a abriu com força, torcendo para encontrar outra faca — *várias* delas: facas de trinchar, de fatiar, de bife, facas de pão com serra. Ficaria satisfeita até com uma droga de uma faca de *manteiga*.

Mas o que ela viu foi basicamente uma série de utensílios de cozinha chiques de plástico preto: uma espátula, uma concha e uma daquelas colheres de servir grandes e cheias de buracos. Havia algumas outras quinquilharias, porém a coisa de aparência mais perigosa em que ela bateu o olho foi um descascador de batatas.

— Preste atenção — disse ela. Sua voz saiu rouca, quase gutural. Sua garganta estava seca. — Não quero te matar, mas vou fazer isso se você não me der escolha. Estou com um garfo de carne na mão. Se você tentar se virar, vou enfiá-lo na sua nuca e só vou parar quando ele sair pela frente.

Ele acreditou naquilo? Essa era a questão. Ela tinha certeza de que ele havia sumido de propósito com todas as facas, exceto a que estava embaixo dele, mas como saberia ao certo que se livrara de todos os outros objetos pontiagudos? A maioria dos homens não faz ideia do que existe nas gavetas de suas cozinhas — ela sabia disso por ter vivido com Henry e, antes dele, com seu pai —, mas Pickering não era como a maioria dos homens, e aquela não era como a maioria das cozinhas. Ela imaginava que estivesse mais para uma sala de operações. Ainda assim, considerando como ele estava grogue (*estava* mesmo?) e como sem dúvida acreditava que um lapso de memória poderia significar sua morte, ela achou que o blefe poderia colar. Porém, havia outra pergunta: será que ele estava ao menos escutando? Ou entendendo o que ela dizia se estivesse? Um blefe não tem como funcionar se a pessoa com a qual você está tentando blefar não compreende o que está em jogo.

Mas ela não iria ficar ali discutindo. Essa seria a pior coisa que poderia fazer. Então se agachou, sem nunca tirar os olhos de Pickering, e enganchou os dedos debaixo da última tira de fita adesiva que ainda a prendia à cadeira. Àquela altura, os dedos da sua mão direita estavam ainda menos dispostos a trabalhar, mas ela os obrigou. E sua pele encharcada de suor serviu de ajuda. Ela empurrou os dedos de baixo para cima e a fita começou a se soltar com outro som antipático de coisa se rasgando. Imaginou que aquilo fosse doer, que fosse deixar uma marca de um vermelho vivo ao longo da sua patela (por algum motivo, a palavra *Júpiter* flutuou de forma aleatória pela sua mente), mas ela já estava muito além de sentir essas coisas. A fita se soltou de uma vez só e deslizou até seu tornozelo, amarrotada, retorcida e colando sobre si mesma. Em balançou o pé para se livrar dela e se afastou para trás, livre. Sua cabeça latejava, de exaustão ou por conta do golpe que havia levado enquanto olhava para a garota morta na mala do Mercedes dele.

— Nicole — falou ela. — O nome dela era Nicole.

Dizer o nome da garota morta pareceu trazer Em um pouco de volta a si. Agora, a ideia de tentar pegar a faca de açougueiro debaixo dele parecia uma loucura. A parte dela que às vezes falava com a voz do pai tinha razão — o simples fato de continuar no mesmo cômodo que Pickering era abusar da própria sorte. Restava então fugir. E mais nada.

— Estou indo embora agora — disse ela. — Está me ouvindo?

Ele não se moveu.

— Estou com o garfo de carne. Se vier atrás de mim, vou furar você com ele. Vou... vou arrancar seus olhos fora. É melhor ficar exatamente onde está. Entendeu?

Ele não se moveu.

Emily se afastou dele andando de costas, então se virou e saiu pela porta do lado oposto da cozinha. Ainda segurava o braço de cadeira cheio de sangue.

— 8 —

Havia uma fotografia na parede ao lado da cama.

Do outro lado da porta ficava a sala de jantar. Havia uma mesa longa com tampo de vidro. Em volta dela, viam-se sete cadeiras de bordo vermelho. O local da oitava estava vazio. Obviamente. Enquanto analisava o lugar vago na ponta "materna" da mesa, uma lembrança lhe voltou à mente: sangue brotando na forma de uma pérola minúscula no canto da sua vista enquanto Pickering dizia: *Ok, está bem, ok*. Ele havia acreditado quando Em disse que somente Deke poderia saber que ela talvez estivesse no Bunker, então jogou a faquinha — a faquinha de Nicole, conforme ela pensara naquele instante — dentro da pia.

Então sempre houvera uma faca com a qual ameaçá-lo. E ainda estava lá. Dentro da pia. Mas ela não voltaria lá para dentro. De jeito nenhum.

Ela atravessou a sala e percorreu um corredor com cinco portas, duas em cada lado e uma no final. As primeiras duas pelas quais passou estavam abertas; um banheiro à esquerda e uma lavanderia à direita. A máquina de lavar era do tipo que você enchia por cima, e a tampa estava aberta. Havia uma caixa de sabão em pó na prateleira ao lado. Uma blusa manchada de sangue pendia da abertura, metade fora e metade dentro da máquina. A blusa de Nicole, Emily suspeitava,

embora não pudesse ter certeza. E se *fosse* dela, por que Pickering iria querer lavá-la? Lavar não tiraria os buracos das facadas. Emily se lembrava de achar que tinham sido dezenas delas, embora aquilo certamente não fosse possível. Ou era?

Ela pensava que sim, na verdade: Pickering em um frenesi.

Ela abriu a porta depois do banheiro e se deparou com um quarto de hóspedes. Não passava de um caixote escuro e estéril estrelando uma cama *king size* arrumada de forma tão rigorosa que sem dúvida dava para fazer uma moeda quicar na colcha. Uma empregada teria feito aquela cama? *Nossa vistoria mostra que não,* pensou Em, *nenhuma empregada jamais colocou o pé nesta casa. Apenas "sobrinhas"*.

A porta em frente ao quarto de hóspedes dava para um escritório. Era exatamente tão estéril quanto o quarto do outro lado do corredor. Havia dois gaveteiros de arquivo em um canto. Havia uma mesa grande com nada nela além de um computador da Dell protegido por uma capa transparente antipoeira. O chão era de tábuas de carvalho lisas. Não havia tapete. Não havia quadros na parede. A única janela grande estava com as persianas fechadas, permitindo a entrada de alguns poucos raios de luz fracos. Como o quarto de hóspedes, aquele lugar parecia sombrio e abandonado.

Ele nunca trabalhou aqui dentro, pensou ela, sabendo que isso era verdade. Era uma encenação. A casa inteira era, incluindo o cômodo da qual ela escapara — o que parecia uma cozinha, mas na verdade era uma sala de operações, com direito a balcões e pisos fáceis de limpar.

A porta ao final do corredor estava fechada, e, à medida que se aproximava, ela sabia que estaria trancada a chave. Ela ficaria presa no final daquela passagem se ele chegasse ali vindo da cozinha e da sala de jantar. Presa sem ter para onde correr e, naqueles dias, correr era a única coisa em que ela era boa, a única coisa para que ela *servia*.

Ela puxou o short para cima — ele parecia estar flutuando ao redor dela, com a costura de trás rasgada ao meio — e agarrou a maçaneta. Estava tão tomada pela premonição que, por um instante, não pôde acreditar quando ela girou entre os seus dedos. Ela abriu a porta e entrou no que só podia ser o quarto de Pickering. Era quase tão estéril quanto o quarto de hóspedes, mas nem tanto. Para começar, havia dois travesseiros em vez de um só, e a colcha (que parecia irmã gêmea da que havia no quarto de hóspedes) havia sido dobrada para trás em um triângulo perfeito, pronta para oferecer ao dono o conforto de lençóis limpos depois de um longo dia de trabalho. E havia um carpete no chão. Um negócio

vagabundo de náilon, mas que ia de parede a parede. Henry sem dúvida o teria chamado de “carpete de liquidação”, mas combinava com as paredes azuis e fazia o quarto parecer menos nu do que os outros. Havia também uma mesa pequena — parecia uma daquelas velhas carteiras escolares — e uma cadeira simples de madeira. E, embora aquelas fossem acomodações bem pequenas se comparadas à estrutura do escritório, com sua janela grande (e infelizmente fechada com persianas) e computador caro, Em tinha a impressão de que aquela mesa havia sido *usada*. Que Pickering se sentara ali, escrevendo com letras cursivas, inclinado sobre a carteira como uma criança em uma sala de aula do interior. Escrevendo coisas nas quais ela preferia não pensar.

A janela ali também era grande. E, ao contrário das janelas do escritório e do quarto de hóspedes, não estava fechada com persianas. Antes que Em pudesse olhar para fora e ver o que havia além dela, uma fotografia na parede ao lado da cama chamou sua atenção. Não estava pendurada e certamente não emoldurada, apenas presa ali por uma tachinha. Havia outros buraquinhos na parede à sua volta, como se outras fotografias tivessem sido afixadas ali no decorrer dos anos. Aquela era uma foto colorida com a data 19-04-2007 impressa no canto direito. Fora tirada com uma máquina antiga — e não com uma digital, pela aparência do papel — e por alguém que não tinha muito jeito para fotografia. Por outro lado, talvez o fotógrafo estivesse entusiasmado. Da maneira como as hienas devem se entusiasmar, imaginou ela, quando chega o pôr do sol, trazendo a iminência de novas presas. Estava sem foco, como se tivesse sido tirada com uma teleobjetiva, e a pessoa retratada não estava no meio do quadro. Tratava-se de uma jovem de pernas longas, usando uma bermuda jeans e um top que dizia BEER O’CLOCK BAR. Estava com uma bandeja equilibrada na mão esquerda, como uma garçonete em um bom e velho quadro de Norman Rockwell. Ela estava rindo. Seus cabelos eram loiros. Em não podia ter certeza de que era Nicole, não se baseando naquela fotografia borrada e nos poucos segundos chocados que passara olhando para o cadáver da garota no porta-malas do Mercedes... mas *tinha* certeza. Seu coração tinha.

Rusty: “*Não tem importância, querida. Você precisa sair daqui. Tem que arranjar espaço para correr.*”

E, como se quisesse provar isso, a porta entre a cozinha e a sala de jantar se abriu com um baque — quase forte o bastante para arrancá-la das dobradiças, pelo som.

Não, pensou ela. A região da cintura dela perdeu toda e qualquer sensibilidade. Não achava que tinha se molhado de novo, mas não teria como

saber se tivesse. *Não, não pode ser*.

— Tá a fim de brincar pesado? — gritou Pickering. Sua voz parecia confusa e animada. — Ok, eu posso brincar assim. Pode crer. Não tem problema. É disso que você tá a fim? Então fique tranquila. É o que o papai aqui vai te dar.

Vindo. Atravessando a sala de jantar. Ela ouviu um baque seguido de uma barulheira quando ele topou em outra cadeira (talvez a que ficava na extremidade "paterna" da mesa) e a empurrou para longe. O mundo se afastou dela, ficando cinza embora aquele quarto estivesse relativamente iluminado agora que a tempestade estava estiando.

Ela fincou os dentes no lábio inferior. Isso fez um novo filete de sangue escorrer pelo seu queixo, mas também devolveu a cor e a realidade ao mundo. Ela bateu a porta e tateou em busca da fechadura. Não *havia* fechadura. Então olhou em volta e vislumbrou a humilde cadeira de madeira diante da humilde mesa de madeira. Enquanto Pickering passava numa corrida cambaleante pela lavanderia e pelo escritório — e estaria ele com a faca de açougueiro em uma das mãos? É claro que estava —, ela apanhou a cadeira, colocou-a debaixo da maçaneta e a inclinou. Apenas um segundo depois, ele bateu na porta com as duas mãos.

Ela pensou que, se aquele chão também fosse de tábuas de carvalho, a cadeira teria deslizado para longe como um disco de *shuffleboard*. Talvez ela a tivesse pegado para mantê-lo longe: Em, a Destemida Domadora de Leões. Se bem que duvidava disso. De qualquer forma, tinha aquele carpete ali. Um negócio vagabundo de náilon, porém espesso — pelo menos isso ele tinha de bom. As pernas inclinadas da cadeira se afundaram no carpete e aguentaram firme, embora ela tenha notado uma ondulação nele.

Pickering rugiu e começou a esmurrar a porta com os punhos cerrados. Ela torceu para ele ainda estar segurando a faca enquanto fazia isso; talvez acabasse cortando a própria garganta sem querer.

— Abra esta porta! — gritou ele. — Abra! Você só está piorando as coisas para o seu lado!

Como se eu pudesse, pensou Emily, afastando-se para trás. E olhando ao redor. E agora? A janela? O que mais? Havia apenas uma porta, então teria que ser a janela.

— Você está me deixando maluco, Lady Jane!

Não, você já era maluco. De pedra.

Em conseguia ver que a janela era uma especialidade da Flórida, o tipo feito só para dar vista, não para ser aberta. Por causa do ar-condicionado. Então, qual

era a próxima alternativa? Atravessar o vidro como Clint Eastwood em um bang-bang à italiana? Parecia possível — e era certamente o tipo de coisa que a atraía quando criança —, mas agora tinha a impressão de que se cortaria em pedacinhos se tentasse. Clint Eastwood, The Rock e Steven Seagal tinham dublês em seus lugares quando o assunto era filmar aquelas velhas sequências de "varar a janela do *saloon*". E os dublês, por sua vez, tinham a favor *deles* vidros especiais.

Ela escutou o barulho veloz de passadas à medida que ele primeiro voltava e depois corria em direção à porta mais uma vez. Era uma porta pesada, mas Pickering não estava de brincadeira, de modo que ela tremeu no batente. Dessa vez, a cadeira foi jogada para a frente uns 3 ou 5 centímetros antes de segurar a porta. E pior, ela viu aquela ondulação no carpete outra vez e escutou um som de algo se rasgando não muito diferente do que a fita adesiva fizera ao se soltar. O vigor dele era impressionante para alguém que tinha sido espancado na cabeça e nos ombros com um pedaço maciço de bordo vermelho, mas é claro que ele era ao mesmo tempo louco e são o bastante para saber que, se ela saísse daquela, ele não sairia. Ela imaginava que essa fosse uma grande motivação.

Eu deveria ter usado a porra da cadeira toda nele, pensou ela.

— Tá a fim de brincar? — falou ele, ofegante. — *Eu* brinco. Sem problema. Pode apostar seu rabo. Mas você está no meu *playground*, sacou? E lá... vou... *eu*! — Ele se chocou contra a porta novamente. Ela vergou no próprio batente, as dobradiças frouxas àquela altura, e a cadeira saltou para trás mais 5 ou 8 centímetros. Em conseguia ver desenhos escuros em forma de lágrima entre as pernas inclinadas e a porta: rasgões no carpete barato.

Teria que ser pela janela afora, então. Já que era para morrer sangrando de só Deus sabia quantos cortes, preferia infligi-los ela mesma. Talvez... se ela se envolvesse na colcha...

E então ela bateu os olhos na mesinha.

— Sr. Pickering! — gritou ela, agarrando a mesa pelas laterais. — Espere! Quero fazer um acordo com você.

— Não faço acordo com vadias, entendeu? — disse ele com petulância, mas havia parado por um instante, talvez para recuperar o fôlego, e isso lhe deu tempo. Tempo era tudo o que ela queria. Tempo era a única coisa que poderia conseguir dele; não precisava ouvir da sua boca que ele não era o tipo de homem que fazia acordos com vadias. — Qual é o seu grande plano? Conte para o papai Jim.

No momento, a mesa era o seu plano. Ela a levantou, quase certa de que a base das suas costas cansadas simplesmente estouraria como um balão. A mesa, no entanto, era leve e ficou mais ainda quando várias pilhas do que pareciam cadernos de prova azuis presos com elástico caíram lá de dentro.

— O que você está fazendo? — perguntou ele com rispidez, e então: — Não faça isso!

Ela correu até a janela, então se deteve e atirou a mesa. O barulho do vidro se quebrando foi enorme. Sem parar para pensar ou olhar — pensar não adiantaria nada àquela altura, e olhar só serviria para assustá-la se a queda fosse alta —, ela puxou a colcha da cama.

Pickering se chocou contra a porta novamente e, embora a cadeira a tenha segurado mais uma vez (ela sabia que sim; se não tivesse aguentado o tranco ele estaria atravessando correndo o quarto para tentar agarrá-la), algo produziu um estalo alto de madeira.

Em se envolveu na colcha do queixo aos pés, parecendo por um instante uma índia prestes a encarar uma nevasca em um quadro de N. C. Wyeth. Então saltou pelo buraco irregular na janela na mesma hora em que a porta se quebrou e abriu às suas costas. Várias pontas de vidro que se projetavam da armação cortaram a colcha, mas nenhuma delas machucou Em.

— *Ah, sua puta insuportável de merda!* — gritou Pickering atrás dela, *colado* atrás dela, e então Em estava no ar.

— 9 —

A gravidade é a mãe de todos.

Ela havia sido uma moleca quando criança, preferindo brincadeiras de menino (a melhor delas era chamada simplesmente de Revólver) no bosque atrás da sua casa no interior de Chicago a ficar perdendo tempo com Barbie e Ken na varanda da frente. Usava sempre jeans reforçado e tênis, seu cabelo penteado para trás e preso em um rabo de cavalo. Ela e Becka, sua melhor amiga, assistiam a filmes antigos do Eastwood e do Schwarzenegger na tevê em vez de os seriados das irmãs Olsen e, quando viam *Scooby-Doo*, se identificavam com o cachorro e não com a Velma ou a Daphne. Quando cursavam o fundamental,

durante dois anos o lanche delas foi Biscoitos Scooby.

E elas subiam em árvores, é claro. Emily se lembrava de ter passado o que parecia um verão inteiro com Becka nas árvores dos seus respectivos quintais. Deviam ter uns 9 anos de idade naquela época. Além de seu pai ensinando-a a cair, a única coisa de que Em se lembrava com clareza sobre aquele verão de subir em árvores era de sua mãe colocando algum tipo de creme branco em seu nariz todas as manhãs e dizendo "*Não me vá tirar isso, Emmy!"* em seu tom de voz "me obedeça ou morra".

Um dia, Becka perdeu o equilíbrio e chegou muito perto de cair de uma altura de 4,5 metros até o gramado dos Jackson (talvez fossem apenas 3 metros, mas na época havia parecido uns oito para elas... ou até 15). Ela se salvou agarrando-se em um galho, mas então ficou ali, esperando ajuda.

Rusty estava cortando a grama. Ele foi andando até lá — sim, andando; chegou até a desligar o cortador Briggs & Stratton primeiro — e estendeu os braços. "Pode largar", disse. Então Becka, que havia deixado de acreditar em Papai Noel apenas dois anos antes e ainda confiava de forma sublime nas pessoas, largou. Rusty a apanhou com facilidade, então mandou Em descer da árvore. Ele fez as duas garotas se sentarem na base do tronco. Becka chorava um pouco e Em estava com medo — principalmente de que subir em árvores se tornasse algo *proibido*, como ir até a loja da esquina depois das sete da noite.

Rusty não as proibiu (a mãe de Emily, no entanto, teria proibido se estivesse olhando pela janela da cozinha na hora). O que ele fez foi ensiná-las a cair. E então elas praticaram por quase uma hora.

Que dia legal tinha sido aquele.

Quando atravessou a janela, Emily viu que uma baita distância a separava do pátio pavimentado lá embaixo. Talvez fossem apenas 3 metros, mas pareceram uns oito enquanto ela caia com a colcha esfarrapada esvoaçando ao seu redor. Ou 15.

Deixem seus joelhos recuarem, Rusty lhes dissera 16 ou 17 anos atrás, durante o Verão de Subir em Árvores, também conhecido como o Verão do Nariz Branco. *Não peçam que eles recebam o impacto. Eles vão fazer isso — em noventa por cento dos casos; se a queda não for de muito alto, é o que vão fazer —, mas vocês podem acabar quebrando algum osso. O quadril, uma perna ou um tornozelo. Mais provavelmente um tornozelo. Lembrem-se de que a*

gravidade é a mãe de todos. Entreguem-se a ela. Permitam que ela abrace vocês. Deixem seus joelhos recuarem, então se encolham e rolem no chão.

Em caiu sobre as lajotas espanholas vermelhas e deixou seus joelhos recuarem. Ao mesmo tempo, ela olhou por cima do ombro para o ar, jogando seu peso para a esquerda. Então encolheu a cabeça e rolou. Não houve dor — pelo menos não *imediata* —, mas um choque imenso a atravessou, como se seu corpo tivesse se tornado um poço vazio e alguém tivesse largado um móvel enorme bem no meio dele. Porém, ela evitou que sua cabeça batesse nas lajotas. E achava que não tinha quebrado nenhuma das pernas, embora só fosse ter a confirmação depois de se levantar.

Ela bateu em uma mesa de metal com força suficiente para derrubá-la. Então se levantou, sem saber bem se o seu corpo estava intacto o bastante para isso até fazê-lo. Ela olhou para cima e viu Pickering olhando pela janela quebrada. Seu rosto estava retorcido em uma careta e ele estava brandindo a faca.

— *Pare!* — gritou ele. — Pare de fugir e *fique quieta*!

Até parece, pensou Em. Os resquícios da chuva daquela tarde haviam se transformado em uma neblina que salpicava seu rosto virado para cima de orvalho. Era uma sensação divina. Ela lhe mostrou o dedo médio, então o balançou para dar mais efeito.

Pickering urrou:

— *Não me mostre o dedo, sua puta!* — Em seguida, jogou a faca contra ela. Errou de longe. Ela bateu nas lajotas com um som metálico e saiu deslizando para baixo da grelha a gás em dois pedaços, lâmina e cabo. Quando ela voltou a olhar para cima, a janela estilhaçada estava vazia.

A voz de seu pai lhe disse que Pickering estava vindo, mas Em mal precisava dessa atualização. Ela foi até a beirada do pátio — andando com firmeza, sem mancar, embora suspeitasse que aquilo fosse por conta da descarga de adrenalina — e olhou para baixo. Um mísero metro até a areia e as aveias do mar. Um pulinho comparado à queda à qual havia acabado de sobreviver. Para além do pátio se estendia a praia, onde ela tinha dado tantas corridas matinais.

Ela olhou na direção oposta, para a estrada, mas essa não era uma boa opção. O muro de concreto feio era alto demais. E Pickering estava vindo. É claro que estava.

Ela apoiou uma das mãos sobre a faixa de tijolos ornamentais e então se deixou cair até a areia. Aveias do mar pinicaram suas coxas. Ela subiu correndo a duna entre o Bunker e a praia, segurando o short arruinado e olhando várias vezes por sobre o ombro. Nada... ainda nada... e então Pickering irrompeu no

pátio pela porta dos fundos, gritando para ela parar exatamente onde estava. Havia se livrado da capa de chuva amarela e tinha apanhado algum outro objeto pontiagudo. Ele o brandia com a mão esquerda enquanto atravessava correndo a passarela que dava no pátio. Ela não conseguia ver o que era, nem queria. Não o queria tão perto.

Ela poderia vencê-lo na corrida. Algo na sua maneira de correr dizia que ele seria rápido por algum tempo e depois cansaria, por mais que sua loucura e seu medo de ser descoberto o impulsionassem.

Ela pensou: *É como se eu estivesse treinando para isso desde o começo.*

Ainda assim, por pouco ela não cometeu um erro fatal quando chegou à praia, quase virando na direção sul. Isso a teria levado até o final de Vermillion Key dali a menos de meio quilômetro. É claro que poderia chamar quem estivesse na guarita da ponte levadiça ao chegar lá (gritar a plenos pulmões por socorro, na verdade), mas se Pickering tivesse feito algo a Deke Hollis — e ela temia que fosse o caso —, ela estaria frita. Talvez houvesse algum barco de passagem para o qual pudesse gritar, mas ela desconfiava que Pickering já estivesse totalmente fora de controle; àquela altura ele provavelmente estava disposto a matá-la a facadas no palco do Radio City Music Hall com as Rockettes por testemunha.

Então ela se virou na direção norte, onde pouco mais de 3 quilômetros de praia vazia se estendia entre ela e o Grass Shack. Ela tirou os tênis e começou a correr.

— 10 —

O que ela não havia esperado era a beleza.

Não era a primeira vez que ela precisava correr na praia depois de uma daquelas tempestades vespertinas breves, porém poderosas, e a sensação da umidade se acumulando no rosto e nos braços lhe era familiar. Assim como o barulho amplificado da arrebentação (a maré estava enchendo agora, transformando a praia numa faixa estreita de areia) e os cheiros amplificados no ar: sal, algas, flores e até madeira molhada. Ela havia esperado sentir medo — como imaginava que soldados em combate sentissem durante missões difíceis que geralmente (mas nem sempre) acabavam dando certo. O que ela não havia

esperado era a beleza.

A neblina tinha chegado do golfo. A água era um fantasma verde opaco, erguendo-se em direção ao litoral através da brancura. Devia estar cheio de peixes ali, pois parecia mais um *self-service* para pelicanos com tudo liberado. Ela via a maior parte deles como sombras projetadas, dobrando as asas e mergulhando em direção à água. Alguns outros oscilavam para cima e para baixo nas ondas mais próximas da areia, parecendo mortos como espantalhos, mas de olho nela. Mais além, à sua esquerda, o sol era uma pequena moeda alaranjada que espreitava sem brilho.

Ela temia sentir câimbra na panturrilha novamente — se isso acontecesse, seria o fim, estaria acabada. No entanto, sua panturrilha estava acostumada com aquilo e parecia relaxada o bastante, embora um pouco aquecida demais. A base das costas de Em era mais preocupante, transmitindo uma pontada a cada três ou quatro passos e enviando um lampejo de dor mais forte aproximadamente a cada duas dúzias. Mas Em falava com ela em sua cabeça, paparicando-a, prometendo-lhe banhos quentes e shiatsu quando aquilo acabasse e a criatura selvagem atrás dela estivesse encarcerada com segurança na prisão do condado de Collier. Pareceu funcionar. Ou isso, ou correr já era em si uma espécie de massagem. Tinha seus motivos para acreditar que era o segundo caso.

Pickering berrou mais duas vezes para que ela parasse, então ficou em silêncio, poupando seu fôlego para a perseguição. Ela olhou para trás e achou que ele estava a pouco mais de 60 metros de distância, sua camisa polo vermelha a única coisa que se destacava naquele fim de tarde nebuloso. Olhou novamente e ele estava mais nítido; conseguia ver sua bermuda cáqui manchada de sangue. A uns 40, 50 metros de distância. Porém ofegante. Bom. Ofegante era bom.

Emily saltou por sobre um amontoado de madeiras trazidas pela maré e seu short escorregou para baixo, ameaçando atrapalhar suas pernas ou até mesmo fazê-la tropeçar. Não tinha tempo para parar e tirá-los, então os puxou para cima com violência, desejando que houvesse um cordão que pudesse puxar, talvez até prender entre os próprios dentes.

Ouviu-se um berro vindo de trás dela e ela achou que, além de fúria, havia medo nele. Era como se Pickering estivesse finalmente percebendo que aquilo não sairia do jeito que ele esperava. Ela se arriscou a olhar para trás mais uma vez, torcendo, e sua torcida não foi em vão. Ele havia tropeçado nas madeiras sobre as quais ela saltara e caído de joelhos. Sua nova arma jazia diante dele, formando um X na areia. Uma tesoura, então. Uma tesoura de cozinha. Do tipo

que cozinheiros usam para partir cartilagens e ossos. Ele a apanhou de volta e se levantou atabalhoado.

Emily continuou correndo, aumentado sua velocidade de pouquinho em pouquinho. Não tinha planejado fazer isso, mas tampouco achava que seu corpo estivesse assumindo o controle. Havia algo entre corpo e mente, alguma interface. Era essa parte sua que estava no comando, e Em deixou que ela o assumisse. Aquela parte queria que ela aumentasse o ritmo aos poucos, de forma quase sutil, para que o animal às suas costas não percebesse o que ela estava fazendo. Aquela parte queria atiçar Pickering a aumentar sua própria velocidade para tentar acompanhar o ritmo dela, talvez até encurtar um pouco a distância. Aquela parte queria cansá-lo e exauri-lo. Aquela parte queria ouvir a respiração dele ofegando e chiando. Talvez até tossindo, se ele fosse fumante (embora isso parecesse esperar demais). Então ela passaria para sua velocidade máxima, que até então havia usado raras vezes; aquela velocidade sempre lhe pareceu brincar com a sorte, de alguma forma — como usar asas de cera em um dia ensolarado. Porém, ela já não tinha mais escolha. E, se em algum momento brincara com a sorte, tinha sido quando se desviou para bisbilhotar o pátio pavimentado do Bunker para começo de conversa.

E que escolha eu tive, depois que vi os cabelos dela? Talvez tenha sido a sorte que brincou comigo.

Ela continuou correndo, seus pés deixando pegadas na areia pelo caminho. Olhou para trás e viu que Pickering estava a uns 30 e tantos metros de distância, mas 30 e tantos estava bom. Pela maneira como seu rosto estava vermelho e contorcido, 30 e tantos estava ótimo.

Na direção oeste e bem acima da sua cabeça, as nuvens se rasgaram com uma rapidez tropical, iluminando instantaneamente a neblina, que passou de um cinza sombrio para um branco ofuscante. Nesgas de sol salpicavam a praia de pontos de luz; Em entrava e saia deles com uma só passada, sentindo a temperatura subir com o retorno da umidade e então cair de volta quando a neblina a envolvia novamente. Era como passar correndo pela entrada de uma lavanderia em um dia frio. À sua frente, o azul nebuloso se abriu em um longo olho de gato. Um duplo arco-íris saltou para cima de dentro dele, cada cor sua reluzente e nítida. As pernas voltadas para o oeste mergulharam na neblina que se desmanchava e imergiram na água; as que desciam numa curva em direção ao continente desapareceram em meio às palmeiras e aos lustrosos paus de viola.

O pé direito de Em bateu de raspão no tornozelo esquerdo e ela tropeçou. Por um instante, esteve prestes a cair, mas então recuperou o equilíbrio. Porém,

agora ele estava a apenas 25, 30 metros de distância — e 25, 30 metros era perto demais. Chega de olhar para os arco-íris. Se não desse um jeito naquilo, eles seriam os últimos que ela veria na vida.

Ela voltou a olhar para frente e havia um homem ali, com os pés enfiados até os tornozelos na arrebentação e olhando para eles. Ele usava apenas uma bermuda jeans cortada e um lenço de pescoço vermelho encharcado. Sua pele era marrom; seus cabelos e olhos, pretos. Ele era baixinho, mas seu corpo era perfeito. Ele saiu andando da água e ela pôde ver a preocupação em seu rosto. Oh, graças a Deus ela pôde ver aquela preocupação.

— Socorro! — gritou ela. — *Socorro!*

A expressão do homem ficou mais preocupada.

— *Señora? Qué ha pasado? Qué es lo que va mal?*

Ela sabia um pouco de espanhol — uma coisinha aqui, outra ali —, mas, ao ouvir o dele, o pouco que sabia desapareceu da sua cabeça. Não tinha importância. Aquele era certamente um caseiro de alguma das mansões. Havia aproveitado a chuva para se refrescar no golfo. Talvez não tivesse visto de imigrante, mas não precisava de um para salvar sua vida. Era homem, claramente forte e estava preocupado. Ela se atirou nos seus braços e sentiu a água no corpo dele molhar sua pele e sua blusa.

— Ele é doido! — gritou ela no seu rosto. Pôde fazer isso porque eles eram quase exatamente da mesma altura. E ao menos uma palavra em espanhol lhe veio à mente. E era bastante valiosa, pensou ela, naquela situação. — *Loco! Loco! Loco!*

O sujeito se virou, enlaçando-a em um de seus braços com firmeza. Emily olhou na mesma direção que ele e viu Pickering. Pickering estava sorrindo. Era um sorriso tranquilo, de quem pede desculpas. Nem mesmo as manchas de sangue na sua bermuda e no seu rosto inchado tornavam aquele sorriso completamente duvidoso. E não havia sinal da tesoura, o que era o pior. Suas mãos — a direita rasgada, com o sangue já coagulando entre os dois primeiros dedos — estavam vazias.

— *Es mi esposa* — disse ele. Seu tom era de pedido de desculpas como o sorriso, e tão convincente quanto. Mesmo o fato de ele estar ofegante parecia normal. — *No te preocupes. Ella tiene...* — Seu espanhol rateou, ou pareceu ratear. Ele separou as mãos, ainda sorrindo. — Problemas? Ela tem problemas?

Os olhos do latino se iluminaram de compreensão e alívio.

— *Problemas?*

— *Sí* — concordou Pickering. Então, levou uma das mãos à boca e gesticulou como se virasse uma garrafa.

— Ah! — falou o latino, assentindo. — *Bebiida!*

— Não! — gritou Em, percebendo que o sujeito estava prestes a empurrá-la para os braços de Pickering, querendo se livrar daquele *problema* inesperado, daquela *señora* inesperada. Ela soprou no rosto do homem para provar que não havia álcool algum no seu hálito. Então, teve uma inspiração e cutucou a própria boca. — *Loco!* Ele fez isso!

— Que nada, ela se machucou sozinha, amigo — disse Pickering. — Ok?

— Ok — falou o latino, assentindo novamente, mas sem empurrar Emily na direção dele. Agora, parecia indeciso. E outra palavra veio à mente de Emily, algo desencavado de algum programa educativo para crianças a que ela costumava assistir, provavelmente com a leal Becka, quando não estava vendo *Scooby-Doo*.

— *Peligro* — disse ela, forçando-se a não gritar. Gritar era o que faziam *esposas* malucas. Ela fitou dentro dos olhos do nadador latino. — *Peligro*. Ele! *Señor Peligro*.

Pickering riu e estendeu o braço para pegá-la. Em pânico ao vê-lo tão próximo (era como se uma enfardadeira de feno tivesse criado mãos de repente), ela o empurrou. Ele não esperava aquilo, e ainda estava sem fôlego. Não foi ao chão, mas cambaleou um passo para trás, seus olhos se arregalando. E a tesoura caiu de entre a cintura da bermuda e a base das suas costas, onde ele a havia escondido. Por um instante, todos os três ficaram olhando para o X de metal na areia. As ondas rugiram com seu som monótono. Pássaros gritaram de dentro da neblina que se desmanchava.

— 11 —

Então ela estava de pé e correndo outra vez.

O sorriso tranquilo de Pickering — o que ele deveria ter usado com tantas "sobrinhas" — ressurgiu.

— Posso explicar isso, mas não tenho espanhol o suficiente. É uma explicação perfeitamente aceitável, ok? — Ele bateu no próprio peito como

Tarzan. — *No Señor Loco, no Señor Peligro*, ok? — E talvez pudesse ter colado. Mas então, ainda sorrindo, ele apontou para Em e disse: — *Ella es bobo perra*.

Ela não fazia ideia do que significava *bobo perra*, mas viu a maneira como o rosto de Pickering mudou quando disse aquilo. Tinha sido mais por conta de seu lábio superior, que se enrugou e então subiu, como a metade de cima do focinho de um cachorro ao rosnar. O latino empurrou Em um passo para trás com um girar do braço. Não totalmente para trás dele, mas quase, e o significado era claro: proteção. Então se agachou para pegar o X de metal na areia.

Se tivesse tentado pegá-lo antes de empurrar Em para trás, as coisas talvez tivessem dado certo. Mas Pickering viu que a situação estava se revertendo contra ele e fez o mesmo. Conseguiu pegá-la primeiro, caiu de joelhos e enfiou as pontas no pé esquerdo coberto de areia do latino. O latino soltou um berro, seus olhos se arregalando de repente.

Ele tentou agarrar Pickering, mas Pickering se jogou para um lado e depois se levantou (*Ainda tão rápido*, pensou Em), gingando para longe. Então, voltou a avançar. Ele enroscou um braço em volta dos ombros definidos do latino em um abraço de "bons amigos" e mergulhou a tesoura no peito dele. O latino tentou se afastar para trás, mas Pickering o segurou depressa, apunhalando-o sem parar. Nenhum dos golpes foi profundo — Pickering estava indo rápido demais para isso —, mas sangue escorreu por toda parte.

— *Não!* — gritou Emily. — *Não, pare!*

Pickering se virou na direção dela por um instante apenas, seus olhos brilhantes e indizíveis, então apunhalou o latino na boca, a tesoura indo fundo o bastante para os aros de ferro do cabo se chocarem contra os dentes do homem.

— Ok? — perguntou ele. — Ok? Está certo? Está bom pra você, seu chicano de merda?

Emily olhou ao seu redor em busca de qualquer coisa, um pedaço de madeira trazido pela maré para bater nele, e não encontrou nada. Quando olhou de volta, as lâminas da tesoura estavam saindo pelos olhos do latino. Ele foi caindo lentamente, quase como se fizesse uma mesura, e Pickering se agachou junto, tentado desprender sua arma.

Em correu até ele. Ela baixou o ombro e o acertou na barriga, percebendo em alguma parte remota da sua consciência que era uma barriga mole — muitas boas refeições tinham ido parar ali.

Pickering caiu estatelado de costas, ofegante, fuzilando-a com o olhar. Quando ela tentou fugir, ele agarrou sua perna esquerda, enfiando as unhas em sua carne. À sua lateral, o latino estava caído de lado, contorcendo-se e coberto

de sangue. O único traço que ainda conseguia distinguir em um rosto que tinha sido bonito trinta segundos antes era o nariz.

— Venha cá, Lady Jane — disse Pickering, puxando-a em sua direção. — Vamos nos divertir, certo? Tudo bem a gente se divertir, sua vaca inútil? — Ele era forte e, por mais que Em fincasse as unhas na areia, estava vencendo. Ela sentiu um hálito quente na ponta de trás do seu pé e então os dentes dele se afundaram até as gengivas no seu calcanhar.

Em nunca tinha sentido uma dor daquelas; fez com que seus olhos arregalados enxergassem com clareza cada grão de areia da praia. Ela gritou e deu coices com o pé direito. Essencialmente por sorte — coisas como mirar estavam fora de cogitação — ela o atingiu, e com força. Ele urrou (um urro abafado), e a agonia perfurante em seu calcanhar esquerdo parou tão subitamente quanto havia começado, deixando apenas uma dor ardida. Algo havia se quebrado no rosto de Pickering. Ela tanto sentiu quanto ouviu que sim. Achava que tinha sido a maçã do rosto. Talvez o nariz.

Ela rolou, pondo-se de quatro, seu pulso inchado berrando por conta de uma dor que quase rivalizava com a do pé. Por um instante ela pareceu, mesmo com o short rasgado novamente pendendo dos quadris, uma corredora numa pista de atletismo, esperando pelo tiro de largada. Então ela estava de pé e correndo outra vez, mas agora meio mancando, meio saltitando. Ela desviou para mais perto d’água. Pensamentos incoerentes zuniam pela sua cabeça (que ela deveria estar parecida com o xerife manco de um seriado de faroeste qualquer, por exemplo — o pensamento apenas chispando pela sua cabeça, em um instante ali e no outro não mais), mas a sua parte direcionada para a sobrevivência ainda estava lúcida o bastante para exigir areia compacta para correr. Ela puxou freneticamente o short e viu que suas mãos estavam cobertas de areia e sangue. Com um soluço, limpou primeiro uma e depois a outra em sua blusa. Lançou um olhar por sobre o ombro direito, alimentando uma esperança vã, mas ele estava vindo novamente.

Ela se esforçou o máximo possível, *correu* o máximo possível, e a areia — fria e molhada onde ela estava correndo — aliviou um pouco seu calcanhar em chamas, mas ainda assim não conseguia chegar nem perto do seu ritmo anterior. Olhou para trás e viu que ele se aproximava, dando tudo o que tinha em um *sprint* final. Diante dela, os arco-íris desapareciam enquanto o dia ficava, de forma implacável, mais claro e mais quente.

Ela se esforçou o máximo possível, sabendo que não seria o bastante. Podia correr mais rápido do que uma velhinha, podia correr mais rápido do que um

velhinho, podia correr mais rápido do que o seu pobre ex-marido, mas não podia correr mais rápido do que o louco desgraçado atrás dela.[4] Ele iria apanhá-la. Ela buscou uma arma para acertá-lo quando isso acontecesse, mas continuava sem encontrar nada. Viu os restos carbonizados de uma fogueira de luau, mas ela estava longe demais e muito afastada da água, logo abaixo de onde a areia dava lugar às dunas e às aveias do mar. Ele a apanharia mais cedo ainda se ela dobrasse naquela direção, onde a areia era macia e traiçoeira. As coisas já estavam ruins o bastante ali, próximo à água. Conseguia ouvi-lo se aproximar, arfando pesado e fungando sangue com seu nariz quebrado. Conseguia ouvir até os golpes velozes de seu tênis na areia molhada. Desejou com tanta força que houvesse alguma outra pessoa na praia que por um instante teve uma alucinação, pensando ver um homem alto de cabelos brancos, com um nariz grande e aquilino e a pele escura e grossa. Então percebeu que sua mente desejosa havia invocado seu próprio pai — uma última esperança — e a ilusão se desfez.

Ele chegou perto o bastante para agarrá-la. Sua mão bateu contra a parte de trás da blusa dela, quase apanhou o tecido e caiu de volta. Da próxima vez isso não aconteceria. Ela desviou em direção à água, entrando nela primeiro até os tornozelos e então até as panturrilhas. Era a única coisa em que podia pensar; a última coisa. Tinha uma ideia — vaga, inarticulada — de que podia ou fugir nadando dele, ou pelo menos enfrentá-lo na água, onde talvez ficassem mais ou menos em pé de igualdade; na pior das hipóteses, a água talvez desacelerasse os golpes daquela tesoura terrível. Se ela conseguisse ir o suficiente para o fundo.

Antes de poder mergulhar para frente e começar a nadar — antes mesmo de conseguir entrar na água até as coxas —, ele a agarrou pela gola da blusa e puxou-a para trás, arrastando-a em direção ao litoral novamente.

Em viu a tesoura aparecer sobre seu ombro esquerdo e a agarrou. Ela tentou se virar, mas foi inútil. Pickering estava fincado no lugar, a água na altura dos seus joelhos, com as pernas abertas e os pés plantados firmes contra o fluxo das ondas que voltavam, arrastando a areia consigo. Ela tropeçou em um deles e caiu contra o seu corpo. Os dois caíram juntos na água.

A reação de Pickering foi imediata e inconfundível, mesmo naquele caos molhado: ele empurrava, se contorcia e se debatia convulsivamente. A verdade se acendeu na cabeça dela como fogos de artifício em uma noite escura. Ele não sabia nadar. Pickering não sabia nadar. Ele tinha uma casa no litoral do golfo do México, mas não sabia nadar. E fazia todo o sentido. Suas visitas a Vermillion Key eram dedicadas a atividades em locais fechados.

Ela rolou para longe dele, que sequer tentou agarrá-la. Estava sentado até o peito no turbilhão das ondas, ainda agitadas por conta da tempestade, e todos os seus esforços estavam concentrados em se levantar de volta e afastar sua preciosa respiração de um elemento com o qual ele jamais aprendera a lidar.

Em teria falado com ele se pudesse se dar ao luxo de desperdiçar fôlego. Ela teria dito: *Se eu soubesse, poderíamos ter terminado com isso logo no início. E aquele pobre homem ainda estaria vivo.*

Em vez disso, ela chapinhou para a frente, estendeu o braço e o agarrou.

— *Não!* — gritou ele, batendo nela com as duas mãos. Estavam vazias (ele devia ter perdido a tesoura quando caiu) e ele estava assustado e desconjuntado demais até para cerrá-las em punhos. — *Não, não faça isso! Me solte, sua piranha!*

Em não soltou. Em vez disso, o arrastou para mais fundo. Ele poderia ter se libertado dela, e com facilidade, se fosse capaz de controlar seu pânico — mas não era. Então ela percebeu que aquilo era provavelmente mais do que uma incapacidade de nadar; ele estava tendo algum tipo de reação fóbica.

Que tipo de homem com fobia de água teria uma casa no golfo? Ele teria que ser maluco.

Por incrível que pareça, isso a fez rir, embora ele estivesse batendo nela, suas mãos que se agitavam loucamente estapeando primeiro sua bochecha direita e depois — com força — o lado esquerdo da sua cabeça. Um jato de água verde foi parar dentro da sua boca e ela o cuspiu de volta. Ela o arrastou para mais fundo, notou uma onda grande vindo — lisa e opaca, com só um pouquinho de espuma começando a surgir na crista — e o empurrou de cara para cima dela. Os gritos de Pickering se tornaram gorgolejos abafados que desapareceram à medida que ele afundava. Ele empurrou, se debateu e se contorceu nos seus braços. A onda grande passou por cima dela, que prendeu a respiração. Por um instante, os dois ficaram submersos e ela pôde vê-lo, seu rosto contorcido em uma máscara pálida de medo e horror que lhe dava uma aparência inumana, transformando-o, portanto, no que ele era de verdade. Uma galáxia de areia se deslocou vagarosa entre os dois no verde. Um peixe pequeno e inocente passou zunindo. Os olhos de Pickering saltaram das órbitas. Seu cabelo curto flutuava, e foi isso que ela ficou observando. Ela observou o cabelo dele com atenção, enquanto uma trilha prateada de bolhas subia do seu nariz. E quando os fios de cabelo mudaram de direção, sendo levados na direção do Texas, e não na direção da Flórida, ela o empurrou com toda a sua força, soltando-o. Então, fincou os pés no solo arenoso e tomou impulso para cima.

Ela emergiu no ar reluzente, arfando. Depois de sorvê-lo golfada a golfada, começou a andar para trás um passo por vez. Era difícil, mesmo tão perto do litoral. O refluxo da onda que passava sugando pelos seus quadris e entre suas pernas era quase forte o suficiente para ser uma contracorrente. Um pouco mais ao fundo, *seria*. Mais ao fundo ainda se tornaria uma corredeira, e ali até mesmo um bom nadador teria poucas chances — a não ser que mantivesse a calma e nadasse de lado, descrevendo um arco longo e lento de volta à segurança.

Ela patinhou, perdeu o equilíbrio, sentou-se e outra onda a encharcou. A sensação era maravilhosa. Fria e maravilhosa. Pela primeira vez desde a morte de Amy, ela teve um momento em que se sentiu bem. Melhor que bem, na verdade; cada parte de seu corpo doía, ela percebeu que estava chorando de novo, mas se sentia divina.

Em se levantou com esforço, sua blusa encharcada e colada ao diafragma. Ela viu uma coisa azul desbotado flutuando para longe, olhou para baixo, olhou de volta para frente e notou que tinha perdido o short.

— Tudo bem, estava um trapo mesmo — disse ela, começando a rir enquanto voltava em direção à praia: primeiro com a água na altura dos joelhos, depois na altura das canelas, e por fim apenas com os pés na espuma. Ela poderia ter ficado ali um bom tempo. A água fria quase sanava a dor em seu calcanhar ardente, e ela não tinha dúvidas de que o sal era bom para a ferida; eles não diziam que a boca humana é a coisa mais cheia de germes do planeta?

— É — disse ela, ainda rindo —, mas alguém sabe dizer quem são el...

Então Pickering veio à tona, gritando. Ele já estava a uns 6 metros de distância no mar. Acenava desesperadamente com as duas mãos.

— *Socorro!* — gritou ele. — *Não sei nadar!*

— Sei disso — falou Em. Ela ergueu uma das mãos em um aceno de *bon voyage* e balançou os dedos. — E talvez você até dê de cara com um tubarão. Deke Hollis me disse na semana passada que está cheio deles aqui.

— *Soc...* — Uma onda o engoliu. Ela achou que ele não fosse emergir de volta, mas emergiu. Estava a 9 metros de distância. No mínimo. — ... *orro! Por favor!*

Seu vigor era de fato impressionante, especialmente quando o que estava fazendo — no geral, agitando os braços na água como se achasse que poderia sair voando como uma gaivota — era contraproducente, mas ele estava se afastando mais e mais a cada momento, e não havia ninguém na praia para salvá-lo.

Ninguém além dela.

Não havia chance de ele voltar à areia, Em não tinha dúvidas, mas ela foi mancando até os restos da fogueira de luau e puxou o maior dos pedaços de madeira carbonizados assim mesmo. Então ficou ali, com sua sombra se estendendo atrás de si, e apenas observou.

— 12 —

Acho que prefiro pensar assim.

Ele durou bastante. Em não fazia ideia do quanto, pois ele havia tomado seu relógio. Depois de um tempo, parou de gritar. Então se tornou apenas um círculo branco sobre o borrão vermelho-escuro da sua camisa polo e dois braços pálidos tentando voar. E, por fim, sumiu de repente. Ela achou que teria mais um vislumbre de um braço, emergindo como um periscópio e balançando no ar, mas não teve. Ele simplesmente desapareceu. *Glub*. Na verdade, ela ficou desapontada. Mais tarde voltaria a ser seu verdadeiro eu — um eu melhor, talvez —, mas por ora queria que ele continuasse sofrendo. Queria que ele morresse aterrorizado, e não rapidamente. Por Nicole e por todas as outras sobrinhas que poderia ter havido antes dela.

Eu sou uma sobrinha agora?

Ela achava que, de certa forma, era. A última sobrinha. A que havia corrido o mais rápido que pôde. A que havia sobrevivido. Ela se sentou diante dos restos da fogueira e jogou fora o pedaço de madeira queimada. Provavelmente não teria sido uma arma muito boa de qualquer maneira; provavelmente teria se despedaçado como o bastão de carvão de um desenhista quando ela lhe desse o primeiro golpe. O sol era de um laranja cada vez mais escuro, iluminando o horizonte ocidental. Logo aquele horizonte pegaria fogo.

Ela pensou em Henry. Pensou em Amy. Não havia nada ali, mas já houvera antes — algo tão belo quanto o arco-íris duplo sobre a praia —, e isso era bom de saber, bom de lembrar. Ela pensou no pai. Em breve se levantaria dali, se arrastaria até o Grass Shack e ligaria para ele. Mas não naquele instante. Ainda não. Por ora, estava de bom tamanho ficar sentada com os pés enterrados na areia e seus braços doloridos em volta dos joelhos levantados.

As ondas chegaram à areia. Não havia sinal do short azul rasgado ou da camisa polo vermelha de Pickering. O golfo havia levado os dois embora. Será que ele tinha se afogado? Ela imaginava que fosse o mais provável, mas a maneira como ele tinha afundado tão de repente, sem nem ao menos um aceno final...

— Acho que alguma coisa o pegou — disse ela para o ar que escurecia. — Acho que prefiro pensar assim. Só Deus sabe por quê.

— *Porque você é humana, querida* — disse seu pai. — *Só por isso*. — E ela imaginava que fosse mesmo verdade, que fosse mesmo tão simples.

Em um filme de terror, Pickering faria uma última aparição: ou sairia rugindo das ondas, ou estaria esperando por ela — pingando, mas ainda com o mesmo vigor de antes — no armário do seu quarto quando ela voltasse para casa. Mas aquilo não era um filme de terror, era sua vida. Sua própria vidinha. E ela a viveria, a começar pela longa e claudicante caminhada até onde havia uma casa e uma chave que se encaixava nela, escondida numa caixa de pastilhas para garganta debaixo do velho gnomo feio com seu chapéu vermelho desbotado. Ela a usaria e, em seguida, usaria o telefone também. Ligaria para o seu pai. Então ligaria para a polícia. Mais tarde, imaginava que fosse ligar para Henry. Achava que ele ainda tinha o direito de saber que ela estava bem, embora não fosse tê-lo para sempre. Ou nem mesmo quisesse isso, supunha Em.

No golfo, três pelicanos mergulharam baixo, raspando a água, então subiram de volta, olhando para baixo. Ela os observou, segurando a respiração, à medida que eles alcançavam um ponto de equilíbrio perfeito no ar laranja. Seu rosto — misericordiosamente ela não sabia disso — era o daquela criança cujo único propósito na vida talvez fosse subir em árvores.

Os três pássaros dobraram as asas e mergulharam em formação.

Emily aplaudiu, embora isso fizesse seu pulso direito doer, e exclamou:

— *Alô, pelicanos!*

Então passou o braço por sobre os olhos, puxou o cabelo para trás, se levantou e começou a andar para casa.

[2] Trocadilho com Toll House Cookies, como também são chamados os biscoitos com pedacinhos de chocolate nos Estados Unidos. Eles teriam sido inventados por Ruth Wakefield, na década de 1930, para serem servidos em sua pousada, a Toll House Inn. (N. do T.)

[3] Referência à personagem Maisie Ravier, interpretada no cinema por Ann Sothern durante as décadas de 1930 e 1940 em uma série de dez filmes, entre eles, *Maisie* (1939) e *Por Conta do Cupido* (1944). (N. do T.)

[4] Aqui, como no título original do conto, “The Gingerbread Girl”, o autor faz referência à história infantil “The Gingerbread Boy”, na qual um biscoito de gengibre em forma de homenzinho foge de dentro do forno e consegue correr mais rápido do que todos que o perseguem, incluindo o casal de velhinhos que o havia colocado para assar, até ser capturado e devorado por uma raposa. (N. do T.)

O sonho de Harvey

Janet se vira da pia e, bum, de repente o homem que é seu marido há quase trinta anos está sentado à mesa da cozinha com uma camiseta branca e cueca samba-canção, olhando para ela.

Ela vem encontrando com cada vez mais frequência este que é um figurão de Wall Street durante os dias de semana sentado no mesmíssimo lugar e vestido da mesmíssima forma quando chega a manhã de sábado, com os ombros encurvados e o olhar vazio, uma barba branca por fazer despontando no rosto, os peitinhos caídos protuberantes na frente da camisa e o cabelo atrás da cabeça em pé como o Alfafa dos Batutinhas, só que velho e idiota. Janet e sua amiga Hannah andam assustando uma à outra ultimamente (como garotinhas trocando histórias de fantasmas antes de dormir) ao compartilharem histórias de Alzheimer: quem não consegue mais reconhecer a própria mulher, quem já não consegue recordar o nome dos filhos.

No entanto, ela não acredita de verdade que essas aparições silenciosas de sábado pela manhã tenham a ver com um início precoce de Alzheimer; todos os dias de semana, Harvey Stevens está pronto e animado para sair às 6h45, um homem de 60 anos que parece ter 50 (bem, 54) em qualquer um de seus ternos mais elegantes, e que ainda consegue encerrar um *trade*, comprar na margem e vender a descoberto com os melhores do ramo.

Não, pensa Janet, ele está apenas praticando ficar velho — e ela odeia isso. Tem medo de que, quando se aposentar, ele vá ficar assim todas as manhãs, pelo menos até ela lhe dar um copo de suco de laranja e perguntar (com uma impaciência crescente que não conseguirá evitar) se ele quer cereal ou só torradas. Tem medo de que vai se virar do que quer que esteja fazendo e topar com ele sentado ali em uma faixa de sol matinal brilhante demais, Harvey pela manhã, Harvey com sua camiseta e cueca samba-canção, as pernas abertas para ela poder ver a pequena saliência do seu saco (se estiver interessada) e os calos amarelos nos seus dedões, que sempre a faziam pensar no poeta Wallace Stevens discorrendo sobre o Imperador do Sorvete. Sentando ali em silêncio, numa contemplação entorpecida, em vez de pronto e animado, se preparando para enfrentar o dia. Meu Deus, ela espera estar enganada. Isso de alguma forma faz a

vida parecer tão esquálida, tão idiota. Ela não consegue deixar de se perguntar se foi para isso que eles lutaram, criaram e casaram suas três filhas, passaram pelo inevitável caso de meia-idade dele, trabalharam e, às vezes (sejamos sinceros), se agarraram com unhas e dentes. Se era ali que você saía ao deixar para trás a floresta negra e profunda, pensa Janet, naquele... naquele estacionamento... então para que se dar ao trabalho?

Mas a resposta era simples. Porque você não sabia. Você se livrava da maioria das mentiras pelo caminho, mas se agarrava àquela que dizia que a vida *importava*. Mantinha um álbum de fotografias dedicado às suas filhas, e nele elas ainda eram jovens e interessadas em suas possibilidades: Trisha, a mais velha, usando uma cartola e brandindo uma varinha de papel-alumínio sobre Tim, o cocker spaniel; Jenna, congelada no meio de um salto por cima do irrigador de jardim, seu gosto por drogas, cartões de crédito e homens mais velhos ainda bem longe no horizonte; Stephanie, a caçula, no campeonato de soletração do condado, onde a palavra *cantaloupe* acabou mostrando ser seu Waterloo. Em algum lugar na maioria daquelas fotos (geralmente ao fundo), estavam Janet e o homem com o qual ela se casara, sempre sorrindo, como se fosse contra a lei fazer qualquer outra coisa.

Então um dia você comete o erro de olhar por sobre o ombro e descobre que suas filhas cresceram e que o homem com o qual lutou para continuar casada está sentado com as pernas abertas, aquelas pernas brancas feito barriga de peixe, olhando para uma faixa de sol — e, por Deus, talvez ele até parecesse ter 54 em um de seus ternos mais elegantes, mas sentado daquele jeito à mesa da cozinha, parecia ter 70. Setenta é o cacete, 75. Parecia o que os mafiosos da *Família Soprano* chamavam de palerma.

Ela se vira de volta para a pia e espirra delicadamente, uma, duas, três vezes.

— Como estão elas hoje de manhã? — pergunta ele, referindo-se à sua sinusite, às suas alergias. A resposta é não muito bem, mas, como um número surpreendente de coisas ruins, suas alergias de verão têm um lado bom. Ela não precisa dormir com ele e brigar pela sua parte das cobertas no meio da noite; não precisa mais escutar os peidos abafados que ele solta de vez em quando mesmo ferrado no sono. Na maioria das noites de verão, ela consegue dormir seis, até sete horas, o que é mais do que o suficiente. Quando chega o outono e ele volta do quarto de hóspedes, essas horas caem para quatro, e a maior parte delas de sono agitado.

Vai chegar um ano, e ela sabe disso, em que ele não irá voltar. E, embora não lhe diga isso — ele ficaria magoado, e ela ainda não gosta de magoá-lo; é isso

que agora se passa por amor entre os dois, pelo menos para Janet —, ela ficará feliz.

Ela suspira e enfia a mão na panela cheia de água dentro da pia. Tateia dentro dela.

— Não tão mal.

E então, quando ela está pensando (e não pela primeira vez) como aquela vida não guarda mais surpresas, nenhum recôndito matrimonial não vasculhado, ele fala em uma voz estranhamente casual:

— Foi bom você não ter dormido comigo na noite passada, Jax. Tive um pesadelo. Na verdade, fiquei gritando até acordar.

Ela leva um susto. Quanto tempo fazia que ele não a chamava de Jax, em vez de Janet ou Jan? O último era um apelido que ela detestava em segredo. Ele a fazia pensar naquela atriz melosa do seriado *Lassie*, que passava quando ela era criança. O garotinho (Timmy, o nome dele era Timmy) estava sempre caindo em um poço, sendo mordido por uma cobra ou ficando preso debaixo de uma pedra — e que tipo de pais deixariam a vida de um filho nas mãos de uma porra de uma collie?

Ela se vira de volta para ele, esquecendo a panela com o último ovo ainda dentro, a água fora do fogo tempo o suficiente para estar morna. Ele teve um pesadelo? Harvey? Ela tenta se lembrar de Harvey mencionar alguma vez ter tido qualquer tipo de sonho e não tem sorte. O máximo que lhe vem à mente é uma lembrança vaga da época de namoro, Harvey dizendo algo como “Eu sonho com você”, ela mesma jovem o suficiente para achar aquilo meigo em vez de cafona.

— Você o quê?

— Eu fiquei gritando até acordar — diz ele. — Você não me ouviu?

— Não. — Ainda olhando para ele. Se perguntando se ele está de gozação com a sua cara. Se aquilo é algum tipo de piada matinal bizarra. Mas Harvey não é de fazer piadas. Sua ideia de humor é contar histórias durante o jantar sobre a época em que serviu no Exército. Janet já ouviu todas elas pelo menos cem vezes.

— Eu estava gritando palavras, mas não conseguia falá-las de verdade. Era tipo... sei lá... como se eu não conseguisse fechar minha boca ao redor delas. Parecia que eu tinha sofrido um derrame. E minha voz estava mais grave. Nem parecia a minha. — Ele faz uma pausa. — Eu me ouvi e então me obriguei a parar. Mas estava tremendo todo, e tive que acender a luz por um tempo. Tentei mijar e não consegui. Atualmente parece que eu consigo mijar a qualquer

momento, um pouquinho pelo menos, mas não hoje de manhã às 2h47. — Ele para de falar, sentado ali na sua faixa de sol. Ela consegue ver as partículas de poeira dançando nela. Parecem conferir uma auréola a ele.

— Como foi o seu sonho? — pergunta ela, e eis que acontece uma coisa estranha: pela primeira vez em talvez cinco anos, desde que eles ficaram acordados até meia-noite discutindo se deveriam ficar com as ações da Motorola ou vendê-las (acabaram vendendo-as), está interessada em algo que ele tem a dizer.

— Não sei se quero contar para você — diz ele, soando estranhamente tímido. Ele se vira, apanha o moedor de pimenta e começa a jogá-lo de mão em mão.

— Dizem que se você contar seus sonhos eles não se tornam realidade — diz ela, e eis que acontece a Coisa Estranha No 2: de repente Harvey parece estar de fato ali, de uma maneira que ela não via há anos. Até sua sombra na parede em cima da torradeira parece estar de alguma forma mais ali. Ela pensa: ele parece algo de relevante... e por que isso? Por que, logo quando eu estou pensando que a vida é esquálida, ela deveria parecer pesada? Esta é uma manhã de verão de final de junho. Estamos em Connecticut. Quando chega junho nós sempre estamos em Connecticut. Daqui a pouco um de nós dois vai apanhar o jornal, que será dividido em três partes, como a Gália.

— É mesmo? — Ele reflete sobre a ideia, as sobrancelhas erguidas (ela precisa apará-las de novo, estão ficando com aquela aparência desgrenhada e ele nunca percebe), jogando o moedor de pimenta de uma mão para outra. Ela gostaria de pedir que ele parasse com aquilo, está deixando-a nervosa (como a escuridão gritante da sombra dele na parede, como as batidas do seu próprio coração, que de repente começou a acelerar sem nenhum motivo), mas não quer distraí-lo do que quer que esteja se passando na sua cabeça de manhã de sábado. E então ele larga o moedor de pimenta, o que deveria acabar com o problema, mas de alguma forma não acaba, pois o moedor tem sua própria sombra. Ela se estende longa pela mesa como a sombra de uma peça de xadrez gigante, até mesmo os farelos de torrada ali têm sombras, e ela não faz ideia de por que isso deveria assustá-la, mas assusta. Ela pensa no Gato Risonho dizendo a Alice “Somos todos loucos aqui” e de repente não quer mais ouvir o sonho idiota de Harvey, no qual ele gritou até acordar e soava como um homem que tivesse sofrido um derrame. De repente, não quer que a vida seja nada além de esquálida. Esquálida está de bom tamanho, não tem nada de errado em ser esquálida, dê uma olhada nas atrizes de cinema se tiver alguma dúvida.

Nada deve se anunciar, pensa ela de modo febril. Sim, febril; era como se estivesse sentindo um calor súbito, embora pudesse ter jurado que essa besteira toda tivesse acabado dois ou três anos atrás. Nada deve se anunciar, é manhã de sábado e nada deve se anunciar.

Ela abre a boca para lhe dizer que se confundiu, que o que as pessoas dizem na verdade é que os sonhos se tornarão realidade se você os contar, mas é tarde demais, ele já está falando, e lhe ocorre que esse é o seu castigo por desprezar a vida ao chamá-la de esquálida. A vida na verdade é como uma música do Jethro Tull, pesada como um tijolo,[5] como ela jamais pôde ter pensado o contrário?

— Eu sonhei que era manhã e eu vinha até a cozinha — diz ele. — Uma manhã de sábado, exatamente como esta, só que você ainda não tinha levantado.

— Eu sempre levanto antes de você nos sábados — diz ela.

— Eu sei, mas era um sonho — responde ele com paciência, e ela consegue ver pelos brancos na parte interna de suas coxas, onde os músculos estão gastos e exauridos. Antigamente ele jogava tênis, mas esses dias acabaram. Ela pensa, com uma crueldade que não é do seu feitio: você vai ter um enfarto, seu branquelo, esse vai ser o seu fim, e talvez eles considerem lhe dar um obituário no *Times*, mas se uma atriz de filme B da década de 1950 morrer no mesmo dia, ou uma bailarina mais ou menos famosa, você não terá nem isso.

— Mas foi assim mesmo — fala ele. — Quero dizer, o sol estava entrando na cozinha. — Ele ergue uma das mãos e agita as partículas de poeira no ar, enchendo-as de vida ao redor da sua cabeça, e ela tem vontade de gritar para ele não fazer isso.

— Eu conseguia ver minha sombra no chão e ela nunca me pareceu tão brilhante e pesada. — Ele faz uma pausa e depois sorri, e ela vê como os lábios dele estão rachados. — *Brilhante* é uma palavra estranha para se descrever uma sombra, não é? *Pesada* também.

— Harvey...

— Eu andei até a janela — diz ele —, olhei para fora e vi que havia um amassado na lateral do Volvo dos Friedman. Então soube de alguma forma que Frank tinha saído para beber e que o amassado tinha acontecido quando ele estava voltando para casa.

De repente, ela tem a sensação de que vai desmaiar. Ela própria tinha visto o amassado na lateral do Volvo de Frank Friedman quando foi até a porta para ver se o jornal tinha chegado (não tinha) e pensado a mesma coisa, que Frank tinha ido até o Gourd e batido de raspão em alguma coisa no estacionamento. Como será que ficou o outro carro?, foi exatamente o que ela pensou.

A ideia de que Harvey também vira isso lhe passou pela cabeça, que ele estava de gozação com a cara dela por algum motivo estranho. Era certamente possível; o quarto de hóspedes em que ele dormia nas noites de verão dava para a rua. Só que Harvey não é esse tipo de homem. Ficar de “gozação” não é o “barato” de Harvey Stevens.

Há suor nas suas bochechas, testa e pescoço — ela consegue senti-lo —, e seu coração está batendo cada vez mais rápido. Há uma clara sensação de ameaça, e por que isso está acontecendo agora? Logo agora, quando o mundo está sossegado e as perspectivas são tranquilas? Se eu pedi por isso, me desculpe, pensa ela... ou talvez esteja rezando, na verdade. Leve de volta, por favor, leve de volta.

— Eu fui até a geladeira — continua falando Harvey —, olhei dentro dela e vi um prato de ovos apimentados coberto com um pedaço de plástico filme. Fiquei maravilhado: queria almoçar às sete da manhã!

Ele ri. Janet — ou melhor, Jax — baixa os olhos para a panela dentro da pia. Para o ovo bem cozido que sobrou nela. Os outros tinham sido descascados e cortados em dois de forma impecável, as gemas retiradas com uma colher. Elas estão numa tigela ao lado do escorredor de pratos. Do lado da tigela, está o pote de maionese. Ela pretendia servir os ovos apimentados para o almoço, junto com uma salada verde.

— Não quero ouvir o resto — diz Janet, mas em uma voz tão baixa que ela mesma mal consegue ouvir. Ela, que havia atuado no Dramatics Club, agora mal conseguia projetar sua voz através da cozinha. Os músculos em seu peito pareciam estar todos bambos, da maneira que as pernas de Harvey ficariam se ele tentasse jogar tênis.

— Pensei em comer só um — fala Harvey —, mas então pensei: não, se eu fizer isso, ela vai brigar comigo. E daí o telefone tocou. Eu corri para atendê-lo porque não queria que ele acordasse você, e é aí que vem a parte assustadora. Você quer ouvir a parte assustadora?

Não, pensa ela do seu lugar em frente à pia. Não quero ouvir a parte assustadora. Mas ao mesmo tempo ela quer, todos querem ouvir a parte assustadora, somos todos loucos aqui, e sua mãe realmente dizia que se você contasse seus sonhos eles não se tornariam realidade, o que significava que era preciso contar os pesadelos e guardar os bons sonhos para você, escondê-los como um dente debaixo do travesseiro. Eles têm três filhas. Uma delas vive naquela mesma rua: Jenna, divorciada e feliz, que tem o mesmo nome que uma das gêmeas Bush — e como ela odeia isso; hoje em dia, faz questão de que as

pessoas a chamem de Jen. Três meninas, o que significou um monte de dentes embaixo de um monte de travesseiros e um monte de preocupações sobre estranhos oferecendo caronas e doces, o que por sua vez significou um monte de precauções, e ah, como ela esperava que sua mãe tivesse razão, que contar um pesadelo era como enfiar uma estaca no coração de um vampiro.

— Eu atendi ao telefone — diz Harvey — e era Trisha. — Trisha era a mais velha, que costumava idolatrar Houdini e Blackstone antes de descobrir os garotos. — A princípio, ela só disse uma palavra, só "Pai", mas eu sabia que era Trisha. Sabe essa coisa de sempre saber?

Sim. Ela sabia essa coisa de sempre saber. Essa coisa de sempre reconhecer os que são seus, logo na primeira palavra, pelo menos até eles crescerem e se tornarem de outra pessoa.

— Eu falei: "Oi, Trish, por que você está ligando tão cedo, querida? Sua mãe ainda está dormindo." Mas ela não respondeu de primeira. Achei que a ligação tinha caído, então ouvi uns sussurros, uns gemidos. Não palavras, mas meias palavras. Como se ela estivesse tentando falar e não saísse quase nada porque não conseguia juntar forças ou recuperar o fôlego. E foi então que comecei a ficar com medo.

Ora, mas então ele é bem devagar, não? Porque Janet — que era Jax na faculdade Sarah Lawrence, Jax no Dramatics Club, Jax que beijava de língua como ninguém, Jax que fumava Gitanes e fingia adorar *shots* de tequila — já estava assustada há um bom tempo, estava assustada mesmo antes de Harvey mencionar o amassado na lateral do Volvo de Friedman. E pensar nisso faz com que ela pense na conversa que havia tido ao telefone com sua amiga Hannah há menos de uma semana, a que acabou progredindo para histórias de fantasmas com Alzheimer. Hannah na cidade, Janet encolhida no recosto da janela da sala de estar e olhando para o terreno de 0,4 hectare que lhes competia em Westport, para todas aquelas coisas bonitas que cresciam e a faziam espirrar e enchiam seus olhos de lágrimas, e antes de partirem para o Alzheimer elas tinham conversado sobre Lucy Friedman e depois sobre Frank, e qual das duas tinha falado mesmo? Qual das duas tinha falado: "Se ele não tomar uma atitude sobre essa coisa de beber e dirigir, vai acabar matando alguém"?

— E então Trish disse algo que pareceu "lixa", ou "Lísia", mas no sonho eu percebi que ela estava... suprimindo... é assim que se fala? Ela estava suprimindo a primeira sílaba e o que estava falando na verdade era "polícia". Eu lhe perguntei o que tinha a polícia, o que ela estava tentando dizer sobre a polícia, e me sentei. Bem ali. — Ele aponta para a cadeira no que eles chamam de

cantinho do telefone. — Então houve um pouco mais de silêncio, depois mais algumas daquelas meias palavras, daquelas meias palavras sussurradas. Ela estava me deixando doido com aquilo e eu pensei: o mesmo dramalhão de sempre, mas então ela disse “número” com uma voz cristalina. E eu soube, da mesma maneira que soube que ela estava tentando dizer “polícia”, que Trish estava tentando me dizer que a polícia tinha ligado para ela porque não tinha o nosso número.

Janet assente com a cabeça, entorpecida. Eles decidiram tirar o número da lista dois anos atrás porque os repórteres não paravam de ligar para Henry por conta do escândalo da Enron. Geralmente na hora do jantar. Não porque ele tivesse alguma coisa a ver com a Enron *per se*, mas porque aquelas grandes companhias energéticas eram mais ou menos uma especialidade sua. Há alguns anos ele havia participado de uma comissão presidencial, na época em que Clinton era o mandachuva e o mundo (em sua modesta opinião, pelo menos) um lugar um pouco melhor e um pouco mais seguro. E, embora houvesse muitas coisas em Harvey de que ela não gostava mais, se tinha algo que sabia muito bem era que ele tinha mais integridade no seu dedo mindinho do que todos aqueles vagabundos da Enron juntos. Às vezes podia até achar a integridade uma chatice, porém sabia reconhecê-la.

Mas a polícia não tinha um jeito de conseguir números fora da lista telefônica? Bem, talvez não se estivesse com pressa de descobrir algo ou avisar alguma coisa a alguém. Além do mais, sonhos não precisam ter lógica, precisam? Sonhos são poemas do inconsciente.

E então, porque não aguentava mais ficar parada, ela vai até a porta da cozinha e olha para o dia ensolarado de junho, olha para a Sewing Lane, a alameda que é a pequena versão deles do que ela supõe ser o sonho americano. Como está tranquila aquela manhã, com um trilhão de gotas de orvalho reluzindo na grama! E ainda assim seu coração lhe esmurra o peito e suor escorre pelo seu rosto e ela quer dizer a Harvey que ele precisa parar, que não deve contar aquele sonho, aquele sonho terrível. Ela precisa lembrá-lo de que Jenna mora naquela mesma rua — Jen, melhor dizendo — de que Jen trabalha na Video Stop da cidade e passa mais noites de fim de semana do que deveria bebendo no Gourd com sujeitos como Frank Friedman, que tem idade para ser seu pai. O que é sem dúvida parte da atração.

— Eu só ouvia aquele monte de meias palavras sussurradas — dizia Harvey — e nada de ela falar para fora. Então escutei “morreu” e soube que uma das meninas estava morta. Eu simplesmente soube. Não Trisha, porque ela estava

comigo ao telefone, mas ou Jenna ou Stephanie. E eu senti tanto medo... Na verdade, fiquei sentado ali me perguntado quem preferia que fosse, como uma porra de Escolha de Sofia. Comecei a gritar com ela. “Me diz qual delas! Me diz qual delas! Pelo amor de Deus, Trish, me diz qual delas!” Foi só então que o mundo real começou a penetrar o sonho... sempre levando em conta que exista essa coisa de mundo real.

Harvey dá uma risadinha e, sob a luz forte da manhã, Janet vê que há uma mancha vermelha no amassado na lateral do Volvo de Frank Friedman, e que no meio da mancha há um borrão escuro que poderia ser terra, ou talvez cabelo. Ela consegue ver Frank estacionando torto no acostamento às duas da madrugada, bêbado demais para sequer arriscar a entrada para carros, quanto mais a garagem — estreito é o portão e tudo o mais. Consegue vê-lo cambalear para a casa com a cabeça abaixada, respirando pesado pelo nariz. *Viva ze bool*.

— A essa altura eu sabia que estava na cama, mas conseguia ouvir aquela voz grave que não se parecia nem um pouco com a minha, que parecia a voz de algum estranho e não conseguia falar do início ao fim nenhuma palavra. “E-dii ual-ela, e-dii ual-ela”, era assim que saía. “E-dii ual-ela, Ish!”

Me diz qual delas. Me diz qual delas, Trish.

Harvey se cala, pensando. Refletindo. As partículas de poeira dançam em volta do seu rosto. O sol deixa sua camiseta quase ofuscante demais; é como a camiseta de uma propaganda de sabão em pó.

— Fiquei deitado ali esperando você entrar correndo para ver qual era o problema — diz ele por fim. — Fiquei deitado ali todo arrepiado, tremendo e dizendo a mim mesmo que tinha sido apenas um sonho, do jeito que a gente sempre faz, é claro, mas também pensando em como tinha sido real. Como, de um jeito horrível, tinha sido maravilhoso.

Ele para de falar outra vez, pensando em como dizer o que vem em seguida, sem perceber que sua mulher já não o está ouvindo. A Jax-de-antes está agora empregando toda a sua mente, todo a sua considerável força de pensamento, para se obrigar a crer que o que está vendo não é sangue, mas apenas a camada protetora do Volvo onde a tinta havia sido raspada. *Camada protetora* é uma expressão que seu inconsciente se mostrou mais que disposto a trazer à tona.

— É impressionante, não é? Até onde a imaginação pode chegar — diz ele finalmente. — Um sonho desses é como um poeta, um dos verdadeiramente grandes, deve enxergar seu poema. Cada detalhe límpido e claro ao extremo.

Ele se cala e a cozinha fica à mercê do sol e da poeira dançante; lá fora, o mundo está em suspenso. Janet olha para o Volvo do outro lado da rua; ele

parece pulsar em seus olhos, pesado como um tijolo. Quando o telefone toca, ela gritaria se conseguisse arranjar fôlego, cobriria os ouvidos se pudesse erguer as mãos. Ela ouve Harvey se levantar e andar até o cantinho enquanto o telefone toca novamente, e então uma terceira vez.

É engano, pensa ela. Tem que ser, porque se você contar seus sonhos eles não se tornam realidade.

Harvey fala:

— Alô?

[5] Referência ao álbum *Thick as a Brick*, de 1972, na verdade uma só canção de 43 minutos, dividida em duas partes para caber em um LP. (N. do T.)

Posto de parada

Ele imaginava que, em algum lugar entre Jacksonville e Sarasota, tinha feito uma versão literária do velho truque “Clark Kent trocando de roupa na cabine telefônica”, mas não sabia bem onde ou como. O que sugeria que não foi assim tão dramático. Então será que tinha importância afinal?

Às vezes ele dizia a si mesmo que não, que essa história toda de Rick Hardin/John Dykstra não passava de uma armação, pura conversa de assessoria de imprensa, igual a Archibald Bloggert (ou qualquer que tivesse sido o seu nome real) atuando como Cary Grant ou Evan Hunter (cujo nome de batismo era Salvatore sabe-se lá o quê) escrevendo como Ed McBain. E esses caras tinham servido de inspiração para ele... juntamente com Donald E. Westlake, que escrevia romances policiais baratos sob o nome Richard Stark, e K. C. Constantine, que era na verdade... bem, ninguém sabia ao certo, não é mesmo? O mesmo acontecia com o misterioso Mr. B. Traven, que escrevera *O Tesouro de Sierra Madre*. Ninguém sabia ao certo, e isso era grande parte da diversão.

Nome, nome, o que há num simples nome?

Quem, por exemplo, era ele na viagem que fazia duas vezes por semana de volta para Sarasota? Era Hardin quando saiu do Pot o’ Gold em Jax, é claro, sem dúvida. E seria Dykstra quando entrasse em sua casa à beira do canal na Macintosh Road, obviamente. Mas quem era ele na Rota 75, enquanto seguia de cidade em cidade sob as luzes brilhantes da autoestrada? Hardin? Dykstra? Ninguém? Será que havia algum momento mágico em que o lobisomem literário que ganhava uma grana preta se transformava de volta no professor de inglês inofensivo cuja especialidade era poetas e romancistas americanos do século XX? E teria isso importância, desde que estivesse em dia com Deus, a Receita Federal e um ou outro jogador de futebol americano que por ventura fizesse um dos dois cursos de introdução que ele dava?

Nada disso tinha importância ali, logo ao sul de Ocala. O importante era que ele precisava mijar como um cavalo de corrida, fosse quem fosse. Tinha bebido duas cervejas a mais do que o seu limite habitual no Pot o’ Gold (talvez três) e colocado o controle de velocidade do Jaguar em 105 km/h, pois não queria ver nenhuma luz estroboscópica vermelha no seu retrovisor naquela noite. Ele podia

ter comprado o Jag com livros escritos sob o pseudônimo Hardin, mas era como John Andrew Dykstra que vivia a maior parte de sua vida, e seria sobre esse nome que a lanterna brilharia se lhe pedissem a carteira de motorista. E *Hardin* pode ter bebido as cervejas no Pot o' Gold, mas, se um patrulheiro rodoviário da Flórida sacasse o temido bafômetro de seu estojinho de plástico azul, seriam as moléculas intoxicadas de Dykstra que iriam parar dentro das entranhas inteligentes da bugiganga. E, numa noite de quinta-feira de junho, ele seria presa fácil independentemente de quem fosse, pois todos os turistas haviam voltado para Michigan e ele estava praticamente sozinho na I-75.

Mesmo assim, havia um problema fundamental em relação à cerveja que qualquer estudante de graduação entendia: o contrato que você faz com ela não é de compra, é de aluguel. Por sorte, havia um posto de parada a apenas 10 ou 11 quilômetros ao sul de Ocala, e lá ele daria um jeito naquilo.

Enquanto isso, no entanto, quem era ele?

Certamente tinha vindo a Sarasota 16 anos antes como John Dykstra, e era com esse nome que lecionara Inglês no campus de Sarasota da FSU desde 1990. Então, em 1994, decidiu parar de dar cursos de verão e em vez disso se arriscar a escrever um romance de mistério. Não havia sido ideia sua. Ele tinha um agente em Nova York, não um dos figurões, mas um cara honesto o suficiente e com um histórico aceitável, que conseguira vender quatro dos contos do seu novo cliente (escritos como Dykstra) para várias revistas literárias que pagaram umas poucas centenas de dólares. O nome do agente era Jack Golden e, embora fosse todo elogios para os contos, ele considerava os cheques que resultaram deles "uma merreca". Havia sido Jack quem apontara que todos os contos publicados por John Dykstra tinham "uma boa linha narrativa" (que, até onde Johnny sabia, no dialeto dos agentes literários significava enredo) e sugerira que seu novo cliente poderia fazer 40 mil ou 50 mil dólares de uma só vez escrevendo romances de mistério de 100 mil palavras.

— Você poderia fazer isso em um verão se conseguisse pendurar o chapéu em algum lugar e metesse a cara — disse ele para Dykstra em uma carta. (Eles ainda não tinham progredido para o telefone e o fax àquela altura.) — E seria o dobro do que você ganha dando aula nos cursos de junho e agosto lá na Universidade de Mangrove. Se quiser tentar, meu amigo, a hora é essa... antes de arranjar uma esposa e dois filhos e meio.

Não havia esposa em potencial alguma no horizonte (assim como não havia agora), mas Dykstra entendera o que Jack queria dizer; arriscar a sorte não ficava mais fácil à medida que você envelhecia. E mulher e filhos não eram as únicas

responsabilidades que uma pessoa assumia com o passar silencioso do tempo. Sempre havia a sedução dos cartões de crédito, por exemplo. Cartões de crédito enchem o casco do seu navio de cracas e fazem você ir mais devagar. Cartões de crédito são agentes da norma e trabalham em favor de uma vida sem surpresas.

Quando o contrato dos cursos de verão chegou em janeiro de 1994, ele o devolveu sem assinar para o chefe de departamento com um pequeno bilhete explicativo: *Pensei que seria melhor eu tentar escrever um romance este verão*.

A resposta de Eddie Wasserman tinha sido cordial, porém firme: *Tudo bem, Johnny, mas não posso garantir que a vaga estará disponível no próximo verão. A pessoa que assume o curso sempre tem o direito de recusar primeiro.*

Dykstra chegara a pensar no assunto, mas não por muito tempo: àquela altura, tinha uma ideia. Melhor ainda, tinha um *personagem*: O Cão, pai literário dos Jaguares e das casas na Macintosh Road, estava esperando para nascer, e Deus abençoe o seu coração homicida.

À sua frente ele via a seta branca na placa azul que reluzia sob os seus faróis, a rampa que saía da estrada fazendo uma curva para a esquerda e os postes com lâmpadas de sódio de alta potência. Elas iluminavam de tal forma o asfalto que a rampa parecia parte de um palco de teatro. Ele ligou a seta, desacelerou para 65 km/h e saiu da interestadual.

Na metade da subida, a rampa bifurcava: caminhões e trailers para a direita, quem estivesse dirigindo um Jaguar, seguir reto. O posto de parada ficava 50 metros depois da bifurcação, um prédio baixo de blocos de concreto que também parecia um palco sob as luzes fortes. O que seria ele em um filme? Uma base de lançamento de mísseis no cafundó do Judas, sendo que o sujeito no comando sofre de algum tipo de doença mental cuidadosamente escondida (mas progressiva). Ele vê russos por toda parte, russos saindo das malditas paredes... ou então terroristas da Al Qaeda, o que provavelmente estaria mais na moda. Os russos já não serviam mais para vilões em potencial, a não ser que estivessem traficando drogas ou prostitutas adolescentes. E, de todo modo, o vilão não tem importância, é tudo fantasia, mas ainda assim o dedo do cara está coçando para apertar o botão vermelho, e...

E ele precisava mijar, então, por favor, guarde a imaginação na gaveta por um tempo, obrigado. Além do mais, não havia lugar para o Cão numa história dessas. O Cão era mais um guerreiro urbano, como ele havia dito no Pot o’ Gold mais cedo naquela noite. (Boa frase, por sinal.) Mas a ideia do comandante louco

da base de mísseis tinha o seu encanto, não tinha? Um cara bonitão... adorado pelos colegas... parece perfeitamente normal por fora.

Havia apenas um carro no estacionamento amplo àquela hora, um daqueles PT Cruisers que ele sempre achava engraçados — pareciam carrinhos de gângster de brinquedo da década de 1930.

Ele estacionou quatro ou cinco vagas depois do PT Cruiser, desligou o motor e então parou para dar uma conferida rápida no estacionamento deserto antes de sair. Não era a primeira vez que parava ali ao voltar do Pot, e certa vez tinha ao mesmo tempo achado graça e ficado apavorado ao ver um crocodilo se arrastando pelo asfalto vazio em direção aos pinheiros do outro lado do posto, parecendo um pouco um homem de negócios velho e acima do peso a caminho de uma reunião. Não havia crocodilo naquela noite, de modo que ele saiu, apontando seu chaveiro por sobre ombro e apertando o botão para trancar as portas do carro. Naquela noite, seria apenas ele e o sr. PT Cruiser. O Jag soltou um gorjeio obediente e por um instante ele viu sua sombra no breve lampejo dos faróis... mas de quem era ela? De Dykstra ou de Hardin?

De Johnny Dykstra, decidiu ele. Hardin tinha sumido àquela altura, deixado para trás a 50 ou 60 quilômetros dali. Porém aquela tinha sido a sua noite de fazer a breve (e em sua maior parte cômica) apresentação pós-jantar para o restante dos Florida Thieves, e ele achava que o sr. Hardin havia feito um belo trabalho, terminando com a promessa de mandar o Cão atrás de qualquer pessoa que não contribuísse generosamente com a instituição beneficente daquele ano, que calhava de ser a Sunshine Readers, uma organização sem fins lucrativos que fornecia textos e artigos em formato de áudio para acadêmicos cegos.

Ele atravessou o estacionamento até o prédio, os saltos de suas botas de caubói clicando no asfalto. John Dykstra jamais usaria jeans desbotados e botas de caubói em um evento social, especialmente se ele fosse o palestrante do evento em questão, mas Hardin era um carro envenenado de modelo bem diferente. Ao contrário de Dykstra (que se melindrava com facilidade), Hardin não dava muita bola para o que as pessoas achavam da sua aparência.

O edifício do posto de parada era dividido em três partes: o banheiro feminino à esquerda, o banheiro masculino à direita e um grande átrio no meio, com um balcão onde você podia apanhar panfletos sobre diversas atrações do centro e do sul da Flórida. Havia também máquinas de salgadinhos, duas máquinas de refrigerante e um dispenser automático de mapas que exigia um número ridículo de moedas. Ambos os lados da entrada baixa de blocos de concreto estavam cobertos de cartazes de crianças desaparecidas que sempre deixavam Dykstra

arrepiado. Quantas das crianças naquelas fotos, ele sempre se perguntava, estariam enterradas no solo úmido e arenoso dos Glades ou alimentando os crocodilos daquela região pantanosa? Quantas cresciam acreditando que os vagabundos que as raptaram (e de quando em quando as molestavam ou prostituíam) eram seus pais ou mães? Dykstra detestava olhar para seus rostos desarmados e inocentes ou pensar no desespero que havia por trás dos valores absurdos das recompensas — 10, 20, 50 mil dólares, 100 mil (a última, por uma menina loira e sorridente de Fort Myers que tinha desaparecido em 1980 e que estaria no começo da meia-idade, se é que ainda estava viva... o que quase certamente não era o caso). Havia também um aviso informando ao público que era proibido remexer os latões de lixo, e outro dizendo que demorar mais de uma hora naquele posto de parada era proibido — ÁREA VIGIADA PELA POLÍCIA.

Quem iria querer se demorar aqui?, pensou Dykstra, escutando a brisa noturna farfalhar por entre as palmeiras. Um louco, eis quem iria querer. Uma pessoa para a qual um botão vermelho começaria a parecer atraente à medida que os meses e anos tediosos passavam ao som de caminhões de 16 rodas na faixa de ultrapassagem à uma da madrugada.

Ele dobrou em direção ao banheiro masculino e então se deteve no meio de um passo quando ouviu de repente uma voz de mulher, um pouco distorcida pelo eco, mas espantosamente próxima, vir de trás dele.

— Não, Lee — disse ela. — Não, querido, não faça isso.

Ouviu-se um tapa, seguido por um baque, um baque abafado de carne. Dykstra se deu conta de que estava escutando o som inconfundível de maus-tratos. Ele chegava a ver a marca vermelha da mão no rosto da mulher e sua cabeça, apenas ligeiramente amortecida pelos cabelos (loiros? pretos?), batendo contra a parede de azulejos bege. Ela começou a chorar. As lâmpadas de sódio eram fortes o bastante para Dykstra ver que seus braços tinham ficado arrepiados. Ele começou a morder o lábio inferior.

— Tu é uma puta de merda.

A voz de Lee era monótona, sonora. Era difícil saber por que dava para notar de cara que ele estava bêbado, pois cada palavra era articulada à perfeição. Mas dava, porque você já ouviu homens falando assim antes — em estádios de beisebol, em feiras de variedades, às vezes através de uma parede fina (ou do teto) de motel tarde da noite, com a lua já baixa no céu e os bares já fechados. A metade feminina da conversa — será que se podia chamar aquilo de conversa? — podia estar bêbada também, embora parecesse mais assustada.

Dykstra ficou parado ali, no limiar de um hall de entrada, encarando o banheiro masculino, suas costas viradas para o casal no banheiro das mulheres. Ele estava nas sombras, cercado dos dois lados por cartazes de crianças desaparecidas que farfalhavam baixinho, como folhagens de palmeira, sob a brisa noturna. Ficou esperando no mesmo lugar, torcendo para aquilo parar por ali. Mas é claro que não parou. Os versos de um cantor qualquer de música *country* lhe vieram à cabeça, sem sentido e agourentos: "Quando eu descobri que não prestava, já estava rico demais para tomar jeito."

Ouviu-se outro tapa polpudo e outro grito da mulher. Houve um instante de silêncio, e então a voz do homem voltou a ressoar, e dava para notar que, além de estar bêbado, ele era ignorante; por conta da maneira como dizia *tu é* em vez de *você é*. Era possível saber um monte de coisas a respeito dele, na verdade: que costumava se sentar nos fundos da sala durante as aulas de Inglês no ensino médio; que bebia leite direto da embalagem quando chegava em casa do colégio; que abandonou a escola antes de se formar; que arranjou o tipo de trabalho em que precisava usar luvas e carregar um estilete no bolso de trás da calça. Não se devia fazer esse tipo de generalizações — era como dizer que todos os negros tinham ginga de nascença e todos os italianos choravam na ópera —, mas ali no escuro, às 11 da noite, cercado por cartazes de crianças desaparecidas que por algum motivo eram sempre impressos em papel rosa, como se essa fosse a cor dos desaparecidos, você sabia que era verdade.

— Tu é uma putinha de merda.

Ele tem sardas, pensou Dykstra. *E a pele sensível ao sol. A pele queimada faz com que ele pareça sempre nervoso, e normalmente é assim mesmo que ele está. Ele bebe Kahlúa quando está com a carteira recheada, como se diz, mas no geral bebe cer...*

— Lee, pare — disse a voz da mulher. Ela estava chorando àquela altura, implorando, e Dykstra pensou: *Não faça isso, moça. Você não sabe que só piora as coisas? Não sabe que quando ele vê aquele filete de ranho pendendo do seu nariz isso só serve para deixá-lo mais irritado ainda?* — Pare de me bater, não agu...

Whap!

E então outro baque e um grito agudo, quase um latido fino, de dor. O velho sr. PT Cruiser a estapeou outra vez com força o bastante para sua cabeça bater contra a parede de azulejos do banheiro, e como era mesmo aquela piada antiga? Por que a cada ano são 300 mil casos de maus-tratos contra a mulher nos Estados Unidos? *Porque elas... não... aprendem... porra*.

— Tu é uma puta.

Esse era o evangelho de Lee naquela noite, direto da Segunda Epístola aos Bebadonicenses, e o que era assustador naquela voz — o que Dykstra achou completamente aterrorizante — era a falta de emoção. Raiva teria sido melhor. Raiva teria sido mais seguro para a mulher. Raiva era como um gás flamejante — uma faísca poderia acendê-lo e consumi-lo em uma explosão rápida e espalhafatosa —, mas aquele cara era... meticuloso. Não bateria nela de novo e então pediria desculpa, talvez começando a chorar ao fazê-lo. Talvez tivesse feito isso em outras noites, mas não naquela. Naquela noite ele estava interessado na explosão mais demorada. Ave-Maria cheia de graça, me ajude a sair dessa enrascada.

O que eu faço agora? Qual é a minha função aqui? Será que tenho alguma?

Ele certamente não entraria no banheiro masculino para dar a longa e preguiçosa mijada que pretendia e estava louco para dar; seu saco estava encolhido como duas pedrinhas duras e a pressão nos rins tinha se espalhado tanto pelas suas costas quanto pelas pernas. Seu coração estava acelerado no peito, esmurrando-o a uma passada rápida que provavelmente se tornaria uma corrida ao som do próximo golpe. Só conseguiria mijar novamente dali a uma hora, por maior que fosse a sua vontade, e mesmo assim o xixi sairia em uma série de jatinhos insatisfatórios. E Deus, como ele gostaria que essa hora já tivesse passado, como gostaria de estar na estrada, a 100 ou 110 quilômetros dali!

O que você vai fazer se ele bater nela de novo?

Outra questão surgiu: o que ele faria se a mulher desse no pé e o sr. PT Cruiser fosse atrás dela? Havia apenas uma saída do banheiro feminino, e John Dykstra estava bem no meio dela. John Dykstra com as botas de caubói que Rick Hardin usara em Jacksonville, onde de duas em duas semanas um grupo de escritores de mistério — muitos deles mulheres gorduchas de terninhos pastel — se reunia para discutir técnicas narrativas, agentes, vendas e fofocar uns sobre os outros.

— Lee-Lee, não me machuque, está bem? Por favor, não me machuque. Por favor, não machuque o bebê.

Lee-Lee. Jesus chorou.

Ah, e ainda tem mais; mais essa para completar. *O bebê. Por favor, não machuque o bebê*. Bem-vindo ao canal A Vida como Ela É.

O coração disparado de Dykstra pareceu afundar alguns centímetros no peito. Ele tinha a sensação de estar parado naquele pequeno limiar de bloco de

concreto há pelo menos vinte minutos, mas quando olhou para o relógio não ficou surpreso ao ver que nem mesmo quarenta segundos se haviam passado desde o primeiro tapa. Prova da natureza subjetiva do tempo e da estranha velocidade do pensamento quando a mente é colocada sob pressão sem aviso. Ele já havia escrito diversas vezes sobre as duas coisas. Imaginava que a maioria dos — abre aspas, fecha aspas — escritores de mistério tivesse feito o mesmo. Quando chegasse novamente a sua vez de palestrar para os Florida Thieves, talvez ele pudesse escolher isso como assunto e começar lhes contando sobre o incidente. E sobre como teve tempo para pensar em *Segunda Epístola aos Bebadonicenses*. Embora achasse que talvez fosse um pouco pesado para suas confraternizações quinzenais, um pouco...

Uma perfeita rajada de golpes interrompeu essa linha de pensamento. Lee-Lee tinha surtado. Dykstra escutou o som peculiar daqueles golpes com o assombro de um homem que compreende estar ouvindo sons dos quais jamais se esquecerá, não efeitos sonoros de cinema, mas um som de punhos batendo em um travesseiro de penas, surpreendentemente suave — na verdade, quase delicado. A mulher gritou uma vez de surpresa e outra de agonia. Depois disso, se viu reduzida a gritinhos ofegantes de dor e medo. Lá fora no escuro, Dykstra pensou em todos os anúncios públicos de tevê que já havia visto sobre prevenção da violência doméstica. Eles não faziam menção a isso, a como você conseguia ouvir o vento nas palmeiras em um ouvido (e o farfalhar dos cartazes de crianças desaparecidas, não nos esqueçamos disso) e aqueles pequenos grunhidos de dor e medo no outro.

Ele ouviu o barulho de pés se arrastando no piso de azulejo e soube que Lee (Lee-Lee, era como a mulher o chamara, como se um apelido carinhoso pudesse acalmar sua fúria) estava se aproximando. Como Rick Hardin, Lee usava botas. Os Lee-Lees do mundo geralmente preferiam calçar Georgia Giants. E mulheres mais novas. A mulher estava de tênis cano baixo, branco. Ele sabia.

— Puta, puta de merda, eu te vi falano com ele, mostrano os peito pra ele, tu é uma puta mermo...

— Não, Lee-Lee, eu nunca...

O som de outro golpe, e então uma expectoração rouca que não era nem masculina nem feminina. Um barulho de golfada. No dia seguinte, quem quer que limpasse aqueles banheiros encontraria vômito secando no chão e em uma das paredes de azulejo do toalete feminino, mas Lee e sua mulher ou namorada já estariam longe, e para o faxineiro seria apenas outra sujeira para limpar, a história do vômito ao mesmo tempo obscura e desinteressante, e o que Dykstra

deveria fazer? Meu Deus, será que ele tinha coragem de entrar lá? Se não tivesse, Lee talvez acabasse de bater nela e se desse por satisfeito, mas se um estranho interferisse...

Ele mataria a nós dois.

Mas...

O bebê. Por favor, não machuque o bebê.

Dykstra cerrou os punhos e pensou: *merda de canal A Vida como Ela É!*

A mulher ainda vomitava.

— Para com isso, Ellen.

— *Não consigo!*

— Não? Então tá bom. Eu faço você parar. Sua... *puta*.

Outro *whap!* pontuou aquele *puta*. O coração de Dykstra se afundou mais ainda. Ele não achava que aquilo fosse possível. Dali a pouco estaria batendo na sua barriga. Se ao menos pudesse incorporar o Cão! Em um conto isso daria certo — ele vinha inclusive pensando sobre identidade antes de cometer o grande erro de entrar naquele posto de parada, e se aquilo não era o que os manuais de literatura chamavam de prenúncio, então o que seria?

Sim, ele poderia se transformar no seu matador, entrar no banheiro feminino, cobrir Lee de porrada e depois seguir seu caminho. Como Shane naquele filme antigo com Alan Ladd.

A mulher vomitou novamente, com o som de uma máquina transformando pedras em cascalho, e então Dykstra soube que não iria incorporar o Cão. O Cão era faz de conta. Aquela era a realidade, se desenrolando bem ali na sua frente como a língua de um bêbado.

— Faz isso de novo pra você ver só — incitou Lee, e dessa vez havia algo de mortífero em sua voz. Ele estava se preparando para ir até o fim. Dykstra estava certo disso.

Eu vou testemunhar no julgamento. E quando me perguntarem o que fiz para impedir, vou falar que não fiz nada. Vou falar que fiquei escutando. Que eu memorizei a cena. Que fui testemunha. E então vou explicar que é isso que escritores fazem quando não estão escrevendo.

Dykstra pensou em correr de volta para o Jag — sem fazer barulho! — e usar o telefone no painel para ligar para a polícia estadual. Bastava discar *99. Era o que diziam as placas de mais ou menos 15 em 15 quilômetros: EM CASO DE ACIDENTE, DISQUE *99 NO SEU CELULAR. Só que nunca havia um policial por perto quando você precisava. O mais próximo naquela noite estaria em Bradenton ou talvez Ybor

City e, quando ele chegasse ali, aquele pequeno rodeio de sangue estaria acabado.

Então uma série de soluços pastosos, entremeados por sons baixos de sufocamento, começou a vir do banheiro feminino. A porta de uma das cabines bateu. A mulher sabia que Lee estava falando sério com tanta certeza quanto Dykstra. O simples fato de ela vomitar novamente bastaria para ele explodir. Ele partiria como um louco para cima dela e terminaria o serviço. E se eles o apanhassem? Segundo grau. Não premeditado. Em 15 meses ele poderia estar solto e saindo com a irmã mais nova dela.

Volte para o carro, John. Volte para o carro, sente atrás do volante e saia daqui. Comece a trabalhar na ideia de que isso nunca aconteceu. E certifique-se de não ler o jornal ou assistir à tevê pelos próximos dois dias. Vai ajudar. Faça isso. Agora. Você é um escritor, não um lutador. Você tem 1,80m, pesa 73,5 quilos, tem um ombro ruim e a única coisa que pode fazer aqui é piorar a situação. Então volte para o carro e faça uma pequena oração para qualquer Deus que exista olhar por mulheres como Ellen.

E ele chegou a dar meia-volta antes de um pensamento lhe vir à cabeça.

O Cão não era real, mas Rick Hardin *era*.

Ellen Whitlow, de Nokomis, tinha caído em cima de uma das privadas e aterrissado na tampa com as pernas abertas e a saia levantada, exatamente como a puta que era, e Lee foi andando atrás dela, pretendendo agarrá-la pelas orelhas e começar a socar sua cabeça idiota contra o azulejo. Já estava farto daquilo. Iria lhe ensinar uma lição que ela jamais esqueceria.

Não que esses pensamentos tenham passado pela sua cabeça de alguma forma coerente. O que havia em sua mente àquela altura era basicamente uma vermelhidão. Debaixo dela, por cima dela, infiltrando-se nela havia uma voz cantada que parecia a de Steven Tyler, do Aerosmith: *Esse bebê não é meu mesmo, não é meu, não é meu, você não vai colocar ele nas minhas costas, sua puta de merda.*

Ele deu três passos, e foi então que uma buzina de carro começou a soar ritmada em algum lugar ali perto, estragando o ritmo dele, estragando sua concentração, tirando-o de dentro da sua cabeça, fazendo-o olhar em volta: *Uón! Uón! Uón! Uón!*

Alarme de carro, pensou ele, olhando da entrada do banheiro feminino para a mulher sentada na privada. Da porta para a puta. Começou a cerrar os punhos de

indecisão. De repente, apontou para ela com o indicador direito, a unha longa e suja.

— Se você se mexer, está morta, sua piranha — falou para ela, encaminhando-se para a porta.

O banheiro era bem iluminado e o estacionamento do posto também, mas no hall entre as duas alas do prédio estava escuro. Por um instante ele ficou cego, e foi então que algo o atingiu bem no alto das costas, impulsionando-o para a frente em uma corrida atabalhoada que o levou apenas dois passos adiante antes de ele tropeçar em alguma outra coisa — uma perna — e cair estatelado no concreto.

Não houve pausa, não houve hesitação. Uma bota lhe chutou a coxa, congelando o músculo grande dela, e então bem no alto da sua bunda de calça jeans, quase na base das suas costas. Ele começou a se arrastar...

Uma voz acima dele falou:

— Não role de barriga para cima, Lee. Estou com uma chave de roda nas mãos. Continue de barriga para baixo, ou eu vou afundar sua cabeça com ele.

Lee ficou deitado onde estava com as mãos estendidas para a frente, quase se tocando.

— Venha pra cá, Ellen — disse o homem que lhe batera. — Não temos tempo a perder. Saia daí agora.

Fez-se um silêncio. Então a voz da puta, trêmula e pastosa:

— Você machucou ele? Não machuque ele!

— Ele está bem, mas se você não sair agora mesmo, vou machucá-lo feio. Não vou ter escolha. — E, depois de uma pausa: — E a culpa vai ser sua.

Enquanto isso, o alarme do carro ressoava sua ladainha noite adentro: *Uón! Uón! Uón! Uón!*

Lee começou a virar a cabeça no chão. Doía. Com o que aquele desgraçado tinha batido nele? Foi chave de roda o que ele disse? Não conseguia lembrar.

A bota acertou sua bunda outra vez. Lee gritou e baixou o rosto de volta para o chão.

— Saia daí, moça, ou vou abrir a cabeça dele! Estou sem escolha aqui!

Quando ela falou de novo, estava mais perto. Sua voz vacilava, mas já pendia para a indignação:

— Por que você fez *isso*? Não precisava fazer isso!

— Eu liguei para a polícia do meu celular — falou o homem parado em cima dele. — Tinha um policial perto do quilômetro 200. Então nós temos dez

minutos, talvez um pouco menos. Sr. Lee-Lee, é você ou ela quem está com a chave do carro?

Lee teve que pensar para responder.

— Ela — disse ele por fim. — Ela falou que eu estava bêbado demais pra dirigir.

— Está certo. Ellen, vá lá pra fora, pegue o PT Cruiser e saia daqui. Não pare até chegar a Lake City, e se você tiver nessa cabeça o cérebro que Deus deu a um pato, também não vai voltar quando chegar lá.

— Não vou deixar ele com você! — Agora ela soava bastante irritada. — Não com você carregando essa coisa na mão.

— Ah, vai sim. Vai agora mesmo ou então eu arrebento ele, e feio.

— Seu malvado!

O homem riu, e o som assustou mais Lee do que a voz falada do sujeito.

— Vou contar até trinta. Se você não estiver saindo do posto rumo ao sul até eu acabar, arranco a cabeça dele de cima dos ombros. Vou fazer de conta que ela é uma bola de golfe.

— Você não pode...

— Faça isso, Ellie. Faça isso, querida.

— Você ouviu — disse o homem. — Seu ursão de pelúcia quer que você vá. Se quiser deixá-lo acabar de te cobrir de porrada amanhã à noite, e o bebê também, pouco me importa. Não vou estar por perto amanhã à noite. Mas agora já acabei o que tinha que fazer com você; *então coloque esse rabo pra andar, sua idiota*.

Essa foi uma ordem que ela entendeu, dada em uma linguagem que ela conhecia, e Lee viu suas pernas nuas e sandálias cruzarem seu campo de visão rebaixado. O homem que o passara para trás começou a contar em voz alta:

— *Um, dois, três, quatro...*

— Rápido, *porra*! — gritou Lee, e a bota atingiu seu traseiro, mas de leve daquela vez, dando-lhe uma balançada em vez de um chute. Enquanto isso, *Uón! Uón! Uón!* noite adentro. — Coloque esse rabo pra *andar*!

Diante dessas palavras, suas sandálias começaram a correr. Sua sombra correu atrás delas. O homem tinha chegado a vinte quando o motorzinho de máquina de costura do PT Cruiser deu partida, e a trinta quando Lee viu seus faróis traseiros dando ré pelo estacionamento. Lee esperou que o homem começasse a bater e ficou aliviado quando ele não fez isso.

Em seguida, o PT Cruiser pôs-se a descer a pista de saída e o som do motor começou a desaparecer, e então o homem parado em cima dele falou com uma

espécie de perplexidade.

— Agora — disse o homem que o passara para trás —, o que eu vou fazer com *você*?

— Não me machuque — disse Lee. — Não me machuque, moço.

Assim que os faróis traseiros sumiram de vista, Hardin trocou a chave de roda de mão. Suas palmas estavam suadas e ele quase o deixou cair. Isso teria sido ruim. A chave de roda teria feito um barulho alto ao bater no chão, e Lee se teria levantado num piscar de olhos. Ele não era tão grande quanto Dykstra imaginara, mas era perigoso. Já havia provado isso.

Sei, perigoso para mulheres grávidas.

Mas não era assim que devia pensar. Se o velho Lee-Lee se levantasse, aquele se tornaria um jogo totalmente diferente. Conseguia sentir Dykstra tentando voltar, querendo discutir essa e talvez outras questões. Hardin o afastou para longe. Aquela não era a hora ou o lugar para um professor universitário de Inglês.

— Agora, o que eu vou fazer com *você*? — disse ele, perguntando com uma perplexidade sincera.

— Não me machuque — falou o homem no chão. Ele usava óculos. Essa foi uma grande surpresa. Nem Hardin nem Dykstra tinham de maneira alguma visualizado aquele homem de óculos. — Não me machuque, moço.

— Já sei. — Dykstra teria dito *Tive uma ideia*. — Tire seus óculos e coloque-os do seu lado.

— Por que...

— Guarde a saliva e obedeça.

Lee, que usava uma Levi's desbotada e uma camisa de botão (àquela altura puxada de dentro da calça atrás e pendendo sobre o seu traseiro), começou a tirar seus óculos de armação de metal com a mão direita.

— Não, com a outra mão.

— Por quê?

— Não me faça perguntas. Apenas obedeça. Tire os óculos com a mão esquerda.

Lee tirou os óculos estranhamente delicados e os colocou no chão. Hardin pisou neles na mesma hora com o salto de uma das botas. Ouviu-se um pequeno estalo e o estilhaçar delicioso de vidro.

— Por que você fez isso?

— Por que você acha? Está com uma arma ou coisa parecida?

— Não! Meu Deus, *não*!

E Hardin acreditava nele. Se tivesse, seria uma arma de caça no porta-malas do PT Cruiser. Mas achava que até isso era difícil. Parado diante do banheiro feminino, Dykstra havia imaginado um peão de obra enorme. Aquele cara parecia um contador que malhava três vezes por semana na academia.

— Acho que vou voltar para o meu carro agora — falou Hardin. — Desligar o alarme e dar o fora daqui.

— Sim. Sim, por que você não faz is...

Hardin voltou a colocar o pé sobre a bunda do homem num gesto de advertência, dessa vez balançando-o de um lado para outro de forma um pouco mais brusca.

— Por que você não cala a boca? O que achava que estava fazendo com ela lá dentro, afinal?

— Ensinando uma porra de uma lição para aque...

Hardin o chutou no quadril com quase toda a força que tinha, contendo-se um pouco no último segundo. Mas só um pouco. Lee gritou de dor e medo. Hardin ficou espantado com o que havia acabado de fazer e com a maneira como o fizera, totalmente sem pensar. O que o espantava mais ainda era o fato de querer fazer de novo, e com mais força. Gostou daquele grito de dor e medo, poderia ouvi-lo de novo sem problemas.

Então o quanto ele era diferente de Lee da Latrina, caído ali com a sombra do hall de entrada correndo pelas suas costas em uma diagonal negra como piche? Não muito, ao que parecia. Mas e daí? Aquela era uma pergunta chata, que dava pano demais pra manga. Outra muito mais interessante lhe veio à cabeça. O quão forte ele poderia chutar o velho Lee-Lee na orelha esquerda sem sacrificar a precisão em prol da força? Bem no meio da orelha, *pá-pum*. Ele também se perguntava que tipo de som aquilo faria. Seu palpite era de que seria um som satisfatório. É claro que ele poderia matar o homem ao fazer isso, mas qual seria a gravidade dessa perda para o mundo? E quem jamais saberia? Ellen? Grande bosta.

— É melhor calar a boca, companheiro — disse Hardin. — Essa seria a melhor maneira de agir no momento. Simplesmente calar a boca. E, quando o policial chegar aqui, você pode contar a ele qualquer merda que quiser.

— Por que você não vai embora? Vá embora e me deixe em paz. Já quebrou meus óculos, não está de bom tamanho?

— Não — falou Hardin com sinceridade. Ele pensou por um segundo. — Quer saber de uma coisa?

Lee não lhe perguntou o que era.

— Vou andar bem lentamente até o meu carro. Se quiser, levante e venha atrás de mim. A gente resolve isso cara a cara.

— Tá, sei! — Lee soltou uma risada lacrimosa. — Não consigo ver porra nenhuma sem meus óculos!

Hardin empurrou o seu para cima sobre o nariz. Não sentia mais vontade de mijar. Que coisa estranha!

— Olhe para você — disse ele. — Olhe só para você.

Lee deve ter escutado alguma coisa na sua voz, pois Hardin notou que ele começava a tremer sob o luar prateado. Porém, não disse nada, o que era provavelmente sensato diante das circunstâncias. E o homem parado em cima dele, que nunca tinha entrado em uma briga na vida antes disso, nem quando cursava o ensino médio, nem durante o *fundamental*, compreendeu que aquilo tinha de fato acabado. Se Lee tivesse uma arma, talvez tentasse acertá-lo pelas costas enquanto ele estivesse indo embora. Mas, caso contrário, não faria nada. Lee estava... qual era mesmo a palavra?

Subjugado.

O velho Lee-Lee estava subjugado.

Hardin teve um lampejo de inspiração.

— Anotei o número da sua placa — disse ele. — E sei o nome de vocês. O seu e o dela. Estarei de olho no jornal, seu babaca.

Nada vindo de Lee. Ele ficou apenas deitado de barriga para baixo, com seus óculos quebrados cintilando sob o luar.

— Boa noite, babaca — falou Hardin. Ele andou até o estacionamento e saiu guiando dali. Shane em um Jaguar.

Ele se sentiu bem por dez minutos, talvez 15. Tempo bastante para ver se tinha algo de interessante no rádio e então decidir colocar o disco da Lucinda Williams no CD player. Então, de repente, seu estômago estava na garganta, ainda cheio do frango com batatas que tinha comido no Pot o’ Gold.

Ele parou no acostamento, estacionou o Jaguar, começou a sair e então se deu conta de que não havia tempo para aquilo. Apenas se inclinou para fora com o cinto de segurança ainda preso e vomitou no asfalto ao lado da porta do motorista. Seus dentes batiam uns nos outros.

Faróis surgiram e deslizaram na direção dele. Eles desaceleraram. Dykstra primeiro achou que fosse um policial, finalmente um policial. Eles sempre apareciam quando você não precisava, quando não os queria. Seu segundo palpite — uma certeza fria, na verdade — era que se tratava do PT Cruiser, Ellen no volante, Lee-Lee no banco do carona, agora ele próprio com uma chave de roda no colo.

Porém era apenas um Dodge velho cheio de moleques. Um deles — um garoto com cara de idiota e provavelmente ruivo — botou o rosto cheio de espinhas, do tamanho de uma lua, para fora da janela e gritou:

— *Vomita no pééé!* — Isso foi seguido por gargalhadas, e o carro acelerou estrada afora.

Dykstra fechou a porta do motorista, recostou a cabeça, fechou os olhos e esperou a tremedeira diminuir. Depois de algum tempo, ela diminuiu e seu estômago sossegou. Ele percebeu que estava com vontade de mijar novamente e interpretou isso como um bom sinal.

Então pensou na vontade que teve de chutar Lee-Lee na orelha — com quanta força? que som faria? — e tentou forçar sua mente em outra direção. Pensar sobre como quis fazer aquilo o deixou enjoado de novo.

Sua mente (que em geral o obedecia) se voltou para o comandante daquela base de mísseis lá em Lonesome Crow, Dakota do Norte (ou talvez fosse em Dead Wolf, Montana). O que estava enlouquecendo em segredo. Vendo terroristas atrás de cada moita. Empilhando panfletos mal escritos no armário, passando madrugadas a fio diante da tela do computador, explorando os becos paranoicos da internet.

E talvez o Cão estivesse a caminho da Califórnia para fazer um serviço... de carro em vez de avião porque está com algumas armas especiais no porta-malas do seu Plymouth Road Runner... e então o carro enguiça...

Certo. Certo, aquilo era bom. Ou poderia ficar, se burilasse mais um pouco. E ele ainda tinha achado não haver lugar para o seu matador na imensidão vazia do coração da América. Mas isso era pensar pequeno, não é mesmo? Porque, dependendo da situação, qualquer um poderia acabar em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa.

A tremedeira passou. Dykstra voltou a ligar o motor do Jag e pegou a estrada. Em Lake City, encontrou um posto de gasolina com loja de conveniência 24 horas e parou nele para esvaziar a bexiga e encher o tanque (depois de correr os olhos pelo posto e pelas quatro bombas de gasolina em busca do PT Cruiser e não vê-lo). Então dirigiu o resto do caminho, com seus pensamentos de Rick

Hardin na cabeça, e entrou na sua casa de John Dykstra em frente ao canal. Ele sempre ligava o alarme contra ladrões antes de sair — era a coisa mais prudente a fazer —, e o desligou antes de acioná-lo novamente para o resto da noite.

A bicicleta ergométrica

I. Operários Metabólicos

Uma semana depois do checkup que ele adiara por um ano (na verdade, vinha adiando-o por três anos, como sua esposa teria dito se ainda estivesse viva), Richard Sifkitz foi chamado pelo dr. Brady para ver e conversar sobre os resultados. Uma vez que o paciente não conseguiu detectar nada de especialmente agourento na voz do médico, ele foi com suficiente boa vontade.

Os resultados estavam impressos na forma de valores numéricos em uma folha de papel cujo cabeçalho dizia METROPOLITAN HOSPITAL, New York City. Todos os nomes dos exames e números estavam em preto, com exceção de uma linha. Esta estava impressa em vermelho, e Sifkitz não ficou muito surpreso ao ver que ela sinalizava COLESTEROL. O número, que ficava realmente destacado naquela tinta vermelha (o que sem dúvida era a intenção), dizia 226.

Sifkitz fez menção de questionar se aquele número era ruim, então se perguntou se queria mesmo começar aquela consulta fazendo uma pergunta idiota. Não estaria impresso em vermelho, raciocinou ele, se fosse bom. Os demais eram obviamente bons números, ou pelo menos aceitáveis, e por isso estavam em tinta preta. Mas ele não estava ali para questioná-los. Médicos eram pessoas ocupadas, que não gostavam de perder tempo passando a mão na cabeça dos outros. Então, em vez de alguma idiotice, ele perguntou o quanto aquele número 226 era ruim.

O dr. Brady recostou em sua cadeira e entrelaçou os dedos sobre o peito detestavelmente magro.

— Para ser franco — disse ele — não é um número nada ruim. — Ele ergueu um dedo. — Quer dizer, levando-se em conta o que você come.

— Sei que estou acima do peso — falou Sifkitz com humildade. — Venho pensando em fazer alguma coisa a respeito. — Na verdade, ele vinha pensando era em não fazer nada disso.

— Para ser mais franco ainda — prosseguiu o dr. Brady —, seu peso também não está tão ruim. Novamente, levando-se em conta o que você come. E agora quero que você ouça com atenção, pois esse é o tipo de conversa que eu só tenho uma vez com meus pacientes. Com meus pacientes homens, quero dizer; quando

o assunto é peso, se eu deixar, minhas pacientes mulheres acham que meu ouvido é penico. Está preparado?

— Estou — disse Sifkitz, tentando entrelaçar os dedos sobre o próprio peito e descobrindo que não conseguia. O que ele descobriu, ou redescobriu, melhor falando, era que tinha um baita par de peitos. O que, até onde ele sabia, não fazia parte do equipamento padrão de homens na casa dos 30 e muitos. Ele desistiu de tentar entrelaçá-los e, em vez disso, os dobrou. No colo. Quando mais cedo começasse o sermão, mais cedo iria terminar.

— Você tem 1,8 metro e 38 anos de idade — falou o dr. Brady. — Deveria pesar uns 85 quilos e seu colesterol deveria estar na faixa dos 190. Houve uma época, lá pela década de 1970, em que você se safava com um colesterol de 240, mas é claro que, na década de 1970, ainda se podia fumar nas salas de espera dos hospitais. — Ele balançou a cabeça. — Daí, a correlação entre colesterol alto e doenças cardíacas ficou simplesmente óbvia demais. Então o número 240 foi pra cucuia.

"Você é o tipo de homem que foi abençoado com um bom metabolismo. Veja bem, não um metabolismo excelente, mas bom? Com certeza. Quantas vezes por semana você come no McDonald's ou no Wendy's, Richard? Duas?"

— Uma, talvez — disse Sifkitz. Ele achava que, na verdade, uma semana comum comportava de quatro a seis refeições em restaurantes de *fast-food*. Isso sem contar os fins de semana em que ia ao Arby's.

O dr. Brady ergueu a mão como se quisesse dizer *Como você quiser*... O que era, agora que Sifkitz pensava nisso, o slogan do Burger King.

— Bem, você certamente está comendo em algum lugar, pelo que diz a balança. No dia do seu checkup, você estava pesando 101 quilos... quase a metade, e não por coincidência, da sua taxa de colesterol.

Ele sorriu diante da careta que Sifkitz fez, mas pelo menos não era um sorriso ausente de simpatia.

— Vou lhe dizer o que aconteceu até aqui na sua vida adulta — falou Brady. — Nela, você continuou comendo da mesma forma que comia quando adolescente, e até aquela época o seu corpo, graças a esse metabolismo bom-embora-não-extraordinário, conseguia mais ou menos segurar a onda. Ajuda a entender melhor se você pensar no processo metabólico como uma equipe de operários. Homens de calças cáqui e coturnos.

Pode ajudar você, pensou Sifkitz, mas para mim não adianta nada. Enquanto isso, seus olhos continuavam sendo atraídos para aquele número vermelho, para aquele 226.

— O trabalho deles é pegar as coisas que você manda goela abaixo e dar um jeito nelas. Algumas eles mandam para os seus vários departamentos de produção. O resto eles queimam. Se você mandar pra dentro mais do que eles conseguem dar conta, ganha peso. Que é o que está acontecendo no seu caso, mas em um ritmo relativamente lento. Porém, se não fizer algumas mudanças, daqui a pouco esse ritmo vai aumentar. São dois os motivos para isso. O primeiro é que os setores de produção do seu corpo precisam de menos combustível do que antes. O segundo é que a sua equipe metabólica, aqueles sujeitos de calças cáqui com tatuagens nos braços, não estão ficando mais jovens. Já não são tão eficientes quanto costumavam ser. Estão mais lentos para separar as coisas que precisam ser despachadas e as que precisam ser queimadas. E às vezes eles reclamam.

— Reclamam? — perguntou Sifkitz.

O dr. Brady, com as mãos ainda entrelaçadas sobre o peito mirrado (o peito de um tuberculoso, decidiu Sifkitz — certamente não tinha peito nenhum ali), assentiu com sua cabeça igualmente mirrada. Sifkitz pensou que era quase como a cabeça de uma doninha, estreita e com olhos aguçados.

— Sim, senhor. Eles dizem coisas como “Esse cara não vai desacelerar nunca?” e “Quem ele acha que nós somos, os super-heróis da Marvel Comics?” e “Caramba, será que ele não dá uma trégua?”. E um deles, aquele que está sempre fingindo estar doente pra ficar em casa, toda fábrica tem um, provavelmente fala: “E vocês ainda duvidam que ele esteja cagando e andando pra gente? Ele não é o mandachuva?”

“E, mais cedo ou mais tarde, eles vão fazer o que qualquer bando de peões faz quando é forçado a acumular tarefas demais por tempo demais, sem direito nem a uma porcaria de um fim de semana, quanto mais a férias remuneradas: vão ficar desleixados. Vão começar a fazer corpo mole e vagabundear no trabalho. Vai chegar um dia em que um deles não vai nem aparecer para trabalhar, e depois vai chegar outro, se você viver o suficiente, em que um deles não vai poder vir, porque estará deitado em casa, morto por conta de um derrame ou de um enfarto.”

— Muito agradável. Talvez o senhor devesse levar esse show para a estrada. Entrar no circuito das palestras. Ir ao programa da Oprah, talvez.

O dr. Brady desenlaçou os dedos e se inclinou para frente sobre a sua mesa. Ele encarou Richard Sifkitz, sem sorrir.

— Você tem uma escolha a fazer e meu trabalho é conscientizá-lo dela, só isso. Ou você muda seus hábitos, ou se verá no meu consultório daqui a dez anos

com alguns problemas sérios: peso beirando os 140 quilos, talvez, diabetes tipo 2, varizes, úlcera estomacal e um colesterol condizente com o seu peso. Até aqui, você ainda pode virar o jogo sem dietas radicais, abdominoplastia ou um enfarto para chamar sua atenção. Mais tarde, isso vai ficar mais difícil. Depois dos 40, Richard, o peso gruda em você feito merda de neném na parede de um quarto.

— Quanta elegância — disse Sifkitz, caindo na risada. Não pôde evitar.

Brady não riu, mas pelo menos abriu um sorriso e recostou na sua cadeira.

— Não existe nada de elegante no rumo que você está tomando. Médicos não costumam falar nisso da mesma forma que patrulheiros estaduais não falam sobre a cabeça decepada que encontraram numa vala perto de um acidente de carro, ou sobre a criança carbonizada que acharam no armário um dia depois de as luzes da árvore de Natal incendiarem uma casa, mas nós sabemos bastante sobre o maravilhoso mundo da obesidade, desde mulheres que criam mofo debaixo de dobras de banha que há anos não são lavadas até o fundo, até homens que andam por todo lado envoltos em uma nuvem de fedor porque faz uma década ou mais que não conseguem se limpar direito.

Sifkitz se encolheu e gesticulou como se quisesse afastar aquilo.

— Não estou dizendo que você vai chegar a tanto, Richard. A maioria das pessoas não chega, elas parecem ter uma espécie de regulador embutido que as impede disso. Mas não deixa de ser verdade quando dizem que fulano ou beltrano cavou a própria cova com um garfo e uma faca. Mantenha isso em mente.

— Vou manter.

— Ótimo. Era essa a palestra. Ou o sermão. Ou seja lá o que for. Não vou mandar você seguir o caminho do Senhor e não pecar mais, só estou "transmitindo a mensagem".

Embora preenchesse há 12 anos a lacuna OCUPAÇÃO na sua declaração de imposto de renda com as palavras ARTISTA FREELANCER, Sifkitz não se via como um homem excepcionalmente criativo, e não havia feito sequer uma pintura (ou mesmo um desenho, na verdade) por prazer desde o ano em que se formara na DePaul. Fazia capas de livros, alguns cartazes de cinema, um monte de ilustrações para revistas, capas para folders de uma ou outra feira de exposição. Tinha feito uma capa de CD (para o Slobberbone, um grupo de que gostava bastante), porém nunca mais faria outra, disse ele, pois era impossível ver os detalhes no produto final sem uma lupa. Isso foi o mais perto que já havia chegado do que se costuma chamar de "temperamento artístico".

Se lhe perguntassem qual era o seu trabalho favorito, ele provavelmente ficaria com cara de bobo. Se pressionado, talvez dissesse que era a pintura de uma jovem loira correndo pela grama que tinha feito para o amaciante de roupas Downy, mas até isso seria uma mentira, algo dito apenas para se livrar da pergunta. Na verdade, não era o tipo do artista que tinha (ou sentia necessidade de ter) “obras favoritas”. Fazia muito tempo que pegava o pincel somente para pintar as coisas pelas quais era contratado, geralmente baseando-se em um memorando detalhado de agência de publicidade ou numa fotografia (como no caso da mulher correndo pela grama, claramente em êxtase por ter enfim derrotado os efeitos da eletricidade estática nas roupas).

No entanto, da mesma forma que sem dúvida a inspiração acomete os melhores — os Picassos, os Van Goghs, os Salvador Dalís —, ela também deve acometer em algum momento o restante de nós, nem que seja apenas uma ou duas vezes na vida. Sifkitz pegou o ônibus para casa (não tinha um carro desde a faculdade) e, enquanto ficava olhando pela janela (o relatório médico com sua linha em tinta vermelha dobrado no bolso de trás da calça), notou que seus olhos buscavam sem parar os diversos grupos de trabalhadores e peões de obra pelos quais o ônibus passava: homens com capacete de plástico reforçado atravessando canteiros de obras, alguns com baldes, outros com tábuas equilibradas sobre os ombros; funcionários da Con Ed metade dentro e metade fora de bueiros, cercados por faixas amarelas com as palavras HOMENS TRABALHANDO estampadas; três caras erguendo um andaime em frente à vitrine de uma loja de departamentos enquanto um quarto falava em um celular.

Pouco a pouco ele percebeu uma imagem se formando em sua mente, uma imagem que exigia seu lugar no mundo. Quando entrou de volta no loft no Soho que lhe servia tanto de casa quanto de ateliê, passou pela bagunça debaixo da claraboia sem nem se dar o trabalho de apanhar a correspondência do chão. Na verdade, largou o paletó em cima dela.

Parou apenas o suficiente para olhar uma série de telas brancas recostadas em um canto e descartá-las. Em vez disso, apanhou uma placa branca de cartão prensado e começou a trabalhar nela com um lápis de carvão. O telefone tocou duas vezes no decorrer da hora seguinte. Ele deixou a secretária eletrônica atender as duas vezes.

Nos dez dias que se seguiram, ele trabalhou sem compromisso naquela pintura — embora até o fizesse com certa frequência, especialmente à medida que o tempo passava e ele percebia como estava ficando boa —, passando do cartão prensado para um pedaço de tela de 1,20 metro de largura e 90

centímetros de altura quando parecia a coisa natural a fazer. Há mais de uma década que não trabalhava numa superfície tão grande.

A pintura mostrava quatro homens — trabalhadores vestindo jeans, blusões em popelina e botas pesadas — parados no acostamento de uma estrada do interior que havia acabado de emergir de um pedaço de floresta cerrada (esta representada em sombras verde-escuras e traços cinza, que revelavam um estilo ostensivo, apressado e exuberante). Dois deles traziam pás; outro carregava um balde em cada mão; o quarto estava no processo de puxar o boné para cima da testa em um gesto que capturava perfeitamente seu cansaço de fim de dia e sua noção crescente de que o trabalho nunca terminaria; que havia, na verdade, mais trabalho precisando ser feito ao final de cada dia do que no início. Esse quarto homem, que usava um boné surrado com a palavra LIPÍDIO sobre a viseira, era o capataz. Estava falando com a mulher no telefone celular. Tô voltando pra casa, meu bem, não, não quero sair hoje à noite, não, tô muito cansado, quero pegar cedo amanhã de manhã. O pessoal reclamou, mas eu consegui que eles topassem. Sifkitz não fazia ideia de como sabia tudo isso, mas ele sabia. Assim como sabia que o cara com os dois baldes se chamava Freddy, e que a caminhonete em que os homens tinham vindo era dele. Estava parada logo depois da pintura, à direita; dava para ver o final da sombra dela. Um dos que carregavam pás, Carlos, tinha um problema na coluna e estava se consultando com um quiroprático.

Não havia sinal de que trabalho os homens estavam fazendo na pintura — isso estaria um pouco mais além do lado esquerdo —, mas dava para notar como eles estavam exaustos. Sifkitz sempre fora um homem detalhista (aquela floresta em forma de borrão verde-cinza não era nem um pouco do seu feitio), e era possível notar como aqueles homens estavam cansados em cada traço de seus rostos. Estava claro até mesmo nas coroas de suor nas golas de suas camisas.

Acima deles, o céu era de um estranho vermelho orgânico.

É óbvio que ele sabia o que a pintura representava e compreendia perfeitamente aquele céu vermelho estranho. Aqueles eram os operários dos quais seu médico tinha falado, no fim do seu dia de trabalho. No mundo real, para além daquele céu vermelho orgânico, Richard Sifkitz, o patrão deles, tinha acabado de comer seu lanchinho de antes de dormir (um pedaço de bolo que houvesse sobrado, talvez, ou um *donut* cuidadosamente escondido) e deitado a cabeça em seu travesseiro. O que significava que eles estavam finalmente liberados para ir pra casa. E será que comeriam alguma coisa? Sim, mas não tanto quanto ele. Estariam cansados demais para comer muito, estava na cara

deles. Em vez de comerem uma bela refeição, eles colocariam os pés para cima, aqueles caras que trabalhavam para a Lipídio Empreendimentos, e veriam um pouco de tevê. Muitos dormiriam diante dela para acordar algumas horas depois, com a programação normal já terminada e Ron Popeil no ar, mostrando sua última invenção para uma plateia de estúdio maravilhada. E então desligariam o televisor com o controle remoto e arrastariam os pés em direção à cama, tirando as roupas no caminho sem nem mesmo olharem para trás.

Tudo isso estava na pintura, embora nada disso estivesse nela. Sifkitz não chegou a ficar obcecado, a pintura não se tornou sua razão de viver, mas compreendia que ela representava uma coisa *nova* na sua vida, uma coisa boa. Não fazia ideia do que poderia fazer com uma coisa daquelas depois de terminada, e não se importava com isso, na verdade. Por enquanto, apenas gostava de se levantar pela manhã e fitá-la com um olho só aberto, enquanto puxava um pedaço da sua cueca samba-canção da racha da bunda. Imaginava que, quando a concluísse, fosse precisar batizá-la. Até o momento havia cogitado e rejeitado "Fim de Expediente", "Os Peões Encerram por Hoje" e "Berkowitz Encerra por Hoje". Berkowitz sendo o chefe, o capataz, o que estava com o celular Motorola, o cara com o boné que dizia LIPÍDIO. Nenhum desses nomes estava totalmente correto, mas não tinha problema. Sifkitz reconheceria o nome certo quando ele finalmente surgisse. Faria um *cling!* na sua cabeça. Enquanto isso, não havia pressa. Ele nem mesmo tinha certeza de que o mais importante era o quadro. Enquanto o pintava, havia perdido quase 7 quilos. Talvez isso fosse o mais importante.

Ou talvez não.

II. A Bicicleta Ergométrica

Ele havia lido em algum lugar — talvez na etiqueta de um saquinho de chá — que, se você quisesse perder peso, a melhor maneira era se afastar da mesa. Sifkitz não tinha dúvidas de que isso fosse verdade, porém, quanto mais o tempo passava, mais ele acreditava que perder peso não era o seu objetivo. Tampouco era ficar em forma, embora essas duas coisas talvez acabassem sendo efeitos colaterais. Sifkitz não parava de pensar nos operários metabólicos do dr. Brady,

sujeitos comuns que estavam se esforçando ao máximo para fazer seu trabalho, mas que não recebiam ajuda nenhuma dele. Era quase impossível não pensar neles quando passava uma ou duas horas por dia pintando-os em sua rotina de trabalho.

Sifkitz fantasiava bastante a respeito deles. Havia Berkowitz, o capataz, que sonhava em ter sua própria empreiteira algum dia. Freddy, que era o dono da caminhonete (uma Dodge Ram) e se julgava um carpinteiro de primeira. Carlos, o que tinha problemas na coluna. E Whelan, que era na verdade meio vagabundo. Esses eram os caras cujo trabalho era evitar que ele tivesse um ataque cardíaco ou um derrame. Eles tinham que limpar as porcarias que não paravam de cair como bombas daquele céu vermelho estranho antes que elas bloqueassem a estrada que entrava na floresta.

Uma semana depois de começar a pintura (e cerca de uma semana antes de finalmente decidir que ela estava pronta), Sifkitz foi a uma loja chamada The Fitness Boys na 29th Street e, depois de pensar em levar tanto uma esteira quanto uma StairMaster (atraente, porém muito cara), ele comprou uma bicicleta ergométrica. Pagou 40 dólares a mais para que ela fosse montada e entregue.

— Use este aparelho por seis meses e a sua taxa de colesterol vai cair trinta pontos — disse o vendedor, um rapaz musculoso com uma blusa da loja. — Eu praticamente garanto.

O porão do prédio em que Sifkitz morava era dividido em vários recintos, tinha uma arquitetura irregular e era escuro e cheio de sombras, além de dominado pelo barulho da caldeira de calefação e entulhado dos pertences dos locatários, que ficavam em baias marcadas com os números dos diversos apartamentos. Havia um vão no canto mais afastado, no entanto, que estava quase magicamente vazio. Como se tivesse esperado por ele aquele tempo todo. Sifkitz pediu para os entregadores colocarem sua nova máquina de exercícios no chão de concreto, de frente para uma parede bege nua.

— O senhor vai descer uma tevê pra cá? — perguntou um deles.

— Ainda não decidi — respondeu Sifkitz, embora já tivesse decidido.

Até terminar a pintura, ele andou em sua bicicleta ergométrica diante de uma parede bege nua por mais ou menos 15 minutos todos os dias, sabendo que 15 minutos provavelmente não bastavam (embora sem dúvida fossem melhor do que nada), mas também sabendo que não aguentaria mais do que isso por enquanto. Não porque ficasse cansado; 15 minutos não eram o suficiente para cansá-lo. O porão era simplesmente entediante. O zumbido das rodas aliado ao rugido constante da caldeira não demorava a lhe dar nos nervos. Além disso,

tinha consciência demais do que estava fazendo, que era, basicamente, ir para lugar nenhum em um porão sob duas lâmpadas expostas, que projetavam a sombra dupla dele na parede à sua frente. Também sabia que as coisas melhorariam depois que a pintura lá de cima estivesse pronta e ele pudesse começar a que faria ali embaixo.

Era a mesma pintura, porém ele a executou com muito mais rapidez. Isso foi possível porque não havia necessidade de colocar Berkowitz, Carlos, Freedy e Whelan-o-vagabundo nela. Nesta, eles já haviam encerrado o expediente e ido embora, de modo que Sifkitz pintou apenas a estrada na parede bege, usando perspectiva forçada para que, quando subisse na bicicleta ergométrica, a trilha parecesse serpear adiante, adentrando aquela floresta em forma de borrão verde-escuro e cinza. Andar na bicicleta ficou imediatamente menos entediante, mas, depois de duas ou três sessões, ele percebeu que ainda não havia terminado, pois o que estava fazendo ainda era apenas exercício. Para começo de conversa, precisava acrescentar o céu vermelho, mas isso era fácil, bastava passar tinta. Queria acrescentar mais detalhes nos dois acostamentos da estrada "em primeiro plano" e alguns entulhos para completar, mas isso também era fácil (e divertido). O verdadeiro problema era que não havia objetivo, e isso sempre o incomodara em relação a se exercitar por se exercitar. Aquele tipo de malhação poderia deixar você em forma e melhorar sua saúde, mas era essencialmente sem sentido enquanto estava sendo feita. Era uma coisa até existencialista. Aquele tipo de malhação só fazia sentido em relação ao que estava por vir: por exemplo, uma jovem bonita do departamento de arte de alguma revista se aproximar de você em uma festa e perguntar se você perdeu peso. Isso não chegava nem perto de uma motivação real. Ele não era vaidoso o suficiente (ou tarado o suficiente) para que possibilidades como essas o fizessem continuar no longo prazo. Com o tempo, acabaria se entediando e retomando o hábito dos donuts. Não, ele precisava decidir onde a estrada ficava e para onde estava indo. Então, poderia fingir estar viajando por ela. A ideia o empolgava. Talvez fosse bobagem — ou até loucura —, mas para Sifkitz aquela empolgação, embora tênue, parecia o verdadeiro sentido daquilo. E ele não precisava contar a ninguém o que estava tramando, precisava? É claro que não. Poderia até comprar um Guia de Estradas Rand-McNally e marcar seu progresso diário em um dos mapas.

Ele não era um homem introspectivo por natureza, porém, enquanto voltava andando da Barnes & Noble com seu novo guia de estradas debaixo do braço, se surpreendeu pensando no que exatamente havia lhe dado tanta motivação. Uma taxa de colesterol ligeiramente alta? Duvidava. A afirmação solene do dr. Brady

de que ele acharia muito mais difícil lutar aquela batalha depois dos 40? Talvez isso tivesse alguma coisa a ver, mas provavelmente nem tanto. Estaria ele apenas preparado para uma mudança? Isso já lhe parecia mais plausível.

Trudy tinha morrido de uma leucemia especialmente agressiva, e Sifkitz estava junto com ela, no seu quarto de hospital, quando ela faleceu. Ele se lembrava de como seu último suspiro tinha sido profundo, da força com que seu peito triste e judiado havia subido quando ela o deu. Como se soubesse que aquele era o derradeiro, o que entraria para a posteridade. Ele se lembrava de como ela o soltara, e o som que tinha feito: *shaaaah!* E de como em seguida seu peito havia simplesmente ficado no mesmo lugar. De certa forma, ele tinha vivido os últimos quatro anos naquele mesmo tipo de hiato sem fôlego. Somente agora o vento estava soprando novamente, inchando suas velas.

Contudo, havia algo mais, algo ainda mais específico: os operários que Brady tinha invocado e que o próprio Sifkitz batizara. Havia Berkowitz, Whelan, Carlos e Freddy. O dr. Brady não tinha se importado com eles; para Brady, os operários metabólicos eram apenas uma metáfora. Seu trabalho era fazer Sifkitz se importar um pouco mais com o que estava acontecendo dentro do seu corpo, só isso — aquela metáfora não era muito diferente de uma mãe dizendo ao seu bebê que os “homenzinhos” estavam trabalhando para curar a pele do joelho ralado dele.

O foco de Sifkitz, no entanto...

Não estava nem um pouco em mim mesmo, pensou ele, tirando do bolso a chave que abria a porta do saguão. Nunca esteve. Eu me preocupava com aqueles caras, presos a um trabalho de limpeza interminável. E com a estrada. Por que eles precisavam trabalhar tanto para mantê-la limpa? Para onde ela levava?

Ele decidiu que era até Herkimer, uma cidadezinha perto da fronteira com o Canadá. Encontrou uma linha fina e contínua no mapa de estradas da região norte do estado de Nova York que serpeava até lá desde Poughkeepsie, ao sul da capital do estado. Uns 300 e poucos, talvez quase 500 quilômetros. Ele pegou um mapa mais detalhado da região e prendeu com uma tachinha o quadrado em que aquela estrada começava na parede ao lado do seu... do seu como-que-é-mesmo? Painel não estava certo. Ele se contentou com projeção. Ao lado da sua projeção feita às pressas.

E naquele dia, quando ele subiu na bicicleta ergométrica, imaginou que Poughkeepsie estava atrás dele, não a televisão guardada do 2-G, a pilha de malas do 3-F, ou a motocicleta coberta por uma lona do 4-A, mas sim Po’-town.

À sua frente, estendia-se a estrada, apenas um rabisco azul para o monsieur Rand McNally, mas a velha Rhinebeck Road de acordo com o mapa mais detalhado. Ele zerou o hodômetro da bicicleta, fixou os olhos na terra batida que começava onde o chão se encontrava com a parede e pensou: esta é realmente a estrada para a boa saúde. Se você mantiver isso em algum canto da sua cabeça, não vai precisar ficar se perguntando se perdeu alguns parafusos depois da morte de Trudy.

Porém, seu coração estava batendo um pouco rápido demais (como se ele já tivesse começado a pedalar), e ele se sentiu da maneira que imaginava que a maioria das pessoas se sentia antes de zarpar numa viagem para um lugar novo, onde talvez encontrassem pessoas novas e até aventuras novas. Havia um porta-copos em cima do painel de controle rudimentar da bicicleta ergométrica, e foi nele que Sifkitz colocou uma latinha de Red Bull, que se dizia uma bebida energética. Usava uma camisa de botão velha sobre o short de corrida, porque tinha um bolso. Dentro dele, havia colocado dois biscoitos de aveia com passas. Tanto aveia quanto passas tinham fama de ser limpadores de lipídios.

E, por falar neles, a Lipídio Empreendimentos tinha encerrado o expediente. Quer dizer, ainda estavam trabalhando na pintura lá de cima — a pintura inútil e invendável tão diferente do seu estilo —, mas ali embaixo já haviam se apertado de volta na Dodge de Freddy e retornado para... para...

— Para Poughkeepsie — disse ele. — Estão ouvindo rádio e bebendo cervejas dentro de sacos de papel. Hoje eles... o que vocês fizeram hoje, rapazes?

Abrimos uns canais de escoamento, sussurrou uma voz. As enchentes de primavera quase inundaram a estrada lá perto de Priceville. Depois fomos embora mais cedo.

Ótimo. Aquilo era bom. Ele não teria que descer da bicicleta para contornar os deslizamentos a pé.

Richard Sifkitz fixou os olhos na parede e começou a pedalar.

III. A Caminho de Herkimer

Isso foi no outono de 2002, um ano depois de as Torres Gêmeas terem desabado sobre as ruas do Financial District, e a vida em Nova York estava voltando a uma

versão ligeiramente paranoica do normal... exceto que, em Nova York, ligeiramente paranoico *era* o normal.

Richard Sifkitz se sentia mais são e feliz do que nunca. Sua vida entrou em uma harmonia bem ordenada, dividida em quatro partes. Pela manhã, ele trabalhava no que quer que estivesse pagando o aluguel e colocando comida na mesa, e jamais havia tido tanto trabalho desse tipo. A economia estava uma droga, era o que todos os jornais diziam, mas, para Richard Sifkitz, Artista Comercial Freelancer, ela ia muito bem.

Ele ainda almoçava no Dugan's, que ficava no outro quarteirão, mas agora geralmente uma salada, em vez de um cheesebúrguer duplo gorduroso, e à tarde trabalhava em uma nova pintura para si mesmo: a princípio, uma versão mais detalhada da projeção na parede do porão. O quadro de Berkowitz e sua equipe tinha sido posto de lado e coberto com um lençol velho. Já havia acabado de pintá-lo. Agora queria uma imagem melhor do que lhe servia muito bem lá embaixo, que era a estrada para Herkimer sem os operários. Afinal, que motivo eles teriam para continuar ali? Ele não estava fazendo a manutenção da estrada por conta própria atualmente? Estava sim, senhor, e bem pra cacete. Tinha voltado ao consultório de Brady no final de outubro e refeito o exame de colesterol, e dessa vez o número apareceu escrito em preto, em vez de vermelho: 179. Brady aparentara mais que respeito; na verdade tinha ficado com um pouco de inveja.

— Sua taxa está melhor do que a minha — disse ele. — Você levou o que eu falei a sério mesmo, hein?

— Acho que sim — concordou Sifkitz.

— E aquela pança que você tinha quase sumiu. Está malhando?

— O máximo possível — concordou Sifkitz, sem falar mais nada sobre o assunto. Àquela altura, sua malhação já estava estranha. Pelo menos algumas pessoas diriam que sim.

— Bem — disse Brady —, quem está com tudo em cima tem mais é que mostrar. Esse é o meu conselho.

Sifkitz sorriu ao ouvir isso, mas não foi um conselho que ele levou a sério.

Suas noites — a quarta parte de um Dia Normal de Sifkitz — ele passava ou assistindo à tevê ou lendo um livro, geralmente bebericando um suco de tomate ou de vegetais em vez de uma cerveja, sentindo-se cansado, porém satisfeito. Tinha passado a ir para a cama uma hora mais cedo também, e o sono extra lhe fazia bem.

O coração dos seus dias era a parte três, das quatro às seis da tarde. Essas eram as duas horas que ele passava na bicicleta ergométrica, andando pelo risco azul entre Poughkeepsie e Herkimer. Nos mapas mais detalhados, ele deixava de ser a velha Rhinebeck Road para se transformar na estrada da Cascata e depois na estrada da Floresta; por um instante, ao norte de Penniston, se transformava até na estrada do Lixão. Ele se lembrava de como, lá no começo, mesmo 15 minutos na bicicleta ergométrica tinham parecido uma eternidade. Agora, às vezes ele tinha que se obrigar a parar depois de duas horas. Finalmente comprou um despertador e o colocou para tocar às 18h. O alarido agressivo daquele negócio era o suficiente para... bem...

Era o suficiente para acordá-lo.

Sifkitz teve dificuldade em acreditar que estava pegando no sono no porão enquanto andava a constantes 25 quilômetros por hora, porém não gostava da alternativa, que era pensar que ele tinha enlouquecido um pouco na estrada para Herkimer. Ou naquele porão no Soho, se você preferir. Que estava delirando.

Uma noite, enquanto zapeava pelos canais de tevê, ele topou com um programa sobre hipnose. O camarada que estava sendo entrevistado, um hipnotizador que atendia pela alcunha de Joe Saturn, dizia que todas as pessoas praticavam auto-hipnose diariamente. Fazíamos isso para colocar nossa mente em ritmo de trabalho pela manhã; para nos ajudar a “entrar na história” ao ler um livro ou ver um filme; e até para pegarmos no sono à noite. Esse último era o exemplo favorito de Joe Saturn, que falou exaustivamente sobre os padrões seguidos pelos “bons de sono” todas as noites: conferir as trancas das portas e janelas, talvez, beber um copo d’água, talvez rezar ou se permitir uma pequena meditação. Ele comparava esses hábitos aos truques que um hipnotizador faz diante do hipnotizado e ao tipo de método que usava — contar de dez a zero, por exemplo, ou dizer à pessoa que ela estava “ficando com muito sono”. Sifkitz aceitou isso de bom grado, decidindo no ato que estava passando suas duas horas diárias na bicicleta ergométrica em um estado de hipnose entre o brando e o mediano.

Porque, já na terceira semana diante da projeção na parede, ele não estava passando duas horas no vão do porão. Na terceira semana, estava de fato passando-as na estrada para Herkimer.

Ele pedalava com satisfação pela trilha de terra batida que serpeava pela floresta, sentindo o cheiro dos pinheiros, escutando os gritos dos corvos e o

estalar das folhas quando passava por cima de alguns montes delas. A bicicleta ergométrica se tornava a Raleigh de três marchas que ele tivera aos 12 anos de idade nos subúrbios de Manchester, New Hampshire. De maneira alguma a única bicicleta que teve antes de tirar sua carteira de motorista aos 17, mas indiscutivelmente a melhor. O porta-copos de plástico se transformava em um aro de metal tosco, porém eficiente, que se projetava por sobre o cesto da bicicleta e, em vez de um Red Bull, continha uma lata de Lipton Ice Tea. Diet.

Na estrada para Herkimer, era sempre finzinho de outubro e sempre faltava apenas uma hora para o pôr do sol. Embora pedalasse por duas horas (tanto o despertador quanto o hodômetro da bicicleta ergométrica confirmavam isso sempre que ele terminava), o sol nunca mudava de posição; ele sempre lançava as mesmas sombras longas ao longo da estrada de terra, bruxuleando através das árvores do mesmo quadrante no céu enquanto ele seguia, com o vento inventado do seu deslocamento soprando-lhe o cabelo de cima da testa.

Às vezes havia placas pregadas às árvores onde outras estradas cruzavam a que ele seguia. ESTRADA DA CASCATA, dizia uma. HERKIMER, 200 KM, dizia outra, esta cravejada de velhos buracos de bala. As placas sempre correspondiam às informações no mapa detalhado que ficava preso à parede do vão. Ele já havia decidido que, assim que chegasse a Herkimer, continuaria seguindo pela natureza selvagem do Canadá sem nem mesmo parar e comprar lembranças. A estrada terminava na fronteira, mas isso não era problema; já havia comprado um livro chamado *Mapas do Leste do Canadá*. Ele simplesmente desenharia sua própria estrada nos mapas, usando um lápis azul fino e acrescentando um monte de curvas. Curvas significavam mais quilômetros.

Ele poderia ir até o Círculo Ártico, se quisesse.

Certa noite, depois que o alarme disparou e o tirou de seu transe no susto, ele chegou mais perto da projeção e a observou por vários e reflexivos instantes, com a cabeça entortada para o lado. Qualquer outra pessoa teria visto muito pouco; de tão perto, o truque de perspectiva forçada da pintura já não funcionava e, para o olhar destreinado, aquela floresta cênica se reduzia a meros borrões de cor — o marrom-claro da superfície da estrada, o marrom mais escuro que era um monte rasteiro de folhas, o verde raiado de azul e cinza dos pinheiros, o amarelo-esbranquiçado reluzente do sol que se encaminhava para o oeste no canto esquerdo, a uma proximidade temerosa da sala de calefação. Sifkitz, no entanto, ainda via perfeitamente a imagem. Já estava plantada com firmeza em sua mente e nunca mudava. A não ser que ele estivesse pedalando, é claro, mas mesmo nessas ocasiões ele estava ciente da imutabilidade que havia por trás

dela. O que era bom. Aquela imutabilidade inerente era uma espécie de ponto de referência, uma maneira de garantir a si mesmo que aquilo ainda não passava de um complexo jogo mental, algo conectado ao seu inconsciente que ele poderia desconectar a seu bel-prazer.

Ele havia trazido uma caixa de tintas até o porão para fazer um ou outro retoque, e então, sem pensar muito no assunto, acrescentou várias poças de marrom à estrada, misturando-as com preto para deixá-las mais escuras do que os montes de folhas. Deu um passo para trás, observou seu novo acréscimo e fez que sim com a cabeça. Era uma pequena mudança, mas, à sua maneira, perfeita.

No dia seguinte, enquanto guiava sua Raleigh de três marchas pela floresta (já estava a menos de 100 quilômetros de Herkimer e a apenas 130 da fronteira canadense), ele dobrou uma curva e se deparou com um gamo de tamanho considerável parado no meio da estrada, fitando-o com uma expressão assustada em seus olhos de veludo negro. Ele ergueu a bandeira branca do seu rabo, largou uma pilha de bosta e então voltou para dentro da floresta. Sifkitz viu seu rabo se levantar outra vez e então o gamo desapareceu. Ele continuou pedalando, desviando da merda de cervo, pois não queria que ela grudasse nos pneus.

Naquela noite, depois de silenciar o alarme, ele se aproximou da pintura na parede, limpando suor da testa com um lenço que tirou do bolso de trás do jeans. Lançou um olhar crítico para a projeção, com as mãos nos quadris. Então, movendo-se com sua velocidade confiante de sempre — afinal, vinha fazendo aquele tipo de trabalho há quase vinte anos —, tirou a bosta da pintura, substituindo-a por um punhado de latas de cerveja enferrujadas sem dúvida deixadas para trás por algum caçador vindo do norte do estado em busca de um faisão ou de um peru.

— Você deixou aquelas ali passarem, Berkowitz — disse ele naquela noite enquanto bebia uma cerveja em vez de um suco de vegetais. — Vou pegá-las eu mesmo amanhã, mas que isso não se repita.

Só que, quando ele desceu no dia seguinte, não houve necessidade de tirar as latas de cerveja da pintura; elas já haviam sumido. Por um instante, ele sentiu um medo real cutucar sua barriga como um pedaço de pau — o que ele tinha feito, descido até lá no meio da noite como um sonâmbulo e apanhado sua infalível lata de aguarrás e um pincel? —, mas então tirou aquilo da cabeça. Subiu na bicicleta ergométrica e logo estava pedalando em sua velha Raleigh, sentindo os aromas limpos da floresta, saboreando a maneira como o vento soprava seus cabelos de cima da testa. No entanto, não terá sido este o dia em que as coisas começaram a mudar? O dia em que ele percebeu que talvez não estivesse

sozinho na estrada para Herkimer? De uma coisa não havia dúvida: foi no dia seguinte ao desaparecimento das latas de cerveja que ele teve aquele pesadelo terrível e então desenhou a garagem de Carlos.

IV. Homem com Espingarda

Foi o sonho mais real que ele tivera desde os 14 anos, quando três ou quatro sonhos molhados intensos o apresentaram à virilidade física. Também foi, de longe, o pior pesadelo da sua vida — nada jamais chegara nem perto. O que o tornava pavoroso era a sensação de desgraça iminente que corria por ele como um fio vermelho. Isso era verdade apesar de o pesadelo ter sido estranhamente frágil: por mais que soubesse que era um sonho, não conseguia escapar dele. Era como se seu corpo estivesse envolvido em algum tipo de gaze terrível. Ele sabia que sua cama estava próxima e que estava deitado nela — se debatendo —, mas não conseguia se libertar para ir até o Richard Sifkitz que estava ali, tremendo e suando em sua cueca samba-canção de dormir.

No sonho, ele viu um travesseiro e um telefone bege com uma rachadura na carcaça. Depois, um corredor cheio de fotos que ele sabia serem de sua mulher e das suas três filhas. Em seguida uma cozinha, o forno micro-ondas piscando 4:16. Uma tigela com bananas (elas o encheram de tristeza e horror) sobre o balcão de fórmica. Um passadiço. E ali estava o cachorro Pepe, com as patas sobre a focinheira. Pepe não ergueu a cabeça, mas girou os olhos para cima para fitá-lo enquanto ele passava, revelando uma meia-lua branca, repulsiva e raiada de sangue, e foi então que Sifkitz começou a chorar no sonho, compreendendo que tudo estava perdido.

Ele então chegou à garagem. Sentia o cheiro de óleo. Sentia o cheiro de erva-doce velha. O cortador de grama jazia em um canto como um deus suburbano. Via o torno fixado à mesa de carpintaria, antigo, escuro e salpicado de pequenas farpas de madeira. Ao lado dele, um armário. Os patins de gelo de suas filhas estavam amontoados no chão, seus cadarços tão brancos quanto sorvete de baunilha. Suas ferramentas estavam penduradas em ganchinhos nas paredes, arrumadas com esmero, em sua maioria utensílios de jardinagem, um exímio jardineiro esse

(Carlos. Eu sou Carlos.)

Na prateleira mais alta, fora do alcance das meninas, havia uma espingarda calibre 410 que não era usada há anos, estava quase esquecida ali, e uma caixa de munição tão escurecida que mal dava para ler a palavra Winchester na lateral, embora desse sim para lê-la, com algum esforço, e foi então que Sifkitz compreendeu que estava sendo carregado dentro do cérebro de um suicida em potencial. Lutou furiosamente para impedir Carlos ou escapar dele e não conseguiu fazer nenhum dos dois, embora sentisse sua cama muito perto dali, logo atrás da gaze que o envolvia da cabeça aos pés.

Agora ele estava diante do torno novamente, e a espingarda estava presa a ele, com a caixa de munição ao lado, na mesa de carpintaria, e havia também uma serra de arco, e ele estava serrando fora o cano da espingarda, pois assim ficaria mais fácil fazer o que precisava fazer, e quando ele abriu a caixa de munição havia duas dúzias de balas lá dentro, balaços gordos e verdes com o fundo de latão, e o som que a arma fez quando Carlos a fechou não foi cling!, mas sim CLACK!, e o gosto em sua boca era gorduroso e empoeirado, gorduroso na língua e empoeirado na parte de dentro das bochechas e nos dentes, e suas costas doíam, doíam PRACA, era assim que eles pichavam os prédios abandonados (e às vezes outros que não estavam abandonados) quando ele era adolescente e jogava com os Deacons em Po’-town, significava PRA CARALHO, e era assim que suas costas doíam, mas agora que ele tinha sido despedido os benefícios tinham acabado, Jimmy Berkowitz já não podia arcar com sua benzedrina e Carlos Martinez já não podia arcar com os remédios que diminuíam um pouco a dor, ou com o quiroprático que diminuía um pouco a dor, e as prestações da casa — ay, caramba, eles costumavam falar de brincadeira, embora ele certamente não estivesse brincando agora, ay, caramba, eles iriam perder a casa, faltando menos de cinco anos para quitá-la, mas iriam perdê-la, si-si, señor, e era tudo culpa daquele desgraçado do Sifkitz, ele e a merda do seu hobby de fazer a manutenção da estrada, e a curva do gatilho debaixo do seu dedo era como uma meia-lua, como a meia-lua horrível do olho perscrutador do seu cachorro.

Foi então que Sifkitz acordou, soluçando e tremendo, as pernas ainda na cama, a cabeça para fora e quase batendo no chão, o cabelo pendurado no ar. Ele saiu engatinhando do quarto e continuou a engatinhar pela sala até o cavalete sob a claraboia. Na metade do caminho, se viu capaz de andar.

A pintura da estrada vazia ainda estava no cavalete, uma versão melhorada e mais completa da que ficava no porão, na parede do vão. Ele a atirou longe sem pestanejar, substituindo-a por uma placa de cartão prensado de 60 por 60

centímetros. Apanhou o instrumento mais próximo que pudesse deixar uma marca (calhou de ser uma caneta esferográfica UniBall Vision Elite) e começou a desenhar. Chegou uma hora (ele tinha apenas uma lembrança vaga disso) em que teve vontade de mijar e sentiu a urina escorrer quente pelas pernas. As lágrimas não pararam até o desenho estar terminado. Então, finalmente com os olhos secos, ele se afastou para olhar o que fizera.

Era a garagem de Carlos em uma tarde de outubro. O cachorro, Pepe, estava diante dela com as orelhas erguidas. Pepe tinha sido atraído pelo barulho do tiro. Não havia sinal de Carlos no desenho, mas Sifkitz sabia exatamente onde o corpo estava caído, à esquerda, ao lado da mesa de carpintaria com o torno preso na beirada. Se sua mulher estivesse em casa, teria escutado o tiro. Se estivesse na rua — talvez fazendo compras, mais provavelmente trabalhando —, ainda levaria mais uma ou duas horas para chegar e encontrá-lo.

Debaixo da imagem, ele havia rabiscado as palavras HOMEM COM ESPINGARDA. Não conseguia se lembrar de ter feito isso, mas era sua letra e o nome certo para o desenho. Não se via homem algum nele, e tampouco uma espingarda, mas era o nome certo.

Sifkitz foi até o sofá, sentou-se nele e colocou a cabeça nas mãos. Sua mão direita doía terrivelmente de tanto agarrar o instrumento de desenho estranho, pequeno demais. Tentou se convencer de que havia apenas tido um pesadelo e que o desenho era resultado dele. Que nunca existira nenhum Carlos, nenhuma Lipídio Empreendimentos, e que os dois eram produtos da sua própria imaginação, frutos da metáfora inconsequente do dr. Brady.

Porém sonhos se esvaíam, e aquelas imagens — o telefone com a rachadura na sua carcaça bege, o forno micro-ondas, a tigela com bananas, o olho do cachorro — estavam tão claras quanto antes. Mais claras, até.

De uma coisa tinha certeza, pensou ele com seus botões. Não queria mais saber daquele raio de bicicleta ergométrica. Aquilo estava um pouquinho perto demais da loucura. Se continuasse assim, logo estaria cortando a orelha e mandando-a por correio não para a namorada (pois não tinha nenhuma), mas para o dr. Brady, que era sem dúvida o responsável por aquilo tudo.

— Chega daquela bicicleta — disse ele, com a cabeça ainda nas mãos. — Talvez eu me matricule lá na Fitness Boys, ou coisa parecida, mas chega daquela porra de bicicleta ergométrica.

Só que ele não se matriculou na Fitness Boys e, depois de uma semana sem se exercitar de verdade (chegou a caminhar, mas não era a mesma coisa — tinha gente demais nas calçadas e ele ansiava pela paz da Herkimer Road), não

conseguiu mais aguentar. Estava atrasado no seu último projeto, uma ilustração à la Norman Rockwell para a Fritos Corn Chips, e tinha recebido telefonemas tanto do seu agente quanto do cara responsável pela conta da Fritos na agência de publicidade. Isso nunca lhe acontecera antes.

E o que era pior: ele não estava dormindo.

A pressão do sonho tinha diminuído um pouco, e ele chegou à conclusão de que era apenas o desenho da garagem de Carlos, encarando-o do canto da sala, que ficava trazendo-o de volta, reavivando o sonho da mesma maneira que um borrifo d'água reavivaria uma planta sedenta. Não conseguia se forçar a destruí-lo, mas o virou ao contrário para que a imagem desse apenas para a parede.

Naquela tarde, ele desceu de elevador até o porão e montou de novo na bicicleta ergométrica. Ela se transformou na velha Raleigh de três marchas assim que ele fixou os olhos na projeção na parede e retomou sua viagem para o norte. Sifkitz tentou se convencer de que a sensação de estar sendo seguido era falsa, apenas um resquício do seu sonho e das horas frenéticas que passara diante do cavalete depois dele. Por um tempo, isso deu conta do recado, embora ele soubesse que era mentira. Tinha motivos para fazer com que desse conta do recado. Os principais eram que estava dormindo à noite novamente e tinha voltado a trabalhar no projeto que estava devendo.

Ele terminou a pintura dos meninos dividindo um saco de Fritos em um idílico campinho de beisebol suburbano, mandou um portador entregá-la e, no dia seguinte, um cheque de 10.200 dólares chegou com um bilhete de Barry Casselman, seu agente. Fiquei um pouco assustado dessa vez, benzinho, dizia o bilhete — e Sifkitz pensou: você não foi o único. Benzinho.

Ocorreu-lhe algumas vezes durante a semana seguinte que ele deveria contar a alguém sobre suas aventuras sob o céu vermelho, porém sempre descartava a ideia. Poderia ter contado para Trudy, mas, obviamente, se Trudy estivesse por ali, as coisas sequer teriam chegado àquele ponto. A ideia de contar a Barry era risível; a de contar ao dr. Brady era, na verdade, um pouco assustadora. O dr. Brady recomendaria um bom psiquiatra antes que você conseguisse dizer Inventário Multifásico de Minnesota.[6]

Na noite em que recebeu o cheque da Fritos, Sifkitz notou uma mudança na parede do porão. Ele se deteve enquanto programava o despertador e se aproximou da projeção (uma lata de Diet Coke em uma das mãos, o confiável e pequeno relógio de mesa Brookstone na outra, biscoitos de aveia com passas guardados com segurança no bolso da camisa velha). Tinha alguma coisa estranha ali, sem dúvida, algo estava diferente, mas a princípio não conseguia de

maneira alguma descobrir o que era. Ele fechou os olhos, contou até cinco (limpando a mente ao fazê-lo, um velho truque), então os abriu de volta de repente, arregalando-os de tal forma que parecia um homem fingindo levar um susto. Dessa vez, viu de imediato a mudança. A forma oval em amarelo vivo que pairava ao lado da porta da sala de calefação tinha sumido como o monte de latas de cerveja. E a cor do céu acima das árvores era de um vermelho mais intenso e escuro. O sol ou tinha se posto ou estava quase se pondo. Na estrada para Herkimer, a noite caía.

Você precisa parar com isso, pensou Sifkitz, e então: amanhã. Amanhã, talvez.

Com isso, ele subiu na bicicleta e começou a pedalar. Na floresta à sua volta, ele conseguia ouvir o som de pássaros se acomodando para a noite.

V. Daria para Começar com a Chave de Fenda

Durante os próximos cinco ou seis dias, o tempo que Sifkitz passou na bicicleta ergométrica (e na bicicleta de três marchas da infância) foi ao mesmo tempo maravilhoso e terrível. Maravilhoso porque ele nunca se sentira melhor na vida; seu corpo estava funcionando em um nível de desempenho absolutamente extraordinário para um homem da sua idade, e ele sabia disso. Imaginava que houvesse atletas profissionais em melhor forma do que ele, mas aos 38 eles estariam chegando ao fim de suas carreiras, e qualquer prazer que pudessem extrair de sua boa condição física seria obrigatoriamente maculado por essa ideia. Sifkitz, por outro lado, poderia continuar criando arte comercial por mais quarenta anos, se quisesse. Quarenta nada, por mais cinquenta. Mais cinco gerações inteiras de jogadores de futebol americano e quatro de jogadores de beisebol surgiriam e desapareciam enquanto ele continuaria tranquilamente diante do seu cavalete, pintando capas de livros, produtos automotivos e cinco novos logos para a Pepsi-Cola.

Porém...

Porém não é esse o final que as pessoas habituadas a este tipo de história esperariam, não é mesmo? E tampouco o final que ele próprio esperaria.

A sensação de estar sendo perseguido ficava mais forte a cada vez que andava na bicicleta, especialmente depois que ele tirou o último mapa do estado de Nova York e colocou o primeiro dos canadenses. Usando uma caneta azul (a mesma que usara para conceber o HOMEM COM ESPINGARDA), ele traçou uma extensão da Herkimer Road no mapa anteriormente sem estradas, acrescentando várias curvas. Havia passado a pedalar rápido, olhando por sobre o ombro com frequência e terminando seus trajetos coberto de suor, no começo sem fôlego demais para descer da bicicleta e desligar o despertador estridente.

Essa coisa de olhar por sobre o ombro, bem — isso sim era interessante. A princípio, quando ele o fazia, vislumbrava o vão do porão e o portal que conduzia aos recintos mais espaçosos dele, com sua disposição labiríntica de baias de depósito. Via o caixote de laranjas ao lado da porta com o despertador Brookstone em cima, marcando os minutos entre as quatro e as seis. Então uma espécie de borrão vermelho cobria tudo e, quando desaparecia, ele estava olhando para a estrada às suas costas, as árvores iluminadas pela claridade de outono dos dois lados (embora nem tão iluminadas àquela altura, não com o crepúsculo começando a avançar) e o céu vermelho que escurecia sobre a sua cabeça. Algum tempo depois, já não via porão algum ao olhar para trás, nem mesmo um lampejo dele. Apenas a estrada que levava de volta a Herkimer e, mais adiante, a Poughkeepsie.

Ele sabia perfeitamente o que estava procurando ao olhar por sobre o ombro: faróis.

Os faróis do Dodge Ram de Freddy, para ser mais específico. Porque para Berkowitz e sua equipe, o ressentimento perplexo tinha dado lugar à raiva. O suicídio de Carlos tinha sido a gota d’água. Eles o culpavam e estavam no seu encalço. E, quando o pegassem, eles...

O quê? Eles o quê?

Vão me matar, pensou ele, pedalando taciturno crepúsculo adentro. Não adianta me fazer de rogado. Eles vão me alcançar e me matar. Estou totalmente lascado agora, não tem uma só cidade no raio do mapa inteiro, nem um vilarejo que seja. Eu poderia gritar até minha cabeça explodir e ninguém me ouviria além do urso Barry, da corça Debby e do guaxinim Rudy. Então, se eu vir aqueles faróis (ou escutar o motor, pois Freddy pode estar andando com os faróis desligados), é bom voltar na mesma hora para o Soho, com ou sem despertador. Já é maluquice sequer estar aqui.

Mas ele estava tendo problemas para voltar àquela altura. Quando o despertador tocava, a Raleigh continuava sendo a Raleigh por trinta segundos ou

mais, a estrada à sua frente continuava uma estrada em vez de voltar a ser um mistura de manchas de cor e cimento, e o próprio despertador soava distante e estranhamente melodioso. Ele suspeitava que, com o tempo, o escutaria como o zumbido de um avião a jato — um 767 da American Airlines vindo do aeroporto Kennedy, talvez — seguindo para o Polo Norte, em direção aos confins do mundo.

Daí ele parava, fechava os olhos com força e então os arregalava de novo. Isso resolvia, mas ele suspeitava que não seria por muito tempo. O que aconteceria, então? Uma noite passando fome na floresta, fitando a lua cheia que parecia um olho injetado de sangue?

Não, eles o alcançariam antes disso, calculou ele. A questão era: ele pretendia deixar isso acontecer? Por incrível que pareça, era exatamente isso que parte dele queria. Parte dele estava furioso com aqueles homens. Parte dele queria enfrentar Berkowitz e os demais membros da sua equipe, perguntar-lhes: o que vocês esperavam que eu fizesse, afinal? Que eu simplesmente continuasse como antes, mandando donuts para dentro, pouco me importando com os deslizamentos quando os canais entupiam e transbordavam? Era isso que vocês queriam?

Porém, havia outra parte dele que sabia que um confronto como aquele seria loucura. Ele estava no auge da forma, sim, mas ainda estávamos falando de três contra um, e quem poderia garantir que a sra. Carlos não teria emprestado a espingarda do marido para os rapazes, lhes dizendo “é isso aí, peguem aquele desgraçado, e não se esqueçam de dizer pra ele que o primeiro é por mim e pelas minhas garotas”.

Sifkitz tinha um amigo que havia superado um vício pesado em cocaína nos anos 1980, e se lembrava dele falando que a primeira coisa a fazer era tirar a parada da sua casa. Sempre dava para comprar mais, é claro, aquela merda estava em todo canto agora, em cada esquina, mas não havia motivo para mantê-la ao alcance da mão sempre que você fraquejasse. Então ele juntou tudo o que tinha, atirou na privada e deu a descarga. E, depois que foi tudo por água abaixo, jogou toda sua parafernália fora junto com o lixo. Esse não tinha sido o fim do seu problema, dissera ele, mas tinha sido o começo do fim.

Certa noite, Sifkitz entrou no vão do porão carregando uma chave de fenda. Tinha toda a intenção de desmontar a bicicleta ergométrica, e o fato de ele ter programado o despertador para as seis da tarde, como sempre fazia, não tinha importância, era apenas uma questão de hábito. Imaginava que o despertador (assim como os biscoitos de aveia com passas) fizesse parte da sua parafernália;

eram os truques de hipnose que ele fazia, os mecanismos do seu sonho. E, assim que terminasse de reduzir a bicicleta a partes separadas, impossíveis de subir em cima, ele jogaria o despertador fora com o resto do lixo, da mesma forma que seu amigo fizera com o cachimbo de crack. Ele sentiria uma pontada de remorso, é claro — o pequeno e resistente Brookstone sem dúvida não tinha culpa da situação idiota na qual ele havia se metido —, mas faria assim mesmo. Encarna o caubói, eles diziam uns para os outros quando eram crianças; deixa de ser fresco e encarna o caubói.

Ele viu que a bicicleta era composta por quatro partes principais, e que também precisaria de uma chave inglesa regulável para desmontar completamente aquela coisa. Mas não tinha problema, daria para começar com a chave de fenda. Poderia usá-la para tirar os pedais. Depois que terminasse, pegaria emprestada a chave inglesa da caixa de ferramentas do zelador.

Ele se apoiou no chão com um joelho, enfiou a ponta da ferramenta na fenda do primeiro parafuso e então hesitou. Perguntou-se se o seu amigo teria fumado mais uma pedra antes de jogar o restante na privada, só mais uma pedrinha pelos velhos tempos. Apostava que sim. Estar um pouco chapado provavelmente tinha aliviado a fissura, facilitado o trabalho de se livrar do bagulho. E, se ele andasse na bicicleta mais uma vez e depois se ajoelhasse ali para tirar os pedais com as endorfinas a toda, não se sentiria menos deprimido com aquilo? Um pouco menos propenso a imaginar Berkowitz, Freddy e Whelan entrando no bar de beira de estrada mais próximo, onde pediriam primeiro um jarro de cerveja e depois outro, brindando à memória de Carlos, parabenizando-se por terem vencido aquele desgraçado?

— Você está doido — murmurou ele para si mesmo, enfiando a ponta da ferramenta de volta na fenda do parafuso. — Faça o que tem que fazer e pronto.

Ele chegou até a rodar o parafuso uma vez (e foi fácil; quem quer que tivesse montado aquela coisa no quarto dos fundos da Fitness Boys obviamente não havia trabalhado com muita dedicação), mas, ao fazer isso, os biscoitos de aveia com passas se mexeram um pouco no seu bolso e ele pensou em como eles sempre eram gostosos quando você estava pedalando. Bastava tirar a mão direita do guidão, enfiá-la no bolso, dar umas mordidinhas e então tomar um gole de Ice Tea para acompanhar. A combinação perfeita. Era simplesmente tão bom seguir pela estrada, fazendo uma boquinha no caminho, e aqueles filhos da puta queriam tirar isso dele.

Depois de girar umas 12 vezes o parafuso, talvez até menos, o pedal cairia no chão de concreto — *claque*. Então ele poderia seguir para o outro, e depois

poderia seguir com a sua vida.

Isso não é justo, pensou ele.

Só mais uma vez, pelos velhos tempos, pensou ele.

E, passando a perna por cima do garfo dianteiro e ajeitando a bunda (muito mais firme e dura do que na época da taxa de colesterol em números vermelhos) no selim, ele pensou: é sempre assim em histórias como esta, não é mesmo? É sempre assim que elas terminam, com o pobre-diabo dizendo que vai ser a última vez, que ele nunca mais vai fazer de novo.

É a mais pura verdade, pensou ele, mas aposto que na vida real as pessoas conseguem se safar. Aposto que conseguem se safar o tempo todo.

Parte dele estava murmurando que a vida real nunca tinha sido assim, que o que estava fazendo (e a experiência pela qual estava passando) não trazia semelhança alguma com a vida real conforme ele a compreendia. Ele afastou aquela voz para longe, isolou seus ouvidos contra ela.

Estava fazendo um fim de tarde lindo para um passeio de bicicleta pela floresta.

VI. Não Exatamente o Final que Todos Esperavam

E, ainda assim, ele teve outra chance.

Foi na noite em que ouviu pela primeira vez o motor acelerando atrás de si com clareza e, logo antes de o despertador tocar, a Raleigh em que estava andando projetou de repente uma sombra alongada pela estrada — do tipo que só poderia ter sido criada por faróis.

Então o despertador tocou, não estridente, mas com um ronronado distante que era quase melodioso.

A picape estava se aproximando. Ele não precisava virar a cabeça para vê-la (da mesma forma que ninguém jamais quer se virar para ver os passos de algo maligno que se aproxima, imaginou Sifkitz mais tarde naquela noite, acordado em sua cama, ainda envolto pela sensação fria-porém-quente de ter evitado um desastre por meros centímetros ou segundos). Conseguia ver a sombra, ficando mais longa e mais escura.

Apressem-se, por gentileza, cavalheiros, está na hora, pensou ele, fechando os olhos com força. Ainda conseguia escutar o despertador, mas ele ainda não passava de um ronronado quase tranquilizador, certamente não mais alto do que isso; o que soava mais alto era o motor, o que ficava dentro da picape de Freddy. Estava quase em cima dele — e se eles não quisessem perder nem um minuto com conversa? E se o homem atrás do volante simplesmente pisasse fundo no acelerador e o atropelasse, transformando-o em um animal morto na estrada?

Ele não se deu ao trabalho de abrir os olhos, não perdeu tempo confirmando que ainda estava na estrada deserta e não no vão do porão. Em vez disso, os apertou mais ainda, concentrando toda a sua atenção no barulho do despertador, fazendo a voz educada do barman soar, desta vez, como um grito impaciente:

APRESSEM-SE, POR GENTILEZA, CAVALHEIROS, ESTÁ NA HORA!

E, de repente, graças aos céus, era o som do motor que estava sumindo e o do despertador Brookstone que aumentava, retomando seus habituais berros estridentes de acorde-acorde-acorde. E então, quando ele abriu os olhos, viu a projeção da estrada em vez de a estrada propriamente dita.

No entanto, agora o céu estava escuro, sua vermelhidão orgânica escondida pelo cair da noite. A estrada estava bem iluminada, a sombra da bicicleta — uma Raleigh — destacando-se negra sobre a terra batida coberta de folhas. Ele poderia dizer a si mesmo que havia descido da bicicleta ergométrica e pintado aquelas mudanças durante seu transe noturno, mas sabia que não era o caso, e não só por não haver tinta nas suas mãos.

Esta é minha última chance, pensou ele. Minha última chance de evitar o final que todos esperam numa história dessas.

Mas ele estava simplesmente cansado demais, trêmulo demais, para dar um jeito na bicicleta ergométrica naquele momento. Daria um jeito nela amanhã. Amanhã de manhã, na verdade, antes de qualquer coisa. Agora, tudo o que queria era sair daquele lugar terrível onde a realidade havia se tornado tão frágil. E, com essa ideia firme na cabeça, Sifkitz cambaleou até o caixote de laranjas ao lado da porta (as pernas bambas, cobertas por uma camada fina e pegajosa de suor — do tipo fedorento que brota do medo, não do cansaço) e desligou o despertador. Então subiu até seu apartamento e se deitou na cama. Muito tempo depois, o sono veio.

Na manhã seguinte, ele desceu as escadas do porão, evitando o elevador e andando com passos firmes, a cabeça erguida e os lábios cerrados com força, Um Homem com uma Missão. Foi direto para a bicicleta ergométrica, ignorando o despertador sobre a caixa, apoiou-se no chão com um joelho e apanhou a

chave de fenda. Enfiou-a outra vez na fenda do parafuso, em um dos quatro que mantinham o pedal esquerdo preso...

... e, quando se deu conta, estava acelerando alegremente pela estrada de novo, com os faróis ficando mais brilhantes ao seu redor, como um homem em um palco iluminado por um só refletor. O motor da picape soava alto demais (algo de errado com o silencioso ou o sistema de descarga) e estava fora de tom também. Duvidava que o velho Freddy tivesse se preocupado em fazer a última revisão. Não, não com prestações da casa para pagar, compras para fazer, as crianças ainda precisando de aparelhos ortodônticos e nenhum contracheque semanal entrando.

Ele pensou: Eu tive minha chance. Eu tive minha chance na noite passada e não a aproveitei.

Ele pensou: Por que fiz isso? Por que, quando sabia que não devia?

Ele pensou: Porque eles me obrigaram de alguma forma. Eles me obrigaram.

Ele pensou: Eles vão me atropelar e eu vou morrer na floresta.

Mas a picape não o atropelou. Em vez disso, o ultrapassou a toda velocidade pela direita, as rodas da esquerda fazendo barulho na vala entulhada de folhas, e então girou ao longo da estrada à sua frente, bloqueando o caminho.

Em pânico, Sifkitz se esqueceu da primeira coisa que seu pai lhe ensinara quando entrou em casa com a bicicleta de três marchas: quando for parar, Richie, reverta a direção dos pedais. Freie o pneu de trás ao mesmo tempo em que aperta o freio de mão que controla o da frente. Senão...

Este era o senão. Em seu pânico, ele cerrou as duas mãos, apertando o freio de mão da esquerda e prendendo a roda da frente. A bicicleta o ejetou do selim, lançando-o na direção da picape com LÍPIDIO EMPREENDIMENTOS pintado na porta do motorista. Ele estendeu as mãos para frente e elas bateram com tanta força no topo da carroceria que ficaram dormentes. Então ele desabou no chão, se perguntando quantos ossos teria quebrado.

As portas se abriram acima dele e Sifkitz ouviu o estalar de folhas à medida que homens com botas pesadas saíam. Ele não ergueu os olhos. Esperou que os homens o agarrassem e o fizessem se levantar, mas nenhum deles fez isso. O cheiro das folhas parecia o de canela velha. Pés passaram pelos seus dois lados, e então os estalos pararam de repente.

Sifkitz se sentou e olhou para as próprias mãos. A palma da direita estava sangrando e o pulso esquerdo já começava a inchar, porém não lhe parecia estar quebrado. Ele olhou à sua volta e a primeira coisa que viu — vermelha sob a luz dos faróis traseiros do Dodge — foi a Raleigh. Ela lhe parecera linda quando seu

pai a trouxe para casa da loja de bicicletas, porém não estava mais linda. A roda da frente estava desnivelada e o pneu de trás tinha se soltado parcialmente do aro. Pela primeira vez, ele sentiu algo além de medo. Sua nova emoção era a raiva.

Ele se levantou, trêmulo. Para além da Raleigh, ao longo do caminho pelo qual viera, havia um buraco, na realidade. Era estranhamente orgânico, como se ele estivesse olhando pelo orifício na ponta de algum tubo do seu próprio corpo. As beiradas oscilavam, inchavam e se flexionavam. Atrás do buraco, três homens estavam em pé ao redor da bicicleta ergométrica no vão do porão, parados daquele jeito característico de todos os grupos de peões que tinha visto na vida. Aqueles eram homens com um trabalho a fazer. Estavam decidindo como o fariam.

E, de repente, ele soube por que os batizara daquela forma. Era de uma simplicidade idiota. O que usava o boné da Lipídio, Berkowitz, era David Berkowitz, conhecido como o Filho de Sam e que era funcionário dos Correios de Nova York no ano em que Sifkitz tinha chegado a Manhattan. Freddy era Freddy Albemarle, um garoto que ele conhecera no ensino médio — eles tinham montado uma banda juntos e ficado amigos por um motivo bem simples: os dois odiavam a escola. E Whelan? Um artista que ele havia conhecido em uma conferência qualquer. Michael Whelan? Mitchell Whelan? Sifkitz não conseguia lembrar direito, mas sabia que o cara era especializado em arte fantástica, dragões e coisas do gênero. Eles haviam passado uma noite no bar do hotel, contando histórias sobre o tragicômico mundo da arte para cartazes de cinema.

E havia também Carlos, que cometera suicídio em sua garagem. Ora, ele tinha sido uma versão de Carlos Delgado, também conhecido como Big Cat. Há anos que Sifkitz acompanhava os Toronto Blue Jays, simplesmente porque não queria ser como quase todos os fãs de beisebol de Nova York e torcer para os Yankees. Cat tinha sido uma das muito poucas estrelas do time.

— Eu criei vocês todos — disse ele em uma voz que mal passava de um grasnido. — Eu criei vocês a partir de memórias e fragmentos. — É claro que sim. E tampouco havia sido a primeira vez. Os meninos no campinho de beisebol à la Norman Rockwell para o anúncio da Fritos, por exemplo. A agência de publicidade tinha, a pedido dele, fornecido fotografias de quatro garotos da idade correta e Sifkitz limitara-se a colocá-los na pintura. Suas mães haviam assinado os devidos documentos de cessão; tinha sido um negócio como qualquer outro.

Se o ouviram falar, Berkowitz, Freddy e Whelan não deram sinal. Eles trocaram algumas palavras que Sifkitz conseguia ouvir, mas não entender; pareciam estar vindo de uma longa distância. Fossem quais fossem, elas fizeram com que Whelan se afastasse do vão, enquanto Berkowitz se ajoelhava ao lado da bicicleta ergométrica, conforme o próprio Sifkitz tinha feito antes. Berkowitz apanhou a chave de fenda e quase na mesma hora o pedal esquerdo caiu sobre o concreto — *claque*. Sifkitz, ainda caído na estrada deserta, ficou observando através daquele estranho buraco orgânico Berkowitz entregar a chave de fenda para Freddy Albemarle — que, junto com Richard Sifkitz, costumava ser péssimo no trompete em uma banda de escola igualmente péssima. Os dois tocavam muito melhor quando estavam fazendo rock-and-roll. Em algum lugar na floresta canadense, uma coruja piou; o som era de uma solidão indizível. Freddy começou a desparafusar o outro pedal. Nesse meio-tempo, Whelan voltou com a chave inglesa regulável. Sifkitz sentiu um baque ao vê-la.

Enquanto os observava, o pensamento que passou pela cabeça de Sifkitz foi: se você quiser um trabalho bem-feito, chame um profissional. Berkowitz e seus rapazes certamente não perderam tempo. Em menos de quatro minutos, a bicicleta ergométrica não passava de duas rodas e três pedaços separados de carcaça sobre o concreto, as peças dispostas de forma tão organizada que pareciam um daqueles diagramas que os projetistas chamam de “desenhos explodidos”.

O próprio Berkowitz guardou as porcas e parafusos no bolso da frente do seu macacão, onde eles ficaram salientes como um punhado de moedas. Ele lançou um olhar expressivo para Sifkitz ao fazer isso, um olhar que o encheu de raiva novamente. Quando os operários entraram de volta pelo buraco estranho, que mais parecia um canal (baixando as cabeças ao fazê-lo, como se estivessem passando por um portal baixo), os punhos de Sifkitz já estavam cerrados novamente, embora isso fizesse seu pulso esquerdo doer como o diabo.

— Quer saber de uma coisa? — disse ele para Berkowitz. — Duvido que você possa me machucar. Duvido, porque senão o que vai acontecer com você? Você não passa de um... um pau-mandado.

Berkowitz o encarou com tranquilidade por baixo da viseira do seu boné da LIPÍDIO.

— Eu inventei vocês! — falou Sifkitz, esticando o indicador do punho direito como se ele fosse o cano de uma arma e apontando-os um a um. — Você é o Filho de Sam! Você não passa de uma versão adulta do garoto com quem eu tocava corneta na banda da Sisters of Mercy High! Não conseguia tocar um mi

bemol nem se sua vida dependesse disso! E você é um artista especializado em dragões e donzelas encantadas!

Os demais funcionários da Lipídio Empreendimentos não ficaram nem um pouco impressionados.

— E isso faz de você o quê? — perguntou Berkowitz. — Já parou para pensar nisso? Ou vai me dizer que não é possível existir um mundo maior lá fora em algum lugar? Nada impede que você não passe de um pensamento aleatório passando pela cabeça de um contador público enquanto ele está sentado na privada, lendo o jornal e dando sua cagada da manhã.

Sifkitz abriu a boca para dizer que aquilo era ridículo, mas algo nos olhos de Berkowitz fez com que ele a fechasse de volta. Vá em frente, diziam seus olhos. Faça uma pergunta. Vou lhe contar mais do que você gostaria de saber.

Em vez disso, o que Sifkitz disse foi:

— Quem são vocês para me dizer que não posso ficar em forma? Querem que eu morra aos 50? Meu Deus, qual é o problema de vocês?

Freddy disse:

— Não sou nenhum filósofo, Mac. Tudo o que sei é que minha picape precisa de uma regulagem e eu não tenho dinheiro.

— E eu tenho um filho que precisa de sapatos ortopédicos e outro que precisa de tratamento fonoaudiológico — acrescentou Whelan.

— Os caras que trabalham no Big Dig, aquele túnel imenso lá em Boston, têm um ditado — falou Berkowitz. — "Não mate seu ganha-pão, deixe-o morrer sozinho." É só isso que estamos pedindo, Sifkitz. Deixe a gente também molhar o bico. Deixe a gente ganhar a nossa vida.

— Isso é loucura — murmurou Sifkitz. — Uma loucura total...

— Estou cagando para o que você acha, seu filho da puta! — gritou Freddy, e Sifkitz percebeu que o homem estava quase chorando. Aquele confronto era tão estressante para os três quanto era para ele. De alguma forma, perceber isso foi o pior choque de todos. — Estou cagando para você, você não é nada, não trabalha, só fica de papo pro ar e desenha seus rebatedorezinhos, mas não ouse tirar o pão da boca dos meus filhos, está me ouvindo? Não ouse fazer isso!

Ele começou a avançar, as mãos se fechando em punhos e subindo diante do seu rosto numa ridícula pose de boxeador à la John L. Sullivan. Berkowitz pousou a mão no braço de Freddy, puxando-o de volta.

— Não seja tão inflexível, cara — disse Whelan. — Viva e deixe viver, certo?

— Deixe a gente também molhar o bico — repetiu Berkowitz, e é claro que Sifkitz reconhecia a frase; tinha lido *O Poderoso Chefão* e visto todos os filmes.

Será que algum daqueles sujeitos conseguiria usar uma palavra ou expressão que não estivesse no vocabulário dele? Sifkitz duvidava. — Deixe a gente manter a nossa dignidade, cara. Ou está achando que a gente pode trabalhar fazendo desenhos como você? — Ele riu. — Até parece. Se eu desenhar um gato, tenho que escrever GATO embaixo para as pessoas saberem o que é.

— Você matou o Carlos — disse Whelan, e se tivesse havido acusação em sua voz, Sifkitz achava que teria se enchido de raiva de novo. Mas tudo que ouviu foi tristeza. — A gente falou pra ele: "Segura as pontas, cara, as coisas vão melhorar", mas ele não foi forte. Nunca conseguiu... olhar mais à frente. Ele perdeu toda a esperança. — Whelan fez uma pausa, erguendo os olhos para o céu escuro. Não muito longe dali, o Dodge de Freddy roncava pesado. — Ele nunca teve muita, de qualquer maneira. Algumas pessoas simplesmente não têm, sabe?

Sifkitz se voltou para Berkowitz.

— Deixe-me entender isso direito. O que vocês querem...

— Só não mate o nosso ganha-pão — disse Berkowitz. — É só isso que a gente quer. Deixe o nosso ganha-pão morrer sozinho.

Sifkitz percebeu que provavelmente poderia fazer o que aquele homem estava pedindo. Talvez fosse até fácil. Tinha gente que, se comesse um donut, precisava comer a caixa inteira. Se ele fosse esse tipo de homem, aquilo seria um problema grave... mas ele não era.

— Ok — falou ele. — Não custa tentar. — E então lhe ocorreu uma ideia. — Você acha que pode me arranjar um boné da empresa? — Ele apontou para o que Berkowitz estava usando.

Berkowitz abriu um sorriso. Foi breve, porém mais genuíno do que a risada que ele deu quando disse que não conseguia desenhar um gato sem ter que escrever a palavra embaixo.

— Podemos providenciar.

Sifkitz achou que Berkowitz fosse estender a mão, mas ele não fez isso. Apenas lançou-lhe um último olhar avaliador por baixo da viseira do boné e então começou a andar para a cabine da picape. Os outros dois o seguiram.

— Quanto tempo vai levar para eu decidir que nada disso aconteceu? — perguntou Sifkitz. — Que eu desmontei a bicicleta ergométrica sozinho só porque... sei lá... só porque enjoei dela?

Berkowitz se deteve, sua mão na maçaneta, e olhou para trás.

— Quanto tempo você quer que leve? — perguntou ele.

— Não sei — respondeu Sifkitz. — Ei, é bonito aqui fora, não é?

— Sempre foi — disse Berkowitz. — A gente sempre manteve assim. — Havia algo de defensivo na voz dele que Sifkitz resolveu ignorar. Ocorreu-lhe que até mesmo o produto da imaginação de alguém podia ter seu orgulho.

Por alguns instantes eles ficaram parados ali na estrada, que há algum tempo Sifkitz tinha passado a chamar, na sua cabeça, de A Grande Estrada Perdida Transcanadense, um nome bastante pomposo para uma trilha de terra batida sem nome que cortava a floresta, mas também muito adequado. Nenhum deles falou nada. Em algum lugar, a coruja piou novamente.

— Do lado de dentro, do lado de fora, não faz diferença para nós — falou Berkowitz. Então abriu a porta e deslizou para trás do volante.

— Cuide-se — falou Freddy.

— Mas sem exagero — acrescentou Whelan.

Sifkitz ficou onde estava enquanto a picape fazia uma habilidosa manobra em três tempos na via estreita e começava a voltar pelo mesmo caminho da vinda. A abertura em forma de túnel havia sumido, mas Sifkitz não se preocupou com isso. Não achava que teria problemas para voltar quando chegasse a hora. Berkowitz sequer fez menção de evitar a Raleigh, passando bem em cima dela e terminando um serviço que já estava terminado. Ouviram-se pléins e ploings à medida que os raios se partiam nas rodas. Os faróis traseiros foram diminuindo e então desapareceram depois de uma curva. Sifkitz conseguiu ouvir o barulho surdo do motor por algum tempo, mas ele também sumiu.

Ele se sentou na estrada, deitando-se de costas em seguida e aninhando o pulso esquerdo latejante contra o peito. Não havia estrelas no céu. Ele estava muito cansado. Melhor não pegar no sono, alertou-se ele, é bem provável que alguma coisa saia da floresta, um urso talvez, para comê-lo. E então pegou no sono assim mesmo.

Quando acordou, estava no chão de cimento do porão. Os pedaços desmontados da bicicleta ergométrica, agora sem porcas ou parafusos, jaziam ao seu redor. O relógio Brookstone em cima do caixote marcava 20h43. Pelo jeito, um deles tinha desligado o alarme.

Eu desmontei este negócio sozinho, pensou ele. Essa é a minha história, e se eu não questioná-la, com o tempo vou acreditar nela.

Ele subiu as escadas até o saguão do prédio e decidiu que estava com fome. Pensou em ir até o Dugan’s e comer um pedaço de torta de morango. Torta de morango não era a comida mais prejudicial à saúde do mundo, era? E, lá chegando, decidiu que pediria uma acompanhada de sorvete.

— Que se dane — falou ele para a garçonete. — Só se vive uma vez, não é mesmo?

— Bem — respondeu ela —, não é o que dizem os hindus, mas o senhor é quem sabe.

Dois meses depois, Sifkitz recebeu uma encomenda.

Estava esperando por ele no saguão do prédio quando ele voltou de um jantar com seu agente (Sifkitz comeu peixe com legumes cozidos no vapor, mas pediu um *crème brûlée* de sobremesa). Não havia carimbo algum no pacote, nenhum logotipo da Federal Express, da Airbone Express ou da UPS, nenhum selo. Apenas o nome dele, escrito em garranchos de forma: RICHARD SIFKITZ. Eis um homem que teria que escrever GATO embaixo se desenhasse um, pensou ele, sem fazer a menor ideia do motivo. Carregou a caixa até o apartamento e usou um estilete que estava em cima da mesa de trabalho para abri-la. Dentro dela, debaixo de um grande chumaço de papel de seda, havia um boné novo em folha, do tipo com uma tira de plástico regulável atrás. A etiqueta no forro dizia Made In Bangladesh. Escrito em cima da viseira em um vermelho-escuro que o fazia pensar em sangue arterial, havia uma palavra: LIPÍDIO.

— O que é isso? — perguntou ele para o ateliê vazio, girando o boné de um lado para outro nas mãos. — É uma espécie de componente do sangue, não é?

Ele experimentou o boné. A princípio, ficou pequeno demais, mas, depois de um ajuste na tira de plástico encaixou perfeitamente. Olhou para o resultado no espelho do quarto e ainda não gostou muito do que viu. Tirou-o de volta, abaulou a viseira e tentou mais uma vez. Agora estava quase certo. Ficaria melhor ainda quando ele tirasse sua roupa “de jantar fora” e vestisse uma calça jeans manchada de tinta. Ficaria parecendo um verdadeiro peão... o que ele era, apesar do que algumas pessoas pudessem pensar.

Usar aquele boné enquanto pintava acabou se tornando um hábito para ele, como se dar ao luxo de repetir o prato durante o fim de semana e comer uma torta com sorvete no Dugan’s nas noites de quinta. Independentemente de qual fosse a filosofia hindu, Richard Sifkitz acreditava que só se vive uma vez. E, já que é assim, talvez você devesse se permitir um pouquinho de tudo.

[6] Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota (MMPI, na sigla em inglês): teste de personalidade em forma de questionário utilizado no diagnóstico de psicopatologias. (N. do T.)

As coisas que eles deixaram para trás

As coisas sobre as quais quero lhe contar — as que eles deixaram para trás — apareceram no meu apartamento em agosto de 2002. Tenho certeza disso, pois encontrei a maioria delas pouco depois de ter ajudado Paula Robeson com seu ar-condicionado. A memória sempre precisa de um ponto de referência, e esse é o meu. Ela era uma ilustradora de livros infantojuvenis, bonita (bonita o cacete, era *linda*), o marido trabalhava com importações e exportações. Um homem sempre dá um jeito de se lembrar das ocasiões em que consegue de fato ajudar uma mulher bonita em apuros (mesmo quando ela insiste em garantir que está "casadíssima"); ocasiões como essas são bastante raras. Hoje em dia, o cavaleiro andante em potencial geralmente só faz piorar as coisas.

Ela estava no saguão, parecendo contrariada, quando desci para minha caminhada da tarde. Eu disse *Oi, tudo bem?*, daquele jeito que você fala com as outras pessoas que moram no seu prédio, e ela me perguntou em um tom irritado, que por pouco não soou resmungão, por que o zelador tinha que estar de férias *logo agora*. Eu comentei que até as vaqueiras ficam tristes e até os zeladores saem de férias; e que, além disso, agosto era um mês extremamente lógico para se tirar uma folga. Agosto em Nova York (e em Paris, *mon ami*) é um período de grande escassez de psicanalistas, artistas da moda e zeladores.

Ela não sorriu. Nem sei ao certo se pescou a referência a Tom Robbins (o hermetismo é a maldição da classe dos leitores). Ela disse que talvez agosto fosse mesmo um bom mês para fazer as malas e ir para Cape ou Fire Island, mas a droga do seu apartamento estava prestes a pegar *fogo* e o maldito ar-condicionado não dava nem um arroto que fosse. Eu perguntei se ela queria que eu desse uma olhada, e me lembro do olhar que ela me deu — com aqueles olhos cinzentos frios e analíticos. Também me lembro de ter pensado que olhos como aqueles provavelmente viam bastante. E de ter sorrido quando ela me perguntou: *Você é seguro?* Isso me fez lembrar daquele filme, não *Lolita* (pensar em *Lolita*, às vezes às duas da manhã, veio mais tarde), mas aquele em que Laurence Olivier faz um tratamento dentário improvisado em Dustin Hoffman, perguntando-lhe o tempo todo: *É seguro?*

Eu sou seguro, respondi. *Faz mais de um ano que não ataco mulher nenhuma. Costumava atacar duas ou três por semana, mas as reuniões estão ajudando.*

Aquilo era uma coisa boba de se dizer, mas eu estava em um humor bastante bobo. Um humor *de verão*. Depois de me lançar outro olhar, *ela* sorriu. Estendeu a mão. *Paula Robeson*, disse ela. Foi a esquerda que ela estendeu — o que era incomum, mas era a que tinha a aliança de ouro. Acho que deve ter sido de propósito, você não acha? Mas foi só depois que ela me disse que seu marido trabalhava com importações e exportações. No dia em que chegou a minha vez de pedir ajuda a *ela*.

No elevador, eu lhe disse para não nutrir grandes esperanças. Mas, se precisasse de um homem que lhe revelasse os motivos por trás das Revoltas Contra o Alistamento em Nova York,[7] ou contasse algumas histórias divertidas sobre a criação da vacina contra a varíola, ou até mesmo desencavasse algumas frases célebres sobre os efeitos sociológicos do controle remoto (a invenção mais importante dos últimos cinquenta anos em minha modesta opinião), eu era o cara.

Pesquisa é a sua área, sr. Staley?, perguntou ela enquanto subíamos no elevador lento e ruidoso.

Eu admiti que sim, embora não tenha acrescentado que ainda era bastante novo naquilo. Também não lhe pedi para me chamar de Scott — isso a teria deixado toda assustada de novo. E certamente não lhe disse que estava tentando esquecer tudo que um dia já soube sobre seguro rural. Que estava, na verdade, tentando esquecer bastante coisa, inclusive umas duas dúzias de rostos.

Está vendo, eu posso estar tentando esquecer, mas ainda consigo me lembrar de muita coisa. Acho que todos nós conseguimos quando colocamos a mente para trabalhar (e, às vezes, o que é bem mais desagradável, quando não colocamos). Me lembrava até de algo que um daqueles escritores sul-americanos disse — aqueles chamados de realistas mágicos, sabe? Não do nome do cara, o que não importa, mas sim da citação: *Quando crianças, nossa primeira vitória é agarrar algo do mundo, geralmente os dedos de nossas mães. Mais tarde, descobrimos que é o mundo e todas as coisas nele que estão nos agarrando, e que foi assim desde o início.* Borges? Sim, deve ter sido Borges. Ou talvez Márquez. Disso eu *não* me lembro. Só sei que consegui colocar o ar-condicionado dela para funcionar e, quando o ar gelado começou a soprar do permutador de calor, o rosto inteiro dela se iluminou. Também sei que é verdade essa coisa de a percepção se reverter e nos darmos conta de que as coisas que a

gente achava estar agarrando na verdade estão agarrando a gente. Aprisionando-nos, talvez — Thoreau com certeza pensava que sim —, mas também nos mantendo no nosso lugar. Essa é a compensação. E, independentemente do que Thoreau possa ter achado, eu acredito que ela é quase sempre justa. Ou pelo menos acreditava na época; agora, não tenho tanta certeza.

E eu sei que essas coisas aconteceram no final de agosto de 2002, pouco menos de um ano depois de um pedaço do céu cair e tudo mudar para todos nós.

Certa tarde, mais ou menos uma semana depois de sir Scott Staley ter vestido sua armadura de Bom Samaritano e enfrentado com sucesso o temível ar-condicionado, dei minha caminhada vespertina até a papelaria Staples na 83rd Street para comprar uma caixa de disquetes e uma resma de papel. Eu devia a um sujeito quarenta páginas sobre os bastidores do desenvolvimento da câmera Polaroid (uma história mais interessante do que você possa imaginar). Quando voltei ao meu apartamento, havia uns óculos de sol com armação vermelha e lentes bastante peculiares na mesinha do hall onde eu deixava minhas contas a pagar, recibos, avisos de atraso da biblioteca e coisas do gênero. Reconheci aqueles óculos imediatamente, e toda a força abandonou meu corpo. Eu não caí, mas derrubei meus pacotes no chão e me recostei contra o batente da porta, tentando recuperar o fôlego e olhando para aqueles óculos. Se não houvesse algo em que me recostar, creio que teria desfalecido como uma dama em um romance vitoriano — do tipo em que um vampiro lascivo surge quando bate a meia-noite.

Fui atingido por duas ondas de emoção relacionadas, porém distintas. A primeira foi a sensação de vergonha horrorizada que você tem quando sabe que está prestes a ser apanhado fazendo algo que jamais conseguiria explicar. A lembrança que vem à minha cabeça nesse sentido é de algo que aconteceu — ou quase aconteceu — comigo quando eu tinha 16 anos de idade.

Minha mãe e minha irmã tinham ido fazer compras em Portland e eu supostamente ficaria com a casa só para mim até a noite. Eu estava reclinado nu na minha cama com uma calcinha da minha irmã enrolada em volta do pau. A cama estava cheia de fotos que eu havia recortado de revistas encontradas na garagem — muito provavelmente o estoque de revistas *Penthouse* e *Gallery* do dono anterior. Então ouvi o barulho de um carro chegando. O som daquele motor era inconfundível; eram as duas. Peg tinha ficado doente com algum tipo de virose e começado a vomitar pela janela. Elas chegaram até Poland Springs e deram meia-volta.

Olhei para as fotos espalhadas pela minha cama inteira, para as minhas roupas espalhadas pelo chão e para o bolo de seda sintética rosa na minha mão esquerda. Lembro-me de como a força se esvaiu do meu corpo e da lassidão terrível que me acometeu em seu lugar. Minha mãe me chamava — "Scott, Scott, desça aqui e me ajude com a sua irmã, ela está passando mal." — e me lembro de ter pensado: "Agora já era. Fui pego. É melhor aceitar logo, fui pego e essa será a primeira coisa que lhes virá à cabeça quando pensarem em mim pelo resto da minha vida: Scott, o artista da punheta."

Porém, nessas horas, o mais comum é que seu instinto de sobrevivência entre numa espécie de hipervelocidade. Foi o que aconteceu comigo. Eu posso até cair, decidi, mas não sem pelo menos tentar preservar minha dignidade. Joguei as fotos e a calcinha debaixo da cama. Então vesti às pressas minhas roupas, movendo-me a uma velocidade entorpecida, porém resoluta, pensando o tempo todo em um *game show* maluco que eu costumava ver na tevê antigamente, chamado *Beat the Clock* — Vença o Relógio.

Eu me lembro de como minha mãe colocou a mão na minha bochecha corada quando cheguei lá embaixo e da preocupação zelosa em seus olhos.

— Talvez você esteja ficando doente, também — disse ela.

— É, talvez sim — respondi, com todo o prazer. Somente meia hora depois descobri que tinha esquecido a braguilha aberta. Por sorte, nem Peg nem minha mãe notaram, embora em qualquer outra ocasião uma das duas teria perguntado se eu tinha alvará para vender cachorro-quente (era essa a ideia de humor inteligente na casa em que cresci). Naquele dia, uma estava doente demais e a outra preocupada demais para serem espirituosas. Então me safei totalmente.

Sorte minha.

A onda de emoção que se seguiu à primeira naquele dia de agosto no meu apartamento foi muito mais simples: eu achei que estivesse enlouquecendo. Porque aqueles óculos não podiam estar ali. Simplesmente não podiam. De jeito nenhum.

Então ergui os olhos e vi algo que sem sombra de dúvida não estava no meu apartamento quando eu tinha saído para ir à papelaria meia hora antes (trancando a porta depois de sair, como sempre o fazia). Recostado no canto entre a cozinha embutida e a sala de estar, havia um taco de beisebol. Da Hillerich & Bradsby, de acordo com o selo. E, embora não conseguisse ver o outro lado, sabia muito

bem o que estava escrito ali: PERITO EM SINISTROS, as palavras queimadas na madeira com a ponta de um ferro de soldar e coloridas em azul-escuro.

Outra sensação me atravessou: uma terceira onda. Esta foi uma espécie de pavor surreal. Não acredito em fantasmas, mas tenho certeza de que, naquela hora, minha cara foi a de quem havia acabado de ver um.

Senti que tinha visto, também. Ah, senti. Porque aqueles óculos escuros deviam ter sumido — e há uma pá de tempo,[8] como diriam as Dixie Chicks. O mesmo valendo para o taco de beisebol de Cleve Farrell. (“O bêisbol foi mucho, mucho bom comiigo”, dizia às vezes Cleve, sentado à sua mesa e brandindo o taco sobre a cabeça. “O ramo de se-GÚÚ-ros foi mucho, mucho ruim.”)

Eu fiz a única coisa em que consegui pensar, que foi pegar os óculos de Sonja D’Amico e andar a passos rápidos de volta ao elevador com eles, mantendo-os estendidos à minha frente como você seguraria algo nojento que encontrou no chão do seu apartamento depois de uma semana viajando de férias — um pedaço de comida podre ou o corpo de um rato envenenado. Eu me peguei recordando uma conversa que tive sobre Sonja com um sujeito chamado Warren Anderson. *Ela devia estar com cara de quem achava que ia voltar à tona e pedir uma Coca-Cola*, pensei quando ele me contou o que tinha visto. Isso foi enquanto tomávamos uns drinques no Blarney Stone Pub na Third Avenue, umas seis semanas depois de o céu cair. Depois de brindarmos ao fato de não estarmos mortos.

Coisas desse tipo dão um jeito de grudar na sua mente, quer você queira ou não. Como uma melodia ou o refrão sem sentido de uma música pop que você simplesmente não consegue tirar da cabeça. Você acorda às três da madrugada com vontade de mijar e, enquanto está parando diante da privada, com o pau na mão e a mente uns 10% desperta, pronto: *Com cara de quem achava que ia voltar à tona. Voltar à tona e pedir uma Coca-Cola*. Em algum ponto daquela conversa, Warren tinha perguntado se eu me lembrava dos óculos engraçados dela, e eu falei que sim. Claro que sim.

Quatro andares abaixo, Pedro, o porteiro, estava parado debaixo da sombra do toldo, conversando com Rafe, o entregador da FedEx. Pedro era inflexível quando o assunto era deixar entregadores pararem em frente ao prédio — ele tinha uma regra dos sete minutos, um relógio de bolso que usava para cumpri-la, e todos os policiais da região eram seus camaradas —, mas ele se dava com Rafe, e às vezes os dois ficavam vinte minutos ou mais parados ali, tendo aquela

velha conversa fiada nova-iorquina. Falariam eles de política? De beisebol? Do Evangelho Segundo Henry David Thoreau? Eu não sabia e nunca havia me importado tão pouco quanto naquele dia. Já estavam ali quando eu tinha subido com meus materiais de escritório e ainda estavam quando um Scott Staley bem menos despreocupado desceu de volta. Um Scott Staley que havia descoberto um buraco pequeno, porém perceptível, na coluna de sustentação da realidade. O simples fato de os dois estarem ali já bastava para mim. Eu me aproximei deles e estendi a mão direita, a que estava com os óculos, na direção de Pedro.

— Do que você chamaria isso? — perguntei, sem me importar em pedir licença ou o que fosse, simplesmente me metendo no meio da conversa.

Ele me lançou um olhar avaliador que dizia "Estou surpreso com sua falta de educação, sr. Staley, estou mesmo", então baixou os olhos para a minha mão. Por um longo instante, não falou nada — e uma ideia terrível tomou conta de mim: ele não via nada porque não havia nada para ver. Somente minha mão estendida, como se *eu* estivesse pedindo gorjeta para *ele*. Minha mão estava vazia. É claro que estava, só podia, pois os óculos de Sonja D'Amico não existiam mais. Os óculos escuros engraçados de Sonja já haviam sumido há muito tempo.

— Eu os chamaria de óculos escuros, sr. Staley — falou Pedro por fim. — Do que mais deveria chamá-los? Ou isso é algum tipo de pegadinha?

Rafe, o entregador da FedEx, claramente mais interessado, pegou-os da minha mão. O alívio que senti ao vê-lo segurar os óculos e olhar para eles, quase *analisá-los*, era como se alguém tivesse coçado bem naquele lugar inalcançável no meio das minhas costas, entre as escápulas. Ele saiu de sob o toldo e os ergueu para a luz do dia, fazendo uma estrela de sol se refletir em cada uma das lentes em forma de coração.

— Parece os que a garotinha usa naquele filme de sacanagem com o Jeremy Irons — disse ele finalmente.

Apesar da minha aflição, tive que sorrir. Em Nova York, até os entregadores são críticos de cinema. É uma das coisas que eu adoro neste lugar.

— Isso mesmo, *Lolita* — falei, apanhando os óculos de volta. — Só que os óculos escuros em forma de coração aparecem na versão dirigida por Stanley Kubrick. Na época em que Jeremy Irons não passava de um figurante. — Isso mal fazia sentido (sequer para mim), mas eu estava cagando e andando. Estava me sentindo bobo novamente... mas não de um jeito agradável. Não dessa vez.

— Quem fazia o papel do pervertido nesse? — perguntou Rafe.

Eu balancei a cabeça.

— Como se eu fosse conseguir lembrar agora.

— Não me leve a mal — falou Pedro —, mas o senhor me parece bastante pálido, sr. Staley. Está ficando doente? Gripado, talvez?

Não, foi minha irmã quem ficou, pensei em dizer. *No dia em que por vinte segundos não fui pego me masturbando com uma calcinha dela enquanto olhava para uma foto da Miss Abril*. Mas eu não tinha sido pego. Não naquela época, e tampouco em 11 de setembro. Enganei vocês, venci o relógio de novo. Não posso falar por Warren Anderson, que me disse no Blarney Stone que tinha parado no terceiro andar naquela manhã para conversar sobre os Yankees com um amigo, mas não ser pego havia se tornado uma especialidade minha.

— Estou bem — disse para Pedro e, embora isso não fosse verdade, descobrir que não era o único a ver os óculos engraçados de Sonja como algo que realmente existia no mundo fez com que eu me sentisse melhor, pelo menos. Se os óculos escuros estavam no mundo, provavelmente o Hillerich & Bradsby de Cleve Farrell também estava.

— Esses são *os* óculos? — perguntou Rafe de repente em um tom respeitoso, de quem estava prestes a ficar boquiaberto. — Os do primeiro *Lolita*?

— Não — respondi, dobrando as hastes da armação atrás das lentes enquanto falava, o nome da garota na versão de Kubrick me vindo à cabeça: Sue Lyon. Ainda não conseguia lembrar quem tinha interpretado o pervertido. — É só uma imitação.

— Eles têm alguma coisa de especial? — perguntou Rafe. — Foi por isso que o senhor desceu correndo até aqui?

— Não sei — disse. — Alguém os deixou no meu apartamento.

Eu subi antes que eles pudessem fazer mais perguntas e dei uma conferida no meu apartamento, torcendo para não encontrar mais nada. Mas encontrei. Além dos óculos escuros e do taco de beisebol com PERITO EM SINISTROS queimado na lateral, havia a almofada de peido de Howie, uma concha, uma moeda de aço suspensa em um cubo de acrílico e um cogumelo de cerâmica (vermelho com bolinhas brancas) que vinha com uma Alice do mesmo material sentada em cima. A Alice de cerâmica costumava ficar na mesa de Maureen Hannon — um presente da neta, ela me dissera certa vez. Maureen tinha cabelos brancos lindos, que ela usava soltos e iam até a cintura. Era raro ver algo assim em um ambiente de trabalho, mas ela estava na empresa havia quase quarenta anos e se sentia no direito de usar o cabelo como bem entendesse. Eu me lembrava tanto da concha quanto da moeda de aço, mas não a que baias (ou salas) elas costumavam pertencer. Havia um monte de baias (e salas) na Light & Bell Seguros.

A concha, o cogumelo e o cubo de acrílico estavam na mesa de centro da minha sala de estar, em uma pilha bem arrumada. A almofada de peido — muito adequadamente, a meu ver — estava em cima da caixa d'água da minha privada, do lado da última edição do Boletim Informativo sobre Seguro Rural da Spenck. Seguro Rural costumava ser minha especialidade, como acho que já lhes contei antes. Calcular probabilidades era o meu forte.

Qual era a probabilidade disso?

Quando alguma coisa sai errado na sua vida e você precisa conversar com alguém, acho que o primeiro impulso da maioria das pessoas é ligar para um parente. Para mim, isso não era exatamente uma opção. Meu pai foi comprar cigarros e não voltou mais quando eu tinha 2 anos de idade e minha irmã 4. Minha mãe, que não era de desistir facilmente, não deixou a peteca cair e nos criou sozinha, enquanto trabalhava em casa administrando uma câmara de compensação por correio. Imagino que esse na verdade tenha sido um negócio inventado por ela, e lhe rendia o suficiente para viver bem (somente o primeiro ano foi assustador de verdade, me diria ela mais tarde). Porém minha mãe fumava como uma chaminé e morreu de câncer de pulmão aos 48, seis ou oito anos antes do advento da internet, que poderia tê-la transformado em uma milionária pontocom.

Minha irmã Peg atualmente morava em Cleveland, onde tinha abraçado a linha de cosméticos Mary Kay, os indianos e o cristianismo fundamentalista, não necessariamente nessa ordem. Se eu ligasse para Peg e contasse sobre as coisas que tinha encontrado no meu apartamento, ela iria sugerir que eu caísse de joelhos e pedisse para Jesus entrar na minha vida. Certo ou errado, não achava que Jesus pudesse me ajudar a resolver aquele problema.

Tinha o número habitual de tias, tios e primos, mas a maioria vivia no lado oeste do Mississippi e há anos que eu não via nenhum deles. Os Killian (o lado materno da minha família) nunca foram muito gregários. Um cartão para o aniversariante da vez e outro no Natal era o suficiente para que todas as obrigações familiares fossem dadas por cumpridas. Um cartão no dia dos namorados ou na Páscoa era um bônus. Eu ligava para a minha irmã no Natal ou ela me ligava, então nós resmungávamos a conversa fiada de sempre sobre nos encontramos "um dia desses" e desligávamos com o que eu imaginava ser alívio mútuo.

A opção seguinte quando em apuros seria provavelmente chamar um bom amigo para beber, explicar a situação e então pedir um conselho. Eu, no entanto, era um menino tímido que havia se tornado um homem tímido e, na minha atual função de pesquisador, trabalhava sozinho (por preferência), portanto não tinha colegas que pudessem se transformar em amigos. Cheguei a fazer alguns no meu último emprego — Sonja e Cleve Farrell, para citar dois — mas eles estão mortos, é claro.

Eu concluí que, se você não tinha um amigo com quem conversar, o melhor a fazer era alugar um. Certamente tinha dinheiro para fazer um pouco de análise, e me parecia que algumas sessões no divã de um psiquiatra (quatro talvez dessem conta do recado) bastariam para me explicar o que tinha acontecido e desvendar como eu me sentira a respeito. Quanto teria que desembolsar por quatro sessões? Seiscentos dólares? Oitocentos, talvez? Me parecia um preço justo por um pouco de alívio. E eu ainda achava que aquilo poderia me render algum bônus. Uma pessoa de fora, isenta, talvez conseguisse ver alguma explicação simples e racional que eu era incapaz de enxergar. Para a minha mente, a porta trancada entre meu apartamento e o mundo externo parecia descartar a maioria delas, mas era a *minha* mente, afinal; e não era essa a questão? E talvez o problema?

Eu já havia planejado tudo. Na primeira sessão, explicaria o ocorrido. Quando fosse para a segunda, levaria os objetos em questão — óculos escuros, cubo de acrílico, concha, taco de beisebol, cogumelo de cerâmica e a sempre popular almofada de peido. Uma pequena brincadeira de “mostrar e contar”, como na escola primária. Então restariam mais duas, nas quais meu amigo de aluguel e eu poderíamos esclarecer a causa desse perturbador distúrbio no equilíbrio da minha vida e colocar as coisas de volta nos eixos.

Uma só tarde folheando as Páginas Amarelas e dando telefonemas bastou para me convencer de que a ideia de recorrer à psicanálise era na verdade impraticável, por melhor que soasse na teoria. O mais perto que cheguei de uma consulta foi ouvir uma recepcionista me dizer que o dr. Jauss talvez pudesse me atender em janeiro próximo. Ela ainda insinuou que mesmo assim precisaria fazer milagre para me encaixar. Os outros não me deram uma esperança que fosse. Eu tentei meia dúzia de terapeutas em Newark e quatro em White Plains, e até um hipnotizador no Queens, sempre com o mesmo resultado. Mohammed Atta e seu Esquadrão Suicida podem ter sido mucho, mucho ruins para a cidade de Nova York (isso sem falar no ramo de se-GÚÚ-ros), mas aquela simples tarde

perdida ao telefone deixou bem claro para mim que eles tinham sido uma bênção para a classe psiquiátrica, por mais que os psiquiatras em si talvez preferissem o contrário. Se você quisesse deitar no divã de um profissional da área no verão de 2002, teria que apanhar um número e esperar na fila.

Eu conseguia dormir com aquelas coisas no meu apartamento, mas não muito bem. Elas sussurravam para mim. Eu ficava acordado na minha cama, às vezes até as duas da madrugada, pensando sobre Maureen Hannon, que achava ter chegado a uma idade (sem falar a um certo nível de indispensabilidade) na qual poderia usar seu cabelo incrivelmente longo como bem entendesse. Ou então me lembrava das várias pessoas que tinham corrido pela festa de confraternização de Natal brandindo a famosa almofada de peido de Jimmy Eagleton. Ela ficava, como já devo ter falado, bastante popular à medida que as pessoas iam chegando dois ou três drinques mais perto do Ano-Novo. Lembro-me de Bruce Mason me perguntando se ela não parecia uma bolsa de enema para elfos — "elfos", ele disse — e, por algum processo de associação, me lembrei de que a concha era dele. Bruce Mason, o Senhor das Moscas. Dando mais um passo adiante na cadeia alimentar associativa, me deparei com o nome e o rosto de James Mason, que havia interpretado Humbert Humbert na época em que Jeremy Irons não passava de um figurante. A mente é um macaco manhoso; às vezes ele pega a banana, às vezes não. É por isso que desci com os óculos escuros, embora não estivesse atento a nenhum processo dedutivo naquela hora. Queria apenas confirmação. Tem um poema de George Seferis que pergunta o seguinte: *São as vozes dos nossos amigos mortos que estamos ouvindo ou é apenas o gramofone?* Às vezes essa é uma boa pergunta, do tipo que você precisa fazer a outra pessoa. Ou... ouça isto.

Certa vez, no final da década de 1980, perto do fim de um romance amargo de dois anos com o álcool, eu acordei em meu escritório no meio da noite, depois de ter cochilado em cima da mesa. Então cambaleei até o meu quarto, onde, ao estender a mão para acender a luz, vi alguém se movendo. Vislumbrei a ideia (quase uma certeza) de um ladrão drogado com uma 32 milímetros barata de loja de penhores na mão trêmula, e meu coração quase saiu pela boca. Acendi a luz com uma das mãos e já estava buscando algo pesado em cima da minha escrivaninha com a outra — qualquer coisa, até o porta-retratos de prata com a foto da minha mãe — quando percebi que o ladrão era eu. Estava olhando apavorado para o meu próprio reflexo no espelho do outro lado do quarto, minha

camisa metade para fora da calça e meu cabelo em pé atrás. Senti nojo de mim mesmo, mas também fiquei aliviado.

Queria que fosse igual desta vez. Queria que fosse o espelho, o gramofone, até mesmo alguém me pregando uma peça escrota (talvez alguém que soubesse por que eu não tinha ido trabalhar naquele dia de setembro). Mas eu sabia que não era nada disso. A almofada de peido estava ali, um convidado de verdade no meu apartamento. Eu poderia correr o polegar pelas fivelas dos sapatinhos de cerâmica de Alice, deslizar o dedo pela divisória no cabelo amarelo de cerâmica dela. Podia ler a data na moeda dentro do cubo de acrílico.

Bruce Mason, também conhecido como Homem da Concha ou Senhor das Moscas, levou sua concha rosa para a festa da empresa em Jones Beach num mês de julho e soprou nela como se fosse uma corneta, convocando as pessoas para um alegre almoço de piquenique que consistia em cachorros-quentes e hambúrgueres. Então tentou mostrar a Freddy Lounds como fazer aquilo. O melhor que Freddy conseguiu produzir foi uma série de buzinadelas fracas que soavam como... bem, como a almofada de peido de Jimmy Eagleton. E por aí vai. No fim das contas, toda cadeia associativa forma um colar.

No final de setembro, tive um estalo — uma daquelas ideias tão simples que você acha inacreditável não ter pensado nela antes. Por que eu continuava com aquelas porcarias indesejadas em casa, afinal? Por que não simplesmente me livrar delas? Aqueles objetos não tinham sido deixados aos meus cuidados; seus donos não voltariam em algum momento no futuro para pedi-los de volta. A última vez que eu vira o rosto de Cleve Farrell tinha sido em um pôster, e o último deles já havia sido arrancado em novembro de 2001. A sensação geral (embora tácita) era de que homenagens improvisadas como aquela estavam deprimindo os turistas, que começavam a voltar para a Cidade da Diversão. O que acontecera tinha sido terrível, a maioria dos nova-iorquinos concordava com isso, mas a América ainda estava de pé e Matthew Broderick não estrelaria *Os Produtores* para sempre.

Pedi comida chinesa naquela noite, de um restaurante de que gosto a dois quarteirões da minha casa. Meu plano era comê-la como eu geralmente comia minha refeição da noite, vendo Chuck Scarborough explicar o mundo para mim. Eu estava ligando a tevê quando tive a epifania. Eles *não estavam* aos meus cuidados, aqueles suvenires indesejados do nosso último dia de segurança, e tampouco eram provas de nada. Sim, houvera um crime — ninguém duvidava

disso —, mas seus executores estavam mortos, e as pessoas que os enviaram em sua rota ensandecida, foragidas. Talvez houvesse julgamentos em alguma data futura, mas Scott Staley jamais seria chamado para depor — e a almofada de peido de Jimmy Eagleton jamais seria apresentada como Prova A.

Deixei meu frango ao molho agridoce no balcão da cozinha sem destampar o prato de alumínio, apanhei um saco para roupa suja da prateleira em cima da lavadora que raramente usava, pus as coisas dentro dele (enquanto as ensacava, mal conseguia acreditar como eram leves, ou que eu havia levado tanto tempo para fazer algo tão simples) e desci o elevador com o saco entre os pés. Andei até a esquina da 75th com a Park, olhei em volta para me certificar de que não estava sendo observado (só Deus sabe por que estava me sentindo tão furtivo, mas era como eu me sentia), então coloquei o lixo no seu devido lugar. Dei uma olhada para trás por sobre o ombro enquanto me afastava. O cabo do taco de beisebol apontava convidativo para fora do cesto. Sem dúvida alguém o pegaria ao passar por ali. Provavelmente antes que Chuck Scarborough desse lugar a John Seigenthaler ou quem quer que estivesse substituindo Tom Brokaw naquela noite.

No caminho de volta para o meu apartamento, parei no Fun Choy para pedir um frango ao molho agridoce fresco.

— O outro não tava bom? — perguntou Rose Ming diante da caixa registradora. Soava um tanto preocupada. — Diz por quê.

— Não, o outro estava ótimo — respondi. — É só que hoje à noite estou com fome pra dois.

Ela riu como se essa fosse a coisa mais engraçada que já ouvira na vida, e eu ri também. Com vontade. O tipo de riso de quem se sente bem mais do que bobo. Não conseguia me lembrar da última vez que tinha rido daquela forma — tão alto e tão naturalmente. Com certeza não desde que a Light & Bell Seguros desabara sobre a West Street.

Subi de elevador até o meu andar e andei os 12 passos até o 4-B. Sentia-me como uma pessoa muito doente deve se sentir ao acordar um belo dia, se analisar à luz sensata da manhã e descobrir que a febre passou. Enfiei o embrulho com a comida debaixo do braço esquerdo (uma manobra difícil, mas possível no curto prazo) e então destranquei a porta. Acendi a luz. E lá, na mesa em que deixo minhas contas a pagar, recibos e aviso de atraso da biblioteca, estavam os óculos engraçados de Sonja D'Amico, com sua armação vermelha e lentes em forma de coração estilo Lolita. Sonja D'Amico, que, de acordo com Warren Anderson (até

onde eu sabia, o único outro funcionário sobrevivente da sede da Light & Bell), tinha pulado do 110º andar do prédio atacado.

Ele dizia ter visto uma foto que a capturava em queda livre, Sonja com as mãos segurando recatadamente as saias, para evitar que elas deslizassem pelas suas coxas acima, seu cabelo em pé contra a fumaça e o azul do céu daquele dia, os bicos dos seus sapatos apontando para baixo. A descrição me fez pensar em "Falling", o poema que James Dickey escreveu sobre a aeromoça que tenta apontar seu corpo que caía feito uma pedra na direção da água, como se pudesse vir à tona sorrindo, chacoalhando gotas d'água do cabelo e pedindo uma Coca-Cola.

— Eu vomitei — disse-me Warren naquele dia no Blarney Stone. — Nunca mais quero olhar para aquela foto novamente, Scott, mas sei que jamais irei esquecê-la. Dava para ver o rosto dela, e acho que ela acreditava que de alguma maneira... é, que de alguma maneira daria tudo certo.

Eu nunca tinha gritado na minha vida adulta, mas quase o fiz quando olhei dos óculos de Sonja para o taco de beisebol de Cleve Farrell, que mais uma vez se recostava com indiferença no canto ao lado da entrada da sala de estar. Alguma parte da minha mente deve ter lembrado que a porta para o corredor estava aberta e meus dois vizinhos do quarto andar me ouviriam se eu gritasse; então, como se costuma dizer, eu teria que dar alguma satisfação.

Tapei a boca com a mão para conter o grito. O embrulho com o frango agridoce caiu no chão de madeira de lei do hall de entrada e arrebentou. Eu mal conseguia me forçar a olhar para a cagada que ele fez. Aqueles pedaços escuros de carne cozida poderiam ser qualquer coisa.

Desabei sobre a única cadeira que ficava no hall de entrada e coloquei o rosto entre as mãos. Não gritei e tampouco chorei — e, algum tempo depois, fui capaz de limpar a sujeira. Minha mente tentava ir em direção às coisas que tinham voltado mais rápido do que eu da esquina da 75th com a Park, mas eu não deixava. Todas as vezes que ela tentava disparar naquele rumo, eu a agarrava pela coleira e a forçava a voltar.

Naquela noite, deitado na cama, eu escutei conversas. Primeiro as coisas falavam (baixinho) e depois seus antigos donos respondiam (um pouquinho mais alto). Às vezes falavam sobre o piquenique em Jones Beach — o cheiro de coco do bronzeador e Lou Bega cantando "Mambo Nº 5" sem parar das caixas de som de Misha Bryzinski. Ou então sobre Frisbees voando debaixo do céu enquanto

cachorros os perseguiam. Às vezes conversavam sobre crianças se emporcalhando na areia molhada com o fundo de seus shorts e maiôs pendendo para baixo. Mães usando maiôs encomendados do catálogo da Lands' End andando aos seus lados com creme branco no nariz. Quantas daquelas crianças perderam uma mãe protetora ou um pai que jogava Frisbee com elas? Cara, esse era um problema de matemática que eu não queria resolver. Mas as vozes que eu ouvia no meu apartamento *queriam*. Era o que faziam sem trégua.

Eu me lembrei de Bruce Mason soprando sua concha e proclamando-se o Senhor das Moscas. De Maureen Hannon me dizendo uma vez (não em Jones Beach, não esta conversa) que *Alice no País das Maravilhas* foi o primeiro romance psicodélico do mundo. De Jimmy Eagleton me dizendo certa tarde que, além da gagueira, seu filho tinha dislexia — dois pelo preço de um — e que o garoto precisaria de um professor particular de matemática e outro de francês, se quisesse sair do ensino médio no futuro próximo. "Antes de ele ter direito a descontos para livros didáticos pela AARP",[9] foi como Jimmy havia colocado. O rosto dele pálido e com a barba um pouco por fazer sob a luz alongada da tarde, como se a lâmina que havia usado naquela manhã estivesse meio cega.

Eu estava quase dormindo, mas essa última conversa me fez acordar de volta no susto, pois percebi que ela devia ter acontecido pouco antes de 11 de setembro. Provavelmente dias antes. Talvez na sexta da semana anterior, o que faria dela a última vez em que vi Jimmy com vida. E o molequinho gago e disléxico: o nome dele não era Jeremy, como o Jeremy Irons? Certamente não, sem dúvida isso era apenas minha mente (às vezes, ela pega a banana) pregando suas peças, mas, Deus do céu, era *quase* Jeremy. Jason, talvez. Ou Justin. Na calada da noite, tudo fica exagerado, e eu me lembro de pensar que, se o nome do garoto fosse *mesmo* Jeremy, eu provavelmente enlouqueceria. Teria sido a gota d'água, *baby*.

Por volta das três da madrugada, me lembrei de quem era o cubo de acrílico com a moeda de aço dentro: Roland Abelson, do setor de Passivos. Ele o chamava de seu fundo de aposentadoria. Era Roland quem tinha o hábito de dizer: "Lucy, você vai ter que dar alguma satisfação." Certa noite, depois da queda de 2001, eu vi a viúva dele no noticiário das seis. Tinha conversado com ela em um dos piqueniques da empresa (muito provavelmente no de Jones Beach) e na época a achara bonita, porém a viuvez havia refinado aquela beleza, acrescentando-lhe um ar austero. Na matéria do jornal, ela insistia em dizer que seu marido estava "desaparecido". Não dizia que ele estava "morto". E se ele *estivesse* vivo — se um dia aparecesse de volta — teria que lhe dar alguma

satisfação. Pode apostar que sim. Mas é claro que ela também. Uma mulher que houvesse passado de bonita para linda por conta de um massacre certamente teria que dar alguma satisfação.

Ficar deitado na cama pensando nessas coisas — recordando o som da arrebentação em Jones Beach e os Frisbees voando sob o céu — me encheu de uma tristeza terrível que eu finalmente esvaziei na forma de lágrimas. Foi naquela noite que compreendi que as *coisas* — até as pequenas, como uma moeda em um cubo de acrílico — podem ficar mais pesadas com o passar do tempo. Mas porque esse é um peso da mente, não há fórmula matemática para ele, como as que você encontra nos manuais de uma companhia de seguros e nas quais a taxa da sua apólice de seguro de vida sobe *x* se você fuma e a cobertura das suas plantações sobe *y* se sua fazenda fica em uma zona de tornados. Entende o que eu estou dizendo?

É um peso da mente.

Na manhã seguinte, juntei todos os objetos de volta e encontrei um sétimo, dessa vez debaixo do sofá. O cara que trabalhava na baia ao lado da minha, Misha Bryzinski, tinha um pequeno casal de fantoches, daqueles que os ingleses chamam de Punch e Judy, na sua mesa. O que eu espiei debaixo do meu sofá era Punch. Não conseguia encontrar Judy, mas Punch estava de bom tamanho para mim. Aqueles olhos negros, espreitando fantasmagóricos em meio aos montinhos de sujeira, me encheram de um pavor terrível. Eu fisguei o fantoche lá debaixo, odiando o rastro de poeira que ele deixou para trás. Uma coisa que deixa um rastro é real, tem peso. Isso é indiscutível.

Coloquei Punch e todas as outras coisas no armarinho que servia de despensa logo atrás da cozinha embutida, e lá elas ficaram. A princípio, achei que não ficariam, mas ficaram.

Minha mãe me falou certa vez que se um homem limpasse a bunda e visse sangue no papel higiênico, sua reação seria cagar no escuro por um mês e torcer pelo melhor. Ela usava esse exemplo para ilustrar sua crença de que a base da filosofia masculina era: “Se você ignorar uma coisa, quem sabe ela não vai embora?”

Eu ignorei as coisas que havia encontrado no meu apartamento, torci pelo melhor, e as coisas de fato melhoraram um pouco. Raramente escutava aquelas

vozes sussurrando dentro do armarinho (exceto na calada da noite), embora preferisse cada vez mais fazer meus trabalhos de pesquisa fora de casa. Em meados de novembro, eu passava a maior parte dos dias na Biblioteca Pública de Nova York. Tenho certeza de que os leões se acostumaram a me ver por ali com meu PowerBook.

Então, logo antes do Dia de Ação de Graças, calhou de eu estar saindo do meu prédio um dia e topar com Paula Robeson, a bela donzela que eu havia salvado apertando o botão de reset do seu ar-condicionado, entrando.

De forma absolutamente não premeditada — estou convencido de que, se houvesse tido tempo de pensar, não teria dito palavra — eu lhe perguntei se poderia convidá-la para almoçar e conversar sobre uma coisinha.

— Na verdade — falei —, estou com um problema. Talvez você possa apertar meu botão de reset.

Estávamos no saguão. Pedro, o porteiro, estava sentado num canto, lendo o *Post* (e ouvindo cada palavra nossa, não tenho dúvidas — para Pedro, seus inquilinos eram a novela mais interessante do mundo). Ela me deu um sorriso ao mesmo tempo simpático e nervoso.

— Acho que lhe devo uma — disse ela —, mas... você sabe que eu sou casada, não sabe?

— Sei — respondi, sem acrescentar que ela havia me cumprimentado com a mão errada para ser quase impossível eu não ver a aliança.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você certamente já nos viu juntos pelos menos umas duas vezes, mas ele estava na Europa quando tive aquele problema todo com o ar-condicionado e está lá de novo agora. Edward, é esse o nome dele. Nos últimos dois anos, ele passa mais tempo na Europa do que aqui e, embora eu não goste, estou casadíssima da mesma forma. — Então, meio como se tivesse se lembrado depois, ela acrescentou: — Edward trabalha com importações e exportações.

Eu costumava trabalhar com seguros, mas então um dia a empresa explodiu, pensei em dizer. No fim das contas, consegui falar algo mais sensato.

— Não estou chamando você para sair, sra. Robeson. — Da mesma forma que não queria que começássemos a nos chamar pelo primeiro nome, e terá sido um quê de decepção o que eu notei nos olhos dela? Juro por Deus que achei que sim. Mas pelo menos consegui convencê-la. Eu ainda era *seguro*.

Ela colocou as mãos nas cadeiras e olhou para mim com uma irritação de mentirinha. Ou talvez nem tão de mentirinha assim.

— Então *o que* você quer?

— Só quero alguém para conversar. Tentei um monte de analistas, mas eles estão... ocupados.

— *Todos* eles?

— É o que parece.

— Se você estiver tendo problemas com a sua vida sexual ou sentindo ganas de sair correndo pela cidade matando homens de turbante, não quero nem saber.

— Não é nada disso. Não vou fazer você ficar vermelha, prometo. — O que não era exatamente o mesmo que dizer *Prometo não chocar você*, ou *Você não vai achar que eu sou louco*. — Só um almoço e um pouco de conselho, é só o que estou pedindo. O que me diz?

Fiquei surpreso — quase pasmo — diante da minha própria capacidade de persuasão. Se tivesse planejado aquela conversa com antecedência, quase sem dúvida teria estragado tudo. Imagino que ela tenha ficado curiosa, e estou certo de que detectou algum grau de sinceridade na minha voz. Talvez também tenha suposto que, se eu fosse o tipo de homem que gostava de bancar o conquistador, teria tentado minha sorte naquele dia de agosto, quando cheguei a ficar sozinho com ela em seu apartamento, o escorregadio Edward na França ou na Alemanha. E posso apenas imaginar o quanto de desespero ela viu no meu rosto.

Seja como for, ela concordou em almoçar comigo na sexta no Donald's Grill, que ficava mais adiante na nossa rua. O Donald's talvez seja o restaurante menos romântico de toda Manhattan — comida boa, luzes fluorescentes, garçons que deixam bem claro que gostariam que você se apressasse. Embora tivesse concordado, ela o fez com o ar de uma mulher pagando uma dívida atrasada da qual tivesse quase se esquecido. Isso não era exatamente lisonjeiro, mas estava de bom tamanho para mim. Meio-dia seria um bom horário, disse ela. Se eu a encontrasse no saguão, poderíamos ir andando juntos. Eu lhe disse que me parecia bom, também.

Aquela foi uma boa noite para mim. Fui dormir quase imediatamente e sem ter nenhum sonho com Sonja D'Amico caindo pela lateral do prédio em chamas com as mãos nas coxas, como uma aeromoça procurando por água.

Enquanto descíamos a 86th Street no dia seguinte, perguntei a Paula onde ela estava quando ficou sabendo.

— Em São Francisco — respondeu ela. — Ferrada no sono em uma suíte do Wradling Hotel com Edward do meu lado, certamente roncando, como sempre.

Eu iria voltar para cá no dia 12 de setembro e Edward iria para umas reuniões em Los Angeles. A gerência do hotel chegou a disparar o alarme de incêndio.

— Vocês devem ter levado um susto danado.

— A gente levou mesmo, mas a primeira coisa que me veio à cabeça não foi um incêndio, e sim um terremoto. Então uma voz saiu dos alto-falantes, nos dizendo que não havia incêndio no hotel, mas que estava acontecendo um dos grandes em Nova York.

— Meu Deus.

— Ouvir a coisa desse jeito, numa cama em um quarto estranho... vindo do teto como a voz de Deus... — Ela balançou a cabeça. Os lábios estavam apertados com tanta força que seu batom quase desapareceu. — Foi muito assustador. Acho que entendo a necessidade de se transmitir uma notícia como essa o mais rápido possível, mas ainda não perdoei completamente a gerência do Wradling por ter agido daquele jeito. Dificilmente volto a me hospedar nele.

— Seu marido foi para as reuniões que ele tinha?

— Elas foram canceladas. Imagino que muitas reuniões tenham sido canceladas naquele dia. Nós ficamos na cama com a tevê ligada até o sol raiar, tentando compreender o que estava acontecendo. Entende?

— Sim.

— Nós conversamos sobre as pessoas que conhecíamos que poderiam estar lá. Acho que também não fomos os únicos a fazer isso.

— Conseguiram se lembrar de alguém?

— Um corretor da Shearson Lehman e o subgerente da livraria Borders do shopping — disse ela. — Um deles estava bem. O outro... bem, o outro não estava. E quanto a você?

Acabou que nem precisei introduzir o assunto de mansinho. Ainda nem tínhamos chegado ao restaurante e lá estava ele.

— Era para *eu* estar lá — falei. — *Deveria* ter estado. Era onde eu trabalhava. Em uma corretora de seguros no 110º andar.

Ela parou imediatamente na calçada, erguendo os olhos arregalados para mim. Imagino que as pessoas que precisaram desviar de nós tenham achado que éramos namorados.

— Scott, *não*!

— Scott, sim — disse eu. E, depois de todo aquele tempo, contei a alguém como acordei no dia 11 de setembro esperando fazer tudo o que normalmente fazia nos dias de semana, desde a xícara de café preto enquanto me barbeava até a xícara de chocolate quente em frente ao resumo das notícias do dia à meia-

noite, no Canal 13. Um dia como qualquer outro, era o que eu tinha em mente. Imagino que os americanos tenham passado a considerar isso um direito de nascença. Bem, mas por essa você não esperava: um avião! Acertando em cheio a lateral de um arranha-céu! Rá-rá, seu babaca, você é o motivo da piada, e metade da droga do mundo está rindo!

Eu lhe contei sobre como olhei pela janela do meu apartamento e vi que o céu estava praticamente sem nuvens às sete da manhã, de um azul tão profundo que dava quase para enxergar as estrelas atrás dele. Então lhe contei sobre a voz. Acho que todo mundo tem várias vozes na cabeça e acaba se acostumando com elas. Quando eu tinha 16 anos, uma das minhas se manifestou e sugeriu que talvez fosse o maior barato eu me masturbar com uma das calcinhas da minha irmã. *Ela tem umas mil calcinhas e certamente não vai dar falta de umazinha, sacou?*, opinou a voz. (Não contei a Paula Robeson sobre essa aventura adolescente em particular.) Eu teria que chamá-la de a voz da completa irresponsabilidade, mais conhecida como Mr. Yow, Bota pra Quebrar.

— Mr. Yow, Bota pra Quebrar? — perguntou Paula, desconfiada.

— Em homenagem a James Brown, o Rei do Soul.

— Se você diz.

Mr. Yow, Bota pra Quebrar tinha cada vez menos a dizer para mim, especialmente desde que praticamente parei de beber — e naquele dia ele acordou do seu cochilo por tempo suficiente apenas para falar 15 palavras — mas elas mudaram minha vida. *Salvaram* minha vida.

As primeiras cinco (eu, me sentando na beira da cama): *Yow, fala que você tá doente, sacou?* As próximas sete (eu, arrastando os pés em direção ao banheiro e coçando a nádega esquerda no caminho): *Yow, vai passar o dia no Central Park!* Não houve premonição alguma. Era claramente a voz do Mr. Yow, Bota pra Quebrar, não a de Deus. Apenas uma versão da minha própria voz (como elas sempre são), em outras palavras, me mandando matar o trabalho. *Faz um agrado pra você mesmo, pel'amor de Deus!* A última vez que me lembrava de ter ouvido essa versão da minha voz tinha sido durante um concurso de karaokê em um bar na Amsterdam Avenue. *Yow, vai lá cantar com o Neil Diamond, seu mané — sobe lá naquele palco e bota pra quebrar!*

— Acho que entendo o que você quer dizer — disse ela, sorrindo um pouco.

— Entende?

— Bem... uma vez eu tirei minha blusa num bar em Key West e ganhei dez dólares dançando "Honky Tonk Women". — Ela fez uma pausa. — Edward não

sabe disso e, se você contar, vou ser obrigada a furar seu olho com um dos alfinetes de gravata dele.

— Yow, manda ver, garota — falei, e seu sorriso ficou um tanto nostálgico. Ele a deixava mais jovem. Comecei a achar que aquilo tinha uma chance de dar certo.

Nós entramos no Donald's. Havia um peru de papelão na porta e peregrinos de papelão na parede de azulejos verdes sobre o balcão aquecido a vapor.

— Eu dei ouvidos ao Mr. Yow, Bota pra Quebrar e estou aqui — falei. — Mas tem algumas outras coisas aqui também, e ele não pode me ajudar em relação a elas. São coisas das quais não consigo me livrar. É sobre elas que quero conversar com você.

— Deixe-me repetir que não sou nenhuma psicóloga — falou ela, com mais do que um ligeiro desconforto. — Eu me formei em Alemão com uma pós em história da Europa.

Você e seu marido devem ter bastante assunto, pensei. O que disse em voz alta foi que não necessariamente precisava ser ela, mas qualquer pessoa.

— Tudo bem. Só queria deixar claro.

Um garçom trouxe as nossas bebidas, um descafeinado para ela, um normal para mim. Assim que ele foi embora, ela me perguntou de que coisas eu estava falando.

— Esta é uma delas. — Tirei do meu bolso o cubo de acrílico com a moeda de aço suspensa dentro dele e o coloquei na mesa. Então, lhe contei sobre as outras coisas, e a quem elas haviam pertencido. Cleve "O bêisbol foi mucho, mucho bom comiigo" Farrell. Maureen Hannon, que usava o cabelo longo até a cintura como sinal da sua indispensabilidade na empresa. Jimmy Eagleton, que tinha um faro divino para pedidos fraudulentos de indenização por acidentes, um filho com dislexia e uma almofada de peido guardada com segurança em sua mesa até a festa de Natal chegar ao fim de cada ano. Sonja D'Amico, a melhor contadora da Light & Bell, que havia ganhado os óculos de Lolita como um amargo presente de divórcio do seu primeiro marido. Bruce "Senhor das Moscas" Mason, que permaneceria para sempre sem camisa na minha mente, soprando sua concha em Jonas Beach enquanto as ondas vinham rolando e morriam em volta dos seus pés descalços. E, por último, Misha Bryzinski, com quem eu tinha ido a pelo menos uma dúzia de jogos do Mets. Eu lhe contei sobre como havia colocado tudo menos o fantoche de Misha em um cesto de lixo na esquina da 75th com a Park e sobre como os objetos voltaram mais rápido do que eu para o apartamento, provavelmente porque eu parei para pedir um segundo

frango agridoce. Durante todo esse tempo, o cubo de acrílico continuou entre nós dois. Conseguimos comer pelo menos um pouco dos nossos pratos apesar dos seus contornos austeros.

Quando acabei de falar, me senti melhor do que tive a ousadia de esperar. Mas o silêncio que vinha da outra ponta da mesa me parecia terrivelmente pesado.

— Então — falei eu, para quebrá-lo. — O que você acha?

Ela se deteve por um instante para pensar, e eu não a culpei por isso.

— Acho que não somos mais estranhos como antes — disse ela finalmente —, e fazer novos amigos nunca é ruim. Acho que estou feliz de saber sobre o Mr. Yow, Bota pra Quebrar e de ter contado para você o que eu fiz.

— Eu também. — E era verdade.

— Agora, posso lhe fazer duas perguntas?

— Claro.

— O quanto do que eles chamam de "culpa do sobrevivente" você está sentindo?

— Achei que você tinha dito que não era psicóloga.

— E não sou, mas leio revistas e até já fui pega assistindo à *Oprah*. *Disso* meu marido sabe, embora eu prefira não ficar esfregando na cara dele. Então... quanto, Scott?

Eu pensei sobre a pergunta. Era das boas — e é claro que já a havia feito para mim mesmo em mais de uma daquelas noites insones.

— Bastante — respondi. — E bastante alívio também, não vou mentir quanto a isso. Se o Mr. Yow, Bota pra Quebrar fosse uma pessoa de verdade, ele nunca mais teria que pagar uma conta de restaurante na vida. Não se eu estivesse presente, pelo menos. — Fiz uma pausa. — Isso assusta você?

Ela estendeu o braço ao longo da mesa e tocou por um instante minha mão.

— Nem um pouquinho.

Ouvi-la falar isso fez com que eu me sentisse melhor do que teria acreditado ser possível. Apertei brevemente sua mão e então a soltei.

— Qual é a sua outra pergunta?

— O quanto é importante para você que eu acredite nessa sua história de as coisas ficarem voltando?

Achei que essa era uma pergunta excelente, muito embora o cubo de acrílico estivesse bem ali, do lado do açucareiro. Objetos como aquele não era exatamente raros, afinal. E eu achava que, se ela *tivesse* se formado em psicologia em vez de em Alemão, provavelmente não teria se saído nada mal.

— Não tanto quanto pensei uma hora atrás — falei. — Só contá-la para você já me ajudou.

Ela assentiu, abrindo um sorriso.

— Ótimo. Agora, meu palpite é o seguinte: muito provavelmente alguém está fazendo uma brincadeira com você. E de mau gosto.

— Me pregando uma peça — falei. Tentei não demonstrar, mas poucas vezes me senti tão desapontado. Talvez uma camada de descrença cubra as pessoas em determinadas circunstâncias para protegê-las. Ou talvez, provavelmente, eu não tivesse conseguido transmitir minha própria sensação de que aquilo estava simplesmente... acontecendo. Ainda acontecendo. Como avalanches acontecem.

— Te pregando uma peça — concordou ela, e então: — Mas você não acredita nisso.

E dá-lhe mais pontos por sagacidade. Eu assenti.

— Eu tranquei a porta quando saí, e estava trancada quando voltei da papelaria. Ouvi o barulho dos trincos girando. Ele é alto. É um som inconfundível.

— Ainda assim... a culpa do sobrevivente é uma coisa curiosa. E poderosa, pelo menos é o que dizem as revistas.

— Isso... — *Isso não é culpa do sobrevivente*, era o que eu pretendia dizer, mas teria sido um equívoco. Eu estava tendo a chance de fazer uma nova amizade, e ter uma nova amiga seria bom, independentemente de como o resto daquilo fosse se desenrolar. — Não acho que seja culpa do sobrevivente. — Eu apontei para o cubo de acrílico. — Está bem aí, não está? Como os óculos de Sonja. Você consegue vê-lo. Eu também. Imagino que pudesse ter comprado esse cubo eu mesmo, mas... — Eu dei de ombros, tentando comunicar o que nós dois certamente sabíamos: *tudo* é possível.

— Não acho que você tenha feito isso. Mas também não posso aceitar a ideia de que um alçapão se abriu entre a realidade e a zona além da imaginação e essas coisas caíram do lado de cá.

Sim, esse era o problema. Para Paula, a ideia de que o cubo de acrílico e as outras coisas que haviam aparecido no meu apartamento tivessem alguma origem sobrenatural estava automaticamente fora de cogitação, por mais que os fatos parecessem apoiar essa hipótese. O que me cabia era decidir se precisava defender meu argumento mais do que precisava fazer uma amizade.

Decidi que não.

— Está bem — falei. Fisguei o olhar do garçom e fiz o gesto de pedir a conta no ar. — Consigo aceitar sua incapacidade de aceitar isso.

— Consegue mesmo? — perguntou ela, me observando com atenção.

— Consigo. — E achava que era verdade. — Isto é, se pudermos tomar um café de vez em quando. Ou simplesmente nos cumprimentarmos no saguão.

— Mas é claro. — Porém, ela me pareceu distante, não exatamente dentro da conversa. Estava olhando para o cubo de acrílico com a moeda de aço dentro. Então, ergueu os olhos para mim. Eu quase pude ver uma lâmpada aparecendo em cima da sua cabeça, como em um desenho animado. Ela estendeu uma das mãos e agarrou o cubo. Jamais conseguiria transmitir a profundidade do medo que senti quando ela fez isso, mas o que poderia dizer? Éramos dois nova-iorquinos em um lugar limpo e bem iluminado. Da parte dela, as regras do jogo já haviam sido estabelecidas, e elas excluíam com bastante firmeza o sobrenatural. O sobrenatural estava fora dos limites. Se a bola fosse parar lá, o jogo teria que recomeçar do zero.

E havia um brilho nos olhos de Paula. Ele sugeria que a Ms. Yow, Bota pra Quebrar estava na área, e eu sabia por experiência própria que aquela era uma voz difícil de resistir.

— Dê o cubo para mim — propôs ela, fitando-me nos olhos com um sorriso. Quando fez isso, pude ver, pela primeira vez na verdade, que ela era sexy além de bonita.

— Por quê? — Como se eu não soubesse.

— Considere um pagamento por eu ter escutado sua história.

— Não sei se essa é uma ideia tão...

— É uma boa ideia, sim — disse ela. Estava ficando empolgada com sua própria inspiração e, quando as pessoas ficam assim, dificilmente aceitam não como resposta. — É uma *ótima* ideia. Vou garantir que pelo menos essa lembrancinha não volte para você abanando o rabo. Nós temos um cofre no nosso apartamento. — Ela fez uma pequena e charmosa mímica, como se fechasse um cofre, girando a combinação e atirando a chave para trás por sobre o ombro.

— Está bem — falei. — Considere um presente meu. — E então senti algo que talvez tenha sido uma alegria mal-intencionada. Pode chamá-la de a voz do Mr. Yow, Você Vai Ver. Pelo jeito, só tirar aquilo do meu peito não era o suficiente, afinal. Ela não havia acreditado em mim, e ao menos parte de mim *queria* ser acreditada e ficou ressentida com Paula por não conseguir isso. Essa parte sabia que deixá-la ficar com o cubo de acrílico era uma péssima ideia, mas ficou feliz quando ela o colocou em sua bolsa assim mesmo.

— Pronto — disse ela com animação. — Mamãe diz tchau, tchau e faz o dodói passar. Talvez, quando ele não voltar depois de uma semana, ou duas, imagino que só dependa do quanto o seu subconsciente queira ser teimoso, você possa começar a dar o resto das coisas. — E o fato de ela ter dito isso foi seu verdadeiro presente para mim naquele dia, embora eu não soubesse disso na hora.

— É, talvez — disse eu, sorrindo. Um sorriso largo para a nova amiga. Um sorriso largo para a mamãe bonita. Pensando o tempo todo: Você vai ver.

Yow.

E ela viu.

Três noites depois, enquanto eu via Chuck Scarborough explicar os mais recentes problemas de trânsito da cidade no noticiário das seis, minha campainha tocou. Já que ninguém tinha sido anunciado pela portaria, imaginei que fosse uma encomenda, talvez Rafe com algo da FedEx. Então abri a porta e lá estava Paula Robeson.

Aquela não era a mulher com quem eu havia almoçado. Pode chamar essa versão de Paula de Ms. Yow, Essa Quimioterapia É Mesmo *de Lascar*. Ela estava usando um pouco de batom e nada mais em termos de maquiagem, sua pele em um tom doentio entre o branco e o amarelo. Havia arcos escuros, de um roxo-amarronzado, debaixo dos seus olhos. Ela talvez tivesse dado uma penteada simbólica no cabelo antes de descer do quinto andar, mas não tinha adiantado muita coisa. Ele estava uma palha e espetado para fora dos dois lados da cabeça, de um jeito cartunesco que teria sido engraçado sob outras circunstâncias. Ela segurava o cubo de acrílico diante do peito, o que me permitia notar que as unhas bem-cuidadas daquela mão tinham sumido. Ela as havia roído, até o sabugo. E meu primeiro pensamento, Deus me perdoe, foi: *pois é, ela viu*.

Ela o estendeu para mim.

— Tome de volta — disse ela.

Eu o peguei sem dizer palavra.

— O nome dele era Roland Abelson — falou ela. — Não era?

— Sim.

— Ele era ruivo.

— Sim.

— Solteiro, mas pagava pensão alimentícia para uma mulher em Rahway.

Disso eu não sabia — duvido que *alguém* na Light & Bell soubesse —, mas concordei novamente, e não só para não contrariá-la. Tinha certeza de que ela estava certa.

— Qual era o nome dela, Paula? — Sem saber por que eu estava perguntando, ainda não, apenas que eu precisava saber.

— Tonya Gregson. — Era como se ela estivesse em transe. Mas havia algo em seus olhos, algo tão terrível que eu mal aguentava olhar. Não obstante, registrei aquele nome. *Tonya Gregson, Rahway*. E então, como um sujeito fazendo o inventário de um almoxarifado. *Um cubo de acrílico com uma moeda dentro*.

— Ele tentou engatinhar para baixo da mesa dele, você sabia disso? Não, estou vendo que não. O cabelo dele estava pegando fogo e ele estava chorando. Porque naquele instante ele compreendeu que nunca teria um catamarã ou sequer cortaria a grama do seu jardim novamente. — Ela estendeu uma das mãos, pousando-a no meu rosto, um gesto tão íntimo que teria sido chocante mesmo que sua mão não estivesse tão gelada. — No fim, ele teria dado cada centavo, cada opção de compra de ações que tivesse, só para poder cortar a grama do seu jardim novamente. Você acredita nisso?

— Acredito.

— O lugar estava cheio de gritos, ele conseguia sentir o cheiro de combustível de avião, e *compreendeu que aquele era o momento da sua morte*. Você entende isso? Entende a *enormidade* disso?

Eu assenti com a cabeça. Não conseguia falar. Mesmo que alguém tivesse colocado uma arma na minha cabeça, eu ainda não teria conseguido.

— Os políticos falam sobre memoriais, coragem e guerras para acabar com o terrorismo, mas o cabelo de alguém em chamas é uma coisa apolítica. — Ela expôs os dentes em um sorriso terrível. No instante seguinte, tinha desaparecido. — Ele tentou engatinhar para baixo da mesa com o cabelo pegando fogo. Tinha um negócio de plástico debaixo da mesa dele, um como é que se chama?...

— Capacho...

— Isso, um capacho, um capacho de plástico, e as mãos dele estavam em cima daquilo e ele conseguia sentir as rugas no plástico e o cheiro do seu próprio cabelo em chamas. Você entende isso?

Eu assenti. E comecei a chorar. Era de Roland Abelson que estávamos falando, um cara que trabalhava junto comigo. Ele era do setor de Passivos e eu não o conhecia muito bem. Só de dizer oi; então como eu poderia saber que ele tinha um filho em Rahway? E se eu não tivesse matado o trabalho naquele dia,

meu cabelo provavelmente também teria pegado fogo. Nunca tinha entendido isso de verdade antes.

— Não quero ver você de novo — disse ela. Então exibiu seu sorriso pavoroso novamente, mas, dessa vez, também estava chorando. — Estou pouco me lixando para os seus problemas. Estou pouco me lixando para qualquer uma dessas merdas que você encontrou. Estamos quites. De agora em diante, me deixe em paz. — Ela começou a girar o corpo, mas então se virou de volta e disse: — Eles fizeram aquilo em nome de Deus, mas Deus não existe. Se existisse, sr. Staley, Ele teria fulminado todos os 18 deles no saguão de embarque com suas passagens na mão, mas nenhum Deus fez isso. Eles chamaram os passageiros para entrar e aqueles putos simplesmente entraram.

Eu a observei andar de volta até o elevador. Suas costas estavam muito rijas. Seu cabelo, espetado para fora dos dois lados da cabeça, deixando-a parecida com uma personagem cômica de tirinha de jornal. Ela não queria me ver de novo, e eu não a culpava. Fechei a porta e olhei para a moeda de aço com a efígie de Abe Lincoln dentro do cubo de acrílico. Fiquei um bom tempo olhando para ele. Imaginei qual teria sido o cheiro dos pelos da sua barba se U. S. Grant tivesse enfiado um de seus charutos que não acabavam nunca nela. Aquele aroma desagradável de coisa queimando. Na tevê, alguém dizia que estava havendo uma queima de estoque de colchões na Sleepy’s. Depois disso, Len Berman entrou no ar, falando sobre os Jets.

Naquela noite eu acordei às duas da madrugada ao som das vozes sussurrando. Não havia tido nenhum sonho ou visão sobre os donos dos objetos, não tinha visto ninguém com o cabelo pegando fogo ou pulando das janelas para escapar do combustível de avião em chamas — e por que seria diferente? Eu sabia quem eram aquelas pessoas, e as coisas que elas deixaram para trás tinham sido deixadas para mim. Permitir que Paula Robeson ficasse com o cubo de acrílico tinha sido errado, mas somente porque ela era a pessoa errada.

E, por falar em Paula, uma das vozes era a dela. *Você pode começar a dar o resto das coisas*, ela dizia. E então: *Imagino que só dependa do quanto seu inconsciente queira ser teimoso.*

Voltei a me deitar e, depois de um tempo, consegui pegar no sono. Sonhei que estava no Central Park, dando de comer aos patos, quando de repente ouviu-se um barulho alto, como uma explosão supersônica, e o céu se encheu de fumaça. Em meu sonho, o cheiro dela era de cabelo queimado.

Eu pensei sobre Tonya Gregson em Rahway — Tonya e o filho que poderia ou não ter os olhos de Roland Abelson — e pensei que teria que dar um jeito naquilo. Decidi começar pela viúva de Bruce Mason.

Peguei o trem até Dobbs Ferry e chamei um táxi da estação. O motorista me levou até uma casa estilo colonial em uma rua residencial. Eu lhe dei algum dinheiro, pedi para ele esperar — não demoraria — e toquei a campainha. Trazia uma caixa debaixo do braço. Parecia do tipo que costuma conter um bolo de padaria.

Precisei tocar apenas uma vez, pois havia telefonado com antecedência e Janice Mason estava me esperando. Eu tinha uma história cuidadosamente preparada e a contei com certa confiança, sabendo que o táxi esperando na entrada para carros, com o taxímetro correndo, evitaria qualquer interrogatório mais detalhado.

No dia 7 de setembro, disse a ela — na sexta-feira anterior —, eu tentara soprar uma nota da concha que Bruce mantinha em cima da mesa, como tinha ouvido o próprio Bruce fazer no piquenique em Jones Beach. (Janice, a Senhora das Moscas, assentiu; ela estivera lá, é claro.) Bem, falei, para encurtar a história, eu tinha convencido Bruce a deixar a concha comigo por um fim de semana para praticar. Então, na manhã de terça, acordei com uma sinusite danada e uma dor de cabeça terrível para acompanhar. (Essa era uma história que já havia contado a várias pessoas.) Estava tomando um chá quando ouvi o estrondo e vi a fumaça subindo. Não tinha voltado a pensar na concha até esta semana. Estava limpando o armarinho que faço de despensa e, macacos me mordam, lá estava ela. E eu pensei que... bem, não é nenhuma grande lembrança, mas eu achei que talvez a senhora quisesse... entende?...

Seus olhos se encheram de lágrimas assim como os meus quando Paula trouxe de volta o “fundo de aposentadoria” de Roland Abelson, porém, no caso de Janice, isso não foi acompanhado pela expressão de medo que sem dúvida surgiu no meu rosto diante de Paula, com seu cabelo duro espetado para fora nos dois lados da cabeça. Janice me disse que ficaria feliz em ter qualquer lembrança que fosse de Bruce.

— Não consigo me esquecer da maneira como nós nos despedimos — disse ela, segurando a caixa nos braços. — Ele sempre saía de casa bem cedo, porque pegava o trem. Ele me beijou na bochecha e eu abri um olho e perguntei se ele poderia me trazer meio litro de creme de leite. Ele disse que sim. Essa foi a última coisa que ele falou para mim. Quando ele me pediu em casamento, me senti a própria Helena de Troia, sei que é besteira, mas é a mais pura verdade, e

queria ter dito algo melhor do que “Traz meio litro de creme de leite para casa”. Mas estávamos há tanto tempo casados e aquele dia parecia igual a qualquer outro e... a gente nunca sabe, não é?

— Não.

— É. Qualquer despedida pode ser para sempre, e a gente nunca sabe. Obrigada, sr. Staley. Por vir até aqui e me trazer isto. É muita gentileza sua. — Então ela abriu um sorrisinho. — Você se lembra de como ele parava na praia sem camisa e soprava esta coisa?

— Lembro — falei, olhando para a maneira como ela segurava a caixa. Mais tarde, ela iria se sentar, tirar a concha lá de dentro, segurá-la no colo e chorar. Eu sabia que a concha, finalmente, jamais voltaria para o meu apartamento. Ela estava em casa.

Voltei para a estação e peguei o trem de volta para Nova York. Os vagões estavam quase vazios àquela hora do dia, no comecinho da tarde, e eu me sentei ao lado de uma janela raiada de chuva e sujeira, olhando para o rio e para o horizonte que se aproximava. Em dias nublados e chuvosos, era quase como se você estivesse criando aquele horizonte com a sua imaginação, um pedaço de cada vez.

No dia seguinte, eu iria para Rahway, com a moeda no cubo de acrílico. Talvez a criança o apanhasse com sua mão gordinha e o observasse com curiosidade. Achava que a única coisa difícil de eu me livrar seria a almofada de peido de Jimmy Eagleton — dificilmente poderia contar à sra. Eagleton que a levara para casa no fim de semana para praticar, não é mesmo? Mas a necessidade faz o homem, e eu estava confiante de que acabaria me saindo com uma história mais ou menos plausível.

Ocorreu-me que outras coisas poderiam aparecer com o tempo. E estaria mentindo se lhe dissesse que achava a possibilidade totalmente desagradável. Devolver coisas que as pessoas acreditavam ter perdido para sempre, coisas de *peso*, tem lá suas compensações. Mesmo que não passem de coisas pequenas, como um par de óculos engraçados ou uma moeda de aço em um cubo de acrílico... é, não posso negar que tenha suas compensações.

[7] No original, “New York City Draft Riots”, série de manifestações contra as leis de alistamento promulgadas durante a Guerra da Secessão nos Estados Unidos. (N. do T.)

[8] No original: “long-time gone”, em referência à canção homônima. (N. do T.)

[9] American Association of Retired Persons, associação americana sem fins lucrativos para o benefício dos aposentados. (N. do T.)

Tarde de formatura

Janice nunca conseguiu se decidir qual era a palavra certa para o lugar onde Buddy mora. Ele é grande demais para se chamar de casa, pequeno demais para se chamar de mansão, e o nome no pilar ao pé da entrada para carros, Harborlights, lhe dá engulhos. Parece o nome de um restaurante em New London, do tipo em que o especial do dia é sempre peixe. Ela geralmente acaba chamando-o simplesmente de “lá onde você mora”, como em “Vamos lá onde você mora jogar tênis”, ou “Vamos lá onde você mora nadar”.

É mais ou menos a mesma coisa com o próprio Buddy, pensa ela, observando-o arrastar os pés pelo jardim em direção ao som dos gritos vindos do outro lado da casa, onde fica a piscina. Ninguém iria querer chamar o próprio namorado de Buddy, mas, quando voltar ao seu nome de verdade significava chamá-lo de Bruce, você não tinha saída.

Ou como expressar seus sentimentos — e essa era a questão. Janice sabia que ele queria ouvir da sua boca que ela o amava, especialmente no dia da sua formatura — certamente um presente melhor do que o medalhão de prata que ela lhe deu, embora o medalhão tenha lhe custado os olhos da cara —, mas aquilo era impossível. Ela não conseguia se forçar a dizer “Eu te amo, Bruce”. O melhor que podia fazer (e ainda sentindo aquele mesmo aperto por dentro) era “Eu gosto demais de você, Buddy”. E até isso parecia ter saído de uma comédia musical inglesa.

— Você não ligou para o que ela disse, ligou? — Essa foi a última coisa que ele lhe perguntou antes de atravessar o jardim para colocar sua roupa de banho. — Não é por isso que está ficando pra trás, é?

— Não, só queria jogar mais umas bolas. E ficar olhando a vista. — Aquela vista contava mesmo a favor da casa, e ela nunca se cansava de admirá-la. Porque você podia ver toda a paisagem urbana de Nova York daquele lado, os prédios reduzidos a brinquedos azuis com o sol se refletindo nas janelas mais altas. Janice achava que, no que dizia respeito a Nova York, só dava para ter aquela sensação de delicada placidez de longe. Era uma mentira que ela adorava.

— Porque minha avó é assim mesmo — prosseguiu ele. — Você já conhece a peça a esta altura. Se uma coisa entra na cabeça dela, sai pela boca.

— Eu sei — falou Janice. E ela gostava da avó de Buddy, que não fazia o menor esforço para esconder seu esnobismo. Ele estava ali para quem quisesse ver, dando a cara a tapa. Eles eram a família Hope, que havia chegado a Connecticut junto com o restante das Hostes Celestiais, muito obrigado, passar bem. Ela é Janice Gandolewski, que terá seu próprio dia de formatura — pela Fairhaven High — dali a duas semanas, depois de Buddy ter viajado com três de seus melhores amigos para fazer a Trilha dos Apalaches.

Ela se vira para o cesto de bolas de tênis, uma garota esguia de boa altura, vestindo um short de sarja, tênis e uma blusa com decote redondo. Suas pernas se flexionam quando ela fica nas pontas dos pés a cada saque. Ela é bonita e sabe disso — uma consciência do tipo funcional, não presunçosa. É inteligente e também sabe disso. Muito poucas meninas da Fairhaven conseguem namorar garotos da Academia — descontando os habituais romances rápidos e rasteiros, do tipo "nós dois sabemos muito bem onde estamos", durante o Festival de Inverno e nos fins de semana do Spring Fling, o festival de primavera — e ela conseguiu isso a despeito do *ski* em seu nome que a acompanha aonde quer que ela vá, como uma lata amarrada ao para-choque de um sedã. Janice havia realizado essa façanha social com Bruce Hope, também conhecido como Buddy.

E, quando estavam saindo da sala de jogos no porão depois de algumas partidas de videogame — quase todos os outros ainda lá embaixo e ainda com seus chapéus de formandos inclinados para trás nas cabeças —, os dois tinham ouvido a avó dele, na sala de estar com os demais adultos (porque aquela na verdade era a festa *deles*; os meninos e meninas fariam a sua à noite, primeiro no Holy Now!, na Rota 219, que tinha sido fechado para a ocasião pelos pais de Jimmy Frederick, mediante a regra obrigatória de que o motorista do grupo não bebesse, e mais tarde na praia, sob uma lua cheia de junho, não quer me dar um amasso?, eu ouvi alguém dizer gatinho?, tem algum gatinho na área?).[10]

— Aquela era Janice-Alguma-Coisa-Impronunciável — dizia a avó dele em sua voz estranhamente aguda, estranhamente monocórdia, de velha surda. — Ela é muito bonita, não é mesmo? Não é do nosso meio. Namora Bruce por enquanto. — Não chegou a chamar Janice de primeira de muitas, mas é claro que o tom de voz dizia tudo.

Ela dá de ombros e joga mais algumas bolas, as pernas se flexionando, a raquete se erguendo. As bolas voam com força e exatidão por sobre a rede, cada uma delas aterrissando bem no fundo do retângulo do adversário do outro lado.

Eles tinham aprendido um com o outro, e ela imagina que esse seja o sentido dessas coisas. Que seja para isso que elas servem. E, para dizer a verdade, Buddy

não tinha sido tão difícil de ensinar. Ele a respeitara desde o início — talvez um pouco demais. Ela teve que ensiná-lo a parar com isso — com a parte que envolvia colocá-la em um pedestal. E acha que ele não tinha sido um amante tão ruim, levando em conta que, na idade deles, você não tem acesso às melhores acomodações ou ao luxo do tempo quando o assunto é dar ao seu corpo o alimento que ele passa a desejar.

— Nós fizemos o melhor possível — diz ela, decidindo ir nadar com os outros, deixar que ele a exibisse uma última vez. Buddy acha que eles terão o verão inteiro antes de ele partir para Princeton e ela para a universidade estadual, mas ela acha que não; ela acha que parte do motivo da viagem para a Trilha dos Apalaches é separá-los da forma menos dolorosa, porém mais completa possível. Nisso, Janice não vê a mão do pai forte e saudável e "gente fina com todo mundo", ou o esnobismo de alguma forma amável da avó — *Não é do nosso meio. Namora Bruce por enquanto* —, mas sim a praticidade sorridente e sutil da mãe, cujo único medo (praticamente estampado na sua testa bonita e sem rugas) é que aquela menina com a lata amarrada no final do nome acabe engravidando e prenda seu filho no casamento errado.

— E seria errado mesmo — murmura ela enquanto arrasta o cesto de bolas de tênis até o depósito, guardando-o lá dentro e girando o trinco. Sua amiga Marcy sempre pergunta o que ela vê nele, afinal. *Buddy*, diz ela quase com sarcasmo, enrugando o nariz. *O que vocês fazem o fim de semana inteiro? Ficam indo a festas e jogos de polo?*

Na verdade, eles tinham ido de fato a alguns jogos de polo, porque Tom Hope ainda joga — embora, como lhe confidenciou Buddy, este vá acabar sendo seu último ano, se ele não parar de ganhar peso. Mas também tinham feito amor; e algumas vezes tinha sido intenso, com os dois terminando suados. Às vezes, também, ele faz Janice rir. Com menos frequência, agora — ela desconfiava que sua capacidade de surpreendê-la e diverti-la estava longe de ser infinita —, mas sim, ele ainda consegue fazer isso. Ele é um rapaz magro e de cabeça pequena, que rompe com o clichê do "garoto rico e nerd" de maneiras interessantes e às vezes muito inesperadas. E também é apaixonado por ela, o que não é nada ruim para a autoestima de uma garota.

No entanto, ela não acha que Buddy vá resistir ao chamado da sua natureza essencial para sempre. Quando chegar mais ou menos aos 35, Janice imagina que ele terá perdido boa parte do seu entusiasmo por chupar boceta, ou todo ele, e estará mais interessado em colecionar moedas. Ou restaurar cadeiras de balanço coloniais, como seu pai costuma fazer lá na — cof, cof... — cocheira.

Ela atravessa lentamente a longa extensão de grama verde, olhando em direção aos brinquedos azuis da cidade ao longe. Mais perto dali, ouvem-se os sons de gritos e mergulhos vindos da piscina. Dentro da casa, os pais e a avó de Bruce estarão celebrando a formatura do filho único à sua maneira, em um chá formal. À noite, os mais jovens irão sair e festejar de um jeito mais adequado. Álcool e uma quantidade nada pequena de pílulas de *ecstasy* serão ingeridos. Música eletrônica irá bombar dos alto-falantes. Ninguém vai tocar as músicas country que Janice cresceu ouvindo, mas não tem problema; ela ainda sabe onde encontrá-las.

Quando Janice se formar, a festa será bem menor, provavelmente no restaurante da tia Kay, e é claro que ela está fadada a trilhar rumos acadêmicos bem menos grandiosos ou tradicionais, mas tem planos de ir mais longe do que imagina que Buddy vá mesmo em seus sonhos. Ela vai ser jornalista. Pretende começar no jornal do campus, e depois vai ver até onde isso pode levá-la. Um degrau de cada vez — é assim que deve ser. São muitos os degraus da escada. Além da beleza, ela tem talento e uma autoconfiança discreta. Não sabe o tamanho desse talento, mas vai descobrir. E não nos esqueçamos da sorte. Tem isso, também. Janice é esperta o suficiente para não contar com ela, mas também para saber que a sorte tende a pender para o lado dos jovens.

Ela chega ao pátio coberto de pedras e olha pelo longo trecho de grama até a quadra de tênis dupla. Tudo parece muito grande e muito bonito, muito *especial*, mas ela é inteligente o bastante para perceber que tem apenas 18 anos. Talvez chegue um dia em que tudo aquilo lhe pareça bastante comum, até mesmo sob o olhar da memória. Bastante pequeno. É essa noção de perspectiva diante dos fatos que faz com que ser Janice-Alguma-Coisa-Impronunciável, uma menina que não é do meio deles, e namorada de Bruce por enquanto, não a incomode. Buddy, com sua cabeça pequena e sua frágil capacidade de fazê-la rir quando ela menos espera. *Ele* nunca fez com que Janice se sentisse diminuída, provavelmente sabe que ela o deixaria na primeira vez em que ele tentasse.

Ela pode passar direto pela casa até a piscina e os vestiários do outro lado, mas primeiro se vira um pouquinho para a esquerda para olhar mais uma vez a cidade além de todos aqueles quilômetros de tarde azul. Ainda tem tempo de pensar: *Essa poderia ser minha cidade um dia, eu poderia chamá-la de lar*, antes de um clarão imenso lampejar lá na frente, como se algum Deus bem no fundo das engrenagens tivesse brandido de repente Sua caneta Bic.

Ela se encolhe diante do clarão, que primeiro é como um relâmpago grosso e isolado. Em seguida, uma vermelhidão silenciosa e brilhante ilumina todo o céu

ao sul. Uma claridade sanguínea e amorfa engole os prédios. Por um instante, eles reaparecem, porém fantasmagóricos, como se estivessem sendo vistos através de uma lente. Um segundo ou uma fração de segundo depois disso, eles somem de vez, e a vermelhidão começa a assumir aquela forma já vista em milhares de cinejornais, subindo e fervilhando.

Ela é silenciosa, silenciosa.

A mãe de Bruce sai até o pátio e para ao lado dela, protegendo os olhos da luz com a mão. Ela está usando um vestido azul novo. Um vestidinho leve. Seu ombro roça o de Janice e elas olham para o sul em direção ao cogumelo rubro que sobe, devorando o azul. Fumaça se ergue em volta das suas beiradas — roxo-escura sob a luz do sol — e então começa a ser puxada de volta para dentro. O vermelho da bola de fogo é forte demais para se olhar, ele vai cegá-la, mas Janice não consegue desviar os olhos. Água desce pelas suas bochechas em rios grossos e quentes, mas ela não consegue desviar os olhos.

— O que é isso? — pergunta a mãe de Bruce. — Se for algum tipo de propaganda, é de muito mau gosto!

— É uma bomba — fala Janice. Sua voz parece vir de algum outro lugar. De uma transmissão em tempo real de Hartford, talvez. Agora, bolhas negras estão estourando no cogumelo vermelho, criando traços horríveis, que ficam mudando de forma, em sua superfície (primeiro um gato, depois um cachorro, depois Bobo, o Palhaço Demoníaco), uma carranca atravessando os quilômetros acima do que costumava ser Nova York e agora é uma fornalha em ebulição. — Um míssil nuclear. E dos bem grandes. Não um daqueles modelos fuleiros que dá pra carregar na mochila, ou...

Vapt! O calor se espalha para cima e para baixo pelo lado do seu rosto, e água sai voando dos seus dois olhos, e sua cabeça chacoalha. A mãe de Bruce havia acabado de lhe dar um tapa. E com força.

— Nem brinque com uma coisa dessas! — ordena a mãe de Bruce. — Não tem graça nenhuma!

Outras pessoas estão se juntando a elas no pátio agora, porém mal passam de sombras; a visão de Janice ou foi roubada pelo brilho da bola de fogo, ou a nuvem tapou o sol. Talvez as duas coisas.

— Isso é de muito... mau... *GOSTO*! — Cada palavra ficando mais alta. *Gosto* sai na forma de um grito.

Alguém diz:

— É algum tipo de efeito especial, tem que ser, ou então ouviríamos...

Mas então o som os alcança. É como um pedregulho despencando por um canal de pedra sem fim. Ele sacode o vidro ao longo do lado sul da casa e faz pássaros saírem de cima das árvores em esquadrões rodopiantes. Ele enche o dia. E não para. É como uma explosão supersônica interminável. Janice vê a avó de Bruce descendo lentamente o caminho que leva até a garagem para vários carros com as mãos sobre os ouvidos. Ela anda com a cabeça abaixada e as costas encurvadas, mas com o traseiro empinado, como alguém que perdeu tudo na guerra começando a trilhar a longa estrada dos refugiados. Algo está pendendo da parte de trás do seu vestido, balançando de um lado para outro, e Janice não fica surpresa ao perceber (com o pouco de visão que lhe resta) que é o aparelho auditivo da avó de Bruce.

— Quero acordar — diz um homem atrás de Janice. Ele fala em um tom lamuriento, irritante. — Quero acordar. Agora já chega.

Agora, a nuvem vermelha já cresceu até sua altura máxima, postando-se em um triunfo fervilhante onde noventa segundos antes ficava Nova York, um cogumelo vermelho-escuro e roxo que queimou um buraco bem no meio daquela tarde e de todas as tardes que virão em seguida.

Uma brisa começa a forçar passagem. É uma brisa quente. Ela levanta seus cabelos dos dois lados da cabeça, liberando seus ouvidos para que eles possam escutar melhor ainda aquele estrondo triturador e sem fim. Janice fica observando e pensa sobre sacar bolas de tênis, uma depois da outra, todas aterrissando tão juntinhas que, se você quisesse, dava para pegá-las em uma assadeira. É bem nesse estilo que ela escreve. É o talento dela. Ou era.

Ela pensa sobre a trilha que Bruce e seus amigos não vão fazer. Pensa sobre a festa no Holy Now! à qual deixarão de ir esta noite. Pensa sobre os discos de Jay-Z, Beyoncé e The Fray que deixarão de ouvir — nenhuma grande perda. E pensa sobre a música country que seu pai ouve na caminhonete a caminho do trabalho. De alguma forma, isso lhe parece melhor. Ela pensará em Patsy Cline ou Skeeter Davis e, pouco depois, talvez consiga convencer o que resta de seus olhos a não olhar.

[10] No original: "*... under a full June moon, could you give me spoon, do I hear swoon, is there a swoon in the house*." Paródia da canção *By the Light of the Silvery Moon*, interpretada por Doris Day no filme homônimo de 1953, lançado no Brasil como *Lua Prateada*. Como aqui, a letra brinca com a palavra *spoon* — no sentido de namorar —, contrapondo-a aos parônimos *moon*, *croon*, *soon* etc. (N. do T.)

N.

1. A Carta

28 de maio de 2008

Prezado Charlie,

Parece-me ao mesmo tempo estranho e perfeitamente natural chamá-lo assim, embora da última vez em que o vi eu tivesse quase metade da idade que tenho hoje. Eu tinha 16 anos e uma paixonite aguda por você. (Sabia disso? É claro que sim.) Agora sou uma mulher bem casada com um filho pequeno e vejo seu rosto toda hora na CNN, falando sobre Assuntos Médicos. Você está tão bonito agora (bem, quase!) quanto era "nos velhos tempos", quando nós três costumávamos pescar e ir ao cinema na Estrada de Ferro, em Freeport.

Aqueles verões parecem muito distantes — você e Johnny inseparáveis, eu indo junto sempre que vocês permitiam. O que provavelmente acontecia com mais frequência do que eu merecia! Porém, sua mensagem de condolências trouxe tudo de volta para mim, e como eu chorei. Não só por Johnny, mas por nós três. E, imagino, por como a vida parecia simples e descomplicada. Como éramos felizes!

Você viu o obituário dele, é claro. "Morte acidental" pode encobrir uma infinidade de pecados, não é? Na matéria, a morte de Johnny foi noticiada como resultante de uma queda, e é claro que *houve* uma queda — em um lugar que nós três conhecíamos muito bem, sobre o qual ele havia me perguntado logo no Natal passado —, mas não foi acidente. Havia uma bela dose de sedativos na corrente sanguínea dele. Nem de longe o suficiente para matá-lo, mas, segundo o médico-legista, em quantidade o bastante para desorientá-lo, principalmente se ele estivesse debruçado no parapeito. Daí a "morte acidental".

Mas eu sei que foi suicídio.

Não havia bilhete na casa dele ou no seu corpo, mas isso pode apenas ter sido o jeito de Johnny demonstrar gentileza. E você, sendo médico, deve saber que a incidência de suicídios entre psiquiatras é altíssima. É como se as angústias dos pacientes fossem uma espécie de ácido que corrói as defesas psíquicas dos seus terapeutas. Na maioria dos casos, essas defesas são espessas o bastante para permanecerem intactas. No caso de Johnny? Acho que não... graças a um

paciente incomum. E ele não estava conseguindo dormir muito durante os últimos dois ou três meses da sua vida; andava com olheiras tão horríveis! Além disso, estava cancelando consultas a torto e a direito. Fazendo viagens longas de carro. Ele não dizia para onde, mas acho que eu sei.

Isso me leva ao anexo, que espero que você olhe quando terminar de ler esta carta. Sei que você é um homem ocupado, mas — se é que vai ajudar em alguma coisa! — pense em mim como a garota apaixonada que eu era, com o cabelo preso em um rabo de cavalo que sempre se soltava, seguindo vocês o tempo todo!

Embora Johnny trabalhasse sozinho, ele esteve ligeiramente associado a dois outros "analistas" durante os seus últimos quatro anos de vida. Os arquivos dos seus casos recentes (não muitos, graças à redução do seu ritmo de trabalho) foram parar com um desses médicos após a morte. Esses arquivos estavam no consultório dele. Mas quando eu estava dando uma limpeza no escritório de casa de Johnny, topei com o pequeno manuscrito que envio em anexo. São anotações do caso de um paciente que ele chama de "N.", mas eu já havia visto suas anotações mais formais de vez em quando (não que estivesse bisbilhotando, mas só porque calhava de uma pasta estar aberta na mesa dele) e sei que estas são diferentes. Para começar, não foram feitas no consultório, pois o papel não é timbrado como nas outras anotações que eu tinha visto e não tem nenhum carimbo embaixo dizendo CONFIDENCIAL. Além disso, você vai notar uma linha vertical apagada nas páginas. A impressora da casa dele faz isso.

Mas tem outra coisa, que você vai ver quando abrir a caixa. Ele escreveu duas palavras na capa com traços grossos e pretos: QUEIME ISSO. Eu quase obedeci, sem olhar dentro. Pensei: Deus me livre, pode ser o estoque secreto de drogas dele ou versões impressas de algum tipo estranho de pornografia de internet. Mas, no fim das contas, filha de Pandora que sou, fui vencida pela curiosidade. Quem me dera poder dizer que não.

Charlie, eu desconfio que meu irmão estivesse planejando um livro, algo popular, estilo Oliver Sacks. A julgar por esse manuscrito, seu foco inicial era o comportamento obsessivo-compulsivo, e, quando somo a isso o suicídio dele (se é que *foi* suicídio!), eu me pergunto se a sua inspiração não terá vindo daquele velho provérbio: "Médico, Cura-te a Ti Mesmo!"

Seja como for, achei perturbadores o relato de N. e as anotações cada vez mais fragmentadas do meu irmão. Quão perturbadores? O suficiente para eu encaminhar este manuscrito — do qual não tirei cópia, por sinal, esta é a única versão — para um amigo que ele passara dez anos sem ver e que eu mesma não

vejo há 14. Em um primeiro momento, pensei: “Talvez isto pudesse ser publicado. Poderia servir como uma espécie de memorial vivo para o meu irmão.”

Mas já não penso assim. A questão é: o manuscrito parece *vivo*, e não no bom sentido. Conheço os lugares mencionados, entende? (E aposto que você conhece alguns deles também — o campo sobre o qual N. fala, como observa Johnny, deve ter ficado perto da escola que frequentávamos quando crianças.) E, desde que li estas páginas, sinto um forte desejo de tentar encontrá-lo. Não apesar da natureza perturbadora do manuscrito, mas por causa dela — e se *isso* não é um comportamento obsessivo, o que seria?!?

Não acho que encontrá-lo seria uma boa ideia.

Porém, a morte de Johnny me assombra — e não só porque ele era meu irmão. Você poderia lê-lo? Poderia lê-lo e me dar sua opinião? Obrigada, Charlie. Espero que não seja muito abuso meu. E... caso *decida* cumprir o pedido de Johnny e queimá-lo, jamais ouvirá a menor objeção da minha parte.

Com afeto,

Da “irmãzinha” de Johnny Bonsaint,

Sheila Bonsaint LeClaire
964 Lisbon Street
Lewiston, Maine 04240

P.S.: Nossa, como eu era apaixonada por você!

2. As Anotações do Caso

1º de junho de 2007

N. tem 48 anos, é sócio de uma grande empresa de contabilidade em Portland, divorciado, pai de duas filhas. Uma está fazendo pós-graduação na Califórnia, a outra está nos primeiros períodos de uma faculdade aqui no Maine. Ele descreve sua relação atual com a ex-mulher como “distante, porém amigável”.

Ele diz:

— Sei que pareço ter mais de 48. É porque não venho dormindo ultimamente. Já experimentei o Ambien e aquele outro sonífero, o da mariposa verde, mas eles só servem para me deixar grogue.

Quando lhe pergunto há quanto tempo ele vem sofrendo de insônia, ele nem precisa pensar para responder.

— Dez meses.

Eu lhe pergunto se foi a insônia que o trouxe até mim. Ele sorri para o teto. A maioria dos pacientes escolhe a cadeira, pelo menos na primeira consulta — uma mulher me disse que, se deitasse no divã, se sentiria "como uma neurótica de piada em uma tirinha da *New Yorker*" —, mas N. foi direto para o divã. Ele fica deitado ali com as mãos entrelaçadas com firmeza sobre o peito.

— Acho que nós dois sabemos que não é o caso, dr. Bonsaint — diz ele.

Eu lhe pergunto o que isso significa.

— Se eu só quisesse me livrar das bolsas debaixo dos meus olhos, teria ido atrás de um cirurgião plástico ou marcado consulta com o médico da minha família, que me recomendou o senhor, por sinal, me dizendo que o senhor é muito bom, e pediria algo mais forte do que o Ambien ou o remédio da mariposa verde. Deve ter algo mais forte, certo?

Eu não digo nada como resposta.

— Até onde sei, insônia é sempre um sintoma de alguma outra coisa.

Eu lhe digo que nem sempre, mas que na maioria das vezes, sim. E acrescento que, existindo outro problema, a insônia raramente é o único sintoma.

— Ah, mas eu tenho outros — fala ele. — Aos montes. Por exemplo, olhe para os meus sapatos.

Eu olho para os sapatos dele. São botinas de cadarço. A da esquerda está amarrada em cima, mas a da direita está amarrada embaixo. Eu lhe digo que isso é muito interessante.

— É — fala ele. — Quando eu estava no colégio, a moda para as garotas era amarrar os tênis embaixo se estivessem namorando firme. Ou se gostassem do rapaz com quem estavam e *quisessem* namorar firme.

Eu lhe pergunto se ele está pensando em namorar firme, achando que isso talvez possa quebrar a tensão que noto na sua postura — os nós dos seus dedos entrelaçados estão brancos, como se ele temesse que as mãos fossem sair voando caso não exercesse certa quantidade de pressão para mantê-las no lugar —, mas ele não ri. Nem mesmo abre um sorriso.

— Já passei um pouco da fase de namorar firme — diz ele —, mas tem *uma coisa* que eu quero.

Ele reflete sobre o assunto.

— Já tentei amarrar os *dois* sapatos embaixo. Não adiantou. Mas um em cima e outro embaixo até parece ajudar um pouco. — Ele liberta a mão direita do poder da esquerda para erguê-la com o polegar e o indicador quase se tocando. — Um pouquinho assim.

Eu lhe pergunto o que ele quer.

— Que minha mente entre de volta nos eixos. Mas tentar curar a própria mente amarrando os sapatos de acordo com um código de comunicação da época da escola... ligeiramente ajustado para se encaixar na situação atual... isso é loucura, o senhor não acha? E pessoas loucas devem procurar ajuda. Se ainda lhes resta alguma sanidade, e tento me convencer de que ainda me resta, elas sabem disso. Então cá estou eu.

Ele junta as mãos novamente e olha para mim com rebeldia e medo. E também, creio eu, com algum alívio. Ele tinha passado noites em claro tentando imaginar como seria contar para um psiquiatra que teme pela própria sanidade e, quando fez isso, eu não saí correndo aos gritos do consultório e tampouco chamei os homens de jaleco branco. Alguns pacientes acham que eu tenho um bando deles na sala ao lado, equipados com camisas de força e redes para apanhar borboletas.

Eu lhe peço para me dar alguns exemplos dos distúrbios mentais que vem sentindo.

— A mesma merda de sempre. Todos os sintomas de TOC que você já sabe de cor e salteado. Eu vim aqui para lidar com a causa por trás deles. Com o que aconteceu em agosto do ano passado. Achei que talvez o senhor pudesse me hipnotizar e me fazer esquecer aquilo. — Ele olha para mim, esperançoso.

Eu lhe digo que, embora nada seja impossível, hipnotismo funciona melhor quando empregado para auxiliar a memória, em vez de bloqueá-la.

— Ah — diz ele. — Dessa eu não sabia. Merda. — Ele volta a olhar para o teto. Os músculos do lado de seu rosto estão trabalhando, e eu acho que ele tem algo mais a dizer. — Pode ser perigoso, sabe? — Ele se detém, mas é apenas uma pausa; os músculos ao longo da sua mandíbula ainda estão tensionando e relaxando. — Meu problema pode ser muito perigoso. — Outra pausa. — Para mim. — Outra pausa. — Possivelmente para os outros.

Cada sessão de terapia é uma série de escolhas; encruzilhadas sem sinalização. Nesse caso, eu poderia lhe perguntar o que é o *problema* — o problema perigoso —, mas decido não fazê-lo. Em vez disso, lhe pergunto de

que tipo de sintoma de TOC ele está falando. Além do negócio de um cadarço para cima, outro para baixo, que é um baita de um exemplo. (Isso eu não digo.)

— Você está careca de saber — diz ele, lançando-me um olhar malicioso que me deixa um pouco desconfortável. Não deixo transparecer; ele não é o primeiro paciente a me deixar desconfortável. Psiquiatras são exploradores de cavernas, na verdade, e qualquer explorador lhe diria que cavernas são cheias de ratos e insetos. Não que esses bichos sejam bonzinhos, mas no fundo a maioria é inofensiva.

Eu lhe peço para ser condescendente comigo. E para não esquecer que estamos apenas nos conhecendo.

— Ainda não estamos namorando firme, não é?

Não, respondo, ainda não.

— Bem, é melhor começarmos logo — diz ele —, porque estou em Alerta Laranja aqui, dr. Bonsaint. Beirando o Alerta Vermelho.

Eu lhe pergunto se ele costuma contar as coisas.

— É claro que sim — diz ele. — O número de pistas nas palavras cruzadas no *New York Times*... e nos domingos eu conto duas vezes, porque as palavras cruzadas são maiores e me parece bom dar uma reconferida. Necessário, na verdade. Meus próprios passos. Números de toques quando ligo para alguém. Eu almoço no Colonial Diner quase todos os dias de semana, fica a três quarteirões do escritório, e no caminho da ida eu conto sapatos pretos. No da volta, conto os marrons. Tentei os vermelhos uma vez, mas foi ridículo. Só mulheres usam sapatos vermelhos, e não muitas ainda por cima. Não durante o dia. Só contei três pares, então voltei para o Colonial e comecei de novo, só que dessa vez contei sapatos marrons.

Eu lhe perguntei se ele precisava contar um determinado número de sapatos para ficar satisfeito.

— Trinta já está bom — diz ele. — Quinze pares. Geralmente, isso não é problema.

E por que é necessário atingir um determinado número?

Depois de pensar um pouco, ele olha para mim.

— Se eu disser “o senhor sabe”, o senhor vai simplesmente me perguntar o que deveria saber? Quero dizer, o senhor já lidou com TOC antes e eu pesquisei sobre o assunto, exaustivamente, tanto na minha própria cabeça quanto na internet, então será que a gente pode ir logo ao que interessa?

Eu lhe digo que a maioria das pessoas que contam acredita que chegar a um certo total, o que chamamos de “número meta”, é necessário para sustentar a

ordem. Para manter o mundo dentro dos eixos, por assim dizer.

Ele assente, satisfeito, e então bota tudo para fora.

— Um dia, quando estava contando no caminho de volta para o escritório, passei por um homem com uma das pernas amputada na altura do joelho. Ele estava de muletas e usava uma meia no cotoco. Se ele estivesse usando um sapato preto, não teria problema. Porque eu estava no caminho de *volta*, entende? Mas era marrom. Isso me deixou abalado o dia inteiro, e não consegui pregar os olhos à noite. Por que números ímpares são ruins. — Ele cutuca o lado da cabeça. — Pelo menos aqui em cima eles são. Tem uma parte racional da minha mente que sabe que isso tudo é tolice, mas tem outra que sabe que não é nem um pouco, e é essa parte que está no comando. Era de se esperar que, como nada de mal aconteceu — na verdade, aconteceu uma coisa *boa*, uma auditoria da Receita Federal que estava nos preocupando foi cancelada sem motivo algum —, o encanto fosse ser quebrado, mas não foi. Eu contei 37 sapatos marrons em vez de 38 e, quando o mundo não acabou por isso, aquela parte irracional da minha cabeça disse que foi porque eu não só passei de trinta, mas passei *bastante*.

“Quando encho o lava-louças, eu conto os pratos. Se tiver um número ímpar acima de dez dentro dela, não tem problema. Se não, eu acrescento o número correto de pratos limpos para acertar a conta. A mesma coisa com garfos e colheres. Tem que haver pelo menos 12 peças na bandejinha de plástico na frente do lava-louças. O que, já que eu moro sozinho, geralmente significa acrescentar talheres limpos.”

E quanto a facas, pergunto, e ele balança imediatamente a cabeça.

— Facas nunca. Não no lava-louças.

Quando pergunto por que, ele diz não saber. Então, depois de uma pausa, me olha de esguelha, com ar de culpa.

— Eu sempre lavo as facas a mão, na pia.

Facas na bandeja dos talheres perturbaria a ordem do mundo, sugiro.

— Não! — exclama ele. — Você entende, dr. Bonsaint, mas não entende *tudo*.

Então você precisa me ajudar, digo eu.

— A ordem do mundo já está perturbada. *Eu* a perturbei no verão passado, quando fui ao Ackerman’s Field. Só que não entendi isso. Não na época.

Mas agora entende?, pergunto.

— Sim. Não tudo, mas o suficiente.

Eu lhe pergunto se ele está tentando consertar as coisas ou apenas tentando evitar que a situação piore.

Uma expressão de alívio indizível enche seu rosto, relaxando todos os músculos dele. Algo que vinha implorando para ser articulado finalmente foi dito em voz alta. São esses momentos que dão sentido à minha vida. Não é uma cura, longe disso, mas, por ora, N. conseguiu algum alívio. Duvido que ele esperasse por isso. A maioria dos pacientes não espera.

— Não tenho como consertar — sussurra ele. — Mas posso evitar que a situação piore. Sim. Venho *fazendo* isso.

Cheguei mais uma vez a outra daquelas encruzilhadas. Poderia lhe perguntar o que aconteceu no verão passado — em agosto passado, imagino — no Ackerman's Field, mas provavelmente ainda é cedo demais. Melhor afrouxar um pouco mais as raízes desse dente infeccionado antes. E duvido muito que a origem da infecção possa ser tão recente. Na certa, o que quer que tenha acontecido com ele no verão passado foi apenas uma espécie de estopim.

Eu lhe peço para me falar sobre seus outros sintomas.

Ele ri.

— Isso levaria o dia inteiro, e só temos... — Ele olha para o pulso. — ... mais 22 minutos. Aliás, 22 é um bom número.

Por que é par?, pergunto.

Ele assente, mas o gesto sugere que estou perdendo tempo com obviedades.

— Meus... meus *sintomas*, como o senhor os chama... vêm em conjuntos. — Ele passa a olhar para o teto. — Existem três desses conjuntos. Eles brotam de dentro de mim... da minha parte lúcida... como pedras... pedras, entende?... oh, meu Deus, meu Deus do céu... como aquelas *pedras* de merda naquela porra de *campo*...

Lágrimas correm pelas suas faces. A princípio, ele não parece notar, apenas continua deitado no divã com os dedos entrelaçados, olhando para o teto. Mas então estende o braço em direção à mesa ao seu lado, onde fica o que Sandy, minha secretária, chama de A Eterna Caixa de Lenços de Papel. Ele apanha dois, limpa as faces e então amassa os lenços. Eles desaparecem no enlaçado dos seus dedos.

— São três conjuntos — retoma ele, falando numa voz não exatamente firme. — Contar as coisas é o primeiro. É importante, mas não tanto quanto tocá-las. Tem algumas coisas que eu preciso tocar. Bocas de fogão, por exemplo. Antes de sair de casa pela manhã e antes de ir para cama à noite. Por mais que eu consiga ver que elas estão desligadas, com os acendedores apontando para cima e todas

as bocas apagadas, tenho que tocá-las para ter certeza absoluta. E a parte da frente do forno, é claro. Então, comecei a tocar os interruptores antes de sair de casa ou do escritório. Só duas cutucadas rápidas. Antes de entrar no carro, tenho que cutucar quatro vezes o teto. E seis vezes quando chego ao meu destino. Quatro é um bom número, e seis é *ok*, mas dez... dez é tipo... — Eu consigo ver o rastro de uma lágrima que ele deixou passar, correndo em zigue-zague do canto do seu olho direito até o lóbulo da orelha.

Tipo namorar firme com a garota dos seus sonhos?, sugiro.

Ele sorri. Seu sorriso é bonito, exausto — um sorriso de quem está achando cada vez mais difícil se levantar pela manhã.

— Isso aí — diz ele. — E ela está com os cadarços amarrados na parte de baixo para que todo mundo fique sabendo.

Você toca outras coisas?, pergunto, sabendo a resposta. Tenho visto muitos casos como o de N. nesses cinco anos em que venho clinicando. Às vezes, visualizo essas pessoas infelizes como homens e mulheres sendo bicados até a morte por aves de rapina. Essas aves são invisíveis — pelo menos até um psiquiatra que seja bom, ou sortudo, ou as duas coisas, lhes dê uma borrifada com seu luminol e jogue a luz certa em cima delas —, mas, não obstante, muito reais. O impressionante é que tantos pacientes com TOC consigam viver vidas produtivas assim mesmo. Eles trabalham, comem (muitas vezes não o suficiente ou demais, é verdade), vão ao cinema, fazem amor com seus namorados e namoradas, seus maridos e esposas... e o tempo todo aquelas aves de rapina estão ali, grudadas neles e arrancando pedacinhos de carne com seus bicos.

— Eu toco muitas coisas — diz ele, novamente agraciando o teto com seu sorriso esgotado, cativante. — O que você falar, eu toco.

Então contar é importante, digo eu, mas tocar é mais ainda. O que está acima de tocar?

— *Organizar* — diz ele, começando a tremer de repente, como um cachorro deixado ao relento numa chuva fria. — Ah, meu Deus.

Ele se senta de repente e joga as pernas por sobre a beirada do divã. Na mesa ao seu lado, há um vaso de flores além da Eterna Caixa de Lenços de Papel. Movendo-se muito depressa, ele troca a caixa e o vaso de lugar para que eles fiquem na diagonal em relação um ao outro. Então, tira duas das tulipas do vaso, deitando-as na mesa com as hastes em paralelo, de modo que um botão toque a caixa de lenços e o outro o vaso.

— Isso deixa as coisas seguras — fala ele. Então, depois de hesitar um pouco, assente com a cabeça como se tivesse confirmado em sua mente que o que está

pensando é a coisa certa. — Preserva o mundo. — Ele hesita novamente. — Por enquanto.

Eu baixo os olhos para o meu relógio. Acabou o tempo, e nós já fizemos mais do que o suficiente por um dia.

— Semana que vem — digo eu. — No mesmo bat-horário e no mesmo bat-canal. — Às vezes faço dessa piadinha uma pergunta, mas não com N. Ele precisa voltar, e sabe disso.

— Não existe cura mágica, certo? — pergunta ele. Dessa vez, seu sorriso é quase triste demais de se ver.

Eu lhe digo que ele pode vir a se sentir melhor. (Esse tipo de sugestão positiva nunca fez mal a ninguém, como todos os psiquiatras sabem.) Então falo para se livrar do Ambien e do "remédio da mariposa verde" — Lunesta, imagino. Se eles não funcionam à noite, tudo o que podem fazer é lhe causar problemas durante o dia. E pegar no sono na estrada não resolveria nenhum dos seus problemas.

— Não — diz ele. — Imagino que não. Doutor, nós não chegamos a falar sobre a raiz do problema. Eu sei o que está...

Talvez a gente possa chegar lá na semana que vem, eu lhe digo. Enquanto isso, quero que ele faça um diagrama dividido em três seções: contar, tocar e organizar. Ele pode fazer isso?

— Posso — diz ele.

Eu lhe pergunto, em um tom quase casual, se ele pensa em suicídio.

— A ideia já me passou pela cabeça, mas eu ainda tenho muita coisa para fazer.

Essa é uma resposta interessante e um tanto perturbadora.

Eu lhe dou meu cartão e peço que ele me ligue — dia ou noite —, se a ideia de suicídio começar a parecer mais atraente. Ele diz que ligará. Mas, por outro lado, é o que a maioria deles promete.

— Enquanto isso — falo à porta, colocando a mão em seu ombro —, continue namorando firme com a vida.

Ele olha para mim, pálido e sem sorrir dessa vez, um homem sendo despedaçado por bicadas de pássaros invisíveis.

— O senhor já leu "The Great God Pan", de Arthur Machen?

Eu balanço a cabeça.

— É o conto mais assustador já escrito — diz ele. — Nele, um dos personagens diz "a luxúria sempre prevalece". Mas não é de luxúria que ele está falando. Ele está falando de compulsão.

Paxil? Talvez Prozac. Mas nenhum dos dois até eu começar a entender melhor esse paciente interessante.

7 de junho de 2007
14 de junho de 2007
28 de junho de 2007

N. traz seu “dever de casa” para nossa próxima sessão, como não tive dúvidas de que faria. São muitas as coisas neste mundo que não são garantidas, e muitas as pessoas nas quais não se pode confiar, mas pacientes de TOC, a não ser que estejam morrendo, quase sempre fazem o que lhes é pedido.

Por um lado, seus diagramas são engraçados; por outro, tristes; e, por outro ainda, simplesmente terríveis. Ele é contador, afinal, e suponho que tenha usado um de seus programas de contabilidade para criar o conteúdo da pasta que me entrega antes de se encaminhar para o divã. São planilhas. Só que em vez de investimentos e fluxos de rendimentos, essas tabelas esmiúçam o terreno complexo das obsessões de N. As duas planilhas de cima têm como cabeçalho CONTAR; as duas seguintes, TOCAR; e as seis últimas, ORGANIZAR. Correndo os olhos por elas, tenho dificuldade em entender como ele consegue arranjar tempo para fazer qualquer outra coisa. No entanto, pacientes de TOC quase sempre encontram uma maneira. A ideia dos pássaros invisíveis me volta à cabeça; eu os vejo pousados sobre o corpo inteiro de N., arrancando sua carne em nacos sangrentos.

Quando ergo os olhos, ele está no divã, novamente com as mãos entrelaçadas com firmeza sobre o peito. E já rearrumou o vaso e a caixa de lenços, de modo a deixá-los mais uma vez conectados na diagonal. As flores são lírios brancos desta vez. Vê-las daquela forma, deitadas sobre a mesa, me faz pensar em funerais.

— Por favor, não me peça para colocá-las de volta — diz ele, em um tom de desculpas, porém firme. — Prefiro ir embora a fazer isso.

Eu lhe digo que não pretendo lhe pedir para colocá-las de volta. Levanto as planilhas no ar e elogio o aspecto profissional delas. Ele dá de ombros. Então pergunto se elas são um panorama geral ou se cobrem apenas a semana que passou.

— Só a semana passada — diz ele. Como se o assunto não fosse do seu interesse. E suponho que de fato não seja. Um homem que está sendo bicado até a morte por pássaros não consegue se interessar pelos insultos ou mágoas do ano anterior, ou mesmo da semana anterior; ele se preocupa com o hoje. E, Deus o ajude, com o futuro.

— Deve haver 2 ou 3 mil itens aqui — digo eu.

— Pode chamá-los de eventos. É como eu os chamo. São 604 eventos de contagem, 878 eventos de toque e 2.246 eventos de organização. Todos números pares, como o senhor deve perceber. A soma deles é 3.728, também um número par. Se somar os algarismos desse total, 3.728, dá vinte, que também é par. Um bom número. — Ele assente com a cabeça, como se confirmasse o que disse para si mesmo. — Se dividir 3.728 por dois, o resultado é 1.864. A soma dos números em 1.864 dá 19, um número ímpar poderoso. Poderoso e *ruim*. — Ao falar isso, ele chega a estremecer um pouco.

— O senhor deve estar muito cansado — digo eu.

A isso, ele não dá nenhuma resposta verbal — e tampouco assente —, mas não deixa de responder. Lágrimas correm pelas suas faces em direção às orelhas. Embora relute em aumentar o seu fardo, eu reconheço o seguinte: se não começarmos esse trabalho rápido — "sem lero-lero", como diria minha irmã Sheila —, ele não conseguirá nem mesmo cooperar comigo. Já percebo uma deterioração na sua aparência (camisa amassada, barbear descuidado, cabelo precisando urgentemente de um corte) e, se perguntasse sobre ele aos seus colegas de trabalho, quase certamente me depararia com aquelas rápidas trocas de olhares que são tão reveladoras. A seu modo, as planilhas são extraordinárias, porém as forças de N. estão claramente se esgotando. Parece-me que não há outra escolha senão ir direto à raiz do problema e, até a alcançarmos, não entrarei com Paxil, Prozac ou nada do gênero.

Eu pergunto se ele está pronto para me contar o que aconteceu em agosto passado.

— Estou — fala ele. — É o que vim fazer aqui. — Ele apanha alguns lenços da Caixa Eterna e seca o rosto. Esgotado. — Mas, doutor... o senhor tem certeza?

Nunca tinha ouvido um paciente me perguntar isso, ou falar comigo nesse tom de solidariedade relutante. Todavia lhe digo que sim, tenho certeza. Meu trabalho é ajudá-lo, mas, para eu fazer isso, ele precisa estar disposto a ajudar a si mesmo.

— Mesmo o senhor correndo o risco de terminar como eu estou agora? Porque pode acontecer. Eu estou perdido, mas acredito, ou melhor, espero não ter chegado ao nível de um homem se afogando, em pânico a ponto de estar disposto a puxar para baixo quem estiver tentando me salvar.

Eu lhe digo que não estou entendendo muito bem.

— Eu estou aqui porque tudo isso pode estar só na minha cabeça — diz ele, batendo com os nós dos dedos na têmpora, como se quisesse se certificar de que

eu sei onde fica sua cabeça. — Mas pode não estar. Juro que não sei dizer. É disso que estou falando quando digo que estou perdido. E, se não é fruto da mente — se o que eu vi e senti no Ackerman's Field é real —, então estou com algum tipo de infecção. Que eu poderia passar para o senhor.

Ackerman's Field. Eu anoto o nome do lugar, embora tudo vá estar nas fitas. Quando éramos crianças, eu e minha irmã íamos à Escola Ackerman, na cidadezinha de Harlow, às margens do Androscoggin. Que não fica muito longe daqui; no máximo 50 quilômetros.

Eu lhe digo que vou arriscar e que, no fim das contas — mais reforço positivo —, estou certo de que ficaremos os dois bem.

Ele dá uma risada surda, solitária.

— Como isso seria bom, não? — diz ele.

— Conte-me sobre o Ackerman's Field.

Ele suspira e fala:

— Ele fica em Motton. Na margem leste do Androscoggin.

Motton. A uma cidade de distância de Chester's Mill. Nossa mãe costumava comprar leite e ovos na fazenda Boy Hill em Motton. N. está falando de um lugar que certamente fica a pouco mais de 10 quilômetros da casa de fazenda em que eu cresci. Quase falei: *eu sabia!*

Não chego a falar, mas ele me olha com intensidade, quase como se tivesse lido meus pensamentos. Talvez tenha. Não acredito em percepção extrassensorial, mas também não descarto totalmente a hipótese.

— Nunca vá até lá, doutor — diz ele. — Nem mesmo procure saber onde fica. Prometa para mim.

Eu prometi. Na verdade, há mais de 15 anos que não volto àquela região arruinada do Maine. Ela é próxima em termos de quilômetros, mas distante em termos de desejo. Thomas Wolfe fez uma afirmação arrebatadora, como de hábito, ao intitular sua obra-prima *You Can't Go Home Again* — É Impossível Voltar para Casa; isso não é verdade para todos (minha irmã Sheila volta com frequência; ela ainda mantém contato com vários amigos de infância), mas é verdade para mim. Embora eu imagine que fosse preferir chamar meu livro de *Eu Não Quero Voltar para Casa*. Minhas lembranças são de valentões com lábios leporinos dominando o playground, casas vazias com janelas à espreita, carros caindo aos pedaços e céus que sempre pareciam brancos, frios e cheios de corvos em fuga.

— Está bem — fala N., arreganhando os dentes para o teto por um instante. Sem agressividade; ela é, tenho absoluta certeza, a expressão de um homem se

preparando para fazer um levantamento de peso que o deixará dolorido no dia seguinte. — Não sei se vou conseguir me expressar muito bem, mas me esforçarei ao máximo. O importante é que o senhor tenha em mente que, até aquele dia em agosto, o mais perto de um comportamento obsessivo-compulsivo que eu tinha exibido era voltar para o banheiro antes de sair para o trabalho para me certificar de que tinha arrancado todos os pelos do nariz.

Talvez isso seja verdade; o mais provável é que não. Não enveredo por esse caminho. Em vez disso, peço-lhe para me contar o que aconteceu naquele dia. E ele conta.

Ao longo das próximas três sessões, ele conta. Na segunda — no dia 15 de junho — ele me traz um calendário. Trata-se, como se costuma dizer, da Prova A.

3. A História de N.

Sou contador por profissão e fotógrafo por gosto. Depois do meu divórcio — e depois de as crianças terem crescido, o que é outra espécie de divórcio, e quase tão doloroso quanto —, eu passava boa parte dos meus fins de semana zanzando por aí, fotografando paisagens com a minha Nikon. É uma câmera de filme, não digital. Lá pelo fim de cada ano, eu escolhia as 12 melhores e as transformava em um calendário. Eu as imprimia numa pequena gráfica em Freeport chamada The Windhover Press. Eles são caros, mas fazem um bom serviço. Eu dava os calendários para os meus amigos e colegas de trabalho no Natal. Para alguns clientes também, mas não muitos — clientes que faturam na faixa dos seis ou sete dígitos geralmente gostam de coisas banhadas em prata. Quanto a mim, eu sempre vou preferir uma boa fotografia de paisagem. Não tenho fotos do Ackerman’s Field. Tirei algumas, mas elas nunca saíram. Mais tarde, peguei emprestada uma câmera digital. Não só as fotos não saíram, como a câmera pifou. Tive que comprar uma nova para o cara que me emprestou. Mas tudo bem. Àquela altura, acho que teria destruído qualquer foto que tivesse tirado *daquele* lugar, de qualquer forma. Quer dizer, isso se *a coisa* deixasse.

{*Eu pergunto a ele o que quer dizer com “a coisa”. N. ignora a pergunta como se nem a tivesse ouvido.*}

Eu já tirei fotos de tudo quanto é lugar do Maine e de New Hampshire, mas tendo a ficar mais pela minha área. Moro em Castle Rock — lá pras alturas de View, na verdade —, mas cresci em Harlow, como o senhor. E não fique tão surpreso, doutor, eu pesquisei seu nome no Google depois que o meu clínico o sugeriu. Todo mundo procura todo mundo no Google hoje em dia, não é?

Enfim, aquela parte do Maine central é onde eu fiz meus melhores trabalhos: Harlow, Motton, Chester's Mill, St. Ives, Castle-St.-Ives, Canton, Lisbon Falls. Por toda a margem do poderoso Androscoggin, em outras palavras. Essas fotos parecem mais... *reais* de alguma maneira. O calendário de 2005 é um bom exemplo. Vou trazer um para o senhor mesmo decidir. De janeiro a abril e de setembro a dezembro elas foram todas tiradas lá perto de casa. De maio a agosto foi... deixe-me ver... a praia de Old Orchard Beach... o cabo de Pemnaquid Point, o farol, é claro... o Harrison State Park... a enseada de Thunder Hole em Bar Harbor. Cheguei a achar que estava conseguindo algo de especial na enseada, fiquei empolgado, mas, quando vi a revelação, a realidade voltou com tudo. Era só mais uma foto de turista. A composição estava boa, mas e daí, certo? Você encontra uma boa composição em qualquer calendário de merda pra turista.

Quer saber minha opinião, de quem é só um amador? Eu acho que a fotografia é uma arte muito maior do que a maioria das pessoas pensa. Pela lógica, se você tem um bom olho para composição, além de algumas habilidades técnicas que pode aprender em qualquer curso, um lugar bonito sairia tão bem na foto quanto qualquer outro — especialmente se o seu negócio for apenas paisagens. Harlow, Maine ou Sarasota, é só você se certificar de que está com o filtro certo e então enquadrar e clicar. Só que não é assim. O local não é mais importante numa fotografia do que em uma pintura, em um conto ou em uma poesia. Não sei *por que* é assim, mas...

{*Ele faz uma longa pausa.*}

Na verdade, sei sim. Porque um artista, até um amador como eu, coloca sua alma naquilo que cria. Para algumas pessoas, as que têm um espírito errante, imagino, essa alma é transportável. No meu caso, ela nunca pareceu conseguir viajar nem mesmo até Bar Harbor. As fotos que tirei ao longo do Androscoggin, no entanto... elas me dizem algo. E para outras pessoas, também. O cara que faz serviço pra mim na Windhover disse que eu provavelmente conseguiria um contrato de publicação com alguma editora em Nova York, que eu poderia receber pelos meus calendários em vez de pagar para fazê-los do próprio bolso, mas nunca tive interesse nisso. Achava um pouco... sei lá... público demais? Pretensioso? Não sei, algo assim. Os calendários são uma coisa pequena, só para

os amigos. Além do mais, tenho um emprego. Sou feliz devorando números. Mas minha vida sem dúvida seria mais insossa sem meu hobby. Gostava de saber que alguns amigos tinham meus calendários pendurados em suas cozinhas ou salas de estar. Ou nos seus vestíbulos, que fosse. A ironia é que não venho tirando muitas fotografias desde as que tirei em Ackerman's Field. Acho que essa parte da minha vida pode ter acabado, e isso deixa um buraco. Do tipo que assobia no meio da noite, como se tivesse um vento bem no fundo dele. Um vento tentando substituir o que já não está lá dentro. Às vezes eu acho que a vida é uma coisa triste, ruim, doutor. Sério mesmo.

Numa das minhas andanças em agosto passado, cheguei a uma estrada de terra em Motton que não me lembrava de ter visto antes. Eu estava dirigindo, ouvindo as músicas no rádio, e perdi o rio de vista, mas sabia que não podia estar longe por causa do cheiro dele. É um cheiro meio podre e fresco ao mesmo tempo. O senhor sabe do que eu estou falando. Um cheiro *velho*. Enfim, acabei parando naquela estrada.

Ela era acidentada, quase destruída pela água em alguns trechos. Além do mais, estava ficando tarde. Devia ser umas sete da noite e eu não tinha parado em nenhum lugar para comer. Estava com fome. Quase dei meia-volta, mas daí a estrada melhorou e começou a subir em vez de descer. O cheiro ficou mais forte, também. Quando desliguei o rádio, consegui ouvir o rio além de sentir seu cheiro. O som não era alto, nem próximo, mas estava ali.

Então me deparei com uma árvore caída na estrada e quase voltei. Poderia ter voltado, embora não tivesse espaço para contornar. Estava a no máximo 2 quilômetros da Rota 117, e poderia ter voltado para ela de ré em cinco minutos. Eu penso agora que alguma coisa, alguma força que existe no lado positivo das nossas vidas, estava me dando essa oportunidade. Acho que o ano passado teria sido bem diferente se eu tivesse simplesmente dado marcha a ré. Mas não fiz isso. Porque aquele cheiro... ele sempre me fazia lembrar da infância. Além do mais, eu conseguia ver muito mais céu no topo da colina. As árvores — alguns pinheiros, a maioria bétulas — recuavam lá em cima, e eu pensei: "É um campo." Pensei que, se fosse mesmo, ele provavelmente dava vista para o rio mais abaixo. Também me ocorreu que talvez houvesse um bom espaço para contornar ali, mas isso era bem menos importante do que a ideia de que eu talvez pudesse tirar uma foto do Androscoggin ao pôr do sol. Não sei se o senhor lembra que nós tivemos alguns pores do sol espetaculares em agosto passado, mas tivemos.

Então eu saí do carro e tirei a árvore da estrada. Era uma daquelas bétulas, tão apodrecida que quase se desmanchou em minhas mãos. Porém, quando voltei ao carro, ainda quase engatei a ré em vez de seguir em frente. Existe mesmo uma força no lado positivo das coisas; eu acredito nisso. Mas parecia que o som do rio estava mais claro com a árvore fora do caminho — é uma idiotice, eu sei, mas juro que parecia —, então eu engatei a primeira e guiei meu Toyota 4Runner pelo restante da subida.

Passei por uma plaquinha pregada numa árvore. ACKERMAN'S FIELD, PROIBIDO CAÇAR, PROIBIDA A ENTRADA, dizia ela. Então as árvores recuaram — primeiro à esquerda, depois à direita — e lá estava ele. Fiquei sem fôlego. Mal consigo me lembrar de ter desligado o carro e saído dele, e não me lembro de ter pegado a câmera, mas devo ter pegado, porque ela estava na minha mão quando cheguei à beirada do campo, com a alça e o estojo da lente batendo contra a minha perna. Senti uma pancada atravessar meu coração, um choque que me arrancou da minha vida normal.

A realidade é um mistério, dr. Bonsaint, e a textura cotidiana das coisas é o pano que jogamos sobre ela para encobrir seu brilho e sua escuridão. Acho que tapamos os rostos dos cadáveres pelo mesmo motivo. Nós vemos os rostos dos mortos como uma espécie de portal. Ele está fechado para nós... mas sabemos que não ficará fechado *para sempre*. Um dia ele irá se escancarar para todos, e cada um de nós passará por ele.

Mas existem lugares onde esse pano fica esgarçado e a realidade é tênue. O rosto por detrás dela consegue espiar o outro lado... mas não é o rosto de um cadáver. Seria quase melhor que fosse. Ackerman's Field é um desses lugares, e não é de admirar que o dono, seja lá quem for, tenha colocado uma placa de PROIBIDA A ENTRADA.

O dia estava acabando. O sol era uma bola de gás vermelho, achatada nas partes de cima e de baixo, sentada sobre o horizonte ocidental. O rio era uma cobra longa e sangrenta sob o seu brilho refletido. Estava a uns 12 ou 15 quilômetros de distância dali, mas o som dele ainda chegava a mim, carregado pelo ar parado da tardinha. Uma floresta azul-acinzentada se erguia para além dele em uma série de colinas a perder de vista. Eu não conseguia ver uma casa ou estrada sequer. Nenhum pássaro cantava. Era como se eu tivesse regredido quatrocentos anos no tempo. Ou 4 milhões de anos. Os primeiros fiapos brancos de névoa começavam a subir do meio do mato — que era alto. Ninguém tinha ido até lá para cortá-lo, embora fosse um campo grande e o pasto fosse bom. A

névoa saía do verde cada vez mais escuro como uma respiração. Como se a própria terra estivesse viva.

Acho que cheguei a ficar um pouco tonto. Não por causa da beleza, embora fosse bonito; mas por causa da maneira como tudo à minha frente parecia *tênue*, quase a ponto de parecer uma alucinação. E então eu vi uma daquelas malditas pedras despontando do mato alto.

Eram sete, ou pelo menos foi o que eu pensei — as duas mais altas tinham por volta de 1,5 metro de altura, a mais baixa pouco menos de um metro, e o restante algo entre isso. Lembro-me de ter andado até a mais próxima delas, mas era como se lembrar de um sonho depois que ele começa a se decompor sob a luz da manhã — sabe como é? É claro que sabe, sonhos devem ocupar uma parte considerável do seu dia de trabalho. Só que aquilo não era um sonho. Eu conseguia ouvir o farfalhar do mato contra a minha calça, sentir o brim ficando úmido por conta da névoa e começando a colar à pele debaixo dos meus joelhos. De vez em quando uma moita — montes de sumagre cresciam aqui e ali — puxava o estojo da minha lente para trás e então o largava de volta, fazendo-o bater com mais força do que o normal contra a minha coxa.

Eu cheguei até a pedra mais próxima e me detive. Era uma daquelas de um metro e meio. A princípio, achei que havia rostos talhados nela — e não rostos humanos, mas de bestas e monstros —, mas então mudei um pouco de lugar e vi que era apenas uma ilusão causada pela luz de fim de tarde, que engrossa as sombras e faz com que elas pareçam... bem, qualquer coisa. Na verdade, depois de ficar algum tempo na minha nova posição, eu vi outros rostos. Alguns deles pareciam humanos, mas eram tão horríveis quanto os anteriores. *Mais* horríveis, na verdade, porque o que é humano é sempre mais horrível, o senhor não acha? Porque nós *conhecemos* o que é humano, *compreendemos* o que é humano. Ou achamos que sim. E aqueles ali pareciam estar ou gritando ou rindo. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo.

Achei que era o silêncio que estava mexendo com a minha imaginação, e o isolamento, e a *grandeza* daquilo — a quantidade de mundo que eu conseguia ver se estendendo à minha frente. E a forma como o tempo parecia estar prendendo a respiração. Como se tudo fosse ficar da maneira como era para sempre, com o pôr do sol a no máximo quarenta minutos de acontecer e o sol sentado vermelho sobre o horizonte e aquela claridade embotada no ar. Achei que eram essas coisas que estavam me fazendo ver rostos onde não havia nada além de coincidências. Agora já não penso assim, mas agora é tarde demais.

Eu tirei algumas fotos. Cinco, acho. Um número ruim, embora eu ainda não soubesse disso. Então me afastei, querendo botar as sete em uma foto só, e quando as enquadrei percebi que na verdade eram oito, formando uma espécie de círculo irregular. Dava pra ver — se você olhasse com atenção, dava — que elas faziam parte de algum tipo de formação geológica subterrânea que tinha ou brotado do solo havia milênios ou talvez sido exposta mais recentemente por uma inundação (o campo tinha uma encosta consideravelmente íngreme, de modo que aquilo me pareceu bastante possível), mas também pareciam *planejadas*, como as pedras de um círculo druida. Porém, não havia nada gravado nelas. Exceto pela ação das intempéries. Tenho certeza, porque voltei de dia para me certificar. Talhos e vincos na pedra. Nada mais que isso.

Tirei mais quatro fotos — o que dá um total de nove, outro número ruim, embora um pouco melhor do que cinco — e, quando baixei a câmera e observei novamente a olho nu, vi os rostos, me encarando com malícia, sorrindo e rosnando. Alguns humanos, outros bestiais. E contei sete pedras.

Mas quando olhei de novo pelo visor da câmera, elas eram oito.

Comecei a ficar tonto e assustado. Queria sair dali antes que a noite caísse por completo — sair daquele campo e voltar para a Rota 117, com um rock-and-roll bem alto tocando no rádio. Mas não podia simplesmente ir embora. Algo bem dentro de mim — tão profundo quanto o instinto que nos faz inspirar e expirar — insistia nisso. Sentia que, se fosse embora, algo terrível iria acontecer, e talvez não só comigo. Aquela sensação de *tenuidade* me invadiu novamente, como se o mundo fosse frágil naquele lugar em especial e uma pessoa bastasse para causar um cataclismo inimaginável. Se ela não tomasse muito, muito cuidado.

Foi aí que começou essa merda de TOC. Eu fui de pedra em pedra, tocando uma por uma, contando cada uma delas e memorizando onde estavam. Eu queria sumir dali — queria desesperadamente sumir dali —, mas fiz isso e não poupei esforços. Porque eu *tinha* que fazer. Eu soube disso da mesma maneira que sei que preciso respirar se quiser continuar vivo. Quando cheguei de volta ao lugar em que tinha começado, estava tremendo e encharcado de suor, névoa e orvalho. Porque tocar aquelas pedras... não era bom. Gerava... ideias. E trazia à tona imagens. Imagens feias. Uma delas era de golpear minha ex-mulher com um machado e rir enquanto ela gritava e erguia as mãos cheias de sangue para se proteger.

Mas elas eram oito. Oito pedras no Ackerman’s Field. Um bom número. Um número *seguro*. E eu sabia disso. E já não fazia diferença vê-las pelo visor da

câmera ou a olho nu; depois de tocá-las, elas estavam *fixas*. Estava escurecendo, metade do sol já estava abaixo do horizonte (eu devo ter passado vinte minutos ou mais contornando aquele círculo irregular, que provavelmente tinha uns 40 metros de diâmetro), mas eu conseguia enxergar bem o suficiente — o ar estava estranhamente límpido. Ainda sentia medo — havia algo de errado ali, tudo gritava, o próprio silêncio dos pássaros gritava —, mas também estava aliviado. O que havia de errado tinha sido ao menos parcialmente consertado ao tocar as pedras... e *olhar* para elas novamente. Memorizar a posição delas no campo. Isso foi tão importante quanto tocá-las.

{*Uma pausa para pensar.*}

Não, *mais* importante. Porque é a maneira como nós vemos o mundo que mantém a escuridão do outro lado dele longe. Que evita que ela vaze e nos afogue. Acho que todos nós sabemos disso, bem lá no fundo. Então eu me virei para ir embora e já havia atravessado boa parte do caminho até o carro — talvez até estivesse tocando a maçaneta da porta — quando algo me fez virar novamente. E foi então que eu *vi*.

{*Ele fica um bom tempo em silêncio. Percebo que está tremendo. Tinha começado a suar. O suor brilha em sua testa como orvalho.*}

Havia alguma coisa no *meio* das pedras. No meio do círculo que elas formavam, por acaso ou por intenção própria. Era negra, como o céu ao leste, e verde como o mato. Estava se virando muito devagar, mas não desgrudou os olhos de mim nem por um instante. A coisa *tinha* olhos. Olhos cor-de-rosa, doentios. Eu sabia — a parte *racional* da minha mente sabia — que era apenas luz do céu o que eu estava vendo, mas, ao mesmo tempo, eu tinha certeza de que era algo mais. Que algo estava *usando* aquela luz. Alguma coisa estava usando o pôr do sol para enxergar, e o que ela estava vendo era *eu*.

{*Ele está chorando novamente. Não lhe ofereço os lenços de papel, pois não quero quebrar o transe. Embora eu não tenha certeza se poderia tê-los oferecido de qualquer maneira, pois ele tinha me colocado em transe também. O que ele está relatando é um delírio, e parte dele sabe disso — "sombras que pareciam rostos" etc. —, mas de um tipo muito forte, e delírios fortes são transmitidos pelo ar como germes da gripe em um espirro.*}

Eu deveria ter continuado me afastando. Não me lembro de ter feito isso; só me lembro de pensar que estava olhando para a cabeça de algum monstro grotesco vindo da escuridão alheia. E de pensar que, de onde saiu aquele, poderia haver mais. Oito pedras os manteriam presos — por pouco —, mas se fossem apenas sete, eles viriam numa enxurrada da escuridão do outro lado da

realidade e dominariam o mundo. Até onde eu sabia, poderia estar olhando para o menor e mais fraco deles. Até onde eu sabia, aquela cabeça de cobra achatada com olhos cor-de-rosa e com o que pareciam dois espinhos grandes e longos projetando-se do seu focinho poderia ser apenas um *bebê*.

A coisa viu que eu estava olhando.

Aquela porra *sorriu* para mim, e os dentes dela eram cabeças. Cabeças humanas vivas.

Então eu pisei em um galho seco. Ele estalou como uma bombinha, acabando com a minha paralisia. Não acho impossível que aquela coisa pairando dentro do círculo de pedras estivesse me hipnotizando, da mesma forma que uma cobra supostamente consegue fazer com um pássaro.

Eu me virei e corri. O estojo da minha lente não parava de bater contra a minha perna, e cada batida parecia estar dizendo *Acorde! Acorde! Caia fora! Caia fora!* Eu abri a porta do meu 4Runner e ouvi o sininho repicando, o que significa que você deixou sua chave na ignição. Pensei num filme antigo em que William Powell e Myrna Loy estão no balcão de um hotel chique e Powell toca a sineta para chamar o recepcionista. Engraçado as coisas que passam pela sua cabeça nessas horas, não é mesmo? Existe um portal na nossa mente também — é o que eu acho. Ele evita que a loucura que existe em todos nós inunde o nosso intelecto. E, nos momentos críticos, ele se escancara e todo o tipo de esquisitice sai jorrando de lá de dentro.

Dei a partida no motor. Liguei o rádio, aumentei o volume e um rock saiu rugindo das caixas. Era The Who, disso eu me lembro. E me lembro de ter acendido os faróis. Quando fiz isso, aquelas pedras pareceram *pular para cima de mim*. Eu quase gritei. Mas elas eram oito, eu as contei, e oito é um número seguro.

{*Outra longa pausa. Quase um minuto inteiro.*}

A próxima coisa que recordo é de estar de volta à Rota 117. Não sei como cheguei a ela, se dei meia-volta ou voltei de ré. Também não sei quanto tempo levei, mas a música do The Who tinha acabado e eu estava ouvindo The Doors. Deus me ajude, era “Break on Through to the Other Side”. Desliguei o rádio.

Acho que não consigo contar mais nada, doutor, hoje não. Estou exausto.

{*E ele parece mesmo.*}

{Sessão seguinte}

Eu pensei que o efeito que o lugar tinha surtido em mim dissiparia na volta para casa — só uma experiência ruim no meio do mato, certo? — e sem dúvida quando estivesse na minha própria sala de estar, com as luzes acesas e a tevê

ligada, eu ficaria bem novamente. Mas não fiquei. Se houve alguma mudança, foi que a sensação de deslocamento — de ter entrado em contato com algum outro universo hostil ao nosso — pareceu ficar mais forte. Eu continuava convicto de que tinha visto um rosto — pior, o indício de algum corpo reptiliano enorme — naquele círculo de pedras. Eu me sentia... *infectado*. Infectado pelos pensamentos na minha própria cabeça. Me sentia *perigoso*, também — como se eu pudesse invocar aquele coisa só de pensar muito nela. E ela não estaria sozinha. Todo aquele outro cosmos vazaria para o lado de cá, como vômito do fundo de um saco de papel molhado.

Dei a volta na casa, trancando todas as portas. Daí tive certeza de que havia me esquecido de algumas, então refiz o caminho para conferir todas elas de novo. Desta vez, fui contando: porta da frente, porta dos fundos, porta da despensa, porta da sacada, porta levadiça da garagem, porta dos fundos da garagem. Eram seis, e me ocorreu que seis era um bom número. Como oito era um bom número. Eles são números amigáveis. Calorosos. Não frios, como cinco ou... o senhor sabe, sete. Eu relaxei um pouco, mas ainda dei uma última volta pela casa. Ainda eram seis. “Seis resolve de vez”, lembro-me de ter dito. Depois disso, achei que conseguiria dormir, mas não consegui. Nem mesmo tomando um Ambien. Não parava de ver o pôr do sol sobre o Adroscoggin, transformando-o em uma cobra vermelha. A névoa saindo do mato como línguas. E a coisa no meio das pedras. Ela acima de tudo.

Eu me levantei e contei os livros na estante do meu quarto. Havia 93. Esse é um número ruim, e não só porque é ímpar. Se você dividir 93 por três, dá 31: 13 ao contrário. Então apanhei um livro da estante pequena no corredor. Mas 94 é só um pouco melhor, porque nove e quatro somados dão 13. O número 13 está em toda parte neste nosso mundo, doutor. O senhor não faz ideia. Enfim, eu acrescentei mais seis livros à estante do quarto. Tive que apertar, mas consegui enfiá-los. Cem é bom. Ótimo, na verdade.

Estava voltando para a cama, mas então comecei a pensar na estante do corredor. Tinha que ver se eu tinha, sabe como é, despido um santo para vestir outro. Então contei os de lá, e estava tudo bem: 56. A soma dos números era 11, que é ímpar, mas não o *pior* dos ímpares, e 56 dividido por dois dá 28 — um bom número. Depois disso, consegui dormir. Acho que tive pesadelos, mas não me lembro deles.

Dias se passaram, e minha mente continuava voltando para o Ackerman’s Field. A essa altura eu já estava contando e tocando um monte de coisas — para me certificar de que eu entendia o lugar delas no mundo, no mundo real, no *meu*

mundo. Tinha começado a organizá-las, também. Sempre números pares, e geralmente em círculos ou numa diagonal. Porque círculos e diagonais mantêm as coisas do lado de fora.

Quer dizer, na maioria das vezes. E nunca de forma permanente. Basta um pequeno acidente para 14 virar 13, ou oito virar sete.

No começo de setembro, minha filha caçula veio me visitar e comentou que eu parecia muito cansado. Ela quis saber se eu estava trabalhando demais. Também notou que todos os bibelôs da sala de estar — as coisas que a mãe dela não tinha levado embora depois do divórcio — tinham sido dispostos no que ela chamou de "círculos ingleses". Ela disse: "Você está ficando um pouco lelé com a idade, não está, papai?" E foi então que decidi que precisava voltar ao Ackerman's Field, dessa vez à luz do dia. Achava que, se eu o visse à luz do dia, visse somente algumas pedras sem sentido plantadas em um matagal, perceberia como aquilo tudo era uma tolice, e minhas obsessões seriam varridas para longe como o pompom de um dente-de-leão numa ventania. Eu queria isso. Porque contar, tocar e organizar é muito trabalhoso. Muita responsabilidade.

No caminho, parei no lugar onde eu revelava minhas fotos e vi que as que eu havia tirado naquela noite no Ackerman's Field não tinham saído. Eram apenas quadrados cinza, como se tivessem sido embaçadas por algum tipo de radiação forte. Isso me fez parar por um instante, mas não me deteve. Peguei uma câmera digital emprestada de um dos caras da loja — foi essa que eu estraguei — e segui para Motton novamente, dirigindo rápido. Quer ouvir uma coisa idiota? Eu me sentia como um homem com uma urticária braba indo para a farmácia comprar um frasco de loção de calamina. Porque era isso que parecia — uma comichão. Contar, tocar e organizar as coisas era como coçá-la, mas coçar oferece no máximo um alívio momentâneo. E é mais provável que espalhe o que quer que esteja causando a coceira. O que eu queria era uma cura. Voltar para o Ackerman's Field não me curaria, mas como eu poderia saber? É como se diz: você só aprende fazendo. E aprende mais ainda tentando e fracassando.

O dia estava lindo, nem uma só nuvem no céu. As folhas ainda estavam verdes, mas o ar tinha aquela limpidez radiante que a gente só vê nas mudanças de estação. Minha ex-mulher costumava dizer que dias de começo de outono como aqueles eram a nossa recompensa por três meses aturando os turistas e veranistas, esperando nas filas enquanto eles usavam seus cartões de crédito para comprar cerveja. Eu me sentia bem, me lembro disso. Me sentia seguro de que colocaria um ponto final naquela maluquice toda. Estava ouvindo uma coletânea do Queen, pensando em como a voz de Freddy Mercury soava bem, como ela

soava *pura*. Fui cantando junto. Atravessei o Androscoggin em Harlow — a água em ambos os lados da ponte da Bale Road reluzindo ao ponto de machucar a vista — e vi um peixe saltar da água. Isso me fez dar uma gargalhada. Eu não ria daquele jeito desde o fim de tarde que passei no Ackerman's Field, e o som foi tão gostoso que gargalhei de novo.

Então subi e desci a Boy Hill — aposto que o senhor sabe onde fica essa colina — e passei pelo cemitério Serenity Ridge. Já havia tirado algumas fotos boas ali, embora nunca tivesse colocado nenhuma nos calendários. Menos de cinco minutos depois, cheguei à estradinha de terra. Comecei a fazer a curva para pegá-la, então sentei o pé no freio. Bem na hora, inclusive. Se tivesse demorado um pouco mais, teria partido a grade do meu 4Runner em duas. Havia uma corrente fechando a estrada e uma nova placa pendurada nela: ENTRADA EXPRESSAMENTE PROIBIDA.

Eu poderia ter dito a mim mesmo que era apenas uma coincidência, que o dono daquele bosque e daquele campo — não necessariamente um sujeito chamado Ackerman, mas talvez — colocava aquela corrente e aquela placa todo outono, para desencorajar os caçadores. Mas a temporada de caça aos cervos só começa em 1o de novembro. Nem mesmo a de caça aos pássaros começa antes de outubro. Eu acho que alguém vigia aquele campo. Com binóculos, imagino, mas talvez com alguma forma menos normal de visão. Alguém sabia que eu tinha ido até lá, e que talvez fosse voltar.

"Deixe pra lá, então!", pensei com meus botões. "A não ser que queira arriscar ser preso por invasão de propriedade e talvez acabar com sua foto estampada no jornal de Castle Rock. Isso seria uma beleza para os negócios, não seria?"

Mas de forma alguma eu iria parar, não quando havia uma chance de eu subir até aquele campo, não ver nada e, consequentemente, me sentir melhor. Porque, saca só isso, ao mesmo tempo em que eu dizia a mim mesmo que se alguém me queria longe da sua propriedade eu deveria respeitar o desejo dessa pessoa, eu estava contando as letras naquela placa e chegando a 23, que é um número *terrível*, bem pior do que 13. Eu sabia que era loucura pensar desse jeito, mas *estava* pensando, e parte de mim sabia que não era loucura alguma.

Escondi meu 4Runner no estacionamento do Serenity Ridge, e então voltei andando até a estrada de terra com a câmera emprestada jogada por sobre o ombro em seu estojinho com zíper. Contornei a corrente, o que foi fácil, e subi a estrada rumo ao campo. Acabou que eu teria precisado andar mesmo que a corrente *não* estivesse ali, pois havia meia dúzia de árvores caídas ao longo da

estrada dessa vez, e não apenas bétulas apodrecidas. Cinco delas eram pinheiros de um tamanho considerável e a última era um carvalho maduro. E também não tinham simplesmente caído; aquelas belezinhas haviam sido derrubadas com uma motosserra. Elas nem sequer me retardaram. Eu escalei os pinheiros e contornei o carvalho. Então estava na colina, subindo em direção ao campo. Mal olhei o outro cartaz que dizia ACKERMAN'S FIELD, PROIBIDO CAÇAR, PROIBIDA A ENTRADA. Conseguia ver as árvores recuando no topo da colina, conseguia ver raios de sol empoeirados brilhando por entre as que estavam mais próximas do cume e conseguia ver quilômetros e quilômetros de céu azul lá em cima, um céu que parecia alegre e otimista. Era meio-dia. Não haveria nenhum rio-cobra sangrando ao longe, mas apenas o Androscoggin com o qual eu havia crescido e que sempre amei — azul e belo, daquele jeito que as coisas comuns conseguem ser em seus melhores momentos. Comecei a correr. Minha sensação de otimismo desvairado durou até eu chegar ao topo, mas no instante em que vi aquelas pedras paradas ali como presas, meus bons sentimentos foram pelo ralo. O que os substituiu foi medo e horror.

Havia sete pedras novamente. Apenas sete. E, no meio delas — não sei como explicar isso de um jeito que o senhor possa entender — havia um espaço *desbotado*. Não era como uma sombra, não exatamente, parecia mais... sabe como o azul vai desbotando do seu jeans favorito com o tempo? Especialmente nos lugares que gastam mais, tipo os joelhos? Era mais ou menos assim. A cor do mato tinha desbotado até um verde-limão sujo e, em vez de azul, o céu acima do círculo de pedras parecia *acinzentado*. Parecia que, se eu entrasse naquele espaço — e parte de mim queria entrar —, eu poderia dar um soco e varar o tecido da realidade. E que, se fizesse isso, algo iria me pegar. Algo do outro lado. Eu tinha certeza disso.

Ainda assim, algo em mim *queria dar esse soco*. Queria... sei lá... pular as preliminares e começar a meter logo.

Eu conseguia ver — ou achava que conseguia, ainda não tenho certeza quanto a essa parte — o lugar onde as oito pedras estavam posicionadas, e também via aquele... aquele *desbotamento*... inchando na direção delas, tentando atravessar a parte em que a proteção das pedras era frágil. Eu estava apavorado! Porque, se aquilo saísse, todas as coisas inomináveis que existiam do outro lado nasceriam no nosso mundo. O céu ficaria negro e cheio de novas estrelas e constelações loucas.

Tirei a câmera de cima do ombro, mas a deixei cair no chão quando tentei abrir o zíper do estojo dela. Minhas mãos tremiam como se eu estivesse tendo

algum tipo de ataque. Apanhei o estojo de volta, abri o zíper e, quando voltei a olhar para as pedras, vi que o espaço dentro delas já não estava apenas desbotado. Estava ficando preto. E eu conseguia ver *olhos* novamente. Espreitando de dentro da escuridão. Dessa vez eles eram amarelos, com pupilas negras estreitas. Como olhos de gato. Ou de cobra.

Tentei erguer a câmera, mas a deixei cair novamente. E, quando fui pegá-la, o mato se fechou sobre ela e eu tive que puxá-la de volta. Não, tive que *arrancá-la* de volta. A essa altura eu estava ajoelhado, puxando a alça com as duas mãos. Então uma brisa começou a soprar do buraco onde a oitava pedra deveria estar. Ela soprou meus cabelos de cima da testa. Fedia. Tinha cheiro de carniça. Levei a câmera ao rosto, mas a princípio não consegui enxergar nada. Pensei, *essa coisa cegou a câmera, ela cegou a câmera de alguma forma*, mas então me lembrei de que era uma Nikon digital e que eu precisava ligá-la. Fiz isso — ouvi o bipe —, mas ainda assim não conseguia enxergar nada.

A essa altura, a brisa já havia virado um vento. Ele fazia o mato balançar ao longo do campo em grandes ondas de sombra. O cheiro ficou pior. E o dia estava escurecendo. Não havia uma só nuvem no céu, ele era de um azul perfeito, mas o dia estava escurecendo mesmo assim. Como se algum planeta invisível gigante estivesse eclipsando o sol.

Algo falou. Não em inglês. Algo que soava como “Cthun, cthun, deeyanna, deyanna”. Mas então... meu Deus, então a coisa disse o meu *nome*. Ela disse: “Cthun, N., deeyanna, N.” Acho que gritei, mas não tenho certeza, porque a essa altura o vento tinha se tornado um vendaval que rugia em meus ouvidos. Eu *deveria* ter gritado. Tinha todo o direito de gritar. Porque aquela coisa *sabia o meu nome!* Aquela coisa grotesca, inominável *sabia o meu nome*. E então... a câmera... sabe o que eu percebi?

{*Eu lhe perguntei se ele tinha deixado a lente tampada, e então ele solta uma risada estridente que me dá nos nervos e me faz pensar em ratos correndo sobre vidro quebrado.*}

Isso! Exatamente! A tampa da lente! A porra da tampa da lente! Eu a arranquei e levei a câmera ao olho — é um milagre que ela não tenha caído outra vez, com minhas mãos tremendo tanto, e o mato jamais a soltaria novamente, não, nunca mais, porque da segunda vez estaria preparado. Mas eu não a deixei cair e consegui enxergar pelo visor — e havia oito pedras ali. Oito. Oito é par e bota tudo no lugar. Aquela escuridão ainda rodopiava no meio, mas estava recuando. E o vento que soprava ao meu redor começou a diminuir.

Eu baixei a câmera novamente e havia sete pedras. Algo estava se dilatando de dentro da escuridão, uma coisa que eu não conseguiria descrever para o senhor. Consigo vê-la — eu a vejo nos meus sonhos —, mas não existem palavras para aquele tipo de abominação. Um capacete de couro pulsante, é o mais perto que consigo chegar. Com lentes amarelas dos dois lados. Só que as lentes... acho que elas eram olhos, e tenho certeza de que estavam olhando para mim.

Ergui a câmera novamente e vi oito pedras. Tirei seis ou oito fotos como se quisesse marcá-las, fixá-las em seus lugares para sempre, mas é claro que isso não deu certo, só serviu para pifar a câmera. Lentes conseguem ver aquelas pedras, doutor — tenho certeza de que uma pessoa conseguiria vê-las em um espelho, também, talvez até através de uma lâmina de vidro comum —, mas não conseguem gravá-las. A única coisa que consegue gravá-las, segurá-las no lugar, é a mente humana, a memória humana. E nem isso é garantido, como eu descobri desde então. Contar, tocar e organizar funciona por um tempo — é irônico pensar que comportamentos que consideramos neuróticos estão na verdade mantendo o mundo nos eixos —, mas cedo ou tarde qualquer proteção que essas coisas possam oferecer cai por terra. E dá trabalho demais.

Dá trabalho pra cacete.

Será que podemos parar por hoje? Sei que está cedo, mas estou muito cansado.

{*Eu lhe digo que posso prescrever um sedativo, se ele quiser — um sedativo leve, porém mais confiável que o Ambien ou o Lunesta. Vai funcionar se ele não abusar da dose. Ele me dá um sorriso de gratidão.*}

Isso seria bom, muito bom. Mas posso pedir um favor?

{*Eu lhe digo que claro que sim.*}

Prescreva vinte, quarenta ou sessenta. Esses são todos bons números.

{Sessão seguinte}

{*Eu lhe digo que ele parece melhor, embora isso esteja longe de ser verdade. O que ele parece é um homem prestes a ser internado se não encontrar uma maneira de voltar à sua Rota 117 particular. Se vai ser dando meia-volta ou marcha a ré, não importa, mas ele precisa deixar para trás aquele campo. Eu também, na verdade. Venho sonhando com o campo de N., que eu certamente conseguiria encontrar, se quisesse. Não que eu queira — isso seria muito próximo de compartilhar do delírio do meu paciente —, mas certamente conseguiria encontrá-lo. Durante uma noite deste fim de semana, me ocorreu (enquanto eu mesmo estava tendo dificuldade para dormir) que devo ter*

passado por ele de carro, não uma vez, mas centenas de vezes. Porque eu tinha atravessado a ponte da Bale Road centenas de vezes, e passado pelo cemitério Serenity Ridge outras milhares*; ele ficava na rota do ônibus escolar da James Lowell Elementary, onde Sheila e eu estudamos. Então é claro que eu conseguiria encontrá-lo. Se quisesse. Se ele existir.*

{*Eu pergunto se o remédio que prescrevi está ajudando, se ele tem conseguido dormir. As olheiras me dizem que não, mas estou curioso para ouvir como ele vai responder.*}

Bastante. Obrigado. E o TOC está um pouco melhor, também.

{*Enquanto fala isso, suas mãos — mais propensas a dizer a verdade — organizam furtivamente o vaso e a caixa de lenços de papel em cantos opostos da mesa em frente ao divã. Hoje, Sandy colocou rosas. Ele as organiza de modo a conectarem a caixa e o vaso. Eu lhe pergunto o que aconteceu depois que ele subiu até o Ackerman's Field com a câmera emprestada. Ele encolhe os ombros.*}

Nada. Exceto que eu paguei pela Nikon do cara da loja, é claro. Estava perto de a estação de caça chegar de fato, e aquela mata fica perigosa, mesmo que você esteja vestindo laranja berrante dos pés à cabeça. Embora eu duvide que tenha muitos cervos naquela área; imagino que eles fiquem longe dali.

A porra do TOC deu uma acalmada, e eu passei a dormir noites inteiras novamente.

Bem... algumas noites inteiras. Eu sonhava, é claro. Nos sonhos eu estava sempre naquele campo, tentando arrancar a câmera do meio do mato, mas ele não largava. A escuridão se espalhava de dentro do círculo feito óleo, e, quando eu olhava para cima, via que o céu tinha rachado de leste a oeste e uma luz negra terrível vazava lá de dentro... uma luz que estava viva. E faminta. Era aí que eu acordava, encharcado de suor. Às vezes gritando.

Então, no começo de dezembro, eu recebi uma carta no escritório. Estava escrito PESSOAL no envelope e tinha um objeto pequeno dentro. Eu o abri e o que caiu na minha mesa foi uma chavinha com uma etiqueta. A etiqueta dizia A.F. Eu sabia o que era aquilo e o que significava. Se houvesse tido uma carta, ela teria dito: "Eu tentei manter você longe dali. Não é culpa minha, e talvez não seja sua, mas de qualquer forma esta chave e tudo o que ela abre é seu agora. Cuide bem dela."

Naquele fim de semana, eu peguei o carro e voltei para Motton, mas nem me dei o trabalho de deixá-lo no estacionamento do Serenity Ridge. As decorações de Natal já estavam colocadas em Portland e nas outras cidadezinhas pelas quais

passei no caminho. Estava um frio de doer, mas ainda não tinha começado a nevar. Sabe aquele frio mais forte que sempre faz antes de a neve chegar? Era assim que estava naquele dia. Mas o céu estava nublado, e a neve *chegou* — uma nevasca naquela mesma noite. Foi das grandes. O senhor se lembra?

{*Eu lhe digo que sim. Tenho motivos para lembrar (embora não lhe diga isso). Sheila e eu tínhamos ido dar uma conferida em uma obra na casa antiga e ficamos presos lá por conta da neve. Tomamos um pilequinho e dançamos ao som de músicas antigas dos Beatles e do Rolling Stones. Foi gostoso.*}

A corrente ainda estava bloqueando a estrada, mas a chave A.F. servia no cadeado. E as árvores caídas tinham sido arrastadas para um dos lados. Conforme eu já sabia. Não adiantava mais bloquear a estrada, porque agora aquele era o *meu* campo, aquelas pedras eram as *minhas* pedras, e o que quer que elas estivessem aprisionando era minha responsabilidade.

{*Eu lhe pergunto se ele estava com medo, certo de que a resposta só poderia ser sim. Mas N. me surpreende.*}

Não, não muito. Porque o lugar estava diferente. Soube disso desde o final da estrada, onde ela faz cruzamento com a 117. Dava pra sentir. E pude ouvir corvos gralhando quando abri o trinco com a minha chave nova. Geralmente, acho esse som horroroso, mas naquele dia ele me pareceu muito agradável. Correndo o risco de soar pretensioso, me pareceu o som da redenção.

Eu sabia que haveria oito pedras no Ackerman’s Field, e tinha razão. Sabia que elas não pareceriam muito um círculo, e tinha razão quanto a isso também; elas pareciam pedregulhos dispostos de forma aleatória novamente, parte do leito de pedra subterrâneo que tinha sido exposto por alguma movimentação tectônica, pelo recuo de alguma geleira 80 mil anos atrás ou por alguma enchente mais recente.

Compreendi outras coisas também. Uma era que havia ativado aquele lugar *só de olhar para ele*. Olhos humanos removem a oitava pedra. Uma lente de câmera pode colocá-la de volta, mas não consegue prendê-la no lugar. Eu tinha que ficar renovando a proteção com atos simbólicos.

{*Ele faz uma pausa e, quando volta a falar, parece ter mudado de assunto.*}

Você sabia que o Stonehenge pode ter sido uma mistura de relógio com calendário?

{*Eu lhe digo que já li sobre isso em algum lugar.*}

As pessoas que construíram aquele lugar, e outros parecidos, deviam saber que para contar o tempo só precisavam de um relógio de sol. E, quanto ao calendário, nós sabemos que os povos pré-históricos da Europa e da Ásia

contavam os dias simplesmente talhando marcas em muros internos de pedra. Então o que é o Stonehenge, se ele for *mesmo* um relógio/calendário gigante? Um monumento aos sintomas do TOC, em minha opinião — uma neurose gigante no meio de uma planície em Salisbury.

A não ser que esteja nos protegendo de alguma coisa, além de registrar as horas e os meses. Mantendo preso um universo louco que por acaso está colado ao nosso. Alguns dias — muitos, na verdade, especialmente no inverno passado, quando voltei a me sentir praticamente como eu costumava ser antes —, tenho certeza de que isso é besteira, que tudo o que achei ter visto no Ackerman's Field só existia na minha cabeça. Que essa porra toda de TOC não passa de uma gagueira mental.

Mas tem outros dias — voltei a tê-los nessa primavera — em que tenho certeza de que é tudo verdade: eu ativei alguma coisa. E, ao fazer isso, me tornei o mais recente carregador do bastão de uma longa, longa linhagem deles, que provavelmente remonta a tempos pré-históricos. Sei que parece loucura — por que outro motivo estaria contando isso para um psiquiatra? — e passo dias inteiros convencido de que *é* loucura... mesmo quando estou contando coisas, zanzando pela casa à noite tocando interruptores e bocas de fogão, tenho certeza de que é tudo... um distúrbio químico na minha cabeça que alguns remédios certos podem consertar.

Pensei que fosse isso especialmente no último inverno, quando as coisas estavam indo bem. Então, em abril deste ano, elas voltaram a piorar. Eu estava contando mais coisas, tocando mais coisas e organizando praticamente tudo o que não estivesse pregado em círculos e diagonais. Minha filha — a que estuda aqui na região — voltou a se mostrar preocupada comigo e a me achar tenso demais. Ela me perguntou se era o divórcio e, quando falei que não era, pareceu não acreditar em mim. Ela me perguntou se eu cogitaria "me consultar com alguém" e, por Deus, aqui estou eu.

Comecei a ter pesadelos de novo. Uma noite, no começo de maio, eu acordei no chão do quarto, gritando. No meu sonho, tinha visto uma monstruosidade cinza-escuro enorme — uma criatura alada, tipo uma gárgula, a cabeça dela parecendo de couro, como se fosse um capacete. Ela estava parada sobre os escombros de Portland, uma coisa de quase 2 quilômetros de altura, no mínimo — eu conseguia ver fiapos de nuvens flutuando ao redor dos seus braços encouraçados. Havia pessoas aos gritos se debatendo em suas garras. E eu soube — tive *certeza* — que ela havia escapado das pedras dispostas no Ackerman's Field, que ela era apenas a primeira e a menor das abominações que seriam

libertadas daquele outro mundo, e que a culpa era minha. Porque eu não tinha arcado com as minhas responsabilidades.

Eu saí cambaleando pela casa, colocando as coisas em círculos e depois contando-as para me certificar de que os círculos continham apenas números pares, então me ocorreu que não era tarde demais, que aquilo tinha apenas começado a despertar.

{*Eu lhe pergunto o que ele quer dizer com "aquilo".*}

A força! Lembra de *Guerra nas Estrelas*? "Use a força, Luke"?

{*Ele ri alucinadamente.*}

Só que nesse caso é *não* use a força! *Impeça* a força! *Aprisione* a força! Esse algo caótico que não para de avançar em direção àquele lugar frágil — e a todos os lugares frágeis do mundo, imagino. Às vezes eu acho que existe toda uma sucessão de universos arruinados por trás daquela força, estendendo-se por incontáveis eras passadas como pegadas monstruosas...

{*Ele diz algo baixinho que eu não entendo. Peço para ele repetir, mas ele balança a cabeça.*}

Me dê o seu bloquinho, doutor. Vou escrever nele. Se o que estou falando é verdade e não só fruto da minha cabeça pirada, não é seguro dizer o nome em voz alta.

{*Ele escreve CTHUN em letras maiúsculas grandes. Então mostra para mim e, quando faço que sim com a cabeça, ele rasga a folha em pedacinhos e se põe a contá-los — para se certificar de que o número é par, imagino —, depositando-os em seguida na lixeira próxima ao divã.*}

A chave, a que eu recebi pelo correio, estava no cofre da minha casa. Eu a apanhei e voltei para Motton de carro — atravessando a ponte, passando pelo cemitério e subindo aquela maldita estrada de terra. Não parei para pensar, porque não era o tipo de decisão que você precisava refletir antes de tomar. Isso seria como se sentar para refletir se deveria ou não apagar o fogo nas cortinas da sua sala de estar se chegasse em casa e elas estivessem em chamas. Não: eu simplesmente fui.

Mas levei a câmera. Pode crer que *sim*.

Meu pesadelo me acordou por volta das cinco, e ainda era de manhãzinha quando cheguei ao Ackerman's Field. O Androscoggin estava lindo — parecia um longo espelho prateado em vez de uma cobra, com cachinhos de névoa se erguendo da sua superfície e então se espalhando por ela numa, sei lá, inversão térmica, ou coisa parecida. Aquela nuvem se espalhava imitando com perfeição as voltas e curvas do rio, parecendo um rio-fantasma em pleno ar.

O mato estava voltando a crescer no campo, e a maioria das moitas estava ficando verde, mas então eu vi algo assustador. E, mesmo que grande parte das outras coisas esteja só na minha cabeça (e estou mais que disposto a reconhecer que pode ser o caso), aquilo era real. Eu tenho fotos para provar. Estão borradas, mas em algumas delas dá para ver as mutações nas moitas mais próximas das pedras. As folhas estão pretas em vez de verdes, e os galhos estão *retorcidos*... eles parecem formar letras, letras que parecem soletrar... bem... o nome *daquilo*.

{*Ele gesticula para a lixeira onde estão as tiras de papel.*}

A escuridão estava dentro das pedras novamente — havia apenas sete, é claro, era por isso que eu tinha sido atraído para lá —, mas não vi olhos. Graças a Deus, eu tinha chegado a tempo. Havia apenas a escuridão, se revolvendo sem parar, parecendo zombar da beleza daquela manhã tranquila de primavera, parecendo se regozijar com a fragilidade do nosso mundo. Eu conseguia ver o Androscoggin através dela, mas a escuridão — era quase bíblica, um pilar de fumaça — transformava o rio em uma mancha cinza imunda.

Eu ergui minha câmera — estava com a alça em volta do pescoço, para que, mesmo se eu a deixasse cair, ela não fosse parar nas garras do mato — e olhei pelo visor. Oito pedras. Baixei a câmera e eram sete novamente. Olhei pelo visor e vi oito. Na segunda vez em que baixei a câmera, vi oito também. Mas não era o suficiente, e eu sabia disso. Sabia o que precisava fazer.

Me forçar a ir até aquele círculo de pedras foi a coisa mais difícil que já fiz na vida. O som do mato roçando contra as bainhas da minha calça era como uma voz — grave, ríspida, indignada. Me alertando a ficar longe dali. O ar passou a ter gosto de doença. Cheio de câncer e coisas talvez piores ainda, germes que não existem no nosso mundo. Minha pele começou a vibrar, e eu tive a impressão — para dizer a verdade, *ainda* tenho essa impressão — de que, se passasse pelo meio de duas daquelas pedras e entrasse no círculo, minha pele derreteria até pingar dos meus ossos. Eu conseguia ouvir o vento que às vezes sopra lá de dentro se tornar um ciclone por conta própria. E soube que *aquilo* estava chegando. A coisa com a cabeça de capacete.

{*Ele gesticula novamente para as tiras de papel na lixeira.*}

Ela estava vindo, e, se eu a visse tão de perto assim, iria enlouquecer. Minha vida terminaria dentro daquele círculo, tirando fotos que não mostrariam nada além de nuvens cinza. Mas algo me impeliu adiante. E, quando cheguei lá, eu...

{*N. se levanta e anda devagar em volta do sofá, traçando deliberadamente um círculo. Os passos dele — ao mesmo tempo circunspectos e saltitantes, como os de uma criança jogando amarelinha — são, de certa forma, medonhos.*

Enquanto dá a volta, ele estende o braço para tocar pedras que eu não consigo ver. Uma... duas... três... quatro... cinco... seis... sete... oito. Porque oito é par e bota tudo no lugar. Então ele para e olha para mim. Já tive pacientes em crise — muitos —, mas nunca havia visto um olhar tão assombrado. Eu vejo horror nele, mas não loucura; vejo lucidez em vez de desorientação. Isso tudo só pode ser um delírio, é claro, mas não há dúvida de que ele o compreende totalmente.

{*Eu digo: "Quando entrou lá, você as tocou."*}

Sim, eu as toquei, uma depois da outra. E não posso dizer que senti o mundo ficar mais seguro — mais sólido, mais *presente* — a cada pedra que toquei, pois estaria mentindo. Foi a cada duas pedras. Só com os números pares, entende? Aquela escuridão que se revolvia lá dentro começou a recuar a cada par e, quando cheguei a oito, ela sumiu. O mato dentro das pedras estava amarelo e morto, mas a escuridão tinha sumido. E em algum lugar — bem ao longe — eu ouvi um pássaro cantar.

Eu me afastei. O sol já estava alto no céu àquela hora e o rio fantasma sobre o rio de verdade tinha desaparecido por completo. As pedras pareciam pedras novamente. Oito pedregulhos de granito em um campo, que nem mesmo formavam um círculo, a não ser que você se esforçasse para imaginá-lo. E eu senti que estava me *dividindo*. Parte da minha mente sabia que aquilo tudo era fruto da minha imaginação e que minha imaginação estava com algum tipo de doença. A outra sabia que era tudo verdade. Essa parte inclusive entendia por que as coisas tinham melhorado por um tempo.

É o solstício, entende? Esse é um padrão que se repete em todo o mundo — não só no Stonehenge, mas na América do Sul e na África, e até no Ártico! Acontece também no Meio-Oeste dos Estados Unidos — até minha filha viu, e ela não sabe nada sobre isso! *Círculos ingleses*, ela disse! *É* um calendário — Stonehenge e todos os outros, marcando não só os dias e os meses, mas as épocas de maior e menor perigo.

Aquela cisão na minha mente estava acabando comigo. *Está* acabando comigo. Eu já fui até lá mais de dez vezes desde aquele dia, e no dia 21 — no dia da consulta que tive que cancelar, o senhor lembra?

{*Eu lhe digo que sim, é claro que me lembro.*}

Eu passei aquele dia inteiro no Ackerman's Field, observando e contando. Porque o solstício do verão foi no dia 21. O dia de *maior* perigo. Assim como o solstício de inverno em dezembro é o dia de *menor* perigo. Foi no ano passado e será novamente este ano, como tem sido todos os anos desde o início dos tempos. E, nos meses seguintes, até o outono pelo menos — o trabalho que eu

tenho não é mole. No dia 21... nem sei dizer como foi terrível lá em cima. A maneira como aquela oitava pedra não parava de sumir e reaparecer. Como foi difícil me concentrar para trazê-las de volta ao mundo... A maneira como a escuridão ia e vinha... ia e vinha... como a maré. Uma vez eu cochilei e, quando ergui os olhos, havia um olho inumano — um olho pavoroso de três lóbulos — me encarando. Eu gritei, mas não saí correndo. Porque o mundo estava dependendo de mim. Dependendo de mim sem nem mesmo saber disso. Em vez de correr, eu ergui minha câmera e olhei através do visor. Oito pedras. Nenhum olho. Mas, depois disso, me mantive acordado.

Finalmente o círculo se estabilizou e eu soube que podia ir embora. Pelo menos por aquele dia. Mas o sol estava se pondo novamente, como naquele primeiro fim de tarde; uma bola de fogo sentada sobre o horizonte, transformando o Androscoggin em uma cobra sanguinolenta.

E, doutor, quer isso seja ser real ou apenas um delírio, o trabalho é duro do mesmo jeito. Sem falar na responsabilidade! Estou tão cansado. Isso sim é que é ter o peso do mundo sobre os seus ombros...

{*Ele está de volta ao sofá. É um homem grande, mas agora parece pequeno e franzino. Então, ele sorri.*}

Pelo menos vou ter uma folga no inverno que vem. Se eu chegar até lá. E quer saber? Acho que já acabamos nosso trabalho, você e eu. Como eles diziam antigamente no rádio: “Isso encerra o programa de hoje.” Embora... quem sabe? Talvez o senhor me veja novamente. Ou pelo menos ouça falar de mim.

{*Eu lhe digo que pelo contrário, ainda temos muito trabalho a fazer. Digo que ele está carregando um peso nas costas, um gorila invisível de 300 quilos, e que juntos podemos convencê-lo a descer dali. Digo que podemos conseguir, mas que vai levar tempo. Digo todas essas coisas e faço duas receitas para ele, mas no fundo eu temo que ele esteja falando sério; que ele esteja farto. N. até apanha as receitas, mas está farto. Talvez apenas de mim; talvez da própria vida.*}

Obrigado, doutor. Por tudo. Por *ouvir*. E quanto àquilo ali?

{*Ele aponta para a mesa diante do sofá, com seu arranjo meticuloso.*}

Eu não mexeria, se fosse o senhor.

{*Eu lhe dou um cartão com a data da próxima consulta, que ele guarda com cuidado no bolso. E, quando dá uma batidinha nele com a mão para se certificar de que o cartão está seguro, eu penso que talvez esteja enganado, que realmente irei vê-lo no dia 5 de julho. Já me enganei outras vezes. Passei a*

gostar de N., e não quero que ele entre naquele círculo de pedras para não sair mais. Ele só existe na sua cabeça, mas isso não significa que não seja real.}

{Fim da Última Sessão}

4. Manuscrito do dr. Bonsaint (Fragmentos)

5 de julho de 2007

Eu liguei para a casa dele quando vi o obituário. Quem atendeu foi C., a filha que estuda aqui no Maine. Ela manteve a compostura de forma extraordinária, dizendo que, no fundo, não ficou surpresa. Disse para mim que foi a primeira a chegar à casa de N. em Portland (seu emprego de verão fica em Camden, não muito longe dali), mas eu conseguia escutar outras pessoas na casa. Isso é bom. A família existe por vários motivos, mas sua função mais básica talvez seja se unir quando um de seus membros morre, o que se torna mais importante ainda quando a morte é violenta ou inesperada — assassinato ou suicídio.

Ela sabia quem eu era. Falou sem rodeios. Sim, tinha sido suicídio. No carro dele. Na garagem. Toalhas ao longo dos vãos debaixo das portas — um número par delas, tenho certeza. Dez ou vinte; ambos bons números, de acordo com N. Trinta já não é tão bom, mas quem — especialmente um homem que morava sozinho — teria trinta toalhas em casa? Ninguém, imagino. Eu certamente não.

Haveria um inquérito, disse ela. Eles encontrarão drogas — as que eu prescrevi, sem dúvida — no seu organismo, mas provavelmente não em quantidades letais. Não que isso tenha importância, a meu ver; N. está morto do mesmo jeito, seja qual for a causa.

Ela me perguntou seu eu iria ao funeral. Fiquei comovido. À beira das lágrimas, na verdade. Falei que sim, se a família aceitasse minha presença. Parecendo surpresa, ela me disse que é claro que eles aceitariam... por que não?

— Porque no fim das contas eu não consegui ajudá-lo — falei.

— O senhor tentou — disse ela. — Isso é o mais importante. — E eu senti meus olhos arderem novamente. Quanta bondade.

Antes de desligar, eu lhe perguntei se ele tinha deixado um bilhete. Ela disse que sim. Três palavras. *Estou tão cansado*.

Ele deveria ter acrescentado o próprio nome. Assim ficariam quatro.

7 de julho de 2007

Tanto na igreja quanto no cemitério, os parentes de N. — em especial C. — me acolheram e fizeram com que eu me sentisse bem-vindo. O milagre da família, que consegue ampliar seu círculo mesmo em momentos tão críticos. Até para um estranho. Eram quase cem pessoas, muitas delas parte da família estendida oriunda de sua vida profissional. Eu chorei ao lado da cova. Não fiquei surpreso e tampouco envergonhado: a identificação entre analista e paciente pode ser uma coisa poderosa. C. segurou minha mão, me abraçou e me agradeceu por eu ter tentado ajudar seu pai. Eu lhe agradeci, mas me senti um impostor, um fracassado.

Um belo dia de verão. Que deboche.

Estive ouvindo as fitas das nossas sessões hoje à noite. Acho que vou transcrevê-las. A história de N. sem dúvida rende pelo menos um artigo — uma pequena contribuição para a literatura sobre o transtorno obsessivo-compulsivo —, e talvez algo mais extenso. Um livro. Ainda assim, fico hesitante. O que me deixa com o pé atrás é saber que teria que visitar aquele campo e comparar a fantasia de N. à realidade. O mundo dele ao meu. Que o campo existe, não tenho dúvidas. E as pedras? Sim, provavelmente elas também. Com nenhum significado além dos que suas compulsões atribuíram a elas.

Belo pôr do sol vermelho esta noite.

17 de julho de 2007

Tirei o dia de folga e fui para Motton. A ideia estava na minha cabeça, e, no fim das contas, não vi motivo para deixar de ir. Eu estava “embromando”, como costumava dizer a nossa mãe. Se pretendia escrever sobre o caso de N., esse tipo de embromação teria que parar. Chega de desculpas. Com pontos de referência da minha infância para me guiar — a ponte da Bale Road (que Sheila e eu costumávamos chamar, por motivos que já não recordo mais, de ponte do Sem Erro), a Boy Hill e, especialmente, o cemitério Serenity Ridge —, eu achava que iria encontrar a estrada de N. sem muito problema, e encontrei. Havia pouco espaço para dúvida, pois era a única estrada de terra fechada por uma corrente e com uma placa de PROIBIDA A ENTRADA.

Parei o carro no estacionamento do cemitério, conforme N. havia feito antes de mim. Embora fizesse um meio-dia quente e ensolarado de verão, eu conseguia ouvir apenas alguns poucos pássaros cantando, e muito ao longe. Não passavam carros na Rota 117, apenas um caminhão madeireiro sobrecarregado que passou zunindo a 110 por hora, soprando meu cabelo de cima da testa com uma rajada de ar quente e fumaça oleosa. Depois disso, restei apenas eu ali.

Pensei nas caminhadas da minha infância até a ponte do Sem Erro com minha pequena vara de pescar apoiada no ombro como uma carabina de soldado. Nunca sentia medo naquela época, e disse a mim mesmo que não estava com medo ali.

Mas estava. E também não interpreto esse medo como sendo totalmente irracional. Refazer os passos da doença mental de um paciente até sua origem nunca é algo confortável.

Fiquei parado diante da corrente, me perguntando se queria mesmo fazer aquilo — se queria invadir não só uma propriedade que não era minha, mas uma fantasia obsessivo-compulsiva que quase sem dúvida tinha matado o homem que a possuía. (Ou — o que era provavelmente mais exato — que foi possuído por ela.) A escolha já não parecia tão clara quanto pela manhã, quando coloquei minha calça jeans e minhas velhas botas de trilha vermelhas. Pela manhã, ela me pareceu simples: "Vá até lá e compare a realidade à fantasia de N., ou desista da ideia de escrever o artigo (ou livro)." Mas o que é a realidade? Quem sou eu para insistir que o mundo percebido pelos sentidos do dr. B. é mais "real" do que o percebido pelos sentidos do falecido contador N.?

A resposta para isso me pareceu clara o suficiente: o dr. B. é um homem que não cometeu suicídio, que não conta, toca ou organiza as coisas, que acredita que números, sejam eles pares ou ímpares, são apenas números. O dr. B. é um homem capaz de lidar com o mundo. No frigir dos ovos, o contador N. não era. Portanto, a percepção da realidade do dr. B. é mais viável do que a do contador N.

Contudo, quando cheguei lá e senti o poder silencioso daquele lugar (mesmo do final da estrada, antes de atravessar a corrente), me ocorreu que a escolha era na verdade muito mais simples: subir aquela estrada deserta até o Ackerman's Field ou dar as costas a ela e voltar andando pelo asfalto até o meu carro. Ir embora. Esquecer o possível livro, esquecer o bem mais provável artigo. Esquecer N. e seguir com a minha própria vida.

Mas havia um porém.

Ir embora poderia (e digo que apenas *poderia*) significar que, em algum nível, no fundo do meu inconsciente, onde todas as velhas superstições ainda sobrevivem (de mãos dadas com todos os velhos impulsos febris), eu havia aceitado a crença de N. de que o Ackerman's Field continha um lugar frágil, protegido por pedras mágicas em círculo, e que se eu fosse até lá poderia reativar algum processo terrível, alguma *batalha* terrível, a qual N. supôs que seu suicídio poderia impedir (ao menos temporariamente). Isso significaria que eu

havia aceitado (naquela mesma parte profunda de mim onde somos todos quase tão semelhantes uns aos outros quanto formigas trabalhando em um formigueiro subterrâneo) a ideia de que estava fadado a ser o próximo guardião. Que havia sido convocado. E se eu cedesse a uma noção dessas...

— Minha vida jamais seria a mesma — falei em voz alta. — Eu jamais conseguiria olhar para o mundo como antes.

De repente, tudo aquilo pareceu muito sério. Às vezes nós nos desviamos do nosso caminho, não é mesmo? Em direção a lugares onde as escolhas deixam de ser simples e as consequências de se tomar a decisão errada se tornam graves. Talvez a ponto de ameaçarem nossa vida ou nossa sanidade.

Mas... e se elas não forem escolhas de fato? E se apenas *parecerem* escolhas?

Eu afastei a ideia da cabeça e me espremi para passar por uma das estacas que sustentavam a corrente. Eu já havia sido chamado de charlatão tanto pelos meus pacientes quanto (de brincadeira, imagino) pelos meus colegas, mas não tinha intenção de me ver dessa maneira; de me olhar no espelho enquanto fazia a barba e pensar: *Eis um homem que foi influenciado em uma situação crítica não pelo seu próprio raciocínio, mas pelo delírio de um paciente morto.*

Não havia árvores bloqueando a estrada, mas eu vi várias — bétulas e pinheiros em sua maioria — caídas na vala durante a subida. Elas poderiam ter caído este ano e sido arrastadas para lá, ou no ano passado, ou no retrasado. Não tinha como saber. Não sou nenhum lenhador.

Cheguei ao pé de uma colina e vi que as árvores recuavam dos dois lados, revelando uma grande extensão de céu quente de verão. Era como adentrar a cabeça de N. Parei na metade da subida, não porque estava sem fôlego, mas para me perguntar uma última vez se era aquilo que eu queria. Então prossegui.

Quem me dera não ter feito isso.

O campo estava lá, e a vista que se descortinava para o oeste era tão espetacular quanto N. havia sugerido — de tirar o fôlego, na verdade. Mesmo com o sol alto e amarelo em vez de sentado vermelho sobre o horizonte. As pedras estavam lá, também, a uns 40 metros encosta abaixo. E sim, *havia* um quê de circularidade nelas, embora não formassem de jeito nenhum o tipo de círculo que se vê no Stonehenge. Eu as contei. Eram oito, conforme N. tinha dito.

(Exceto quando ele dizia que eram sete.)

O mato dentro daquele conjunto assimétrico realmente parecia um pouco desigual e amarelado, comparado à vegetação que chega à altura do joelho no resto do campo (ela se estende até um amplo terreno de carvalhos, pinheiros e

bétulas), mas não estava de forma alguma morto. O que mais chamou minha atenção foi um pequeno grupo de sumagres. Eles também não estavam mortos — pelo menos acho que não, mas as folhas estavam pretas em vez de verdes e raiadas de vermelho, e não tinham uma forma específica. Eram deformadas, de certa forma difíceis de olhar. Ofendiam a ordem que nossos olhos esperam. Não consigo explicar melhor do que isso.

Cerca de 10 metros à frente de onde eu estava, vi alguma coisa branca presa em um dos arbustos. Andei até ela, vi que era um envelope e soube que N. o havia deixado para mim. Senti um frio na barriga terrível. Uma sensação clara de que, quando escolhi ir até ali (se é que *foi* uma escolha), tomei a decisão errada. Que fiz questão de tomar a decisão errada, na verdade, tendo sido educado como fui para confiar no meu intelecto, e não nos meus instintos.

Tolice. Eu sei que não deveria estar pensando assim.

Mas é claro (aí é que está!) que N. também sabia, e continuou pensando assim da mesma forma. Sem dúvida contando as toalhas até mesmo quando se preparava para o próprio...

Para se certificar de que era um número par.

Merda. A mente inventa truques curiosos, não é mesmo? Rostos aparecendo nas sombras.

O envelope estava dentro de um saco plástico para não molhar. As letras na frente dele estavam perfeitamente firmes, perfeitamente claras: **DR. JOHN BONSAINT**.

Eu o retirei do saco, então olhei encosta abaixo para as pedras novamente. Ainda oito. É claro que sim. Mas nenhum pássaro ou grilo cantava. O dia estava prendendo a respiração. Cada sombra estava talhada, imóvel. Agora entendo o que N. quis dizer sobre a sensação de ser lançado de volta no tempo.

Havia algo dentro do envelope; eu conseguia senti-lo deslizar de um lado para o outro, e meus dedos sabiam o que era antes mesmo de eu rasgar a beirada do envelope e deixá-lo cair na palma da minha mão. Uma chave.

E também um bilhete. Apenas duas palavras. *Desculpe, doutor*. E o nome dele, é claro. O primeiro somente. Isso dá três palavras, ao todo. Não um bom número. Pelo menos de acordo com N.

Eu guardo a chave no bolso e paro diante de um sumagre que não parecia um sumagre — folhas pretas, galhos retorcidos até quase parecerem runas, ou letras...

Não *CTHUN*!

... e decidi: *Hora de ir embora. Já chega. Se houve alguma mutação nos arbustos, algum problema ambiental que envenenou o solo, pouco me interessa. Os arbustos não são o que importa neste lugar; o que importa são as pedras. Tem oito aqui. Você testou o mundo e o encontrou da maneira que esperava encontrar, da maneira que sabia que ele estaria, que sempre esteve. Se este campo parece silencioso demais — carregado, de certa forma —, isso é sem dúvida um efeito residual da história de N. na sua própria mente. Isso sem falar no suicídio dele. Agora, volte para a sua vida. Esqueça o silêncio, ou a sensação — que paira sobre a sua mente como uma nuvem de trovoada — de que existe algo a espreita nele. Voltei para a sua vida, dr. B.*

Volte enquanto pode.

Eu retornei para o final da estrada. O mato verde alto sussurrando contra o meu jeans como uma voz grave, ofegante. O sol castigando meu pescoço e ombros.

Tive o impulso de me virar e olhar novamente. Um impulso forte. Eu o enfrentei e perdi.

Quando me virei, vi sete pedras. Não oito, mas sete. Eu as contei duas vezes para me certificar. E *parecia* mais escuro dentro delas, como se uma nuvem tivesse passado sobre o sol. Uma tão pequena que fazia sombra apenas naquele lugar. Só que não parecia uma sombra. Parecia uma escuridão *peculiar*, que se movia por sobre o mato amarelo e desbotado, girando em torno de si mesma e então se projetando novamente em direção à brecha onde, eu tinha certeza (*quase* certeza; esse era o diabo), havia uma oitava pedra quando eu cheguei.

Eu pensei: *Não tenho uma câmera para olhar pelo visor e trazê-la de volta*.

Eu pensei: *Tenho que fazer isso parar enquanto ainda consigo me convencer de que nada está acontecendo.* Certo ou errado, eu estava menos preocupado com o destino do mundo do que com perder o controle da minha própria percepção; perder o controle da minha *ideia* de mundo. Não acreditei nem por um instante no delírio de N., mas aquela escuridão...

Não queria que ela fincasse o pé, entende? Não queria que ela fincasse nem um *dedo*.

Guardei a chave de volta no envelope rasgado e o enfiei no bolso de trás da calça, mas ainda estava com o saco plástico na mão. Sem pensar bem no que estava fazendo, o ergui diante dos olhos e olhei para as pedras através dele. Elas ficaram um pouco distorcidas, um pouco turvas quando estiquei o plástico, mas ainda dava para vê-las bem o suficiente. Elas eram oito novamente, com certeza, e aquela suposta escuridão...

Aquele funil

Ou túnel

... desapareceu. (É claro que nunca esteve lá, para começo de conversa.) Eu baixei o saco plástico — não sem um pouco de tremor, admito — e olhei bem reto para as pedras. Oito. Sólidas como os alicerces do Taj Mahal. Oito.

Andei de volta até a estrada, sempre lutando contra a compulsão de dar mais uma olhada. Por que olhar de novo? Oito é oito. Não adianta ficar afoito. (Minha piadinha particular.)

Eu decidi não escrever o artigo. Melhor deixar essa história toda de N. para trás. O importante é que eu *fui* até lá e enfrentei — tenho toda a certeza de que isso é verdade — a loucura que existe em todos nós, tanto nos drs. B. do mundo quanto nos N. Como eles diziam mesmo na época da Primeira Guerra Mundial? "Ir ver o elefante." Eu fui ver o elefante, mas isso não significa que preciso *desenhá-lo*. Ou, no meu caso, descrevê-lo por escrito.

E se eu achasse que vi algo mais? Se, por alguns segundos...

Bem, é verdade. Mas espere um instante. Isso serve apenas para mostrar a força do delírio que subjugou o pobre N. Para explicar seu suicídio de maneira que nenhum bilhete conseguiria. Porém, algumas coisas é melhor que as deixemos no seu canto. Esse provavelmente é um caso. Aquela escuridão...

Aquele túnel-funil, aquela *suposta*...

Seja como for, para mim chega de N. Nada de livro, nada de artigo. "Vire a página." A chave sem dúvida abre o cadeado da corrente no final da estrada, mas jamais irei usá-la. Eu a joguei fora.

"E vá para cama", como diria o ilustre e saudoso Sammy Pepys.[11]

Sol vermelho hoje à noite, alegria dos marinheiros,[12] brilhando sobre aquele campo. Névoa subindo do mato? Talvez. Do mato verde. Não do amarelo.

O Androscoggin ficará vermelho hoje à noite, uma cobra longa, sangrando em um canal de parto morto. (Imagine só!) Eu gostaria de ver isso. Não sei por quê. Admito.

É só cansaço. Terá passado amanhã de manhã. Amanhã de manhã, talvez eu até volte a cogitar o artigo. Ou o livro. Mas não hoje à noite.

Agora é ir para a cama.

18 de julho de 2007

Peguei a chave do lixo hoje pela manhã e a guardei na gaveta da minha mesa. Jogá-la fora me parece muito admitir a possibilidade de que haja algo. Se é que você me entende.

Enfim. E, seja como for: é só uma chave.

27 de julho de 2007

Está certo, eu admito. Venho contando algumas coisas e me certificando de que os números à minha volta são pares. Clipes de papel. Lápis no jarro. Coisas do gênero. Fazer isso é estranhamente tranquilizador. Peguei a gripe de N., não há dúvida. (Minha piadinha particular, embora não seja piada.)

Meu mentor-psiquiatra é o dr. J., em Augusta, atualmente chefe de pessoal no Serenity Hill. Eu liguei para ele e nós conversamos em termos gerais — sob o pretexto de uma pesquisa para um artigo que eu estava querendo apresentar neste inverno na convenção de Chicago, o que era mentira, é claro, mas às vezes, bem, é mais fácil assim — sobre a natureza transferível dos sintomas do TOC, do paciente para o analista. J. confirmou minhas pesquisas. O fenômeno não é comum, mas também não chega a ser raro.

Ele disse:

— Você não tem nenhum interesse pessoal nisso, tem, Johnny?

Perspicaz. Observador. Como sempre. Sem falar na quantidade de informação que tem sobre este que vos escreve!

— Não — respondi. — Só me interessei pelo assunto. Na verdade, se tornou uma espécie de compulsão para mim.

Terminamos a conversa rindo e então eu fui até a mesinha de centro e contei os livros que estavam ali. Seis. Bom. Seis resolve de vez. (A riminha de N.) Conferi a gaveta para me certificar de que a chave estava lá e é claro que ela estava, onde mais estaria? Uma chave. Um é bom ou ruim? Sabe como é: “O queijo fica sozinho.”[13] Provavelmente não tem nada a ver, mas faz você pensar!

Comecei a sair da sala, mas então me lembrei de que havia revistas na mesinha de centro além dos livros e me pus a contá-las também. Sete! Peguei a *People* com o Brad Pitt na capa e a joguei no lixo.

Veja bem, se faz com eu me sinta melhor, qual é o problema? E era só o Brad Pitt!

E, se piorar, eu *vou* abrir o jogo com J. Essa é uma promessa que eu faço a mim mesmo.

Acho que uma receita de Neurontin poderia ajudar. Embora seja um medicamento contra epilepsia, estritamente falando, ele já se mostrou útil em casos como o meu. É claro...

3 de agosto de 2007

A quem eu estou enganando? Não *existem* casos como o meu, e o Neurontin não ajuda. Mais inútil que buzina em avião.

Mas contar ajuda. Estranhamente tranquilizador. E outra coisa. *A chave estava do lado errado da gaveta!* Isso foi uma intuição, mas não devemos DESDENHAR da intuição. Eu a troquei de lugar. Melhor assim. Então coloquei outra chave (a do cofre) do lado oposto. Pareceu equilibrar as coisas. Seis resolve de vez, mas dois dá nome aos bois (piada). Dormi bem na noite passada.

Na verdade, não. Pesadelos. O Androscoggin ao pôr do sol. Uma ferida vermelha. Um canal de parto. Só que morto.

10 de agosto de 2007

Tem algo de errado lá fora. A oitava pedra está enfraquecendo. Não faz sentido dizer a mim mesmo que não, pois cada nervo do meu corpo — *cada célula da minha pele!!* — afirma que isso é verdade. Contar livros (e sapatos, sim, é verdade, conforme a intuição de N., que não deve ser "desdenhada") ajuda, mas não soluciona O PROBLEMA FUNDAMENTAL. Nem mesmo Posicionar na Diagonal ajuda muito, embora certamente...

Farelos de torrada no balcão da cozinha, por exemplo. Você pode alinhá-los com a lâmina de uma faca. Linhas de açúcar na mesa, RÁ! Mas quem sabe quantos farelos são? Quantos grãos de açúcar? São tantos que não dá pra contar!!

Preciso dar um fim nisso. Estou indo para lá.

Vou levar uma câmera.

11 de agosto de 2007

A escuridão. Santo Deus. Estava *quase completa*. E tem mais.

A escuridão tinha um olho.

12 de agosto

Se eu vi alguma coisa? De verdade?

Não sei dizer. Acho que sim, mas não sei.

Tem 21 palavras nesta entrada.

24 é melhor.

19 de agosto

Peguei o telefone para telefonar para J. e lhe contar o que está acontecendo comigo, mas então o larguei de volta. O que poderia dizer a ele? Além do mais: 1-207-555-1863 = 11. Um número ruim.

Valium ajuda mais do que Neurontin. Eu acho. Desde que eu não exagere na dose.

16 set

De volta de Motown. Encharcado de suor. Tremendo. Mas oito novamente. Eu consertei. Eu! CONSERTEI! Graças a Deus. Mas...

Mas!

Não posso viver minha vida assim.

Não, mas — FOI POR POUCO. *A COISA ESTAVA PRESTES A SAIR*. A proteção dura até certo ponto, depois é preciso uma visita domiciliar! (Minha piadinha particular.)

Eu vi o olho de três lóbulos de que N. havia falado. Ele não pertence a nada deste mundo ou deste universo.

Está tentando abrir caminho a dentadas para o lado de cá.

Só que eu não aceito isso. Deixei a obsessão de N. meter o dedo na minha psique (ela está fazendo o exame da dedada comigo, se é que você entende minha piadinha) e ela não parou de arregaçar o buraco, enfiando um segundo dedo, um terceiro, a mão inteira. Me rasgando. Rasgando a minha

Mas!

Eu vi com meus próprios olhos. Existe um mundo por trás deste mundo, cheio de monstros

Deuses

DEUSES ABOMINÁVEIS!

Tem uma coisa. Se eu me matar, o que acontece? Se não for real, o tormento acaba do mesmo jeito. Se for, a oitava pedra lá fora se solidifica novamente. Pelo menos até outro desavisado — o próximo "GUARDIÃO" — sair explorando aquela estrada e encontrar...

Isso quase torna o suicídio uma boa opção!

9 de outubro de 2007

Melhor ultimamente. Pareço ter mais controle sobre minhas próprias ideias. E, na última vez em que fui até o Ackerman's Field (dois dias atrás), minhas preocupações foram em vão. Havia oito pedras lá. Eu olhei para elas — sólidas como casas — e vi um corvo no céu. Ele desviou para evitar o espaço aéreo sobre as pedras, "verdade verdadeira" (piada), mas estava lá. E, parado no final da estrada com a câmera pendurada no pescoço (não tem foto que saia em Motton, aquelas pedras não podem ser fotografadas, pelo menos quanto a isso N. tinha razão; contaminação por radônio, talvez??), eu me perguntei como jamais poderia ter pensado que eram apenas sete. Admito que contei meus passos de volta para o carro (e então dei umas voltinhas quando um número ímpar me levou até a porta do motorista), porém esse tipo de coisa não acaba de uma hora para outra. É como sentir CÂIMBRAS na MENTE! Mas ainda assim...

Será que posso ousar ter esperanças de que estou melhorando?

10 de outubro de 2007

É claro que existe outra possibilidade, por mais que eu deteste admiti-la: a de que N. tivesse razão quanto aos solstícios. Estamos saindo de um para entrar em outro agora. O verão acabou; o inverno está por vir. O que, se for verdade, é uma boa notícia apenas no curto prazo. Se eu tiver que lidar com esse tipo de espasmo mental angustiante na primavera que vem... e na outra depois dela...

Eu simplesmente não conseguiria.

Como aquele olho me assombra... Pairando na escuridão cada vez maior.

Outras coisas por trás dele

CTHUN!

16 de novembro de 2007

Oito. Sempre foram. Estou certo disso agora. Hoje o campo estava silencioso, o mato morto, as árvores ao pé da colina desfolhadas, o Androscoggin cinza feito aço sob um céu de ferro. O mundo no aguardo da neve.

E meu Deus, o melhor de tudo: um pássaro empoleirado em uma daquelas pedras!

UM PÁSSARO!

Somente quando estava voltando para Lewiston me dei conta de que nem fiz questão de contar meus passos quando estava voltando para o carro.

A verdade é a seguinte. O que provavelmente é a verdade. Eu peguei uma gripe de um dos meus pacientes, mas agora estou melhorando. A tosse passou, o nariz está desentupindo.

A piada era comigo esse tempo todo.

25 de dezembro de 2007

Participei da ceia de Natal e do ritual da troca de presentes com Sheila e sua família. Quando Don levou Seth para o ritual à luz de velas na igreja (tenho certeza de que os bons metodistas ficariam chocados se soubessem das origens pagãs de rituais como esse), Sheila apertou minha mão e disse: “Você está de volta. Fico feliz. Eu estava preocupada.”

Pelo jeito não dá pra enganar o sangue do seu sangue. Dr. J. pode ter apenas suspeitado que havia algo de errado, mas Sheila sabia. Querida Sheila.

— Tive uma espécie de crise no verão e outono passados — falei. — Pode-se dizer que foi uma crise espiritual.

Embora tivesse sido mais uma crise psíquica. Quando um homem começa a achar que o único propósito da sua percepção da realidade é ocultar a existência de outros mundos terríveis — isso é uma crise psíquica.

Sheila, prática como sempre, disse:

— Desde que não tenha sido um câncer, Johnny. Era esse o meu medo.

Querida Sheila! Eu ri e a abracei.

Mais tarde, enquanto estávamos dando uma última arrumada na cozinha (e bebericando licor de ovo), eu lhe perguntei se ela lembrava por que nós costumávamos chamar a ponte da Bale Road de ponte do Sem Erro. Ela entortou a cabeça e riu.

— Foi aquele seu amigo quem inventou isso. Aquele por quem eu era apaixonada.

— Charlie Keen — falei. — Não o vejo há milênios. Só na tevê. O pobre homem é uma espécie de Sanjay Gupta.

Ela bateu no meu braço.

— A inveja não lhe cai bem, meu querido. Enfim, nós estávamos pescando um dia naquela ponte, com aquelas nossas varinhas de pescar, sabe?, e Charlie olhou por cima do parapeito e disse: “Puxa, se você quiser morrer é só cair daqui que não tem erro.” Isso nos pareceu muito engraçado, e nós rimos feito loucos. Não lembra?

Mas então eu me lembrei. A ponte da Bale Road virou a ponte do Sem Erro a partir daquele dia. E o que o velho Charlie disse era bem verdade. O córrego é bem raso naquele lugar. É claro que ele segue até o Androscoggin (deve dar para ver o ponto em que eles se unem do Ackerman’s Field, embora eu nunca tenha notado), que é muito mais profundo. E o Androscoggin segue até o mar. Um mundo sempre dá em outro, não é mesmo? Cada qual mais profundo que o anterior; esse é um modelo ostentado pelo planeta inteiro.

Don e Seth voltaram, o rapagão e o rapazinho de Sheila, salpicados de neve dos pés à cabeça. Nos abraçamos os quatro, uma coisa bem New Age, e então voltei para casa ouvindo canções natalinas no carro. Feliz de verdade pela primeira vez em muito tempo.

Acho que estas anotações... este diário... esta crônica da loucura evitada (talvez por um fio, me parece que realmente quase “caí da ponte”)... acho que isto pode acabar agora.

Graças a Deus, e feliz Natal para mim.

1º de abril de 2008

É 1º de abril e fui eu que levei o trote. Acordei de um sonho com o Ackerman’s Field.

Nele, o céu e o rio no seu vale estavam azuis — o azul do rio mais escuro —, a neve estava derretendo, as primeiras folhas da relva brotavam das faixas restantes de brancura, e novamente havia apenas sete pedras. Novamente havia

uma escuridão dentro do círculo. Apenas uma mancha por enquanto, mas que ficará mais espessa se eu não der um jeito nela.

Eu contei livros depois de acordar (64, um bom número, par e divisível até o um — pense nisso) e, quando isso não foi o suficiente, derramei café no balcão da cozinha e tracei uma diagonal. Isso deu conta do recado — por enquanto —, mas eu teria que ir até lá e fazer outra "visita domiciliar". Não posso ficar de embromação.

Porque está começando outra vez.

A neve quase acabou, o solstício de verão está chegando (ainda além do horizonte, mas chegando) e começou outra vez.

Eu me sinto

Deus me perdoe, eu me sinto com um paciente de câncer que estava se recuperando e acorda uma bela manhã com um inchaço enorme debaixo do braço.

Não vou conseguir.

Preciso conseguir.

{Mais tarde}

Ainda havia neve na estrada, mas eu cheguei até o "AF" sem problemas. Deixei meu carro no estacionamento do cemitério e fui andando. Havia de fato apenas sete pedras, como no meu sonho. Olhei pelo visor da minha câmera. Oito novamente. Oito é par e prende o mundo no lugar. Ótimo.

Para o mundo!

Não tão ótimo para o dr. Bonsaint.

O fato de isso estar acontecendo de novo; minha mente chega a gemer diante da possibilidade.

Por favor, Deus, não permita que esteja acontecendo de novo.

6 de abril de 2008

Hoje eu demorei mais para transformar sete em oito, e sei que tenho muito trabalho "de fôlego" à minha frente, isto é, contar coisas e traçar diagonais e — não organizar, N. estava enganado quanto a isso — é *equilibrar* o que precisa ser feito. É algo simbólico, como a partilha da mão e o vingo na comunhão.

Só que eu estou cansado. E o solstíchio ainda está tão longe...

A coisa já está ganhando poder e o solstic está tão longe...

Queria que N. tivesse morrido antes de ir ao meu consultório. Aquele desgraçado egoísta.

2 de maio de 2008

Achei que aquilo fosse me matar desta vez. Ou destruir minha mente. Minha mente *está* destruída? Meu Deus, como eu vou saber? Não existe Deus, não pode existir Deus diante daquela escuridão, e do OLHO à espreita dentro dela. E outra coisa.

A COISA COM A CABEÇA DE CAPACETE. NASCIDA DA ESCURIDÃO VIVA E INSANA.

Dava para ouvir um canto. Um canto vindo das profundezas do círculo de pedra, das profundezas da escuridão. Mas eu transformei sete em oito novamente, embora tenha demorado muito muito muito muido muito tempo. Muitas olhadas pelo vedor da câmera, além de fazer círculos e contar os passos, ampliando o círculo até 64 passadas, o que deu certo, graças a deus. “Num giro em expansão” — Yeets![14] Então eu olhei para cima. Olhei em volta. E vi o nome *da coisa* trançado em cada arbusto e cada árvore ao pé daquele campo infernal: *Cthun*, *Cthun*, *Cthun*, *Cthun*. Olhei para o céu em busca de alífio e vi as novens soletrarem aquilo enquanto atravessavam o azul: *CTHUN* no céu. Olhei para o rio e vi as curvas dele formarem um C gigante. C de Cthun.

Como eu posso ser responsável pelo mundo? Como pode uma coisa dessas?

Não é susto!!!!!!!!

4 de maio de 2008

Se me matando eu puder fechar a porta

E daí a paz, mesmo sendo apenas a pas do esquerimento

Vou voltar para lá novamente, mas desta vez não vou até o fim. Só até a ponte do Sem Erro. A água lá é rasa, o leito cheio de pedras.

A queda deve ter quase 10 metros.

Não é dos melhores números, mas enfim

É só cair dali que não tem erro

Não tem erro

Não consigo parar de pensar naquele olho horrível de três lóbulos

Na coisa com a cabeça de capacete

Nos rostos gritando nas pedras

CTHUN!

{Fim do manuscrito do dr. Bonsaint.}

5. A Segunda Carta

8 de junho de 2008

Querido Charlie,

Não tive notícias suas sobre o manuscrito de Johnny, e isso é bom. Por favor, ignore minha última carta e, se tiver guardado as páginas, queime-as. Era o desejo de Johnny, e eu própria deveria tê-lo honrado.

Eu disse a mim mesma que iria apenas até a ponte do Sem Erro — para ver o lugar onde tivemos tantos momentos felizes quando crianças, o lugar onde ele deu cabo da própria vida quando os momentos felizes acabaram. Disse a mim mesma que talvez trouxesse uma sensação de desfecho (essa é a palavra que Johnny teria usado). Mas é claro que a mente por trás da minha mente — onde, tenho certeza de que Johnny afirmaria, somos praticamente iguais uns aos outros — sabia que não seria assim. Que outro motivo eu teria para levar a chave?

Porque ela estava lá, no escritório dele. Não na mesma gaveta onde encontrei o manuscrito, mas na do meio — na que ficava em cima do vão para as pernas. Com outra chave para “equilibrar”, como ele disse.

Teria eu mandado a chave junto com o manuscrito se houvesse encontrado os dois no mesmo lugar? Não sei. Não sei mesmo. Mas estou feliz, no geral, com a maneira como as coisas aconteceram. Porque você poderia ter ficado tentado a ir lá. Poderia ter sentido atração por simples curiosidade ou talvez por algo mais. Algo mais forte.

Ou talvez isso seja uma conversa fiada sem tamanho. Talvez eu tenha apanhado a chave, ido até Motton e encontrado a estrada porque sou o que disse ser na minha primeira carta: uma filha de Pandora. Como posso ter certeza? N. não podia. E tampouco meu irmão, nem mesmo nos seus últimos momentos, e como ele costumava dizer: “Eu sou um profissional, não tente fazer isto em casa.”

Seja como for, não se preocupe comigo. Estou bem. E, mesmo que não esteja, sei fazer as contas. Sheila LeClaire tem um marido e um filho. Charlie Keen — pelo que li na Wikipedia — tem uma mulher e três filhos. Portanto, você tem mais a perder. E, além do mais, talvez eu nunca tenha superado aquela paixonite que sentia por você.

Não volte aqui sob nenhuma circunstância. Continue fazendo suas reportagens sobre obesidade, abuso de remédios controlados, enfartos em homens com menos de 50 e coisas assim. Coisas normais assim.

E, se não tiver lido o manuscrito (posso ter esperanças de que sim, mas duvido; estou certa de que Pandora também tem filhos), ignore-o também.

Coloque isso tudo na conta de uma mulher histérica por conta da perda repentina do irmão.

Não existe nada naquele lugar.

Só umas pedras.

Eu vi com meus próprios olhos.

Juro que não existe nada naquele lugar, *então fique longe*.

6. O Artigo de Jornal

[Retirado do *Democrat* de Chester's Mill, 12 de junho de 2008]

MULHER PULA DE PONTE IMITANDO SUICÍDIO DO IRMÃO

Por Julia Shumway

MOTTON — Depois que o renomado psiquiatra John Bonsaint cometeu suicídio pulando da ponte de Bale River nesta cidadezinha do Maine central pouco mais de um mês atrás, sua irmã, Sheila LeClaire, segundo relatos de amigos, vinha se sentindo confusa e deprimida. Seu marido, Donald LeClaire, disse que ela estava "totalmente arrasada". No entanto, prosseguiu ele, ninguém pensou que ela estivesse cogitando o suicídio.

Mas ela estava.

"Embora não haja bilhete algum", disse o legista local Richard Chapman, "todos os demais indícios estão presentes. Seu carro estava bem estacionado e consideravelmente fora da estrada no lado de Harlow da ponte. As portas estavam trancadas e a bolsa dela estava no banco do carona, com a carteira de motorista em cima". Ele afirmou ainda que os sapatos de LeClaire foram encontrados no próprio parapeito, dispostos lado a lado com esmero. Chapman disse que apenas um inquérito poderia determinar se a causa da morte foi afogamento ou o impacto da queda.

Além do marido, Sheila LeClaire deixa um filho de 7 anos de idade. O funeral ainda não foi marcado.

7. O E-mail

keen1981
15:44
15 de junho de 2008

Chrissy,

Por favor, cancele todas os compromissos da semana que vem. Sei que deveria ter avisado antes, e sei o quanto vão falar no seu ouvido, mas não teve jeito. Tenho que cuidar de um assunto lá de onde eu vim, no Maine. Dois velhos amigos, irmão e irmã, cometeram suicídio sob circunstâncias estranhas... e na mesma p*rra de lugar! Levando em consideração o manuscrito extremamente bizarro que a irmã me enviou antes de imitar (*aparentemente* imitar) o suicídio do irmão, acredito que isso mereça ser investigado. O irmão, John Bonsaint, era meu melhor amigo quando eu era criança; salvamos um ao outro de muitas surras no pátio da escola!

Hayden pode fazer a matéria sobre glicemia. Eu sei que ele acha que não, mas pode sim. E, mesmo que não possa, eu tenho que ir. Johnny e Sheila eram praticamente da família.

E, além do mais, não quero parecer um filisteu, mas talvez isso possa render uma matéria. Sobre transtorno obsessivo-compulsivo. Pode até não ser tão preocupante quanto câncer, mas quem sofre da coisa garante que é de se borrar de medo assim mesmo.

Obrigado, Chrissy.

Charlie

[11] Samuel Pepys (1633-1703), funcionário administrativo da Marinha Britânica, célebre por conta de seu diário, que relata episódios marcantes da Inglaterra de sua época e viria a ser publicado apenas no século XIX. (N. do T.)

[12] Referência à rima tradicional “Red sky at night, sailor’s delight / Red sky at morning, sailors take warning”, literalmente: “Céu vermelho à noite, alegria dos marinheiros / Céu vermelho pela manhã, marinheiros fiquem de alerta.” (N. do T.)

[13] No original: “The cheese stands alone”, último verso da canção infantil “The Farmer in the Dell” (O fazendeiro no pequeno vale). (N. do T.)

[14] Referência aos primeiros versos do poema “The Second Coming” (A segunda vinda), de William Butler Yeats: “Turning and turning in the widening gyre / The falcon cannot hear the falconer” (Rodando e rodando num giro em expansão / Já não consegue ouvir seu falcoeiro o falcão). (N. do T.)

O gato dos infernos

Halston achou que o velho na cadeira de rodas parecia doente, aterrorizado e prestes a morrer. Ele tinha experiência em perceber esse tipo de coisa. A morte era o ramo de Halston; ele a havia trazido para 18 homens e seis mulheres em sua carreira de matador autônomo. Ele conhecia a cara da morte.

A casa — uma mansão, na verdade — estava fria e silenciosa. Os únicos sons eram o estalar discreto do fogo na lareira de pedra grande e o chiado baixinho do vento de novembro lá fora.

— Preciso dos seus serviços de matador — disse o velho. Sua voz era trêmula e aguda, rabugenta. — Fiquei sabendo que é isso o que você faz.

— Com quem o senhor falou? — perguntou Halston.

— Com um homem chamado Saul Loggia. Ele disse que você o conhece.

Halston assentiu. Se Loggia era o intermediário, não havia problema. E se tivesse alguma escuta ali, tudo que o velho — Drogan — dissesse seria coação.

— Quem o senhor quer matar?

Drogan apertou um botão no painel montado no braço da sua cadeira de rodas e ela andou para frente com um zumbido. Quando ele chegou mais perto, Halston conseguiu sentir os cheiros amarelos de medo, velhice e urina misturados. Achava-os repugnantes, mas não demonstrou. Seu rosto continuou inalterado e tranquilo.

— Sua vítima está bem atrás de você — sussurrou Drogan.

Halston se moveu rápido. Seus reflexos eram a sua vida e estavam sempre na ponta da agulha. Ele saltou do sofá e se apoiou no chão com um joelho, virando-se enquanto enfiava a mão no paletó esportivo sob medida e agarrava o cabo da sua .45 cano curto personalizada. A arma ficava debaixo do seu braço, em um coldre equipado com mola que a colocou na palma da sua mão com um toque. No instante seguinte estava sacada e apontada para... um gato.

Por um momento, Halston e o gato ficaram se encarando. Foi um momento estranho para Halston, que era um homem sem imaginação ou superstições. Desde o instante em que se ajoelhou no chão com a arma apontada, ele teve a sensação de que conhecia aquele gato, embora se tivesse visto algum com manchas tão estranhas certamente se lembraria.

O rosto dele era dividido igualmente: metade preto, metade branco. A linha divisória corria do topo do crânio achatado até o focinho e boca, como uma seta. Seus olhos pareciam imensos na penumbra, e, no centro de cada pupila negra quase circular, havia um prisma de luz do fogo, como uma brasa obstinada de ódio.

E o pensamento ecoou de volta para Halston: *Nós nos conhecemos, eu e você*.

Então passou. Ele guardou a arma de volta e se levantou.

— Eu devia te matar por isso, velho. Não engulo gracinhas.

— E eu não sou de fazê-las — falou Drogan. — Sente-se. Olhe dentro disto aqui. — Ele havia tirado um envelope gordo de baixo da manta que cobria suas pernas.

Halston se sentou. O gato, que estava agachado atrás do sofá, pulou com leveza em cima do seu colo. Ele olhou para Halston por um instante com aqueles olhos pretos enormes, as pupilas cercadas por duas auréolas verde-douradas finas, e então se ajeitou e começou a ronronar.

— Ele é muito carinhoso — falou Drogan. — No começo. Esse gato carinhoso e bonzinho matou três pessoas nesta casa. E agora só restei eu. Estou velho, doente... mas prefiro morrer na minha própria hora.

— Não acredito nisso — disse Halston. — O senhor me contratou para matar um gato?

— Olhe dentro do envelope, por favor.

Halston obedeceu. Estava cheio de notas de cem e cinquenta, todas elas velhas.

— Quanto tem aqui?

— Seis mil dólares. E você receberá mais seis assim que me trouxer uma prova de que o gato está morto. O sr. Loggia me informou que 12 mil é o que você cobra normalmente, certo?

Halston assentiu, acariciando automaticamente o gato em seu colo. Ele estava dormindo, ainda ronronando. Halston gostava de gatos. Eram os únicos animais de que gostava, para dizer a verdade. Eles se viravam sozinhos. Deus — se é que Ele existe — havia feito deles máquinas de matar perfeitas, indiferentes. Gatos eram os matadores do mundo animal, e Halston os respeitava por isso.

— Não tenho obrigação de explicar nada, mas vou explicar assim mesmo — falou Drogan. — Um homem prevenido vale por dois, como se costuma dizer, e

eu não quero que você fique pensando que isso vai ser fácil. E sinto necessidade de me justificar. Para você não achar que eu sou louco.

Halston assentiu novamente. Já havia decidido fazer aquele serviço estranho, não precisava ouvir mais nada. Mas se Drogan queria falar, ele escutaria.

— Em primeiro lugar, sabe quem sou eu? De onde veio esse dinheiro?

— Drogan Produtos Farmacêuticos.

— Exato. Um dos maiores laboratórios farmacêuticos do mundo. E a base do nosso sucesso financeiro tem sido isto aqui. — Do bolso do seu roupão, ele tirou um frasco de comprimidos pequeno e sem rótulo, que entregou para Halston. — Tri-dormalfenobarbina, complexo G. Receitado quase exclusivamente para doentes terminais. É bastante viciante, sabe? Uma combinação de analgésico, tranquilizante e alucinógeno. Ajuda de forma extraordinária os doentes terminais a encararem a condição em que se encontram e se adaptarem a ela.

— O senhor toma? — perguntou Halson.

Drogan ignorou a pergunta.

— É amplamente receitado em todo o mundo. Trata-se de uma droga sintética, desenvolvida na década de 1950 nos nossos laboratórios de New Jersey. Restringimos os testes quase somente a gatos, por conta da singularidade do sistema nervoso felino.

— Quantos o senhor matou?

Drogan se retesou na cadeira.

— Essa é uma maneira injusta e preconceituosa de colocar a questão.

Halston deu de ombros.

— Nos quatro anos de testes que levaram à aprovação do Tri-Dormal-G pela FDA,[15] cerca de 15 mil gatos... hã, faleceram.

Halston assobiou. Aquilo dava uns 4 mil gatos por ano.

— E agora o senhor acha que este aqui veio lhe dar o troco, é?

— Não sinto um pingo de culpa — falou Drogan, mas aquele tom trêmulo e petulante tinha voltado à sua voz. — Quinze mil animais de laboratório morreram para que centenas de milhares de seres humanos...

— Pode pular essa parte — disse Halston. Justificativas o entediavam.

— O gato chegou aqui sete meses atrás. Eu nunca gostei de gatos. São uns animais nojentos, infestados de doenças... sempre na rua... zanzando em volta de celeiros... apanhando só Deus sabe que tipo de germe no pelo... sempre tentando trazer alguma coisa estripada para dentro de casa para lhe mostrar... Foi minha irmã quem quis ficar com ele. Mas ela não perdeu por esperar. Pagou caro. — Ele olhou com um ódio fulminante para o gato que dormia no colo de Halston.

— O senhor disse que o gato matou três pessoas.

Drogan começou a falar. O gato cochilava e ronronava no colo de Halston sob os carinhos suaves de seus dedos fortes e experientes de matador. Vez por outra, um nó de madeira estourava na lareira, fazendo-o se retesar como uma série de molas de aço cobertas de couro e músculos. Lá fora, o vento gemia ao redor do casarão de pedra bem no interior de Connecticut. O inverno estava na garganta daquele vento. A voz do velho continuava sua ladainha.

Sete meses atrás, havia quatro deles ali — Drogan; sua irmã Amanda, que tinha 74 e era dois anos mais velha do que ele; a amiga da vida inteira dela, Carolyn Broadmoor ("dos Broadmoor de Westchester", acrescentou Drogan), que sofria de um enfisema grave; e Dick Gage, um empregado que estava na família Drogan havia vinte anos. Gage, que também já passava dos 60, dirigia o luxuoso Lincoln Mark IV, cozinhava, servia o xerez noturno. Havia uma empregada durante o dia. Fazia quase dois anos que os quatro viviam daquela forma, um grupo insosso de velhos e o servente da família. A única diversão era assistir a programas de auditório como *The Hollywood Squares* e esperar para ver quem morreria antes de quem.

Então o gato chegou.

— Foi Gage quem o viu primeiro, resmungando e se esgueirando em volta da casa. Ele tentou enxotá-lo. Jogou gravetos e pedrinhas nele, e o acertou várias vezes. Mas o gato não ia embora. Sentia o cheiro da comida, é claro. Era pouco mais que um saco de ossos. As pessoas os largam na beira da estrada para morrerem no fim do verão. Uma coisa terrível, desumana de se fazer.

— É melhor fritar os nervos deles? — perguntou Halston.

Drogan ignorou o comentário e prosseguiu. Ele odiava gatos. Sempre odiara. Quando aquele se recusou a ser enxotado, ele ordenou que Gage lhe desse comida envenenada. Pratos grandes, tentadores, de ração batizada com Tri-Dormal-G, por sinal. O gato ignorou a comida. A essa altura, Amanda Drogan já o havia notado e insistido que eles o trouxessem para dentro de casa. Drogan protestou com veemência, mas Amanda acabou conseguindo o que queria. Ela sempre conseguia, ao que parece.

— Mas ela não perdeu por esperar — falou Drogan. — Ela mesma trouxe o gato para dentro, aninhado nos seus braços. Ele estava ronronando, como agora. Mas não chegava perto de mim. Nunca chegou... ainda. Ela colocou um pires de leite para o bicho. "Oh, pobrezinho, está faminto", falou. Ela e Carolyn, as duas se derretendo por ele. Revoltante. Era a forma de elas me darem o troco, é claro. Elas sabiam o que eu achava de gatos desde as baterias de testes do Tri-Dormal-

G vinte anos antes. Gostavam de me provocar, de me importunar com o assunto. — Ele lançou um olhar sombrio para Halston. — Mas pagaram caro.

Em meados de maio, Gage se levantou para fazer o café da manhã e encontrou Amanda Drogan caída ao pé da escadaria principal em meio a cacos de louça e ração Friskies para filhotes. Os olhos dela estavam arregalados, fitando o teto sem enxergá-lo. Havia sangrado bastante pela boca e pelo nariz. Suas costas estavam quebradas, as duas pernas também, e seu pescoço tinha sido literalmente estilhaçado como vidro.

— Ele dormia no quarto dela — falou Drogan. — Ela o tratava como se fosse um bebê... "Tá com fominha, meu amor? Tá precisando ir lá fora fazer totozinho?" Uma coisa obscena, vindo de uma velha briguenta como a minha irmã. Acho que ele a acordou, miando. Ela pegou a tigela de comida. Costumava dizer que Sam não gostava muito da ração a não ser que fosse molhada com um pouco de leite. Então ela pretendia descer até o primeiro piso. O gato estava se esfregando nas pernas dela. Ela era velha, não tinha muito equilíbrio. Estava sonolenta. Quando chegaram ao topo da escada, o gato se meteu na sua frente... fez minha irmã tropeçar...

É, pode ter sido assim, pensou Halston. Em sua imaginação, ele viu a velha caindo para frente e para baixo, chocada demais para gritar. A ração se espalhando enquanto ela rolava às cambalhotas até o final da escada, a tigela se despedaçando. Então, finalmente para diante do primeiro degrau, seus ossos esmigalhados, os olhos arregalados, o nariz e os ouvidos pingando sangue. E o gato começa a descer as escadas, ronronando e mastigando feliz da vida sua ração.

— O que o legista falou? — pergunta ele a Drogan.

— Morte acidental, é claro. Mas eu sabia.

— Por que não se livrou do gato depois? Com Amanda morta?

Por que Carolyn Broadmoor havia ameaçado ir embora se ele fizesse isso, pelo jeito. Ela ficou histérica, obcecada pelo assunto. Era uma mulher doente e fissurada em espiritismo. Um médium de Hartford lhe dissera (pela bagatela de vinte dólares) que a alma de Amanda tinha passado para o corpo felino de Sam. Sam era de Amanda, falou ela para Drogan, e se Sam fosse embora, *ela* iria embora.

Halston, que havia se tornado algo como um especialista em ler nas entrelinhas das vidas humanas, suspeitava que Drogan e a velha senhora Broadmoor tinham sido amantes tempos atrás, e que o velhote hesitou em abrir mão dela por causa de um gato.

— Teria sido o mesmo que suicídio — falou Drogan. — Na sua cabeça, ela ainda era uma mulher rica, perfeitamente capaz de colocar esse gato na mala e ir para Nova York, Londres ou até Monte Carlo com ele. Na verdade, ela era a última de uma grande família, vivendo de caridade por conta de uma série de maus investimentos na década de 1960. Ela vivia aqui no segundo piso, em um quarto de ambiente controlado, superumidificado. A mulher tinha 70 anos, sr. Halston. Tinha sido uma fumante inveterada até os últimos dois anos de vida, e o enfisema era muito grave. Eu queria que ela ficasse aqui, e se o gato tivesse que ficar também...

Halston assentiu e então olhou de forma significativa para o relógio.

— Perto do fim de junho, ela morreu no meio da noite. O médico pareceu considerar uma coisa natural... simplesmente veio até aqui, escreveu a certidão de óbito e fim de conversa. Mas o gato estava no quarto. Gage me contou.

— A hora de todo mundo chega um dia, meu chapa — disse Halston.

— É claro. Foi o que o médico disse. Mas eu sabia. Eu me lembrava. Gatos gostam de pegar bebês e velhos quando eles estão dormindo. E roubar a respiração deles.

— Isso é uma história da carochinha.

— Baseada em fatos, como muitas dessas supostas histórias da carochinha — retrucou Drogan. — Gatos gostam de apertar coisas macias com as patas. Um travesseiro, um tapete grosso... ou um cobertor. Um cobertor de berço ou de uma pessoa velha. O peso extra em cima de alguém que já é naturalmente fraco...

Drogan não concluiu o raciocínio, e Halston pensou naquilo. Carolyn Broadmoor dormindo em seu quarto, a respiração entrando e saindo rascante dos seus pulmões danificados, o som quase inaudível em meio ao sussurro dos umidificadores especiais e condicionadores de ar. O gato com suas manchas pretas e brancas estranhas salta sem fazer barulho em cima da cama da solteirona e fita o seu rosto velho e sulcado pelas rugas com aqueles olhos pretos e verdes, tremeluzentes. Ele se arrasta até o peito magro dela e acomoda o seu peso ali, ronronando... e a respiração fica mais lenta... e o gato ronrona à medida que a velha sufoca aos poucos sob o peso em seu peito.

Embora não fosse um homem imaginativo, Halston se arrepiou um pouco.

— Drogan — disse ele, continuando a acariciar o gato, que ainda ronronava. — Por que você simplesmente não manda sacrificá-lo? Um veterinário poderia fazer isso por vinte dólares.

Drogan falou:

— O funeral foi no dia 1o de julho. Eu enterrei Carolyn no nosso jazigo no cemitério, ao lado da minha irmã. Do jeito que ela teria preferido. Somente no dia 3 chamei Gage até esta sala e lhe entreguei uma cesta de vime... tipo essas de piquenique. Sabe de quais eu estou falando?

Halston assentiu.

— Eu lhe disse para colocar o gato na cesta e levá-lo até uma clínica veterinária em Milford para que ele fosse sacrificado. Ele respondeu “Sim, senhor”, apanhou a cesta e foi embora. O que era bem do feitio dele. Foi a última vez em que o vi com vida. Houve um acidente na estrada. O Lincoln foi jogado contra uma viga na subida de uma ponte a uns 100 quilômetros por hora. Dick Gage morreu na hora. Quando foi encontrado, havia arranhões no seu rosto.

Halston ficou calado enquanto a imagem de como aquilo poderia ter acontecido se formava outra vez em seu cérebro. Nenhum som naquela sala além do estalar sereno do fogo e o ronronado sereno do gato em seu colo. Ele e o gato juntos diante do fogo daria uma boa ilustração para aquele poema de Edgar Guest, o que diz: “O gato no meu colo, o fogo na lareira a arder / ... um homem feliz, caso queiras saber.”

Dick Gage guiando o Lincoln pela estrada em direção a Milford, talvez uns 8 quilômetros por hora acima do limite de velocidade. A cesta de vime ao seu lado — tipo essas de piquenique. O motorista está de olho no tráfego, talvez ultrapassando um caminhão dos grandes, e não percebe o rosto estranho, preto de um lado e branco do outro, que brota de um dos lados da cesta. No banco do carona. Ele não percebe porque está ultrapassando o caminhão de carga enorme, e é então que o gato salta no seu rosto, rosnando e arranhando, suas garras se enfiando em um de seus olhos, perfurando-o, esvaziando-o, cegando-o. Cem por hora e o ronco do motor possante do Lincoln e a outra pata está enganchada sobre a base do seu nariz, as garras penetrando a carne e causando uma dor intensa, de enlouquecer — talvez o Lincoln comece a desviar para a direita, indo parar na frente do caminhão, e a buzina pneumática dele soe de forma ensurdecedora, mas Gage não consegue ouvi-la porque o gato está urrando, o gato está em cima do seu rosto, todo arreganhado, como algum tipo de aranha negra enorme e peluda, as orelhas recuadas, os olhos verdes brilhando como holofotes infernais, as pernas de trás se agitando e se enterrando na carne macia do pescoço do velho. O carro dá uma guinada violenta na direção oposta. A viga da ponte surge diante dele. O gato salta para baixo e o Lincoln, um torpedo negro e reluzente, se choca contra o cimento e explode feito uma bomba.

Halston engoliu em seco e ouviu sua garganta fazer um clique.

— E o gato voltou?

Drogan assentiu.

— Uma semana depois. No dia em que Dick Gage foi enterrado, por sinal. Como dizia aquela velha canção. O gato voltou.[16]

— Ele sobreviveu a uma batida de carro a 100 por hora? Difícil de acreditar.

— Dizem que eles têm sete vidas cada. Quando ele voltou... foi aí que comecei a me perguntar se ele não seria um... um...

— Gato dos infernos? — sugeriu Halston a meia-voz.

— Na falta de expressão melhor, sim. Uma espécie de demônio enviado...

— Para punir o senhor?

— Não sei. Mas tenho medo dele. Eu lhe dou de comer, ou melhor, a mulher que vem aqui cuidar de mim faz isso. Ela também não gosta dele. Diz que esse rosto é uma maldição do Senhor. Ela é daqui da região, naturalmente. — O homem tentou sorrir e não conseguiu. — Quero que você o mate. Há quatro meses que tenho vivido com ele. Ele se esgueira pelas sombras. Olha para mim. Parece estar... esperando. Eu me tranco no quarto todas as noites e ainda assim me pergunto se vou acordar de manhãzinha e encontrá-lo... enroscado em cima do meu peito... ronronando.

O vento gemeu solitário lá fora e produziu um assobio estranho na chaminé de pedra.

— Por fim, entrei em contato com Saul Loggia. Ele me recomendou você. Falou que você é uma peça, se não me engano.

— Uma peça única. Significa que eu trabalho sozinho.

— Isso. Ele disse que você nunca foi preso, ou sequer enquadrado como suspeito. Disse também que você sempre cai de pé... como um gato.

Halston olhou para o velho na cadeira de rodas. E, de repente, suas mãos musculosas, de dedos longos, estavam paradas logo acima do pescoço do felino.

— Posso fazer agora, se o senhor quiser — disse ele baixinho. — Posso quebrar o pescoço dele. Ele nem vai saber...

— Não! — exclamou Drogan. Ele respirou fundo, tremendo enquanto sorvia o ar. Suas bochechas pálidas ruborizaram. — Não... aqui não. Leve-o para longe.

Halston sorriu sem humor algum. Ele voltou a fazer carinhos muito suaves na cabeça, ombros e costas do gato adormecido.

— Está bem — disse ele. — Aceito os termos do contrato. O senhor quer o corpo?

— Não. Mate esse gato. E enterre. — Ele fez uma pausa. Então se curvou para a frente na cadeira de rodas como uma espécie de falcão muito velho. —

Traga-me o rabo — disse ele. — Para que eu possa tacar no fogo e vê-lo queimar.

Halston dirigia um Plymouth ano 1973 adaptado com o motor de um Cyclone Spoiler. O carro era suspenso e bloqueado, e andava com o capô apontando para baixo na estrada em um ângulo de vinte graus. Ele tinha refeito o diferencial e a traseira por conta própria. O câmbio era um Pensy, a articulação da direção era Hearst. Ele era sustentado por pneus Wide Ovals imensos e podia chegar a 260 por hora.

Ele saiu da casa de Drogan pouco depois das 21h30. Uma lasca fria de lua crescente corria pelo céu através das nuvens esgarçadas de novembro. Estava andando com todas as janelas abertas, pois aquele fedor amarelo de velhice e terror parecia ter infestado suas roupas, e ele não gostava disso. O frio era intenso e penetrante, entorpecente depois de um tempo, mas era bom. Estava soprando aquele fedor amarelo para longe.

Ele deixou a autoestrada em Placer’s Glen e atravessou a cidade silenciosa, protegida por um solitário pisca-pisca amarelo no cruzamento, à velocidade totalmente respeitosa de 56 por hora. Fora da cidade, seguindo pela Rodovia Estadual 35, ele pisou um pouco mais fundo no Plymouth, deixando o carro andar. O motor turbinado ronronou como o gato em seu colo no começo daquela noite. A analogia fez Halston sorrir. Eles seguiram em meio a plantações brancas de neve cheias de talos de milho esqueléticos a pouco mais de 110 por hora.

O gato estava em uma sacola de compras reforçada, amarrada em cima com um barbante de sisal resistente. A sacola estava no banco do carona. O gato estava sonolento e ronronando quando Halston o colocou lá dentro, e continuou ronronando a viagem inteira. Talvez percebesse que Halston gostava dele e se sentia à vontade ao seu lado. Como ele próprio, o gato era uma peça única.

Serviço estranho, pensou Halston, e ficou surpreso ao perceber que estava considerando a sério aquilo um *serviço*. O mais estranho, talvez, era que ele gostava de verdade do gato, sentia uma afinidade por ele. Se tinha conseguido se livrar daqueles três burros velhos, mais pontos ainda para ele... especialmente Gage, que havia tentado levá-lo até Milford para um encontro fatal com um veterinário de cabelo à escovinha, que por sua vez teria o maior prazer em enfiá-lo numa câmara de gás revestida de cerâmica do tamanho de um forno de micro-ondas. Ele sentia afinidade pelo gato, mas nenhum impulso de descumprir o trato. Faria a gentileza de matá-lo de forma rápida e bem-feita. Pararia no

acostamento ao lado de uma daquelas plantações improdutivas de novembro, tiraria o gato da sacola, faria um carinho nele e então lhe quebraria o pescoço e cortaria o seu rabo com o canivete. E o corpo, pensou ele, eu vou enterrar decentemente, para manter os abutres longe. Não tenho como salvá-lo dos vermes, mas posso salvá-lo das larvas de mosca.

Ele estava pensando nessas coisas enquanto o carro atravessava a noite como um fantasma azul-escuro, e foi então que o gato passou diante dos seus olhos e subiu no painel, o rabo levantado com arrogância, o rosto preto e branco virado na sua direção, a boca parecendo sorrir para ele.

— Sssssshhhh — sibilou Halston. Ele olhou para a direita e viu a sacola de compras reforçada, um buraco aberto a mordidas, ou com as garras, em um dos lados. Olhou de volta para frente... e o gato ergueu uma pata e lhe deu um golpe de brincadeira. A pata deslizou pela testa de Halston. Ele desviou por impulso e os pneus grandes do Plymouth gemeram na estrada, à medida que o carro oscilava desgovernado de um lado da pista estreita para o outro.

Halston bateu com o punho cerrado no gato em cima do painel. Ele estava bloqueando seu campo de visão. O gato rosnou, arqueando as costas, mas não se moveu. Halston girou o braço outra vez e, em vez de fugir, o gato saltou em cima dele.

Gage, pensou ele. *Igual aconteceu com Gage...*

Ele pisou no freio. O gato estava na sua cabeça, tapando-lhe a visão com sua barriga peluda, arranhando-o, retalhando-o. Halston segurava o volante com força. Ele bateu no gato uma, duas, três vezes. E de repente a estrada sumiu: o Plymouth estava caindo dentro da vala, sacolejando para cima e para baixo sobre as pilhas de milho. Então, um impacto que o atirou para frente contra o cinto de segurança, e o último som que ele ouviu foi o uivo inumano do gato, a voz de uma mulher sentindo dor ou chegando ao orgasmo.

Ele deu outro murro e sentiu apenas a distensão elástica, flexível, dos músculos do gato.

Então, um segundo impacto. E a escuridão.

A lua já não estava no céu. Faltava uma hora para o amanhecer.

O Plymouth estava caído em uma ribanceira, envolto em neblina. Enroscado na sua grade, havia um emaranhado de arame farpado. O capô se havia soltado, e espirais de vapor do radiador quebrado saíam da abertura para se misturarem à névoa.

Ele não sentia as pernas.

Olhou para baixo e viu que o impacto tinha empurrado a parede corta-fogo do Plymouth para dentro. A parte de trás daquele bloco de motor Cyclone Spoiler enorme havia esmagado suas pernas, prendendo-as.

Lá fora, ao longe, o guincho predatório de uma coruja mergulhando sobre algum animal pequeno em disparada.

Lá dentro, perto dele, o ronronar constante de um gato.

Ele parecia estar sorrindo, como o Cheshire, o gato de Alice no País das Maravilhas.

Enquanto Halston o observava, ele se levantou, arqueou as costas e se esticou. Com um movimento repentino e ágil, como o ondular de uma seda, ele saltou em cima do seu ombro. Halston tentou levantar as mãos para empurrá-lo.

Seus braços não se mexiam.

Choque medular, pensou ele. *Paralisado. Talvez temporário. Mais provável que seja permanente.*

O gato ronronava no seu ouvido como um trovão.

— Saia de cima de mim — disse Halston. Sua voz soou rouca e seca. O gato se retesou por um instante e então recuou. De repente, bateu com a pata no rosto de Halston: dessa vez, com as garras para fora. Linhas quentes de dor pelo seu pescoço abaixo. E o gotejar morno de sangue.

Dor.

Sensação física.

Ele ordenou que sua cabeça se movesse para a direita, e ela obedeceu. Por um instante, ficou enterrada no pelo macio e seco. Halston deu uma mordida no gato. Ele fez um som alarmado, enfurecido, com a garganta — *yowk!* —, e saltou para o banco. Então o encarou com raiva, suas orelhas para trás.

— Por essa você não esperava, não é? — grasniu Halston.

O gato abriu a boca e rosnou para ele. Olhando para aquele rosto estranho, esquizofrênico, Halston conseguiu entender por que Drogan tinha pensado que ele era um gato dos infernos. Ele...

Seus pensamentos foram interrompidos quando ele se deu conta de uma sensação indistinta, de formigamento, em suas mãos e antebraços.

Sensibilidade. Voltando. Pontadas e fisgadas.

O gato saltou em cima do seu rosto, as garras para fora, rosnando.

Halston fechou os olhos e abriu a boca. Ele mordeu a barriga do gato e conseguiu abocanhar apenas pelo. As garras da frente do gato estavam enganchadas nas suas orelhas, se enterrando nelas. A dor era enorme, de uma

intensidade excruciante. Halston tentou levantar as mãos. Elas se contraíram, mas não queriam sair de cima do seu colo.

Ele inclinou a cabeça para frente e começou a balançá-la de um lado para outro, como um homem tentando tirar sabão dos olhos. Rosnando e gritando, o gato segurou firme. Halston conseguia sentir sangue escorrer pelas suas bochechas. Era difícil respirar. O peito do gato estava pressionado contra o seu nariz. Dava para sorver um pouco de ar pela boca, mas não muito. E o que ele conseguia sorver vinha em meio a pelo. Suas orelhas pareciam ter sido encharcadas de fluido de isqueiro e depois queimadas.

Ele jogou a cabeça para trás e gritou de agonia — deve ter sofrido uma lesão no pescoço quando o Plymouth bateu. Mas o gato não esperava o movimento no sentido contrário e saiu voando. Halston o ouviu cair com um baque no banco de trás.

Uma gota de sangue entrou no seu olho. Ele tentou mais uma vez mover as mãos, levantar uma delas e limpar o sangue da vista.

Elas tremeram no seu colo, mas ele ainda não conseguia mexê-las de fato. Então pensou na calibre 45 especial em seu coldre debaixo do braço esquerdo.

Se eu conseguir pegar meu berro, gatinho, o que restar das suas sete vidas vai acabar de uma vez só.

Mais formigamento. Um latejar doloroso vindo do seu pé esquerdo, enterrado e sem dúvida esmigalhado sob o bloco do motor, pontadas e fisgadas vindas das suas pernas — era exatamente como sentir um membro sobre o qual você dormiu voltando à vida. Naquele momento, Halston não se importava com os seus pés. Já bastava saber que sua coluna não estava partida, que não iria passar o resto da vida como um corpo morto preso a uma cabeça falante.

Talvez eu também tivesse algumas vidas sobrando.

Dar um jeito no gato. Essa é a primeira coisa a fazer. *Então sair das ferragens* — quem sabe não aparece alguém, isso resolveria os dois problemas de uma vez só. Não era provável às 4h30 da madrugada numa estrada secundária como aquela, mas ligeiramente possível. E...

E o que o gato estava fazendo ali atrás?

Ele não gostava dele na sua cara, mas também não gostava dele às suas costas, fora de vista. Tentou enxergá-lo no retrovisor, mas foi inútil. A batida o havia entortado, e tudo o que refletia era a ribanceira coberta de mato na qual ele tinha parado.

Um som vindo de trás dele, grave, com um pano se rasgando.

Ronronando.

Gato dos infernos é o caralho. Ele pegou no sono lá atrás.

E mesmo que não tivesse pegado no sono, mesmo que estivesse de alguma forma tramando um assassinato, o que ele poderia fazer? Era uma criaturinha magricela, não devia pesar nem 2 quilos encharcado. E logo, logo... logo, logo ele conseguiria mexer as mãos o suficiente para apanhar sua arma. Tinha certeza disso.

Halston ficou sentado, esperando. A sensibilidade continuava a voltar ao seu corpo em uma série de pontadas e fisgadas. Por absurdo que pareça (ou talvez fosse uma reação instintiva ao seu flerte com a morte), ele teve uma ereção de mais ou menos um minuto. *Meio difícil descabelar o palhaço sob as atuais circunstâncias*, pensou ele.

A alvorada já traçava uma linha no céu ao leste. Em algum lugar, um pássaro cantou.

Halston experimentou as mãos novamente e conseguiu movê-las um milímetro antes de elas caírem de volta.

Ainda não. Mas daqui a pouco.

Um baque surdo no espaldar ao seu lado. Halston virou a cabeça e encarou o rosto preto e branco, os olhos brilhando com suas pupilas negras imensas.

Halston falou com ele.

— Eu nunca deixei de cumprir um serviço que tenha pegado antes, gatinho. Este pode ser o primeiro. Minhas mãos estão voltando. Daqui a uns cinco minutos, dez no máximo. Quer meu conselho? Saia pela janela. Estão todas abertas. Saia e leve o seu rabo com você.

O gato o encarou.

Halston experimentou as mãos novamente. Elas se levantaram, tremendo violentamente. Um centímetro. Dois centímetros. Ele as deixou cair de volta, flácidas. Elas escorregaram do seu colo e bateram contra o banco do Plymouth. Emitiam um brilho tênue ali, como duas aranhas tropicais enormes.

O gato estava sorrindo para ele.

Será que cometi um erro?, perguntou-se Halston, confuso. Ele era um homem que confiava na sua intuição, mas, de repente, a sensação de ter se baseado apenas nela lhe pareceu esmagadora. Então o corpo do gato se retesou e, antes mesmo de ele terminar seu salto, Halston soube o que ele pretendia fazer e abriu a boca para gritar.

O gato aterrissou na virilha de Halston, com as garras para fora, escavando.

Neste momento, Halston desejou que *estivesse* paralisado. A dor foi gigante, terrível. Nunca tinha imaginado que pudesse haver dor como aquela no mundo.

O gato era uma mola encolhida de fúria, rosnando e fincando as garras no seu saco.

Halston *gritou*, sua boca se escancarando, e foi então que o gato mudou de direção e saltou para o seu rosto, para a sua boca. E, nesse instante, Halston soube que aquela criatura não era apenas um gato. Era algo possuído por alguma vontade maligna, homicida.

Ele teve um último vislumbre daquele rosto preto e branco debaixo de orelhas achatadas, seus olhos enormes e repletos de um ódio alucinado. O gato havia se livrado de três velhos e agora iria se livrar de John Halston.

Ele se enfiou na sua boca, um projétil peludo, fazendo-o engasgar. Suas patas da frente pedalavam, estraçalhando sua língua como um pedaço de fígado. Seu estômago se revirou e ele vomitou. O vômito desceu pela sua traqueia, entupindo-a, e ele começou a sufocar.

Nessa situação extrema, sua vontade de sobreviver superou o que restava da paralisia causada pelo impacto. Halston ergueu as mãos lentamente para agarrar o gato. *Oh, meu Deus*, pensou ele.

O gato estava entrando à força em sua boca, achatando o próprio corpo, se contorcendo, enfiando-se cada vez mais fundo. Ele conseguia sentir seus maxilares se escancarando para lhe dar passagem.

Ele estendeu as mãos para agarrá-lo, puxá-lo para fora, aniquilá-lo... e elas apanharam apenas o rabo do gato.

De alguma maneira, ele tinha metido o corpo inteiro na sua boca. Seu rosto estranho, preto e branco, devia estar enfiado na sua garganta.

Um barulho de vômito terrível e pastoso saiu da garganta de Halston, que estava inchando como um pedaço flexível de mangueira de jardim.

Seu corpo se contraiu. Suas mãos caíram de volta sobre o seu colo e seus dedos tamborilaram insensíveis em cima das coxas. Seus olhos brilharam, então ficaram vidrados. Eles fitaram com um olhar vazio a chegada da aurora pelo retrovisor do Plymouth.

Saltando de dentro da sua boca aberta, havia cinco centímetros de um rabo peludo... metade preto, metade branco. Ele se balançava preguiçosamente de um lado para outro.

E desapareceu.

Em algum lugar, um pássaro cantou outra vez. Então a manhã chegou num silêncio asfixiado, por sobre as plantações cercadas de neve do interior de Connecticut.

O nome do fazendeiro era Will Reuss.

Ele estava a caminho de Placer’s Glen para renovar o adesivo de inspeção da sua caminhonete quando viu o sol de fim da manhã refletir em alguma coisa na ribanceira ao lado da estrada. Ele parou no acostamento e viu o Plymouth caído em um ângulo torto na vala, arame farpado enroscado em sua grade como um bordado de aço.

Ele desceu com dificuldade e, lá chegando, levou um susto.

— Vixe Maria — murmurou ele para o dia ensolarado de novembro. Havia um sujeito sentado com as costas eretas atrás do volante, os olhos abertos e fitando, vazios, a eternidade. Aquele ali nunca mais iria participar de uma pesquisa de intenção de voto. Seu rosto estava manchado de sangue. Ele ainda estava com o cinto de segurança.

A porta do motorista tinha ficado presa, mas Reuss conseguiu abri-la puxando com as duas mãos. Ele se inclinou para dentro do carro e desprendeu o cinto, no intuito de procurar a identidade do sujeito. Ao estender a mão para o paletó, ele percebeu que a camisa do defunto estava ondulando, bem em cima da fivela do cinto. Ondulando... e inchando. Manchas de sangue começaram a brotar ali como rosas sinistras.

— Meu Deus, o que é isso? — Ele estendeu a mão e agarrou a camisa do defunto, puxando-a para cima.

Will Reuss olhou — e gritou.

Em cima do umbigo de Halston, um buraco irregular tinha sido aberto a unhadas na carne. Olhando para fora, havia o rosto preto e branco, raiado de sangue, de um gato, seus olhos enormes e brilhantes.

Reuss cambaleou para trás, gritando, as mãos coladas ao rosto. Um bando de corvos saiu voando aos grasnidos de uma plantação nas redondezas.

O gato forçou seu corpo a sair e se espreguiçou com uma languidez obscena.

Então saltou pela janela aberta. Reuss conseguiu vê-lo se movendo pelo matagal seco e então ele desapareceu.

Parecia estar com pressa, disse ele mais tarde para um repórter do jornal da região.

Como se tivesse alguma pendência para resolver.

[15] FDA (Food and Drug Administration): órgão federal que regulamenta e fiscaliza a produção de alimentos e remédios nos Estados Unidos. (N. do T.)

[16] No original, “the cat came back”, nome de uma tradicional canção norte-americana composta no final do século XIX, de autoria de Harry S. Miller. (N. do T.)

The New York Times
a preços promocionais imperdíveis

O telefone começa a tocar assim que ela sai do chuveiro, mas, embora a casa ainda esteja cheia de parentes seus — ela consegue ouvi-los no andar de baixo, parece que eles nunca irão embora, que nunca foram tantos —, ninguém atende. E tampouco a secretária eletrônica, uma vez que James a havia programado para atender após o quinto toque.

Anne vai até a extensão no criado-mudo, enrolando uma toalha em volta do corpo, seu cabelo molhado batendo de forma desagradável contra a nuca e os ombros nus. Ela atende o telefone, diz alô e então ele fala seu nome. É James. Tinham passado trinta anos juntos, e uma palavra já basta para ela. Ele diz *Annie* como ninguém, sempre dissera.

Por um instante, ela não consegue falar, ou sequer respirar. Ele a surpreendeu no meio de uma expiração e seus pulmões lhe parecem achatados como folhas de papel. Então, quando ele repete seu nome (soando estranhamente hesitante e inseguro), a força se esvai das suas pernas. Elas viram areia e ela se senta na cama, a toalha caindo do seu corpo, seu traseiro umedecendo o lençol debaixo dela. Se a cama não estivesse ali, ela teria parado no chão.

Seus dentes batem uns contra os outros e isso faz com que ela volte a respirar.

— James? Onde você *está*? *O que aconteceu?* — Em sua voz normal, isso teria soado como ranhetice, como uma mãe dando bronca em seu filho rebelde de 11 anos por ele ter chegado atrasado para o jantar de novo, mas acaba saindo como um resmungo horrorizado. Afinal de contas, os parentes que estão murmurando no andar de baixo estão preparando o funeral dele.

James dá uma risadinha. É um som perplexo.

— Bem, vou lhe dizer uma coisa — fala ele. — Não sei exatamente onde eu estou.

Seu primeiro pensamento confuso é que ele deve ter perdido o avião em Londres, embora tenha telefonado para ela do Heathrow pouco antes da decolagem. Então uma ideia mais clara lhe vem à mente: embora tanto o *Times* quanto os noticiários de tevê afirmem não haver sobreviventes, havia pelo menos um. Seu marido se arrastou dos destroços do avião em chamas (e do prédio residencial em chamas que ele atingiu, não nos esqueçamos disso, mais 24

mortos em terra firme, um número que tendia a aumentar antes que o mundo passasse para a tragédia seguinte) e vinha zanzando pelo Brooklyn desde então, em estado de choque.

— Jimmy, você está bem? Você está... está queimado? — A verdade do que isso podia significar lhe ocorre depois da pergunta, caindo com o baque pesado de um livro largado em cima de um pé descalço, e ela começa a chorar. — Você está no hospital?

— Calma — diz ele, e ao som da sua velha gentileza, ao som daquela velha palavra, que não passava de uma peça ínfima da mobília do seu casamento, ela começa a chorar mais forte. — Calma, querida.

— Mas eu não *entendo*!

— Eu estou bem — diz ele. — A maioria de nós está.

— A maioria...? Tem *mais gente*?

— Não o piloto — diz ele. — Ele não está tão bem. Ou talvez seja o copiloto. Ele não para de gritar. "Nós vamos cair, estamos em pane, oh, meu Deus." Além de: "Não é minha culpa, não deixem que eles ponham a culpa em mim." Ele diz isso também.

Ela fica gelada dos pés à cabeça.

— Quem está falando? Por que você está sendo tão cruel? Eu acabei de perder meu marido, seu escroto!

— Querida...

— Não me chame assim! — Um filete transparente de ranho está pendendo de uma de suas narinas. Ela o limpa com as costas da mão e então o atira em qualquer lugar, algo que não fazia desde criança. — Escute aqui, eu vou discar asterisco meia nove para rastrear esta ligação e a polícia vai bater na sua porta e acabar com a sua raça... seu *escroto* mal-educado e insensível...

Mas ela não consegue ir além disso. É a voz dele. Não há como negar. A maneira como aquela ligação veio parar logo ali — sem que ninguém a atendesse lá embaixo, sem que a secretária eletrônica entrasse — sugere que o telefonema era só para ela. E... *querida, calma*. Como aquela canção antiga de Carl Perkins.[17]

Ele permaneceu calado, como se quisesse deixá-la trabalhar tudo aquilo em sua cabeça por conta própria. Porém, antes que ela pudesse falar novamente, ouviu-se um bipe na linha.

— James? *Jimmy?* Você ainda está aí?

— Estou, mas não posso ficar muito tempo falando. Estava tentando telefonar para você quando caímos, e acho que é só por isso que consegui completar a

ligação. Muitos outros também estão tentando, mas sem sucesso, somos uma negação com celulares. — Aquele bipe novamente. — Só que agora meu telefone está quase sem bateria.

— Jimmy, você sabia?

Essa ideia vinha sendo a parte mais dura e terrível para ela, o fato de que talvez ele tenha sabido, mesmo que por um ou dois minutos intermináveis. Outros poderiam visualizar corpos queimados e cabeças decepadas com os dentes à mostra; ou até mesmo socorristas de primeira hora desonestos roubando alianças ou brincos de diamante, mas o que tirava o sono de Annie Driscoll era a imagem de Jimmy olhando pela janela enquanto as ruas, carros e prédios residenciais marrons do Brooklyn se aproximavam, ficando cada vez maiores. As máscaras de respiração inúteis caindo flácidas como cadáveres de pequenos animais amarelos. As portas dos maleiros se abrindo, bagagens de mão começando a voar, o barbeador elétrico de alguém rolando pelo corredor inclinado.

— Você sabia que estava caindo?

— Não exatamente — diz ele. — Tudo parecia estar bem até o final, talvez até os últimos trinta segundos. Embora seja difícil manter a noção do tempo em situações como essa, é o que eu sempre acho.

Situações como essa. E mais impressionante ainda: *É o que eu sempre acho*. Como se ele tivesse estado a bordo de meia dúzia de 767s que caíram, em vez de só aquele.

— De qualquer forma — prossegue ele —, eu estava só ligando para dizer que iria chegar mais cedo, para você poder expulsar o cara da FedEx da cama antes de eu entrar em casa.

Há anos que sua atração absurda pelo entregador da FedEx era motivo de piada entre eles. Ela volta a chorar. O celular dele emite outro daqueles bipes, como se ralhasse com ela por isso.

— Acho que eu morri só um ou dois segundos antes do primeiro toque. Imagino que seja por isso que consegui ligar para você. Mas este negócio aqui vai bater as botas daqui a pouquinho.

Ele solta uma risadinha, como se isso fosse engraçado. Ela imagina que, de certa forma, é mesmo. Com o tempo, poderia até achar graça ela própria. *Daqui a mais ou menos uns dez anos*, pensa ela.

Então, naquela voz “estou só falando sozinho” que ela conhecia muito bem:

— Por que eu não coloquei este desgraçado para carregar ontem à noite? Puro esquecimento, só isso. Puro esquecimento.

— James... querido... o avião caiu faz dois dias.

Uma pausa. Graças aos céus, nenhum bipe para interrompê-la. Então:

— É mesmo? *Bem* que a sra. Corey disse que o tempo era estranho aqui. Teve quem concordasse e quem discordasse. Eu discordei, mas parece que ela estava certa.

— Copas fora? — pergunta Annie. Ela tem a sensação de estar flutuando fora e um pouco acima do seu corpo de meia-idade gorducho e úmido, mas não se esqueceu dos velhos hábitos de Jimmy. Em voos longos, ele sempre queria jogar alguma coisa. Paciência ou canastra estariam de bom tamanho, mas copas fora era a sua paixão.

— Copas fora — concorda ele. O telefone faz outro bipe, como se confirmasse o que ele disse.

— Jimmy... — Ela hesita por tempo bastante para se perguntar se esta é uma informação que realmente quer ter, então se arrisca a fazer aquela pergunta ainda sem resposta. — *Onde* exatamente você está?

— Parece a Grand Central Station — diz ele. — Só que maior. E mais vazia. Como se não fosse a Grand Central de verdade, mas apenas... humm... uma Grand Central cenográfica. Entende o que estou querendo dizer?

— Eu... eu acho que sim...

— Certamente não tem trens aqui... e não dá para ouvir nenhum ao longe... mas tem portas que dão para toda parte. Ah, e uma escada rolante, também, mas está quebrada. Toda empoeirada e com alguns dos degraus quebrados. — Ele faz uma pausa e, quando volta a falar, o faz em um tom mais baixo, como se não quisesse ser escutado. — As pessoas estão indo embora. Algumas subiram a escada rolante, eu as vi fazendo isso, mas a maioria está usando as portas. Acho que vou ter que fazer o mesmo. Para começar, não tem nada para comer aqui. Tem uma máquina de doces, mas está quebrada também.

— Você... querido, você está com fome?

— Um pouquinho. Mas o que eu queria mesmo era um pouco d’água. Eu *mataria* por uma garrafa de água mineral gelada.

Annie olha com um sentimento de culpa para as próprias pernas, ainda salpicadas de gotas d’água. Ela o imagina lambendo aquelas gotas e fica horrorizada ao perceber que isso a deixa um pouco excitada.

— Mas estou bem — ele se apressa a acrescentar. — Por enquanto, pelo menos. Mas não faz sentido continuar aqui. Eu só...

— O quê? O que foi, Jimmy?

— Não sei qual porta usar.

Outro bipe.

— Queria saber qual a sra. Corey escolheu. Ela ficou com a porcaria do meu baralho.

— Você está...? — Ela seca o rosto com a toalha que usou para sair do banho; naquela hora estava fresquinha, agora é um poço de lágrimas e ranho. — Você está com medo?

— Com medo? — pergunta ele, pensativo. — Não. Um pouco preocupado, só isso. Principalmente com que porta usar.

Encontre o caminho para casa, quase diz ela. *Ache a porta certa e encontre o caminho para casa*. Mas, se James fizesse isso, será que ela iria querer vê-lo? Um fantasma não teria problema, mas e se ela abrisse a porta e se deparasse com um pedaço de carvão fumegante com olhos vermelhos e o que restava da calça jeans (ele sempre viajava de calça jeans) derretido, misturado às pernas dele. E se a sra. Corey estivesse junto, segurando o seu baralho queimado em uma das mãos retorcidas?

Bipe.

— Não preciso mais lhe dizer para tomar cuidado com o entregador da FedEx — diz ele. — Se quiser mesmo ficar com ele, é todo seu.

Ela fica chocada ao dar uma risada.

— Mas queria dizer que te amo...

— Oh, querido, eu também te a...

— ... e para você não deixar o filho dos McCormack limpar as calhas este outono, ele é esforçado, mas gosta de correr riscos. No ano passado quase quebrou a porra do pescoço. E não vá mais à padaria aos domingos. Vai acontecer alguma coisa lá, e eu sei que vai ser num domingo, mas não sei em qual deles. O tempo é estranho *mesmo* aqui.

O garoto do qual ele está falando deve ser o filho do cara que costumava ser o caseiro deles em Vermont... mas eles venderam aquela casa há dez anos, e o garoto já deve ter uns vinte e poucos anos de idade a essa altura. E a padaria? Ela imagina que ele esteja falando da Zoltan’s, mas o que *diabo*...

Bipe.

— Tem gente aqui que estava em terra firme, eu acho. É muito duro de ver, porque eles não fazem ideia de como chegaram até aqui. E o piloto não para de gritar. Ou talvez seja o copiloto. Acho que ele vai ficar um bom tempo por aqui. Ele fica simplesmente zanzando de um lado pro outro. Está muito confuso.

Os bipes estavam ficando menos espaçados.

— Tenho que desligar, Annie. Não posso ficar aqui e o telefone vai borrar as calças a qualquer momento, ainda por cima. — Novamente naquele tom “estou me dando uma bronca” (é impossível acreditar que ela nunca mais o escutará novamente depois de hoje; impossível *não* acreditar) ele murmura: — Teria sido tão simples apenas... bem, deixa pra lá. Eu te amo, meu bem.

— Espere! Não desligue!

— Não d...

— Eu também te amo! Não desligue!

Mas ele já desligou. No seu ouvido, resta apenas um silêncio negro.

Ela fica sentada ali com o telefone mudo colado à orelha por um minuto ou mais, então encerra a ligação. A não ligação. Quando libera a linha novamente e consegue um sinal de discagem perfeitamente normal, disca asterisco meia nove por via das dúvidas. De acordo com o robô que atende à chamada, a última ligação foi às nove da manhã daquele dia. Ela sabe quem foi: sua irmã Nell, ligando do Novo México. Nell ligou para dizer a Annie que seu voo estava atrasado e que ela só chegaria à noite. Nell lhe disse para ser forte.

Todos os parentes que moram longe — tanto de James como de Annie — vieram de avião. Pelo jeito, achavam que James tinha gastado todas as Milhas de Desastre da família, pelo menos por enquanto.

Não há registro de chamada recebida — ela olha para o relógio sobre o criado-mudo e vê que são 15h17 — por volta das 15h10, em sua terceira tarde de viuvez.

Alguém dá uma batidinha rápida na porta e seu irmão chama:

— Anne? Annie?

— Estou me arrumando! — diz ela em resposta. Sua voz dá a impressão de que ela esteve chorando, mas, infelizmente, ninguém naquela casa acharia isso estranho. — Um pouco de privacidade, por favor!

— Tudo bem? — fala ele através da porta. — Parecia que você estava falando. E Ellie achou ter ouvido você chamar.

— Tudo! — diz ela, então limpa o rosto novamente com a toalha. — Vou descer daqui a pouco!

— Está bem. Não se apresse. — Pausa. — Conte com a gente. — Então ele sai andando.

— Bipe — sussurra ela, então cobre a boca para conter a risada que é um sentimento mais complexo ainda do que o luto encontrando a única saída possível. — Bipe, bipe. Bipe, bipe, bipe. — Ela se deita de costas na cama, rindo e, em cima das suas mãos em forma de concha, seus olhos estão arregalados e

nadando em lágrimas que escorrem pelas suas bochechas e descem até suas orelhas. — Bipe, bipe que só o cacete.

Ela ri por um bom tempo, então coloca sua roupa e desce para encontrar seus parentes, que vieram dividir seu luto com o dela. Mas eles parecem estar em outra categoria, porque ele não telefonou para nenhum deles. Ele telefonou para ela. Para o bem ou para o mal, ele telefonou para ela.

Durante o outono daquele ano, com os restos enegrecidos do prédio residencial no qual o avião bateu ainda isolados do resto do mundo pela fita amarela da polícia (embora os pichadores tivessem entrado, um deles deixando uma mensagem que dizia ACESSO RESTRITO A CHURRASQUINHOS HUMANOS), Annie recebeu o tipo de petardo eletrônico que viciados em computadores gostam de mandar para um amplo círculo de conhecidos. Este veio de Gert Fisher, a bibliotecária da cidade de Tilton, Vermont. Quando Annie e James passavam os verões lá, Annie costuma trabalhar como voluntária na biblioteca e, embora as duas mulheres nunca tivessem se dado tão bem assim, Gert havia incluído Annie em seu informativo quinzenal desde então. Eles não costumavam ser muito interessantes, mas lá pela metade das notícias de casamentos, funerais e ganhadores de gincanas escolares deste, Annie se deparou com uma notícia que lhe tirou o fôlego. Jason McCormack, o filho do velho Hughie McCormack, morreu em um acidente no Dia do Trabalho. Ele caiu do telhado de um chalé de verão enquanto limpava as calhas e quebrou o pescoço.

“Ele estava apenas fazendo um favor para o pai, que, como vocês devem se lembrar, teve um derrame no ano passado”, escreveu Gert antes de passar para como tinha chovido no bazar de jardim de fim de verão da biblioteca e como todos ficaram desapontados.

Gert não diz no seu compêndio de três páginas sobre as últimas notícias, mas Annie tem quase certeza de que Jason caiu do telhado do que costumava ser o chalé deles. Na verdade, ela não tem a menor dúvida.

Cinco anos depois da morte do seu marido (e da morte de Jason McCormack logo em seguida), Annie volta a se casar. E, embora eles se mudem para Boca Raton, ela visita a antiga vizinhança com frequência. Craig, o novo marido, está apenas semiaposentado e seus negócios o fazem ir a Nova York a cada três ou quatro meses. Annie quase sempre vai com ele, pois ainda tem familiares no

Brooklyn e em Long Island. Mais deles do que consegue saber como lidar, é o que parece às vezes. Mas ela os ama com aquele afeto irritadiço que parece exclusividade, pensa Annie, de quem está na casa dos 50 ou 60. Ela nunca se esquece de como eles se uniram por ela depois que o avião de James caiu, amparando-a da melhor forma que conseguiram. Para amortecer sua própria queda.

Quando ela e Craig voltam para Nova York, eles viajam de avião. Quanto a isso, ela nunca tem receio algum, mas parou de ir à padaria Zoltan's Family nos domingos em que está em casa, embora os *bagels* com passas deles estejam, ela tem certeza, no cardápio da sala de espera do paraíso. Em vez disso, ela vai à Froger's. Na verdade, Annie está ali, comprando *donuts* (que são pelo menos passáveis), quando ouve a explosão. Ela a escuta com clareza, embora a Zoltan's fique a 11 quadras de distância. Vazamento de gás. Quatro mortos, entre eles a mulher que sempre entregava os *bagels* para Annie com a parte de cima da sacola enrolada, dizendo: "Deixe assim até chegar em casa para eles continuarem fresquinhos."

As pessoas param na calçada, olhando para o leste na direção do barulho da explosão e da fumaça subindo no céu, protegendo os olhos do sol com as mãos. Annie passa correndo por elas, sem olhar. Ela não quer ver a nuvem de fumaça depois do estrondo; já pensa demais em James sem isso, especialmente nas noites em que não consegue dormir. Quando chega à porta de casa, ouve o telefone tocando lá dentro. Ou todo mundo foi até o final do quarteirão, onde a escola do bairro está fazendo um bazar de obras de arte na calçada, ou ninguém está ouvindo o telefone tocar. Ninguém além dela, quer dizer. E, quando finalmente gira a chave na fechadura, ele para.

Sarah, a única das suas irmãs que nunca se casou, *está* em casa, afinal, mas não há necessidade de perguntar por que ela não atendeu ao telefone; Sarah Bernicke, a ex-rainha das discotecas, está na cozinha ouvindo Village People no último volume, dançando com a vassoura em uma das mãos, parecendo uma garota de comercial de tevê. Ela também não escutou a explosão na padaria, embora o prédio deles ficasse mais perto ainda da Zoltan's do que a Froger's.

Annie confere as mensagens na secretária eletrônica, mas há um zero grande e vermelho no visor de MENSAGENS RECEBIDAS. Isso sozinho não significa nada, um monte de gente liga e não deixa mensagem, mas...

O asterisco meia nove informa que a última ligação foi às 20h30 da noite passada. Ela disca o número assim mesmo, esperando em vão que em algum lugar fora do salão que parece uma Grand Central Station cenográfica ele tenha

encontrado uma maneira de recarregar o telefone. Para ele, talvez fosse como se tivesse falado com ela ontem mesmo. Ou apenas alguns minutos atrás. *O tempo é estranho aqui*. Ela sonhou tantas vezes com aquela ligação que o próprio telefonema já parecia um sonho, embora nunca tivesse contado a ninguém a respeito dele. Nem para Craig, nem para sua própria mãe, que estava com 90 anos àquela altura, mas lúcida e dona de uma crença ferrenha na vida após a morte.

Na cozinha, o Village People avisa que não há motivo para ficar desanimado. Não há mesmo, e ela não fica. Ainda assim, ela segura bem firme o telefone enquanto o número que havia recuperado toca uma, e então duas vezes. Annie fica parada na sala de estar com o telefone colado à orelha e sua mão livre tocando o broche em cima do peito esquerdo, como se tocá-lo pudesse sossegar o coração acelerado debaixo dele. Então os toques param e uma voz gravada lhe oferece uma assinatura do *New York Times* a preços promocionais imperdíveis por tempo limitado.

[17] No original: "*honey, hush*", nome de uma canção da década de 1950, composta por Big Joe Turner, porém gravada por diversos intérpretes. (N. do T.)

Mudo

— 1 —

Havia três confessionários. A luz sobre a porta do que ficava no meio estava acesa. Não havia ninguém esperando. A igreja estava vazia. Luz colorida entrava pelos vitrais e traçava quadrados no corredor central. Monette pensou em ir embora, mas não foi. Em vez disso, andou até o confessionário que estava liberado e entrou nele. Quando fechou a porta e se sentou, a portinhola deslizante à sua direita se abriu. À sua frente, presa à parede com uma tachinha azul, havia uma ficha de arquivo. Datilografada nela, as palavras POIS TODOS SÃO PECADORES E NÃO ALCANÇARAM A GLÓRIA DE DEUS. Já fazia um bom tempo, mas Monette não achava que aquilo fosse padrão. Não achava nem mesmo que estivesse no Catecismo de Baltimore.

Do outro lado da abertura telada, o padre falou:

— Como vai, meu filho?

Monette também não achava que aquilo estivesse dentro dos padrões. Mas tudo bem. Ainda assim, não conseguiu responder de primeira. Nem uma palavra. O que era meio engraçado, levando-se em conta o que ele tinha a dizer.

— Filho? O gato começou sua língua?

Nada ainda. As palavras estavam ali, mas estavam todas bloqueadas. Absurdo ou não, ele teve um vislumbre repentino de uma privada entupida.

O borrão atrás da tela se moveu.

— Faz tempo?

— Sim — disse Monette. Já era alguma coisa.

— Quer que eu dê uma dica?

— Não, eu me lembro. Perdoe-me, padre, pois eu pequei.

— Aham, e quanto tempo faz desde a sua última confissão?

— Não me lembro. Bastante. Desde que eu era criança.

— Bem, não se preocupe, é como andar de bicicleta.

Mas por um instante ele continuou sem conseguir dizer nada. Olhou para a mensagem datilografada presa pela tachinha e engoliu em seco. Suas mãos estavam se apertando uma contra a outra, com cada vez mais força, até

formarem um só punho grande que balançava para cima e para baixo entre suas coxas.

— Filho? O dia está passando e estou esperando uma pessoa para almoçar. Na verdade, a pessoa está *trazendo* o al...

— Padre, eu talvez tenha cometido um pecado terrível.

Foi a vez de o padre ficar calado por um instante. *Mudo*, pensou Monette. Se houvesse uma palavra branca, seria essa. Se você a datilografasse em uma ficha de arquivo, ela desapareceria.

Quando o padre do outro lado da tela voltou a falar, sua voz ainda estava amigável, porém mais séria.

— Qual foi o seu pecado, meu filho?

E Monette falou:

— Não sei. O senhor vai precisar me dizer.

— 2 —

Estava começando a chover quando Monette chegou à rampa de acesso à rodovia para a direção norte. Sua maleta estava no porta-malas e suas valises de amostras — grandes e retangulares, do tipo que advogados carregam quando estão levando provas para o tribunal — estavam no banco de trás. Uma era marrom, a outra era preta. Ambas traziam o logo da Wolfe & Sons gravado em relevo: um lobo com um livro na boca. Monette era vendedor. Ele cobria toda a região norte da Nova Inglaterra. Era uma manhã de segunda-feira. Tinha sido um fim de semana ruim, muito ruim. Sua mulher havia se mudado para um hotel, onde provavelmente não estava sozinha. Logo ela talvez fosse para a cadeia. Certamente haveria um escândalo, e a infidelidade seria a parte menos importante dele.

Na lapela do seu paletó, ele usava um broche que dizia: PERGUNTE-ME SOBRE O MELHOR CATÁLOGO DE OUTONO DE TODOS OS TEMPOS!!

Havia um homem parado na subida da rampa. Ele usava roupas velhas e segurava um cartaz enquanto Monette se aproximava e a chuva ficava mais forte. Havia uma mochila marrom surrada entre seus pés calçados com tênis sujos. O fecho de velcro de um dos tênis tinha se soltado e apontava para cima

como uma língua torta. O homem que pedia carona não tinha sequer um chapéu, quanto mais um guarda-chuva.

A princípio, tudo o que Monette conseguia enxergar do cartaz eram lábios vermelhos mal desenhados com um risco preto cortando-os na diagonal. Quando chegou um pouco mais perto, viu que as palavras em cima da boca cortada diziam: Eu Sou MUDO! Debaixo da boca, havia o seguinte: Pode Me Dar Uma CARONA???

Monette ligou a seta para entrar na rampa. O homem virou o cartaz do outro lado: havia uma orelha, mal desenhada do mesmo jeito, com um risco cortando-a. Acima da orelha: sou SURDO! Abaixo: Pode Me Dar Uma Carona, POR FAVOR???

Monette já havia dirigido milhares de quilômetros desde os 16 anos de idade, a maior parte deles na dúzia de anos como representante comercial da Wolfe & Sons, vendendo um melhor catálogo de outono depois do outro, e durante todo esse tempo ele jamais havia dado uma só carona. Dessa vez, ele desviou para o acostamento ao pé da rampa sem hesitar e parou o carro. A medalha de São Cristóvão girou no espelho retrovisor e ainda estava balançando de um lado para o outro quando ele usou o botão na sua porta para destravar as demais. Dessa vez, não lhe parecia haver nada a perder.

O homem entrou e colocou sua mochilinha surrada entre os tênis úmidos e sujos. Monette tinha pensado, ao olhar para o sujeito, que ele cheiraria mal — e não estava enganado. Monette disse:

— Até onde você está indo?

O homem deu de ombros e apontou para a rampa acima. Então ele dobrou seu cartaz e o colocou com cuidado em cima da mochila. Seu cabelo era pegajoso e ralo. Havia alguns fios grisalhos nele.

— A direção eu sei, mas... — Monette percebeu que o homem não estava escutando. Esperou que ele se ajeitasse. Um carro passou zunindo e subiu a rampa, buzinando embora Monette tenha lhe deixado bastante espaço para passar. Monette mostrou o dedo do meio para o motorista. Isso ele *já* havia feito antes, mas nunca por conta de um aborrecimento tão banal.

O homem afivelou o cinto de segurança e olhou para Monette, como se quisesse saber por que a demora. Havia vincos no seu rosto, e pontinhos de barba por fazer. Monette não conseguia nem se atrever a adivinhar sua idade. Estava em algum ponto entre velho e não exatamente velho, era tudo o que podia saber.

— Até onde você está indo? — perguntou Monette, desta vez frisando cada palavra e, quando o sujeito continuou apenas olhando para ele (altura mediana, magro, menos de 70 quilos), disse: — Você sabe ler lábios? — Ele tocou os seus.

O homem balançou a cabeça e fez alguns gestos com as mãos.

Monette tinha um bloquinho no painel. Enquanto escrevia *Vai até onde?* nele, outro carro passou, dessa vez erguendo um baita esguicho de água pelo caminho. Monette iria até Derry, a uns 250 quilômetros dali, e aquele era um tipo de clima para dirigir que ele geralmente detestava, perdendo apenas para neve forte. Dessa vez, no entanto, achava que não teria problema. Dessa vez, o clima — e os veículos pesados, causando suas próprias tempestades ao jogarem água para cima enquanto passavam — serviria para distraí-lo.

Isso sem falar no sujeito. Seu novo passageiro. Que olhou para o recado e então de volta para Monette. Ocorreu a Monette que talvez o sujeito também não soubesse ler — aprender a ler quando você era surdo-mudo devia ser difícil pra cacete —, mas ele entendeu o ponto de interrogação. O homem apontou para além do para-brisa e pela rampa acima. Então abriu e fechou as mãos 13 vezes. Ou talvez 16. Uns 130 quilômetros. Ou uns 160. Se é que ele sabia.

— Waterville? — chutou Monette.

O homem o encarou inexpressivamente.

— Ok — disse Monette. — Que seja. Só me dê uma cutucada no ombro quando chegarmos aonde você quer ir.

O homem o encarou inexpressivamente.

— Bem, imagino que você vá fazer isso — disse Monette. — Quer dizer, partindo do princípio de que você tem um destino em mente. — Ele conferiu o retrovisor, então pegou a estrada. — Você está bem isolado mesmo, hein?

O sujeito ainda estava olhando para ele. Monette deu de ombros e colocou as palmas das mãos em cima das orelhas.

— Já entendi — falou Monette, pegando o tráfego. — Bem isolado mesmo. Linhas telefônicas cortadas. Mas hoje eu quase queria que eu fosse você e você fosse eu. — Ele se deteve. — Quase. Se importa se eu colocar uma música?

E, quando o homem simplesmente virou a cabeça e olhou pela janela, Monette teve que rir de si mesmo. Debussy, AC/DC ou Rush Limbaugh, dava no mesmo para aquele sujeito.

Ele tinha comprado o novo CD de Josh Ritter para a sua filha — ela faria aniversário dali a uma semana —, mas ainda não se havia lembrado de enviá-lo para ela. Tantas outras coisas acontecendo ultimamente. Ele ativou o controle de velocidade assim que passaram de Portland, rasgando a embalagem de plástico

com o polegar e colocando o CD no tocador. Imaginava que isso o tornasse tecnicamente um CD usado, não do tipo que você daria à sua amada filha única. Bem, ele sempre poderia comprar outro para ela. Quer dizer, desde que tivesse dinheiro para isso.

Josh Ritter acabou se mostrando muito bom. Meio parecido com o Dylan do começo, só que com uma atitude mais positiva. Enquanto ouvia, ele refletiu sobre dinheiro. Comprar um novo CD para o aniversário de Kelsie era o menor dos seus problemas. O fato de ela querer na verdade um laptop novo — e precisar de um — também não estava muito no alto na lista. Se Barb tivesse feito o que disse — o que o escritório do SAD *confirmou* que ela havia feito —, ele não sabia como iria pagar o próximo ano da filha na Case Western. Mesmo levando em conta que ainda fosse ter um emprego. *Isso sim* era um problema.

Ele aumentou a música para abafar o problema e teve algum sucesso, mas, quando chegaram a Gardiner, o último acorde já havia silenciado. O rosto e o corpo do homem estavam virados para a janela do carona. Monette conseguia ver as costas do seu casaco desbotado, de tecido grosseiro, com os cabelos ralos demais se espalhando pela gola abaixo aos tufos. Parecia ter havido um dia alguma estampa na parte de trás do casaco, mas já não dava para vê-la de tão apagada.

Essa é a história da vida deste pobre-diabo, pensou Monette.

Em um primeiro momento, Monette não conseguiu se decidir se o homem estava cochilando ou admirando a paisagem. Então notou a maneira como a cabeça dele estava ligeiramente caída para baixo e como sua respiração embaçava o vidro da janela do carona, e achou mais provável que estivesse cochilando. E por que não? A única coisa mais entediante que a Maine Turnpike ao sul de Augusta era a Maine Turnpike ao sul de Augusta debaixo de uma chuva fria de primavera.

Monette tinha outros CDs no console central, mas em vez de fuçar neles, ele desligou o rádio do carro. E, depois de passar pelas cabines de pedágio de Gardiner — sem parar, apenas desacelerando, o milagre do sistema de cobrança automático E-ZPass —, começou a falar.

Monette parou de falar e conferiu seu relógio. Eram 11h45, e o padre que estava esperando companhia para o almoço. Que a companhia estava trazendo o almoço, na verdade.

— Padre, sinto muito por isso estar levando tanto tempo. Eu iria mais rápido se soubesse como, mas não sei.

— Não tem problema, filho. Agora estou interessado.

— Sua companhia para o...

— Irá esperar enquanto eu faço o trabalho do Senhor. Filho, esse homem roubou você?

— Não — disse Monette. — A não ser que minha paz de espírito conte. Isso conta?

— Com toda a certeza. O *que* ele fez?

— Nada. Ficou olhando pela janela. Achei que ele estava cochilando, mas depois tive motivos para acreditar que estava enganado quanto a isso.

— O que *você* fez?

— Falei sobre a minha mulher — disse Monette. Então ele se deteve e pensou melhor. — Não, não falei. Eu *desabafei* sobre a minha mulher. Eu *berrei* sobre a minha mulher. *Botei tudo pra fora* sobre a minha mulher. Eu... bem... — Ele lutou contra aquilo, os lábios apertados com força, os olhos baixados para aquele punho grande de duas mãos que se retorcia entre suas coxas. Finalmente, explodiu: — Ele era um *surdo-mudo*, o senhor não entende? Eu podia falar qualquer coisa sem ter que ouvi-lo fazer uma análise, dar uma opinião ou me oferecer um conselho sábio. Ele era *surdo*, ele era *mudo*, porra, eu achei que ele estava provavelmente *dormindo*, e eu podia dizer qualquer merda que eu quisesse!

No confessionário com a ficha de arquivo presa à parede, Monette se encolheu.

— Me desculpe, padre.

— O que exatamente você disse a respeito dela?

— Eu lhe contei que ela tinha 54 anos de idade — falou Monette. — Foi assim que eu comecei. Porque essa era a parte... bem, essa era a parte que eu simplesmente não conseguia engolir.

Depois das cabines em Gardiner, a Maine Turnpike volta a ser uma estrada livre de pedágios, se estendendo por quase 500 quilômetros de tudo quanto é merda: bosques, plantações, um ou outro trailer residencial com uma antena parabólica no telhado e um caminhão em cima de blocos de concreto no jardim. Exceto no verão, o tráfego é pouco. Cada carro se torna o seu próprio mundinho. Mesmo naquele instante, ocorreu a Monette (talvez fosse a medalha de São Cristóvão balançando no espelho retrovisor, um presente de Barb em dias melhores, mais sãos) que era como estar em um confessionário ambulante. Ainda assim, ele começou devagar, como muitos ao se confessarem.

— Eu sou casado — disse ele. — Tenho 55 anos de idade e minha mulher, 54.

Ele refletiu um pouco sobre isso enquanto os limpadores de para-brisa tiquetaqueavam de um lado para outro.

— Cinquenta e quatro, Barbara tem 54 anos de idade. Estamos casados há 26. Temos uma filha. Uma filha adorável. Kelsie Ann. Ela faz faculdade em Cleveland, e não sei como vou mantê-la lá, porque, duas semanas atrás, sem aviso nenhum, minha mulher chutou o pau da barraca. Ela arrumou um namorado. Está com ele há quase dois anos. Ele é professor, bem, é claro que é, o que mais ele seria, mas ela o chama de Bob Caubói. Acabou que, em muitas daquelas noites em que eu achava que ela estava em algum curso de extensão gratuito ou no Círculo do Livro, ela estava era bebendo *shots* de tequila e dançando com o merda do Bob Caubói.

Era engraçado. Qualquer um veria que sim. Era a coisa mais digna de um episódio de sitcom que já existiu. Mas os olhos dele — embora sem lágrimas — ardiam como se estivessem cheios de hera venenosa. Ele olhou para a direita, mas o homem ainda estava quase todo virado para o lado oposto, sua testa recostada contra o vidro da janela do carona. Sem dúvida dormindo.

Quase sem dúvida.

Monette ainda não tinha se pronunciado sobre a traição dela. Kelsie ainda não sabia, embora a bolha da sua ignorância estivesse prestes a estourar. A coisa estava se espalhando — ele havia desligado na cara de três repórteres diferentes antes de começar aquela viagem —, mas ainda não havia nada que pudessem escrever no jornal ou colocar no ar. Isso mudaria em breve, mas Monette iria continuar se virando na base do *Nada a declarar* o máximo de tempo possível, em grande parte para se poupar do constrangimento. Enquanto isso, no entanto, ele estava declarando muita coisa ali — o que lhe trazia um grande e indignado alívio. De certa forma, era como cantar no chuveiro. Ou vomitar debaixo dele.

— Ela tem 54 anos de idade — disse ele. — É isso o que eu não consigo aceitar. Significa que ela começou a sair com esse cara, que se chama na verdade Robert Yandowsky, que tal isso como nome de caubói, quando tinha 52. Cinquenta e *dois*! Você não diria que isso já é idade o suficiente para ter juízo, meu amigo? Idade o suficiente para já ter feito as loucuras da juventude, colocado a cabeça no lugar e partido para coisa mais útil? Meu Deus, ela usa óculos *bifocais*! Ela tirou a vesícula biliar! E está trepando com esse sujeito! No Hotel Grove, onde os dois estão morando! Eu dei a ela uma boa casa em Buxton, uma garagem para dois carros, um Audi financiado no seu nome, e ela jogou tudo isso fora para encher a cara às quintas-feiras no Range Riders e depois transar com esse sujeito até o raiar do dia, ou até sei lá quando eles aguentam, e tem 54 anos de idade! Isso sem falar no merda do Bob Caubói, *que tem 60!*

Ele ouviu como estava reclamando aos berros, disse a si mesmo para parar, viu que o homem não tinha se mexido (a não ser que tivesse afundado um pouco mais na gola do casaco — isso podia ter acontecido) e percebeu que não *precisava* parar. Ele estava em um carro. Estava na rodovia interestadual 95, em algum lugar ao leste do sol e a oeste de Augusta. Seu passageiro era surdo-mudo. Ele poderia reclamar aos berros se era isso que queria fazer.

E reclamou.

— Barb falou tudo. Sem hostilidade e sem sentir vergonha. Ela parecia... serena. Em estado de choque, talvez. Ou ainda vivendo em um mundo de fantasia.

E ela dissera que a culpa tinha sido em parte dele.

— Passo muito tempo na estrada, isso é verdade. Mais de trezentos dias no ano passado. Ela ficava sozinha... nós tivemos uma pintinha só, entende, e ela terminou o ensino médio e saiu voando da gaiola. Então a culpa era minha. Quanto a Bob Caubói e todo o resto.

Suas têmporas latejavam e seu nariz estava quase totalmente entupido. Ele fungou com força o bastante para fazer pontos pretos voarem diante dos seus olhos e não conseguiu alívio algum. Não no nariz, pelo menos. Em sua cabeça, ele finalmente se sentia melhor. Ficou muito feliz por ter dado aquela carona. Ele poderia ter falado todas aquelas coisas em voz alta no carro vazio, mas...

— Mas não teria sido a mesma coisa — disse ele para o vulto do outro lado da parede do confessionário. Ele olhava bem para frente ao falar isso, encarando aquele POIS TODOS SÃO PECADORES E NÃO ALCANÇARAM A GLÓRIA DE DEUS. — O senhor entende isso, padre?

— É claro que entendo — respondeu o padre, e com bastante animação. — Embora tenha claramente se afastado da Santa Igreja, exceto por algumas superstições que ficaram, como sua medalha de São Cristóvão, você nem deveria precisar fazer essa pergunta. A confissão faz bem para a alma. Sabemos disso há 2 mil anos.

Monette tinha passado a usar no corpo a medalha de São Cristóvão que costumava balançar no seu espelho retrovisor. Talvez fosse apenas superstição, mas ele tinha dirigido milhares de quilômetros em todo tipo de tempo ruim com aquela medalha como companhia e nunca sequer amassara um para-choque.

— Filho, o que mais ela fez, a sua mulher? Além de pecar com Bob Caubói.

Monette ficou surpreso com a risada que deu. E, do outro lado da tela, o padre riu também. A diferença era a natureza do riso. O padre viu o lado engraçado. Monette achou que ainda estava tentando evitar ficar louco.

— Bem, teve a lingerie — disse ele.

— 6 —

— Ela comprou lingerie — disse ele para o homem, que ainda estava afundado no banco e quase todo virado para o lado oposto, com a cabeça apoiada contra a janela e sua respiração embaçando o vidro. A mochila entre os pés, o cartaz sobre ela com o lado que dizia EU SOU MUDO! para cima. — Ela me mostrou. Estava no armário do quarto de hóspedes. Estava quase *cheio* delas, o armário. Bustiês, camisolas, sutiãs e meias-calças de seda ainda na embalagem: dezenas de pares. Parecia ter mil cintas-ligas lá dentro. Mas a maior parte era de calcinhas, calcinhas e mais calcinhas. Ela disse que o Bob Caubói “se amarrava numa calcinha”. Acho que ela teria prosseguido, me contado como aquilo funcionava, mas eu consegui visualizar. Consegui visualizar bem melhor do que queria. Eu falei: “É claro que ele se amarra em calcinha, o homem cresceu tocando punheta para a PLAYBOY, ele tem *60 anos, porra*.”

Eles estavam passando pela placa de Fairfield àquela altura. Verde e embaçada através do para-brisa, com uma vaca molhada encurvada em cima dela.

— E era coisa da boa, ainda por cima — disse Monette. — Tinha várias compradas na Victoria's Secret do shopping, mas outras eram de uma loja de lingerie cara chamada Sweets. Em Boston. Eu nem sabia que *existiam* lojas de lingerie, mas me informei melhor desde então. Devia haver milhares de dólares em lingerie empilhados naquele armário. E sapatos também. A maioria de salto alto. Daquele tipo agulha, sabe? Ela pescou direitinho essa coisa toda de mulher safada. Embora eu imagine que tire os óculos bifocais quando coloca seu último conjunto de sutiã Wonderbra e shortinho de cetim. Mas...

Um caminhão de carga passou roncando. Monette acendeu seus faróis dianteiros e piscou automaticamente as luzes altas por um instante depois de ser ultrapassado. O caminhoneiro piscou um obrigado com os faróis traseiros. Linguagem de sinais da estrada.

— Mas um monte delas nem tinha sido *usada*. Essa é que era a questão. Elas estavam só... só entulhadas ali. Eu perguntei por que ela havia comprado tanta coisa, e ela não sabia ou não conseguiu explicar. "Foi só um hábito que a gente criou", disse ela. "Era tipo uma preliminar, eu acho." Sem nenhuma vergonha. Sem hostilidade. Como se estivesse pensando: *Isso é tudo um sonho e daqui a pouco eu vou acordar*. Nós dois parados ali, olhando para aquele bazar de calcinhas, roupas de baixo, sapatos e só Deus sabe o que mais empilhado no armário. Então eu perguntei de onde ela havia tirado aquele dinheiro — quero dizer, eu vejo a fatura do cartão todo final de mês, e não tinha nenhuma Sweets de Boston — e foi aí que nós chegamos ao verdadeiro problema. Que era o peculato.

— 7 —

— Peculato — disse o padre. Monette se perguntou se a palavra já teria sido falada naquele confessionário antes e decidiu que provavelmente sim. *Roubo*, com certeza.

— Ela trabalhava para o MSAD 19 — falou Monette. — MSAD significa Maine School Administrative District. Cada um deles administra seu respectivo distrito escolar no Maine, e o 19 é um dos grandes, logo ao sul de Portland. Ele fica em Dowrie, por sinal, lar tanto do Range Riders, o lugar da dança, quanto do histórico Hotel Grove, que fica mais adiante na mesma estrada. Conveniente. Dá pra dançar e fo... fazer amor na mesma área. Ora, você nem precisaria pegar seu carro se estivesse de cara cheia. O que era o caso deles na maioria das noites. *Shots* de tequila para ela, uísque para ele. Jack, naturalmente. Ela me contou. Ela me contou tudo.

— Sua mulher era professora?

— Ah, não... professores não têm acesso a esse tipo de grana; ela jamais teria conseguido desviar mais de 120 mil dólares se fosse professora. Nós chegamos até a receber o superintendente do distrito e sua esposa para jantar na nossa casa, e é claro que eu o encontrava em todos os piqueniques de fim de ano escolar, geralmente no Dowrie Country Club. Victor McCrea. Formado pela Universidade do Maine. Ex-jogador de futebol americano. Diploma de Educação Física. Cabelo à escovinha. Provavelmente passava com média C por boa vontade dos professores, mas era um bom homem, do tipo que conhece cinquenta piadas do tipo “um sujeito entrou num bar”. Encarregado de uma dúzia de escolas, desde as cinco de ensino fundamental até a Muskie High, de ensino médio. Renda anual bem gorda, talvez conseguisse somar quatro mais quatro em caso de emergência. Barb foi sua secretária executiva por 12 anos.

Monette fez uma pausa.

— Barb ficava com o talão de cheques.

— 8 —

A chuva estava ficando mais forte. Quase um temporal àquela altura. Monette desacelerou para 80 sem nem mesmo pensar no assunto, enquanto outros carros zuniam com displicência por ele na pista da esquerda, cada qual erguendo sua própria nuvem de água. Que passassem a toda. Quanto a ele, vinha tendo uma carreira longa e livre de acidentes vendendo o melhor catálogo de outono de todos os tempos (sem contar o melhor catálogo de primavera de todos os tempos

e alguns catálogos Surpresa de Verão, que consistiam basicamente em livros de receita, de dieta e imitações baratas de *Harry Potter*) e queria continuar assim.

À sua direita, o homem se mexeu um pouco.

— Acordou, amigo? — perguntou Monette. Uma pergunta inútil, mas natural.

O homem fez um comentário com a sua retaguarda, que pelo jeito não era muda: *Fuinnn*. Discreto, educado e — melhor de tudo — inodoro.

— Vou interpretar isso como um sim — disse Monette, voltando a prestar atenção na estrada. — Onde eu estava?

Na lingerie, era lá que ele estava. Ainda conseguia vê-las. Empilhadas no armário como o sonho molhado de um adolescente. E depois a confissão do peculato: aquele montante espantoso. Após se dar um tempo para refletir sobre a possibilidade de ela estar mentindo por algum motivo louco (embora *tudo* fosse claramente uma loucura), ele lhe perguntou quanto tinha sobrado, e ela disse — daquele mesmo jeito calmo e entorpecido — que na verdade não tinha sobrado nada, embora imaginasse que poderia arranjar mais. Por algum tempo, pelo menos.

— "Mas daqui a pouco eles vão descobrir", ela disse. "Se fosse só o pobre e inocente Vic, acho que eu poderia continuar para sempre, mas os auditores do estado estiveram lá na semana passada. Eles fizeram perguntas demais e tiraram cópias dos registros. Não vai demorar muito."

"Então eu perguntei como ela pôde gastar mais de 100 mil dólares em calcinhas e cintas-ligas — disse Monette para o seu companheiro silencioso. — Não fiquei com raiva, pelo menos não naquela hora, acho que estava chocado demais, mas estava sinceramente curioso. E ela falou daquele mesmo jeito, sem nenhuma vergonha, sem hostilidade, como uma sonâmbula: 'Bem, nós acabamos nos interessando pela loteria. A gente achou que dava para recuperar o dinheiro assim.'"

Monette fez uma pausa. Ele observou o ir e vir dos limpadores de para-brisa. Cogitou por um instante a ideia de girar o volante para a direita e atirar o carro para cima de uma das vigas de sustentação do viaduto mais adiante. Então afastou a ideia. Mais tarde diria ao padre que parte do motivo tinha sido aquela antiga proibição da infância quanto ao suicídio, porém em grande parte ele estava era pensando que gostaria de ouvir o disco de Josh Ritter pelo menos mais uma vez antes de morrer.

Além disso, não estava mais sozinho.

Em vez de cometer suicídio (e levar o passageiro junto), ele passou por baixo do viaduto naquela velocidade constante e moderada de 80 por hora (o para-brisa

ficou limpo por talvez dois segundos, então os limpadores tiveram mais trabalho a fazer) e voltou a contar sua história.

— Eles devem ter comprado mais bilhetes de loteria do que qualquer outra pessoa na história. — Ele refletiu sobre o que disse, então balançou a cabeça. — Bem... provavelmente não. Mas compraram 10 mil, sem dúvida. Ela disse que em novembro passado, que eu passei quase inteiro em New Hampshire e Massachusetts, sem contar a conferência de vendas em Delaware, eles compraram mais de 2 mil. Powerball, Megabucks, Paycheck, Trinca, Quadra, Triple Play, eles tentavam de tudo. No começo, escolheram os números eles mesmos, mas Barb disse que depois de um tempo isso passou a demorar muito e eles começaram a usar o EZ Pick, que é a opção de escolha automática.

Monette apontou para a caixinha branca de plástico colada ao seu para-brisa, logo debaixo da haste do espelho retrovisor.

— Essas bugigangas todas deixam o mundo mais rápido. Talvez isso seja uma boa coisa, mas eu meio que duvido. Ela disse: "Nós escolhemos o EZ Pick porque as pessoas que estão atrás na fila ficam irritadas se você demora muito para escolher seus próprios números, especialmente quando o prêmio é de mais de 100 milhões." Falou também que às vezes ela e Yandowsky se separavam e iam para lotéricas diferentes, às vezes até duas dúzias delas num fim de tarde só. E é claro que aquele lugar em que eles iam dançar também vendia bilhetes de loteria.

"Ela disse: 'Na primeira vez em que Bob jogou, nós ganhamos 500 dólares na Trinca. Foi tão romântico.' — Monette balançou a cabeça. — Depois disso, o romance continuou, mas eles praticamente pararam de ganhar. Foi o que ela disse. Falou também que chegaram a ganhar mil pratas uma vez, mas a essa altura 30 mil já tinham ido para o saco. *Para o saco,* foi como ela chamou.

"Uma vez, isso foi em janeiro, enquanto eu estava na estrada tentando ganhar de volta a grana daquele casaco de caxemira que eu dei para ela de Natal, ela disse que eles subiram para Derry e passaram alguns dias por lá. Não sei se eles têm dança praqueles lados ou não, nunca conferi, mas eles têm um lugar chamado Hollywood Slots. Eles ficaram numa suíte, comeram do bom e do melhor, ela disse *do bom e do melhor*, e gastaram 7.500 jogando videopôquer. Mas, segundo ela, não gostaram muito. No geral, eles se limitavam à loteria, injetando cada vez mais grana do SAD, tentando zerar as contas antes de os auditores voltarem e o teto cair. E de vez em quando, é claro, ela comprava alguma lingerie nova. Uma garota precisa estar com as roupas de baixo em dia

quando vai comprar um bilhete para o Powerball na loja de conveniência mais próxima.

“Tudo bem com você, parceiro?”

Não houve resposta do seu passageiro, obviamente, então Monette estendeu a mão e sacudiu o ombro do homem. Ele desgrudou a cabeça da janela (sua testa havia deixado uma mancha gordurosa no vidro) e olhou em volta, piscando seus olhos vermelhos como se tivesse sido acordado. Monette não achava que ele estivesse dormindo. Não tinha motivo para isso, era apenas uma impressão.

Ele fez um círculo com o polegar e o indicador para o homem, então ergueu as sobrancelhas.

Por um instante, o homem apenas o encarou inexpressivamente, dando tempo para Monette pensar que o sujeito era burro feito uma porta, além de surdo-mudo. Então ele sorriu, fez que sim com a cabeça e imitou o sinal com a mão.

— Ok — disse Monette. — Só conferindo.

O homem recostou sua cabeça de volta contra a janela. Nesse meio-tempo, o suposto destino dele, Waterville, tinha ficado para trás deles debaixo da chuva. Monette não percebeu. Ainda estava vivendo no passado.

— Se tivesse sido só a lingerie e o tipo de jogo de loteria em que você escolhe um monte de números, o estrago talvez não tivesse sido tão grande — disse ele. — Porque jogar assim na loteria leva tempo. Dá a chance de você recuperar o juízo, sempre partindo do princípio de que você tenha algum. Você tem que ficar na fila, juntar os canhotos e guardá-los na carteira. Depois tem que assistir à tevê ou conferir o jornal para saber os resultados. Se fosse só isso, talvez pudesse ter continuado tudo ok. Quer dizer, isso se você puder considerar ok sua mulher se enrabichando com um professor de História burro de doer e jogando 30 ou 40 mil dólares da verba do distrito escolar pelo ralo. Mas 30 mil eu talvez tivesse conseguido cobrir. Poderia ter feito uma segunda hipoteca da casa. Não por Barb, de jeito nenhum, mas por Kelsie Ann. Uma menina que está só começando sua vida não precisa de um peixe podre desses amarrado ao pescoço. Restituição, é como eles chamam. Eu teria feito a restituição mesmo que isso significasse morar em um apartamento de dois quartos. Sabe como é?

Era óbvio que o homem *não* sabia como era — não sabia nada sobre filhas jovens e bonitas apenas começando na vida, ou segundas hipotecas, ou restituições. Ele estava aquecido e seco em seu mundo totalmente silencioso — e provavelmente era melhor assim.

Monette continuou sua ladainha da mesma forma.

— A questão é que existem maneiras mais rápidas de torrar o seu dinheiro, e tão legais quanto... quanto comprar lingerie.

— 9 —

— Eles passaram para as raspadinhas, não foi? — perguntou o padre. — O que a agência que regula as lotéricas chama de premiação instantânea.

— O senhor fala como um homem que já deu lá suas apostadinhas — disse Monette.

— De vez em quando — concordou o padre, e com um falta de hesitação admirável. — Sempre digo a mim mesmo que, se um dia tirasse um bilhete premiado, colocaria todo o dinheiro na Igreja. Mas nunca arrisco mais que cinco dólares por semana. — Dessa vez, *houve* uma hesitação. — Às vezes dez. — Outra pausa. — E teve uma vez que comprei uma raspadinha de vinte dólares, quando elas tinham acabado de ser lançadas. Mas foi uma loucura momentânea. Nunca mais fiz isso.

— Pelo menos não até agora — disse Monette.

O padre deu uma risadinha.

— São as palavras de um gato escaldado, filho. — Ele suspirou. — Estou achando sua história fascinante, mas será que não poderíamos ir um pouco mais rápido? Minha companhia vai esperar enquanto eu faço o trabalho do Senhor, mas não para sempre. E se não me engano vamos comer salada de frango, com bastante maionese. Um dos meus pratos favoritos.

— Não falta muito — disse Monette. — Se o senhor já jogou, sabe como funciona. Você pode comprar raspadinhas nos mesmos lugares em que compra bilhetes para o Powerball e para o Megabucks, mas também pode comprá-las em um monte de outros lugares, incluindo postos de parada de beira de estrada. Você não precisa nem lidar com um balconista; dá para comprá-los direto de uma máquina. As máquinas são sempre verdes, da cor do dinheiro. Quando Barb abriu o jogo...

— Quando ela confessou — disse o padre, com o que poderia ter sido um quê de malícia.

— Sim, quando ela *confessou*, eles já estavam basicamente se atendo às raspadinhas de vinte dólares. Barb disse que nunca comprava nenhuma quando estava sozinha, mas que, quando estava com Bob Caubói, eles compravam um monte. Na esperança de tirar a sorte grande, o senhor sabe como é. Disse também que uma vez eles compraram cem daquelas belezinhas em uma noite só. Isso dá 2 mil dólares. Conseguiram oitenta de volta. Cada um tinha o seu raspadorzinho de plástico. Eles parecem raspadores de gelo para gnomos com MAINE STATE LOTTERY escrito no cabo. São verdes, como as máquinas de vender raspadinha. Barb me mostrou o dela, estava debaixo da cama do quarto de hóspedes. Não dava para ler nada além de TERY. Poderia ser MYSTERY em vez de LOTTERY, porque era um mistério, mesmo. O suor da palma da mão dela tinha apagado o resto.

— Filho, você bateu nela? É por isso que está aqui?

— Não — disse Monette. — Eu queria *matá*-la. Pelo dinheiro, não pela traição. A parte da traição só parecia irreal, mesmo com toda aquela roupa de pu... toda aquela lingerie na minha frente. Mas não encostei nem um dedo nela. Acho que era porque estava cansado demais. Toda aquela informação simplesmente me esgotou. O que eu queria fazer era dormir. Muito. Talvez por alguns dias a fio. Isso é estranho?

— Não — disse o padre.

— Eu perguntei como ela poderia ter feito uma coisa daquelas comigo. Ela se importava tão pouco assim? Então *ela* perguntou...

— 10 —

— Ela me perguntou como era possível que eu não soubesse — disse Monette para o homem. — E, antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ela mesma respondeu, então acho que era uma, como é que se fala?, uma pergunta retórica. Ela disse: “Você não sabia por que estava pouco se importando. Estava quase sempre na estrada e, quando não estava, *queria* estar. Há dez anos que você não se importa com que lingerie eu estou, e por que se importaria? Já que não se importa com a mulher dentro dela. Mas agora você se importa, não é? Agora, sim.”

“Cara, eu fiquei só olhando pra ela. Estava cansado demais para matá-la, ou até para lhe dar um tapa, mas estava puto, ah, se estava. Apesar do choque, eu estava puto. Ela estava tentando transformar aquilo em culpa minha. Você entende isso, não entende? Tentando colocar tudo na conta da porra do meu *trabalho*, como se eu pudesse conseguir outro que pagasse a metade do que ele paga. Quero dizer, na minha idade, pra que outra coisa eu estou qualificado? Talvez conseguisse trabalhar como guarda de trânsito, daqueles que ficam nos cruzamentos em frente às escolas. Até porque nunca fui preso por atentado ao pudor. Mas não passaria disso.”

Ele fez uma pausa. Bem adiante na estrada, ainda quase totalmente escondido por uma camisola ondulante de chuva, havia uma placa azul.

Ele refletiu, então disse:

— Mas nem mesmo isso é a verdadeira questão. Quer saber qual é a questão? Para ela? É que eu deveria me sentir culpado por *gostar* do meu trabalho. Por não me arrastar pelos meus dias até encontrar a pessoa certa para *perder a porra da cabeça e explodir!*

O homem se mexeu um pouco, provavelmente só porque ele tinha passado por um quebra-molas (ou por cima de algum animal morto), mas isso fez Monette perceber que estava gritando. E tinha o seguinte: o sujeito poderia não ser totalmente surdo. Mesmo que fosse, talvez pudesse sentir vibrações nos ossos do rosto depois que os sons passam de um determinado nível de decibéis. Quem sabe uma porra dessas?

— Não dei corda para ela — falou Monette em um tom mais baixo. — Eu *me recusei* a dar corda para ela. Acho que sabia que, se desse, se realmente começássemos a discutir, poderia acontecer qualquer coisa. Eu queria sair dali enquanto ainda estava em estado de choque... porque era isso que estava protegendo o pescoço dela, entende?

O homem não disse nada, mas Monette entendia pelos dois.

— Eu disse, “E agora?”, e ela disse, “Acho que eu vou para a cadeia”. E, quer saber de uma coisa? Se ela tivesse começado a chorar ali, talvez eu tivesse lhe dado um abraço. Porque, depois de 26 anos de casamento, esse tipo de coisa passa a ser um reflexo. Mesmo quando o sentimento quase não existe mais. Mas ela não chorou, então eu fui embora dali. Simplesmente dei as costas e fui embora. E, quando voltei, encontrei um bilhete dizendo que ela havia *se mudado*. Isso faz quase duas semanas, e eu não a vejo desde então. Falei com ela ao telefone algumas vezes, e só. Falei com um advogado, também. Congelei todas as nossas contas bancárias, não que isso vá adiantar alguma coisa quando

os trâmites legais começarem a rolar. O que vai acontecer em breve. A bosta vai entupir o sistema de refrigeração do ar, se é que você me entende. Então imagino que eu vá reencontrá-la. No tribunal. Ela e a porra do Bob Caubói.

Agora ele conseguia ver a placa azul: POSTO DE PARADA PITTSFIELD 3 KM.

— Ah, merda — exclamou ele. — Waterville ficou 25 quilômetros para trás, parceiro. — E, quando o surdo-mudo não se mexeu (é claro que não), Monette percebeu que, de qualquer maneira, não sabia se o cara estava indo para Ville. Não com certeza. Fosse como fosse, estava na hora de resolver aquilo. O posto de parada serviria para isso, mas eles ainda ficariam mais um ou dois minutos presos naquele confessionário ambulante, e ele sentia que tinha algo mais a dizer.

"É verdade que eu não sentia muita coisa por ela havia um bom tempo — disse ele. — Às vezes o amor simplesmente acaba. Também é verdade que eu não fui totalmente fiel, procurei um pouco de consolo na estrada de vez em quando. Mas *isso* lhe dá direito de *fazer o que fez*? Isso justifica que uma mulher destrua uma vida como uma criança explodiria uma maçã podre com uma bombinha?"

Ele dobrou para o posto de parada. Devia haver uns quatro carros no estacionamento, amontoados contra o prédio marrom com as vendedoras automáticas na frente. Para Monette, os carros pareciam crianças friorentas deixadas na chuva. Ele estacionou. O homem o encarou interrogativamente.

— Para onde você está indo? — perguntou Monette, sabendo que era inútil.

O surdo-mudo refletiu. Ele olhou ao redor para ver onde estavam. Então olhou de volta para Monette como se dissesse: *Não para cá*.

Monette apontou de volta para o sul e ergueu as sobrancelhas. O surdo-mudo balançou a cabeça, apontando em seguida para o norte. Abriu e fechou os punhos, mostrando os dedos seis vezes... oito... dez. Do mesmo jeito que antes, basicamente. Ele pensou que a vida poderia ser mais simples para aquele cara se alguém tivesse lhe ensinado o símbolo do oito deitado que significa *infinito*.

— Você está basicamente viajando sem destino, não é? — perguntou Monette.

O surdo-mudo apenas olhou para ele.

— É, está sim — disse Monette. — Bem, quer saber de uma coisa? Você escutou a minha história, embora não soubesse que estava escutando, e eu vou te levar até Derry. — Ele teve uma ideia. — Na verdade, vou deixar você no abrigo de Derry. Lá você pode conseguir refeição quente e uma cama, pelo menos por uma noite. Preciso fazer um xixi. Você precisa também?

O surdo-mudo o encarou com uma inexpressividade paciente.

— Um xixi — disse Monette. — Uma *mijada*. — Ele começou a apontar para a virilha, se deu conta de onde eles estavam, e decidiu que um vagabundo de beira de estrada pensaria que ele estava pedindo um boquete bem ali, em frente às máquinas de salgadinhos. Em vez disso, ele apontou na direção das silhuetas na lateral do prédio: um bonequinho preto, uma bonequinha preta. O homem estava com as pernas abertas, a mulher com as pernas fechadas. Praticamente a história da raça humana em linguagem de sinais.

Isso o passageiro entendeu. Ele balançou a cabeça decididamente, então fez outro círculo com o polegar e o indicador para completar. O que trouxe um problema delicado para Monette: deixar o sr. Andarilho Silencioso no carro enquanto ele tirava água do joelho ou fazê-lo esperar na chuva... o que quase certamente deixaria claro para o sujeito por que ele estava sendo colocado para fora.

Só que isso não era um problema, decidiu ele. Não havia dinheiro no carro e sua bagagem pessoal estava trancada no porta-malas. Havia suas valises de amostra no banco de trás, mas algo lhe dizia que o sujeito não iria roubar duas valises de 30 quilos e sair andando com elas pela rampa de saída do posto. Para começo de conversa, como ele faria para segurar seu cartaz de EU SOU MUDO?

— Já volto — disse Monette e, quando o homem apenas o encarou com aqueles olhos vermelhos, ele apontou para si mesmo, para os símbolos de banheiro e então de volta para si mesmo. Dessa vez, o homem assentiu e fez outro círculo com o polegar e o indicador.

Monette foi ao banheiro e mijou pelo que pareceram vinte minutos. O alívio foi delicioso. Foi a melhor sensação que teve desde que Barb soltara sua bomba. Pela primeira vez, lhe ocorreu que ele iria superar aquilo. E que iria ajudar Kelsie a superar também. Ele se lembrou de uma frase de algum velho alemão (ou talvez russo, sem dúvida parecia o jeito que os russos tinham de encarar a vida): o que não me mata me torna mais forte.

Ele voltou para o carro, assobiando. Chegou até a dar um tapinha camarada na máquina de raspadinhas ao passar por ela. A princípio ele achou que talvez não estivesse conseguindo ver seu passageiro porque o sujeito estava deitado... se fosse o caso, Monette teria que enxotá-lo de volta para o seu lugar para ele poder ir para trás do volante. Mas o homem não estava deitado. O homem tinha ido embora. Tinha pegado sua mochila, seu cartaz e dado o fora.

Monette conferiu o banco de trás e viu que suas valises da Wolfe & Sons estavam intocadas. Olhou dentro do porta-luvas e viu que a documentação sem

valor que ficava guardada ali — registro do carro; cartão do seguro; cartão da AAA, a Associação Automobilística Americana — continuava no mesmo lugar. Tudo que restava do vagabundo era o cheiro que ele deixou para trás, nem tão desagradável assim: suor e um leve aroma de pinho, como se ele andasse dormindo ao relento.

Ele achou que veria o cara ao pé da rampa de saída, erguendo seu cartaz e girando-o pacientemente de um lado para outro para que todos os Bons Samaritanos em potencial pudessem ter a noção completa da sua deficiência. Se fosse o caso, Monette pararia para apanhá-lo novamente. De alguma maneira, parecia ter deixado o serviço pela metade. Deixar o sujeito no abrigo de Derry — isso sim lhe daria a sensação de ter completado o serviço. Isso sim encerraria o negócio e fecharia o caixão. Ele poderia ter muitos outros defeitos, mas gostava de terminar as coisas.

Porém o sujeito não estava ao pé da rampa; o sujeito tinha sumido do mapa. E somente quando Monette passou por uma placa que dizia DERRY 16 KM que ele ergueu os olhos para o espelho retrovisor e viu que sua medalha de São Cristóvão, sua companheira de todos aqueles milhares de quilômetros, não estava mais lá. O surdo-mudo a havia roubado. No entanto, nem mesmo isso conseguiu frustrar o novo otimismo de Monette. Talvez o surdo-mudo precisasse mais dela do que ele. Monette esperava que a medalha lhe trouxesse boa sorte.

Dois dias depois — àquela altura ele estava vendendo o melhor catálogo de outono de todos os tempos em Presque Isle —, Monette recebeu uma ligação da Polícia Estadual do Maine. Sua esposa e Bob Yandowsky tinham sido espancados até a morte no Hotel Grove. O assassino tinha usado um pedaço de cano envolvido numa toalha de hotel.

— 11 —

— Meu... bom... *Deus*! — exalou o padre.

— É — concordou Monette —, foi mais ou menos isso que eu pensei.

— Sua filha...?

— Ficou arrasada, é claro. Ela está passando um tempo comigo, em casa. Nós vamos superar isso, padre. Ela é mais durona do que eu pensava. E, é claro, não

sabe sobre o outro assunto. O peculato. Com sorte, nunca saberá. O seguro vai pagar uma quantia bem alta, o que eles chamam de dupla indenização. Considerando tudo o que aconteceu antes, acho que enfrentaria problemas entre módicos e sérios com a polícia agora se eu não tivesse um álibi dos fortes. E se não tivesse havido... desdobramentos. Assim mesmo, já fui interrogado várias vezes.

— Filho, você não pagou ninguém para...

— Já me perguntaram isso também. A resposta é não. Abri minhas contas bancárias para qualquer um que queira conferir. Posso justificar cada centavo, tanto na minha metade da sociedade matrimonial quanto na de Barb. Ela era muito responsável financeiramente. Pelo menos durante a parte sã da sua vida. Padre, o senhor pode abrir a sua portinhola? Quero lhe mostrar uma coisa.

Em vez de responder, o padre atendeu o pedido. Monette passou a medalha de São Cristóvão em volta do seu pescoço pela abertura e então estendeu o braço para o outro lado do confessionário. Os dedos se tocaram por um instante enquanto a medalha e a corrente de aço embolada passavam da sua mão para o do padre.

Houve um silêncio de cinco segundos enquanto o padre a analisava. Então ele falou:

— Quando você recebeu isto de volta? Estava no hotel onde...

— Não — disse Monette. — Não no hotel. Na casa em Buxton. Na penteadeira no que costumava ser o nosso quarto. Do lado da nossa fotografia de casamento, na verdade.

— Deus do céu — disse o padre.

— Ele pode ter pegado o endereço no registro do meu carro enquanto eu estava no banheiro.

— E é claro que você mencionou o nome do hotel... e a cidade...

— Dowrie — concordou Monette.

Pela terceira vez, o padre invocou o nome do seu Chefe. Então falou:

— O camarada não era surdo-mudo afinal, era?

— Tenho quase certeza de que era mudo — disse Monette —, mas sem dúvida não era surdo. Havia um bilhete ao lado da medalha, em um pedaço de papel que ele arrancou do caderno de telefones. Tudo isso deve ter acontecido enquanto minha filha e eu estávamos na funerária, escolhendo um caixão. A porta dos fundos estava aberta, mas não arrombada. Ele pode ter sido esperto o suficiente para abrir o trinco, mas acho que eu simplesmente me esqueci de fechá-la quando nós saímos.

— O bilhete dizia o quê?

— “Obrigado pela carona” — disse Monette.

— Minha nossa. — Silêncio pensativo, então houve uma batidinha bem perto da portinhola do lado do confessionário em que Monette estava sentado, contemplando POIS TODOS SÃO PECADORES E NÃO ALCANÇARAM A GLÓRIA DE DEUS. Monette apanhou sua medalha de volta.

— Você contou à polícia?

— Sim, claro, toda a história. Eles acham que sabem quem é o cara. Já conhecem o cartaz. O nome dele é Stanley Doucette. Ele passou anos zanzando pela Nova Inglaterra com aquele cartaz dele. Mais ou menos como eu, agora que eu pensei no assunto.

— Já tem um histórico de crimes violentos?

— Alguns — disse Monette. — Brigas em sua maioria. Espancou bastante um homem em um bar uma vez, e já entrou e saiu de instituições psiquiátricas, entre elas o Serenity Hill, em Augusta. Duvido que a polícia tenha me contado tudo.

— Você quer saber tudo?

Monette pensou sobre aquilo e então falou:

— Não.

— Eles não pegaram esse sujeito.

— Dizem que é só uma questão de tempo. Dizem também que ele não é muito inteligente. Mas foi inteligente o bastante para me enganar.

— Ele te enganou *mesmo*, filho? Ou você sabia que estava falando para alguém que conseguia ouvir? Essa me parece ser a verdadeira questão.

Monette ficou calado por um bom tempo. Não saberia dizer se havia vasculhado de forma honesta seu coração antes, mas lhe parecia que estava fazendo isso agora, e com uma lanterna potente. Sem gostar de tudo o que encontrava ali, mas vasculhando, sem dúvida. Sem ignorar o que estava vendo lá dentro. Pelo menos não de propósito.

— Eu não sabia — falou ele.

— E está feliz por sua mulher e o amante dela estarem mortos?

No seu coração, Monette respondeu de imediato *sim*. Em voz alta, disse:

— Estou aliviado. Sinto dizer isso, padre, mas levando em conta o estrago que ela fez e a maneira como a coisa toda deve transcorrer, sem julgamento e com uma restituição discreta bancada com o dinheiro do seguro, estou aliviado. Isso é pecado?

— Sim, meu filho. Sinto muito pela notícia, mas é.

— O senhor pode me conceder perdão?

— Dez Pais-Nossos e dez Ave-Marias — disse o padre rapidamente. — Os Pais-Nossos são por falta de misericórdia, um pecado grave, porém não mortal.

— E as Ave-Marias?

— Linguajar chulo no confessionário. Em algum momento teremos que lidar com a questão do adultério, o seu, não o dela, mas agora...

— O senhor tem um almoço marcado. Eu entendo.

— Na verdade, eu perdi meu apetite para o almoço, embora certamente precise encontrar minha companhia. A questão é, acho que estou um pouco... um pouco abalado para abordar o que você chamou de "consolo na estrada" neste momento.

— Entendo.

— Ótimo. Só mais uma coisa, filho.

— Sim?

— Não quero ficar insistindo no assunto, mas você tem *certeza* de que não deu permissão àquele homem? Ou o encorajou de alguma forma? Porque, se for o caso, eu imagino que estaríamos falando de um pecado mortal, em vez de um pecado venial. Teria que confirmar com meu próprio conselheiro espiritual para dizer com certeza, mas...

— Não, padre. Mas o senhor acha... que é possível que Deus tenha colocado aquele sujeito no meu carro?

No seu coração, o padre respondeu de imediato *sim*. Em voz alta, disse:

— Isso é uma blasfêmia, passível de mais dez Pais-Nossos. Não sei quanto tempo você esteve fora das portas da igreja, mas deveria saber que não. Agora, você quer falar mais alguma coisa e se arriscar a mais Ave-Marias ou já terminamos por aqui?

— Já terminamos, padre.

— Então você está absolvido, como dizemos no ramo. Siga o seu caminho e se afaste do pecado. E tome conta da sua filha, meu filho. Uma criança só tem uma mãe, por pior que ela possa ter agido.

— Sim, padre.

Atrás da tela, o vulto se moveu.

— Posso lhe fazer só mais uma pergunta?

Monette se recostou de volta, relutante. Ele queria sair dali.

— Sim.

— Você disse que a polícia acha que vai pegar esse homem.

— Segundo eles, é só uma questão de tempo.

— Minha pergunta é: você *quer* que a polícia pegue esse homem?

E, porque o que queria mesmo era sair dali e expiar seus pecados no confessionário ainda mais reservado do seu próprio carro, Monette disse:

— É claro que sim.

No caminho de volta para casa, ele acrescentou mais duas Ave-Marias e mais dois Pais-Nossos às suas orações.

Ayana

Achei que nunca iria contar esta história. Minha mulher me falou para não contá-la; ela disse que ninguém acreditaria em mim e que eu só passaria vergonha. O que queria dizer, é claro, é que eu a faria passar vergonha.

— E quanto a Ralph e Trudy? — eu lhe perguntei. — Eles estavam lá. Eles também viram.

— Trudy vai mandá-lo ficar de boca calada — disse Ruth. — E seu irmão não vai precisar de muito convencimento.

Isso era provavelmente verdade. Na época, Ralph era superintendente da Unidade Administrativa Escolar 43 de New Hampshire, e a última coisa que o gabinete do Departamento de Educação de um estado pequeno precisa é acabar em um daqueles noticiários de tevê a cabo da madrugada, no horário reservado para OVNIs passando por Phoenix e coiotes que sabem contar até dez. Além do mais, uma história sobre milagres não é tão boa sem um milagreiro, e Ayana tinha morrido.

Mas agora minha mulher está morta — ela teve um ataque cardíaco enquanto ia de avião para o Colorado para ajudar com o nosso primeiro neto e morreu quase instantaneamente. (Ou pelo menos é o que disse a companhia aérea, mas não se pode deixar nem a sua bagagem na mão deles hoje em dia.) Meu irmão Ralph também está morto — um derrame enquanto jogava em um campeonato de golfe para a terceira idade — e Trudy está gagá. Meu pai morreu há tempos; se ainda estivesse vivo, seria um centenário. Eu sou o único que resta, então vou contar a história. Ela *é* inacreditável, Ruth tinha razão quanto a isso, e não significa nada de qualquer forma — milagres nunca significam, a não ser para aqueles loucos sortudos que conseguem vê-los em toda parte. Mas é interessante. E *é* verdade. Todos nós vimos.

Meu pai estava morrendo de câncer no pâncreas. Acho que você pode descobrir muito sobre as pessoas ouvindo a maneira como elas falam sobre esse tipo de situação (e o fato de eu descrever câncer como “esse tipo de situação” provavelmente lhe revela algo sobre este narrador, que passou a vida ensinando

Inglês para meninos e meninas cujos problemas de saúde mais graves eram acne e lesões esportivas).

Ralph disse:

— Ele está quase no fim da jornada.

Trudy, minha cunhada, disse:

— Já não presta pra nada ele. — A princípio, achei que ela havia dito “Já não resta mais nada dele”, o que me soou surpreendentemente poético. Eu sabia que não poderia ser isso, não vindo dela, mas queria que fosse.

Ruth falou:

— Ele está com o pé na cova.

Eu não cheguei a dizer “E que entre de uma vez”, mas pensei. Porque ele sofreu. Isso foi 25 anos atrás, em 1982, quando sofrer ainda era uma parte aceitável de um câncer terminal. Eu me lembro de ter lido dez ou 12 anos depois que a maioria dos pacientes de câncer morre silenciosamente só porque está fraca demais para gritar. Isso me trouxe lembranças tão fortes do quarto de hospital do meu pai que eu fui até o banheiro e me ajoelhei diante da privada, certo de que iria vomitar.

Mas meu pai acabou morrendo quatro anos depois, em 1986. Ele estava morando em uma comunidade para idosos àquela altura e não foi o câncer de pâncreas que o matou no fim das contas. Ele morreu engasgado com um pedaço de bife.

Don “Doc” Gentry e sua esposa, Bernadette — minha mãe e meu pai —, foram morar depois de aposentados em um bairro residencial em Ford City, não muito longe de Pittsburgh. Depois que sua mulher morreu, Doc cogitou se mudar para a Flórida, decidiu que não teria dinheiro para isso e continuou na Pennsylvania. Quando seu câncer foi diagnosticado, ele passou um breve período no hospital, onde explicou repetidas vezes que seu apelido vinha dos anos em que tinha sido veterinário. Depois que ele explicou isso para qualquer pessoa que se interessasse, eles o mandaram para casa para morrer, e a família que lhe restava — Ralph, Trudy, Ruth e eu — veio até Ford City para se despedir.

Eu me lembro muito bem do seu quarto dos fundos. Na parede, havia uma imagem de Cristo chamando as criancinhas para junto dele. No chão, um tapete de retalhos que minha mãe tinha feito: em tons de verde nauseabundo, não um dos seus melhores. Do lado da cama, uma haste de soro com um adesivo dos Pittsburgh Pirates. A cada dia eu me aproximava daquele quarto com um temor

maior, e a cada dia as horas que passava ali ficavam mais longas. Eu me lembrava de Doc sentado no banco da varanda quando éramos crianças em Derby, Connecticut — uma lata de cerveja em uma das mãos, um cigarro na outra, as mangas da camisa branca de uma alvura ofuscante dobradas duas vezes para cima, revelando a curva suave do bíceps e a tatuagem de rosa logo acima do cotovelo esquerdo. Ele era de uma geração que não se sentia estranha vestindo um jeans azul-escuro não desbotado — e chamava calças jeans de "*dungarees*". Ele penteava seu cabelo como Elvis e tinha uma aparência um pouco perigosa, como um marinheiro que já tomou dois drinques numa noite de folga que vai terminar mal. Era um homem alto que andava como um gato. E eu me lembro de um baile de verão ao ar livre em Derby em que ele e minha mãe pararam o show, dançando "Rocket 88" de Ike Turner and the Kings of Rhythm. Ralph tinha 16 anos na época, acho, e eu tinha 11. Ficamos observando nossos pais boquiabertos e, pela primeira vez, compreendi que eles transavam à noite, sem nenhuma roupa e sem pensar por um segundo na gente.

Aos 80, depois de liberado do hospital, meu pai de certa forma perigosamente gracioso havia se tornado apenas mais um esqueleto de pijamas (o dele tinha o brasão dos Pirates). Seus olhos se escondiam atrás de sobrancelhas desgrenhadas e cheias. Ele não parava de suar apesar de ter dois ventiladores ali, e o cheiro que emanava de sua pele úmida me fazia pensar em papel de parede velho numa casa abandonada. O aroma da decomposição deixava seu hálito carregado.

Ralph e eu estávamos bem longe de ser ricos, mas, quando juntamos um pouco do nosso dinheiro com o que restava das economias do próprio Doc, tivemos o suficiente para contratar uma enfermeira particular de meio expediente e uma empregada para vir cinco dias por semana. Elas faziam um bom trabalho mantendo o velho limpo e com as roupas trocadas, mas quando minha cunhada disse "já não resta mais nada dele" (ainda prefiro pensar que foi isso que ela falou) a Batalha dos Cheiros já estava quase acabada. Aquela merda velha de guerra estava dando uma surra no recém-chegado talquinho de bebê da Johnson's; logo, logo, pensei eu, o juiz vai mandar parar a luta. Doc já não conseguia ir ao banheiro (que ele chamava invariavelmente de "a latrina"), então usava fraldas geriátricas e calças higiênicas. Ele ainda estava lúcido o suficiente para saber disso, e para sentir vergonha. Às vezes, lágrimas rolavam dos cantos dos seus olhos e gritos de uma jocosidade desesperada, cheia de repulsa, saíam da garganta que antes havia cantado "Hey, Good Lookin'" para o mundo.

A dor se instalou, primeiro no diafragma e depois se espalhando a ponto de ele reclamar que até suas pálpebras e pontas dos dedos doíam. Os analgésicos

pararam de fazer efeito. A enfermeira poderia ter aumentado a dose, mas havia o risco de ele morrer em decorrência disso, e ela se recusou. Eu quis lhe dar mais mesmo que o matasse. E teria feito isso, com o apoio de Ruth, mas minha mulher não era do tipo que apoiaria um plano desses.

— Ela vai descobrir — disse Ruth, se referindo à enfermeira —, e você vai se encrencar.

— Ele é meu pai!

— Isso não vai impedi-la. — Ruth sempre fora o tipo de pessoa que vê o copo meio vazio. Não porque tinha sido criada assim, mas porque tinha nascido assim. — Ela vai denunciar. Você pode acabar preso.

Então eu não o matei. Nenhum de nós o matou. O que fizemos foi marcar passo. Nós lemos para ele, sem saber o quanto ele entendia ou não. Trocamos suas roupas e mantivemos a tabela de medicamentos na parede atualizada. Os dias eram de um calor infernal e de tempos em tempos nós trocávamos a posição dos dois ventiladores, na esperança de criar uma corrente de ar. Assistimos aos jogos dos Pirates na pequena tevê a cores que fazia a grama ficar roxa e falamos para ele que o time parecia muito bem naquele ano. Conversamos uns com os outros por sobre o seu perfil cada vez mais anguloso. Nós o observamos sofrer e esperamos pela sua morte. E um dia, enquanto ele estava dormindo e roncando forte, eu ergui os olhos de uma coletânea dos Melhores Poetas Americanos do Século XX e vi uma mulher negra, alta e gorda e uma menina negra de óculos escuros paradas diante da porta do quarto.

Aquela garota — eu me lembro dela como se a tivesse visto hoje de manhã. Acho que ela devia ter uns 7 anos, embora fosse extremamente pequena para a sua idade. Minúscula, na verdade. Ela usava um vestido cor-de-rosa que ia até em cima dos seus joelhos cheios de calombos. Havia um Band-Aid com personagens de desenho animado da Warner Bros. em uma canela igualmente cheia de calombos; me lembro de ter visto Eufrazino Puxa-Briga, com seu longo bigode ruivo e uma pistola em cada mão. Os óculos escuros pareciam um prêmio de consolação de um bazar de jardim. Eram grandes demais e escorregavam até a ponta do nariz arrebitado da menina, revelando olhos vidrados, de pálpebras pesadas, cobertos por uma película azul-esbranquiçada. Seu cabelo era trançado. Sobre um dos braços, havia uma bolsinha de plástico cor-de-rosa rasgada na lateral. Nos seus pés, tênis sujos. Sua pele não era exatamente negra, mas acinzentada. Ela estava de pé, mas, fora isso, parecia quase tão doente quanto o meu pai.

Da mulher eu me lembro com menos clareza, pois a criança chamou demais a minha atenção. Ela poderia ter entre 40 e 60 anos. Usava um corte afro curtinho e tinha uma aparência serena. Fora isso, não me lembro de mais nada — nem da cor do seu vestido, ou se estava usando um vestido. Acho que estava, mas poderia ser uma calça.

— Quem são vocês? — perguntei. Minha voz soou embasbacada, como se eu tivesse acordado de um cochilo em vez de parado de ler, embora as duas coisas se pareçam um pouco.

Trudy apareceu atrás delas e disse a mesma coisa. Ela parecia bem acordada. E, de trás dela, Ruth falou numa voz de "ah, pelo amor de São Pedro".

— A porta deve ter aberto sozinha, ela não para de soltar do trinco. Elas devem ter entrado direto.

Ralph, parado ao lado de Trudy, olhou por sobre o ombro.

— Está fechada agora. Elas devem ter fechado depois de entrar. — Como se isso contasse ponto para as duas.

— Vocês não podem entrar aqui — disse Trudy para a mulher. — Estamos ocupados. Tem uma pessoa doente aqui. Não sei o que vocês querem, mas precisam ir embora.

— Vocês não podem simplesmente entrar na casa dos outros, sabiam? — acrescentou Ralph. Os três estavam amontoados diante da porta do quarto.

Ruth cutucou a mulher no ombro, e sem delicadeza.

— A não ser que prefiram que a gente chame a polícia, vocês têm que ir embora. Vão querer que a gente faça isso?

A mulher não deu atenção. Ela empurrou a menininha para frente e disse:

— Ande reto. Quatro passos. Tem um tipo de haste, cuidado para não tropeçar. Quero ouvir você contando.

A menininha contou: "Um... dois... três... quatro." Ela passou por cima do pé de metal da haste de soro no *quatro* sem nem mesmo olhar para baixo — certamente sem enxergar nada através das lentes sujas dos seus óculos grandes demais, de bazar de jardim. Não com aqueles olhos leitosos. Ela passou perto o bastante de mim para a saia do seu vestido roçar meu antebraço como um pensamento. Ela cheirava a sujeira, suor e — como Doc — a doença. Havia marcas escuras nos seus dois braços — não eram cascas, mas sim feridas.

— Impeça essa menina! — disse meu irmão para mim, mas eu não a impedi. Tudo isso aconteceu muito rápido. A garotinha se inclinou sobre a concavidade da bochecha do meu pai, cuja barba estava por fazer, e a beijou. Um beijão, não um beijinho. Um beijo de estalar.

Sua bolsinha de plástico se balançou, batendo de leve contra o lado da cabeça dele enquanto ela o beijava, e meu pai abriu os olhos. Mais tarde, tanto Trudy quanto Ruth disseram que foi a pancada da bolsa que o acordou. Ralph tinha menos certeza, e eu não acreditava nem um pouco nisso. A bolsa sequer fez barulho quando bateu nele, por menor que fosse. Não havia nada dentro dela, exceto talvez um lenço de papel.

— Quem é você, filhota? — perguntou meu pai em sua voz rascante, de quem está prestes a morrer.

— Ayana — disse a criança.

— Eu sou o Doc. — Ele ergueu os olhos para ela de dentro daquelas cavernas escuras em que havia passado a viver, porém com mais lucidez do que eu jamais tinha visto naquelas duas semanas que estávamos em Ford City. Ele havia chegado ao ponto em que nem mesmo um *home run* decisivo no fim da partida adiantava muito para tirar o olhar vidrado do seu rosto.

Trudy empurrou a mulher para passar e começou a fazer o mesmo comigo, querendo agarrar a menina que tinha se atirado de repente diante do olhar moribundo de Doc. Eu a segurei pelo pulso para impedi-la.

— Espere.

— Como assim, espere? Elas são invasoras!

— Eu estou doente, tenho que ir embora — disse a garotinha. Então ela o beijou novamente e andou para trás. Dessa vez, tropeçou no pé da haste de soro, quase derrubando-a no chão e indo junto. Trudy segurou a haste e eu segurei a criança. Seu corpo não tinha substância alguma, apenas pele envolvendo uma armação complexa de ossos. Seus óculos caíram em cima do meu colo e, por um instante, aqueles olhos leitosos fitaram os meus.

— O senhor vai ficar bem — disse Ayana, tocando minha boca com sua palma minúscula. Ela me queimou como uma brasa, mas eu não a afastei. — O senhor vai ficar bem.

— Venha, Ayana — disse a mulher. — Temos que deixar essas pessoas. Dois passos. Quero ouvir você contando.

— Um... dois — disse Ayana, colocando os óculos e então empurrando-os nariz acima, onde eles não ficariam por muito tempo. A mulher apanhou sua mão.

— Que vocês tenham um dia abençoado — disse ela, então olhou para mim. — Sinto muito pelo senhor — disse ela —, mas os sonhos desta criança acabaram.

Eles atravessaram a sala de estar de volta, a mulher segurando a mão da menina. Ralph as seguiu como um cão pastor, imagino que para se certificar de que nenhuma das duas fosse roubar nada. Ruth e Trudy estavam inclinadas sobre Doc, cujos olhos ainda estavam abertos.

— Quem era aquela criança? — perguntou ele.

— Não sei, pai — disse Trudy. — Não se preocupe com isso.

— Quero que ela volte — disse ele. — Quero outro beijo.

Ruth se virou para mim, seus lábios sugados para dentro da boca. Aquela era uma expressão desagradável que ela havia aperfeiçoado no decorrer dos anos.

— Ela puxou metade do tubo do soro para fora... ele está sangrando... e você ficou aí sentado, sem fazer nada.

— Eu coloco de volta — falei, e era como se outra pessoa estivesse falando. Dentro de mim, um homem se mantinha afastado, em silêncio e estupefato. Eu ainda conseguia sentir a pressão quente da palma dela na minha boca.

— Ah, não precisa se dar o trabalho! Eu já coloquei.

Ralph voltou.

— Elas foram embora — disse ele. — Estão descendo a rua em direção ao ponto de ônibus. — Ele se virou para a minha mulher. — Você quer mesmo que eu chame a polícia, Ruth?

— Não. Só serviria para a gente passar o dia preenchendo formulários e respondendo a perguntas. — Ela fez uma pausa. — Talvez até tivéssemos que testemunhar no tribunal.

— Testemunhar sobre o quê? — perguntou Ralph.

— Sei lá, como eu poderia saber? Será que algum de vocês pode apanhar a fita adesiva para eu poder manter esse raio de agulha no lugar? Acho que ela está no balcão da cozinha.

— Eu quero outro beijo — disse o meu pai.

— Eu vou — falei eu, mas primeiro fui até a porta da frente, que Ralph havia trancado além de fechado, e olhei para fora. A cobertura de plástico verde do ponto de ônibus ficava a apenas um quarteirão de distância, mas não havia ninguém parado ao lado do poste ou debaixo do teto de plástico da cobertura. E a calçada estava vazia. Ayana e a mulher, fosse ela mãe ou ama-seca, tinham sumido. Tudo o que me restava era o toque da menina na minha boca, ainda quente, mas começando a desaparecer.

Agora vem a parte do milagre. Não vou economizar nos detalhes — se é para contar esta história, vou contá-la direito —, mas também não vou ficar enrolando. Histórias sobre milagres são sempre gratificantes, mas raramente interessantes, porque são todas iguais.

Nós estávamos ficando em um dos hotéis da estrada principal de Ford City, um Ramada Inn com paredes finas. Ralph importunava minha mulher chamando-o de Rammit Inn.[18]

— Se você continuar fazendo isso, vai acabar se esquecendo e falando na frente de um estranho — disse minha mulher. — Aí vai ficar envergonhado.

As paredes eram tão finas que dava para escutar Ralph e Trudy discutindo no quarto ao lado sobre quanto tempo teriam dinheiro para ficar.

— Ele é meu pai — falava Ralph, ao que Trudy respondia:

— Tente dizer isso para a companhia de energia quando a conta de luz vencer. Ou para o seu chefe de departamento quando sua licença acabar.

Passava um pouco das sete numa noite quente de agosto. Logo Ralph iria para a casa do meu pai, onde a enfermeira de meio expediente ficaria até as oito. Encontrei um jogo dos Pirates na tevê e coloquei o volume bem alto para abafar a discussão previsível e deprimente no quarto ao lado. Ruth estava dobrando roupas e me dizendo que, da próxima vez que eu comprasse cuecas de liquidação, ela iria pedir o divórcio. Ou me dar um tiro como se eu fosse um estranho. O telefone tocou. Era a enfermeira Chloe. (Era assim que ela chamava a si mesma, como quando dizia: “Tome um pouco mais dessa sopa para a enfermeira Chloe.”)

Ela não perdeu tempo com amenidades.

— Acho que vocês deveriam vir imediatamente — disse ela. — Não só Ralph para pegar o turno da noite. Todos vocês.

— Ele está morrendo? — perguntei. Ruth parou de dobrar as roupas e veio para perto de mim. Já estávamos esperando por isso, torcendo por isso na verdade, mas agora que estava acontecendo, era tão absurdo que sequer dava para sentir dor. Doc tinha me ensinado a usar uma daquelas raquetes com uma bola de borracha amarrada quando eu tinha a idade da pequena intrusa cega daquele dia. Pegara-me fumando debaixo do caramanchão da videira e me dissera, não com irritação, mas com carinho, que era um hábito idiota, e que seria melhor para mim não adquiri-lo. A ideia de que ele poderia não estar vivo quando o jornal de amanhã chegasse? Absurda.

— Acho que não — disse a enfermeira Chloe. — Ele parece melhor. — Ela fez uma pausa. — Nunca vi nada parecido na vida.

Ele estava melhor. Quando chegamos lá 15 minutos mais tarde, ele estava sentado no sofá da sala de estar e assistindo aos Pirates na maior tevê da casa — nenhuma maravilha tecnológica, mas pelo menos mostrava as cores direito. Estava bebendo um *shake* de proteínas com um canudo. Tinha um pouco de cor. Suas bochechas pareciam mais cheias, talvez porque tinha acabado de se barbear. Ele tinha se recuperado. Foi o que pensei naquele momento; e a impressão apenas se fortaleceu com o passar do tempo. E havia outra coisa, com a qual todos nós concordamos — até mesmo a Santa Tomazina com quem eu era casado: o cheiro amarelo que pairava ao redor dele como éter desde que os médicos o haviam mandado para casa para morrer tinha sumido.

Ele nos cumprimentou um por um pelo nome, e disse que Willie Stargell tinha acabado de fazer um *home run* pelos Buckos. Ralph e eu nos encaramos, como se quiséssemos confirmar que estávamos mesmo ali. Trudy se sentou no sofá ao lado de Doc, ou, melhor dizendo, desabou nele. Ruth foi até a cozinha para pegar uma cerveja. O que por sua vez já era um milagre.

— Eu tomaria uma dessas também, Ruthie-doo — disse meu pai, e então, provavelmente confundindo a perplexidade no meu rosto com uma expressão de censura: — Estou me sentindo melhor. Minha barriga quase não está doendo.

— Nada de cerveja para o senhor, em minha opinião — disse a enfermeira Chloe. Ela estava sentada em uma espreguiçadeira do outro lado da sala e não dava sinal de que iria juntar suas coisas, um ritual que geralmente começava vinte minutos antes do fim do seu turno. Sua autoridade irritante, estilo “faça isso pela mamãe”, parecia ter minguado.

— Quando isso começou? — perguntei, sem saber ao certo o que queria dizer com *isso*, de tão generalizada que parecia a mudança para o melhor. Porém, se havia alguma coisa específica na minha cabeça, imagino que fosse o desaparecimento do cheiro.

— Ele já estava melhorando quando nós fomos embora hoje à tarde — falou Trudy. — Eu só não quis acreditar.

— Uma pinoia — disse Ruth. Esse era o mais perto que ela se permitia chegar de um xingamento.

Trudy não deu ouvido.

— Foi aquela menininha — disse ela.

— Uma pinoia! — exclamou Ruth.

— Que menininha? — perguntou meu pai. A partida estava no intervalo. Na tevê, um sujeito careca, com dentes grandes e olhos ensandecidos, nos dizia que os carpetes na Juker’s estavam tão baratos que saíam quase de graça. E, meu

Deus do céu, sem juros nas prestações. Antes que qualquer um de nós pudesse responder a Ruth, Doc perguntou à enfermeira Chloe se ele poderia tomar *meia* cerveja. Ela proibiu. Mas os dias de autoridade da enfermeira Chloe naquela pequena casa estavam quase terminados e, no decorrer dos quatro anos seguintes — até um pedaço de carne mal mastigado parar sua garganta para sempre —, meu pai bebeu uma bela quantidade de cervejas. E aproveitou cada uma delas, espero. A cerveja por si só já é um milagre.

Foi naquela noite, deitado insone na nossa cama dura no Rammit Inn e ouvindo o ruído do ar-condicionado, que Ruth me disse para ficar de bico calado sobre a menina cega, que ela não chamava de Ayana, mas de "a crioulinha macumbeira", falando em um tom repulsivo de sarcasmo que não era nem um pouco do seu feitio.

— Além do mais — disse ela —, não vai durar muito. Às vezes uma lâmpada fica mais brilhante logo antes de queimar de vez. Tenho certeza de que acontece com as pessoas também.

Talvez, mas o milagre de Doc Gentry durou. No final daquela semana, ele já estava andando no jardim dos fundos amparado por Ralph e por mim. Depois disso, fomos todos para casa. Eu recebi um telefonema da enfermeira Chloe na noite em que voltamos.

— Nós não vamos voltar, por mais doente que ele esteja — falou Ruth, à beira da histeria. — Diga isso para ela.

No entanto, a enfermeira Chloe só queria dizer que calhou de ver Doc saindo da Clínica Veterinária de Ford City, onde tinha ido se consultar com o jovem diretor de medicina sobre um cavalo que estava mancando. Ele estava com sua bengala, disse ela, mas sem usá-la. A enfermeira Chloe disse que nunca tinha visto um homem "da idade dele" com uma aparência tão boa.

— Com os olhos brilhando e o peito estufado — disse ela. — Ainda não consigo acreditar.

Um mês depois, ele estava dando voltas (sem bengala) pelo quarteirão e, naquele inverno, passou a nadar todos os dias na academia da região. Parecia um homem de 60 anos. Era o que todos diziam.

Eu conversei com toda a equipe médica que cuidou do meu pai depois da sua recuperação. Fiz isso porque o que havia acontecido com ele me fazia pensar

naquelas peças sobre milagres que faziam sucesso nos burgos remotos da Europa medieval. Dizia a mim mesmo que, se mudasse o nome de papai (ou talvez simplesmente o chamasse de Mr. G.), a história poderia até render um artigo interessante para um ou outro periódico. Poderia até ser verdade — sei lá —, mas nunca cheguei a escrever o artigo.

Stan Sloan, o médico de família de Doc, foi o primeiro a levantar a bandeira vermelha. Ele havia mandado Doc para o Instituto do Câncer da Universidade de Pittsburgh e, portanto, pôde acusar os drs. Retif e Zamachowski, que eram os oncologistas do meu pai ali, de erro no diagnóstico. Eles, por sua vez, culparam os radiologistas, que teriam feito de qualquer jeito o ultrassom. Retif disse que o diretor de radiologia era um incompetente que não sabia diferenciar um pâncreas de um fígado. Ele pediu que seu nome não fosse citado, mas, depois de 25 anos, imagino que o prazo desse pedido já tenha caducado.

O dr. Zamachowski disse que era um simples caso de órgão malformado.

— Nunca fiquei satisfeito com o diagnóstico original — confidenciou-me ele. Eu conversei com Retif ao telefone e com Zamachowski pessoalmente. Ele usava um jaleco branco com uma camisa vermelha embaixo que parecia dizer EU PREFERIA ESTAR JOGANDO GOLFE. — Sempre achei que fosse Síndrome de Von Hippel-Lindau.

— Isso também não o teria matado? — perguntei.

Zamachowski me deu o sorriso enigmático que os médicos reservam para encanadores, donas de casa e professores de Inglês leigos. Então disse que estava atrasado para uma reunião.

Quando conversei com o diretor de radiologia, ele disse, separando as mãos:

— Aqui nós somos responsáveis pelas imagens, não pela interpretação delas. Daqui a dez anos, estaremos usando equipamentos que tornarão interpretações equivocadas como essa quase impossíveis. Enquanto isso, por que você simplesmente não fica feliz por seu pai estar vivo? Aproveite que ele ainda está aí.

Fiz o melhor que pude nesse quesito. E, durante minha breve investigação, que eu obviamente chamei de pesquisa, descobri uma coisa interessante: a definição médica de *milagre* é erro no diagnóstico.

Mil novecentos e oitenta e três foi meu ano sabático. Eu tinha um contrato com uma editora acadêmica para um livro chamado *Ensinando o Impossível de Ensinar: Estratégias para Escrita Criativa*, mas, como meu artigo a respeito das

peças sobre milagres, ele nunca foi escrito. Em julho, enquanto eu e Ruth fazíamos planos de viajarmos para acampar, minha urina ficou rosa de uma hora para a outra. A dor veio em seguida, primeiro bem no fundo da minha nádega esquerda, depois ficando mais forte e migrando para a virilha. Quando comecei a mijar sangue de fato — acho que foi quatro dias depois das primeiras pontadas, enquanto eu ainda me dedicava ao famoso jogo conhecido no mundo inteiro como Talvez Acabe Passando Sozinho —, a dor passou da categoria grave para a categoria excruciante.

— Tenho certeza de que não é câncer — disse Ruth, o que vindo dela significava que tinha certeza de que era. A expressão nos seus olhos era mais alarmante ainda. Ela negaria isto até a morte (seu ceticismo era o seu maior orgulho), mas não tenho dúvidas de que lhe ocorreu naquele instante que o câncer que abandonara meu pai tinha passado para mim.

Não era câncer. Eram pedras nos rins. Meu milagre se chamou litotripsia extracorpórea por ondas de choque, que — em conjunto com diuréticos — as dissolveram. Eu disse ao meu médico que nunca havia sentido tanta dor na vida.

— E imagino que nunca vai sentir outra igual, mesmo que sofra um ataque cardíaco — disse ele. — Mulheres que têm pedras nos rins comparam essa dor à do parto. Um parto difícil.

Eu ainda estava sentindo uma dor considerável, mas consegui ler uma revista enquanto esperava pela minha consulta de retorno, o que interpretei como um grande avanço. Alguém se sentou ao meu lado e disse:

— Venha, está na hora.

Eu ergui os olhos. Não era a mulher que tinha vindo até o quarto em que meu pai convalescia; era um homem vestindo um terno marrom dos mais comuns. Ainda assim, eu sabia por que ele estava ali. Nunca tive a menor dúvida. Também tive certeza de que, se não o acompanhasse, toda a litotripsia do mundo não bastaria para me ajudar.

Nós saímos. A recepcionista não estava à sua mesa, de modo que não precisei explicar minha partida repentina. Não sei bem o que teria dito, de qualquer forma. Que de repente minha virilha havia deixado de parecer em brasa? Isso seria absurdo, além de uma mentira.

O homem de terno parecia ter 35 anos e estava em forma: um ex-fuzileiro naval, talvez, que não tinha conseguido se desfazer do cabelo reco e espetado. Ele não falou nada. Nós contornamos a clínica em que meu médico atendia, então seguimos quarteirão abaixo em direção ao hospital Groves of Healing, eu

andando um pouco encurvado por conta da dor, que já não rosnava, mas continuava olhando de cara feia.

Subimos até a pediatria e atravessamos um corredor com murais da Disney na parede e “It’s a Small World” vindo dos alto-falantes mais acima. O ex-fuzileiro andava depressa, com a cabeça erguida, como se aquele fosse o seu lugar. Não era o meu, e eu sabia disso. Nunca me sentira tão longe de casa e da vida que eu compreendia. Se eu tivesse saído flutuando rumo ao teto como um balão infantil de ESTIMO MELHORAS, não teria ficado surpreso.

No posto de enfermagem central, o ex-fuzileiro agarrou meu braço para me fazer parar até os dois funcionários lá dentro — um enfermeiro e uma enfermeira — estarem ocupados. Então dobramos para outro corredor onde uma garota careca sentada em uma cadeira de rodas nos encarou com olhos famintos. Ela estendeu uma das mãos.

— Não — disse o ex-fuzileiro, simplesmente me conduzindo adiante. Mas não antes de eu fitar mais uma vez aqueles olhos brilhantes, moribundos.

Ele nos levou até um quarto onde um garoto de uns 3 anos de idade brincava com blocos em uma tenda de plástico transparente que recaía como um sino sobre a sua cama. O menino olhou para nós com um interesse animado. Parecia muito mais saudável do que a garota na cadeira de rodas — ele tinha uma cabeleira de cachinhos ruivos —, mas sua pele era da cor de chumbo e, quando o ex-fuzileiro me empurrou para frente e então recuou para ficar como um soldado em posição de descanso, percebi que o garoto estava muito, muito doente. Quando abri o zíper da tenda, sem dar atenção ao aviso na parede que dizia ESTE É UM AMBIENTE ESTERILIZADO, pensei que o tempo que lhe restava poderia ter sido estimado em dias, em vez de semanas.

Estendi o braço em sua direção, sentindo o cheiro doente do meu pai. Era um pouco mais suave ali, mas essencialmente o mesmo. O menino ergueu os próprios braços sem ressalvas. Quando o beijei no canto da boca, ele me beijou de volta com uma avidez que sugeria que não era tocado há muito tempo. Pelo menos não por algo que não doesse.

Ninguém veio nos perguntar o que estávamos fazendo, ou ameaçar chamar a polícia, como Ruth havia feito naquele dia no quarto do meu pai. Eu fechei o zíper da tenda novamente. Sob o batente da porta, olhei de volta e vi o menino sentando em sua tenda de plástico transparente com um bloco nas mãos. Ele o largou e acenou para mim — do jeito que as crianças fazem, abrindo e fechando os dedos duas vezes. Eu acenei de volta da mesma maneira. Ele já parecia melhor.

O ex-fuzileiro agarrou meu braço novamente quando chegamos ao posto de enfermagem, mas dessa vez fomos vistos pelo enfermeiro, um homem com o tipo de sorriso de censura que o chefe do meu departamento de Inglês havia elevado a uma forma de arte. Ele perguntou o que estávamos fazendo ali.

— Desculpe, parceiro, erramos de andar — disse o ex-fuzileiro.

Nos degraus do hospital alguns minutos depois, ele falou:

— Você consegue voltar sozinho, não consegue?

— Claro — respondi —, mas vou ter que marcar outra consulta com o meu médico.

— É, acho que sim.

— Ainda vamos nos encontrar de novo?

— Sim — disse ele, e saiu andando rumo ao estacionamento do hospital. Não olhou para trás.

Ele voltou em 1987, enquanto Ruth estava no mercado e eu cortando a grama, torcendo para que a pressão incômoda na minha nuca não fosse o começo de uma enxaqueca, embora soubesse que era. Desde o episódio com o garotinho no Groves of Healing, eu havia passado a sofrer delas. Mas quase nunca pensava nele enquanto ficava deitado no escuro, com um pano úmido sobre os olhos. Eu pensava na menininha.

Dessa vez, nós fomos ver uma mulher no St. Jude's. Quando eu a beijei, ela colocou minha mão no seu seio esquerdo. Era o único que lhe restava; os médicos já haviam retirado o outro.

— Eu te amo, moço — disse ela, chorando. Eu não soube o que dizer. O ex-fuzileiro ficou parado diante da porta, as pernas separadas, as mãos atrás das costas. Em posição de descanso.

Anos se passaram antes de ele voltar: meados de dezembro de 1997. Essa foi a última vez. Na época, meu problema era a artrite, como ainda é. Os cabelos arrepiados na cabeça quadradona do ex-fuzileiro tinham ficado quase totalmente grisalhos, e vincos tão profundos que o deixavam parecido com um boneco de ventríloquo desciam dos cantos de seus lábios. Ele me levou até uma rampa de saída da rodovia interestadual 95, ao norte da cidade, onde tinha acontecido um acidente. Uma van de carga tinha batido em um Ford Escort. O Escort estava praticamente inutilizado. Os paramédicos tinham amarrado o motorista, um homem de meia-idade, a uma maca. Os policiais falavam com o motorista uniformizado da van de carga, que parecia abalado, porém ileso.

Os paramédicos bateram as portas da ambulância e o ex-fuzileiro disse:

— Agora. Mexa o seu rabo.

Eu mexi meu rabo velho até a traseira da ambulância. O ex-fuzileiro correu para a frente, apontando.

— Ei! Ei! Aquilo ali não é uma pulseira de identificação?

Os paramédicos se viraram para olhar; um deles e um dos policiais que estavam falando com o motorista da van foram até onde o ex-fuzileiro estava apontando. Eu abri a porta traseira da ambulância e subi até a cabeça do motorista do Escort. Ao mesmo tempo, agarrei o relógio de bolso do meu pai, que eu trazia comigo desde que ele me dera como presente de casamento. Sua corrente de ouro delicada ficava presa a um dos elos do meu cinto. Não havia tempo para ser sutil; eu o arranquei dali.

O homem na maca ergueu os olhos para mim na penumbra, seu pescoço quebrado inchando na nuca, como uma maçaneta brilhante coberta de pele.

— Não consigo mexer a porra dos meus dedos do pé — disse ele.

Eu o beijei no canto da boca (era o meu lugar especial, imagino) e estava recuando quando um dos paramédicos me agarrou.

— O que você pensa que está fazendo? — perguntou ele.

Eu apontei para o relógio, que agora estava do lado da maca.

— Aquilo estava na grama. Achei que ele iria querer. — Quando o motorista do Escort conseguisse dizer para alguém que o relógio não era seu e que as iniciais gravadas na parte de dentro da tampa não lhe diziam nada, já estaríamos longe. — Conseguiu pegar a pulseira de identificação dele?

O paramédico parecia aborrecido.

— Era só um pedaço de cromagem — disse ele. — Saia daqui. — Então, não exatamente de má vontade: — Obrigado. Você poderia ter ficado com ele.

Era verdade. Eu adorava aquele relógio. Mas... foi improviso de momento. Era tudo o que eu tinha.

— Você está com sangue em cima da mão — disse o ex-fuzileiro enquanto voltávamos para a minha casa. Estávamos no carro dele, um Chevrolet sedã sem nada de mais. Havia uma coleira de cachorro no banco de trás e uma medalha de São Cristóvão pendurada no espelho retrovisor numa corrente de prata. — É melhor lavar quando chegar em casa.

Eu falei que lavaria.

— Você não vai me ver novamente — disse ele.

Eu pensei no que a mulher negra tinha dito sobre Ayana daquela vez. Havia anos que não pensava naquilo.

— Meus sonhos acabaram? — perguntei.

Ele pareceu intrigado, então encolheu os ombros.

— O seu trabalho, sim — falou. — Certamente não sei nada sobre os seus sonhos.

Eu lhe fiz mais três perguntas antes de ele me deixar em casa pela última vez e desaparecer da minha vida. Não esperava que fosse responder a elas, mas ele respondeu.

— Aquelas pessoas que eu beijei... elas vão beijar outras pessoas? Fazer o dodói delas ir embora com um beijinho?

— Algumas sim — disse ele. — É assim que funciona. Outras não conseguem. — Ele deu de ombros. — Ou não querem. — Deu de ombros outra vez. — Dá na mesma.

— Você conhece uma menininha chamada Ayana? Quer dizer, imagino que ela já seja uma adulta a essa altura.

— Ela está morta.

Senti um aperto no coração, mas não muito forte. Acho que já sabia. Pensei novamente na garotinha na cadeira de rodas.

— Ela beijou meu pai — falei. — A mim ela só tocou. Então porque eu fui escolhido?

— Porque foi — respondeu ele, parando na minha entrada para carros. — Chegamos.

Uma ideia me veio à cabeça. Parecia boa, só Deus sabe por quê.

— Venha para o Natal — falei. — Venha para a ceia de Natal. A gente tem comida de sobra. Posso dizer para Ruth que você é meu primo do Novo México. — Porque eu nunca tinha lhe contado sobre o ex-fuzileiro. Saber sobre o meu pai já era o suficiente para ela. Mais do que o suficiente, na verdade.

O ex-fuzileiro sorriu. Talvez não tenha sido a única vez em que o vi sorrir, mas é a única de que me lembro.

— Acho que vou dispensar, parceiro. Mas agradeço. Eu não comemoro o Natal. Sou ateu.

Isso é tudo, acho — exceto que beijei Trudy. Eu lhe disse que ela ficou gagá, lembra? Alzheimer. Ralph fez bons investimentos que a deixaram bem de vida, e os filhos providenciaram para que ela fosse para um bom lugar quando já não

estava em condições de viver em casa. Ruth e eu fomos visitá-la juntos até Ruth ter o seu ataque cardíaco na descida para o aeroporto internacional de Denver. Fui visitar Trudy por conta própria pouco depois, pois estava me sentindo sozinho e triste e queria ter algum contato com os velhos tempos. Mas ver Trudy da maneira como ela havia ficado, olhando pela janela em vez de para mim, mascando o lábio inferior enquanto uma baba transparente espumava dos cantos da sua boca, só fez com que eu me sentisse pior. Como voltar até a sua cidade natal para ver a casa em que você cresceu e encontrar um terreno baldio.

Eu beijei o canto da sua boca antes de ir embora, mas é claro que nada aconteceu. Um milagre não dá certo sem um milagreiro, e meus dias de milagreiro já ficaram para trás. Exceto tarde da noite, quando não consigo dormir. Então eu posso descer para o andar de baixo e assistir a praticamente qualquer filme que quiser. Até os de sacanagem. Tenho uma antena parabólica, e um negócio chamado Global Movies. Poderia até pegar os jogos dos Pirates, se quisesse comprar o pacote com o campeonato da Liga de Beisebol. Mas eu vivo de renda fixa hoje em dia e, embora não passe aperto, tenho que ficar de olho nos meus gastos com supérfluos. Posso ler sobre os Pirates na internet. Todos aqueles filmes já são milagre o suficiente para mim.

[18] O que soa como “Ram it in”, algo como “enfie com força”, no caso, obviamente, com conotação sexual. (N. do T.)

No maior aperto

Curtis Johnson andava 8 quilômetros de bicicleta todas as manhãs. Tinha parado por um tempo depois que Betsy morreu, mas descobriu que, sem o exercício matinal, ficava mais triste do que nunca. Então ele retomou o hábito. A única diferença é que parou de usar o capacete de ciclista. Ele andava 4 quilômetros até a Gulf Boulevard e então dava meia-volta e retornava. Nunca saía da ciclovia. Podia não se importar se iria continuar vivo ou morrer, mas respeitava o poder da lei.

A Gulf Boulevard era a única estrada em Turtle Island. Ela passava por um monte de casas cujos donos eram milionários. Curtis sequer as notava. Por um lado, ele próprio era milionário. Tinha feito seu dinheiro à moda antiga, no mercado de ações. Por outro, não tinha problemas com nenhuma das pessoas que viviam nas casas pelas quais passava. A única pessoa com quem tinha problemas era Tim Grunwald, também conhecido como o Filho da Puta — e Grunwald morava na direção oposta. Não no último lote de Turtle Island antes do Daylight Channel, mas no penúltimo. O último lote é que era o problema entre eles (*um* dos problemas). Aquele lote era o maior de todos, com a melhor vista para o golfo, e o único sem casa alguma. As únicas coisas que havia ali eram mato, aveias do mar, palmeiras raquíticas e alguns pinheiros australianos.

O que era bom, o melhor, naqueles passeios matinais era não haver telefones. Ele ficava oficialmente fora de área. Depois que voltava, o telefone quase nunca deixava sua mão, especialmente enquanto o mercado estivesse aberto. Ele era atlético; andava pela casa usando o telefone sem fio, voltando de vez em quando para o escritório, onde o computador estaria processando os números. Às vezes, saía da casa para caminhar até a estrada, ocasiões em que levava o celular. Geralmente ele dobrava para a direita, em direção ao finzinho da Gulf Boulevard. Em direção à casa do Filho da Puta. Mas não se aproximava a ponto de Grunwald conseguir vê-lo; Curtis não lhe daria essa satisfação. Ele se aproximava apenas o suficiente para se certificar de que Grunwald não estava tentando dar uma de espertinho em relação ao lote de Vinton. É claro que o Filho da Puta não conseguiria trazer equipamentos pesados sem que ele percebesse, nem mesmo à noite — Curtis tinha o sono leve desde que não havia Betsy

alguma do seu lado. Mas ainda assim ele ia até lá conferir, geralmente ficando atrás da última palmeira em um trecho protegido pela sombra de outras duas dúzias de palmeiras. Porque destruir lotes vazios, enterrando-os debaixo de toneladas de concreto, era a droga do *negócio* de Grunwald.

E o Filho da Puta era ardiloso.

Até o momento, no entanto, estava tudo bem. Se Grunwald *tentasse* dar uma de espertinho, Curtis estava preparado para mandar chumbo (legalmente falando). Enquanto isso, Grunwald teria que pagar por Betsy, e ele faria isso. Embora Curtis tivesse perdido em grande parte seu gosto por brigas (negava isso a si mesmo, mas sabia que era verdade), ele iria garantir que Grunwald pagasse por ela. O Filho da Puta descobriria que Curtis Johnson tinha mandíbulas de cromo... mandíbulas de *aço cromado*... e, quando cravava os dentes em algo, não soltava.

Quando voltou para a sua casa naquela específica manhã de quinta-feira, ainda faltando cinco minutos para o expediente começar em Wall Street, Curtis conferiu seu celular para ver se havia mensagens, como sempre o fazia. Dessa vez, havia duas. Uma era da loja de eletrônicos Circuit City, provavelmente algum vendedor tentando lhe empurrar alguma coisa sob o pretexto de saber se ele estava satisfeito com a tevê tela plana de parede que havia comprado no mês anterior.

Quando desceu a barra de rolagem até a mensagem seguinte, leu o seguinte: 383-0910 FDP.

O Filho da Puta. Até o seu Nokia sabia quem era Grunwald, pois Curtis havia lhe ensinado a se lembrar. A questão era: o que o Filho da Puta queria com ele numa manhã de quinta-feira em junho?

Talvez fazer um acordo, e nos termos de Curtis.

Ele se permitiu rir dessa ideia, então colocou a mensagem para tocar. Ficou pasmo ao ouvir que era exatamente *isso* que Gruwald queria — ou *parecia* querer. Curtis imaginou que pudesse ser algum tipo de armadilha, mas não entendia o que Grunwald poderia ganhar com algo assim. E então veio o tom da voz: pesado, calculado, quase arrastado. Talvez não fosse tristeza, mas certamente *parecia* tristeza. Era a maneira como o próprio Curtis soava com bastante frequência ao telefone nos últimos tempos, enquanto tentava colocar a cabeça de volta no lugar.

— Johnson... Curtis — disse Grunwald com sua voz arrastada. A voz gravada fez uma pausa mais longa, como se refletisse se devia ou não usar o primeiro nome de Curtis, então prosseguiu no mesmo tom morto e sombrio. — Não posso

lutar uma guerra em duas frentes. Vamos acabar com isso. Já perdeu a graça para mim. Se é que já teve graça um dia. Estou passando o maior aperto, vizinho.

Ele suspirou.

— Estou disposto a abrir mão do lote, e por nenhuma compensação financeira. Também irei indenizar você por sua... por Betsy. Se estiver interessado, poderá me encontrar na Durkin Grove Village. Estarei lá quase o dia inteiro. — Uma longa pausa. — Costumo ir bastante para lá agora. De certa forma, ainda não consigo acreditar que o financiamento foi pro brejo, mas, por outro lado, não me surpreendo nem um pouco. — Outra pausa longa. — Talvez você entenda do que estou falando.

Curtis achava que entendia. Ele parecia ter perdido o faro para o mercado. Para ser mais exato, não parecia mais se importar. Curtis se surpreendeu sentindo algo estranhamente parecido com compaixão pelo Filho da Puta. Aquela voz arrastada.

— Nós costumávamos ser amigos — prosseguiu Grunwald. — Você se lembra disso? Eu me lembro. Não acho que possamos voltar a ser, as coisas foram longe demais para isso, imagino, mas talvez pudéssemos ser vizinhos novamente. Vizinho. — Outra daquelas pausas. — Se eu não encontrar você lá no Devaneio de Grunwald, vou simplesmente instruir meu advogado a redigir um acordo. Nos seus termos. Mas...

Silêncio, exceto pelo som do Filho da Puta respirando. Curtis esperou. Ele se havia sentado à mesa da cozinha. Não sabia o que estava sentindo. Dali a algum tempo talvez soubesse, mas, por enquanto, não.

— Mas eu gostaria de apertar sua mão e lhe dizer que lamento o que houve com a porcaria da sua cadela. — Ouviu-se um som estrangulado que poderia ter sido, por incrível que pareça, o barulho de um soluço, e então um clique, seguido pela secretária eletrônica lhe dizendo que não havia mais mensagens.

Curtis ficou sentado ali por mais um instante, em uma faixa luminosa de sol da Flórida que o ar-condicionado não conseguia exatamente gelar, não àquela hora. Então ele foi até o escritório. O mercado estava aberto; na tela do computador, os números começaram seu rastejar sem fim. Curtir percebeu que aqueles números não significavam nada para ele. Deixou o computador ligado, mas escreveu um bilhete curto para a sra. Wilson — *Tive que sair* — antes de ir embora da casa.

Havia uma Vespa estacionada na garagem ao lado do BMW e, sem pensar duas vezes, ele decidiu pegá-la. Ele teria que cortar a rodovia principal do outro lado da ponte, mas não seria a primeira vez.

Ele sentiu uma pontada de dor e tristeza quando tirou a chave da lambreta do porta-chaves e a outra coisa presa ao chaveiro retiniu. Imaginava que aquele era um sentimento que passaria com o tempo, mas naquele instante foi quase bem-vindo. Quase como a visita de um amigo.

Os problemas entre Curtis e Tim Grunwald tinham começado com Ricky Vinton, que de velho e rico progrediu para velho e senil. Antes de progredir para a morte, ele vendeu seu lote inaproveitado no final de Turtle Island para Curtis Johnson por 1,5 milhão de dólares, aceitando o cheque pessoal de Curtis no valor de 150 mil como entrada e redigindo um contrato de venda para ele no verso de um folheto de publicidade.

Curtis se sentiu um pouco desonesto por tirar vantagem do velho, mas não era como se Vinton — dono da Vinton Wire and Cable — fosse morrer de fome. E, embora 1,5 milhão pudesse ser considerado um preço ridículo por um terreno de primeira às margens do golfo como aquele, não era um preço de quem *perdeu o juízo*, considerando a situação atual do mercado.

Bem... era sim, mas ele e o velho tinham simpatizado um com o outro, e Curtis era o tipo de pessoa que considerava valer tudo no amor e na guerra, e que os negócios não passavam de um apêndice desta última. A empregada do velho — a mesma sra. Wilson que trabalhava como empregada para Curtis — testemunhou as assinaturas. Pensando depois, Curtis se deu conta de que deveria ter desconfiado, mas estava empolgado.

Cerca de um mês depois de vender o lote inaproveitado para Curtis Johnson, Vinton o vendeu para Tim Grunwald, também conhecido como o Filho da Puta. Dessa vez, o preço foi mais sensato, 5,6 milhões, e dessa vez Vinton — que talvez não fosse tão bobo, afinal, mas sim um tanto vigarista, mesmo que estivesse morrendo — conseguiu 500 mil de entrada.

O contrato de venda de Grunwald tinha sido testemunhado pelo jardineiro do Filho da Puta (que calhava de ser também o jardineiro de Vinton). Outra coisa bastante suspeita, mas Curtis imaginava que Grunwald tivesse ficado tão empolgado quanto ele. Só que a empolgação de Curtis vinha da ideia de que ele seria capaz de manter aquele final de Turtle Island limpo, intocado e tranquilo. Exatamente como ele gostava.

Grunwald, por outro lado, via o lote como o lugar perfeito para erguer alguma coisa: um condomínio, ou talvez até dois (quando Curtis pensava em dois, ele as chamava na sua cabeça de As Torres Gêmeas do Filho da Puta). Curtis já havia

visto esse tipo de construção antes — na Flórida, elas brotavam do solo como dentes-de-leão em um jardim malcuidado —, e ele sabia o tipo de gente que o Filho da Puta convidaria para lá: idiotas que confundiam fundos de aposentadoria com chaves para o reino dos céus. Seriam quatro anos de obra, seguidos por décadas de velhos andando de bicicleta com bolsas de mijo amarradas às coxas raquíticas. E velhas que usavam viseiras, fumavam Parliament e não catavam os cocôs que seus cachorros embonecados largavam na praia. Além, é claro, de netos pirralhos com a cara lambuzada de sorvete e nomes como Lindsay e Jayson. Curtis sabia que, se deixasse isso acontecer, ele morreria ouvindo gritos descontentes de "*Você disse que a gente iria para a Disney hoje!*".

Ele não deixaria isso acontecer. E acabou sendo fácil. Não agradável, e o lote continuava não pertencendo a ele, talvez *nunca* fosse pertencer, mas pelo menos não pertencia a Grunwald. Não pertencia nem mesmo aos parentes que tinham aparecido (como baratas em uma caçamba de lixo quando você acende uma luz forte de repente), contestando a assinatura das testemunhas de ambos os contratos. Ele pertencia aos advogados e aos tribunais.

O que era o mesmo que dizer que não pertencia a ninguém.

Curtis podia não aceitar ninguém.

O imbróglio já se estendia por dois anos àquela altura, e as despesas legais de Curtis já estavam chegando perto dos 500 mil dólares. Ele tentava pensar nesse dinheiro como uma doação para algum grupo ambientalista especialmente bom — Johnsonpeace, em vez de Greenpeace —, mas é claro que não podia deduzir *essa* doação do imposto de renda. E Grunwald o tirava do sério. Grunwald transformou aquilo numa questão pessoal, em parte porque detestava perder (Curtis detestava também, quando aquilo começou; nem tanto hoje em dia), e em parte porque enfrentou problemas pessoais.

A mulher de Grunwald tinha se divorciado dele; esse foi o Problema Pessoal Número Um. Ela já não era mais a sra. Filha da Puta. E então, o Problema Pessoal Número Dois: Grunwald havia precisado fazer algum tipo de operação. Curtis não sabia ao certo se era câncer, sabia apenas que o Filho da Puta saiu do Sarasota Memorial uns 10 ou 15 quilos mais magro, e numa cadeira de rodas. Com o tempo, conseguiu se livrar da cadeira de rodas, mas não recuperar o peso. Pelancas balançavam do seu pescoço antes firme.

Também houve problemas com a sua antes espantosamente saudável empresa. Curtis tinha visto isso com seus próprios olhos no campo de guerra agora devastado do Filho da Puta. Essa seria a Durkin Grove Village, localizada no

continente a pouco mais de 30 quilômetros ao leste de Turtle Island. O lugar era uma cidade fantasma inacabada. Curtis tinha estacionado em um outeiro que dava vista para a construção silenciosa, sentindo-se como um general inspecionando os destroços de um acampamento inimigo. Sentindo que a vida era, no fim das contas, uma maçã vermelha e lustrosa na palma da sua mão.

Betsy mudou tudo. Ela era uma Lowchen, velha, mas ainda esperta. Quando Curtis a levava para andar na praia, ela sempre carregava seu ossinho de borracha vermelho na boca. Quando Curtis queria o controle remoto da tevê, só precisava dizer "Pega o pauzinho idiota, Betsy" e ela o apanhava da mesinha de centro, trazendo-o para ele na boca. Era o maior orgulho dela. E o dele também, é claro. Ela havia sido sua melhor amiga por 17 anos. Essa raça geralmente não passa dos 15.

Então Grunwald colocou uma cerca elétrica entre a sua propriedade e a de Curtis.

Aquele Filho da Puta.

Não era de uma voltagem tão alta assim, Grunwald disse que conseguiria provar e Curtis acreditava nele, mas era alta o bastante para dar conta de uma cadela velha ligeiramente acima do peso e com um coração fraco. E para que uma cerca elétrica para começo de conversa? O Filho da Puta tinha inventado um monte de desculpas sobre desencorajar potenciais arrombadores — supostamente se esgueirando pela propriedade de Curtis até onde *La Maison Filha da Puta* erguia a cabeça roxa de estuque —, mas Curtis não acreditou nelas. Em que ele acreditava era que Grunwald, irritado com a questão do lote Vinton, tinha colocado a cerca elétrica simplesmente para contrariar Curtis Johnson. E quanto a *assassinar* sua cadela adorada? Curtis acreditava que isso tinha sido um bônus.

Ele não era um homem de chorar, mas chorou quando, antes da cremação, teve de retirar a plaqueta de identificação de Betsy da coleira.

Curtis processou o Filho da Puta pelo preço da cadela — 1.200 dólares. Se pudesse ter aberto um processo de 10 milhões — esse era mais ou menos o tamanho da dor que sentia quando olhava para aquele pauzinho idiota, livre de baba de cachorro agora e para sempre, em cima da mesinha de cento —, ele o teria feito numa piscar de olhos, mas seu advogado lhe disse que dor e sofrimento não contavam muito numa ação civil. Era o tipo de coisa que valia para divórcios, não para cachorros. Ele teria que se contentar com 1.200 e fazia questão de consegui-los.

Os advogados do Filho da Puta argumentaram que a cerca elétrica havia sido instalada a 10 metros da linha divisória das propriedades, dentro do terreno de Grunwald, e a batalha — a *segunda* batalha — começou. Curtis acreditava que a tática de atrasar o processo que os advogados do Filho da Puta estavam empregando sugeria que eles sabiam que Curtis tinha um caso bem embasado. Ele também acreditava que os fatos de eles não terem proposto um acordo e de Grunwald não ter simplesmente pago os 1.200 sugeriam que aquilo havia se tornado tão pessoal para Grunwald quanto era para ele. Aqueles advogados também estavam lhe custando uma bela grana. Mas é claro que a questão não era mais o dinheiro.

Guiando a lambreta ao longo da Rota 17, pelo que já havia sido um rancho e agora era apenas um terreno coberto de mato (*Grunwald devia estar doido de construir aqui*, pensou Curtis), Curtis queria apenas se sentir mais feliz quanto àquela reviravolta. A vitória deveria fazer seu coração saltar dentro do peito, e o dele não estava fazendo isso. Tudo o que ele parecia querer era encontrar Grunwald, ouvir o que ele estava propondo de fato, e transformar aquela merda toda em passado se a proposta não fosse ridícula demais. É claro que isso provavelmente significaria que os parentes-barata ficariam com o lote de Vinton e poderiam muito bem decidir erguer seu próprio condomínio, mas isso sequer tinha importância? Parecia que não.

Curtis tinha seus próprios problemas, embora eles fossem mentais em vez de matrimoniais (Deus me livre), financeiros ou de saúde. Eles haviam começado pouco depois de ele ter encontrado Betsy dura e gelada no jardim lateral. Outros talvez chamassem esses problemas de neuroses, mas Curtis preferia pensar neles como uma angústia.

O desencanto que sentia em relação ao mercado de ações, que o fascinara ininterruptamente desde que ele o havia descoberto aos 16 anos de idade, era o componente mais óbvio dessa angústia, mas de forma alguma o único. Ele tinha começado a tirar o próprio pulso e contar suas escovadas de dentes. Já não podia usar camisas escuras, pois estava sofrendo de caspa pela primeira vez desde o colégio. Porcaria branca e morta cobria todo o seu couro cabeludo e deslizava até os seus ombros. Se ele raspasse com um pente, ela caía como uma nevasca medonha. Ele odiava isso, mas às vezes se pegava fazendo-o enquanto estava sentado diante do computador ou falando ao telefone. Uma vez ou outra, raspou o couro cabeludo até sangrar.

Raspando e raspando. Escavando aquela coisa morta e branca. Às vezes olhando para o pauzinho idiota sobre a mesinha de centro e pensando (é claro)

em como Betsy ficava feliz quando o trazia para ele. Olhos humanos quase nunca pareciam tão felizes, especialmente se os humanos em questão estivessem fazendo uma obrigação.

É uma crise de meia-idade, disse Sammy (Sammy era o massagista que vinha uma vez por semana). Você precisa transar, disse Sammy, mas sem oferecer seus próprios serviços, notou Curtis.

Ainda assim, a frase soou verdadeira — tão verdadeira quanto qualquer frase feita do século XXI, imaginava ele. Não sabia se era a putaria toda envolvendo o lote de Vinton que tinha provocado a crise ou se era a crise que tinha provocado aquela confusão. O que *sabia* era que havia chegado ao ponto de pensar *enfarto* em vez de *indigestão* sempre que sentia uma pontada passageira no peito, que havia ficado obcecado com a ideia de que seus dentes iriam cair (embora eles nunca lhe tivessem dado nenhum problema em especial) e que, ao ficar gripado em abril, diagnosticara-se como estando à beira de um colapso imunológico total.

E ainda tinha aquele outro problema. Aquela compulsão, sobre a qual não havia falado com seu médico. Ou mesmo com Sammy — e ele contava *tudo* para Sammy.

Conseguia senti-la naquele instante, 25 quilômetros continente adentro na pouco viajada Rota 17, que nunca tinha sido muito concorrida e agora, com a extensão 375, estava quase obsoleta. Bem ali, com a vegetação invadindo a estrada dos dois lados (o homem estava *maluquinho* de construir aqui), com os insetos cantando na grama alta onde nenhuma vaca pastava havia dez anos ou mais, e os cabos de força zumbindo e o sol batendo na sua cabeça sem capacete como um martelo acolchoado.

Ele sabia que o simples fato de pensar na compulsão a invocava, mas isso não ajudava muita coisa. Não ajudava nada, na verdade.

Ele encostou onde uma trilha com uma placa dizendo DURKIN GROVE VILLAGE ROAD seguia para a esquerda (a grama crescia pelo meio da trilha, uma seta apontando o caminho para o fracasso) e colocou a Vespa em ponto morto. Então, enquanto ela ronronava satisfeita entre as suas pernas, ele fez um V com os dois primeiros dedos da mão direita e os enfiou na garganta. Seu reflexo faríngeo tinha se entorpecido no decorrer dos últimos dois ou três meses e sua mão já estava enfiada quase até a parte de baixo do pulso quando ele finalmente foi ativado.

Curtis se inclinou para um lado e vomitou o café da manhã. Não era em se livrar da comida que ele estava interessado; ele podia ser muitas coisas, mas não era bulímico. Não era nem mesmo de vomitar em si que ele gostava. O que

gostava era da *contração*: daquele aperto forte e expulsivo em seu diafragma, além dos espasmos na boca e na garganta que o acompanhavam. O corpo entrava totalmente em ação, determinado a expelir o intruso.

Os cheiros — arbustos verdes, madressilvas silvestres — ficaram mais fortes de repente. A luz ficou mais intensa. O sol batia com mais força do que nunca; o martelo não estava mais acolchoado e ele conseguia sentir a pele da sua nuca fritando, as células ali talvez virando bandidas naquele mesmo instante e partindo para a terra sem lei chamada melanoma.

Ele não se importava. Estava vivo. Enfiou os dedos abertos garganta abaixo novamente, raspando as laterais. O resto do café da manhã subiu com um arroto. Da terceira vez, ele conseguiu apenas longos fios de cuspe, ligeiramente manchados de rosa pelo sangue da garganta. Então se deu por satisfeito. Agora poderia continuar seguindo para a Durkin Grove Village, a Xanadu inacabada do Filho da Puta lá nos confins silenciosos do condado de Charlotte, onde só se ouviam os zumbidos das abelhas.

Ocorreu-lhe, enquanto ele seguia modestamente ao longo da trilha coberta de mato pelo sulco da direita, que Grunwald talvez não fosse o único passando um aperto naquele momento.

A Durkin Grove Village estava um caos.

Havia poças nos sulcos das ruas não asfaltadas e nos buracos que serviriam de porão para as construções inacabadas (em alguns casos, sequer madeiradas). O que Curtis viu lá embaixo — lojas semiconstruídas, alguns equipamentos deteriorados aqui e ali, fita amarela de segurança frouxa — sem dúvida indicava problemas financeiros graves, talvez até falência. Curtis não sabia se a preocupação com o lote de Vinton — isso sem contar a partida da mulher, a doença e os problemas legais relacionados à cadela de Curtis — tinha sido a causa do endividamento daquele homem ou não, pois ele sabia que endividamento era o nome daquilo. Mesmo antes de continuar descendo até o portão aberto e ver a placa colocada ali, ele sabia.

ESTE LOCAL FOI INTERDITADO PELO
DEPTO. DE CONSTRUÇÃO E PLANEJAMENTO
DO CONDADO DE CHARLOTTE
SECRETARIA DE TRIBUTAÇÃO DO CONDADO DE CHARLOTTE
SECRETARIA DE TRIBUTAÇÃO DO ESTADO DA FLÓRIDA
RECEITA FEDERAL DOS ESTADOS UNIDOS
PARA MAIORES INFORMAÇÕES LIGUE 941-555-1800

Debaixo disso, um humorista entusiasmado tinha pichado: *DISQUE RAMAL 69 E PERGUNTE PELO GENERAL CHUPADOR DE BOCETA!*

O asfalto terminava e os buracos começavam depois das únicas três construções que pareciam completas: duas lojas em um dos lados da rua e uma casa modelo no outro. A casa era uma imitação de estilo colonial que fez o sangue de Curtis gelar. Ele não achava que a Vespa fosse conseguir andar no chão de terra, então parou ao lado de uma escavadeira que parecia estar estacionada ali havia um século ou mais — grama crescia no solo debaixo da sua pá meio erguida —, baixou o cavalete e desligou o motor.

Silêncio veio preencher o espaço antes ocupado pelo ronco abundante da Vespa. Então um corvo grasniu. Ele foi respondido por outro. Curtis ergueu os olhos e viu um trio deles empoleirado em um conjunto de andaimes que envolvia um prédio de tijolos inacabado. Talvez fosse para ser um banco. *Agora é a lápide de Grunwald*, pensou ele, mas a ideia sequer trouxe um sorriso para os seus lábios. Ele sentiu vontade de forçar vômito novamente, e poderia até ter feito isso, porém, mais adiante na rua de terra deserta — na extremidade oposta, na verdade —, ele viu um homem parado ao lado de um sedã branco com o desenho de uma palmeira verde na lataria. Em cima da palmeira: GRUNWALD. Embaixo: EMPREITEIRA E CONSTRUTORA. O homem acenava para ele. Por algum motivo, naquele dia Grunwald estava dirigindo um carro da empresa em vez de seu Porsche. Curtis não achava impossível que Grunwald tivesse vendido o Porsche. Tampouco era impossível pensar que a Receita o tivesse confiscado, e que talvez fosse confiscar até a propriedade de Grunwald em Turtle Island. Então o lote de Vinton seria a menor das suas preocupações.

Só espero que eles lhe deixem dinheiro o suficiente para pagar pela minha cadela, pensou Curtis. Ele acenou de volta para Grunwald, ligou o interruptor vermelho do alarme debaixo da ignição depois de tirar a chave (fez isso apenas por reflexo; não achava que a Vespa corresse risco algum de ser roubada, não ali, mas ele tinha sido educado para cuidar bem das suas coisas) e a colocou no bolso junto com seu celular. Então começou a descer a rua de terra — uma rua central que nunca tinha saído do papel e que, aparentemente, jamais sairia — para encontrar seu vizinho e resolver o problema entre eles de uma vez por todas, se fosse possível. Tomou o cuidado de evitar as poças que haviam sobrado do temporal da noite passada.

— Ei, vizinho! — disse Grunwald enquanto Curtis se aproximava. Ele estava usando calça cáqui e uma blusa com o logo de palmeira da empresa. A blusa ficava folgada nele. Com exceção das manchas vermelhas no alto das maçãs do

rosto e das olheiras quase negras, seu rosto estava pálido. E, embora soasse animado, ele parecia mais doente do que nunca. *Não sei o que eles tentaram arrancar de dentro dele*, pensou Curtis, *mas não conseguiram*. Grunwald estava com uma das mãos atrás do corpo. Curtis imaginou que estivesse no bolso de trás. Isso acabou se mostrando um engano.

Um pouco mais adiante na rua de terra sulcada e cheia de poças, havia um trailer sustentado por blocos de concreto. O escritório *in loco*, supôs Curtis. Havia um aviso dentro de um envelope protetor de plástico, pendurado em um ganchinho de pressão também de plástico. Tinha bastante coisa impressa nele, mas tudo o que Curtis conseguiu ler (tudo o que precisava ler) eram as palavras no topo: PROIBIDA A ENTRADA.

Sim, a vida tinha ficado dura para o Filho da Puta. Dureza para Tony, como teria dito Evelyn Waugh.[19]

— Grunwald? — era o suficiente para começar; levando-se em conta o que tinha acontecido com Betsy, era tudo o que o Filho da Puta merecia. Curtis parou a cerca de 3 metros dele, suas pernas um pouco separadas para evitar uma poça. As pernas de Grunwald também estavam separadas. Ocorreu a Curtis que aquela era uma pose clássica: pistoleiros prestes a acertar as contas na única rua de uma cidade fantasma.

— Ei, vizinho! — repetiu Grunwald e, dessa vez, chegou a rir. Havia algo de familiar naquela risada. E por que não? Sem dúvida ele tinha ouvido o Filho da Puta rir antes. Não conseguia lembrar com exatidão quando, mas certamente já ouvira.

Atrás de Grunwald, de frente para o trailer e não muito longe do carro da empresa no qual Grunwald tinha vindo, havia uma fileira de quatro banheiros químicos azuis. Ervas daninhas e malmequeres-do-brejo brotavam ao redor das suas bases. As enchentes causadas pelas tempestades frequentes de junho (esse tipo de acesso de raiva era uma especialidade da costa do golfo) tinham erodido o solo diante deles, transformando-o em um fosso. Quase um córrego. Estava cheio de água parada, a superfície empoeirada e turvada pelo pólen, de modo que refletia apenas uma vaga imitação azul do céu. O quarteto de banheiros pendia para frente como lápides erguidas por gelo subterrâneo. Deve ter havido uma equipe e tanto trabalhando ali em algum momento, pois havia também um quinto. Esse na verdade tinha despencado e estava caído com a porta para baixo no fosso. Era o toque final, que ressaltava o fato de que aquele projeto — uma loucura desde o início — estava agora condenado.

Um dos corvos decolou dos andaimes que cercavam o banco inacabado e cruzou batendo as asas no céu azul enevoado, grasnindo para os dois homens que se encaravam mais abaixo. Os insetos zumbiam despreocupados no matagal. Curtis notou que conseguia sentir o cheiro dos banheiros químicos; eles não deviam ser drenados havia um bom tempo.

— Grunwald? — repetiu ele. E então (porque agora parecia haver necessidade de algo mais): — Em que posso ajudá-lo? Temos alguma coisa para conversar?

— Bem, vizinho, a questão é como eu posso ajudar *você*. Tudo se resume a isso. — Ele começou a rir novamente, então sufocou o riso. E Curtis descobriu por que o som lhe era familiar. Ele o havia escutado ao celular, no fim da mensagem do Filho da Puta. Não tinha sido um soluço contido, afinal. E o homem não parecia doente, ou não *só* doente. Ele parecia louco.

É claro que ele está louco. Ele perdeu tudo. E você deixou que ele o atraísse até aqui sozinho. Burrice, meu chapa. Você não parou para pensar.

Não. Desde a morte de Betsy, ele deixara de pensar em muitas coisas. Não parecia valer a pena. Mas, dessa vez, ele devia ter feito isso.

Grunwald estava sorrindo. Ou pelo menos mostrando os dentes.

— Estou vendo que você não colocou seu capacete, vizinho. — Ele balançou a cabeça, ainda com o sorriso animado de doente no rosto. Seu cabelo estava colado às orelhas. Parecia que não era lavado havia tempos. — Uma esposa não deixaria você se safar desse tipo de descuido, aposto, mas é claro que caras como você não têm esposas, não é? Eles têm *cachorrinhos*. Ele esticou o final da palavra, transformando-a em *cachorriiiinhos*.

— Foda-se, eu vou embora daqui — disse Curtis. Seu coração esmurrava-lhe o peito, mas ele não achou que isso tivesse transparecido na voz. Esperava que não. De repente, lhe pareceu muito importante que Grunwald não soubesse que ele estava com medo. Ele começou a dar meia-volta para retornar por onde tinha vindo.

— Achei que o lote de Vinton *talvez* trouxesse você até aqui — disse Grunwald —, mas *sabia* que iria vir se eu acrescentasse aquela sua cachorra com cara de cu. Eu a ouvi latir, sabia? Quando ela correu para cima da cerca. Invasora de merda.

Curtis se virou de volta, incrédulo.

O Filho da Puta estava assentindo, o cabelo seboso emoldurando o rosto sorridente.

— Isso mesmo — falou ele. — Eu fui até lá e vi sua cachorra caída de lado. Uma sacola de trapos com olhos. Fiquei olhando ela morrer.

— Você disse que não estava em casa — disse Curtis. Sua voz soou fraca aos próprios ouvidos, uma voz de criança.

— Bem, vizinho, eu certamente menti sobre isso. Eu tinha voltado mais cedo do meu médico, triste por ter precisado dizer não a ele depois de ele se esforçar tanto para me convencer a fazer a quimio, quando vi aquela sua sacola de trapos caída em cima de uma poça do próprio vômito, arfando, com moscas em volta dela, e logo me animei. Eu pensei: "Puta merda, *existe* justiça neste mundo. Existe justiça neste mundo, afinal." Era apenas uma cerca de baixa voltagem para gado, fui totalmente honesto quanto a isso, mas certamente deu para o gasto, não é?

Curtis Johnson captou todo o sentido daquilo depois de um instante de completa, e talvez proposital, incompreensão. Então começou a andar para frente, suas mãos se fechando em punhos. Ele não tinha batido em ninguém desde uma briga no pátio da escola quando estava no terceiro ano, mas estava disposto a bater em alguém agora. Estava disposto a bater no Filho da Puta. Os insetos ainda zuniam absortos no mato, e o sol ainda martelava das alturas — nada de essencial havia mudado no mundo, a não ser ele. O desinteresse indiferente tinha sumido. Ele estava interessado em pelo menos uma coisa: bater em Grunwald até ele chorar, sangrar e se encolher. E achava que conseguiria fazer isso. Grunwald era vinte anos mais velho, e não estava bem. E quando o Filho da Puta estivesse no chão — com o nariz recém-quebrado em uma daquelas poças nojentas, ele esperava — Curtis diria: *Isso é pela minha sacola de trapos. Vizinho.*

Grunwald deu um passo compensatório para trás. Então tirou a mão de trás das costas. Nela, havia uma pistola grande.

— Pare bem onde está, vizinho, ou eu vou abrir um buraco a mais na sua cabeça.

Curtis quase não parou. A arma parecia irreal. A morte, saindo de dentro daquele buraquinho preto? Certamente não era possível. Mas...

— É uma calibre 45 AMT Hardballer — disse Grunwald —, carregada com munição de ponta mole. Eu a comprei na última vez em que estive em Las Vegas. Em uma exposição de armas. Foi logo depois de Ginny ir embora. Achei que talvez fosse dar um tiro nela, mas perdi todo o interesse em Ginny. Basicamente, ela é só mais uma vadia anoréxica da costa da Flórida com peitos

de isopor. Você, no entanto... você é outra história. Você é *malévolo*, Johnson. Você é uma porra de uma bruxa gay.

Curtis se deteve. Ele acreditou.

— Mas agora você está em meu poder, como se diz por aí. — O Filho da Puta riu, mais uma vez sufocando o riso e fazendo-o parecer estranhamente um soluço. — Eu nem preciso acertar você em cheio. Esta é uma arma poderosa, ou pelo menos é o que me disseram. Até um tiro na mão poderia ser fatal, porque ele a arrancaria inteira. E no peito? Suas tripas sairiam voando uns 10 metros. E então, está a fim de arriscar? Está se sentindo com sorte, moleque?

Curtis não queria arriscar. Ele não estava se sentindo com sorte. A verdade estava atrasada, mas era óbvia: tinha sido atraído até ali por um doido de pedra.

— O que você quer? Eu lhe dou o que você quiser. — Curtis engoliu em seco. Ouviu-se um clique na sua garganta, como o de um inseto. — Você quer que eu desista da ação sobre Betsy?

— Não a chame de Betsy — disse o Filho da Puta. Ele estava com a arma, a Hardballer, que nome grotesco, apontada para o rosto de Curtis, e agora o buraco parecia bem grande. Curtis percebeu que provavelmente morreria antes de ouvir o estampido da arma, embora talvez visse o clarão, ou o começo do clarão, esguichando de dentro do cano. Ele também percebeu que estava perigosamente perto de molhar as calças. — Chame-a de “minha sacola de trapos com cara de cu”.

— Minha sacola de trapos com cara de cu — repetiu sem titubear Curtis, não sentindo nem um pouco que desonrava a memória de Betsy com isso.

— Agora diga: “E como eu adorava lamber a boceta fedorenta dela” — ordenou ainda o Filho da Puta.

Curtis ficou calado. Ele se sentiu aliviado ao ver que ainda havia limites. Além do mais, se dissesse aquilo, o Filho da Puta iria apenas querer que ele dissesse outra coisa.

Grunwald não pareceu muito desapontado. Ele balançou a arma.

— Estava só brincando dessa vez, mesmo.

Curtis ficou calado. Parte da sua mente urrava de pânico e confusão, mas outra parte parecia mais lúcida do que nunca desde a morte de Betsy. Talvez mais lúcida do que estivera em anos. Essa parte estava refletindo sobre o fato de que ele realmente poderia morrer ali.

Ele pensou: *E se eu nunca mais puder comer outra fatia de pão?*, e por um instante sua mente se uniu — a parte confusa e a parte lúcida — em um desejo de viver tão forte que era terrível.

— O que você quer, Grunwald?

— Que você entre em um daqueles banheiros químicos. O da ponta. — Ele balançou a arma novamente, dessa vez para a esquerda.

Curtis se virou para olhar, sentindo um fiapo de esperança. Se Grunwald pretendia encarcerá-lo... isso era bom, certo? Talvez agora que já havia assustado Curtis e extravasado um pouco da sua raiva, Grunwald pretendesse escondê-lo e fugir. *Ou talvez vá para casa para se matar com um tiro*, pensou Curtis. *Recorrer àquela velha cura contra o câncer chamada .45 Hardballer. Um tratamento popular dos mais famosos.*

Ele disse:

— Está bem. Posso fazer isso.

— Mas antes quero que você esvazie os bolsos. Jogue tudo no chão.

Curtis tirou sua carteira e então, com relutância, seu celular. Um pequeno maço de notas em um prendedor de dinheiro. Seu pente salpicado de caspa.

— Acabou?

— Sim.

— Vire esses bolsos do avesso, gracinha. Quero ver com meus próprios olhos.

Curtis puxou seu bolso esquerdo da frente para fora e depois o direito. Algumas moedas e a chave da sua lambreta caíram no chão, onde reluziram sob o sol nebuloso.

— Ótimo — disse Grunwald. — Agora os de trás.

Curtis puxou para fora os bolsos de trás. Havia uma lista de mercado velha escrita à mão em um pedaço de papel. Nada mais.

Grunwald falou:

— Chute o seu celular para cá.

Curtis tentou chutá-lo e errou feio.

— Seu otário — disse Grunwald, soltando uma risada. O riso terminou naquele mesmo som estrangulado, de soluço, e pela primeira vez na vida Curtis compreendeu plenamente o conceito de assassinato. A parte lúcida da sua mente registrou isso como algo maravilhoso, pois o assassinato, antes inconcebível para ele, acabou se mostrando tão simples quanto resolver frações.

— Anda logo, porra — disse Grunwald. — Quero ir para casa e entrar na minha banheira quente. Os analgésicos que se danem, uma banheira quente é a única coisa que dá resultado. Eu *viveria* naquela belezinha se pudesse. — Mas ele não parecia tão ansioso para ir embora assim. Seus olhos brilhavam.

Curtis chutou na direção do telefone novamente e dessa vez o acertou, fazendo-o deslizar até os pés de Grunwald.

— Ele chuta e é gol! — exclamou o Filho da Puta. Ele se apoiou em um joelho, apanhando o Nokia (sem nunca afastar sua pontaria de Curtis) e levantando-se de volta com um grunhido penoso. Então enfiou o telefone de Curtis no bolso direito da calça. Ele apontou o cano da arma por um instante para as coisas espalhadas pelo chão. — Agora apanhe o resto das suas porcarias e guarde-as de volta nos bolsos. Pegue todas as moedas. Quem sabe você não encontra uma máquina de salgadinhos lá dentro?

Curtis obedeceu em silêncio, sentindo outra vez uma pontada de dor ao olhar para o que estava preso ao chaveiro da Vespa. Algumas coisas não mudam mesmo em situações extremas, ao que parecia.

— Você esqueceu a sua lista de compras, seu mané. Não vá se esquecer dela. Tudo de volta para os bolsos. Quanto ao seu telefone, vou colocá-lo de volta no carregadorzinho dele na sua casinha. Quer dizer, depois de apagar a mensagem que mandei para você.

Curtis apanhou o pedaço de papel — *suco de laranja, antiácido, posta de peixe, muffins*, dizia ele — e o enfiou de volta em um de seus bolsos de trás.

— Você não pode fazer isso — disse ele.

O Filho da Puta ergueu as sobrancelhas cerradas de velho.

— Posso saber por quê?

— O alarme da casa está acionado. — Curtis não se lembrava se o havia acionado ou não. — Além do mais, a sra. Wilson já vai estar lá quando você chegar a Turtle Island.

Grunwald lançou um olhar indulgente para ele. O fato de ser uma indulgência *louca* o tornou aterrorizante em vez de apenas enfurecedor.

— Hoje é *quinta*, vizinho. A sua empregada só vem à tarde nas quintas e sextas. Está achando que eu não andei de olho em você? Do mesmo jeito que você andou de olho em mim?

— Eu não...

— Ah, eu vi você, bisbilhotando de trás da sua palmeira favorita na estrada... você achou que eu não via? Mas você nunca *me* viu, não é? Porque é preguiçoso. E pessoas preguiçosas são cegas. Pessoas preguiçosas recebem o que merecem. — Ele baixou a voz, como se contasse um segredo. — Todos os gays são preguiçosos; está cientificamente provado. O lobby a favor dos gays tenta esconder, mas você pode encontrar os estudos na internet.

Em seu pavor cada vez maior, Curtis mal escutou essa última frase. *Se ele vem observando os horários da sra. Wilson... Meu Deus, há quanto tempo ele vinha tramando, planejando isso?*

No mínimo desde que Curtis o havia processado por Betsy. Talvez até antes.

— Quanto ao código do seu alarme... — O Filho da Puta soltou sua risada soluçante outra vez. — Vou lhe contar um segredinho: o seu sistema foi instalado pela Hearn Security, e eu venho trabalhando com eles há quase trinta anos. Eu poderia conseguir o código de segurança de qualquer casa que tenha contratado a Hearn em Turtle Island, se quisesse. Mas, no fim das contas, o único que eu queria era o seu. — Ele fungou, cuspiu no chão, então soltou uma tosse ressoante e encatarrada que vinha do fundo do peito. Parecia doer (Curtis esperava que sim), mas a arma sequer balançou. — Duvido que você tenha acionado o alarme, de qualquer forma. Devia estar pensando em boquetes ou coisa parecida.

— Grunwald, será que não podemos...

— Não. Não podemos. Você merece isso. Você procurou, comprou e recebeu. Entre na porra do banheiro.

Curtis começou a andar em direção aos banheiros químicos, mas seguiu para o da ponta direita, e não para o da ponta esquerda.

— Não, não — disse Grunwald. Com paciência, como se estivesse falando com uma criança. — O da *outra* ponta.

— Aquele está muito inclinado — disse Curtis. — Se eu entrar ali, ele vai acabar caindo.

— Não — disse Grunwald. — Aquele treco está tão firme quanto o seu adorado mercado de ações. Laterais reforçadas, esse é o motivo. Mas tenho certeza de que você vai gostar do cheiro. Caras como você passam bastante tempo em banheiros, então você deve gostar do cheiro. Deve *adorar*. — De repente, a arma cutucou as nádegas de Curtis. Curtis soltou um gritinho de susto e Grunwald riu. Aquele Filho da Puta. — Agora entre ali antes que eu decida transformar a racha da sua bunda em um cânion novinho em folha.

Curtis teve que se curvar por sobre o fosso de água parada, suja, e uma vez que o banheiro químico estava inclinado, a porta se escancarou para fora e quase bateu na sua cara quando se desprendeu do trinco. Isso fez Grunwald soltar outra gargalhada, e, ao ouvir aquele som, Curtis foi mais uma vez visitado pela ideia de assassinato. Ainda assim, era impressionante como ele se sentia cativado por tudo à sua volta. Como estava subitamente apaixonado pelos cheiros verdes da vegetação e pela aparência enevoada do céu azul da Flórida. Como ansiava por comer uma fatia de pão — até mesmo uma fatia de pão branco comum seria um manjar dos deuses; ele a comeria com um guardanapo no colo e escolheria um *vintage* da sua pequena adega para acompanhar. Tinha passado a enxergar a vida

de uma perspectiva totalmente diferente. Esperava apenas que fosse viver para aproveitá-la. E se o Filho da Puta pretendia apenas trancá-lo ali, talvez vivesse.

Ele pensou (de forma tão aleatória e espontânea quanto havia pensado sobre o pão): *Se eu sair dessa, vou passar a doar dinheiro para a caridade.*

— Entre ali, Johnson.

— Estou dizendo que vai cair!

— Quem é o construtor aqui? Não vai cair se você tomar cuidado. Entre.

— Não entendo por que você está fazendo isso!

Por incrível que pareça, Grunwald riu. Então falou:

— Coloque o seu rabo lá dentro ou eu vou mandá-lo pelos ares, juro por Deus.

Curtis passou por cima do fosso e entrou no banheiro químico. Ele se balançou para a frente de forma assustadora sob o seu peso. Gritou e se debruçou sobre a privada com a tampa fechada, espalmando as mãos contra a parede dos fundos. E, enquanto estava parado ali como um suspeito prestes a ser revistado, a porta se fechou com um baque às suas costas. A luz do sol desapareceu. De repente, ele estava em meio a sombras espessas e quentes. Olhou para trás por sobre o ombro e o banheiro químico balançou novamente, equilibrado por um triz.

Ouviu-se uma batida na porta. Curtis conseguia imaginar o Filho da Puta lá fora, curvado por sobre o fosso, uma das mãos apoiadas contra a lateral azul, a outra fechada em um punho para bater na porta.

— Tá confortável aí dentro? Aconchegante?

Curtis não respondeu. Pelo menos, com Grunwald apoiado contra a porta do banheiro químico, aquela porcaria tinha ficado firme.

— É claro que está. Mais confortável, impossível.

Ouviu-se outro baque, e então o banheiro pendeu para frente outra vez. Grunwald tinha retirado seu peso dele. Curtis voltou à posição de antes, apoiando-se nos calcanhares, aplicando toda a sua força de vontade para manter aquele cubículo fedido mais ou menos na vertical. Suor escorria pelo seu rosto, fazendo um corte que tinha sofrido ao se barbear arder no lado esquerdo da sua mandíbula. Isso o fez pensar em seu próprio banheiro, ao qual geralmente não dava muita importância, com uma nostalgia carinhosa. Ele daria cada dólar do seu fundo de aposentadoria para estar nele, com a lâmina na mão direita, observando sangue escorrer através do creme de barbear enquanto alguma canção pop idiota tocava no rádio-relógio ao lado da sua cama. Alguma coisa dos Carpenters ou de Don Ho.

Vai cair desta vez, com certeza, esse era o seu plano desde o início...

Mas o banheiro químico se endireitou em vez de despencar. Ainda assim, estava perto de cair, muito perto. Curtis ficou na ponta dos pés com as mãos apoiadas contra a parede e seu tórax arqueado sobre o assento do vaso sanitário, percebendo finalmente como o cheiro daquele cubículo quente era horrível, mesmo com a tampa da privada fechada. Havia um aroma de desinfetante — era aquela coisa azul, sem dúvida —, misturado ao fedor de excrementos humanos em decomposição, e isso de alguma forma deixava o cheiro pior ainda.

Quando Grunwald voltou a falar, sua voz veio de trás da parede dos fundos. Ele havia passado por cima do fosso e contornado o banheiro químico. Curtis ficou tão surpreso que quase recuou, mas conseguiu se conter. Porém, não conseguiu evitar um pulo de susto. Suas mãos espalmadas deixaram a parede por um instante. O banheiro químico cambaleou. Ele apoiou as mãos de volta contra a parede dos fundos, se inclinando o máximo possível para a frente, e o cubículo se endireitou.

— Como você está aí dentro, vizinho?

— Morrendo de medo — disse Curtis. Seu cabelo tinha caído em cima da testa, estava grudando no suor que havia ali, mas ele estava com medo de jogá-lo para trás. Até um movimento como aquele poderia fazer o banheiro químico despencar. — Deixe-me sair daqui. Você já se divertiu o bastante.

— Se você acha que eu estou me divertindo, está muito enganado — disse o Filho da Puta em um tom de voz pedante. — Eu vinha pensando nisto há um bom tempo, vizinho, e finalmente decidi que era necessário, a única saída possível. E tinha que ser agora, porque se esperasse demais, já não poderia confiar que meu corpo seria capaz de fazer o que eu precisava que ele fizesse.

— Grunwald, nós podemos resolver isso como dois homens. Eu juro que sim.

— Jure o quanto quiser, eu nunca confiaria na palavra de um homem como você — ele disse naquele mesmo tom pedante. — Qualquer homem que aceita a palavra de uma bicha merece o que vem pela frente. — E então, gritando tão alto que sua voz se estilhaçou: — *VOCÊS SE ACHAM TÃO ESPERTOS! ESTÁ SE SENTINDO ESPERTO AGORA?*

Curtis ficou calado. Sempre que achava que estava começando a entender a loucura do Filho da Puta, novas facetas dele se descortinavam diante de si.

Finalmente, em um tom mais calmo, Grunwald prosseguiu.

— Você quer uma explicação. Acha que *merece* uma. Provavelmente merece mesmo.

Em algum lugar, um corvo grasniu. Para Curtis, em seu cubículo quente, pareceu uma risada.

— Achou que eu estava brincando quando chamei você de bruxa gay? Eu não estava. Isso significa que você *sabe* que é, bem, uma força sobrenatural malévola enviada para me testar, para me pôr à prova? Não sei. Não mesmo. Desde que minha mulher pegou as joias e foi embora, passei várias noites insones pensando sobre essa questão, entre outras, e ainda não sei. *Você* provavelmente não sabe.

— Grunwald, eu lhe garanto que não sou...

— Cale a boca. Sou eu quem está falando aqui. E, além do mais, é isso o que você *diria*, não é? Independentemente de saber ou não, é o que você *diria*. É só olhar para os testemunhos de várias bruxas em Salem. Pode olhar. Eu olhei. Está tudo na internet. Elas juraram que não eram bruxas e, quando acharam que podiam se livrar da morte certa com isso, juraram que *eram*, mas muito poucas delas *sabiam de verdade*. Isso fica óbvio quando você olha para a coisa com clareza... bem, com clareza... com clareza sei lá do quê. De pensamento ou sei lá. Ei, vizinho, como é que é quando eu faço isto?

De repente, o Filho da Puta — doente, mas pelo jeito ainda bem forte — começou a balançar o banheiro químico. Curtis quase foi jogado contra a porta, o que teria acabado em desastre, sem dúvida.

— *Pare!* — urrou ele. — *Pare com isso!*

Grunwald riu com satisfação. O banheiro químico parou de balançar. Mas Curtis achou que o ângulo do chão estava mais inclinado do que antes.

— Que bebê chorão você é. Isso aqui está tão firme quanto o mercado de ações, ouça o que eu digo.

Uma pausa.

— É claro que... tem *outra* questão: todas as bichas são mentirosas, mas nem todos os mentirosos são bichas. Não é uma equação equilibrada, se é que você me entende. Eu sou macho feito um touro, sempre fui, comeria a Virgem Maria e depois iria dançar num arraial, mas menti para atrair você para cá, admito isso sem rodeios, e posso estar mentindo agora.

Aquela tosse outra vez — profunda e negra e quase certamente dolorosa.

— Deixe-me sair, Grunwald. Eu imploro. Estou implorando a você.

Uma longa pausa, como se o Filho da Puta estivesse pensando no assunto. Então ele retomou sua ladainha de antes.

— No fim das contas, quando o assunto são bruxas, não podemos confiar em confissões — disse ele. — Não podemos confiar nem em um *depoimento*, porque ele poderia ser tendencioso. Quando você está lidando com bruxas, o

lado subjetivo toma conta da... da... sabe como é. Você só pode confiar nas *evidências*. Então eu refleti sobre as evidências no *meu* caso. Vamos olhar os fatos. Primeiro, você ferrou comigo na questão do lote de Vinton. Essa foi a primeira coisa.

— Grunwald, eu nunca...

— Cale a boca, vizinho. Quer dizer, a não ser que você queira que eu vire a sua casinha feliz. Nesse caso, você pode falar o quanto quiser. É isso o que você quer?

— Não!

— Boa escolha. Não sei *por que* exatamente você ferrou comigo, mas *acredito* que tenha sido porque ficou com medo de que eu pretendesse levantar um ou dois condomínios lá em Turtle Point. De qualquer forma, a *evidência*, isto é, o seu ridículo arremedo de contrato de venda, indica que putaria é o nome do que você fez, sem tirar nem pôr. Você afirma que Ricky Vinton pretendia vender aquele lote para você por 1,5 milhão de dólares. Agora, vizinho, deixe-me fazer uma pergunta. Algum juiz ou júri no mundo acreditaria nisso?

Curtis não respondeu nada. Ele estava com medo até de pigarrear àquela altura, e não só porque isso poderia fazer o Filho da Puta estourar, mas porque talvez fizesse o banheiro químico perder seu equilíbrio precário, despencando lá embaixo. Curtis estava com medo de o banheiro cair se ele sequer tirasse um mindinho da parede dos fundos. Isso provavelmente era uma tolice, mas poderia não ser.

— Então os familiares chegaram, complicando uma situação que já estava complicada o suficiente *por causa da sua intromissão de bichinha!* E foi você quem ligou para eles. Você ou o seu advogado. Isso é óbvio, não tem nem o que discutir. Porque você gosta das coisas exatamente como elas estão.

Curtis continuou quieto, deixando isso passar incontestado.

— Foi então que você lançou sua maldição. Só pode ter sido. Porque isso é sustentado pela evidência. “Você não precisa ver Plutão para deduzir que Plutão está lá.” Teve um cientista que falou isso. Ele descobriu a existência de Plutão observando as irregularidades nas órbitas de outros planetas, sabia? Deduzir bruxaria funciona da mesma forma, Johnson. Você precisa conferir as evidências e procurar irregularidades na órbita da sua, bem, da sua sei lá o quê. Vida. Além disso, seu espírito escurece. Ele *escurece*. Eu senti quando aconteceu. Como um eclipse. Ele...

Grunwald tossiu mais um pouco. Curtis ficou na posição “pronto para ser revistado”, bunda empinada, barriga arqueada sobre a privada onde os

carpinteiros de Grunwald costumavam se sentar para esvaziar as tripas depois que o café da manhã era processado.

— Logo em seguida, Ginny me abandonou — disse o Filho da Puta. — Ela está morando em Cape Cod agora. Diz que está sozinha lá, e não diria outra coisa, porque quer aquela pensão alimentícia. Qual delas não quer? Mas eu sei que é mentira. Se aquela puta tarada não tivesse um pau para brincar de salto com vara duas vezes por dia, comeria trufas de chocolate vendo *American Idol* na tevê até explodir.

"E depois teve a Receita Federal. Aqueles desgraçados vieram em seguida, com seus laptops e suas perguntas. 'O senhor fez isso, o senhor fez aquilo, cadê a papelada de tal coisa?', Isso foi bruxaria, Johnson? Ou talvez putaria de um tipo mais, bem, de um tipo mais comum? Como você pegando o telefone e dizendo: 'Façam uma auditoria nesse cara, ele tem mais guloseimas na despensa do que está mostrando para vocês.'"

— Grunwald, eu nunca liguei...

O banheiro químico balançou. Curtis foi jogado para trás, convencido de que *desta* vez...

Mas o banheiro se estabilizou novamente. Curtis estava começando a ficar tonto. Tonto e com vontade de vomitar. Não era apenas o cheiro; era o *calor*. Ou talvez fossem os dois juntos. Ele conseguia sentir a camisa colando ao peito.

— Estou expondo as evidências — disse Grunwald. — Cale a boca enquanto eu exponho as evidências. Ordem na porra do tribunal.

Por que estava tão quente ali? Curtis olhou para o teto e notou que não havia entradas de ar. Ou melhor... havia sim, mas estavam cobertas. Pelo que parecia um pedaço de chapa metálica. Três ou quatro buracos tinham sido furados nela, permitindo a entrada de um pouco de luz, mas de nenhuma ventilação. Os buracos eram maiores do que moedas de 25 centavos e menores do que moedas de um dólar. Ele olhou por sobre o ombro e viu outra fileira de buracos, mas as duas entradas de ar da porta estavam quase totalmente fechadas.

— Eles congelaram meus bens — disse Grunwald em uma voz carregada, de vítima. — Fizeram uma auditoria primeiro, disseram que era apenas rotina, mas eu sei como eles trabalham e sabia o que estava por vir.

É claro que sabia, porque era culpado como o diabo.

— Mas antes mesmo da auditoria eu desenvolvi essa tosse. Isso foi coisa sua também, é claro. Fui ao médico. Câncer de pulmão, vizinho, e se espalhou para o meu fígado, meu estômago e vai saber pra que outra merda de lugar. Todas as partes moles. Exatamente onde uma bruxa atacaria. Estou surpreso que você não

tenha colocado essa doença no meu saco e no meu cu também, mas tenho certeza de que ele vai chegar lá com o tempo. Se eu deixar. Mas eu não vou deixar. É por isso que, embora eu ache que a coisa aqui esteja bem encoberta, que estou com a fralda na bunda, por assim dizer, não faria diferença se não estivesse. Eu vou colocar uma bala na cabeça dentro em breve. Desta própria arma aqui, vizinho. Dentro da minha banheira quente.

Ele deu um suspiro piegas.

— É o único lugar em que eu ainda sou feliz. Na minha banheira quente.

Curtis percebeu uma coisa. Talvez tenha sido ao ouvir o Filho da Puta dizer *embora eu ache que a coisa aqui esteja bem encoberta*, mas era mais provável que já soubesse disso há algum tempo. O Filho da Puta pretendia virar o banheiro químico. Ele iria fazer isso se Curtis chorasse e protestasse; e iria fazer isso se Curtis ficasse quieto. Não fazia diferença. Mas, por ora, ele ficou quieto assim mesmo. Porque queria ficar na vertical o máximo possível — sim, é claro —, mas também pela fascinação apavorante que sentia. Grunwald não estava falando metaforicamente; ele acreditava de verdade que Curtis Johnson era algum tipo de feiticeiro. Seu cérebro deveria estar apodrecendo junto com o resto do corpo.

— *CÂNCER DE PULMÃO!* — proclamou Grunwald para aquele canteiro de obras vazio, deserto, e então voltou a tossir. Corvos grasniram em protesto. — *Eu parei de fumar trinta anos atrás e arranjo um câncer de pulmão AGORA?*

— Você é louco — disse Curtis.

— Claro, é o que o mundo diria. Esse era o plano, não era? Essa era a porra do *PLAAAANO*. E então, para completar, você me processa por conta da porra da sua *cachorra* com cara de cu? Da porra da sua cachorra que estava na *MINHA PROPRIEDADE*? E qual foi o motivo disso? Depois de ter tirado meu lote, minha mulher, meu negócio e minha vida, que motivo você poderia ter para isso? Me humilhar, é claro! Botar mais lenha na fogueira! Como se houvesse necessidade! Bruxaria! E sabe o que diz a Bíblia? *Não deixarás uma feiticeira viver!* Tudo o que aconteceu comigo é culpa sua e *não deixarás uma feiticeira... VIVER!*

Grunwald empurrou o banheiro químico. Ele deve ter vindo mesmo com tudo, porque não houve resistência dessa vez, nenhuma oscilação. Curtis, sem peso algum por um instante, caiu para trás. O trinco deveria ter quebrado sob o seu peso, mas não quebrou. O Filho da Puta devia ter feito alguma coisa com ele também.

Então seu peso voltou e ele caiu de costas enquanto a porta do banheiro químico batia no chão. Seus dentes se fecharam em cima da língua. A parte de trás da cabeça se chocou contra a porta e ele viu estrelas. A tampa da privada se abriu como uma boca. Líquido marrom-escuro, grosso como xarope, foi expelido para fora. Um pedaço de bosta em decomposição aterrissou na sua virilha. Curtis gritou de nojo, o jogou longe com um tapa e então limpou a mão na camisa, deixando uma mancha marrom. Um rio podre escorria da privada aberta. Ele descia pelas laterais do assento e empoçava em volta dos seus tênis. Uma embalagem de biscoito de chocolate boiava nele. Pedaços de papel higiênico pendiam da boca da privada. Parecia uma festa de réveillon no inferno. Aquilo simplesmente não podia estar acontecendo. Era um pesadelo remanescente da infância.

— Como é que está o cheiro aí dentro agora, vizinho? — gritou o Filho da Puta. Ele estava rindo e tossindo. — Bastante familiar, não é? Por que você não pensa nisso como uma cadeira de tortura por afogamento do século XXI para veadinhos? Tudo que você precisa é de um senador bicha e de uma pilha de calcinhas da Victoria’s Secret e poderia dar uma festa do pijama!

As costas de Curtis também estavam molhadas. Ele percebeu que o banheiro químico tinha ou caído dentro do fosso, ou ficado encaixado entre as duas margens. Água entrava pelos buracos na porta.

— A maioria desses banheiros químicos é feita de plástico moldado fino, como naqueles que você vê em paradas de caminhão e postos de parada nas estradas, sabe? Neles, dá pra arrebentar as paredes ou o teto na base do soco, se você se esforçar. Mas nos canteiros de obra, a gente coloca chapas metálicas nas laterais. Revestimento, é como a gente chama. Senão as pessoas vêm e fazem buracos neles. Vândalos, só por diversão, ou veadinhos como você. Para fazer o que eles chamam de “*glory hole*”. Ah, sim, eu sei dessas coisas. Tenho todas as informações, vizinho. Ou então moleques vêm tacar pedras pelo telhado, só para ouvir o barulho que elas fazem. É um barulho de tiro, como estourar um saco de papel dos grandes. Então nós revestimos a parte de cima também. É claro que fica mais quente, mas isso acaba sendo útil. Ninguém vai querer ficar 15 minutos lendo revista num banheiro quente feito uma cela de prisão turca.

Curtis se virou. Ele estava deitado em uma poça repulsiva e fedorenta. Havia um pedaço de papel higiênico em volta do seu punho e ele o arrancou dali, jogando-o longe. Então viu uma mancha marrom — os restos do barro largado tempos antes por algum peão de obra — no papel e começou a chorar. Estava deitado em cima de merda e papel higiênico, mais água entrava pela porta, e

aquilo não era um sonho. Em algum lugar não muito distante, números de Wall Street rolavam pela tela do seu Macintosh, e lá estava ele, deitado em uma poça de água mijada com um cocô preto e velho enroscado em um canto e uma privada com a tampa aberta bem em cima dos seus calcanhares, e aquilo não era um sonho. Ele teria vendido a própria alma para acordar na sua cama, limpo e fresquinho.

— *Deixe-me sair! GRUNWALD, POR FAVOR!*

— Não posso. Está tudo armado — disse o Filho da Puta com uma voz séria. — Você veio aqui para dar uma pequena olhada, para rir um pouco da desgraça alheia. Ouviu o chamado da natureza e lá estavam os banheiros químicos. Entrou no da ponta e ele caiu. Fim da história. Quando for encontrado, quando *finalmente* for encontrado, os policiais irão ver que eles estão todos inclinados, porque as chuvas de fim de tarde cederam o terreno debaixo deles. Não terão como saber se a sua morada atual estava ou não um pouco mais inclinada do que os outros. Ou que eu levei o seu celular. Eles vão simplesmente presumir que você o deixou em casa, sua bichinha tonta. A situação vai parecer bem clara para eles. A *evidência*, entende? A coisa sempre se resume à evidência.

Ele riu. Não houve tosse dessa vez, apenas o riso ardoroso, orgulhoso de si mesmo, de um homem que não deixou ponto sem nó. Curtis já estava deitado em 5 centímetros de água imunda, sentindo-a atravessar sua camisa e sua calça até a pele, e desejou que o Filho da Puta morresse de um derrame ou enfarto fulminante. Que se dane o câncer; que ele caia morto ali mesmo, na rua sem asfalto do seu projeto idiota e falido. De preferência de costas, para que os pássaros pudessem bicar seus olhos.

Se isso acontecesse, eu morreria aqui.

É verdade, mas se era isso que Grunwald tinha planejado desde o início, qual era a diferença?

— Eles vão ver que não houve roubo; seu dinheiro ainda está no seu bolso. Assim como a chave da sua lambreta. Aliás, essas coisas são um perigo; quase tão ruins quanto um ATV. E sem capacete, ainda por cima! Que vergonha, vizinho. Eu percebi que você acionou o alarme, no entanto, e isso é bom. Um belo toque final, na verdade. Você não tem caneta para escrever uma mensagem na parede. E, se tivesse trazido uma, eu teria ficado com ela também, mas você não trouxe. Vai parecer um acidente trágico.

Ele fez uma pausa. Curtis conseguia visualizá-lo lá fora com uma clareza infernal. Parado ali em suas roupas grandes demais, com as mãos enfiadas nos bolsos e seu cabelo sujo colado às orelhas. Falando com Curtis, mas também

falando sozinho, procurando furos no seu plano até agora, mesmo depois do que devem ter sido semanas de noites insones bolando-o.

— É claro que uma pessoa não pode estar preparada para tudo. Sempre existem coringas no baralho. Duques e valetes, rei de ouros, dupla de setes leva tudo. Esse tipo de coisa. E quanto às chances de alguém vir até aqui e encontrar você? Enquanto você ainda estiver vivo, você quer dizer? Baixas, eu diria. Muito baixas. E o que eu tenho a perder? — Ele riu, soando maravilhado consigo mesmo. — Você está deitado na merda, Johnson? Espero que esteja.

Curtis olhou para o rolinho de bosta que havia tirado de cima das calças, mas não disse nada. Havia um zumbido baixo. Moscas. Só algumas, mas até algumas era demais, em sua opinião. Elas estavam escapando pela privada aberta. Deviam estar presas no tanque de coleta que era para estar debaixo dele, em vez de caído aos seus pés.

— Estou indo agora, vizinho, mas pense no seguinte: você está sofrendo um destino, bem, digno de uma bruxa. E, como já disseram uma vez: na latrina, ninguém consegue ouvir você gritar.

Grunwald começou a ir embora. Curtis conseguia acompanhá-lo pelo som decrescente do seu riso entrecortado de tosses.

— Grunwald! Grunwald, volte aqui!

Grunwald gritou:

— Agora é *você* quem está passando aperto. Um baita de um aperto, isso sim.

E então — ele devia estar esperando isso, *estava* esperando isso, mas ainda assim era inacreditável — ele ouviu o carro da empresa com a palmeira na lateral sendo ligado.

— *Volte aqui, seu Filho da Puta!*

Mas agora era o som do carro que estava ficando cada vez mais baixo, à medida que Grunwald primeiro subia a rua sem asfalto (Curtis conseguia ouvir as rodas fazendo a água das poças espirrar) e depois a colina, passando pelo lugar onde um Curtis Johnson bem diferente tinha parado sua Vespa. O Filho da Puta deu uma buzinadinha — cruel e alegre — e então o som do motor se misturou aos sons do dia, que se limitavam ao zumbido de insetos no mato e à melodia das moscas que tinham escapado do tanque de dejetos e ao ronco de um avião distante, no qual as pessoas na primeira classe talvez estivessem comendo torradas com queijo Brie.

Uma mosca pousou no braço de Curtis. Ele a afugentou. Ela aterrissou no rolinho de merda e começou a almoçar. De repente, o fedor do tanque de dejetos revirado parecia uma coisa viva, como uma mão marrom-escura descendo pela

garganta de Curtis. Mas o cheiro de bosta velha em decomposição não era o pior; o pior era o cheiro de desinfetante. Era aquela coisa azul. Ele tinha certeza de que era aquela coisa azul.

Ele dobrou o corpo para a frente — havia espaço, mas pouco — e vomitou entre os joelhos abertos, em cima da água empoçada e dos pedaços flutuantes de papel higiênico. Depois de seu flerte com a regurgitação de mais cedo, não restava muito além de bile. Ele ficou sentado ali, curvado e ofegante, o corte na mandíbula latejando e ardendo. Então vomitou novamente, dessa vez soltando apenas um arroto que parecia o zumbido de uma cigarra.

E, por estranho que pareça, ele se sentiu melhor. *Honesto* de certa forma. Como se tivesse *merecido* vomitar. Nada de precisar enfiar dedos na garganta. Quanto à sua caspa, como saber? Talvez ele pudesse presentear o mundo com um novo tratamento: a Loção de Urina Envelhecida. Não deixaria de conferir o couro cabeludo em busca de melhoras quando saísse dali. *Se* saísse dali.

Sentar-se, pelo menos, não era problema. Estava fazendo um calor apavorante, e o cheiro era horrível (ele não queria pensar no que poderia ter sido remexido no tanque de coleta e, ao mesmo tempo, não conseguia afastar esse tipo de pensamento), mas pelo menos tinha altura o suficiente.

— Você tem que contar suas dádivas — murmurou ele. — Tem que contar essas filhas da mãe com muita atenção.

Sim, e fazer um balanço da situação. Isso seria bom, também. A água sobre a qual estava sentado não estava ficando mais funda, o que provavelmente era outra dádiva. Ele não iria se afogar. Isto é, a não ser que as chuvas de fim de tarde se tornassem temporais. Já havia visto isso acontecer. E era inútil dizer a si mesmo que estaria fora dali à tarde — é *claro* que ele diria isso, pois esse tipo de pensamento otimista significa fazer exatamente o jogo do Filho da Puta. Ele não podia ficar apenas sentado ali, agradecendo a Deus por ter pelo menos altura o suficiente e esperando um resgate.

Talvez alguém do Departamento de Construção e Planejamento do Condado de Charlotte apareça por aqui. Ou uma equipe de fiscais da Receita.

Isso era bom de imaginar, mas ele suspeitava que não fosse acontecer. O Filho da Puta teria levado essas possibilidades em consideração, também. É claro que algum burocrata ou um grupo deles poderia dar uma passada surpresa por lá, mas contar com isso seria uma idiotice tão grande quanto esperar que Grunwald se arrependesse e voltasse atrás. E a sra. Wilson imaginaria que ele tivesse ido pegar uma sessão de cinema à tarde em Sarasota, como costumava fazer.

Ele bateu nas paredes, primeiro na esquerda e depois na direita. Dos dois lados, sentiu metal duro por trás do plástico fino e maleável. Revestimento. Ele se ajoelhou, e dessa vez chegou a bater com a cabeça, porém mal deu atenção a isso. O que ele viu não era encorajador: as pontas achatadas dos parafusos que sustentavam a estrutura. As cabeças estavam do lado de fora. Aquilo não era um banheiro; era um caixão.

Ao pensar nisso, seu momento de lucidez e calma desapareceu. Pânico tomou o seu lugar. Ele começou a esmurrar as paredes do banheiro, berrando para que o tirassem dali. Jogou-se de um lado para o outro como uma criança tendo um ataque de pirraça, tentando girar o banheiro químico do avesso para poder ao menos liberar a porta, mas aquela porra mal se mexia. Aquela porra era pesada. O revestimento que a envolvia a deixava assim.

Pesado como um caixão!, gritava sua mente. Em seu pânico, qualquer outro pensamento tinha sido banido dela. *Pesado como um caixão! Como um caixão! Um caixão!*

Ele não sabia quanto tempo continuou com aquilo, mas em algum momento tentou se levantar, como se pudesse arrebentar a parede que agora apontava para o céu como o Super-homem. Bateu com a cabeça novamente, dessa vez com muito mais força. Caiu de barriga para baixo. Sua mão foi parar em cima de algo pegajoso — algo que manchava — e ele a limpou na parte de trás do jeans. Fez isso sem olhar. Seus olhos estavam cerrados. Lágrimas escorriam pelos cantos deles. Na escuridão atrás das pálpebras, estrelas aumentavam de tamanho e explodiam. Ele não estava sangrando — imaginava que isso fosse bom, mais uma maldita dádiva para a contagem —, mas quase se nocauteou.

— Acalme-se — disse ele. Ele se ajoelhou novamente. Sua cabeça estava abaixada, seu cabelo pendia para baixo, seus olhos estavam fechados. Ele parecia um homem rezando, e imaginava que fosse mesmo o caso. Uma mosca pousou por um instante na sua nuca e saiu. — Perder a cabeça não vai ajudar, ele adoraria ouvir você gritando e fazendo escândalo, então se acalme, não dê o que ele adoraria ouvir, apenas se acalme e pense sobre esta porra.

O que havia para pensar? Ele estava preso.

Curtis se recostou contra a porta e colocou o rosto entre as mãos.

O tempo passou e o mundo prosseguiu.

O mundo continuou fazendo o de sempre.

Na Rota 17, alguns veículos — em sua maioria de trabalho: caminhões levando produtos agrícolas para os mercados de Sarasota ou para a loja de comida natural em Nokomis, um ou outro trator, a van dos Correios com a luz amarela no teto — passavam. Nenhum deles virou para a Durkin Grove Village.

A sra. Wilson chegou à casa de Curtis, entrou, leu o bilhete que o sr. Johnson tinha deixado em cima da mesa da cozinha e começou a passar o aspirador. Então passou as roupas enquanto assistia às novelas da tarde. Fez uma travessa de macarrão, guardou-a na geladeira e, em seguida, escreveu instruções de preparo simples — *Levar ao forno a 180°, 45 min.* —, deixando-as na mesa onde havia encontrado o bilhete de Curtis. Quando os trovões começaram a murmurar ao longe sobre o golfo do México, ela foi embora mais cedo. Era o que geralmente fazia quando chovia. Ninguém sabia dirigir com aquele tempo ali, eles tratavam qualquer chuvinha como um temporal daqueles que arrasavam Vermont.

Em Miami, o fiscal da Receita designado para o caso Grunwald comia um misto-quente. Em vez de terno, ele usava uma camisa tropical com estampa de papagaios. Estava sentado debaixo de um guarda-sol de um restaurante de calçada. Não chovia em Miami. Ele estava de férias. O caso Grunwald ainda estaria lá quando voltasse ao trabalho; as engrenagens do governo giravam lentamente, mas bem até demais.

Grunwald relaxava em sua banheira quente externa, cochilando, até a tempestade de fim de tarde que se aproximava o acordar com o barulho de trovoadas. Ele se ergueu da banheira e foi para dentro de casa. Enquanto fechava a porta de vidro deslizante entre o quintal e a sala de estar, a chuva começou a cair. Grunwald sorriu.

— Isso vai esfriar sua cabeça, vizinho — disse ele.

Os corvos tinham retomado seus postos nos andaimes que cercavam por três lados o banco inacabado, mas quando um trovão ribombou quase acima das suas cabeças e a chuva começou a cair, eles alçaram voo e buscaram abrigo na floresta, grasnindo seu aborrecimento por terem sido importunados.

No banheiro químico — era como se ele estivesse preso ali dentro por no mínimo três anos —, Curtis ouvia a chuva no telhado da sua prisão. O telhado que tinha sido a lateral até o Filho da Puta virá-lo. A princípio a chuva tamborilou, depois bateu, e depois rugiu. No auge da tempestade, era como estar em uma cabine telefônica cercada de caixas de som. Trovoadas explodiam no céu. Ele teve um vislumbre momentâneo em que era atingido por um raio e cozido como um frango em um forno micro-ondas. Descobriu que a ideia não o

incomodava muito. Seria rápido, pelo menos, e o que estava acontecendo ali era lento.

A água começou a subir novamente, mas não depressa. Curtis na verdade ficou feliz com isso, tendo determinado àquela altura que não corria risco de se afogar como um rato que tivesse caído em uma privada. Pelo menos *era* água, e ele estava morrendo de sede. Ele baixou a cabeça até um dos buracos no revestimento de aço. Água do fosso transbordante borbulhava dele. Ele a bebeu como um cavalo em uma tina, sugando-a. A água era arenosa, mas ele a sorveu até sua barriga ficar cheia, lembrando constantemente a si mesmo que *era* água, *era*.

— Pode ter uma certa quantidade de mijo, mas tenho certeza de que é baixa — disse ele, começando a rir. As risadas se transformaram em soluços, então voltaram a ser risadas.

A chuva parou por volta das seis da tarde, como geralmente acontecia naquela época do ano. O céu desanuviou a tempo de oferecer um pôr do sol impecável da Flórida. Os poucos veranistas de Turtle Island se reuniram na praia para observá-lo, como geralmente o faziam. Ninguém comentou a ausência de Curtis Johnson. Às vezes ele vinha, às vezes não vinha. Tim Grunwald estava lá, e vários dos observadores comentaram que ele parecia excepcionalmente bem-humorado naquele fim de tarde. A sra. Peebles disse ao marido, enquanto voltavam para casa de mãos dadas pela praia, que achava que o sr. Grunwald estava finalmente superando o choque de ter perdido a esposa. O sr. Peebles lhe disse que ela era uma romântica.

— Sou mesmo, querido — disse ela, pousando a cabeça em seu ombro por um instante —, foi por isso que me casei com você.

Quando Curtis viu a luz que atravessava os buracos no revestimento — os poucos que não estavam virados para baixo na direção do fosso — passando de rosada para cinza, ele se deu conta de que iria passar a noite naquele caixão fedorento, com 5 centímetros de água no chão e uma privada com a tampa entreaberta aos seus pés. Ele provavelmente *morreria* ali, mas isso parecia hipotético demais. Passar a *noite* ali, no entanto — horas em cima de horas, pilhas de horas como pilhas de livros negros pesados —, isso era real e inevitável.

O pânico o invadiu novamente. Mais uma vez ele começou a gritar e esmurrar as paredes, dessa vez girando sem parar sobre os joelhos, primeiro batendo com o ombro direito contra uma parede, e depois com o esquerdo contra outra. *Como um pássaro preso em um campanário*, pensou ele, mas não conseguia parar. Um

de seus pés descontrolados esmagou contra a parte debaixo do vaso o cocô que havia escapado da privada. Suas calças se rasgaram. Ele primeiro ralou os nós dos dedos e então abriu cortes neles. Finalmente parou, choramingando e chupando as próprias mãos.

Tenho que parar. Preciso economizar minhas energias.

Então ele pensou: *Para quê?*

Às oito da noite, o ar começou a esfriar. Às dez, a poça em que Curtis estava também já havia esfriado — parecia gelada, na verdade —, e ele começou a tremer. Ele se abraçou e trouxe os joelhos para junto do peito.

Vou ficar bem desde que meus dentes não comecem a bater, pensou ele. *Não suporto ouvir meus dentes batendo.*

Às 11, Grunwald foi para a cama. Ele ficou deitando ali de pijamas debaixo do ventilador de teto, com os olhos erguidos para a escuridão e sorrindo. Não se sentia tão bem havia meses. Ficou satisfeito, porém não surpreso.

— Boa-noite, vizinho — disse ele, e então fechou os olhos. Ele dormiu a noite inteira, sem acordar em nenhum momento, pela primeira vez em seis meses.

À meia-noite, não muito longe da cela improvisada de Curtis, algum animal — provavelmente apenas um cachorro selvagem, mas para Curtis parecia uma hiena — soltou um uivo longo e estridente. Seus dentes começaram a bater. O som era exatamente tão terrível quanto ele havia temido.

Um tempo inimaginável depois, ele dormiu.

Quando acordou, estava tremendo dos pés à cabeça. Até seus pés se debatiam, sapateando como os pés de um viciado em crise de abstinência. *Estou ficando doente, vou ter que ir à porra do médico, estou todo dolorido*, pensou ele. Então ele abriu os olhos, viu onde estava, se *lembrou* de onde estava, e deu um grito alto, desolado:

— Ahhhh... não! NÃO!

Mas era, ah, sim. Pelo menos o banheiro químico já não estava totalmente escuro. A luz entrava pelos buracos circulares: o tênue brilho cor-de-rosa da manhã. Logo ficaria mais forte à medida que o dia clareasse e esquentasse. Em breve ele estaria sendo cozido a vapor outra vez.

Grunwald vai voltar. Ele teve uma noite para pensar no assunto, vai perceber a loucura que fez e vai voltar. Ele vai me deixar sair.

Curtis não acreditava nisso. Queria, mas não acreditava.

Ele precisava desesperadamente fazer xixi, mas de maneira alguma iria mijar no cantinho do banheiro, mesmo com merda e papel higiênico usado por todo canto depois dos pinotes que dera no dia anterior. Tinha a sensação de que, se fizesse isso — uma porqueira dessas —, seria o mesmo que declarar para si mesmo que tinha abandonado as esperanças.

Eu abandonei as esperanças.

Mas não tinha abandonado. Não totalmente. E, por mais cansado e dolorido que estivesse, por mais assustado e abatido, parte dele ainda não tinha abandonado as esperanças. E havia um lado bom: ele não sentia vontade de forçar vômito, e não tinha passado um só minuto da noite passada, por mais eterna que ela tivesse parecido, raspando o couro cabeludo com o pente.

Não havia necessidade de mijar no cantinho, de qualquer forma. Ele poderia simplesmente erguer a tampa do vaso com uma das mãos, mirar com a outra e disparar. É claro que, dada a nova configuração do banheiro-químico, isso significaria mijar na horizontal em vez de num ângulo descendente. O latejar na sua bexiga sugeria que isso não seria problema algum. É claro que o jato final provavelmente iria parar no chão, mas...

— Mas estes são os reveses da guerra — disse ele, e se surpreendeu ao soltar uma risada rouca. — E quanto à tampa do vaso... segurar em pé é o cacete. Posso fazer melhor do que isso.

Ele não era nenhum Hércules, mas tanto o assento entreaberto quanto as roscas que o prendiam ao vaso eram de plástico — a tampa e o assento eram pretos, e as roscas, brancas. Aquela droga de caixa inteira era realmente um negócio pré-fabricado de plástico vagabundo, você não precisava ser nenhum grande empreiteiro para perceber isso, e, ao contrário das paredes e da porta, não havia revestimento no assento e nas peças que o prendiam. Curtis poderia arrancá-lo com bastante facilidade e, se pudesse, ele o faria — nem que fosse apenas para extravasar um pouco da raiva e do terror.

Curtis agarrou o assentou e o ergueu, pretendendo segurar debaixo do aro e puxá-lo para o lado. Em vez disso, se deteve, olhando através do buraco circular para o tanque mais abaixo, tentando compreender o que estava vendo.

Parecia um fiapo de luz do dia.

Ele olhou para aquilo com uma perplexidade na qual a esperança foi se infiltrando lentamente — não exatamente raiando, mas parecendo se erguer através da pele suada e raiada de excrementos. A princípio, pensou que fosse um risco de tinta fluorescente ou uma completa ilusão de ótica. Esta última ideia foi

reforçada quando o fiapo de luz começou a desaparecer. Diminuindo... diminuindo... diminuindo...

Mas então, antes de sumir por completo, ele começou a brilhar novamente, um traço de luz tão forte que ele conseguia vê-lo flutuar atrás das pálpebras quando fechava os olhos.

Isso é luz do sol. O fundo da privada — o que era o fundo antes de Grunwald virar o banheiro — está apontando para o leste, onde o sol acabou de nascer.

E por que tinha se apagado?

— O sol se escondeu atrás de uma nuvem — disse ele, empurrando o cabelo para trás grudado de suor, tirando-o de cima da testa com a mão que não segurava o assento. — Agora saiu de novo.

Ele examinou essa ideia em busca do vírus letal dos desejos infundados e não encontrou nada. A evidência estava diante dos seus olhos: luz do sol brilhando através de uma pequena rachadura no fundo do tanque de coleta do banheiro químico. Ou talvez fosse uma fenda. Se ele conseguisse entrar ali e alargar aquela fenda, aquela abertura reluzente para o mundo externo...

Não conte com isso.

E para chegar até lá ele teria que...

Impossível, pensou ele. *Se você está pensando em se enfiar no tanque de coleta pelo buraco da privada — como Alice em algum tipo de País das Maravilhas coberto de merda —, pode esquecer. Talvez se ainda fosse o garoto magricela que costumava ser, mas há 35 anos que esse garoto já era.*

Isso era verdade. Mas ele ainda era esbelto — imaginava que os passeios diários de bicicleta fossem em grande parte responsáveis por isso — e a questão era: ele achava que *conseguiria* se enfiar pelo buraco debaixo do assento da privada. Talvez nem fosse tão difícil.

E quanto a sair de volta?

Bem... se ele pudesse fazer alguma coisa quanto àquele fiapo de luz, talvez não precisasse sair pelo mesmo caminho que entrou.

— Isso se eu conseguir *entrar* — disse ele. Sentiu um frio repentino na barriga vazia e, pela primeira vez desde que havia chegado ali, naquela Durkin Grove Village cenográfica, teve vontade de forçar vômito. Ele conseguiria pensar com mais clareza naquilo se enfiasse os dedos goela abaixo e...

— Não — falou ele, lacônico, puxando a tampa e o assento da privada para o lado com a mão esquerda. As roscas rangeram, mas não se soltaram. Ele aplicou a outra mão à tarefa. Seu cabelo caiu de volta em cima da testa e ele chicoteou com impaciência a cabeça para jogá-lo de lado. Puxou outra vez. A tampa e o

assento resistiram por mais um instante, então se libertaram. Um dos dois pinos de plástico caiu dentro do tanque de dejetos. O outro, rachado no meio, voou em direção à porta na qual Curtis estava ajoelhado.

Ele atirou a tampa e o assento de lado e olhou dentro do tanque, com as mãos apoiadas no vaso. O primeiro bafo da atmosfera intoxicada lá debaixo o fez recuar com uma careta. Achava que tinha se acostumado ao cheiro (ou ficado insensível a ele), mas não era o caso, pelo menos não tão perto da fonte. Ele se perguntou novamente quando aquela coisa desgraçada tinha sido drenada pela última vez.

Veja o lado bom; faz um tempão que ela não é usada também.

Talvez, *provavelmente*, mas Curtis não sabia bem se isso melhorava a situação. Ainda havia bastante coisa lá embaixo — bastante *merda* lá embaixo, boiando no que restasse da água desinfetada. Por mais fraca que fosse a luz, ela era suficiente para ele ter certeza disso. E ainda havia a questão de sair de volta. Ele provavelmente conseguiria — se podia entrar, quase certamente poderia sair —, mas era fácil demais imaginar como ele ficaria, uma criatura fedorenta nascida do esgoto, não um homem de lama, mas um homem de merda.

A questão era: ele tinha escolha?

Bem, tinha. Poderia ficar sentado ali, tentando se convencer de que alguém *viria* resgatá-lo no fim das contas. A cavalaria, como no final de um filme de bangue-bangue antigo. Porém ele achava mais fácil que o Filho da Puta voltasse, querendo se certificar de que ele ainda estava... como ele tinha dito? Aconchegado na sua casinha. Ou algo assim.

Isso o convenceu. Ele olhou para o buraco no vaso, o buraco negro com seu cheiro diabólico emanando lá de dentro. Uma esperança tão pequena quanto aquela própria luz. Ele calculou. Primeiro o braço direito, depois a cabeça. O braço esquerdo apertado contra o corpo até a cintura passar. Então, depois de libertar o braço esquerdo...

Mas e se não *conseguisse* libertá-lo? Ele se viu entalado — o braço direito dentro do tanque, o esquerdo preso contra o corpo, seu tórax bloqueando o buraco, bloqueado o *ar* —, sofrendo uma morte de cão, agitando o braço livre diante do esgoto abaixo enquanto sufocava, sua última visão o risco brilhante, zombeteiro, que o havia atraído lá para dentro.

Visualizou alguém encontrando seu corpo enfiado pela metade no buraco do vaso, com a bunda apontada para cima e as pernas arreganhadas, marcas de pegadas marrons dos seus últimos chutes espalhadas pelo maldito cubículo. Conseguia ouvir uma pessoa — talvez o fiscal da Receita que era o inimigo

jurado do Filho da Puta — dizendo: “Puta merda, ele deve ter deixado cair algo muito valioso lá embaixo.”

Era engraçado, mas Curtis não sentia vontade de rir.

Há quanto tempo ele estava sentado ali, olhando para dentro do tanque? Não saberia dizer — seu relógio tinha ficado no escritório, ao lado do *mousepad* —, mas a dor em suas coxas sugeria que era bastante. E a luz tinha ficado consideravelmente mais forte. O sol já devia estar todo acima do horizonte àquela altura, e logo sua prisão se tornaria outra vez uma sauna a vapor.

— Preciso sair daqui — disse ele, limpando o suor das bochechas com as palmas das mãos. — É o único jeito. — Mas então se deteve novamente, pois outra ideia lhe veio à cabeça.

E se tivesse uma cobra ali dentro?

E se o Filho da Puta, imaginando que seu inimigo feiticeiro poderia tentar exatamente isso, tivesse *colocado* uma cobra ali dentro? Uma cabeça de cobre, talvez, por enquanto adormecida sob uma camada de bosta humana fria. Uma picada de cabeça de cobre no braço e ele morreria lenta e dolorosamente, o braço inchando ao passo que a sua temperatura aumentava. Uma picada de cobra-coral o mataria mais depressa, mas de forma mais dolorosa ainda: seu coração disparando, parando de bater, disparando novamente e por fim desistindo.

Não tem cobra nenhuma ali dentro. Insetos, talvez, mas não cobras. Você viu Grunwald, você o escutou falar. Ele não estava pensando tão longe assim. Estava doente demais para isso, louco demais.

Talvez, talvez não. Pessoas loucas são imprevisíveis, não é mesmo? Elas são como coringas em um jogo de cartas.

— Duques e valetes, rei de ouros, dupla de setes leva tudo — disse Curtis. O Tao do Filho da Puta. A única coisa de que não tinha dúvida era que, se não tentasse aquilo lá embaixo, quase certamente morreria ali. E, no fim das contas, uma mordida de cobra talvez fosse um jeito mais rápido e misericordioso.

— Preciso — disse ele, limpando novamente as bochechas. — *Preciso*.

Desde que não acabasse preso metade dentro, metade fora do buraco. Essa sim seria uma maneira terrível de morrer.

— Não vou ficar preso — disse ele. — Olha como é grande. Esse negócio foi construído para bundas de caminhoneiros viciados em *donuts*.

Isso o fez soltar uma risadinha. O som continha mais histeria do que bom humor. O buraco da privada não parecia grande o suficiente para ele; parecia pequeno. Quase minúsculo. Ele sabia que era apenas efeito da sua percepção

ansiosa — ora, ansiosa era pouco: da sua percepção *apavorada*, da sua percepção *morta de medo* —, mas saber disso não ajudava muito.

— Preciso fazer isso — disse ele. — Não tem mesmo outro jeito.

E, no fim das contas, provavelmente *seria* em vão... mas ele duvidava que alguém tivesse se dado o trabalho de acrescentar uma camada externa de aço ao tanque de coleta, e isso o convenceu.

— Deus me ajude — disse ele. Era sua primeira oração em quase quarenta anos. — Deus, me ajude a não ficar entalado.

Ele enfiou o braço direito pelo buraco e depois a cabeça (primeiro respirando fundo uma última vez o ar mais aceitável do cubículo). Apertou o braço esquerdo contra o lado do corpo e deslizou para dentro da abertura. Seu ombro esquerdo ficou preso, mas antes que pudesse entrar em pânico e recuar — aquele era, compreendeu parte dele, o momento crítico, o ponto depois do qual não teria mais volta — ele se contorceu como um homem dançando o *watusi*. Seu ombro atravessou a borda com um estalo. Ele envergou o corpo, entrando no tanque fedorento até a cintura. Com os quadris — magros, porém não inexistentes — tapando o buraco, estava um verdadeiro breu lá dentro. O fio de luz parecia flutuar, zombeteiro, diante dos seus olhos. Como uma miragem.

Ah, meu Deus, por favor, não permita que seja só uma miragem.

O tanque devia ter 1,20 metro de profundidade, talvez um pouquinho mais. Maior do que o porta-malas de um carro, mas — infelizmente — menor do que a carroceria de uma picape. Não tinha como saber ao certo, mas parecia que seu cabelo estava tocando a água desinfetada, e que o topo da sua cabeça devia estar a centímetros do esgoto que cobria o fundo. Seu braço esquerdo ainda estava colado ao corpo. Preso na altura do punho agora. Não conseguia soltá-lo. Ele se contorceu de um lado para outro. O braço continuou no mesmo lugar. Seu pior pesadelo: entalado. Entalado afinal de contas. Entalado com a cabeça na direção da escuridão fétida.

O pânico irrompeu. Ele estendeu a mão livre para frente, sem pensar no que estava fazendo, apenas agindo. Por um instante, conseguiu ver seus dedos contornados pela luz tênue que vinha do fundo do tanque, que agora estava apontado para o sol nascente em vez de para o chão. A luz estava bem ali, bem na sua frente. Ele tentou agarrá-la. Os três primeiros dedos da mão agitada eram grandes demais para caberem na fresta estreita, mas ele conseguiu enfiar seu mindinho na rachadura. Ele a puxou, sentindo a beirada dentada — de metal ou plástico, não dava para saber — primeiro se enterrar na pele do dedo e depois rasgá-lo. Curtis não deu importância. Ele puxou com mais força.

Seus quadris atravessaram o buraco com um estalo, como uma rolha saindo de uma garrafa. Seu pulso se libertou, porém tarde demais para ele erguer o braço esquerdo para ajudar a amortecer a queda. Ele caiu de cara na merda.

Curtis emergiu engasgando e se debatendo, seu nariz entupido pelo fedor molhado. Ele tossiu e cuspiu, percebendo que agora sim estava passando um aperto de verdade. Ele tinha achado que o banheiro era apertado? Ridículo. O banheiro era um campo a céu aberto. O banheiro era o oeste dos Estados Unidos, o sertão australiano, a Nebulosa Cabeça de Cavalo. E ele o havia abandonado para se esgueirar para dentro de um útero escuro cheio até a metade de merda em decomposição.

Ele limpou o rosto, então atirou as mãos uma para cada lado. Tiras de coisa preta saíram voando das pontas de seus dedos. Seus olhos estavam ardidos, embaçados. Ele os limpou primeiro com um braço, depois com o outro. Seu nariz estava entupido. Enfiou os mindinhos nele — conseguiu sentir sangue escorrendo pelo direito —, limpando as narinas da melhor forma possível. Conseguiu limpá-las o suficiente para poder voltar a respirar, mas, quando fez isso, o fedor do tanque pareceu saltar pela sua garganta abaixo e enterrar garras no seu estômago. Ele teve ânsia de vômito, um rosnado grave saindo da sua boca.

Controle-se. Simplesmente controle-se, ou vai ser tudo em vão.

Ele se recostou contra a lateral encrostada do tanque, puxando longas golfadas de ar pela boca, mas isso era quase tão ruim quanto. Logo acima dele, havia uma pérola grande de luz oval. O buraco de privada pelo qual ele, em sua loucura, se espremera. Ele teve mais ânsia de vômito. Aos seus próprios ouvidos, soava como um cachorro mal-humorado em um dia quente, tentando latir enquanto era quase estrangulado por uma coleira apertada demais.

E se eu não conseguir parar? E se não conseguir parar com isso? Vou entrar em convulsão.

Ele estava assustado e sufocado demais para pensar, então seu corpo pensou por ele. Ele se ajoelhou, o que foi difícil — a parede lateral do tanque de coleta, que agora era o chão, era escorregadia —, mas possível. Então colou a boca à fresta no chão do tanque e respirou através dela. Enquanto fazia isso, a lembrança de uma história que havia ouvido ou lido na escola lhe voltou à mente: índios se deitando no fundo de uma lagoa rasa para se esconderem de seus inimigos. Deitados ali e respirando atrás de caniços ocos. Dava pra fazer isso. Dava pra fazer isso se você mantivesse a calma.

Ele fechou os olhos. Respirou, e o ar que vinha da fresta era abençoadamente doce. Pouco a pouco, as batidas do coração agitado começaram a desacelerar.

Você pode subir de volta. Se conseguiu entrar, consegue sair. E subir de volta vai ser mais fácil, porque agora você está...

— Agora eu estou lubrificado — disse ele, e conseguiu dar uma risada trêmula... embora o som surdo, contido, da sua própria voz o tenha deixado todo assustado novamente.

Quando sentiu ter recuperado um pouco do controle, ele abriu os olhos. Eles tinham se ajustado à penumbra mais escura do tanque. Conseguia ver seus braços cobertos de bosta e um pedaço de papel manchado pendendo da mão direita. Ele o fisgou, atirando-o no chão. Imaginava que estivesse se acostumando a esse tipo de coisa. Imaginava que uma pessoa podia se acostumar a tudo, se fosse preciso. Esse, no entanto não era um pensamento muito reconfortante.

Então olhou para a fresta. Ficou analisando-a um bom tempo, tentando compreender o que estava vendo. Era como um rasgo ao longo da emenda de uma roupa mal costurada. Porque *havia* uma emenda ali. O tanque era de plástico, afinal — um casulo de plástico —, mas não era feito de uma peça só, e sim de duas. Elas eram unidas por uma fileira de parafusos que brilhavam na escuridão. Eles brilhavam porque eram brancos. Curtis tentou lembrar se já havia visto parafusos brancos antes. Não conseguiu. Vários deles no ponto mais baixo do tanque tinham se quebrado, criando aquela fresta. Dejetos e esgoto deviam estar gotejando no solo debaixo do banheiro havia um bom tempo.

Se a Agência de Proteção ao Meio Ambiente soubesse disso. Filho da Puta, eles estariam nas suas costas, também, pensou Curtis. Ele tocou um dos parafusos que ainda estavam presos, logo à esquerda de onde a fresta terminava. Não podia ter certeza, mas achou que ele era de plástico duro em vez de metal. O mesmo tipo de plástico de que as roscas do assento da privada eram feitas, provavelmente.

Então era isso. Uma estrutura de duas peças. Os tanques montados em alguma fábrica de banheiros químicos em Defiance, Missouri, ou em Magic City, Idaho, ou — quem sabe? — em What Cheer, Iowa. As duas partes afixadas com parafusos de plástico duro, a emenda correndo ao longo do fundo e pelas laterais acima como um grande sorriso. Os parafusos apertados com alguma chave de fenda especial de cano longo, que provavelmente funcionava a ar comprimido, como aquela ferramenta que eles usam nas oficinas para afrouxar as porcas que seguram os pneus do carro. E por que deixar as cabeças dos parafusos do lado de

dentro? Essa era fácil. Para que nenhum espírito de porco engraçadinho viesse com a sua própria chave de fenda e abrisse um tanque cheio por fora, é claro.

Os parafusos estavam colocados a cerca de 5 centímetros uns dos outros ao longo da emenda, o que fez Curtis deduzir que três deles tinham se quebrado. Material ruim ou projeto ruim? Ora, estou cagando pra isso.

— Perdoem o trocadilho — disse ele, e riu novamente.

Os parafusos ainda presos à esquerda e à direita da fresta estavam um pouco levantados, mas ele não conseguiu desparafusá-los ou arrancá-los como havia feito com o assento da privada. Não conseguia apoio o suficiente. O da direita estava um pouco solto, e Curtis imaginava que, se trabalhasse nele, talvez conseguisse fazê-lo começar a girar e depois desenroscá-lo até o fim. Levaria horas, e seus dedos provavelmente estariam sangrando quando ele conseguisse terminar, mas provavelmente dava para fazer. E o que ele ganharia? Mais 5 centímetros de espaço para respirar ao longo da emenda. Não mais que isso.

Os parafusos depois dos que beiravam a fresta na emenda estavam firmes e fortes.

Curtis já não podia mais continuar ajoelhado; os músculos das suas coxas estavam em chamas. Ele se sentou contra a lateral curvada do tanque, os antebraços em cima dos joelhos, as mãos imundas pendendo para baixo. Olhou para o buraco oval e cada vez mais brilhante da privada. Aquele era o mundo superior, supunha Curtis, só que a fatia dele que lhe competia tinha ficado muito pequena. Cheirava melhor, pensou ele, e quando sentisse suas pernas um pouco mais fortes, imaginava que fosse subir de volta através daquele buraco. Ele não iria ficar ali dentro, sentado na merda, se não havia nada a ganhar com isso. E não parecia haver.

Uma barata enorme, encorajada pela imobilidade de Curtis, subiu correndo pela perna suja da sua calça. Ele lhe deu um tapa e ela desapareceu.

— É isso aí — disse ele —, fuja. Por que você não se espreme por aquela fresta e vai embora? Você deve caber. — Ele afastou o cabelo de cima dos olhos, ciente de que estava manchando a testa, mas não se importou. — Até parece, você gosta daqui. Deve achar que morreu e foi para o paraíso das baratas.

Ele descansaria, deixaria suas pernas latejantes se acalmarem um pouco, e então sairia do País das Maravilhas de volta para o seu pedaço do mundo superior do tamanho de uma cabine telefônica. Apenas um breve descanso; ele não iria ficar lá embaixo mais do que o necessário, disso não tinha dúvidas.

Curtis fechou os olhos e tentou se acalmar.

Ele viu números rolando pela tela de um computador acima. A Bolsa ainda não estaria aberta em Nova York, então aqueles números deviam ser do exterior. Provavelmente do Nikkei. A maioria deles era verde. Isso era bom.

— Metais preciosos e indústrias — disse ele. — E Takeda Produtos Farmacêuticos; essa é para comprar. Tá na cara...

Enroscado contra a parede numa posição quase fetal, com o rosto abatido raiado de pintura marrom de guerra, a bunda afundada quase até os quadris na imundície e as mãos cobertas de sujeira ainda pendendo para baixo dos seus joelhos recolhidos, Curtis adormeceu. E sonhou.

Betsy estava viva e Curtis estava em sua sala de estar. Ela estava deitada ao seu lado no lugar de sempre entre a mesinha de centro e a tevê, cochilando com a mais nova bola de tênis semimastigada ao alcance da mão. Ou pata, no caso de Betsy.

— Bets! — disse ele. — Acorda e pega o pauzinho idiota!

Ela se levantou com esforço — é claro que precisou se esforçar, já era velha — e, ao fazê-lo, as plaquetas de identificação na coleira retiniram.

As plaquetas retiniram.

As plaquetas.

Ele acordou ofegante, pendendo para a esquerda ao se apoiar no fundo lamacento do tanque de coleta, com uma das mãos estendida, tentando ou apanhar o controle de tevê, ou tocar a cadela morta.

Ele baixou a mão até o joelho. Não ficou surpreso ao descobrir que estava chorando. Provavelmente tinha começado antes mesmo do início do sonho. Betsy estava morta e ele estava sentado na merda. Se isso não era motivo o suficiente para chorar, ele não sabia o que era.

Ele olhou outra vez para a luz oval diante e um pouco acima dele e viu que ela estava bem mais brilhante. Era difícil acreditar que ele tivesse dormido por qualquer tempo que fosse, mas parecia ser o caso. Uma hora, no mínimo. Só Deus sabia o quanto de veneno ele estava respirando, mas...

— Sem problema, eu posso lidar com ar contaminado — disse ele. — Afinal de contas, sou uma bruxa.

E, com ou sem ar ruim, o sonho tinha sido muito bonito. Muito *real*. O retinir daquelas plaquetas...

— Puta merda — sussurrou ele, e sua mão voou até o seu bolso. Ele teve uma certeza terrível de que havia perdido a chave da Vespa em sua queda e teria que

tatear à sua busca lá embaixo, vasculhando a bosta sem nada para ajudá-lo além da luz tênue que vinha da emenda rachada e do buraco da privada, mas a chave ainda estava no lugar. Assim como o dinheiro, mas dinheiro não lhe serviria de nada ali, e o prendedor tampouco. Ele era de ouro, e precioso, mas grosso demais para servir de ajuda. O mesmo valia para a chave da Vespa. Mas havia algo mais no chaveiro. Uma coisa que o fazia se sentir ao mesmo tempo bem e mal sempre que olhava para ela, ou escutava seu retinir. Era a plaqueta de identificação de Betsy.

Ela usava duas, mas foi essa que ele tirou da coleira antes de lhe dar um último abraço de despedida e entregar seu corpo ao veterinário. A outra, uma exigência do estado, certificava que ela havia tomado todas as vacinas. A que estava no seu bolso era mais pessoal. Ela era retangular, como a plaqueta de identificação de um soldado. Gravada nela, havia

BETSY
SE ESTIVER PERDIDA, LIGUE 941-555-1954
CURTIS JOHNSON
19 GULF BOULEVARD
TURTLE ISLAND, FLA. 34274

Não era uma chave de fenda, mas era fina, feita de aço inox, e Curtis achava que poderia servir. Ele rezou outra vez — não sabia se o que diziam sobre ninguém ser ateu em uma trincheira era verdade, mas parecia que ninguém o era em um tanque de merda — e então enfiou a ponta da plaqueta de identificação de Betsy na fenda do parafuso bem à direita de onde a rachadura terminava. O parafuso que já estava um pouco frouxo de qualquer maneira.

Curtis esperava encontrar resistência, mas, sob a ponta da plaqueta, o parafuso girou quase na mesma hora. Ele ficou tão surpreso que deixou cair o chaveiro e teve que tatear à sua volta para achá-lo. Então encaixou a beira da plaqueta na cabeça do parafuso novamente, girando-o duas vezes. O restante ele conseguiu afrouxar com a mão. Fez isso com um sorriso enorme, incrédulo, no rosto.

Antes de passar para o parafuso na extremidade esquerda da fresta — uma fresta que agora estava 5 centímetros maior —, ele limpou a plaqueta de metal com a camisa (o máximo que pôde, pois sua camisa estava tão imunda quanto o resto dele, grudando à sua pele) e a beijou com carinho.

— Se isto der certo, vou emoldurar você. — Depois de hesitar, ele acrescentou: — *Por favor*, faça dar certo, ok?

Ele enfiou a ponta da plaqueta de identificação na cabeça do parafuso e girou. Este estava mais apertado do que o primeiro... mas nem *tão* apertado assim. E,

assim que começou a girar, ele se soltou depressa.

— Meu Deus — sussurrou Curtis. Ele estava chorando outra vez; tinha se transformado numa torneira com vazamento. — Eu vou sair daqui, Bets? Vou mesmo sair daqui?

Ele voltou para a direita e começou a trabalhar no parafuso seguinte. E assim prosseguiu, direita-esquerda, direita-esquerda, direita-esquerda, parando quando sua mão se cansava, flexionando-a e balançando-a até ela voltar a parecer relaxada. Tinha passado 24 horas ali; não iria se apressar agora. O que menos queria era deixar cair o chaveiro novamente. Achava que poderia encontrá-lo de volta, afinal o espaço era pequeno, mas, ainda assim, não queria se arriscar.

Direita-esquerda, direita-esquerda, direita-esquerda.

E, lentamente, enquanto a manhã passava e o tanque de coleta ficava mais quente, tornando o cheiro mais espesso e mais asquerosamente forte, a fresta na parte de baixo dele foi ficando maior. Ele estava conseguindo, chegando mais perto de sair, mas se recusou a correr. Era importante não se apressar, não disparar como um cavalo assustado. Porque ele poderia botar tudo a perder, sim, mas também porque seu orgulho e sua autoestima — a própria ideia que fazia de si mesmo — tinham levado uma surra.

E, mesmo descontando as questões de autoestima, é devagar e sempre que se ganha a corrida.

Direita-esquerda, direita-esquerda, direita-esquerda.

Pouco antes do meio-dia, a emenda no fundo sujo de terra do banheiro químico se projetou para fora e então se fechou — logo em seguida, se projetou para fora e se fechou novamente. Depois de uma pausa, ela se abriu ao longo de 1,20 metro da sua extensão total, e o topo da cabeça de Curtis Johnson surgiu. A cabeça recuou, e então houve mais estalos e rangidos enquanto ele voltava ao trabalho, retirando mais parafusos: três à esquerda, três à direita.

Da vez seguinte em que a emenda se escancarou, o topo da cabeça desgrenhada, raiada de marrom, continuou a se impulsionar para frente. Ela atravessou lentamente o buraco, as bochechas e a boca repuxadas para baixo, com se estivessem submetidas a uma força G terrível, uma de suas orelhas arranhada e sangrando. Ele gritou, empurrando com os pés, morrendo de medo que dessa vez *fosse* ficar preso metade dentro, metade fora do tanque de coleta. Ainda assim, mesmo aterrorizado, ele registrou a doçura do ar: quente e úmido, o melhor que já havia respirado na vida.

Quando já havia saído até os ombros, ele parou para descansar, ofegante, olhando para uma lata de cerveja amassada cintilando a menos de 3 metros da sua cabeça suada e suja de sangue. Parecia um milagre. Então ele voltou a fazer força, a cabeça erguida, a boca rosnando, os tendões do pescoço protuberantes. Ouviu-se um barulho de rasgão à medida que a fenda aberta do tanque arrancava a camisa de cima das suas costas. Ele mal notou isso. Bem à sua frente, havia um pinheirinho de no máximo 1,20 metro de altura. Ele se esticou, colocando uma das mãos, e depois a outra, em volta da base do tronco fino e viçoso. Descansou por mais um instante, notando que suas escápulas estavam sangrando, então puxou a árvore e deu um último empurrão com os pés.

Ele achou que iria arrancar o pinheirinho da terra pela raiz, mas não arrancou. Sentiu uma dor lancinante nas nádegas quando a emenda pela qual estava passando rasgou sua calça, fazendo-a se embolar em volta dos tênis. Para conseguir sair por completo, ele teve que ficar puxando e se contorcendo até os tênis finalmente se desprenderem. E, quando, depois de um bom tempo, o tanque largou seu pé esquerdo, ele achou quase impossível acreditar que estivesse de fato livre.

Ele rolou de barriga para cima, nu exceto pela cueca (que estava torta, o elástico frouxo, o fundo rasgado e revelando nádegas que sangravam feio) e por uma das meias. Fitou o céu azul, os olhos arregalados. E começou a gritar. Ele já havia gritado quase até ficar rouco quando percebeu que o que estava gritando eram palavras: *Estou vivo! Estou vivo! Estou vivo! Estou vivo!*

Vinte minutos depois, ele se levantou e foi mancando até o cadáver do trailer de construção parado sobre os blocos de concreto, uma poça grande da pancada de chuva do dia anterior escondida debaixo da sua sombra. A porta estava trancada, mas havia mais blocos em um dos lados dos degraus grosseiros de madeira. Um deles estava quebrado em dois. Curtis apanhou o pedaço menor e bateu com ele contra a fechadura até a porta abrir, liberando uma lufada de ar quente, viciado.

Ele se virou antes de entrar e, por um instante, examinou os banheiros do outro lado da rua, onde poças refletiam o céu azul brilhante como cacos de um espelho sujo. Cinco banheiros químicos, três de pé, dois caídos com a porta para baixo no fosso. Ele quase tinha morrido no da esquerda. E, embora estivesse parado ali vestindo apenas uma cueca esfarrapada e uma meia, raiado de merda e sangrando no que parecia ser uma centena de lugares, a ideia parecia quase irreal. Um pesadelo.

O escritório estava parcialmente vazio — ou tinha sido parcialmente saqueado, provavelmente apenas um ou dois dias antes do encerramento definitivo do projeto. Não havia divisórias, era uma sala longa com uma mesa, duas cadeiras e um sofá de liquidação na metade da frente. Na metade dos fundos, havia uma pilha de caixas de papelão cheias de papel, uma calculadora empoeirada caída no chão, uma geladeira pequena fora da tomada, um rádio e uma cadeira giratória com um bilhete colado atrás. RESERVADA PARA JIMMY, dizia ele.

Havia também um closet com a porta entreaberta, mas, antes de conferi-lo, Curtis abriu a geladeira. Dentro dela, havia quatro garrafas de água mineral Zephyr, uma delas aberta e quase vazia. Curtis pegou uma das cheias e a bebeu inteira. Estava morna, mas parecia o tipo de água que poderia correr pelos rios do paraíso. Quando acabou, seu estômago se contraiu. Ele correu para a porta, se inclinou para fora apoiado no batente e vomitou a água de volta na lateral dos degraus.

— Olha, mãe, nem precisei enfiar a mão na goela! — exclamou ele, com lágrimas descendo pelo rosto imundo. Ele imaginava que poderia ter vomitado a água no próprio chão do trailer abandonado, mas não queria estar no mesmo lugar que sua sujeira. Não depois do que tinha acontecido.

Na verdade, pretendo nunca mais cagar outra vez, pensou ele. *De agora em diante, vou esvaziar os intestinos do jeito religioso: evacuação imaculada*.

Ele bebeu a segunda garrafa mais lentamente e, dessa vez, a água ficou na sua barriga. Enquanto bebericava, olhou dentro do closet. Havia duas calças sujas e algumas camisas igualmente sujas empilhadas em um canto. Curtis suspeitou que, em algum momento, talvez tivesse havido uma máquina de lavar/secar roupa lá nos fundos, onde as caixas estavam empilhadas. Ou talvez houvesse outro trailer, um que tivesse sido guinchado e levado embora. Não importava. O que importava para ele era os dois macacões de liquidação, um pendurado em um cabide de arame, o outro pendendo de um gancho na parede. O do gancho parecia grande demais, mas o do cabide talvez servisse. E serviu, mais ou menos. Ele teve que dobrar duas vezes as bainhas e imaginava que estivesse parecendo um roceiro depois de dar lavagem aos porcos do que um investidor de sucesso, mas daria para o gasto.

Ele poderia ligar para a polícia, mas achava que tinha direito a mais satisfação do que isso depois do que havia passado. Muito mais.

— Bruxas não ligam para a polícia — disse ele. — Muito menos bruxas gays como eu.

Sua lambreta ainda estava lá fora, mas Curtis não pretendia voltar com ela ainda. Para começar, muita gente notaria o homem de lama montado na Vespa Granturismo vermelha. Não achava que ninguém fosse chamar a polícia... mas as pessoas ririam. Curtis não queria ser notado, e não queria que rissem dele. Nem mesmo pelas suas costas.

Além do mais, estava cansado. Nunca se sentira tão cansado na vida.

Ele se deitou no sofá vagabundo e colocou uma das almofadas atrás da cabeça. Havia deixado a porta do trailer aberta, e uma brisa suave entrava por ela, acariciando sua pela suja com dedos deliciosos. Ele estava apenas de macacão àquela altura. Havia tirado a cueca imunda e a meia antes de vesti-lo.

Não sinto nem um pouco meu cheiro, pensou ele. *Não é impressionante?*

Então ele adormeceu, profunda e completamente. Sonhou com Betsy trazendo-lhe o pauzinho idiota, as plaquetas em sua coleira tilintando. Ele apanhou o controle da sua boca e, quando o apontou para a tevê, viu o Filho da Puta olhando pela janela.

Curtis acordou quatro horas depois, suado, dolorido e ardendo dos pés à cabeça. Lá fora, trovoadas ribombavam à medida que a tempestade daquela tarde se aproximava, pontual. Ele desceu de lado os degraus improvisados do trailer, como um homem que sofresse de artrite. Então se sentou, olhando alternadamente para o céu que escurecia e para o banheiro químico do qual havia escapado.

Quando a chuva começou, ele se despiu do macacão, jogando-o de volta para dentro do trailer e ficando parado ali, no meio do temporal, seu rosto voltado para cima, sorrindo. O sorriso não se abalou nem mesmo quando um relâmpago desceu ramificado pelo lado oposto da Durkin Grove Village, perto o suficiente para encher o ar de um cheiro forte de ozônio. Ele se sentia perfeita e deliciosamente seguro.

A chuva fria o deixou relativamente limpo e, quando ela começou a parar, ele subiu devagar os degraus de volta ao trailer. Uma vez seco, vestiu novamente o macacão. E, quando o sol de fim do dia começou a surgir através das nuvens que se dissipavam, ele subiu a passos lentos a colina até onde a Vespa estava parada. Segurava firme a chave na mão direita, a plaqueta de identificação agora judiada de Betsy apertada entre os dois primeiros dedos.

A Vespa não estava acostumada a ficar tanto tempo na chuva, mas era uma boa menina e seu motor pegou depois de apenas duas voltas na ignição,

assumindo seu ronronado jovial de sempre. Curtis subiu nela, descalço e sem capacete, um espírito displicente. Voltou para Turtle Island dessa forma, com o vento soprando seu cabelo imundo e inflando o macacão para trás em volta das suas pernas. Ele viu poucos carros, e cruzou a estrada principal sem problema algum.

Achava que poderia tomar algumas aspirinas antes de enfrentar Grunwald, mas, fora isso, nunca se sentira melhor na vida.

Às sete horas daquela noite, a pancada de chuva da tarde já se havia tornado uma mera lembrança. Os observadores do pôr do sol de Turtle Island se reuniriam na praia dali a mais ou menos uma hora para o show habitual de fim do dia, e esperava-se que Grunwald estivesse entre eles. Por ora, no entanto, ele estava deitado em sua banheira quente externa com os olhos fechados, um gim-tônica fraco ao alcance da mão. Havia tomando um Percocet antes de entrar na banheira, sabendo que ele ajudaria quando chegasse a hora da curta caminhada até a praia, mas a sensação de contentamento quase onírico persistia. Ele mal precisava dos analgésicos. Isso poderia mudar, mas, por enquanto, não se sentia tão bem havia anos. Sim, ele estava diante de um colapso financeiro, mas tinha bastante dinheiro guardado para mantê-lo confortável pelo tempo que lhe restava. E mais importante: livrar-se da bicha que tinha sido a causa da sua desgraça. Ding-dong, a bruxa malvada estava m...

— Olá, Grunwald. Olá, seu filho da puta.

Os olhos de Grunwald se arregalaram de repente. Um vulto estava parado entre ele e o sol que descia rumo ao oeste, parecendo recortado em papel preto. Ou em crepe negro, desses que se usam em sinal de luto. Parecia Johnson, mas certamente não podia ser ele. Johnson era um rato de banheiro que estava morrendo ou já estava morto. Além do mais, um sujeitinho cheio de fru-fru para se vestir como Johnson não colocaria nem morto uma roupa de caipira que o deixasse como o figurante de algum velho programa de tevê. Era um sonho, tinha que ser. Mas...

— Está acordado? Ótimo. Quero que você esteja acordado para isto.

— Johnson? — Apenas um sussurro. Foi tudo o que ele conseguiu produzir. — Não é você de verdade, é? — Mas então o vulto se moveu um pouco, apenas o bastante para deixar o sol de fim do dia incidir sobre o seu rosto arranhado, e Grunwald viu que era. E o que era aquilo em sua mão?

Curtis viu para onde o Filho da Puta estava olhando e girou deliberadamente um pouco mais o objeto, para o sol incidir sobre ele também. Era um secador de cabelo, percebeu Grunwald. Era um secador de cabelo e ele estava sentado até o peito em uma banheira quente.

Ele agarrou o lado da banheira, na intenção de se erguer dali, e Johnson pisou na sua mão. Grunwald deu um grito e a puxou de volta. O pé de Johnson estava descalço, mas ele havia pisado com o calcanhar — e forte.

— Gosto de ver você bem onde está — disse Curtis, sorrindo. — Tenho certeza de que você se sentiu da mesma forma a meu respeito, mas eu saí, não foi? E até trouxe um presente para você. Passei na minha casa para pegá-lo. Não recuse só por isso; foi muito pouco usado, e eu soprei toda a poeira de veado que havia nele no caminho para cá. Vim pelo quintal dos fundos, na verdade. Muito conveniente que aquela cerca de gado idiota que você usou para matar minha cadela esteja desligada. Toma. — E ele largou o secador na banheira quente.

Grunwald gritou e tentou apanhá-lo, mas não conseguiu. O secador de cabelo caiu na água e então afundou. Um dos jatos d'água o fez girar e girar no fundo. Ele bateu contra as pernas esqueléticas de Grunwald e ele a afastou, ainda gritando, seguro de que estava sendo eletrocutado.

— Calma — falou Johnson. Ele ainda estava sorrindo. Soltou primeiro uma alça do macacão que estava usando, depois a outra. Ele caiu até seus tornozelos. Estava nu por baixo dele, ainda com listras apagadas de sujeira do tanque de coleta na parte de dentro dos braços e coxas. Havia uma bolota marrom nojenta de algo em seu umbigo. — Não estava ligado na tomada. Nem sei se esse velho truque do secador de cabelo na banheira funciona. Embora deva admitir que, se tivesse uma extensão, bem que eu teria experimentado.

— Saia de perto de mim — gritou Grunwald com irritação.

— Ah, não — disse Johnson. — Acho que não. — Sorrindo, sempre sorrindo. Grunwald se perguntou se o homem tinha enlouquecido. *Ele* teria enlouquecido numa situação como a que havia deixado Johnson. Como ele tinha saído? Pelo amor de Deus, *como*?

— A pancada de chuva desta tarde lavou boa parte da merda, mas ainda estou bem sujo. Como você pode ver. — Johnson notou a bolota nojenta em seu umbigo e a arrancou dali com o dedo, atirando-a despreocupadamente dentro da banheira como uma meleca.

Ela foi parar na bochecha de Grunwald. Marrom e fedorenta. Começando a escorrer. Deus do céu, era bosta. Ele gritou novamente, dessa vez de nojo.

— Ele chuta e é gol — disse Johnson, sorrindo. — Desagradável, não é mesmo? E, embora eu não consiga mais sentir o *cheiro*, estou bastante cansado de olhar para essa sujeira. Então, seja um bom vizinho e compartilhe a sua banheira quente.

— Não! Não, você não pode...

— Obrigado! — falou Johnson, sorrindo, e pulou dentro da banheira. Água se espalhou para todo lado. Grunwald conseguia sentir seu cheiro. Ele *fedia*. Grunwald patinhou para o lado oposto da banheira, seus bracinhos mirrados lampejando brancos acima do nível da água borbulhante, o bronzeado em suas pernas igualmente magricelas parecendo meias de náilon cinza-amarronzado. Ele atirou um braço por sobre a beirada da banheira. Então Johnson o agarrou pelo pescoço com um braço muito arranhado, mas de uma força terrível, e o puxou de volta para a água.

— Não não não não *não*! — falou Johnson, sorrindo. Então puxou Grunwald para junto dele. Partículas marrom-escuras dançavam na superfície da água borbulhante. — Nós gays raramente tomamos banho sozinhos. Certamente você se deparou com esse fato em suas pesquisas na internet. E *bruxas* gays? Nunca!

— Me solte!

— Talvez. — Mas Johnson o abraçou com mais força, de um jeito terrivelmente íntimo, ainda fedendo ao banheiro químico. — Primeiro, você precisa fazer uma visitinha à cadeira de tortura por afogamento do veadinho. É uma espécie de batismo. Para lavar seus pecados. — O sorriso se tornou um arreganhar de dentes, o arreganhar de dentes um rasgo em sua boca. Grunwald percebeu que iria morrer. Não na sua cama, em algum futuro nebuloso e dopado, mas a última visão que teria seriam aquelas partículas de excremento flutuando na água antes limpa.

Curtis agarrou os ombros nus e raquíticos de Grunwald e o empurrou para baixo. Grunwald resistiu, as pernas chutando, o cabelo ralo flutuando na água, pequenas bolhas prateadas subindo em espiral do narigão aquilino e velho. A vontade de simplesmente segurá-lo lá embaixo foi forte... e Curtis poderia fazê-lo porque *ele* era forte. Tempos atrás, Grunwald teria podido derrotá-lo com uma das mãos amarrada nas costas, independentemente da diferença de idade, mas essa época tinha passado. Aquele era um Filho da Puta doente. E foi por isso que Curtis o soltou.

Grunwald veio à tona, tossindo e engasgando.

— Você tem razão! — exclamou Curtis. — Esta belezinha é boa *mesmo* para as dores! Mas chega de falar de *mim*; e quanto a *você*? Quer descer de novo?

Submersão faz bem para a alma, é o que dizem todas as melhores religiões.

Grunwald balançou a cabeça furiosamente. Gotas d'água saíram voando do cabelo ralo e das sobrancelhas mais cerradas.

— Então apenas fique sentado aí — disse Curtis. — Sente-se aí e escute. E acho que a gente não precisa disso, precisa? — Ele esticou a mão para baixo da perna de Grunwald, que deu um pulo e soltou um gritinho, e apanhou o secador de cabelo. Curtis o atirou para trás por sobre o ombro. Ele deslizou para baixo da cadeira de quintal de Grunwald.

— Já vou sair daqui — disse Curtis. — Vou voltar para a minha própria casa. Você pode descer e assistir ao seu pôr do sol, se ainda quiser. Ainda quer fazer isso?

Grunwald balançou a cabeça.

— Não? Achei que não fosse querer mesmo. Acho que você viu seu último bom pôr do sol, vizinho. Na verdade, acho que você teve o seu último bom dia, e é por isso que estou deixando você viver. E quer saber o que é irônico? Se você tivesse me deixado em paz, teria conseguido exatamente o que queria. Porque eu já estava na merda e nem sabia. Não é engraçado?

Grunwald não falou nada, apenas o encarou com seus olhos aterrorizados. Seus olhos *doentes* e aterrorizados. Curtis poderia quase ter sentido pena dele, se a memória do banheiro químico não estivesse tão fresca. A tampa do vaso sanitário se escancarando como uma boca. O pedaço de bosta aterrissando no seu colo como um peixe morto.

— Responda, ou vai levar outro caldo batismal.

— É engraçado — falou Grunwald. E então começou a tossir.

Curtis esperou que ele parasse. Já não estava sorrindo.

— Sim, é — disse ele. — É engraçado. A coisa toda é engraçada, se você olhar para ela do ângulo certo. E acho que eu estou olhando.

Ele se ergueu da banheira quente com um impulso, ciente de que se movia com uma flexibilidade que o Filho da Puta nunca mais conseguiria igualar. Havia um armário sob o telhado da varanda, com toalhas dentro. Curtis apanhou uma delas e começou a se secar.

— O negócio é o seguinte. Você pode ligar para a polícia e dizer a eles que eu tentei te afogar na banheira, mas, se fizer isso, vou revelar todo o resto. Você vai passar o resto da sua vida enfrentando um processo criminal, além de ter que lidar com suas outras aporrinhações. Mas, se você deixar passar, vai ser como um *reset*. O hodômetro volta para o zero. Só que, e aí é que está, eu tenho a chance de ver você apodrecer. Vai chegar um dia em que você estará cheirando

como o banheiro em que me trancou. Em que as pessoas sentirão aquele cheiro em você, e você sentirá aquele cheiro em si mesmo.

— Vou me matar antes — falou Grunwald com rispidez.

Curtis estava vestindo o macacão de volta. Tinha decidido que até gostava dele. Talvez fosse a roupa perfeita para se usar enquanto você observava as cotações da Bolsa no computador, em seu pequeno e aconchegante escritório. Talvez desse um pulo na Target para comprar meia dúzia deles. O novo Curtis Johnson livre de compulsões: o tipo de cara que gostava de usar macacão.

Ele se deteve enquanto afivelava a segunda alça de ombro.

— Você poderia fazer isso. Tem aquela arma... do que você a chamou mesmo? A Hardballer. — Ele terminou de prender a fivela, então se inclinou na direção de Grunwald, que ainda estava marinando na banheira quente e olhando para ele com medo. — Isso seria aceitável, também. Você talvez até tenha a coragem, embora, quando chegar a hora... talvez não. Seja como for, vou ficar bem atento ao estampido.

Então ele deixou Grunwald, mas não pelo caminho da vinda. Ele contornou a propriedade até a estrada. Uma curva para a esquerda o teria levado de volta para casa, mas ele virou à direita, em direção à praia. Pela primeira vez desde a morte de Betsy, estava com vontade de assistir ao pôr do sol.

Dois dias depois, enquanto estava diante do computador (estava observando a General Electric com bastante atenção), Curtis escutou um estampido alto vindo da casa ao lado. Ele não estava ouvindo música, e o som reverberou pelo ar úmido, quase de julho, com perfeita clareza. Ele ficou sentado onde estava, a cabeça inclinada, ainda escutando. Embora não fosse haver um segundo estampido.

Nós bruxas sabemos esse tipo de coisa, pensou ele.

A sra. Wilson entrou correndo, segurando um pano de prato em uma das mãos.

— Deve ter sido só um escapamento de carro — disse ele, sorrindo. Ele vinha sorrindo bastante desde a aventura na Durkin Grove Village. Não achava que fosse o mesmo tipo de sorriso que costumava dar durante a Era Betsy, mas qualquer sorriso é melhor do que sorriso nenhum. Isso certamente é verdade, não?

A sra. Wilson estava olhando para ele, incerta.

— Bem... acho que sim. — Ela se virou para ir embora.

— Sra. Wilson?

Ela se virou de volta.

— A senhora pediria demissão se eu arranjasse outro cachorro? Um filhote?

— Eu, pedir demissão por causa de um cachorrinho? Vai ser preciso mais do que um cachorro para *eu* ir embora.

— Eles tendem a mastigar as coisas, sabe. E nem sempre... — Ele se interrompeu por um instante, vislumbrando a paisagem escura e repugnante do tanque de coleta. O mundo subterrâneo.

Enquanto isso, a sra. Wilson o encarava com curiosidade.

— Eles nem sempre usam o banheiro — concluiu ele.

— Depois de ensinados, eles geralmente vão aonde devem ir — disse ela. — Especialmente em um clima quente como o nosso. E o senhor precisa de alguma companhia, sr. Johnson. Eu tenho... para dizer a verdade, eu tenho me preocupado com o senhor.

Ele assentiu.

— Sim, eu tenho estado meio na merda. — Ele riu, notou que a sra. Wilson o olhava com uma expressão estranha e se forçou a parar. — Me desculpe.

Ela abanou o pano de prato para mostrar que ele estava desculpado.

— Não um de raça, desta vez. Eu estava pensando no Abrigo para Animais de Venice. Um cachorro que alguém tenha abandonado. Que esteja na fila para adoção, como eles dizem.

— Isso seria ótimo — disse ela. — Estou louca para ouvir o barulho das patinhas andando.

— Maravilha.

— O senhor acha mesmo que foi um escapamento?

Curtis se recostou na sua cadeira e fingiu refletir sobre o assunto.

— É bem provável... mas se bem que o sr. Grunwald da casa do lado tem estado muito doente. — Ele baixou a voz até um sussurro compassivo. — Câncer.

— Oh, minha nossa — disse a sra. Wilson.

Curtis assentiu.

— O senhor acha que ele...

Os números que marchavam no computador se misturaram à proteção de tela: fotos aéreas e imagens de praia, todas estrelando Turtle Island. Curtis se levantou, andou até a sra. Wilson e pegou o pano de prato da sua mão.

— Não, acho que não, mas é melhor irmos até lá para conferir. Afinal, para que servem os vizinhos?

[19] No original, “Hard cheese on Tony”, título de um capítulo do romance *A Handful of Dust*, de Evelyn Waugh. (N. do T.)

Notas do Cair da Noite

De acordo com uma escola de pensamento, notas como estas são na melhor das hipóteses desnecessárias e, na pior delas, suspeitas. O argumento é que contos que precisam de explicação provavelmente não são muito bons. Simpatizo um pouco com essa ideia, o que é um dos motivos para eu ter colocado este adendo no final do livro (colocá-lo aqui também evita aquele gritos chatos de “estraga-prazeres”, que geralmente são dados por gente “estragada”). O motivo para incluí-las é o simples fato de muitos leitores gostarem delas. Eles querem saber o que levou um conto a ser escrito, ou o que o autor estava pensando quando o escreveu. Este autor não necessariamente sabe nenhuma dessas duas coisas, mas pode oferecer algumas reflexões aleatórias que podem ou não interessá-lo.

“Willa” Este provavelmente não é o melhor conto do livro, mas tenho um grande amor por ele, por ter proporcionado um novo período de criatividade para mim — no que diz respeito aos contos, pelo menos. A maioria dos contos de *Ao Cair da Noite* foram escritos depois de “Willa” e numa sucessão um tanto rápida (em um espaço de pouco menos de dois anos). Quanto ao conto em si... uma das melhores coisas sobre o fantástico é que ele dá aos escritores a chance de explorar o que pode (ou não pode) acontecer depois que nos livramos deste invólucro mortal. Existem dois contos desse gênero neste livro (o outro é “*The New York Times* a preços promocionais imperdíveis”). Fui criado como um metodista perfeitamente convencional e, embora tenha rejeitado as religiões organizadas e a maior parte de suas afirmações categóricas há tempos, eu continuo apegado à ideia principal, que é a de que sobrevivemos à morte de uma maneira ou outra. Custa-me crer que seres tão complicados e de vez em quando maravilhosos como nós no fim das contas sejam apenas descartados, jogados fora como lixo na beira da estrada. (É bem provável que eu simplesmente não queira acreditar nisso.) Como seria essa sobrevivência, no entanto... eu vou ter que esperar para descobrir. Meu melhor palpite é que fiquemos confusos, e não muito dispostos a aceitar nosso novo estado. Minha maior esperança é que o amor sobreviva até à morte (sou um romântico, então pode me processar). Se for assim, imagino que seja um amor desorientado... e um pouquinho triste. Quando amor e tristeza me vêm à mente juntos, eu coloco música country para tocar:

gente como George Strait, BR549, Marty Stuart... e os Derailers. São estes últimos que estão tocando no conto, é claro, e acho que o contrato deles vai durar *bastante*.

“A corredora” Eu e minha mulher moramos parte do ano na Flórida atualmente, perto da barreira de ilhas logo depois do golfo do México. Tem um monte de propriedades bem grandes lá — algumas antigas e graciosas, outras naquele estilo *nouveau* exagerado demais. Eu estava passeando com um amigo por uma dessas ilhas alguns anos atrás. Ele gesticulou na direção de uma fileira dessas McMansões enquanto andávamos e disse: “A maioria desses lugares fica vazia seis ou até oito meses por ano, dá pra imaginar?” Para mim dava... e achei que isso poderia render um belo conto. Ele nasceu de uma premissa bastante simples: um vilão perseguindo uma garota por uma praia vazia. Mas, pensei, ela teria que estar correndo de outra coisa para começar. Como o biscoito de gengibre da história infantil. Porém, cedo ou tarde, até mesmo os corredores mais rápidos têm que fincar o pé e lutar. Além disso, gosto de histórias de suspense que giram em torno de detalhezinhos cruciais. Este conto tem um monte deles.

“O sonho de Harvey” Posso dizer apenas uma coisa para você sobre este conto, porque é a única que eu sei (e provavelmente a única que importa): ele me veio em um sonho. Eu o escrevi de uma sentada só, basicamente transcrevendo a história que meu inconsciente já havia contado. Existe outro conto onírico neste livro, mas sobre ele eu sei um pouco mais.

“Posto de parada” Uma noite, cerca de seis anos atrás, eu fiz uma leitura em uma faculdade em St. Petersburg. Fiquei lá até tarde e acabei pegando a Florida Turnpike para voltar para casa depois da meia-noite. Parei em um posto para tirar água do joelho no caminho de volta. Você sabe como ele era se tiver lido este conto: como a ala de uma prisão de segurança média. Enfim, eu parei em frente ao banheiro masculino, porque um homem e uma mulher estavam no feminino, discutindo feio. Os dois pareciam tensos e à beira de partir para a agressão física. Eu me perguntei o que faria se isso acontecesse, e pensei: *Eu teria que invocar meu Richard Bachman interior, porque ele é mais durão do que eu*. Eles saíram de lá sem chegar às vias de fato — embora a moça em questão estivesse chorando — e eu segui para casa sem maiores incidentes. Mais tarde, naquela mesma semana, escrevi este conto.

“A bicicleta ergométrica” Se você já andou numa coisa dessas, sabe o quanto elas podem ser extremamente tediosas. E, se já tentou voltar a um regime de

exercícios físicos diários, sabe como *isso* pode ser difícil (meu lema: “Comer é mais fácil” — mas sim, eu malho). Este conto nasceu da minha própria relação de amor e ódio não só com bicicletas ergométricas, mas com qualquer esteira na qual tenha andado e qualquer Stairmaster no qual tenha subido.

“As coisas que eles deixaram para trás” Como quase todo mundo nos Estados Unidos, eu fui profunda e fundamentalmente abalado pelos atentados de 11 de setembro. Como um grande número de escritores de ficção — tanto literária, quanto popular —, relutei em escrever qualquer coisa sobre um acontecimento que se tornou um divisor de águas tão grande na América quanto Pearl Harbor ou o assassinato de John Kennedy. Mas escrever histórias é meu *ofício*, e esta me veio à cabeça cerca de um mês depois da queda das Torres Gêmeas. Ainda assim, talvez não a houvesse escrito se não me tivesse lembrado de uma conversa que tive com um editor judeu mais de 25 anos atrás. Ele estava insatisfeito com um conto meu chamado “Aluno inteligente”. Não era correto que eu escrevesse sobre campos de concentração, disse ele, porque eu não era judeu. Eu respondi que isso tornava o fato de eu escrever aquele conto mais importante ainda — porque escrever é uma maneira de se forçar a entender as coisas. Como qualquer outro americano que tenha visto o horizonte de Nova York em chamas naquela manhã, eu quis compreender tanto o acontecimento quanto as cicatrizes que algo como ele inevitavelmente deixariam. Este conto foi minha tentativa nesse sentido.

“Tarde de formatura” Durante anos após um acidente em 1999, eu tomei um antidepressivo chamado Doxepin — não porque estava deprimido (disse ele com a voz taciturna), mas porque o Doxepin supostamente abrandava dores crônicas. Deu certo, mas em novembro de 2006, quando fui até Londres para promover meu romance *Love — A História de Lisey*, senti que estava na hora de cortar o remédio. Não consultei o médico que o havia receitado; simplesmente parei na marra. Os efeitos colaterais dessa interrupção repentina foram... interessantes.[20] Por cerca de uma semana, quando fechava os olhos à noite, eu via tomadas panorâmicas, como em um filme — bosques, campos, rios, cercas, trilhos ferroviários, homens brandindo picaretas e pás em um trecho de estrada em construção... e então a coisa toda recomeçava até eu adormecer. Nunca havia nenhuma história relacionada a essas imagens; eram apenas essas panorâmicas ricas em detalhes. Fiquei um pouco triste quando elas desapareceram. Também tive uma série de sonhos pós-Doxepin muito reais. Um deles — um enorme cogumelo atômico brotando sobre Nova York — se tornou o tema deste conto.

Eu o escrevi mesmo sabendo que a imagem tinha sido usada em inúmeros filmes (sem falar na série de tevê *Jericho*), porque o sonho tinha a objetividade de um documentário; eu acordei com o coração disparado, pensando: *Isso poderia acontecer. E, cedo ou tarde, quase certamente* vai *acontecer.* Como em "O sonho de Harvey", este conto foi mais ditado do que inventado.

"N." Este é o conto mais recente do livro e está sendo publicado pela primeira vez aqui. Ele é bastante influenciado por "*The Great God Pan*", de Arthur Machen, um conto que (como *Drácula*, de Bram Stoker) consegue superar seu estilo um tanto truncado e se esgueirar de forma implacável até onde está o medo do leitor. Quantas noites insones ele já deve ter causado? Só Deus sabe, mas algumas delas foram minhas. Creio que "Pan" seja o mais perto que o gênero horror consegue chegar de uma grande baleia branca e que, cedo ou tarde, todo escritor que leve esse gênero a sério deve enfrentar seu tema: o de que a realidade é tênue, e a verdadeira realidade por trás dela é um abismo sem fundo repleto de monstros. Minha ideia foi tentar unir o tema de Machen ao conceito do transtorno obsessivo-compulsivo... em parte por achar que todo mundo sofre de TOC em menor ou maior grau (todos nós já não voltamos atrás pelo menos uma vez para conferir se desligamos o forno ou as bocas do fogão?) e, em parte, porque obsessão e compulsão são quase sempre cúmplices não indiciados em um conto de horror. Você consegue pensar em uma só história macabra de sucesso que não contenha a ideia de voltar em direção àquilo que odiamos e repugnamos? O melhor exemplo disso talvez seja "*The Yellow Wallpaper*", de Charlotte Perkins Gilman. Se você já o leu na faculdade, talvez tenham lhe ensinado que é um conto feminista. Isso é verdade, mas é também a história de uma mente desmoronando sob o peso dos seus próprios pensamentos obsessivos. Esse elemento também está presente em "N.".

"O gato dos infernos" Se *Ao Cair da Noite* possui o equivalente a uma faixa oculta de um CD, creio que seja este conto. E devo agradecer a Marsha DeFilippo, minha assistente de longa data, por isso. Quando lhe falei que iria fazer outra coletânea, ela me perguntou se eu iria finalmente incluir "O gato dos infernos", um conto da época em que eu escrevia para revistas masculinas. Respondi que certamente devia ter enfiado esse conto — que foi inclusive adaptado para o cinema como um episódio do filme *Contos da escuridão*, em 1990 — em alguma das quatro coletâneas anteriores. Marsha me apresentou os sumários para provar que eu não tinha feito isso. Então cá está ele, finalmente em livro, mais de trinta anos depois de ter sido publicado pela primeira vez na

Cavalier. Ele veio a ser escrito de uma maneira curiosa. O editor responsável pelas ficções da *Cavalier* na época, um cara gente boa chamado Nye Willden, me mandou uma fotografia em close de um gato rosnando. O que a tornava incomum — além da ira do gato — era a maneira como seu rosto era dividido pela metade, o pelo branco de um lado e, do outro, de um preto lustroso. Nye queria fazer um concurso de contos. Ele propôs que eu escrevesse as primeiras quinhentas palavras de uma história sobre o gato; eles então pediriam aos leitores para terminá-la, e a melhor conclusão seria publicada. Eu concordei, mas fiquei interessado o suficiente pelo conto para escrevê-lo até o fim. Não lembro se a minha versão foi publicada na mesma edição que a do ganhador do concurso ou somente mais tarde, mas desde então ela foi incluída em diversas antologias.

"*The New York Times* a preços promocionais imperdíveis" No verão de 2007, eu viajei para a Austrália, aluguei uma Harley-Davidson e fui com ela de Brisbane até Perth (bem... eu coloquei a moto na carroceria de um Toyota Land Cruiser por um trecho do Grande Deserto Australiano, onde estradas como a Gunbarrel Highway são como imagino que as rodovias sejam no inferno). Foi uma boa viagem; tive várias aventuras e comi bastante poeira. Mas se acostumar ao fuso horário depois de 21 horas no ar é um saco. E eu não durmo em aviões. Simplesmente não consigo. Quando a aeromoça se aproxima do meu lugar com um daqueles pijamas esquisitos, eu faço o sinal da cruz e peço para ela ir embora. Quando cheguei ao hotel depois da viagem de São Francisco até Brisbane, eu fechei as cortinas, caí na cama, dormi dez horas seguidas e acordei animado e pronto para pegar a estrada. O único problema era que eram duas da madrugada no horário local, não havia nada na tevê e eu tinha acabado com tudo que havia trazido para ler no avião. Por sorte, estava com um notebook, e escrevi este conto na minha mesinha de hotel. Quando o sol raiou, ele já estava pronto e eu consegui dormir mais algumas horas. Um conto deve entreter o escritor também — essa é a minha opinião, a sua é bem-vinda.

"Mudo" Eu li uma matéria no jornal da minha região sobre uma secretária de uma escola de ensino médio que desviou mais de 65 mil dólares para jogar na loteria. Minha primeira pergunta foi o que o marido dela deve ter sentido a respeito, então escrevi este conto para descobrir. Ele me faz lembrar os bombons envenenados do programa de tevê *Alfred Hitchcock Presents*, que eu costumava saborear todas as semanas.

“Ayana” O tema da vida após a morte, como eu disse anteriormente nestas notas, sempre foi solo fértil para escritores habituados ao fantástico. Deus — em qualquer uma de Suas supostas formas — é outro tema que cai como uma luva para os contos fantásticos. E, quando fazemos perguntas sobre Deus, uma das primeiras em qualquer lista é por que algumas pessoas vivem enquanto outras morrem; por que algumas melhoram enquanto outras não. Costumava fazer essa pergunta eu mesmo logo após as lesões que sofri em 1999, resultantes de um acidente que poderia facilmente ter me matado se eu estivesse a meros centímetros de onde estava (por outro lado, se eu estivesse a centímetros de onde estava em outra direção, talvez pudesse tê-lo evitado por completo). Se uma pessoa sobrevive, nós dizemos “É um milagre”. Se outra morre, nós dizemos “Foi a vontade de Deus”. Não há resposta racional para milagres, da mesma forma que é impossível compreender a vontade de Deus — que, caso sequer exista, talvez não tenha mais interesse em nós do que eu pelos micróbios que vivem neste instante na minha pele. Mas me parece que milagres acontecem; cada respiração nossa é um deles. A realidade é tênue, mas nem sempre é sombria. Eu não queria escrever sobre respostas, queria escrever sobre perguntas. E sugerir que milagres podem ser um fardo, e não só uma bênção. E talvez isso seja tudo bobagem. Mas gosto da história assim mesmo.

“No maior aperto” Todo mundo já usou um daqueles banheiros químicos de beira de estrada de vez em quando, nem que tenha sido apenas no posto de parada de uma rodovia durante o verão, quando os Departamentos de Estradas precisam colocar banheiros extras para dar vazão ao fluxo mais intenso de viajantes (estou sorrindo ao escrever isso, pensando em como soa maravilhosamente excretório). Minha nossa, nada como entrar em um daqueles cubículos escuros numa tarde quente de agosto, não é mesmo? Aquele calorzinho e aquele cheiro *divino*. Na verdade, nunca usei um deles sem pensar no conto “O enterro prematuro” de Poe e me perguntar o que aconteceria comigo se o banheiro caísse com a porta para baixo. Em especial se não tivesse ninguém por perto para me ajudar a sair. Então finalmente escrevi o conto, pelo mesmo motivo que me levou a escrever tantas histórias bastante desagradáveis, Fiel Leitor: para transmitir para você o que me assusta. E não posso encerrar sem lhe dizer que me diverti como uma criança ao escrever este conto. Até eu fiquei com nojo.

Bem.

Um pouquinho.

E com isso eu lhe deixo o meu carinhoso adeus, pelo menos por enquanto. Se os milagres continuarem acontecendo, nós voltaremos a nos encontrar. Enquanto isso, obrigado por ler minhas histórias. Espero que pelo menos uma delas faça você ficar acordado por um tempo depois do apagar das luzes.

Cuide-se bem... e me diga uma coisa! Será que você não deixou o forno ligado? Ou então se esqueceu de desligar o gás debaixo da grelha no quintal? E quanto ao trinco da porta dos fundos? Você se lembrou de fechá-lo? Esse tipo de coisa é bem fácil de esquecer, e alguém pode estar entrando agora mesmo. Um louco, talvez. Com uma faca. Então, sintoma de TOC ou não...

É melhor dar uma conferida, você não acha?

Stephen King

8 de março de 2008

[20] Se eu sei com certeza que largar o Doxepin foi o responsável por isso? Não. Ei, talvez tenha sido a água da Inglaterra.